

Meu Maior Presente

Mila Wander

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MILA WANDER

meu

MAIOR

PRESENTE





Meu Maior

Presente

Mila Wander

Prólogo

Os olhos escuros da Mel estavam apontados na minha direção e brilhavam por causa das lágrimas que acusavam tornar aquela despedida ainda mais dramática. Não era o que eu queria. Jamais havia planejado lhe causar sofrimento, qualquer um que fosse, porém era o único jeito de tentar corrigir a tragédia que acontecia dentro de mim toda vez que ela me olhava.

– Luquinhas... – Mel choramingou com os lábios cor-de-rosa tremendo. – P or favor... Me diz que não está indo embora por causa do que aconteceu.

Olhei para os lados só para conferir se os nossos pais foram mesmo pegar a mochila que deixei de propósito dentro do carro, no estacionamento do aeroporto. Eu sabia que precisaria de um tempo com ela. Mesmo se nós nada disséssemos, mesmo que ela não se despedisse de mim do jeito que eu realmente queria, precisava de um segundo para ter certeza de que estava fazendo o que era justo.

– Olha pra mim... P or favor, não me diga que... – Ela não conseguiu concluir a frase. – Você não pode passar um ano no Canadá por causa disso, é estupidez! Já pedi desculpas, não significou nada, não foi nada!

Desta vez tive que parar de evitar seu olhar e também de temer que alguém escutasse aquela conversa; encarei-a com os olhos semicerrados, sem conseguir conter tamanha incredulidade. Mel deve ter percebido que falou alguma besteira, pois a primeira lágrima marcou presença e as outras não demoraram a acompanhá-la. Infelizmente, não soube definir se me senti um merda por não conseguir mentir com o objetivo de acalmá-la ou por cair na real: ela chamou de nada o que para mim foi tudo.

– É uma boa oportunidade para mim – murmurei enquanto continha todas as emoções e transformava cada palavra que saía da minha boca em um bloco de gelo. – Exercer a minha profissão em outro país e ter a oportunidade de...

– Você exerce sua profissão muito bem aqui no Brasil.

– É diferente...

– Você está mentindo. – Mel empurrou os lábios para frente em uma espécie de beicinho que só ela conseguia fazer.

– Não estou mentindo! – resmunguei exasperado, voltando a olhar ao redor. P essoas andavam para lá e para cá, despediam-se de parentes, riam, algumas choravam e outras corriam para não perderem seus voos.

– Então me diga, olhando nos meus olhos, que não está indo embora por causa da minha babaquice.

Soltei um longo suspiro e toquei a lateral de seu rosto. Uma dor lancinante me fazia quase perder o juízo; meu estômago, meu cérebro, meu coração estava em frangalhos, porém só pioraria se eu ficasse a menos de um

milhão de quilômetros dela.

– P apai nos ensinou a nunca mentir para quem amamos – respondi baixo.

– Oh, Luquinhas... Não... Não, por favor... – Mel caiu no choro e me abraçou forte. Não pude fazer nada além de abraçá-la também, porque por mais que quisesse e precisasse de distância, jamais conseguiria ir sem aquele abraço na minha bagagem de mão.

– Mel... – o nome que escolhi para ela foi a única coisa capaz de sair da minha boca sem me provocar mais dor. E eu só queria que não fosse um nome tão doce. Queria voltar no tempo e ao menos não ter feito aquela escolha que se mostrava cada vez mais insuportável.

– Eu te amo – ela disse com a voz tão doce quanto seu nome, esgueirando-se para repetir a frase perto do meu ouvido, provocando-me um arrepio que só não me deixou louco por algum motivo desconhecido. – Eu te amo tanto, maninho...

O modo como costumava sempre me chamar deixou claro que aquele tipo de amor era totalmente diferente do meu, continha uma pureza que eu não possuía, era livre das maldades que me invadiram devagar ao longo dos anos. A minha irmã era a criatura mais linda, meiga e bondosa que eu conhecia, jamais poderia ser culpada pela injustiça que o meu corpo cometia sem freio, sem pudor, sem medir consequências. Chegava a hora de me controlar. P or ela, por mim, por nossa família, sobretudo pelo meu pai, que confiava em mim cegamente, de um jeito que mostrei não merecer.

Minha irmã começou a chorar ruidosamente nos meus braços e eu não soube mais o que fazer. Vi nossos pais se aproximando com pesar evidente em suas expressões, porém eles não tinham consciência do que acontecia de verdade. Se tivessem, talvez não me olhassem com tanto amor e carinho. Talvez me olhassem com tristeza e decepção, duas coisas que nunca pretendi que sentissem por mim.

Meu pai me ofereceu a mochila e eu me afastei para pegá-la e colocá-la nas minhas costas. Mamãe se aproximou da Mel a fim de consolá-la. Abraçaram-se com fervor, fazendo-me admirar pela milésima vez as mulheres da minha vida. Meu pai deve ter feito a mesma coisa, pois passou os braços pelos meus ombros e as observou também. Não falou nada durante alguns segundos. Já havíamos tido a nossa conversa. Aquela viagem ia ser feita mesmo que ele não concordasse.

– Ainda dá tempo de desistir, campeão. – Ele apertou mais aquele abraço esquisito e depois deu batidas no meu peito do mesmo jeito como quando um de nós fazia um gol nas peladas de domingo.

– As passagens estão compradas, meu contrato com a empresa de advocacia em Toronto está assinado, minha demissão foi pedida, meu carro foi vendido e... P ai, não dá tempo de desistir. – Olhei-o seriamente. Seus olhos verdes tão iguais aos meus ameaçaram marejar. Aquele cara era o homem mais sentimental que conheci na vida, mas também era o mais correto, justo, amoroso e heróico. Por isso, sim, ele tinha todo o direito de chorar como uma criança, mesmo no auge dos seus quarenta e seis anos. –

Não *posso* desistir.

Pelo bem da nossa menina, pensei em completar, porém me faltou coragem e me sobrou vergonha na cara. Mamãe se aproximou para me abraçar pela última vez. Juntou nossas testas e esfregou nossos narizes como sempre fazia, não importava quantas velas eu assoprasse.

– Vou sentir saudade, meu destino – murmurou. Eu gostava quando ela me chamava daquilo. Era a palavra que haviam escolhido para me definir desde que me adotaram quando eu tinha nove anos. – Muita saudade. Não se esqueça da sua família.

– Nunca, mãe.

Uma voz metálica avisou que o meu voo partiria dentro de alguns minutos e que deveríamos, os outros passageiros rumo ao Canadá e eu, formar uma fila a fim de apresentarmos nossos bilhetes e embarcarmos. Depois, a voz repetiu o mesmo aviso usando um inglês ridículo que mais parecia o gemido de uma gazela. Suspirei pela milésima vez e dei alguns passos para trás.

A última imagem da família que o destino escolheu para que eu fizesse parte ficaria dentro da minha memória durante os doze meses longe. Meu pai Levi se segurando para não chorar, minha mãe Heloísa chorando e abraçando a minha irmã Mel, que naquele instante só tremia e me olhava como se estivesse tão decepcionada quanto triste. Não pude fazer nada para mudar isso, portanto apenas dei de ombros e fiz o que o meu pai me ensinou a fazer: recuar sempre que necessário.

Entreguei meu bilhete e alcancei a fila para a sala de embarque, esperando a minha vez de passar pelos detectores de metal. Tive a péssima ideia de olhar para trás. A parede de vidro espelhado ainda os mostrava do outro lado. Mel tinha se separado da mamãe e tocava o vidro com as duas mãos, encostando a testa na superfície.

– Eu te amo... – ela murmurou silenciosamente. P elo menos achei que sim, pois nada consegui ouvir, apenas decifrei a frase a partir do movimento sensual de seus lábios.

Eu não sabia o que fazer com uma garota de dezesseis anos me falando a frase que repetia para mim desde que aprendeu a falar com fluência. Não sabia o que fazer com as lembranças dos meus braços a segurando quando era apenas um bebê, das vezes que cantei para que dormisse, que contei histórias e que brinquei com ela na maior inocência até que desistiu das bonecas e ganhou um par de seios pequenos que eu definitivamente devia arrancar meus olhos antes de ter a capacidade de reparar.

P ela primeira vez em minha trajetória, cheguei a pensar que aquela família, o maior presente que recebi de natal, na verdade significou uma tremenda maldição. O meu felizes para sempre parecia ter sido atingido aos nove anos, mas me esqueceram de dizer que eu ainda teria anos e anos para tentar buscá-lo. Ninguém me avisou que mais problemas surgiriam, que não suportar viver em um orfanato era só o começo das dificuldades, que eu seria aprisionado em um amor platônico impossível e intragável até mesmo para o meu próprio estômago.

– Eu também – meus lábios gesticularam de volta para a Mel, que abriu um sorriso largo acompanhado por mais lágrimas. Sua frase pura foi manchada pela minha resposta suja, sem escrúpulos, sem caráter, sem dignidade.

Mel beijou o vidro demoradamente, abrindo alas para a minha imaginação imunda. Logo fui tragado pela lembrança do beijo que se tornou a gota d’ água para aquela viagem acontecer. Nossos lábios investindo um no outro era uma cena que jamais poderia se repetir, por isso eu tentaria, com todas as minhas forças, esquecê-la. Esqueceria a voz dela me pedindo um beijo, esqueceria suas mãos inexperientes tentando me tocar, esqueceria minha fraqueza ao permitir que o que habitava apenas a minha imaginação se tornasse real, mesmo sendo por um mísero segundo, interrompido pelo resquício de sanidade que me sobrou.

Em meus vinte e seis anos de vida, alguém deveria ter me alertado que nem todo amor é bonito. Aquele que eu sentia era um verdadeiro monstro. Minha promessa para aquela viagem era acabar com ele de uma vez por todas e, se eu não conseguisse, jamais ousaria voltar.

Capítulo 1

Nem sempre fui o cara melancólico que olhava pela janela do avião tentando encontrar entre as nuvens uma maneira indolor de viver os próximos meses. Eu era o moleque mais empolgado, e que mais falava coisas engraçadas também, que meus pais adotivos disseram ter conhecido.

Embora o começo da minha história no mundo tivesse sido trágica, tive

uma infância e uma adolescência feliz.

Fui abandonado pela minha mãe biológica quando tinha dois anos. Não me lembro dela, apenas de um vago sorriso e de muitos gritos pairando ao meu redor. Meu pai de verdade – eu não quis dizer isso, pois meu pai de verdade é o Levi e sempre será – era um bêbado que se matou por motivos desconhecidos, deixando dívidas e desespero para a mulher que me gerou dar conta sozinha. Pelo menos foi o que ela narrou para os dirigentes do orfanato, na época. Assinou termos e mais termos que a isentavam de ter responsabilidade sobre mim e partiu, sem nunca mais voltar para me buscar.

O problema de ser deixado em um orfanato com dois anos é que as pessoas preferem adotar recém-nascidos, crianças com deficiência – é incrível como todo mundo associa adoção à pena – ou que possuam características parecidas com as suas – ninguém quer que as pessoas olhem para o seu filho e reparem no quanto ele não se parece com você. Meus cabelos naturalmente claros e os olhos muito verdes eliminavam noventa por cento dos casais que procuravam adoção. Não tenho culpa se o Brasil é repleto de gente miscigenada em que prevalece os cabelos e olhos escuros como a noite.

De uma maneira geral, a sorte me abandonou durante os sete anos que morei no orfanato sem que ninguém se interessasse em me adotar. O Lar Terezinha de Jesus, minha antiga casa, é um lugar simples, mas que tem como sua missão cuidar das crianças confortavelmente, sem deixar nada

faltar a elas, sobretudo amor. Fui bem tratado por todos os funcionários, não posso reclamar disso. Tive uma educação louvável desde o início, pois os projetos educacionais que faziam sempre geravam frutos impressionantes. Fui apresentado à leitura desde cedo, o que me trouxe muito conhecimento, pelo menos para um garoto da minha idade, e uma esperteza cômica.

Foi quando eu tinha nove anos que a sorte começou a soprar na minha direção. Todo mês de dezembro, o Lar Terezinha de Jesus monta uma árvore de natal na pequena praça que fica em frente ao orfanato. Nela, penduram cartinhas que as crianças escrevem para o Papai Noel e convidam os moradores do bairro para escolherem pelo menos uma carta e atenderem àquela determinada criança. O objetivo é atender ao desejo de todas elas, para que assim a mágica natalina permaneça viva.

Todo ano eles pediam para que eu escrevesse duas cartas – as crianças que não sabiam escrever recebiam ajuda de voluntários –, assim, eu não correria o risco de não ser atendido. Eles não nos diziam nada sobre a árvore; em nossas cabeças, era o Papai Noel que as leriam. No dia vinte e cinco de dezembro, o orfanato recebia um senhor fantasiado de bom velhinho para nos presentear, e assustar também, visto que eu morria de medo dele. A ideia de ter por perto um ser sobrenatural, que conhecia todas as crianças pelo nome e lia milhões de cartas, me trazia pavor.

Era um dia de festa e alegria. As crianças amavam os presentes e todos ficavam felizes, inclusive eu, que sempre fui atendido. Meus desejos variavam de acordo com a minha idade, lembro-me de ter pedido um boneco

do Super-Homem aos quatro anos e um carrinho com controle remoto aos sete. Entretanto, depois que completei nove anos e assisti ao meu melhor amigo no orfanato ser adotado, meu coração implorava para ter uma família também. Escrevi duas cartas que meus pais emolduraram e deixavam penduradas na sala até hoje; uma delas pedia um pai e a outra pedia uma mãe.

O universo com certeza conspirou para que minhas cartas fossem retiradas pelo Levi e pela Heloísa. Meu pai era um homem recém-separado que havia se cansado e perdido as esperanças de ter filhos, pois sua ex-mulher havia abortado três vezes. Mamãe era uma mulher linda que acreditava em príncipes encantados e não suportava mais ser magoada por homens que não sabiam amá-la do jeito que ela merecia. Duas pessoas diferentes, porém igualmente ferradas, que foram unidas diante de uma árvore de natal por terem pegado os pedidos de uma mesma criança, no caso, os meus.

Eles nunca me contaram os detalhes mais “calientes” da história, porém supus sozinho que a química entre eles rolou desde o princípio e se intensificou quando decidiram marcar um almoço comigo para que meu desejo fosse atendido ao menos no dia de Natal. Não estava em seus planos me adotar, até porque mal se conheciam, mas nos amamos assim que nos vimos pela primeira vez.

Ainda me lembro do sorriso da minha mãe. Ela apareceu no pátio do orfanato como um anjo de cabelos cacheados cheios e esvoaçantes.

O abraço que me deu foi capaz de me fazer chamá-la de mãe sem pensar duas vezes. Quando olhei para o meu pai, e de cara percebi o quanto se parecia comigo – loiro, embora hoje em dia seus cabelos ameaçassem ficar grisalhos, dos olhos verdes grandes –, foi impossível não surtar geral. Costumo dizer que os adotei para mim naquele instante.

Fui alertado previamente pela assistente social e pela diretora do orfanato que aquele casal estava disposto a apenas almoçar comigo; fui avisado que eles eram apenas amigos e que depois precisariam ir embora, mas a excitação e a certeza de que aquele encontro seria mais do que era para ser não permitiram que a minha cabecinha de garoto de nove anos aceitasse as justificativas. Nosso passeio foi um sucesso e os meus pais me fizeram tão feliz quanto jamais havia sido. Difícil mesmo foi me separar deles depois do sonho vivenciado.

Não gosto de me recordar das partes tristes. Fechei a janelinha do avião depressa demais e liguei o meu iPod. Escolhi o rock mais pesado e menos romântico que eu tinha na minha seleção de músicas. Aceitei um copo de refrigerante, que uma aeromoça peituda me ofereceu, e soltei mais um suspiro longo. Nosso destino havia sido traçado naquele Natal. Uma família perfeita foi dada de presente pelo Pai Noel.

Até a festa de ano novo, ou seja, em uma mísera semana, meus pais já haviam se apaixonado e o Levi já se encontrava decidido a me buscar, tão intenso foi o nosso momento em família juntos. O processo de adoção foi demorado, para mim pareceu uma cruel eternidade, mas tudo

valeu a pena. Eles se casaram em questão de meses e, segundo as contas que eu mesmo fiz – meus pais se envergonham um pouco quando o assunto é sexo –, minha irmã deve ter sido gerada no curto espaço existente entre o Natal e o ano novo.

Sinto um orgulho eterno pelo Levi e pela Heloísa. Eles se entregaram com tanta facilidade e formaram uma família tão naturalmente que me pergunto como conseguiram esse feito. Sou um homem sensível, mas prudente em demasia. Não me vejo entrando em um relacionamento instantâneo e me prendendo a alguém como eles fizeram, exceto...

Balancei a cabeça para não me permitir pensar nisso. Não podia completar a frase, minha razão não suportaria.

Demorei a ter conhecimento sobre toda a história. Levi foi me contando aos poucos, de acordo com a idade que eu alcançava. A maior parte dela eu só descobri quando parei de acreditar no Papai Noel, o que aconteceu bem tarde, aos treze anos. Levi e Heloísa faziam de cada natal uma época mais do que mágica, por isso demorei tanto a crer que era impossível um velho barbudo sair voando em um trenó guiado por renas. Não posso duvidar de que eles mudaram a minha vida. Com certeza eu não teria uma educação tão louvável e uma vida saudável tanto física quanto psicologicamente como a que tive. A sorte esteve comigo durante longos anos. Fui eu que estraguei tudo, ameaçando minha felicidade e a felicidade da família que me recebeu tão bem. Sou o culpado por ferir a minha própria moral.

Peguei a minha mochila e tentei encontrar alguma coisa que me distraísse mais do que música. Não estava funcionando direito. A verdade é que a maioria delas em algum momento fala de amor – mesmo sendo um rock “pauleira” –, e eu estava tão desencorajado a refletir sobre ele que até a palavra me causava estremeção. Revirei alguns livros e descartei a maioria. Peguei o meu antigo exemplar de O Pequeno Príncipe. Seria uma péssima ideia, mas o folheei mesmo assim. Um pedaço de papel cor-de-rosa caiu no meu colo e estranhei imediatamente.

Comecei a ler o que estava escrito nele, achando que era alguma anotação antiga feita por mim, mas antes fosse. Era uma pequena carta escrita pela Mel.

Querido maninho,

Sei que foi uma péssima ideia sugerir aquilo. Eu não queria que a gente se transformasse em estranhos por causa de uma besteira. Não tive maldade alguma, juro. Você me conhece, sabe que não sou uma oferecida babaca.

Eu te amo tanto e confio tanto em você que tive certeza de que me ajudaria sem consequências negativas. Você sempre foi o meu amigo mais íntimo. Me perdoe. Você para mim é como um anjo, uma criatura que me protege e que quer meu bem acima de tudo. Achei que não fosse se importar, mas saiu do controle... Eu sei, foi culpa minha. Não sei o que pensei na hora, acredite em mim. Ainda não sei dizer direito o que aconteceu, aquele momento foi bloqueado pela minha mente e eu não

saberia dizer o que houve se alguém me perguntasse.

Preferia morrer a te fazer achar que sou uma qualquer. Pior

ainda, fazer você crer que imagino uma relação incestuosa entre a gente.

Não que você não seja um gato, mas... Eca, Lucas! Isso é tão nojento que

me causa embrulho! Jamais seria capaz de pensar sobre isso, meu

irmão. Eu te respeito tanto quanto sei que me respeita. Por tudo o que é

mais sagrado, acredite em mim.

Sei que estará longe quando ler esta carta e talvez nada possa ser

mudado, porém só queria que soubesse. Continuo te amando e tendo

certeza de que vou enlouquecer de saudade. Quem vai assistir a filmes

comigo nas tardes de sábado? Quem vai me levar para as baladas e

garantir que nenhum idiota tente secar a minha bunda? Para quem vou

contar todos os meus segredos? De quem vou pedir livros emprestados?

Tudo vai entrar no mais puro vácuo sem você.

É por isso que pretendo convencer o papai a me deixar ir ao

Canadá em breve. Prometo que vou conseguir, você sabe como posso ser

persuasiva.

Com amor,

Mel de Carvalho Lemos.”

Não sei responder sobre o que pensei primeiro. Lágrimas de raiva

esquentaram o meu rosto enquanto rasgava o papel e ensaiava mil

justificativas para convencer o papai a não deixá-la sair do Brasil. Fui

ferido mais uma vez por uma única interjeição: “ eca!”. Era nojo o que ela

sentia e era o que eu devia sentir. As palavras da Mel não passaram de socos na minha cara. Uma voz invisível riu de mim e disse: “toma, otário, bem feito!”.

Ergui-me da minha poltrona, aproveitando que o voo estava vazio e não tinha ninguém nas poltronas ao lado, e fui ao banheiro. Não conseguiria ficar sentado nem por mais um segundo, mesmo ciente de que demoraria horas até que chegasse ao meu destino. Fechei a porta do cubículo minúsculo e desconfortável, apoiei minhas costas na parede e chorei em silêncio, com os olhos fechados e o coração doendo como se tivesse sido arrancado.

– P reciso esquecer essa garota... – murmurei aos prantos, agonizante. – P or favor, meu Deus, me ajude a esquecer-la... É tão errado, é tão... nojento! – P uxei meus cabelos loiros meio compridos. – Me perdoe por este pecado tão imundo! Eu não quero, não quero ser assim!

P assei tanto tempo agonizando sozinho, murmurando preces desesperadas, que a quantidade de pessoas que queriam usar o banheiro aumentou consideravelmente. Logo, a impaciência delas fez com que começassem a dar batidas na porta com frequência. Enxuguei as lágrimas e saí de lá envergonhando, alegando a quem estava por perto que não me sentia muito bem. Uma aeromoça me trouxe água e um comprimido anti-enjoo.

Disposto a retomar o controle, abri o notebook, coloquei-o no modo avião e comecei a trabalhar nos processos que me esperavam em Toronto.

Sempre fui muito persistente. Meu pai me ensinou a nunca desistir do que quero de verdade, portanto tomei aquela viagem como um desafio e prometi a mim mesmo que o venceria. Trabalharia muito, abriria mais portas profissionalmente, atualizaria meus estudos, leria os livros pendentes e, com muita sorte, conheceria uma mulher fantástica e salvaria a minha família de um constrangimento.

Não consegui trabalhar por mais de dois minutos. Pisei um tempão fingindo me concentrar nos processos, até que voltei a pensar nela. Decidi, pela última vez, permitir que o meu cérebro recordasse de tudo que tanto precisava. Quem sabe assim, depois de uma reflexão ampla, eu tivesse mais clareza sobre como proceder dali em diante? Afundei a minha cabeça no encosto do assento e, mesmo sem conseguir suportar a dor das lembranças, deixei que elas viessem.

Não sei qual foi o momento em que as coisas começaram a desandar. É difícil definir um instante exato, pois, quando dei por mim, a situação já se encontrava crítica e complicada demais de lidar. Um conjunto de detalhes precisou se evidenciar na minha frente para que eu me desse conta de que alguma coisa estava muito errada. Pensei adiantar que o meu relacionamento com a Mel sempre foi maravilhoso, creio que desde a maternidade. Meus pais não apenas me deixaram nomeá-la, mas também participar ativamente de sua criação.

Eu estava lá quando ela deu os primeiros passos e também quando seus primeiros dentinhos nasceram. Perdi as contas das tantas

vezes que lhe dei de comer com um conjunto de talheres de plástico. Ouvi suas primeiras palavras e brincamos juntos até os seus onze anos, idade em que começou a dispensar os brinquedos para conversar com as amigas. Achei natural. Sabia que aconteceria um dia; minha garota estava crescendo e mudando as prioridades.

Tive uma adolescência muito tranquila e ligada à família.

Cultivava minhas amizades, porém jamais deixei de separar um tempo para os meus pais e para a Mel, mesmo que a diferença de idade fosse gritante. Minha vida amorosa nesta fase não foi muito boa porque a moda era ficar sem compromisso e nunca me vi fazendo esse tipo de coisa. Meus amigos se amarravam em ir para as baladas e beijar dezenas de mulheres. Não entrei nessa onda. Sempre fui mais reservado, creio que porque meu pai me aconselhava a tratar as mulheres como damas, e não como objetos, não importando como elas se comportassem.

Tive algumas namoradas, no entanto. Cheguei a levar uma ou duas para casa, porém eu não conseguia me envolver tanto. Desde novo, sempre gostei de mulheres inteligentes que são capazes de conversar sobre tudo. E, bem, isso é meio raro. Apesar de ser tímido, nada me impediu de conhecer as maravilhas do sexo; perdi minha virgindade aos dezessete anos e jamais me arrependi.

Levei os meus estudos muito a sério. Fui um ótimo aluno desde o colegial até a faculdade de Direito. Fazer o que o papai fazia era o meu sonho, portanto se tornou espontâneo seguir os mesmos caminhos.

Meu pai é um advogado incrível, como eu quero ser um dia. Receber os louros por ter sido o melhor aluno da turma da faculdade trouxe muito orgulho para a minha família. Aos vinte e quatro anos, fui aprovado pela OAB e consegui um ótimo emprego em uma agência. Tudo parecia estar dando certo para mim, pois nenhuma catástrofe ocorreu até a Mel deixar a pré-adolescência.

Como estudei em demasia durante anos a fio e me ocupei exclusivamente em atingir a excelência nos meus estudos, não deixei de morar no apartamento amplo dos meus pais tão cedo. Eles não se importavam, afinal, era o meu futuro que estava em jogo e de qualquer forma eu quase não parava quieto em casa. Além do horário estendido na faculdade – sempre me matriculava em disciplinas eletivas a fim de ampliar ainda mais meu conhecimento –, tinha aulas de inglês e francês.

Depois que me formei e consegui um emprego bom, meu horário, por incrível que pareça, ficou mais livre. Abri uma conta poupança e comecei a juntar dinheiro partindo do meu primeiro salário. A ideia era comprar um apartamento ou uma casa, visto que o papai havia me dado um carro quando passei no vestibular. Comecei a ajudar nas contas domésticas, e isso me fez não ter pressa de ir embora. Minha família sempre foi tão unida e acolhedora que me distanciar deles me parecia uma péssima ideia, por isso pensava constantemente em comprar um apartamento no mesmo prédio onde morávamos.

Enquanto a Mel não passava de uma criança, amei-a

unicamente como a minha irmã mais nova, coisa que sempre foi e nunca deixaria de ser. Eu a protegia como um tesouro valioso, acompanhava seu desabrochar com alegria e satisfação. Minha proteção para com ela atingia níveis tão elevados que chegava a colocar a culpa em mim quando quebrava algum vaso ou fazia qualquer outro tipo de besteira, do tipo sujar a louça e se esquecer de lavar. Não me importava, só queria que meus pais nunca reclamassem com ela, pois não me parecia justo.

Mesmo sendo tratada como uma verdadeira princesa, Mel jamais se comportou como uma menina mimada. Ela nunca foi de fazer birra ou achar que o mundo girava ao seu redor. Muito pelo contrário, sua inteligência só fazia se evidenciar com o passar dos anos. Foi com dez anos que ela passou a se interessar pelos meus livros. Apresentei-lhe à literatura infanto-juvenil, depois à juvenil e, percebendo sua grande sede de conhecimento, comecei a oferecer livros de fantasia, suspense, romance, policial, etc.

Quando menos reparei, Mel já tinha lido quase toda a minha estante, que sempre foi muito bem carregada. As bonecas e “flu-flus” sumiram de repente de suas prateleiras, dando lugar aos seus livros favoritos. Nosso gosto musical também se tornou quase o mesmo, por isso passávamos horas no meu quarto ou no dela, ouvindo nossos sons favoritos e conversando sobre amenidades, livros ou filmes. Ela se sentia importante quando eu a chamava para assistir alguma coisa. E muitas vezes troquei a companhia de supostas namoradas pela companhia dela. Mesmo

assim, continuei achando tudo muito natural. Eu amava a minha irmã e não podia ter nada de errado em preferir ficar com ela.

Seu interesse pelos garotos começou em alguma época entre os treze e os quatorze anos. Ela me contava sobre todas as paqueras da escola. Eu me inteirava dos “babados”, usando a palavra que ela usa, com relação às poucas amigas que tinha e aos moleques que paqueravam juntas na hora do intervalo. Essa parte eu achava um saco. Para ser sincero, detestava de verdade, mas a escutava até o fim porque sabia que era importante para ela. Nunca contava sobre os meus relacionamentos porque o nível deles era bem mais elevado do que paqueras tolas de escola. Mel não precisava saber com quantas mulheres eu ficava ou transava – como se eu fosse falar sobre sexo para a minha irmã adolescente, Deus me livre! –, mesmo que às vezes me perguntasse se eu estava saindo com alguém. Minha resposta vinha acompanhada por um rosto totalmente vermelho de vergonha. Ela ria de mim por causa do meu desconcerto, chamando-me de bobo. Acho que a Mel sempre teve a mente mais aberta que a minha. Antes de tomar qualquer decisão, não era ao papai ou a mamãe que ela recorria, era a mim. Nossos pais sabiam disso e me davam muitas recomendações para que eu pudesse ajudar na educação dela. Quando papai queria que a Mel fizesse tal coisa, primeiramente falava comigo e então eu conversava seriamente com ela, que no fim sempre me escutava. Não que ela não fosse escutar nossos pais, porém era mais fácil assim. Levi e Heloísa nunca se importaram, mas também não se anulavam e entravam em jogo

sempre que necessário.

Meu interesse diferenciado e confuso pela minha irmã não foi iniciado de um modo sexualmente falando, acho que eu teria ficado louco de vez se assim fosse, embora estivesse mentindo se eu dissesse que jamais a desejei dessa forma. Uma coisa que não consigo controlar direito é a minha imaginação. Tudo bem, às vezes até controlo, mas ninguém nunca me ensinou a bloquear sonhos. Eles acontecem sem que eu possa fazer nada e mexem com a minha consciência e vontades. Já tentei mil vezes parar de ter sonhos malucos com a Mel, chegava até mesmo a me embriagar antes de dormir, porém depois de um tempo decidi que eu preferia amar a minha irmã em segredo a me transformar num alcoólatra.

Alguma parte escondida dentro de mim achava que a Mel nunca deixaria de paquerar os garotos para desejar ter algo a mais com eles. Enquanto se tratava apenas de paquera, meu ciúme permaneceu adormecido. Eu conseguia controlá-la por meio das nossas conversas – sem perceber que a estava manipulando o tempo todo –, porém há uma fase em que os adolescentes encontram o próprio umbigo e começam a escutar apenas o que diz a voz dele.

Minha irmã começou a querer se vestir diferente, de modo que exaltasse mais as suas curvas, que até então eu sequer havia reparado. Alguns detalhes em sua personalidade foram se modificando; ela ficou mais divertida, independente, dona de si. A garota que outrora precisava dos meus conselhos passava a descartá-los um a um. A mente liberal e sem

preconceitos multiplicou seu círculo de amizades e ela passou a sair para dançar e namorar. E eu não pude fazer nada para convencê-la de que ficar em casa conversando sobre livros era a melhor opção que ela tinha. Afinal, não era.

Minha maior sorte – ou maior azar – foi continuar sendo o seu amigo mais íntimo. Não importava o que acontecesse, Mel sempre me contava tudo. Como em uma tarde de sábado, quando me procurou em meu quarto, sentou-se no chão e narrou a sua mais nova decisão de garota no auge da puberdade.

– Vai ser hoje, Luquinhas! – Cruzou as pernas em formato borboleta e riu maliciosamente. Seus olhos se fechavam toda vez que ria, uma característica herdada da mãe. Eu achava muito legal. – O Pedro me convidou para a matinê de uma boate. Finalmente vou deixar de ser boca virgem!

Eu estava concentrado em alguma coisa no meu computador, mas ela ganhou a minha atenção total imediatamente. Meu coração deve ter sofrido um baque ou algo assim, pois foi difícil até de respirar. Foi a primeira vez que o ciúme corroeu o meu cérebro. Nunca havia experimentado sentimento tão poderoso, capaz de consumir tudo.

– Quem é Pedro? – resmunguei com ar irritado. Naquele instante, não soube definir o que era aquilo que me trazia uma raiva bizarra.

– Como assim “ quem é Pedro”? Aquele gatinho de que te falei! – Mel ainda sorria, ignorando meu mau-humor repentino. Seus olhos

escuros brilhavam, e de repente percebi que seus traços infantis haviam realmente sumido de vez. – Vou me arrumar daqui a pouco. Você precisa me dizer se a minha roupa vai estar boa o bastante.

– Eu?

– Sim, você é homem, não é?

– Por isso mesmo – falei ainda com raiva, buscando em seu semblante alguma coisa que indicasse que ela tinha apenas quatorze anos.

A verdade é que a Mel se desenvolvia muito depressa. Já estava maior que a mamãe e aparentava ser bem mais velha que a sua idade. – Não sei nada sobre moda.

– Não precisa saber sobre moda, seu bobo. Sei que você sabe muito sobre mulheres. – P piscou um olho cúmplice. – Volto daqui a pouco, está bem? – Ergueu-se do chão e cruzou a porta, deixando-me sozinho.

Aquela coisa ruim continuou esmagando o meu peito. P ensiei em procurá-la para lhe dizer que sabia muito sobre mulheres, não sobre adolescentes desesperadas para perder a virgindade da boca. Disso eu nada sabia, e aquele ódio crescente só indicava que não estava nem um pouco pronto para saber.

Meu único pensamento foi procurar pelo papai e persuadi-lo a não deixar a Mel sair de casa. Ainda me lembro de que o encontrei na sala de estar com a mamãe, assistindo à TV. Expliquei-lhes o que estava prestes a acontecer e sabe o que fizeram? Os dois riram de mim.

– Lucas, qual é o problema? – mamãe falou, sorridente. – Ela

tem quatorze anos. Na idade dela você também ia à matinê e aposto que beijava algumas gatinhas.

Minha cabeça ignorou a resposta da mamãe e logo encarei o meu pai. Ele suspirou.

– Eu te entendo, filho, nossa menina está crescendo e o ciúme é muito doloroso, mas não posso criá-la diferente de como te criei só porque é uma mulher. Não é justo. – Às vezes a capacidade de fazer justiça que o meu pai tinha, e ainda tem, me irritava, confesso. Ele era tão perfeito em nossa educação que alguém devia canonizá-lo.

– É a Mel, pai. O senhor vai deixar um idiota qualquer se aproximar e... e... – não consegui terminar a frase porque sequer dei conta de imaginar o que eu ia falar. Era demais para mim.

– Sua mãe já conversou com ela sobre isso. – Ele deu de ombros.

– Claro que conversei! Também conheço a mãe do Pedro – mamãe respondeu animadamente. – Além do mais, vamos levá-la e buscá-la na hora certa. Não tem nada com o que se preocupar, filhote!

Devo ter passado uma eternidade os observando sem acreditar no que diziam. Não entrava na minha cabeça que eles estivessem permitindo tamanho absurdo. Cocei os cabelos, consciente do meu olhar duro apontado para os dois, que aparentemente só se divertiam com o meu ciúme.

– P osso levá-la? – resmunguei a pergunta.

– Claro, por que não? – papai deu sinal verde.

Voltei para o meu quarto sem saber o que fazer. Circulei de um lado para o outro e finalmente tive a grande ideia de não apenas levá-la, mas de frequentar um lugar repleto de gente dez anos mais nova que eu, na melhor das hipóteses. Entrei no banheiro do meu quarto a fim de tomar banho; se ela já estava se trocando, então supus que a balada *teen* realmente começaria cedo.

Eu já tinha ouvido falar que alguns irmãos costumavam se arder de ciúmes de suas irmãs – às vezes chegam a ser realmente agressivos –, por isso, enquanto me banhava, prometi a mim mesmo que tomaria conta dela, mas jamais a impediria de fazer o que quisesse. Não seria justo com a Mel ter um cara como eu em sua cola o tempo todo. Se ela queria beijar um babaca naquela noite, não seria eu que a impediria. Jamais tive esse direito. Eu estava fazendo a barba em frente ao espelho, com uma toalha enrolada na cintura, quando escutei alguém se aproximando. A porta estava aberta, como sempre deixo, pois ninguém entra no meu quarto sem bater, até mesmo a Mel. Mas acho que ela se esqueceu ou algo assim, pois parou rente à porta e sorriu. Larguei o barbeador na pia no susto e peguei outra toalha para me cobrir melhor.

– Bater na porta pra quê, né? – Senti meu corpo inteiro ficar vermelho de vergonha. Uma reação esquisita até demais, pois eu vivia sem camisa em casa e de uma hora para outra não queria que a Mel me visse tão exposto.

Ela me ignorou totalmente e girou em torno de si mesma.

– O que achou, maninho? Está muito exagerado?

Mel vestia uma saia preta com alguns babados que giraram junto com ela. Não era uma saia curta e não haveria problema algum se ela não estivesse usando uma blusa branca larga – eu podia mesmo chamar aquilo de blusa? – que deixava sua barriga inteira à mostra. Os cabelos longos escuros, armados e muito cacheados, podiam ser vistos nas laterais de sua cintura, o que acabava chamando a atenção de qualquer um para aqueles pontos curvilíneos. Pelo menos a *minha* atenção ficou parada lá como estátua. Demorei a avaliar o restante; o sapato fechado preto tinha um salto alto demais e havia um quilo de maquiagem na cara dela.

– Quem te deu esse sapato? – perguntei com implicância, limpando a barba com a toalha. Sentia meus braços perderem as forças de tanta raiva e vergonha.

– A mamãe comprou pra mim. – O sorriso dela morreu quando percebeu meu olhar de desaprovação.

– A mamãe te deixa usar um salto desse tamanho? Meu Deus, você só tem quatorze anos.

– E daí? Eles são bonitos. – Girou os calcanhares para observá-los.

– Não são próprios para a sua idade.

– Se ela não reclamou, então... – Deu de ombros.

– Pois é, este é o problema, mamãe deve ter perdido o juízo de

vez. Você não devia usá-los, vai fazer mal para a sua coluna daqui a uns anos. Seu corpo está em processo de desenvolvimento, pode te trazer problemas.

– Credo, é só um sapato, Lucas! – Revirou os olhos e colocou as mãos na cintura, bem irritada. – Não costumo usar saltos, é só hoje. É o único sapato com saltos que eu tenho, você devia saber disso, pois só me vê de tênis para onde quer que eu vá.

– Certo, mas e a maquiagem?

– O que tem ela?

– Você está parecendo uma palhaça ou um reboco solto em uma parede mal construída. – Mel me olhou e ficou pálida como se sua pressão tivesse caído repentinamente. Vi seus olhos se encherem de lágrimas, e então percebi que tinha exagerado. As palavras ríspidas saíram da minha boca sem que eu notasse. Amansei a voz consideravelmente: – Desculpa. É só que o Pedro deve te achar linda do jeito que você é, Mel.

Ela balançou a cabeça negativamente e se abraçou, parecendo envergonhada.

– Eu sou muito feia – murmurou. – Todas as minhas amigas já beijaram um cara, ou bem mais do que um, e eu não sei o que fazer para ficar atraente. Achei que a maquiagem estivesse boa.

Tive vontade de socar a minha própria cara ao vê-la daquele jeito. Dei alguns passos na direção dela, mas depois percebi que eu ainda usava apenas uma toalha para cobrir o meu corpo, portanto estaquei.

– Quem disse que você é feia?

– A Silvana.

– Quem é Silvana?

– Você presta atenção no que eu te falo, Lucas? Caramba, a Silvana, aquela idiota da oitava série B.

– Ah. E quem se importa com o que essa tal Silvana diz? –

Balancei os ombros. – Você é linda, Mel. Aposto que é mais bonita que ela, por isso que te faz se sentir inferior. Pura inveja. Pensando bem, creio que ela deve ser bem feia.

Mel se inclinou e pegou um chumaço de papel higiênico.

P assou por mim e o molhou na torneira da pia. Começou a passá-lo pelo rosto, que ia ficando todo preto por causa da maquiagem borrada.

– Todos os garotos bonitos da escola já beijaram a Silvana.

Ela não é feia.

– Tudo bem, pode não ser feia, mas com certeza é uma vadia. –

P rendi os lábios, pois não costumava usar aqueles termos com a Mel.

Escapuliu. – Não considero beijar uma atitude banal, sem importância.

Acho muito feio quando garotas ou garotos banalizam o que devia ser especial.

– É... Ela é uma vadia. – Suspirou com ar triste.

– Você não é assim, portanto não precisa agir como ela. Olha...

Tira essa maquiagem e põe apenas aquele batom rosa que você usa. Ah...

Troca essa blusa também, pelo amor de Deus. Ninguém precisa ver sua

barriga sem estar na praia.

– Isto é um top-bata. Está na moda.

– Não quero nem saber o nome. Vamos, agora, saia do meu banheiro.

Mel jogou o papel fora, mas ainda tinha o rosto manchado.

Sorriu para mim e se aproximou, ficando na ponta do pé para beijar a minha bochecha.

– Você é o melhor irmão do mundo! Eu te amo!

– Também te amo. – Segurei os braços dela para que não encostasse muito em mim. Minha pele ainda estava meio molhada. – Xispa. Aquela noite não deu muito certo. Ou deu, não sei. Talvez tivesse sido melhor se os planos da Mel tivessem alcançado êxito. Como combinado, não apenas a levei até a boate como fiquei por lá. Ela não reclamou, nem nada do tipo, achou bacana o fato de eu querer me divertir em sua companhia sem ser em casa. Afastei-me um pouco do grupo dela porque suas amigas adolescentes não paravam de me secar e isso me deixava muito irritado.

Sentei-me em um pufe colorido com uma lata de refrigerante – a coisa mais forte servida em matinês – e lá permaneci por quase duas horas, observando toda a pirralhada da cidade dançar como minhocas bêbadas.

Não foi tão ruim assim, até que uma das amigas da Mel se aproximou, avisando-me de que ela não estava se sentindo bem e que queria ir embora.

Achei bem estranho, afinal, minha irmã estava superempolgada, e quase

voei ao seu encontro.

Ela me abraçou quando me viu e começou a chorar, implorando para que eu a tirasse dali. Perguntei o que tinha acontecido, mas ninguém quis me dizer. Desesperado, peguei o meu carro e dirigi de volta ao nosso prédio. Mel não falou absolutamente nada durante todo o percurso. Nossos pais dormiam como dois pombinhos no sofá, abraçados de um jeito bonito que me fez parar e sorrir. Só não os observei por mais tempo porque a Mel passou pela sala como um foguete e se perdeu em seu quarto, cuidando para não fazer barulho ao fechar a porta.

Invadi-lhe o quarto sem pedir licença e a encontrei encolhida em cima da cama, chorando com a cabeça escondida pelo travesseiro. Meu coração se partiu em mil pedaços. Não consegui descrever o que foi sentido naquele instante, talvez vontade de matar quem a tivesse deixado daquele jeito. Sentei na cama e ela ergueu os olhos na minha direção. Rastejou como uma cobra entre os lençóis e apoiou a cabeça no meu colo. Toquei seus cabelos.

– Ele... me deu... um bolo! – Mel soluçou praticamente em cada sílaba daquela frase. Enfiou o rosto na minha perna e chorou alto, com desespero. – Pedro me... garantiu que iria e... mas ele... não foi...

– Calma, Mel, talvez aconteceu algum imprevisto – falei baixo, sem saber os motivos de estar defendendo o babaca. Eu devia mesmo era lhe quebrar a cara.

– Não... A Mari... Ela... Ela me disse que o Pedro não foi

porque está com a Silvana no cinema.

Fiz uma careta.

– Silvana? A vadia?

– Sim! – Mel gritou aos prantos, envolvendo seus braços na minha cintura. Apertei seus cabelos com as duas mãos e me inclinei para beijá-los. Mel se remexeu bastante até praticamente pular em meu colo.

Agarrou-se em mim como se sua vida dependesse disso.

– Que idiota. Como alguém pode te trocar pela Silvana? Eu não trocaria.

– Porque você é meu irmão! – berrou com a voz abafada, por causa da boca espremida sobre o meu ombro.

– Exatamente. – Suspirei. – Eu te conheço como ninguém e sei que não existe garota mais especial que você. É uma pena que esse Pedro não te conheça e não faça ideia do que perdeu.

– Vou ser B.V. pra sempre!

Ri sozinho.

– Você queria mesmo que seu primeiro beijo fosse com um otário? Não percebe o favor que ele te fez?

Mel se afastou um pouco só para me encarar de perto. As lágrimas que rolavam pelo seu rosto me deixaram tão comovido quanto possesso. Se eu não fosse um advogado recém-formado, e ainda estivesse no ensino fundamental, não pensaria duas vezes antes de brigar com o tal de Pedro nos corredores do colégio. O pensamento me fez sorrir.

– Você tem razão. Não vou ter pressa. – Seus lábios cor-de-rosa tremiam. – Melhor que seja com alguém especial do que com um idiota qualquer. Todas as minhas amigas detestaram o primeiro beijo mesmo!

– É assim que se fala.

– Quero que o meu primeiro beijo seja com alguém como você, maninho – murmurou, olhando no fundo dos meus olhos, e naquele instante seu olhar profundo e inocente atravessou a minha alma. Eu me senti como se estivesse diante de mil estrelas; todas elas brilhavam em sua íris e me mostravam como a vida podia ser bela.

Engoli em seco e recuei instintivamente. Deitei a Mel sobre a cama, bem devagar, e depois a cobri com um edredom. Beije seu rosto, percebendo que estava mais tranquila e que ficaria bem. A primeira decepção ninguém nunca esquece, mas senti uma felicidade profunda por ter sido capaz de aliviar sua dor.

– Boa noite, Mel.

– Boa noite, maninho. Eu te amo.

– Eu também.

Estava em meu terceiro avião – se alguém me perguntasse como havia sido a viagem, eu não saberia responder –, vencendo os últimos minutos de voo e com todas as lembranças em polvorosa. O piloto informou que o tempo em Toronto estava bom e que em menos de vinte minutos poderíamos nos preparar para o pouso. Queria que o solo canadense fosse encantado e que, assim que eu pisasse nele, sofresse de amnésia. Mas sabia

que não seria assim. Eu continuaria repassando na minha mente cada detalhe das estranhezas que ocorreram pelo menos umas mil vezes.

Capítulo 2

Eu realmente não me importei com a beleza da cidade. Só reparei que o clima estava frio demais, obrigando-me a vestir um casaco preto bem pesado. Ignorei as casas, os estabelecimentos, as ruas demasiadamente limpas, as pessoas, tudo. Peguei um táxi no *Toronto Pearson International Airport* rumo ao endereço anotado em minha agenda. Era o endereço da casa de uma grande amiga do papai, advogada competente que se casou com um canadense e morava em Toronto há alguns anos. Os dois eram donos da empresa que eu trabalharia durante doze meses; eles estavam precisando urgentemente de profissionais brasileiros. Ficaria hospedado em um quarto localizado nos fundos da casa deles. Aceitei todas as condições sem pensar muito. O salário era bom, o serviço me deixaria ocupado pela maior parte do tempo, teria certa independência por causa do fato de poder entrar no quarto sem passar pela casa, enfim. Era perfeito para alguém que precisava se manter longe da família e ganhar experiências profissionais.

Elizete e John me receberam muito bem. Haviam preparado um jantar especial de boas-vindas e o momento até que foi agradável. Eles não tinham filhos, acho que por isso fizeram o possível para me acolher confortavelmente. Meu quarto era realmente grande, equipado e bastante acolhedor. Não poupei elogios e agradecimentos pela boa vontade e

gentileza de ambos. Fui deixado sozinho depois do jantar, para que pudesse me recuperar da viagem e tentar contornar a diferença de fuso horário.

Deitei na minha nova cama e conectei o notebook na internet.

Deixei um e-mail para os meus pais e só. Depois, peguei meu celular e deixei uma mensagem no Whatsapp da família. Não esperei pela resposta de ninguém, pois sabia que a Mel estava online e que escreveria alguma coisa que mexeria comigo mais do que devia. Tirei minhas roupas e objetos pessoais da mala, dispendo-os nos lugares certos. Aos poucos, aquele quarto desconhecido ia ficando do meu jeito.

Cansado, mas com medo de dormir e ter sonhos impróprios, sentei no chão de tacos de madeira e olhei para o nada. Arqueei os joelhos e apoiei meus braços neles. Um longo suspiro surgiu das minhas entranhas. Não há coisa mais dolorosa no mundo do que ficar longe da família. Mas não podia me esquecer de que era por ela que eu tinha me distanciado.

Depois da sua primeira desilusão, Mel passou a sair bem menos com as amigas. Suas horas vagas eram todas em minha companhia, no conforto do nosso lar. Eu saía algumas poucas vezes, mas meu interesse pelos amigos foi bastante reduzido e pelas mulheres mais ainda. Às vezes alguma garota me ligava e, dependendo da minha necessidade física, eu saía com ela. Detestava agir deste modo, mas era isso ou entrar em uma castidade forçada. Eu não sou santo.

O ciúme excessivo foi amenizado por causa da presença

constante da Mel, porém toda vez que ela queria sair, meu estômago embrulhava. Mesmo assim, eu nada fazia para impedi-la. Talvez porque ela não parecesse querer beijar outro cara tão cedo. Como eu, minha irmã mais nova passou a estudar com mais frequência e várias vezes me pedia ajuda com as lições. P apai chegou a me perguntar se não era chato ficar ensinando a Mel o tempo todo e se eu queria que ele a matriculasse em aulas de reforço, porém neguei com veemência.

Agosto chegou depressa e com ele o meu aniversário de vinte e cinco anos. Havia um espaço de um mês entre o meu aniversário e o da Mel, um período em que a nossa diferença de idade deixava de ser de dez anos para ser de onze. Lembro-me de que isso nunca havia me incomodado – não faria sentido me incomodar por causa de uma besteira –, não até aquele terrível ano.

Depois de uma pequena festinha, com direito a bolo e a presença de alguns parentes, organizada pelos meus pais e por ela no nosso apartamento mesmo, meus amigos me chamaram para sair a fim de comemorarmos, e a Mel perguntou se podia ir comigo. Seus olhos entraram no modo pidão e eu não consegui negar, deixei que me acompanhasse mesmo sendo loucura uma garota ficar entre marmanjos em um bar.

P apai e mamãe me perguntaram mais de mil vezes se era uma boa ideia, e eu disse que voltaria cedo e que cuidaria dela, portanto não precisavam se preocupar. A confiança que os meus pais sempre tiveram em mim é sobre-humana. Dificilmente eles duvidavam de alguma coisa que eu

dissesse, seja o que fosse. Quando o assunto era a Mel, então, eles podiam fechar os olhos e andar sobre brasas, pois sabiam que eu a defenderia até a morte.

Aprovando as roupas dela – calça jeans, tênis, blusa comportada e o velho batom rosa –, seguimos rumo ao bar. Eu não conhecia o local, mas era um ambiente movimentado e com música ao vivo. Logo a Mel se animou com a ideia de poder dançar. Ela sempre gostou de dançar, até mesmo quando lavava os pratos ou quando limpava o seu quarto. Uma música sempre parecia tocar ao redor dela para que se balançasse.

Encontramos com a galera – que era bem mais velha do que ela – em uma mesa perto do salão. Ela nem chegou a se sentar depois que eu a apresentei para a turma. P ediu um refrigerante e ficou de pé, se balançando e prestando atenção na banda que tocava. Manteve-se perto de mim, no entanto, jamais se distanciando, por isso me preocupei unicamente em protegê-la dos gaviões.

– Seus pais te obrigaram a trazer a pentelha? – Eliane, uma ex-ficante minha que aparentemente estava interessada em um amigo meu, sentou-se na cadeira vazia ao meu lado e perguntou.

– Não. Ela não é pentelha.

– Ah, tá. Muito bonitinha sua irmãzinha.

– Ela é.

Meus amigos já estavam meio bêbados e propuseram um brinde. Mel percebeu a movimentação e pegou seu refrigerante a fim de

participar também, e logo viu a Eliane ao meu lado. Lembro-me de que ela estava sorrindo amplamente, mas sua expressão mudou tão depressa que até hoje não tenho certeza do que vi. Ela ficou séria, meio emburrada eu diria, até que os caras ergueram as mãos e berraram o meu nome, então ela voltou a sorrir, participando do brinde.

Observá-la me deixou tão desajustado que virei o meu copo em um segundo. Nossa mente prega muitas peças. A minha, naquele instante, achou no olhar da Mel doses tremendas de ciúmes, mas obviamente havia sido apenas impressão. Ela nunca havia demonstrado sentir o menor ciúme de mim, muito pelo contrário, incentivava-me a conversar sobre os meus relacionamentos como se para ela nada significasse. E não deveria mesmo significar.

Eliane decidiu encarnar do meu lado, inventando papos e mais papos enquanto eu só bebia e observava a Mel dançando. Minha fixação por ela começou a me assustar minutos mais tarde, e a desconfiança tomou conta dos meus sentidos. Não sei se foi a bebida ou a Eliane falando merda no meu ouvido, só sei que em algum momento eu percebi que era loucura demais alimentar aquele sentimento possessivo. Por este motivo, parei de observá-la e relaxei na cadeira. Devo ter relaxado demais, porque a Eliane achou que eu queria beijá-la e praticamente enfiou a sua língua dentro da minha boca.

Não estava em meus planos ficar com alguém, mas me obriguei a não recuar. Afinal, por que eu recuaria? Estava solteiro e a Eliane também.

Ela tinha a minha idade, era bonita e seus seios enormes quase pulavam decote afora. Qualquer cara ia querer beijar seus lábios rubros carnudos, por isso me incluí na expressão “ qualquer cara” e segui adiante.

Depois de meia hora beijando, bebendo e tentando me divertir,

Eliane decidiu fazer uma proposta indecente em meu ouvido:

– Vamos a um lugar mais reservado? – Sorri maliciosamente, contendo um arrepio de excitação, porém logo em seguida fiquei muito sério.

– Estou com a minha irmã. – Guiei meus olhos para o salão e não consegui localizá-la. Meu coração deu um giro de trezentos e sessenta graus.

– Ah... Relaxa. Eu peço para o Igor levá-la em casa. – Igor era um dos nossos amigos em comum.

– De modo algum. – Levantei apressadamente da cadeira e deixei a Eliane falando sozinha. Circulei depressa pelo salão a fim de encontrar a Mel, mas não consegui. O desespero foi me invadindo como uma poderosa onda e me vi louco atrás dela, gritando o seu nome, porém a música estava tão alta que ninguém prestava atenção em mim.

Por um segundo, minhas ideias perturbadas acreditaram que encontraria a Mel encolhida em um canto, aos prantos. Talvez ela sentisse ciúmes de mim, afinal, entretanto me enganei. Depois de alguns minutos de pura angústia, visualizei a Mel dançando com um desconhecido bem mais velho que ela, porém mais novo que eu. Eles rodopiavam e riam juntos

enquanto eu me aproximava com um ódio crescente dominando cada fibra do meu ser.

Utilizando-se de um passo mais ousado, o imbecil puxou a minha irmã pela cintura e afundou seu nariz imundo nos cabelos dela. O pior não foi acompanhar a ousadia do sujeito, foi perceber que a Mel gostava daquela libertinagem absurda. Eles juntaram as testas lentamente e, quando minha irmã fechou os olhos para beijá-lo, dei um empurrão tão grande no cara que ele foi parar uns dois metros adiante.

Mel soltou um gritinho de susto e levou a mão à boca quando percebeu que eu estava diante dela. O cara veio tirar satisfação, mas eu o segurei com força pela gola da camisa. Ele era bem mais baixo e magro, por isso não tinha a menor chance contra mim.

– Tira suas mãos da minha irmã! – rosnei. – Ela tem quatorze anos, otário!

O cara foi desarmado muito rápido. Desvencilhou-se de mim e olhou para a Mel com ar confuso.

– Desculpa aí, camarada. Ela me disse que tinha dezoito.

Olhei para a Mel com fúria, mas ela encarava o chão, envergonhada.

– Dezoito? Você é retardado? Como não percebeu que ela é menor? – Empurrei o frangote com uma só mão e ele deu alguns passos para trás.

– Desculpa, não percebi mesmo. – Ele ergueu os braços como

sinal de rendição e foi embora.

– Lucas...

– Cale a boca! – rosnei alto e segurei o braço dela sem cuidado algum, arrastando-a comigo. – Vamos embora.

– Ei! Me solta!

– Não vou soltar, Mel! Você me decepcionou, feriu a minha confiança! Estou puto contigo!

– Feri a sua confiança? Por quê? – ela falou alto também, por isso parei de andar para encará-la de perto, ainda segurando seu braço.

– Por quê? Por quê? Você ainda pergunta?

– Ah, então quer dizer que você pode beijar a peituda e eu não tenho direito de tentar dar o meu primeiro beijo? – Ela riu com desdém, os olhos se enchendo de lágrimas. – Você estragou tudo! Eu ia conseguir!

– É beijar um otário que você quer? Pois bem! – Larguei-a e abri os braços. – Aqui está cheio deles, vamos lá! Escolha um, já que está desesperada e não consegue controlar a sua boca virgem. Quer que eu chame aquele sujeitinho?

– Eu... – Mel começou a chorar. – Só estou vendo um otário aqui.

Suspirei e tornei a agarrá-la pelo braço.

– É esse otário que vai te levar pra casa sã e salva – resmunguei na cara dela, chegando perigosamente perto. A situação era tão surreal que pensei estar em um sonho. Mel e eu jamais brigamos. Sequer

havíamos gritado um com o outro ou trocado palavras tão duras.

– Me solte, Lucas! Você não é o meu p...

– Você é minha!... – gritei, empurrando-a contra uma parede

próxima. Nossos corpos permaneceram colados por um segundo e os olhos dela alcançaram a minha boca. Ou foi impressão. P refiro acreditar que, sim, foi impressão. – Irmã... – completei a frase aos murmúrios e a soltei como se pegasse fogo.

P assei as mãos pelos meus cabelos, culpando o teor alcoólico do meu sangue.

– Você nem é o meu irmão de verdade! – Mel falou entre

lágrimas doloridas. Sua sentença me fez observá-la com tristeza. Foi como se o meu mundo tivesse desmoronado diante dos meus pés. Ser desconsiderado por ela era como ser abandonado de novo em um orfanato.

Aquiesci lentamente.

– Não sou.

– Luquinhas, eu não quis...

– Vamos embora. P or favor, me acompanhe.

Chegamos a nossa casa em silêncio e fingimos normalidade aos nossos pais, que nada perceberam porque estavam sonolentos. Fui direto para o meu quarto, tirei meus sapatos, arranquei as meias, me liberei da camisa e me atirei na cama. Olhando para o teto, percebi que alguma coisa estava errada demais. Meu comportamento naquela noite havia sido deplorável.

Depois de duas horas tentando encontrar explicações e sem ousar me mexer, ouvi batidas curtas na porta do meu quarto. Apoiei-me nos cotovelos e acompanhei a Mel entrando devagar, segurando um lençol em volta de seu corpo. Estava chorando. Sentei na cama enquanto ela se aproximava e fazia o mesmo. Cruzou as pernas e me encarou sob a penumbra do meu abajur.

– Eu não devia ter dito aquilo – murmurou de um jeito doloroso, prendeu os lábios e balançou a cabeça devagar, demonstrando o quanto lamentava. – Não devia. Era a última coisa... A última coisa que eu podia te dizer.

– Foi merecido. – Dei de ombros.

– Não... – Mel continuou balançando a cabeça. – Não foi. Você só estava me protegendo. É o que você faz. Me protege.

– Acho que estou te protegendo demais. Mel... Eu... Sinto muito, mas precisamos nos distanciar um pouco.

– Não! Não, não, por favor, não. Não faça isso comigo – choramingou com desespero. – Eu não queria ter ferido a sua confiança, é só que... Não queria ficar ali vendo você beijar uma mulher que você mesmo disse que eu não deveria ser.

– Mel...

– P ensei que você não gostasse de vadias.

– Eu não gosto. Foi só... um erro, está bem?

– É sempre assim. Os garotos dizem que preferem as garotas

legais e inteligentes, mas sempre beijam as peitudas. Eu... – Ela tocou os seios pequenos por cima da camisola com as duas mãos. – Eu nem tenho peitos.

– Mel, para com isso, por favor. Tudo deu errado nesta noite...

Você errou, eu errei, mas não deixei de ser quem sou e você me conhece.

– Eu também. Sou a mesma, poxa. – Mel segurou minha mão por sobre a cama. – Me perdoa... Me perdoa, maninho, você é o meu irmão, meu irmão de verdade.

– Eu sei... – Puxei-a para mim e a abracei forte. Apoiei meu rosto em seu ombro e esperei que seus soluços cessassem. – Eu sei... Sempre serei, Mel. Sempre serei.

Não percebi que já tinha amanhecido em Toronto. Sequer fui capaz de dormir. Ainda me lamentava no chão, vencendo o cansaço, ludibriando o sono, entrando em desespero, saindo, entrando de novo e suspirando. Liguei o aquecedor, pois não suportava mais o frio. Enrolei-me em uma manta pesada e quente, por um segundo imaginando os braços da Mel ao meu redor. Adormeci com a certeza de que nada adiantaria, meu sonho seria com ela.

Capítulo 3

As primeiras semanas longe da família foram as mais difíceis. A única coisa que me salvou de entrar em depressão foi o trabalho. Levei o âmbito profissional totalmente a sério – não que eu não levasse no Brasil –, fiz questão de alcançar a perfeição em tudo o que fazia. Fui eleito o

funcionário do mês e isso foi se repetindo com o passar do tempo. Elizete e John ficaram ainda mais empolgados com a minha presença, tanto que me convidaram para ser funcionário efetivo, e não um mero contratado, da empresa.

Pensei em recusar, mas aceitei porque eles fizeram muita questão, mesmo cientes de que eu poderia voltar ao Brasil a qualquer momento. Tomei a frente em diversos casos, resolvi processos aparentemente sem solução, fiz a empresa lucrar horrores e, de repente, minha conta poupança estava farta. Aluguei um apartamento pequeno, mas com uma vista modesta para o *Lake Ontario*. Passava horas observando as águas do lago, pensando em nada e em tudo ao mesmo tempo.

Minha vida social foi reduzida a quase zero. Não saía, não cultivava amizades, não procurava namoradas – embora vez ou outra acordasse ao lado de mulheres que eu sequer lembrava o nome –, tornei-me um solitário com o coração de pedra. De fato, sentia minhas emoções se petrificando devagar, e o processo era tão insuportavelmente doloroso que não sei como não enlouqueci.

Minha principal atividade nas horas vagas era me sentar na grama do *High Park*. As recordações me matavam, mas havia parado de tentar evitá-las. Comecei a raciocinar muito sobre elas, talvez até demais. A técnica funcionou porque, quando me vi esgotado de repassar na minha mente tudo o que aconteceu, finalmente meu cérebro começou a bloquear cada cheiro, cada toque, cada palavra. O vazio aterrador que se apossou do

meu corpo depois que nada sobrou era mais suportável do que conviver com as lembranças, por isso me considerei com sorte.

Mantive contato com a família por meio de fotos esporádicas que eu postava no *Facebook*. Quase nunca a foto era minha, eu só fotografava o ambiente ao meu redor. P ostava e não parava para ver as atualizações dos outros – ou seja, da Mel. Evitei o *Skype*. Não queria ver ninguém... Não *podia*. Meus pais me ligavam quase sempre e mandavam e-mails e mensagens de textos no celular. Eu respondia a todos eles, menos aos da minha irmã. Evitei até mesmo abri-los. Qualquer palavra dela poderia pôr tudo o que eu tentava construir ao chão.

P ensei em voltar mais vezes do que me permito dizer.

Detestava aquele cara que do nada resolveu ser chamado de Lucas Raniel de Carvalho Lemos. Um homem sozinho, carrancudo, introspectivo, vazio, resmungão. As coisas que antes me davam prazer começaram a me irritar.

P arei de assistir a filmes, larguei os meus livros, desisti de ouvir música.

Transformei-me em uma sombra, um projeto de ser humano sem motivação, sem expectativa, diferente de tudo o que sempre sonhei para mim.

Meu aniversário de vinte e sete anos chegou depressa demais.

De novo, saber que a diferença de idade entre mim e a Mel se ampliaria me incomodou ao ponto de me fazer ficar o dia do meu aniversário inteiro em cima da cama. Foi então que eu soube que ter me tornado aquele cara frio não havia adiantado de nada, eu ainda amava a minha irmã com todas as forças. Não apenas a amava como também a desejava, queria beijá-la, tocá-la,

queria que me pertencesse por completa. Lucas sem emoção não é o Lucas, e eu não podia deixar de ser eu só porque era um pecador. Todo mundo peca, certo?

Foi por isso que, naquela noite, entrei no *Skype* e passei horas conversando com o Levi e com a Heloísa. Eles estavam muito saudosos, até choraram quando me viram. Tentei me controlar ao máximo, mas não consegui quando a Mel chegou de um passeio com as amigas e se juntou a eles. Minha linda irmãzinha chorava copiosamente, quase sem conseguir falar, tocando o monitor com a ponta dos dedos. Não fiquei muito diferente. A grande diferença talvez tenha sido o fato de que ela podia ser amparada pelos braços carinhosos dos nossos pais, eu não tive aquela sorte.

Não podia suportar a ideia de ter deixado de acompanhar meses preciosos que fizeram da Mel uma garota ainda mais encantadora. Suas mudanças eram sutis, mas conseguia perceber cada detalhe que a distinguia da Mel que ficou para trás no aeroporto. Inventei uma desculpa qualquer e desliguei a ligação do *Skype* cinco minutos depois que ela chegou. Com o rosto afundado entre os meus braços, chorei como estava começando a me acostumar a não fazer.

Passei alguns minutos depressivos pensando em voltar para casa quando, repentinamente, ouvi o toque irritante da chamada do *Skype*. Ergui a cabeça em um sobressalto, conferindo a tela do *notebook*. Era a Mel. Estaria mentindo se eu dissesse que pensei duas vezes antes de atender. Cliquei no botão verde de imediato, sem medir qualquer consequência,

tamanho o desespero que eu sentia para vê-la de novo nem que fosse por mais cinco minutos. Nossas câmeras ligaram e pude vê-la deitada de bruços em sua cama, com as pernas para cima e as lágrimas incessantes ensopando seu rosto. Arrumei meus cabelos em uma onda bizarra de vaidade, que fez com que eu me julgasse um otário.

Para quê ficar bem apresentável para a minha irmã?

– Por que... Por que você... me deixou? – ela berrou com a voz estridente, em meio a soluços profundos. Apertou um travesseiro entre os dedos e apoiou a cabeça nele, sem deixar de olhar diretamente para mim. Sequer consegui respondê-la. Meu corpo inteiro tremia, tentando não desabar de vez na sua frente. – Eu sinto tanto... tanto a sua falta! Eu... não consigo... viver sem você! Não aguento... mais!

Poucas vezes em toda a minha vida vi a Mel tão desesperada.

– Mel...

– Você não me atende... Não lê minhas mensagens... Não responde os meus e-mails! Se eu pudesse... Se eu pudesse voltar no tempo, jamais teria tido... aquela ideia ridícula.

– Não foi somente aquilo, Mel. Por favor, entenda.

– E o que mais... poderia ter... sido?

– Você não entende a gravidade da situação? A gente se beijou! Pelo amor de Deus, somos irmãos!

– Foi só um bei...

– Você ia tirar a minha camisa! Suas mãos estavam em mim,

aonde acha que poderíamos chegar? – Meu rosto fervia de vergonha, raiva, culpa e medo. Não acreditava que estávamos tendo aquela conversa. Ou melhor, mais estava parecendo uma briga, e das feias.

– Não sei o que eu queria com aquilo...

– Claro que sabe – resmunguei. – Você é bem grandinha, deve saber o que um homem e uma mulher fazem sem roupa.

– É isso o que acha? Que eu queria transar contigo?

– Naquele momento eu não achei, Mel, tive certeza – desabafei.

– Não é verdade! – choramingou alto, prendendo a raiz dos cabelos entre as mãos em um gesto desesperado. – Não é, não é! Eu juro! Não sou uma qualquer, você me conhece! Eu não sabia que... Não entendi direito e...

Balancei a cabeça com tristeza, absorvendo toda a dor que ela sentia.

– A culpa não foi sua – murmurei, olhando fixamente para o canto da tela onde estavam seus olhos. – Você é doce, meiga... Inocente.

Pura. Eu sei que não queria nada disso. É nojento, não é? Foi o que escreveu na carta.

Mel nada respondeu por alguns minutos. Continuou chorando sem pausas, encolhendo-se como uma criança indefesa.

– Eu não poderia imaginar o que não sei o que é – sussurrou.

– Por isso que a culpa não foi sua. Fui maldoso porque

conheço a maldade. Você não conhece.

– Volta pra casa, Lucas. – Mel se ergueu um pouco, apoiando-se no travesseiro. Seu rosto ocupou toda a tela. Foi inevitável admirar seus olhos, sua boca, as maçãs avermelhadas da face, o nariz pequeno. Toquei na sua imagem como se a desenhasse. – P or favor, volta. Minha vida está uma droga.

– Quero que seja muito sincera comigo. Muito sincera mesmo, Mel.

Ela aquiesceu lentamente.

– P apai nos ensinou a não mentir para quem amamos – repetiu a frase que falei no aeroporto.

– Exatamente. – Sorri de um jeito triste. – Quero que, se for verdade, me diga com todas as letras que aquele beijo nada significou para você. Eu preciso que me fale, olhando para os meus olhos, que realmente não houve nada.

Mel ficou muda, encarando-me com o olhar fixo. Minha adrenalina foi às alturas. Difícil crer que o meu coração conseguiria resistir a tantos batimentos por segundo. Não pude definir se queria que ela falasse de uma vez por todas ou não; a parte egoísta e pecadora queria que ela permanecesse calada, a sensata queria que ela acabasse logo com aquilo. Contudo, no final das contas, o que há de egoísta em mim venceu a batalha e comemorava baixinho a cada instante em que a Mel nada dizia.

Ela abriu a boca rosada e fechou. Uma nova onda de lágrimas

veio tão depressa que ela escondeu o rosto no travesseiro, soltando soluços que mais pareciam gritos. Por algum tempo, sequer soube o que pensar. A surpresa se chocou com o medo em uma encruzilhada complicada de entender. Enfim, meu primeiro impulso foi a proteção. Antes de qualquer coisa, a minha alma não aceitava compreender que a Mel estava sendo prejudicada por causa daquela insensatez.

– Entende por que eu não vou voltar? – falei com a voz rouca.

A alegria é mesmo muito efêmera. A minha durou o tempo que levei para ter certeza de que havia feito a coisa certa.

Ela ergueu a cabeça e me olhou com raiva. Seus olhos já começavam a inchar.

– Ótimo, agora, quero a sua sinceridade também! – usou uma voz ríspida. – Você me beijou por pena? Olhou para mim com seus olhos... verdes hipnotizantes e morreu de pena da babaca aqui ou... ou... –裴rou e esperou por uma resposta.

– Tudo o que já fiz por você foi por amor, nunca por pena, Mel.

– Que tipo de amor, Lucas?

裴ensei um pouco e não consegui definir. Afinal, eu não sentia pela Mel apenas o que um homem sente por uma mulher. Era muito além. Havia tantos tipos de amor envolvidos que eles mal cabiam no meu peito. Minha única certeza era a de que eu devia fazer alguma coisa mais definitiva para a Mel esquecer aquele maldito beijo.

– Eu não sei. Ouça... Eu vou desligar e não quero que me ligue

mais.

– Não...

– Você vai desligar esse computador e transformar a sua vida.

Vai sair com suas amigas, conhecer vários caras legais e se apaixonar por um deles. Vai ser tão feliz e vai rir tanto que seus lábios vão doer.

– Lucas... P are. P are, por favor!

– Eu vou ficar muito bem. Estou ótimo aqui. Tenho muitos amigos e acho que vou começar a namorar alguém. Não se preocupe, ela não é uma vadia – menti, mas não me senti um merda por fazer isso. Era a coisa certa. Há mentiras que são indispensáveis. Eu contaria quantas mentiras fosse para garantir a integridade da minha família. P ara garantir a integridade da Mel. – Amei a cidade. Amei meu novo emprego e estou feliz.

Mel

continuou

chorando

e

balançando

a

cabeça

desesperadamente. Não esperei que respondesse. Desconectei a ligação, saí da internet e desliguei o *notebook*. Caminhei até a varanda e me apoiei na barra de proteção. Observei o *Lake Ontario*, uma vastidão escura àquela hora. Em vez de chorar, como achava que faria, sorri. Meu coração se

contentou em saber que aquele beijo proibido significou tanto para ela quanto para mim. Agora, estava na hora de esquecer. Esquecer de verdade, sem anulações, sem me fazer de vítima ou de algoz, sem me esconder pelos cantos. Esquecer do jeito maduro, do modo que escolhi quando decidi libertá-la do nosso passado.

Capítulo 4

É claro que Levi e Heloísa prepararam uma festa de quinze anos para a Mel com tudo o que ela tinha direito. Depois do fracasso que havia sido a noite do meu aniversário naquele bar – em que graças aos céus impedi que a minha querida irmã beijasse um aproveitador qualquer –, fingimos que nada tinha acontecido e nos empenhamos em ajudar nos preparativos. Nunca vi pais tão dispostos a organizar festas quanto os meus. Antes mesmo de nos empolgarmos com a ideia de fazer aniversário, eles já traçavam mil planos. Nenhuma data comemorativa passava em branco.

Minhas mãos já não aguentavam mais prender flores artificiais em pequenas cestas e nem pintar caixinhas de joia de rosa choque. Por um mês completo, Mel e eu nos empenhamos em manter a nossa amizade por meio do grande acontecimento que seria o seu aniversário. Deste modo, as angústias se dissiparam e nos perdoamos completamente pelas palavras rudes trocadas.

Mamãe me procurou em uma noite de terça para conversar comigo sobre a festa. Falou e falou tanta coisa nada a ver que logo

desconfiei de que ela tinha algo importante para dizer, mas não sabia como. Minha mãe sempre foi muito hilária. Acho que ela se esqueceu de envelhecer, pois sua aparência se manteve praticamente a mesma ao longo dos anos; os cabelos crespos armados ainda ficavam soltos, enfeitados por tiaras, fitas ou presilhas floridas. Era o tipo de pessoa que ria por qualquer motivo e nunca conseguia comer doce sem se melar feito criança. Acho que foi isso que fez o meu pai se apaixonar por ela.

—... Então sua irmã disse que tudo bem se houvesse margaridas na estampa dos guardanapos, mas eu não sei, sabe? — Ela estava sentada na minha cama, gesticulando como uma maluca. — Seu pai é muito teimoso, quer porque quer as margaridas. Tentei dizer a ele que...

— Mãe... — Girei a cadeira que ficava diante do meu computador e a olhei de frente. — A senhora está querendo me dizer o quê mesmo? Ela parou as mãos no ar, suspirou e revirou os olhos, fazendo uma pequena mecha de seu cabelo rodopiar. Deu de ombros e brincou com os lábios enquanto pensava sobre o que ia dizer. Era impossível não amá-la.

— Sua irmã quer que você seja o par dela na valsa.

— Ah... — Escorreguei meu corpo ao longo da cadeira, surpreso.

— Achei que fosse convidar um dos “ gatinhos” da escola. — Fiz as aspas com os dedos.

— Mel disse que você é o único garoto que ela conhece que não é idiota.

Obviamente, fiquei envaidecido por saber daquilo. Mas na época eu não conseguia associar direito a vaidade ao amor que já se enraizava dentro de mim. Apenas sorri despretensiosamente, achando o máximo ela realmente ter se esquecido da nossa primeira discussão.

– Sem problemas, mãe. Por mim, tudo bem. – Ela fez uma expressão bem esquisita. – O que foi, por que a senhora está me olhando assim?

– O problema é que você vai precisar usar isso. – Mamãe me ofereceu um papel ofício dobrado. Fiz uma careta e o desdobrei. Era o desenho de um modelo masculino usando roupas esquisitas. – Não sei se você vai querer...

– Que porra é... Ops! Que tipo de roupa é essa, mãe? – Sou desses que se envergonham quando falam palavrões na frente da família. No meu caso, só na frente da mamãe e da Mel, pois costumava assistir e jogar futebol com meu pai e é meio impossível fazer isso sem falar palavrão. Nem ele, que é tão correto, consegue.

– É uma roupa de príncipe.

Olhei-a com a testa franzida. Logo em seguida, analisei o desenho. A camisa era branca e de manga comprida, com detalhes azuis na gola e nos pulsos. Tinha ombreiras e algumas tiras douradas saíam delas. Havia duas fileiras de botões dourados na frente, e o tecido da parte de trás era aparentemente maior, formando tipo uma cauda. A calça era do mesmo azul dos detalhes da camisa. O visual encerrava com uma bota preta de cano

comprido. Aliás, achei que encerrasse ali, mas ainda tinha uma boina azul com uma pena branca saindo na lateral dela. A coisa mais ridícula que eu já vi na vida.

– Quem em sã consciência usaria algo assim?

Heloísa, como sempre Heloísa, começou a rir do nada. Riu tanto que começou a sair lágrimas de seus olhos, até que parou mais de repente ainda e roubou o papel das minhas mãos.

– A ideia foi minha e a Mel adorou. É pra combinar com o vestido dela, vai ficar lindo! Essa festa vai ser um conto de fadas! – Mamãe piscou os olhos de um jeito sonhador. Por um instante, compreendi que ela estava se realizando por meio da Mel e não seria eu que destruiria tudo.

– Sei que vou me arrepender amargamente, mas... Certo, eu uso essa coisa aí.

Minha mãe se levantou em um pulo e tascou um beijo apertado na minha bochecha, fazendo-me rir. Às vezes eu não sabia definir quem era a adolescente daquela casa. Lembrar-me da minha mãe sempre me traz boas risadas. É isso o que ela representa para mim: alegria pura.

Recisei frequentar a costureira por três vezes. Ela tirou as minhas medidas corretamente, mas foi difícil deixar tudo no lugar certo. A calça era colada demais, a camisa precisava estar no tamanho certo, minhas costas são muito largas e mamãe quase pirou quando a roupa finalmente ficou pronta. No dia da festa, passei alguns minutos diante do espelho, sentindo-me um completo idiota. Papai foi o primeiro a rir quando foi me

chamar no quarto a fim de me alertar de que já estávamos indo.

Creio que foi naquele instante que me dei conta de que eu era capaz de fazer mais coisas pela Mel do que imaginava. Aliás, a segunda pessoa a rir da minha cara foi ela. Quando nos encontramos no corredor, e eu quase enfartei ao vê-la linda em um vestidinho branco com detalhes cor-de-rosa, a maluca quase não conseguiu falar de tanto que gargalhou.

– Ficou hilário!

– Hilário? Isso está uma verdadeira porcaria. Tem tecido grudado no meu traseiro!

– Não exagera! – Continuou gargalhando alto e passou por mim deixando um rastro de perfume delicioso.

Quando chegamos ao salão de festas, tudo fez mais sentido. O lugar estava todo decorado como se estivéssemos dentro de um sonho da mamãe ou algo da espécie. Comecei a não me sentir um peixe fora d' água, afinal, localizei as quatorze damas vestidas de princesa e os quatorze príncipes, que vestiam roupas menos “ sofisticadas” que a minha, porém não deixavam de ser príncipes. Não deixei de notar também que as amigas da Mel não paravam de olhar para mim. Fiquei bastante envergonhado, sem saber direito o que pensar, mas depois me distrai com alguns familiares e relaxei de vez.

Não me recordo de muita coisa daquela noite, exceto de um momento em específico: a hora da valsa. Fui solicitado para permanecer no centro do salão, enquanto todos os convidados ficaram ao redor,

acompanhando o que aconteceria. Mamãe me obrigou a usar a maldita boina – fiz questão de passar a noite inteira tentando esquecer que ela existia – e quase implorou para que eu não pisasse no vestido da Mel. Não consegui entender nada, pois o vestido dela era na altura dos joelhos, mas logo descobri do que mamãe estava falando. Uma rosa vermelha foi colocada na minha mão.

Quando as luzes se apagaram e apenas um círculo luminoso acendeu no início de um longo tapete vermelho disposto bem na minha frente – e eu nem tinha reparado nele antes –, o meu mundo virou de cabeça para baixo de uma vez por todas. Mel estava lá, no princípio de tudo, trajando um vestido azul-marinho espetacular. Ele não tinha alças e modelava seu corpo divinamente até a cintura. Depois, abria-se como uma rosa, perdendo-se em um jogo de tecidos contorcidos e com detalhes brilhantes que mais pareciam estrelas. Seus cabelos compridos estavam trançados lateralmente e amarrados por pequenas tiras que brilhavam. Ela deu alguns passos na minha direção e o meu coração começou a bater forte. Meu queixo deve ter caído no chão quando seus olhos atingiram os meus como dois projéteis fatais. Depois que me viu, Mel parou de sorrir e não olhou mais para lugar algum. Seguiu lentamente, como uma verdadeira princesa, enquanto todos em nosso redor a observava encantados. Entretanto, creio que ninguém se encantou mais do que eu. Quase não suportei o peso que era sustentar um olhar tão meigo, tão singelo.

Mel se aproximou de mim e eu não soube o que fazer. Minha atenção estava presa na sua boca pintada de carmim, depois em seu decote indiscretamente discreto e, por fim, voltaram para seus olhos escuros.

Retirei de perto deles uma parte da franja escorrida que lhe devia estar atrapalhando a visão.

Ainda bastante perdido, ofereci-lhe a rosa. Mel a pegou e cheirou, depois sorriu. Do nada, todo mundo começou a aplaudir. Levei um pequeno susto, pois na minha cabeça não existia mais ninguém no mundo além de nós. P parecia que estávamos em um desenho animado, sei lá. A versão original da canção de *A Bela e a Fera* começou a ser tocada – com certeza havia sido ideia da mamãe – e só então acordei do transe de uma vez. Ofereci minha mão a ela e a levei até o centro do salão. P uxei-lhe pela cintura com mais empolgação do que pretendia demonstrar e inspirei o cheiro bom que emanava dela. Mel segurou o meu ombro com força e nossas mãos erguidas se entrelaçaram.

Começamos a nos balançar lentamente. Tentei tomar cuidado para não pisar no vestido dela, mas não sei dizer como consegui, pois minha mente estava seguindo por direções opostas a qualquer realidade.

Mel ainda sorria e me olhava fixamente. Só consegui ficar sério, analisando os contornos de seu rosto. A mão dela começou a suar sobre a minha, mas não ousei soltá-la durante um tempo.

Quando percebi que a situação só fazia piorar – Mel estava deixando nossas mãos ensopadas –, larguei-a devagar e segurei seu queixo.

Ela parou de rir. Fechei os olhos e, lentamente, beijei a ponta de seu nariz. Foi o tempo exato em que a primeira valsa terminou e os quatorze casais foram chamados para prosseguir. Meu pai se aproximou e roubou a Mel dos meus braços, alertando que era a vez dele. Fiquei plantado no meio do salão, sem saber para onde ir, até ouvir a minha mãe me chamando para dançar a segunda valsa com ela.

Meu nível de confusão atingiu um limite muito elevado naquela noite. Lembro-me de ter chegado ao nosso apartamento quando o dia estava prestes a amanhecer, mas mesmo assim não consegui dormir. Fiquei maquinando mil coisas, tentando achar uma justificativa, um motivo qualquer para tentar explicar o que havia sido aquilo.

Os dias que se seguiram foram muito esquisitos. Já não conseguia ficar tranquilo na presença da Mel. Não conseguia me concentrar direito no que ela falava e não encontrava palavras para respondê-la. P assei a me arrumar mais do que o normal, deixando minha barba sempre feita, o cabelo sempre penteado e o desodorante dentro da validade, mesmo estando em casa. Mantive-me sempre vestido, parando de vez de andar sem camisa, principalmente quando sabia que ela estava por perto.

Meu comportamento se modificou tanto que tudo passou a me assustar. Mel percebia a minha mudança e me perguntava constantemente se alguma coisa tinha acontecido, porém eu sempre negava. Tentando justificar minha atitude dispersa, tive a grande ideia de ingressar em um curso intensivo de uma especialização na minha área. Minhas noites foram

devidamente ocupadas com o estudo, sobrando apenas os fins de semana para tentar contornar a situação com a minha irmã – fazer aquilo todo dia era mais cansativo do que sair do trabalho para encarar um curso.

Aquele distanciamento paliativo me ajudou durante meses, até que o Natal chegou e a nossa casa se tornou um lugar mágico. Havia luzes em toda parte do apartamento, bem como enfeites de várias qualidades. Começamos a montar os kits para as doações. As crianças do Lar Terezinha de Jesus eram sempre atendidas por nós. As missas foram frequentadas, os corais foram assistidos e os presentes, trocados.

Depois que chegamos da ceia na casa da vovó Nina, mãe do papai, sentamos ao redor da árvore de Natal imensa, que todo ano era montada na nossa sala, e começamos a cantar animadamente músicas natalinas enquanto usávamos gorros de Papai Noel. Fazia parte da nossa rotina em família. Naquele ano, no entanto, meus pais se recolheram para dormir e a Mel ainda estava muito elétrica, por isso prometi que ficaria em sua companhia até que sentisse sono.

Permanecemos sentados de forma despojada diante da árvore.

– Eu queria te dar um presente, Luquinhas!

– Você sabe que não aceito presentes de natal desde os dez anos. – Minha última carta ao Papai Noel foi escrita no ano em que fui adotado. Escrevi para ele que não desejaria ganhar mais nenhum presente, afinal, aquela família já era mais do que eu tinha pedido. Desde então, não deixava ninguém me presentear no natal. Não achava justo.

– Ah, mas... – Mel se inclinou e buscou uma caixa enfeitada perdida embaixo da árvore. – Achei isso tão bonitinho. Você precisa aceitar. Deixe em seu quarto.

Ela me entregou a caixa e passei alguns segundos reparando o embrulho enrolado com uma fita verde. Suspirei e abri o presente devagar. Só percebi que minhas mãos tremiam quando um porta-retrato foi revelado. Tinha uma moldura em forma de coração e a descrição “ *friends forever*” ao redor. A foto que a Mel escolheu foi da festa de quinze anos. O fotógrafo capturou o instante exato em que beijei seu nariz. Sinceramente, a descrição “ amigos para sempre” nada combinou com o retrato. Parecia até ironia.

– Obrigado – murmurei.

– Gostou?

– Gostei muito. Obrigado. – Guardei o porta-retrato de volta para a caixa. – Você gostou do seu? – perguntei, tentando desviar o assunto.

Mel atirou suas mãos para frente, mostrando o anel que lhe dei.

Era uma peça bem singela. Tinha a circunferência fina e um único ponto de luz no centro. Era feito de ouro branco. Achei a cara da minha irmã.

– Amei, maninho! Agora, podemos dormir?

– Ué, já está com sono?

Ela ficou de quatro para beijar minha bochecha.

– Só queria te entregar o presente sem plateia. Boa noite!

– Boa noite...

Mel se levantou e sumiu pelo corredor após a sala. P assei um minuto completo acompanhando os pisca-piscas da árvore se movimentando em diversos ritmos. Depois, decidi ir dormir também. P assando pelo corredor, percebi a porta do quarto dela um pouco aberta. Não sei o que me deu, mas fiz minha cabeça atravessar a porta e tive o vislumbre da imagem nítida da Mel completamente despida, de costas para mim.

Eu devia ter recuado o mais depressa possível, mas fui congelado onde estava. Mel amarrou seus cabelos com um elástico. O movimento que eles fizeram, bailando em suas costas, fez-me abrir a boca. Minha irmã se inclinou para vestir uma calcinha mínima, passando uma perna de cada vez, bem devagar. Depois, vestiu a camisola de algodão de sempre.

Antes que ela me percebesse ali e começasse a gritar – então a confusão estaria generalizada –, finalmente encontrei forças para recuar. Corri até o meu quarto e passei direto para o meu banheiro. Não precisava, mas mesmo assim conferi a minha bermuda. Foi a primeira ereção que tive por causa dela.

Capítulo 5

Saber que não havia passado por um grande período de ilusão me fez reagir. Mel foi o primeiro e único amor que conheci de verdade na minha vida – apesar de eu ter demorado bastante a entender ou aceitar –, por isso compreender que tudo não havia sido coisa da minha cabeça foi um alívio,

mesmo que meu corpo inteiro doesse, que a preocupação se ampliasse a níveis insuportáveis, que eu soubesse que não poderia voltar para casa enquanto ela não superasse.

Pensar desta forma faz parte do lado egoísta que toda paixão possui; não tenho culpa se uma pessoa que ama almeja ser amada da mesma forma. Ou tenho, afinal, a Mel não é qualquer pessoa, é a minha irmã mais nova, e eu devia querer o seu melhor, que com certeza não é passar por isso. Seria um milhão de vezes mais fácil se a Mel jamais tivesse sentido nada, se aquela loucura permanecesse apenas dentro da minha cabeça, se o carma fosse só meu. Seria menos complicado e mais prático, pois eu, um homem feito, aprenderia a lidar sozinho sem prejudicá-la.

Como havia prometido a mim mesmo, passei a sair com os colegas de trabalho, então Toronto, de repente, deixou de ser um lugar tão frio e triste. Não que eu tivesse deixado de me sentar no gramado do *High Park* com o único propósito de lamentar o amor impossível que consumia meu espírito, mas diminuir o tempo que eu passava sozinho foi de grande ajuda. Conheci lugares novos, fiz pequenas viagens nos fins de semana, enfim, tentei voltar a sorrir.

Dentro do meu peito habitava a certeza de que a Mel ficaria bem sem mim. Sabia que ela ouviria meu último conselho, minha irmã sempre foi inteligente, compreenderia o que estava se passando conosco, e viveria sua vida como a adolescente maravilhosa que é. Contando com a ótima educação que os nossos pais oferecem, somado ao carinho que sempre

proporcionam, não havia como dar errado.

Realmente tentei me despreocupar e deixei o tempo passar, só ele poderia fazer alguma coisa de útil com a gente. Quando somos adolescentes, tudo parece doer mais, porém as mágoas vão embora com bastante facilidade. Depois de um tempo, Mel esqueceria as partes confusas e estaria pronta para ter o irmão mais velho de volta. Contudo, eu precisava da certeza de que ela havia superado, portanto não pretendia voltar para casa até que a minha irmã estivesse engrenada em um relacionamento com outra pessoa. Sei que eu morreria mil mortes, mas vê-la feliz ao lado de alguém era o que me bastava.

Meu amor jamais acabaria, mas poderia usar a distância para transformá-lo em algo menos destrutivo para nós dois. O objetivo nunca foi deixar de amá-la – como não amar a minha própria irmã? –, mas esquecer que a desejei de um jeito que não devia. Sobretudo, esquecer aquele único beijo. Constantemente, fechava meus olhos e podia sentir seus lábios pequenos sobre os meus. Era um martírio toda vez que acontecia – ainda não acreditava que fui capaz de ir tão longe –, mas me mantive positivo. Aquela angústia um dia teria fim e eu voltaria para a minha família. Depois que tive a ousadia de ver a Mel nua e não me afastar – pior, ainda tive a capacidade de ficar excitado –, comecei a ser assombrado pelos

sonhos. Em todos eles eu tinha a minha irmã despida na minha cama, e contracenávamos atos sexuais de toda qualidade. Acordava todo suado, excitado e muito desesperado. Aqueles sonhos me deixavam louco.

Lembro-me de uma vez ter acordado muito enjoado, tudo porque não suportei o nível erótico do sonho daquela noite.

Claro que o meu relacionamento com ela ficou uma porcaria.

P assava o dia inteiro tentando me desviar da Mel, inventando planos e mais planos para ficar longe de casa. Ela me cobrava muito que eu ficasse por perto, às vezes eu tinha dó – saudade também – e a levava ao cinema ou ao teatro, enfim, evitei ao máximo ficar sozinho com ela dentro de nossos quartos, como fazíamos antes. Os locais públicos eram mais seguros para a gente.

Certo dia, depois de trabalhar, ir ao curso e chegar ao nosso apartamento supertarde, encontrei a Mel na cozinha, esquentando leite em uma panela diminuta. Ela vestia apenas uma calcinha com as abas largas e uma blusa colada, que deixava acentuadas as pontas de seus seios

pequenos. Ela falou um monte de coisas comigo, mas não prestei atenção em

absolutamente nada. Corri para o meu quarto a fim de esconder mais uma ereção.

Naquela noite, chorei de ódio de mim mesmo. Não podia

acreditar que aquelas coisas estavam acontecendo comigo. Não aceitava. Fiquei imerso numa fase de negação que me deixou pirado por longos meses. A ideia de que eu estava desejando sexualmente a minha irmã me perturbou tanto que comecei a beber em excesso. Depois do curso, ia a um bar e só saía de lá quando tivesse certeza de que chegaria a casa e dormiria um sono pesado sem sonhos.

Tentei esconder dos meus pais o fato de estar bebendo todos

os dias, mas claro que eles descobriram rapidamente. Minhas roupas fediam,

bem como o meu quarto, e meu estado de embriaguez os assustava muito quando eu chegava. Comecei a levar muitas broncas, inclusive da própria Mel, que se chateou demais com o meu novo comportamento boêmio.

Perceber o quanto decepcionava a minha família por causa daquela saída emergencial deprimente me deixou ainda pior.

Larguei a bebida, mas precisava de outra coisa que me fizesse

parar de pensar besteira. Era muito difícil conviver com a minha irmã

temendo me excitar com sua presença a todo instante. Foi por isso que,

ainda na fase total de negação, culpei a falta de sexo. Andei ignorando

muitas mulheres e passando meses sem transar com ninguém, por isso era óbvio que o meu corpo estivesse necessitado.

Com o intuito de ocupar a minha mente, e o meu corpo, parei de

ignorar uma colega de trabalho que sempre me dava sinal verde.
Começamos

a namorar em maio daquele ano. Transávamos muito, eu particularmente queria o tempo todo, foi um relacionamento louco baseado a sexo. Nunca havia tido um daquele, mas não queria que acabasse, pois estava funcionando. Foi por causa disso que apresentei a Graziela à minha família. Ela estava me cobrando algo “ menos sexual” para que pudéssemos engrenar um relacionamento de verdade.

Não cheguei a amá-la – sinceramente, sequer gostava dela –, mas a mulher tinha curvas sensacionais e topava tudo na cama. Mel a detestou logo de cara e não foi capaz de esconder isso de ninguém, nem mesmo da própria Graziela. Não me importei nem por um segundo, pois desde que comecei a namorar, fiquei livre para voltar a ser o que era antes com a Mel. Nosso relacionamento voltou a ficar íntimo. Conversava com ela normalmente e todos os dias, como nos velhos tempos. Isso me deixou tão feliz! Ter superado aquela fase estranha foi um alívio enorme, mesmo que para isso eu tivesse que estar constantemente exausto por conta dos momentos luxuriosos com a Graziela.

Eu devia ter adivinhado que namorar outra pessoa era somente

mais uma saída emergencial tão deprimente quanto beber. O maior problema

foi que a Graziela passou a exigir sempre mais de mim. Começou a me chamar

de amor, a dizer que me amava e, claro, a querer uma resposta à altura. Uma resposta que nunca fui capaz de lhe dar. Meu distanciamento quando o assunto era amor fez a Graziela se irritar de verdade e desistir de mim.

Nosso namoro terminou no mês de setembro, tão rápido quanto começou.

Lembro-me de ter chegado a casa mais cedo naquela noite de sexta.

Fui direto para o quarto da Mel. Ela estava ouvindo música deitada na cama confortavelmente, e se assustou quando me percebeu ali, sentando-se em um

pulo.

– Já voltou? Você não ia sair com a Grazi? – ela pronunciava o nome

da minha ex de um jeito bem engraçado. Eu ria toda vez, mas daquela fiquei

bastante sério. O que eu mais temia era não conseguir continuar íntimo da Mel. Morria de medo de que as estranhezas voltassem a acontecer, e então eu não teria outra saída além de ir embora daquela casa.

– Nós terminamos... – Aproximei-me calmamente e me sentei na cadeira cor-de-rosa em frente à penteadeira dela.

Achei que a Mel fosse dizer que sentia muito, mas a maluca abriu um

sorriso largo.

– Aleluia! – berrou e se atirou em mim. A cadeira caiu para trás e nos estatelamos no chão. Terminamos doloridos, rindo de nós mesmos até doer nossas barrigas. Permanecemos no chão mesmo durante um tempo. Mel me olhava com ar de orgulho. – Finalmente você se livrou daquela moçoira.

– Na verdade, foi ela quem terminou.

– Sério? – Mel fez uma careta engraçada. – Oh, não, você está sofrendo? Desculpa! É que foi a melhor notícia que recebi neste ano.

– Não estou sofrendo. – Dei de ombros.

É que agora eu não sei mais o que fazer para não voltar a querer que você seja minha, cheguei a pensar, mas obviamente não externei o meu grande problema.

– Você nunca gostou dela, né? Grazi não faz o seu tipo, sei disso.

– Tanto faz.

Mel virou de bruços no chão só para me encarar de perto. Nunca conversávamos sobre o meu namoro. Aliás, pouco era conversado sobre a minha vida social. Eu preferia mil vezes falar sobre ela, e a minha irmã sempre tinha o que dizer. Quando começava a me fazer perguntas difíceis, eu

fazia outra qualquer e depois ela se esquecia de voltar a me pôr na berlinda.

– Tanto faz? Você passou quanto tempo com ela? Seis meses?

– Quatro. Sei lá.

– Nossa, me pareceu muito mais. Foi uma eternidade. – Arfou. –

Enfim, passou quatro meses com uma pessoa e tanto faz pra você? O que há de errado com os homens?

– Era só... diversão – usei uma palavra mais amena.

Mel se levantou, sentando-se no chão e me olhando de um jeito decepcionado.

– Não achei que você fosse desses. Namorar alguém por causa do sexo. Que coisa feia, Lucas.

– Não me orgulho disso. Podemos mudar de assunto agora? – Cruzei as mãos sob minha cabeça, apoiando-a.

– Nem pensar. É a primeira vez que você fala sobre sexo comigo, tenho que aproveitar.

– Não estou falando sobre sexo contigo. – Fiz uma careta e decidi ser o momento certo para usar a minha estratégia radical de mudança de assunto. – Como está aquele carinha? O... Sei lá quem.

– O Thiago?

– O otário que te levou ao cinema e não pagou nem a sua pipoca.

– Argh. Não quero nem olhar para a cara dele. Eu não tenho sorte mesmo... Quando digo que vou morrer B. V. você não acredita. – Riu

sozinha, dando um tapa na própria testa. – Vou fazer dezesseis anos e não há

um cara decente que esteja disposto a me beijar! Que saco! Minhas amigas já estão começando a perder a virgindade. A virgindade, Luquinhas! –

Pareceu bem indignada. – Caramba, eu estou muito atrasada. O que há de errado comigo?

– Não há nada de errado com você. Tudo tem seu tempo.

– Desse jeito vou perder a virgindade aos noventa anos! –

Continuou rindo.

Apoiei meus cotovelos no chão, alarmado. Mel estava preocupada com perder a virgindade? Mas, já? Não achei que ela pensasse em sexo. Era muito nova para isso. Tudo bem se preocupar em dar o primeiro beijo, mas a

primeira vez dela só devia acontecer dali a... Sei lá, noventa anos.

– Você já terminou de ler o quinto livro de *Guerra dos Tronos*? –

perguntei, usando minha estratégia mais uma vez. Mel, como sempre, não percebeu e então passamos a falar sobre livros.

Naquela noite eu tive o sonho mais perturbado de toda a minha vida.

Mel entrava no meu quarto durante a madrugada e se aninhava em meus lençóis, aconchegando-se em meus braços. Apenas isso. O simples fato de tê-la perto me levava ao desespero, mas era tão bom que eu não podia

calcular o nível das emoções que circulavam dentro de mim. Sem nada pensar, eu a abraçava com força, murmurando baixo que nunca mais a deixaria.

Pensei que tivesse sido um sonho quando acordei e, inexplicavelmente, Mel estava afundada sob o meu corpo. Afastei-me depressa, angustiado, achando que havia chegado bêbado e feito a maior merda que já fiz na vida. Desesperado, quase arranquei meus cabelos. Esfreguei meus olhos mais de trezentas vezes para ter certeza de que, sim, minha irmã mais nova estava mesmo na minha cama, coberta com os meus lençóis, mas com uma única perna exposta.

Ouvi pequenas batidas na porta e a mamãe entrou no meu quarto com um cesto grande em mãos. Ela trocava nossas roupas de cama em todas as manhãs de sábado, colocando as sujas na máquina de lavar. Heloísa olhou para a Mel, que ainda estava adormecida, e pareceu entrar em choque.

Depois, olhou para mim sem entender, buscando respostas imediatas por meio de uma expressão confusa de tirar o fôlego.

– O que... aconteceu aqui?

Eu não fazia ideia do que tinha acontecido, mas precisava pensar rápido e, mais do que isso, responder com calma de forma que não parecesse

uma mentira.

– Mel teve pesadelo... – sussurrei de um jeito fraco que nem eu mesmo escutei. Sabia que tinha assinado o meu atestado de óbito, mas não me dei por vencido. Olhei seriamente para a mamãe e repeti com mais firmeza: – Mel

teve um pesadelo na noite passada.

Heloísa olhou para a filha, que já se remexia, acordando lentamente.

Ela abriu os olhos, sobressaltada, e se sentou na cama em um pulo. Olhou para mim, depois para a mamãe, creio que finalmente entendendo o que se passava.

– Mel, eu não quero que durma com o seu irmão – mamãe falou com a voz comedida, fingindo normalidade enquanto recolhia os lençóis soltos. – Quando tiver um pesadelo, procure seus pais. Vocês estão me compreendendo, não é?

– Sim, mãe, desculpa – Mel respondeu com a voz chorosa, tipicamente infantil, e se levantou para que a mamãe pudesse trocar a roupa de cama. Começamos a ajudá-la no processo. Eu, particularmente, estava morto de tanta vergonha.

Heloísa deu uma última olhada em nós e nada mais falou. Achei que a Mel fosse voltar para o seu quarto, mas voltou a se deitar na minha cama como se a mamãe nada tivesse falado. Fiquei meio sem saber o que fazer, por

isso me sentei na cadeira giratória do computador e o liguei. Nossa mãe foi embora depois de um minuto de puro silêncio.

Girei a cadeira na direção da Mel.

– O que deu na sua cabeça? – perguntei em um rosnado. – Ficou maluca?

– Hã? O que eu fiz?

Suspirei longamente e passei as mãos pelos meus cabelos, tentando me acalmar.

– O que raios você estava fazendo na minha cama?

– Dormindo, oras. O que mais acha que eu estava fazendo? – Mel se cobriu com o lençol novo.

– Sim, mas... Por quê?

– Você disse que eu podia ficar aqui, Luquinhas, esqueceu? – Mel bocejou despreocupadamente. Ainda não estava compreendendo o problema da situação. Ou se estava, ignorava totalmente.

– Sinceramente, esqueci. Levei um susto...

Minha irmã riu, mas permaneci muito sério, encarando-a com desconcerto.

– Então você falou dormindo. – Continuou rindo, obrigando-me a observar demais seu rosto amassado recém-desperto expressando uma

alegria infantil muito comovente. – Cheguei aqui dizendo que não estava conseguindo dormir... Queria companhia, mas você me abraçou e disse que não me deixaria. Depois voltou a dormir e do nada fiquei com sono também.

Balancei a cabeça, atônito.

– Não faz mais isso, tudo bem? – O sorriso da Mel foi embora. Ela nada respondeu. Ficou me analisando fixamente, tentando desvendar alguma coisa dentro dos meus olhos.

– Eu me sinto protegida quando estou contigo – sussurrou, por fim.

Sua voz veio acompanhada de uma chama capaz de me esquentar por inteiro.

– Você sempre achou que essa família foi um presente para você, mas você que foi e ainda é um presente para a família, Luquinhas.

Nada consegui responder. Meus olhos marejaram de emoção. Sempre me emociono quando me sinto amado, quando percebo que as pessoas ao meu redor estão satisfeitas em me terem por perto.

– Fala alguma coisa... – Mel se sentou devagar e engatinhou pela cama até chegar bem perto de mim. Seus cabelos assanhados caíam em ondas

fartas, trazendo-lhe um ar selvagem impressionante.

– Não sei bem o que dizer. Todos vocês são muito especiais para mim,

eu... me sinto feliz e amado.

– Você não é somente o meu irmão, é o meu melhor amigo. P posso te falar qualquer coisa que sei que vai entender. P posso contar contigo pra tudo. P posso agir como uma idiota, mas você não liga... P posso ser eu quando

estou contigo, e não tenho medo de me revelar porque sei que você vai me amar mesmo assim. – Ela sorriu, mas seus olhos escuros também começavam

a marejar. – Ontem à noite levei o que você disse muito a sério. E eu me senti tão feliz que adormeci sorrindo. Mesmo que todas as minhas amigas desapareçam, mesmo que nenhum cara queira me beijar, sei que vou te ter comigo. P romete que nunca vai me deixar, maninho? De verdade?

Quase abri a boca para falar que ela estava muito enganada, que havia um cara que queria beijá-la como nunca tinha beijado alguém na vida. Mas era tão louco entender que meus esforços de nada adiantaram. Meus sentimentos pela Mel, adormecidos pelos momentos de luxúria que me forcei a vivenciar, acordaram depois de um período de hibernação muito cômodo. Naquele momento, saí da fase de negação. Admiti o inadmissível e,

junto com aquela confissão pecadora, veio a responsabilidade de nunca prejudicá-la por causa do meu pecado.

Uma lágrima escorreu pelo rosto dela enquanto esperava uma resposta.

– Não vou te deixar nunca, Mel.

Mas eu a deixei, porque o meu amor por ela é mais forte do que a minha vontade de tê-la para mim.

Capítulo 6

Passei aquele sábado inteiro trancado no meu quarto sem deixar a Mel invadi-lo. Falei que precisava adiantar os meus estudos, e ela, sempre preocupada com o que eu faço, me deixou quieto. A certeza de que o amor havia tomado conta do meu coração preencheu meus sentidos como um veneno mortal. Não podia acreditar que estava apaixonado pela minha irmã mais nova, porém não conseguiria mais permanecer na negação; fugir do problema só tinha me causado mais problemas.

Por incrível que pareça, depois que parei de negar e passei a admitir a mim mesmo que a merda se espalhara no ventilador, tudo fez mais sentido.

As crises de ciúme, as palpitações, as borboletas no estômago, os momentos de proteção e cuidado, as carícias... Todas as coisas que tinham a ver com a Mel não me deixavam ser um cara normal. Eu a amava há tanto tempo que mal conseguia me lembrar. Talvez tenha a amado mesmo quando

não fazia ideia do que era o amor; e de fato foi ela quem me apresentou a ele.

Aos vinte e seis anos, um homem como eu devia ter vergonha na cara ao confessar tal absurdo, e eu tinha muita vergonha de mim o tempo todo, porém percebi que seria mais homem se admitisse do que se continuasse inventando explicações que sequer faziam sentido. Finalmente, depois de compreender a real situação, pude raciocinar com mais clareza. Havia caído em pecado, sim, um amor platônico existia no meu peito, sim, porém meus erros não podiam – e nem iam – afetar a Mel.

O sentimento, a vergonha, a dor, o sofrimento deviam pertencer apenas a mim. Como pessoa madura que eu deveria ser, era a minha responsabilidade lidar com aquilo da melhor forma possível. Minha irmã não podia ficar sem o seu irmão, sem o seu melhor amigo, só porque o otário tinha caído na besteira de se apaixonar por ela. Eu não me comportaria como mais um babaca que passava por sua vida levando apenas decepção. Precisava me controlar, agir com naturalidade, dar meu total apoio a ela até que aquela loucura cessasse.

Apesar de meus pais terem se apaixonado em um piscar de olhos e não conseguirem viver um sem o outro após dezesseis anos mais juntos do que nunca, formando uma ideia fixa dentro de mim de que todo amor é

eterno, tinha fé de que aquele um dia teria fim. Era desesperador ir de encontro ao que sempre acreditei, mas minha única saída foi duvidar. Sempre achei que quando eu me apaixonasse de verdade por alguém, seria como os meus pais: rápido, intenso, avassalador, um sentimento capaz de me fazer mudar da água para o vinho e ter vontade de me casar no outro dia.

Não era assim que eu me sentia.

A ideia de casar com minha própria irmã me dava náuseas. Nenhuma Lei permitiria tal absurdo, a não ser que eu renegasse o nome da família que havia me recebido com os braços abertos e um sorriso imenso no rosto, e isso me causaria tanta dor no peito que era insuportável só de pensar. Jamais deixaria a minha família, nunca decepcionaria os meus pais em nenhum sentido, nem mesmo por mim, nem mesmo pela Mel ou por aquele amor incestuoso.

Desde que fui adotado, o meu objetivo de vida sempre foi ser o filho perfeito para o Levi e para a Heloísa. Não que eles tenham me obrigado a ser assim – longe deles fazer qualquer coisa que estivesse distante da minha vontade –, mas eu *queria* ser assim e fiz o possível para lhes trazer orgulho, para ser o motivo de mais sorrisos, um alicerce dentro daquela casa. Os meus esforços não podiam ter sido em vão e não seriam. Levi e

Heloísa mereciam o melhor de mim e era exatamente isso o que teriam até o

o fim da minha vida.

Sendo assim, prometi que cuidaria da Mel como sempre fiz, defenderia minha irmã de todos, inclusive de mim mesmo. Não mediria esforços para deixá-la confortável, para fazê-la feliz e finalmente viver seus momentos adolescentes, incluindo o primeiro beijo e, por que não, a primeira vez. Ela tinha mais era que sair com suas amigas, paquerar os garotos de sua idade e ser uma garota normal que desabrocha devagar, dando lugar a uma mulher sensível, inteligente e bem sucedida. Era o meu dever como irmão mais velho garantir que ela passasse por todas as fases de forma saudável.

Naquele domingo, no entanto, meu pai me surpreendeu após a nossa pelada com os colegas, primos e amigos advogados. Propôs que fôssemos a um restaurante almoçar juntos, alegando que queria ter mais tempo a sós comigo, como nos velhos tempos. Achei um pouco estranho, mas não hesitei. Meu pai era o meu melhor amigo, a pessoa que eu mais confiava no mundo. Meu tempo em casa foi tão reduzido que quase não sobrava um minuto para conversar com o meu velho.

Levi sempre foi um homem muito inteligente e sutil; com seu jeito de advogado renomado e uma sensibilidade fora do comum, fazia amizade

com facilidade e era capaz de encantar todos que o conheciam. Eu sempre fui

fascinado pelo meu pai. Olhava para ele da mesma forma como o garoto de nove anos de outrora o olhava; maravilhado. A minha maior felicidade era ser o filho que o seu bom coração escolheu. Não podia haver maior honra do que essa.

Depois de dezesseis longos anos e de eu ter ficado maior do que ele, o cara ainda era o meu porto seguro. Eu não tinha a mínima vergonha de chegar a lugar algum abraçado com ele, por isso foi desta forma que chegamos ao restaurante. Ele me deu um tapa divertido na cabeça quando eu me sentei à mesa, e rimos um pouco antes de o garçom chegar com o cardápio.

Fizemos os nossos pedidos e depois nos olhamos frente a frente. Ele sorria, mas depois seus olhos verdes como os meus foram escurecendo conforme o sorriso ia embora. Prendi os lábios e comecei a olhá-lo como se sentisse dor, minha máscara alegre caindo aos poucos diante dele. Levi parecia descobrir absolutamente tudo sobre mim apenas me olhando, acho que por isso ele prendeu os lábios também e tocou na minha mão sobre a mesa.

– O que há contigo, campeão? – perguntou em um murmúrio, parecendo sofrer junto comigo mesmo sem saber do que se tratava. Aquele

era o meu pai. – Está sempre ocupado, distante, com olhos vazios... Faz tempo que anda assim. Quando você vai me dizer qual é o bicho que está te mordendo?

Assoprei todo o ar que tinha em meus pulmões. Aprumei meu corpo na cadeira e desviei os olhos, analisando minuciosamente o portaguardanapo. De uma coisa eu tinha certeza: não podia dizer a verdade ao meu pai. Ele se chocaria demais. A preocupação e decepção seriam tão grandes que eu não conseguiria lidar. Seria muito para mim. Infelizmente, minha única saída era mentir para a pessoa que me ensinou que jamais deveríamos mentir para quem amamos, e que por sinal também era uma das pessoas que eu mais amava no mundo.

– Eu não sei. Acho que é uma fase difícil – encontrei palavras que não eram mentirosas. Levi endureceu o olhar.

– Uma fase que dura, sei lá, anos? Lucas, meu filho, o que há de tão errado? Parece infeliz. É o seu emprego? Não era o que queria, é isso? Você

sabe que pode recomeçar quantas vezes quiser. Você é jovem e inteligente. Sua família vai te apoiar.

– O senhor sabe o quanto sempre quis ser um advogado. Estou satisfeito com minha carreira, com meu emprego... Está tudo certo, pai, não há com que se preocupar.

O garçom chegou com uma garrafa de cerveja dentro de um isolador térmico. Servimo-nos, brindamos e tomamos goles fartos. Depois de várias partidas de futebol, nossos corpos agradeciam o líquido que sempre foi preferência nacional. Eu agradecia muito aos céus por ter um pai com pique para me acompanhar tanto nos jogos quanto na loira gelada.

– Você tem que parar com isso – ele falou com um sorriso fraco estampado em seu rosto, que havia ganhado algumas rugas. – Essa sua mania de me proteger das suas frustrações não vai colar. Eu sou seu pai, sou eu que tenho que te proteger das suas próprias frustrações.

– O senhor já fez muito por mim. Aliás, já faz tudo por mim. – Sorri e ele me acompanhou. P odia ver que o jeito como ele me olhava também não tinha mudado. O orgulho estava bem ali, evidente, e eu me regozijava com isso. – Falo sério, pai, é só uma fase esquisita. Tudo aconteceu rápido demais na minha vida, estou em transição. Descobri que ser adulto não é tão fácil assim.

– Compreendo. Não é fácil mesmo. P romete que é só isso?

– P rometo.

Fizemos outro brinde silencioso e tomamos mais da nossa cerveja.

P apai passou as mãos pelos cabelos loiros e suspirou, deixando claro que algo mais o incomodava. Esperei que escolhesse as palavras certas e

tomasse a iniciativa de desabafar. Não demorou muito.

– Estou muito preocupado com a sua irmã, campeão.

Devo ter sofrido uma parada cardíaca instantânea, mas por algum milagre permaneci vivo.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa que eu não sei?

– Você sabe mais sobre ela do que eu... – Riu como se isso também lhe trouxesse orgulho. – Deve ter percebido o quanto ela está crescendo e ficando ainda mais inteligente. Temo que sofra demais por ser diferente das garotas de sua idade.

– Mel vai saber lidar com isso. Posso garantir.

– Não é só isso, ela está ficando desobediente, rebelde. Heloísa está tendo muito trabalho com ela, e eu também. Mel só escuta você, é impressionante.

Meu rosto se contorceu numa expressão confusa.

– Como assim, desobediente? Eu não sabia disso. Ela sempre foi tão centrada...

– Contigo ela é. Heloísa diz uma coisa e ela faz outra totalmente diferente. Com certeza isso é apenas uma fase, mas não deixo de me preocupar. Mel também não anda saindo mais com as amigas, parece querer excluir todos da vida dela, menos você.

Minhas mãos já tremiam bastante. O coração parecia tremer junto, retumbando dentro do meu peito como um tambor frenético.

– O que... o senhor acha que... – murmurei debilmente, mas fui interrompido.

– Que ela te ama e te respeita nós já sabemos há muito tempo, mas creio que isso está começando a prejudicá-la. Não é errado curtir a companhia do irmão mais velho, mas, venhamos e convenhamos, quantas adolescentes preferem ficar com o irmão a sair com as amigas e correr atrás de

um paquera? Heloísa me disse que ela nunca beijou alguém. – Levi parou para beber um pouco mais.

– E daí? Está cedo. Ela só tem quinze anos, não precisa sair beijando moleques.

– Não é apenas isso, Lucas. – Levi limpou a garganta antes de prosseguir. – Eu concordo, ela é muito nova, ainda vai fazer dezesseis na semana que vem. Não estou ansioso para vê-la com namorado, mas não acha

que tem alguma coisa estranha nisso tudo? Sua irmã é linda, você sabe disso e eu também, então o que há de errado?

– Ela só... não curte os idiotas da idade dela. Mel é mais esperta do que eles.

– Tão esperta que os ignora. Alguns desses guris ligam lá pra casa e a Mel nunca os atende. Ela não quer. Nossa menina nunca beijou alguém porque não quer, campeão.

– E o que eu ou o senhor temos a ver com isso? É só uma fase.

Eu já estava falando de um jeito irritado com o papai. Acho que ele desconfiou de que aquele assunto me deixava possesso. Meu sangue estava fervendo em minhas veias. No entanto, não deixava de me lembrar da minha irmã falando para mim que ninguém a queria. Se ela estava

tão desesperada para beijar, como sempre demonstrou, por que não dava bola para os paqueras?

– Eu tenho a ver porque ela é a minha filha, mas você tem a ver porque a Mel está... digamos, fixada em você.

– Fixada? – Naquele instante, achei que fosse a hora do meu juízo final. Nenhuma parte do meu corpo se encontrava estável. – Como assim, fixada, pai?

– Calma, filho, não me olhe assim. É normal que ela projete os sentimentos em uma figura masculina, no caso, em você.

– Sentimentos? P ai, o senhor não está fazendo sentido. O que quer com essa conversa? Que eu me afaste da minha irmã, é isso? – Balancei a cabeça freneticamente, sem conseguir esconder meu desespero. – Não há

perigo algum de Mel se apaixonar por mim, que loucura! Nossa relação não é assim, o senhor está entendendo tudo errado. Ela é a minha irmã mais nova, eu a respeito, eu a...

– Lucas, calma. Não estou falando nada disso, se acalme. – Levi voltou a segurar a minha mão. – Eu confio a minha vida a você, filho. Sei que respeita a sua irmã. Conheço todos os seus valores, sei que nunca nos decepcionaria dessa forma tão ridícula. Não estou duvidando do teor fraternal da amizade linda que vocês têm. Não quero que acabe, nem que se afaste ou deixe de amá-la, só quero que saiba que você pode ajudar a Mel, e a gente também, quanto a isso.

– O que eu faço? – Depositei minha cabeça entre as mãos. A culpa já martelava a minha mente depois das palavras dele. – Eu faço qualquer coisa, só me diga o que fazer, pai.

– Tente convencê-la a sair mais, a viver mais a adolescência. Ela te ouve. Outra coisa, evite detalhes como dormir com ela, campeão. Heloísa me falou sobre o que viu ontem. Sei que a Mel é muito persuasiva, mas ela é uma menina e você é um homem. Consegue nos entender?

– Sim, papai. – Dei de ombros, assolado pelo desconcerto. A raiva de mim mesmo só fazia crescer. – Só queria que o senhor soubesse que sou

incapaz de encostar um só dedo na minha própria irmã.

– Meu Deus, Lucas, eu sei disso, não precisa ficar chateado. Ela é a nossa menina. Sei que a ama como se fosse sua filha também, afinal, ajudou a criá-la.

– Tudo bem. – Suspirei, criando forças não sei de onde para me manter com a cabeça erguida. – Vou tentar ajudar vocês.

– Obrigado, filho. Sabia que nos ajudaria. – Meu pai ergueu a mão e apertou meu ombro em cumplicidade. Sorriu amistosamente, porém permaneci muito sério. – Agora, me fale sobre você. E as gatas?

– P ai...

– Sério, ainda sofre por causa da Graziela?

– Nunca sofri por ela. Não tenho sorte no amor. – P apai sabia que eu nunca havia me apaixonado por alguém, pois eu mesmo já tinha lhe dito mais de mil vezes.

– Fique tranquilo. Vai acontecer quando você estiver pronto.

– Espero que sim – murmurei. Eu sabia que já tinha acontecido e que, definitivamente, eu não estava nada pronto.

Nossos pedidos chegaram e comemos em silêncio. Não sei no que o papai pensava, mas com certeza não era nada parecido com o que rodopiava a minha cabeça. As responsabilidades sobre os meus ombros aumentaram

consideravelmente. P precisava ajudar os meus pais a lidar com a Mel, a Mel a

lidar com a vida e o meu cérebro a lidar com a falta de ar que acontecia toda vez que eu pensava nela.

Capítulo 7

A conversa com o meu pai me deixou bolado por muito tempo. Não sabia se ele e a mamãe estavam desconfiando de alguma coisa. Escolhi não ficar pensando muito nisso, do contrário enlouqueceria de vez. P precisava disfarçar mais, fingir normalidade. P precisava também tirar a limpo o que o papai havia me dito. Mel estava mesmo deixando sua adolescência de lado para ficar comigo? Mas, por quê? Será que o Levi tinha razão e a Mel havia se “fixado” em mim? O que raios significa estar “fixado” em uma pessoa? De qualquer forma, como sempre fiz durante a minha vida inteira, escutei os conselhos do papai. Se existia alguém no mundo que soubesse sair de uma situação chata, certamente era ele. Eu devia mesmo parar de dar cabimento – ou seja, certas liberdades – a Mel. Nossa relação, apesar de íntima, tinha limites e o meu dever era deixar que a minha irmã soubesse quais eram eles. Foi por isso que, a partir daquela noite, passei a dormir com a porta trancada. Além disso, parei de ficar conversando com ela até muito tarde, sobretudo dentro do quarto.

O sábado chegou novamente e junto com ele o aniversário de

dezesseis anos da Mel. Ela não queria fazer festa, mas conversei com a mamãe e sugeri uma comemoração mais restrita na cobertura do prédio.

Havia o salão amplo, a piscina e uma pequena sala de jogos disponíveis. A minha ideia era que a minha irmã chamasse algumas pessoas do seu colégio,

tanto amigas quanto amigos. Mel gostou da minha sugestão logo de cara, e no curto espaço entre a segunda e a sexta-feira, fez o possível para convidar quem quisesse, enquanto mamãe e eu decidíamos detalhes do tipo as bebidas e as comidas que seriam servidas.

Não sei como convenci meus pais a não deixarem adulto algum participar da festa, nem mesmo eles. Falei que eu mesmo me responsabilizaria pelo andamento da comemoração, incluindo tomar conta do comportamento dos adolescentes, da distribuição dos alimentos, enfim. Queria que a Mel tivesse um momento adolescente de verdade, mais do que isso, queria um pretexto para que finalmente desse o seu primeiro beijo. Eu sabia que ela chamaria alguns garotos. Já que não parecia muito disposta a voltar a sair com as amigas ou a dar bola para os moleques, uma festa seria o ambiente perfeito para fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Lembro-me muito bem do dia em que beijei pela primeira vez. Foi aos

quinze anos, na festa de um amigo meu da mesma classe. Havia adolescentes

para todos os lados, inclusive a menina de quem eu gostava e nunca tinha tido coragem de me aproximar. Naquele dia, no entanto, o clima de paquera geral me fez ter um pingo de iniciativa. Não precisei de muito, para ser bem sincero. Troquei meias palavras com a garota e ela me beijou do nada. Foi bem simples, apesar de estranho. Não queria que o primeiro beijo da Mel fosse estranho como o meu foi, mas sei que é inevitável. Com o tempo, ela ia

dar menos valor ao ocorrido, afinal, não é o primeiro beijo que importa, é o melhor beijo, e ele geralmente não é o primeiro.

Obviamente, eu estava ouvindo o conselho do meu pai sem me dar o direito de lamentar ou raciocinar. Precisava fazer o que era correto. Não há arrependimentos ou dúvidas quando você tem certeza de que suas atitudes são as melhores que poderia tomar. Meu coração foi trancado a sete chaves em uma gaveta empoeirada enquanto eu ajudava a deixar tudo pronto.

Contratei um colega DJ para montar seu equipamento de som no salão – uma boa surpresa para todos, Mel adorou quando soube –, além de dois garçons – eu não ia dar conta de servir todo mundo sozinho.

Passei o sábado inteiro subindo e descendo pelo elevador, recebendo encomendas, carregando peso, fazendo de tudo para que a

cobertura ficasse perfeitamente organizada, pronta para receber os amigos da Mel. Quando as primeiras garotas começaram a chegar – eu ainda estava todo suado e sem camisa pelo salão, terminando de ajudar o meu colega DJ com as tomadas e extensões –, resolvi descer para tomar um banho.

Encontrei a Mel pronta, olhando-se no espelho com uma careta estampada no rosto, quando passei pelo seu quarto.

Dei três batidas curtas na porta aberta e chamei seu nome três vezes, imitando um dos nossos personagens favoritos do seriado *The Big Bang Theory*. Ela me olhou e sua careta foi embora, dando lugar a um belo sorriso. Minha irmã estava particularmente linda, trajando uma calça jeans preta justa demais e uma blusa verde larga, com uma caveira preta estampada

na frente. A blusa caía de um lado, deixando seu ombro esquerdo à mostra e uma alça rosa que estava presa na sua nuca. Seus cabelos cacheados estavam bem armados, como sempre, partidos de lado de um jeito que considerei sensual, mas ignorei. Mel calçava um tênis *All Star* com estampa de caveiras.

Nada mal. Com certeza eu a beijaria. Depois que me lembrei de que eu a beijaria vestindo qualquer coisa, até mesmo trapos, balancei um pouco a cabeça para desvirtuar meus pensamentos pecaminosos.

– E aí, maninho? Estou gata? – ela perguntou, dando uma

volta em torno de si. – Nada de saltos, barriga de fora ou maquiagem em excesso. Só coloquei um pouco de *gloss*, olha! – Apontou para a própria boca e fez um biquinho lindo.

Ignorei o contorno perfeito de seus lábios e me concentrei demais na estampa de seu tênis. Era mais fácil olhar para baixo do que encarar seus olhos para dizer o que eu disse:

– Está muito gata. Tenho certeza de que o... Qual é o nome do sujeito mesmo?

– O Thiago? – a voz da Mel saiu irritada. Continuei olhando para baixo. – Já desencanei daquele idiota há muito tempo. Não lembra?

– Sim, mas tinha outro cara. – Busquei na minha memória o nome do moleque que aparentemente era a nova sensação do colégio em que a Mel estudava. O problema era que eu sempre tentava me distrair quando ela começava a falar sobre garotos, portanto eu não seria capaz de lembrar sozinho.

– O Vitor. Não, ele só vai reparar na minha existência porque sou a aniversariante. É o cara mais gato do segundo ano. – Deu de ombros e suspirou fundo, voltando a fazer uma careta diante do espelho.

– Você tem chances com qualquer um – murmurei.

– Claro que não. Nas caixas de chocolate da vida, eu sou

aquele de banana que ninguém gosta.

Finalmente encarei a Mel. Ela me encarou de volta e, como se estivesse combinado, começamos a rir da sua frase cômica filosófica. Eu realmente não gosto daqueles chocolates de banana, por isso minha vontade real foi de lhe dizer que ela era o meu *Chokito*. Isso soaria patético, claro, e deixaria os meus sentimentos muito evidentes, já que Mel tem conhecimento do quanto simplesmente amo *Chokito* – já criei confusão com ela uma vez, depois que a vovó nos presenteou com uma caixa de chocolate para que dividíssemos.

– Deixa de ser boba, Mel! Confiança acima de tudo! – Apoiei minha cabeça na beirada da porta. – Se esse cara não te der bola, não dê bola para ele, simples assim. Repare os outros garotos ao seu redor, com certeza há um bem bacana disposto a te tratar de um jeito que você nem imagina. É só dar uma chance.

Minha irmã fez uma brincadeira com a bochecha e os lábios, ainda se olhando no espelho como se desaprovasse o meu comentário.

Mesmo assim, ela concordou comigo:

– Certo. Dar uma chance.

– Exato. Ah, antes que eu me esqueça, algumas amigas suas já

chegaram. Estão lá em cima.

– Estou subindo. – Mel me observou e pareceu notar pela primeira vez que eu estava sem camisa. – Vê se coloca algo decente, não quero minhas amigas fazendo comentários sobre os seus bíceps.

– Os meus o quê? – Fiz uma careta de surpresa absoluta.

– Os seus bíceps. – Minha irmã fez um movimento com os dois braços, imitando fisiculturistas. – Só porque tem bíceps desse tamanho, não quer dizer que precisa mostrá-los por aí, não é? Detesto quando o comentário entre elas é sobre você.

– Não sabia que suas amigas tecem comentários sobre mim, muito menos sobre os meus bíceps. – Tinha consciência de que o meu rosto inteiro já fervia de vergonha. Mel deve ter percebido meu desconcerto, pois começou a rir de um jeito divertido.

– Comentam mais do que você imagina. Como se você fosse dar bola para pirralhas do ensino médio... – Revirou os olhos. – Fala sério! Pelo menos estava explicado o fato de eu sempre receber olhares esquisitos provenientes das amigas da Mel. Por outro lado, a vergonha foi tanta que eu me despedi depressa e passei o banho inteiro tentando decidir o que vestir, já que não podia usar uma camisa qualquer. Não me considero um cara saradão, apenas passo uma hora na academia

antes de ir ao trabalho para me dar gás nos jogos de domingo. Tenho tudo no lugar e só. Nada de muito chamativo. Era o que eu achava até então. Mesmo que o clima estivesse razoável, escolhi uma camisa preta de manga comprida. Puxei as mangas até a altura dos cotovelos e pronto, achei que os bíceps em questão estavam bem escondidos. Vesti jeans, tênis e subi pelo elevador na companhia de alguns amigos da Mel, que tinham acabado de chegar. Assim que cheguei ao salão, encontrei os meus pais conversando com os garçons. Bufei e fui até eles, pois tinham me prometido que não pisariam na cobertura durante a festa.

– O que estão fazendo aqui? – perguntei meio chateado.

– Garantindo que não serão servidas bebidas alcoólicas, dentre outras coisas – papai respondeu simplesmente. – Estaremos lá embaixo caso haja qualquer problema, tudo bem, campeão?

– Fique bem atento, hein, Luquinhas? ! – Mamãe piscou um olho na minha direção. A eterna adolescente que habitava seu espírito estava evidentemente chateada por não poder participar da festa.

– Claro que sim. Já estava tudo bem antes, pai. O senhor acha que eu deixaria que um monte de adolescentes... – Apontei para o salão e estaquei. Realmente havia um *monte* de adolescentes. Mel tinha convidado mais pessoas do que o previsto. – Nossa. Ainda bem que a senhora

encomendou muita comida, mãe.

– Eu te disse, melhor sobrar do que faltar. Vamos, amor? –

Mamãe abraçou o papai por trás, cruzando as mãos na altura da barriga dele.

Os dois abriram um sorriso um para o outro. Fiquei sem entender. Acho que eles tinham planos para aquela noite.

Depois que a música começou a tocar e os garçons iniciaram

seus serviços, a festa tomou forma e os amigos da Mel foram se dispersando

em diversos grupos menores; uns dançavam, outros conversavam na beira da piscina, no canto do salão ou perto da mesa onde estava disposta uma quantidade exagerada de salgados.

Havia um monte de meninas com mini-saias e saltos que mais pareciam pernas de pau, fazendo-me compreender o que a minha irmã havia tentado me dizer. Os moleques só tinham olhos para as garotas que, precocemente, pareciam mulheres adultas. Não era certo ou justo que as coisas fossem assim, mas desde que o mundo é mundo que os caras caem na

besteira de se encantar pelas garotas bonitas que geralmente só têm a beleza ao seu favor, nada além.

Enquanto tomava conta da festa, procurei ajudar os garçons e me

manter sempre pelos cantos para que a minha presença fosse minimamente notada. Não consegui passar despercebido por um grupo de garotas que competiam entre si quem tinha as unhas mais longas, no entanto. Elas me olhavam vez ou outra e, após uma série de cochichos, riam alto e indisfarçadamente, deixando-me constrangido.

Eu estava tentando me distrair com um copo de refrigerante quando uma delas, provavelmente a mais ousada e que tinha o riso mais escandaloso, desfilou na minha direção. Tinha os cabelos loiros compridos e olhos azuis grandes. Acompanhei seus passos esperando que tombasse em algum momento, já que parecia uma pata de equilibrando naqueles saltos, mas não aconteceu e fui obrigado a aprumar o meu corpo quando ela ficou muito perto.

– Oi... Tudo bem contigo? – Ela se encostou ao muro de proteção da cobertura, bem ao meu lado. Afastei-me um pouco para que nossos braços não se tocassem.

– Beleza. Precisa de alguma coisa? – A garota me olhou com malícia em resposta. Ergui minha sobrancelha, meio desconcertado e meio irritado. Era só o que me faltava. – Com licença, tenho que conferir se há gelo nos baldes.

Tentei sair de perto, mas a louca segurou o meu braço.

– Espera aí, você é o irmão adotivo da Mel, não é?

Detesto quando usam a palavra “ adotivo” perto de mim. Eu não era o irmão adotivo, nem o filho adotivo de ninguém. Não era assim que eu me considerava e tinha certeza de que não era desse jeito que a minha família me via. Não tinha necessidade de deixar esse adjetivo evidente. Ele era bem dispensável, em minha opinião.

– Sou o irmão mais velho dela. – Puxei meu braço lentamente para que me soltasse. Não queria ser grosseiro, mas meu tom de voz não negava a inquietude.

– Muito prazer, sou a Silvana.

– Ah. Silvana. – Sorri, pois não me admirei. Ela tinha cara mesmo de ser a mais vadia do colégio. E a Mel estava errada, não era tão bonita assim. Tudo nela parecia artificial demais, começando pela maquiagem carregada e pelo cabelo oxigenado. Aposto que os olhos azuis sequer eram verdadeiros. – Beleza. Sou o Lucas. Se precisar de gelo, tem ali. – Apontei para um canto qualquer em cima da mesa e me afastei rapidamente. Silvana não insistiu mais, ainda bem. Nos instantes seguintes da festa, ficou fazendo cara feia para o meu lado e cochichando com as amigas enquanto me olhava. Não me importei nem um pouquinho, embora

detestasse chamar atenção para qualquer coisa que fosse. Meia hora depois, encontrei Silvana se amassando com um garoto do outro lado da piscina. Permaneci de olho para que eles não saíssem dos limites aceitáveis para uma pegação no meio de uma festa. Vindo dela, eu não duvidava de nada. Senti uma coisa esquisita quando percebi que a Mel conversava com um sujeito de calças largas e *piercing* na sobrancelha em um canto do salão. Eles riam o tempo todo, foi o que constatei ao observá-los durante alguns eternos minutos. Não faço ideia de como encontravam tantos assuntos engraçados. O moleque pegava mais do que devia – ou mais do que o meu cérebro suportava – nos cabelos dela, e ela dava tapinhas inocentes no ombro dele, como às vezes costumava fazer comigo.

Perdi os lábios até quase arrancá-los da minha boca. Um sentimento ruim me fez ficar sem ar, por isso desviei meu rosto e corri até um canto inexplicavelmente vazio perto da piscina. Apoiei meus cotovelos no muro de proteção e olhei para o horizonte da cobertura. Vi casas, árvores, prédios e uma noite sem lua diante de mim. Meu coração parecia tão negro quanto o céu daquela noite, deteriorado pela falta de esperança, qualquer uma que fosse, consumido pela dor e pelo desespero chamado ciúme.

Mantive-me afastado o máximo que pude, pois não queria atrapalhar ou deixar meus impulsos vencerem a guerra travada dentro de mim.

Entretanto, de onde eu estava ainda dava para vê-los, e realmente não consegui evitar vigiá-los. Se o cara fizesse qualquer coisa desagradável com a minha irmã, ia se ver comigo. Só estava esperando – ou melhor, rezando – para que ele desse um passo em falso.

Observei o cara abraçar a Mel e puxá-la para o centro do salão, onde muita gente dançava. Começaram a se balançar em um ritmo mais lento do que a da música. Sou homem e sei muito bem o que o moleque queria ao segurá-la pela cintura e fazer o movimento de seus corpos se completarem. Não ia demorar muito até que ele tentasse um beijo. Definitivamente, não estava pronto para presenciar tal cena, mas vê-la de perto talvez fosse fundamental para que o meu corpo compreendesse que a Mel jamais me pertenceria.

– Ei, irmão da Mel! – Uma menina ruiva com o rosto coberto de sardas se aproximou depressa. – Tem um idiota batizando os refrigerantes.

– Quem? – perguntei com o coração já agitado pela raiva. Sabia que em algum momento isso aconteceria, pois já fui adolescente e a minha turma

sempre dava um jeito de incluir álcool nas festas. – Onde?

– Aquele cara de camisa azul ali, o Marcelo. – Apontou discretamente para uma turma de rapazes que estava perto da grande caixa térmica. Localizei os garçons, percebendo que estavam servindo o pessoal

sem prestarem atenção naquele grupo. – Ele é do terceiro ano.

O otário era quase da minha altura e meio forte, mas ele ia me ouvir mesmo assim. Usava calças apertadas típicas de cantores de sertanejo e um boné aba reta onde se lia a palavra “*fuck*” na frente. Caminhei até o grupo.

Vi o cara olhando para os lados, segurando uma garrafa de água mineral com

conteúdo suspeito e despejando o líquido, vez ou outra, nos copos dos amigos.

Já cheguei puxando a garrafa das mãos dele. Os caras deram passos para trás como se uma briga fosse ter início a qualquer instante. O tal de Marcelo fez cara feia enquanto eu abria a garrafa e cheirava o conteúdo. Parecia vodca.

– Quantos anos você tem? – perguntei, irritado.

– Dezoito. – O idiota estufou o peito, armando-se como um pavão.

Sorriu amplamente, achando que tinha vencido apenas pelo fato de já ser maior de idade. Ignorei seu gesto evidentemente ameaçador, mantendo uma expressão indiferente e até mesmo entediada.

– Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo duzentos e quarenta e três: “vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, sem justa causa, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica”... – citei com a

voz mansa, e o Marcelo ia murchando a cada sílaba que eu proferia. – Você quer que eu continue ou já entendeu?

– Ninguém liga para essas leis. – Ele deu de ombros e voltou a sorrir, olhando os amigos para buscar apoio moral. Eles pareciam preocupados, mas sorriram depois que perceberam que o Marcelo não se importou com o que eu disse. – Isso tudo aí é balela. Não estou obrigando ninguém a beber e...

– Eu ligo – interrompi-o. Joguei o líquido em uma lata de lixo

próxima, logo em seguida a garrafa foi junto. Cruzei meus braços para frente

e voltei a encarar o moleque. – Ainda bem que sou advogado, e um dos mais

chatos, só não sou pior do que o meu pai, que por acaso também é o pai da aniversariante. Que bom que você já tem idade para ser penalizado.

– Qual é, mano, deixa isso para lá. – Um dos amigos de Marcelo interveio. – Já era.

– É, *brother*, nada a ver, deixa o cara – outro rapaz falou.

Marcelo me olhava com raiva.

– Se eu souber de outra merda dessa, não vou deixar para lá. Beleza?

– Encarei cada um dos moleques. Eles assentiram com certo ar de nervosismo.

– Tá limpeza – Marcelo murmurou, parecendo relaxar. Ergueu as mãos em rendição, mas não parecia querer fazer isso de verdade. – Desculpa aí. Virei de costas a fim de voltar ao meu canto afastado do salão, mas acabei dando de cara com a Mel e o sujeito. Eles ainda dançavam e riam bastante, podia sentir que o clima entre eles havia esquentado devido à aproximação de seus corpos. O cara estava praticamente se esfregando na minha irmã. Fiquei parado como uma estátua, incapaz de me mover. Eu queria sair correndo o mais depressa possível, pois tinha acabado de provar que, não, eu jamais conseguiria assistir a minha irmã beijando outro cara, e que não, não seria melhor para nenhuma parte do meu corpo acompanhar essa cena.

O moleque segurou os cabelos cheios da minha irmã com as duas mãos e o meu coração deu um solavanco. Minha pressão deve ter ido para o espaço, pois comecei a ver tudo turvo, escurecido. Vi a distância das bocas ser diminuída e a minha irmã entrelaçar as mãos no pescoço dele, vi o cara murmurar alguma coisa e, por fim, vi quando Mel, no último instante que precede o beijo, recuou. Sua face frustrada foi desviada rápido demais, deixando a boca do cara no ar. Ele ainda insistiu um pouco, fazendo a Mel se afastar de vez.

Ela olhou para os lados, procurando por alguma coisa ou por

alguém. Seus olhos pararam a busca quando cruzaram com os meus. Saí do transe imediatamente, voltando a ter controle sobre o meu corpo. Sem nada pensar e sem olhar para trás, caminhei de volta para a piscina, perdendo-me entre os adolescentes até alcançar o espaço vazio. Tudo havia sido por muito pouco. Eu quase tinha ido tirar satisfações com o guri, empurrando-o para longe da minha irmã. Não me perdoaria se isso tivesse acontecido, mas também não sabia se me perdoava por ter deixado acontecer. E teria acontecido mesmo se ela não tivesse recuado a um centímetro de consumir o fato. Por que desistiu? Será que foi pelo que ele falou antes de tentar beijá-la?

Só quando apoiei meu cotovelo no muro de proteção e, logo em seguida, minha testa nos meus antebraços que uma lágrima sorrateira decidiu cair. Inspirei fundo diversas vezes até que a vontade de chorar foi passando. Passei alguns minutos de olhos fechados, tentando rezar para que aquele maldito amor fosse arrancado do meu peito, querendo saber o que eu havia feito de errado para merecer sentir uma dor tão absurda e imaginando um mundo perfeito em que eu não estivesse apaixonado pela minha irmã.

– Lucas? – ouvi a voz da Mel bem ao meu lado. Virei-me em um pulo. Passei as mãos pelos cabelos para me recompor. Minha irmã estava

retorcendo as duas mãos na frente do corpo em um gesto meio nervoso.

– Oi. – Tentei sorrir, mas devo ter feito uma careta. – Está gostando da festa?

– Sim. – Mel continuou torcendo as mãos e me olhando de forma dolorosa.

– O que houve? – Tive medo até de fazer aquela pergunta, mas era tão óbvio que ela não estava bem que seria patético da minha parte ignorar.

– Eu não consegui. – Mel encarou o chão tristemente. – Falhei.

– Do que está falando?

– Não consegui beijar o Fábio. Acho que não consigo beijar ninguém. Qual é o problema comigo? – Ela já tinha lágrima nos olhos. Olhei ao redor. Os adolescentes ainda se divertiam, dançavam, gargalhavam. Alguns se pegavam pelos cantos, mas nada exagerado. Tirando o ocorrido com o grupo de rapazes, a festa ia muito bem.

– Não há nenhum problema contigo – murmurei.

– Como não? Eu não *consigo*, Luquinhas. Nunca vou ser uma garota normal.

– Por que não consegue? O que te faz recuar?

Mel enxugou as lágrimas e pensou um pouco antes de me responder.

– Não me sinto segura. Tenho medo de errar... Não sei como mexer a

boca, não sei se vou gostar de sentir a língua de alguém na minha, me parece meio nojento, sei lá. Não sei o que o cara vai pensar de mim quando perceber que eu não faço ideia de como se beija. É tão difícil!

Achei que o meu estômago não suportaria um segundo a mais se os meus olhos não parassem de encarar a Mel com paixão e se a minha cabeça não parasse de latejar com a ideia de tomá-la em meus braços ali mesmo e provar que beijar é a coisa mais fácil do mundo. Só Deus sabe o quanto me controlei para não agarrá-la, para não imprensar seu corpo miúdo no muro e acabar logo com a virgindade de sua boca cor-de-rosa que, aparentemente, parecia ser doce e macia.

– Não é nada difícil, Mel. Isso é besteira sua. É só imitar cada movimento até se acostumar.

– O problema é esse, será que eu vou me acostumar?

– Todo mundo se acostuma.

– Eu não sou todo mundo! E se eu achar nojento? Estou com medo...

Ele é tão legal. Mas não dá... Não sinto vontade de beijá-lo.

– Por quê? É do tipo burrinho?

– Não. Fábio é o primeiro da turma, quer fazer vestibular para medicina. Combina inteligência e beleza. – Ela suspirou de um jeito apaixonado e quase me atirei da cobertura de tanto ciúme que senti. – Só se

veste como um arruaceiro, mas é um cara legal.

Meus olhos encontraram o Fábio, que ficou parado em um canto do salão, parecendo meio chateado. P udera, também ficaria se tivesse investido

a noite inteira em uma garota só para depois ser dispensado por ela.

– Ótimo. Você vai voltar para o salão e beijá-lo. Agora.

– Não...

– Só acabe com isso de uma vez, Mel.

– P erdi o clima. – Ela se encostou ao muro, muito perto de mim.

– Tudo bem, então vá ficar com as suas amigas.

– Qual é o seu problema? Está me dispensando? – Fez uma careta

irritada. – Já basta ter dado em cima da Silvana, agora quer me dispensar e correr atrás de outra amiga minha? Você não tem vergonha? Não se acha velho demais para elas?

Fiquei completamente rígido.

– Do que está falando, Mel? Quem disse que eu dei em cima de alguém? Ficou maluca?

– O comentário da festa foi esse. “ O irmão gato da Mel dando em cima da Silvana, mas ela o achou velho demais e não quis prosseguir”. –

Gesticulou as aspas. Acho que nossos rostos se contorceram de vergonha simultaneamente, pois minha irmã também ficou vermelha.

– Que mentira! Ela que se atirou em cima de mim e eu a dispensei em menos de um minuto.

– Será mesmo? – Mel apoiou as mãos na cintura com ar irônico.

– É assim? Não confia no que eu digo? Vai dar bola para uma fofoca?

Sua ironia foi embora em um segundo. Ela se aproximou devagar e envolveu os braços ao redor da minha cintura. Apoiou a cabeça no meu peito e apertou bem o abraço, até quase me tirar o ar. Comecei a alisar os seus cabelos e plantei um beijo no topo da sua cabeça.

– Eu te amo tanto, maninho... Você é tão bom pra mim.

P reparei-me para lhe oferecer outro beijo na cabeça, sentindo-me incapaz de respondê-la, porém a Mel ergueu o rosto para me encarar de perto sem perceber que eu me curvava para beijá-la, e nossas bocas acabaram se encostando de leve. Foi um momento rápido, menos de um segundo eu diria, porém durou tempo suficiente para me fazer sentir o contorno maravilhoso de seus lábios nos meus, além da textura suave. Desviamos depressa, de um jeito desconcertante. Mel não me largou, mas pareceu acuada, e eu não soube onde enfiar a minha cara. Olhei ao redor, morrendo de medo de que alguém tivesse nos visto, mas depois percebi que só havia sido um selinho nada romântico, que poderia ser trocado com um irmão sem que causasse estranhamento. Segurei o rosto

dela com as duas mãos e lhe beijei a testa, provando para todos que eu só estava trocando carícias fraternais com minha irmã. No entanto, meu coração

batia tão forte que a Mel, pela proximidade, com certeza estava sentindo.

– Acho que dei meu primeiro beijo – ela falou e soltou uma risadinha inocente.

– Desculpa, foi sem querer.

– Eu sei, né, seu bobo? ! Ou acha que eu penso que você

queria me beijar? – Revirou os olhos. Mantive-me bastante rígido. –

Desculpa por ter desconfiado do seu caráter. Meu irmãozinho jamais daria bola para uma vadia como a Silvana, ainda mais porque ela é menor e isso seria pedofilia.

– É isso aí. Agora, vá. Não perca sua festa, aproveite.

– Quero ficar contigo. Vamos dançar?

– Mel... Vai mesmo trocar a companhia das suas amigas pela

minha? Isso não se faz. Vá ficar com elas, por favor. P reciso conferir se ainda

tem comida ou se detonaram tudo.

– Tudo bem, eu vou, mas só porque está pedindo. – Ela

finalmente tirou seus braços de mim. Deu alguns passos para trás e sorriu. –

Quer a verdade? Eu trocaria qualquer companhia pela sua.

Por um instante, entendi o que o papai quis dizer com a Mel estar “fixada” em mim. Só não podia compreender até onde aquela fixação iria e nem se esse sentimento era romântico, possessivo ou uma coisa normal entre irmãos muito próximos. No meu ponto de vista, era impossível que as coisas saíssem do controle. Por mais que eu imaginasse, sonhasse ou quisesse, jamais me enxergava tocando na minha irmã de verdade. Claro, eu estava enganado. Subestimei o nível do meu amor, que era maior do que pensei, e da minha capacidade de controlá-lo, que era medíocre.

Capítulo 8

É incrível como um único segundo pode ganhar uma importância tão grande. Aquele breve encostar de lábios significou muitas noites sem dormir, várias horas de raciocínio conturbado e uma ereção que não consegui controlar. Continuei sendo assombrado pelas lembranças do que aconteceu mescladas com as fantasias que a minha mente criava. Fiquei tão decepcionado comigo mesmo que mal podia me ver no espelho sem sentir nojo.

Minhas orações se intensificaram. Passei a frequentar a igreja todos os domingos com a minha mãe, tentando redimir os meus pecados por meio de muitas orações e caridade. Certo sábado, fui sozinho à igreja e me confessei com o padre da paróquia. Expus tudo o que estava acontecendo

comigo. Não aguentava mais esconder, precisava desabafar. Sabia que, se houvesse alguém no mundo para quem eu pudesse contar meus pecados, seria a um padre. Ele me julgaria como deveria ser, trataria o meu problema como realmente era: um pecado hediondo. Não queria que alguém me dissesse que a minha história era romântica. Não era. Era ridícula.

O padre me deu vários conselhos, dentre eles me distanciar um pouco da minha irmã para que eu não caísse em tentação. Sugeriu uma viagem ou algo da espécie, assim eu respiraria novos ares e a deixaria crescer sem qualquer intervenção da minha parte. Levei em consideração o que falou, mesmo sem saber se seria capaz de fugir ou ficar longe da família. Fiquei duas horas passando e repassando o terço entre meus dedos, rezando e rezando dezenas de vezes, encarando a imagem de Jesus e com lágrimas nos

olhos, buscando uma saída que não me deixasse mais destruído do que já me encontrava.

Não sei dizer se foi obra divina, mas naquela mesma semana papai me procurou em meu quarto. Estava bem sério, de modo que fiquei em alerta de

imediatos. Sentei-me na cama e ele também. Levi parecia ainda pensar sobre o

que falaria. Achei que tivesse sido descoberto, por isso apenas esperei por

uma repreensão, com o estômago em frangalhos.

– P ai? – chamei depois que o silêncio entre nós ficou esquisito. –

Fala logo, o senhor está me assustando.

Ele riu, aliviando um pouco a tensão. Ri também, mesmo estando nervoso.

– Recebi uma proposta de emprego no Canadá – ele falou de uma vez.

– Uma grande amiga minha, ex-colega de trabalho, precisa de profissionais brasileiros na empresa que montou há alguns anos em Toronto.

Não respondi nada. P apai parou de falar. P ensei em mil coisas de uma só vez. Ele estava mesmo disposto a se mudar para lá? Levaria a família consigo? E eu? Ficaria ou partiria com eles? No que toda a mudança implicaria? Abri a boca para tecer algum comentário, mas apenas gaguejei.

P apai sorriu.

– Eu não vou, campeão. Sou muito feliz aqui. Tenho exatamente tudo o que quero e preciso. Jamais obrigaria a minha família a fazer uma mudança

tão drástica como se aqui não fosse um lar suficientemente feliz. – As palavras do Levi me emocionaram muito. Ele era um cara incrível. O meu herói. Minha admiração por ele não parava de crescer. Um dia acho que o meu peito explodiria por sua causa. – Mas... Vejo uma oportunidade para você, filho. Não precisa ser uma mudança definitiva, aliás eu não quero que

seja.... Apenas alguns meses de experiência. – Deu de ombros. – O seu currículo vai agradecer bastante.

– Acha... Acha que devo ir no seu lugar?

– Acho. Como eu disse, nada definitivo. Não vou deixar que fique lá para sempre, Lucas, eu não suportaria. Desculpa, mas você é o meu filho e eu te quero por perto, mesmo que você agora pertença ao mundo e não a mim.

Tentei conter as lágrimas. Sequer sabia o que pensar de tudo aquilo.

Não sabia se conseguiria ficar longe deles por muito tempo. Uma diazinho já me parecia muito. Lembrei-me das palavras do padre depois de alguns segundos encarando o meu pai. Talvez aquela fosse a minha grande oportunidade. Mas tudo em mim doía só de imaginar.

– Não conseguiria ficar sem o senhor, pai. Nem sem a mamãe – falei baixo, depois sussurrei: – Nem sem a Mel.

– Eu sei, campeão. Não precisa aceitar. Só não me perdoaria se fingisse que esse convite jamais existiu. Estaria sendo egoísta contigo, compreende? Não posso te prender aqui, por mais que eu queira. Por mim você podia ser aquele moleque de nove anos para sempre.

Rimos juntos. Os olhos dele se encheram de lágrimas e os meus acabaram fazendo a mesma coisa. Devo ter herdado aquela sensibilidade

dele. Acho que ser sensível não é genético, vai saber. Acredito piamente que construí a minha capacidade de me emocionar depois que o conheci. Pulei no pescoço do Levi e o abracei como nos velhos tempos.

Lembrei-me dos motivos que eu tinha para não ter saído de casa mesmo sendo um cara independente. A minha família era o meu mundo. Eu a prezava tanto que simplesmente não via necessidade de me afastar para “viver a minha vida”. Que tipo de vida eu teria sem eles? Não fazia sentido.

Anos atrás, papai me colocaria no colo e me envolveria em seus braços, mas naquele instante foi impossível, já que eu era pelo menos dez centímetros maior que ele. Mesmo assim, nada me impediu de depositar minha cabeça em seu ombro e ali ficar, como se o tempo jamais tivesse passado. Levi começou a brincar com os meus cabelos, coisa que sempre fazia.

– Pense em estudar a possibilidade – respondi, por fim. – Tenho que decidir agora?

– Não, não... Pense com calma. Vou falar com ela, perguntar sobre tudo o que será necessário caso você decida ir. Tem que ser uma coisa bem planejada.

Aquiesci lentamente e me separei do abraço mais importante do

mundo. Levi segurou meu rosto com as duas mãos e sorriu. Ele fazia isso o tempo todo, não só comigo, mas também com a Mel. Parecia nos analisar com atenção, compreender cada minúcia da gente para enfim dizer que nos ama. Foi o que ele, mais uma vez, fez.

– Eu te amo, campeão. Confio em você. Vai escolher o caminho certo.

E eu vou te apoiar em qualquer decisão.

Suas palavras doces na verdade foram absorvidas por mim como tapas na minha cara. Ele nem sabia o que se passava comigo, mas mesmo assim era

capaz de me dizer as coisas certas. Aquele era mesmo o meu pai, um dos maiores presentes que a vida me deu.

– Certo, pai. Obrigado. Eu também amo o senhor.

Levi deu tapinhas nas minhas costas e saiu do meu quarto com um sorriso leve estampado em seus lábios. A primeira coisa que fiz foi colocar fones de ouvido e ligar o som no último volume. Era noite de sexta e a Mel havia saído com as amigas. Eu mesmo garanti que aceitasse o convite delas. Ainda ouvia os conselhos do meu pai quanto a convencê-la de curtir a adolescência. Estava funcionando. Entretanto, dentro de mim tudo parecia ruir. Eu a esperava chegar e me preparava para ouvir as descrições de seu primeiro beijo, mas nunca acontecia. Ficava aliviado e preocupado ao mesmo tempo. Era muito difícil passar por isso.

Depois de horas, quando ouvi o barulho da porta de entrada e a conversa dela com a mamãe na sala, decidi trancar a porta do meu quarto. Mel pensaria que eu já tinha me recolhido, pois se acostumou com a minha porta sempre trancada toda vez que eu ia dormir. Ela não me incomodava. Esperei que a minha maçaneta girasse, mas não aconteceu. Mel foi direto para o seu quarto, deixando-me aflito. Alguma coisa séria tinha acontecido, sem dúvida.

Depois que a Mel voltou, meus pais finalmente foram se recolher. Eles nunca iam dormir antes de ela chegar, não ficavam tranquilos. Eu também não, confesso, só que não deixava minha inquietude transparecer. Ouvi os meus pais fechando a porta do quarto deles e esperei pelo menos meia hora, contados no relógio da minha cabeceira. Só então me levantei, vesti uma camisa branca de manga comprida e fui até o quarto da Mel. Ela estava sentada na cama, abraçada com um travesseiro de um jeito tão aéreo que não percebeu quando abri a porta e a fechei atrás de mim.

– Mel? – murmurei, temendo assustá-la.

Ela me olhou de um jeito inexpressivo. Nada falou, só deu batidinhas no colchão ao seu lado, pedindo para que eu ali sentasse. Foi o que fiz. Ficamos lado a lado, sem nada comentar. Fiquei com medo de tudo. Era óbvio que ela tinha dado o primeiro beijo e eu não sabia se ia

continuar de pé depois que soubesse. P reparei os meus sentidos para que eles não fossem tão feridos com a notícia.

– Eu não consigo – ela murmurou. – Desisto, Lucas.

Suspirei de alívio. Ela deve ter notado, pois fui muito indelicado.

Não consegui esconder a minha felicidade, tanto que sorri. Mel apenas me olhou de um jeito confuso.

– Você não pode desistir.

– Isso tudo está me deixando irritada. P parece frescura, eu sei, mas...

Que merda, eu não consigo! Eu queria me sentir livre, sabe? Queria olhar nos olhos do cara e ter certeza de que ele jamais seria capaz de me julgar.

– Não acho que seja frescura. É uma escolha inteligente, Mel, todo mundo deseja olhar para alguém e saber que pode confiar nessa pessoa cegamente.

Mel me encarou. P assou um minuto completo analisando o meu rosto.

– Faz anos que coloco na minha cabeça que não preciso ter pressa, mas já chega. Eu desisto. – Ela suspirou fundo e encolheu a cabeça no travesseiro. – Quero ficar sozinha, maninho. P or favor.

– Está certo. – Ergui-me e beijei sua testa. – Durma bem.

Mel bufou, irritada.

– Dormir? Vai ser bem difícil.

– Quer assistir a um filme na sala? – Sugeri a sala justamente para não ter que ficar a madrugada sozinho com ela em um quarto.

– Não pode ser aqui?

– Mel, papai e mamãe não gostam que...

– Isso é a maior besteira do mundo. Até parece que vamos nos atracar, meu Deus! Não acha que é exagero demais da parte deles?

Fiquei meio sem palavras. Se eu dissesse que não, talvez deixasse a Mel assustada. Ela não podia achar que eu a agarraria do nada a qualquer instante.

– Acho.

– Então... Fica aqui comigo.

– Você não queria ficar sozinha? – desconversei. Estava me tornando um poço de contradições.

– Não quero mais. – Ela sorriu e meu coração ressuscitou. Sua mão foi esticada na minha direção. – Fica.

Entrelacei nossos dedos. Era impossível não fazer exatamente o que ela me pedisse. Tentei escolher um filme de ação ou aventura, uma coisa nada romântica, mas a Mel insistiu em assistir “Nunca Fui Beijada”.

Contava a história de uma jornalista de vinte e cinco anos que ainda era B.

V. Mel queria ver até que ponto aquela trama se parecia com a sua própria história de vida. No princípio, achei engraçado e aceitei a proposta. Mas quando nos enroscamos na cama, com a barriga virada para o colchão e os olhos atentos para a TV, fui percebendo que havia sido uma má ideia.

Mel ficava triste a cada cena. Teci comentários comparativos que me deixavam com vergonha. Ela não havia sido destrutada ou humilhada na escola, não era impopular, não tinha problema de aparência ou comportamental. Depois de muito raciocinar, Mel percebeu que a única culpada por não ter beijado alguém era ela mesma. Eu jurava que ela tinha consciência disso, mas não. Mel buscava a culpa sempre nos defeitos da outra pessoa, achava que o fato de não confiar em alguém era porque esse alguém não fazia por merecer a sua confiança, quando na verdade era ela que não queria se dar o trabalho de confiar.

Antes do fim, Mel desligou a TV e afundou o rosto no colchão.

Passei alguns segundos olhando para o televisor desligado, até que a observei. Ela olhava para mim. Tinha os cotovelos apoiados na cama, como eu, mas a cabeça estava apoiada em suas mãos.

– Eu tive uma ideia, Lucas – murmurou com seriedade.

– Que ideia?

– Quero que você me beije.

Eu não sei como não desmaiei ou algo da espécie. Encarei a minha irmã, mas a verdade é que eu não conseguia enxergar um palmo a frente dos meus olhos. O sangue me escapou das veias, que congelaram em um segundo.

– Como é que é?

– Acabe logo com isso, por favor.

– Ficou maluca, Mel?

Ela se calou e continuou me olhando. Trocou de posição lentamente, deixando as costas viradas para o colchão. Encarou o teto e suspirou.

– Eu confio em você, Lucas. Sei que não vai me julgar ou achar esquisito. Você é experiente o bastante para me ensinar a beijar direito, com calma. Sem medo. Não vou sentir medo... – Balançou a cabeça devagar, ainda olhando para o teto. – Eu te conheço a minha vida toda e sei que você me ama.

Engoli em seco. Será que ela sabia que aquele amor não era apenas fraternal?

– Você é a minha irmã, eu não posso te beijar – sussurrei debilmente.

Minha cabeça girava, dava mil cambalhotas por segundo.

– Claro que pode. P oxa, Lucas, depois que eu te beijar, vou me sentir mais segura. Não entende? Só quero aprender.

– Por que você não treina num copo com gelo, como qualquer pessoa? – Fiz a piada para tornar o clima menos tenso. Deve ter funcionado, já que a Mel riu um pouco junto comigo.

Ela se virou na minha direção e seus olhos escuros cravaram a minha alma.

– É sério. Faça isso por mim, por favor. Não vou te pedir mais nada, Lucas, apenas faça isso por mim.

– Mel...

– Por favor, me ensine. Me dê um bom primeiro beijo. Não estou com medo agora que estou te olhando.

Diferentemente dela, eu estava quase morrendo de pavor.

– Você não pode ter seu primeiro beijo com o seu irmão – falei baixo, encontrando sua mão e entrelaçando nossos dedos em um gesto de confiança.

– Não encontro ninguém mais apto que você.

Segurei sua mão com força enquanto nossos olhos não ousaram se desviar. Eu não sabia o que estava fazendo. Nem o que ia fazer. Só sei que meu corpo agiu sozinho, como se estivesse coordenado por uma força invisível. Ergui a mão da Mel para acima de sua cabeça a fim de deixar o caminho livre. Continuei a observando com muita seriedade. P assei um

braço por cima dela e o apoiei no colchão. Nossos rostos se aproximaram perigosamente. Meu coração batia muito depressa, deixando-me meio tonto. Parecia irreal. Era como em um dos tantos sonhos que tive com ela. Mel entreabriu os lábios e observou a minha boca. Depois, subiu o olhar e analisou meus olhos. Sua seriedade me deixou maluco. Com a mão livre, procurei a sua e a ergui para se unir à outra, que permanecia erguida sem se abalar. O movimento fez meu corpo se projetar contra o corpo dela. Minha irmã continuava com a mesma expressão séria. Achei que nunca a veria tão linda. Seus cabelos cacheados estavam jogados para todos os lados, preenchendo a cama abaixo dos nossos braços. Ela estava presa em meus domínios, e isso tanto me assustava quanto me deixava maluco de alegria.

– Tem certeza? – perguntei em um sussurro sofrido, quase um gemido.

Mel fechou os olhos e ficou quieta por um segundo. Eu não soube o que fazer ou pensar durante tanto tempo.

– Absoluta – sua resposta também foi um gemido. Minha pele se arrepiou de cima a baixo. Devagar, diminuí alguns centímetros de distância entre nossos lábios. Percebi sua respiração ofegante e o hálito quente soprando o meu nariz. Nova onda de arrepios tomou o meu corpo. – Faça

isso. Por favor, faça.

– Não está com medo? – murmurei, aproximando mais ainda nossos lábios, de forma que a olhei de tão perto que percebi que já estávamos zarolhos.

– Não.

Sua resposta me fez finalmente unir nossas bocas. Começou com um selinho demorado, que não faço ideia de quanto tempo durou. Só sei que fechei os olhos e lá fiquei, sentindo nossos corações acelerados se agitarem ainda mais. O dela parecia brigar contra a minha pele, mas o meu não estava

muito diferente. Depois que reconheci cada linha dos contornos de seus lábios, abri os meus em câmera lenta. Mel fez o mesmo.

Movimentei a cabeça devagar, como se pudesse estragar o momento ou machucá-la ao menor sinal de pressa. Minha irmã inclinou a cabeça para o lado oposto e abriu um pouco mais seus lábios. Brincamos um pouco, gesticulando movimentos curtos, suaves, quase infantis. P rendi nossos dedos entrelaçados com ainda mais força. Tentei controlar a excitação, mas não consegui e me entreguei de vez. Uma ereção poderosa quase rasgava o colchão abaixo do meu quadril. Inspirei fundo, sentindo o cheiro dela me inebriando, depois virei a cabeça para o outro lado. Mel fez a mesma coisa. Não sei por quanto tempo embaralhamos nossos lábios em um

jogo sensual, só sei que em um momento precisei acelerar. Minha irmã acompanhou o ritmo sem se perder. Percebi sua inexperiência, claro, mas em nenhum segundo o beijo esteve abaixo do fantástico por causa disso. Meu cérebro já não raciocinava quando, devagar, acrescentei a ponta da minha língua. Mel reagiu com um suspiro contido e um gemido fraco. Seus lábios envolveram a minha língua e a chuparam como se fosse uma uva, em um gesto ousado da parte dela.

Minha ereção vibrou perigosamente. Soltei suas mãos em um ato maluco e prendi a raiz de seus cabelos. Controlei o movimento da sua cabeça depois que percebi sua língua já se enroscando na minha. Afundei minha boca contra a dela de vez e, mesmo lentamente, senti meu corpo inteiro esquentar até quase entrar em ebulição. Mel soltou mais um suspiro intenso. Seu corpo frágil pareceu tremer contra o meu, que ainda a dominava.

O ritmo não conseguiu mais permanecer lento e a culpa foi toda minha. A pressa finalmente me alcançou; o desejo venceu a batalha e o meu amor gritou alto quando viu a jaula que o prendia aberta. Com as mãos para cima e lágrimas nos olhos, ele a ultrapassou e correu para longe, ao encontro da liberdade tão sonhada. Mel segurou o meu rosto, acariciando-o

com a ponta dos dedos. Senti suas mãos massageando minha barba por
fazer

em um gesto de total reconhecimento.

Um gemido escapuliu pelos meus lábios e continuei

investindo minha língua contra a sua boca, deixando o ritmo se intensificar

cada vez mais. Chegou um momento em que estávamos de fato atracados,
em

meio a suspiros e gemidos curtos. Mel se esgueirava por baixo de mim a
fim

de fazer o meu corpo ficar realmente por sobre o seu, mas um pequeno
fiapo

de raciocínio me impedia de fazê-la sentir a minha ereção. Não queria
assustá-la, mesmo estando apavorado e igualmente feliz.

O beijo se tornou mais do que ardente. Suas mãos desceram e

começaram a se agitar nas minhas costas. No início, ela apenas me abraçou

forte, mas depois foi tratando de me excitar mais a cada vez que escorria os

dedos por cima do tecido que me cobria. Não ousei parar até que ela

encontrou um espaço entre o começo da minha bermuda e o princípio da

camisa. Passou suas unhas ali e, repentinamente e com força, prendeu os

dedos na barra da camisa e a puxou para cima na tentativa de me despir. O

meu amor voltou para a jaula brutalmente.

A ideia de nos despir no quarto dela e... O que iríamos fazer, meu

Deus? Eu ia mesmo transar com a minha irmã menor de idade que acabava de receber o primeiro beijo do irmão mais velho? Seria capaz de tamanha atrocidade? Que loucura era aquela? Como pude deixar as coisas irem tão longe? Era um absurdo, uma afronta a todo princípio moral. Eu nem devia tê-la beijado, para começo de conversa.

Levantei-me em um salto, ficando de pé no chão e me distanciando até apoiar minhas mãos na penteadeira dela. Não queria que visse a ereção saltando na minha bermuda, latejando e implorando por liberdade. Respirei fundo várias vezes, o fôlego retirado de mim por completo.

– Ficou louca? – grunhi a pergunta, sentindo-me completamente decepcionado. Não com ela, mas comigo mesmo. O arrependimento e a culpa foram como uma injeção de veneno dentro de mim.

– Desculpa, eu não...

– Você enlouqueceu! – gritei, depois me lembrei dos nossos pais e tentei me acalmar. Rezei para que não tivessem acordado. – O que queria com isso, Mel?

– Lucas, eu sei que...

– Cale a boca – rosnei baixo. Ouvi um soluço partindo dela e balancei a cabeça freneticamente, tentando espantar a raiva. Não podia culpá-la por um erro que havia sido meu. Também não podia estragar seu

primeiro beijo. Que tipo de idiota eu seria?

Fechei os olhos e retomei o controle. A ereção foi devidamente mandada embora. Voltei para a cama dela e sentei. Busquei-a com o olhar. Mel tinha lágrimas nos olhos e abraçava um travesseiro, mas me encarava mesmo diante de tanta angústia.

– Desculpa, eu não queria ter sido grosso.

– Foi uma ideia ruim! – ela choramingou e soluçou mais. – Desculpa!

Meu coração já ferido recebeu outro golpe.

– Foi tão ruim assim?

Mel ficou séria. Balançou a cabeça, negando. Quase não pude acreditar no alívio que senti.

– Nunca pensei que pudesse ser tão bom. Desculpa, Lucas. Espero que nada mude entre a gente, eu... Foi uma péssima ideia.

– Foi. Eu que devo me desculpar. Fui insequente.

– Luquinhas... Obrigada. – Suas lágrimas rolavam, incessantes. –

Obrigada por tudo. Foi... foi incrível. Eu não podia desejar outro primeiro beijo. Só queria que soubesse disso.

Meus olhos se encheram de lágrimas, mas as evitei.

– Tudo bem. – Tentei manter certa firmeza e maturidade. – Por favor, não comente nada sobre o que aconteceu com ninguém. Isso jamais vai se

repetir.

– Claro que não. Você é o meu irmão, não é como se eu esperasse que fôssemos namorar depois disso. Eu te pedi uma coisa e você me deu. Certo? Aquiesci. Não dava para acreditar na Mel. Como ela podia ser assim, tão segura? Eu estava à beira do abismo, descontrolado, perturbado e destruído.

– Durma bem – murmurei. Ergui-me e beijei sua testa mais depressa do que eu realmente queria. Caminhei na direção da porta.

– Luquinhas... – Parei e me virei. – Promete que nada vai mudar entre nós?

Minha irmã precisava parar de tentar me manipular. Chegava a hora de usar a maturidade ao meu favor. Ela precisava entender a seriedade daquilo tudo. Não havia sido um momento banal. Claro que não. Estava cansado de fingir que estava tudo perfeito e sofrer sozinho. Mel precisava entender certas coisas, conhecer nossos limites.

– Não, Mel. Sinto muito, mas muita coisa vai mudar.

Ela começou a chorar ruidosamente. Fui para o meu quarto sem olhar para trás. Assim que atravessei a minha porta, tomei uma grande decisão. Eu

precisava me afastar o mais depressa possível. Aquele beijo foi a assinatura do meu visto rumo ao Canadá.

Capítulo 9

Demorei apenas três meses para organizar a minha ida ao Canadá.

Nem sei como consegui fazer tudo tão rápido. Pedi demissão, vendi o meu carro para não chegar de mãos abanando, organizei documentos. Realmente me empenhei. Deixei o natal chegar – pelo simples fato de não conseguir suportar a ideia de passar as festas de fim de ano longe da família – e segui viagem no fim de janeiro.

A relação com a minha irmã enquanto eu não ia embora obviamente ficou uma grande porcaria. Simplesmente cortei relações, passando a conversar com ela apenas o necessário. Mel me deu esse tempo sem que combinássemos o valor dele, não me pressionou nem por um instante. Pelo menos não até o dia em que precisei lhe avisar sobre a viagem. Conversei com meus pais e concordamos que só lhe daríamos a notícia no início de janeiro, para evitar sofrimento. Ganhei bastante tempo desta forma. Ela só me atazanou por duas semanas – tentando me convencer de que o beijo não tinha sido nada –, mas seu desespero não me fez desistir de ir. Fiz a coisa certa.

Depois da conversa com a Mel no *Skype* e a minha confirmação de que nosso beijo havia sido mesmo tão especial para ela quanto foi para mim, os meses praticamente voaram em Toronto. Não sei se foi porque

finalmente me permiti a diversão ou se por culpa do trabalho excessivo, mas, quando dei por mim, já era dezembro de novo. Meu pai tinha certeza de que eu voltaria para o natal.

O problema era um só: Mel ainda tomava conta de todos os meus pensamentos. Foi difícil demais rejeitar cada telefonema, guardar todas as cartinhas que me mandava sem as ler, apagar seus e-mails e fingir normalidade quando os meus pais ligavam o *Skype* e ela aparecia, ou então quando roubava o telefone das mãos da mamãe. Nossa comunicação foi apenas assim, esporádica, desesperadora, um ato de angústia. Minha irmã muitas vezes chorava, implorando para que eu parasse de ignorá-la, mas eu não podia. Eu precisava ser disciplinado, pelo nosso bem.

A única trégua que dei de verdade foi no seu aniversário de dezessete anos. Liguei o *Skype* e passamos horas conversando. Mel me pediu para voltar milhões de vezes, chorou e esperneou, mas eu ameaçava desligar e ela parava de fazer drama. Eu tratava logo de mudar de assunto, perguntando detalhes sobre a escola e sobre a grande novidade: Mel tinha formado uma bandinha de pop com alguns amigos e amigas. Ela estava cantando. Por mais que eu soubesse que a Mel gostava de cantar, nunca me pareceu que

tinha um talento real para isso, mas ela me fez mudar de ideia quando soltou

a voz em uma canção que havia sido composta por um dos integrantes da tal

banda. Fiquei cheio de orgulho e sabendo que seria mais difícil ainda esquecer como a voz dela soava sempre tão doce.

Minha irmã ainda não tinha arrumado um namorado. Eu sabia que não podia voltar enquanto a Mel não pertencesse à outra pessoa. Não me sentia ansioso para vê-la com alguém, no entanto não via a hora de voltar.

Meus sentimentos se tornavam grandes contradições a cada dia.

Foi por isso que, na chegada de dezembro, precisei conferir se a Mel havia me esquecido de vez antes de comprar as passagens de volta. Eu acreditava que não justamente por causa da conversa no *Skype* em setembro.

Abri o *facebook* dela pela primeira vez desde que viajei e fiz uma vistoria geral em seu perfil. Minha irmã era a mesma de sempre, compartilhando fotos

de animais abandonados e escrevendo frases engraçadas aleatórias. Às vezes, algumas imagens sobre o sofrimento e o amor. Nunca eram mensagens

positivas, no entanto, e isso me entristeceu.

Com o coração na mão, abri o site da linha aérea e me preparei para

voltar. Devia haver outra solução para nós dois que não fosse a distância, porém minha caixa de entrada apitou minutos antes de eu fechar a compra da

minha passagem. Era um novo e-mail da Mel. Eu havia excluído tantos e-mails dela que me pareceu natural clicar na lixeira, porém, no último instante, resolvi abri-lo.

“ Sei que não vai ler nada disso, mas preciso desabafar. Não tenho medo de parecer idiota, pois sei que você não vai me julgar assim. Só me deixe escrever o que quero, já que nada mais te importa como antes costumava importar.

Sabe aquela boneca de cabelo verde e cara amassada de que eu gostava e você não? Sinto falta dela, pois era uma grande amiga. Passava horas tentando arrumar o cabelo dela e nunca conseguia, porém jamais deixava de tentar porque acreditava que um dia eu teria êxito. Nem sei onde aquela boneca foi parar, pois eu cresci. Então passei a não me importar com ela, mas não significa que não pense nela às vezes.

Sinto falta também do mingau que a vovó fazia aos domingos. Mas isso deixou de importar porque não uso mais mamadeira. E eu sei que o mingau da vovó só fica bom de verdade em uma mamadeira. Não importa mais mesmo.

Sinto falta do jardim de infância também. Tudo parecia tão simples naquela época. Sinto falta de ser uma garotinha sem responsabilidades, sabe? Eu só precisava pegar o lápis de cor e desenhar o que eu quisesse. Mas hoje nada disso importa, pois ninguém consegue ser alguém fazendo rabiscos indefinidos num pedaço de papel. Preciso me dedicar a estudar para o vestibular. Você sabia que me inscrevi no curso de Direito? Aposto que não. Você não se importa. Sinto falta de algumas antigas amigas, de certos aromas, de ver a mamãe sujar as mãos de lama e de ter o papai me segurando no colo. Sinto falta de algumas músicas que ouvi na rádio e nunca soube os nomes delas para procurar na internet. Nunca vou ouvi-las de novo, mas isso não importa, afinal, há tantas músicas por aí mesmo. Sequer me lembro de algum trecho, só de como elas me fizeram sentir. Mas todo sentimento simplesmente passa, não é? Não importa.

Sabe, eu só tenho dezessete anos. Talvez a saudade que eu sinto de alguma coisa realmente não importe. São acontecimentos banais, memórias distorcidas, coisas que já não me cabem ou apeteçam. Mas eu tenho consciência de quem estava comigo quando eu caí do balanço e cortei meus joelhos. Chorei muito naquele dia, mas o meu irmão chorou mais do que eu. Ele não suportava me ver machucada.

Quando bati o queixo no móvel da cozinha e levei três pontos, ele chorou escondido no hospital. Mamãe me disse e rimos até hoje disso. Não zoei com a cara dele porque ele foi muito divertido ao dizer que toda criança serelepe tem pontos no queixo. Eu gostava de ser serelepe e de ele me julgar assim.

Tenho consciência de quem foi que levou a culpa pelo vaso caríssimo que o vovô deu à mamãe. Era herança de família. Sinto falta daquele objeto, se quer saber, era bonito e a mamãe deixava um arranjo de rosas sempre cheirosas dentro dele. Acho que era a quarta ou quinta geração daquele bendito vaso, mas eu, sempre serelepe, sem querer bati minhas mãos incontidas no móvel que o apoiava, fazendo-o em pedaços. Meus pais não gritaram com ele, com aquela mesma pessoa que chorava quando eu me machucava, só ficaram decepcionados. Ele sabia mais do que ninguém que decepcionar Levi ou Heloísa era a mesma coisa que levar uma surra. Mas o meu irmão se manteve firme. A culpa havia sido dele pela queda do vaso, por mais que estivesse a metros de distância do acontecido.

Sinto falta de me sentir assim, protegida. De saber que existe alguém que sempre vai achar que os meus erros lhe pertencem. Foi por um erro meu que ele foi embora, mas ele se culpou e partiu. E agora

não tem ninguém para ser meu bode expiatório. Mas isso não importa, porque é egoísmo. Talvez eu precisasse crescer e começar a me responsabilizar pelos meus próprios erros. Mas, sinceramente, para que ser responsável se a pessoa que eu sempre quis impressionar se foi? Comecei a amar a leitura para impressioná-lo. Sinto falta de ler, por sinal. Faz dois meses que não toco em um livro. Não posso. Eles deixaram de importar. Também sinto falta dos filmes de ação de que ele gostava ou apenas do modo como ele torcia a boca quando eu falava alguma besteira, que geralmente envolvia garotos. Não importa, porque ele não se importa com o que eu falo. Ele sequer aceita me ouvir ou ler as besteiras que escrevo. Esse e-mail, no final das contas, se tornará apenas mais uma coisa inútil que tentei fazer para impressioná-lo. Eu nunca entendi direito o porquê de eu sempre querer tanto a admiração dele. Nem os motivos de eu me sentir tão bem quando o abraçava ou quando apenas ouvia sua voz doce me aconselhando. Eu não sabia e, sem perceber, cometi erros atrás de erros. Agora que finalmente compreendi os meus próprios sentimentos, é tarde demais. Demorei tanto a me encontrar que, quando me achei, percebi que simplesmente havia perdido quem me fazia querer ser eu mesma. Não importa, porque não quero ser eu se for pra ser eu sem ele.

É por isso que, como a última carta que o meu irmão escreveu ao Papai Noel (sinto falta de acreditar nele também), anos atrás, essa será a última vez que o escreverei. Os motivos são totalmente inversos. Ele parou de escrever ao bom velhinho porque acreditava que jamais voltaria a ter o que pedir. Estou parando porque tenho um pedido real, que se trata da única coisa que quero de verdade, mas que ninguém poderá me dar, nem mesmo ele, nem mesmo o Papai Noel. Mas isso não importa, porque ninguém mais se importa com o que eu quero. Sinto falta de olhar nos seus olhos (eu realmente os amo) e te dizer o quanto você é bobo. Sinto falta do que você me fez sentir e não suporto o que me faz sentir agora. Não quero sentir isso por você. Também não queria sentir o que sentia antes, não com tanta intensidade, mas prefiro. Prefiro te amar com todas as forças a acreditar que um dia você possa se importar tão pouco a ponto de me fazer te odiar. Sinto falta daquele beijo. Desculpa, mas é a verdade. Sei que nenhum outro vai te superar, mas não importa, porque preciso fingir que um dia alguém vai, não é? Foi para isso que você partiu. Você quer que eu te esqueça. Quer que eu não sinta falta. Parece até uma piada, já que você me ensinou a gostar de tudo que eu gosto, me ensinou a ser quem sou, a fazer o que faço, a pensar como penso... Enfim. Me ensinou

até a beijar. Depois de tantas coisas que aprendi contigo, você realmente devia ter me ensinado a te esquecer.

Sinto a sua falta. Para ser sincera, de todas as coisas que enumerei, não consigo pensar em mais nada que me faça tanta falta quanto você. Espero pelo natal como espero pela minha própria felicidade. Sei que estará aqui. Sei que vai voltar e, aos poucos, vai me fazer entender que ainda se importa. E que esse tempo distante, no fim, foi importante pra gente.

Beijos, Mel

P. S.: Acho que você devia começar a chorar agora. Não estou em um hospital levando pontos no queixo, mas meu coração está tão destruído que mal posso respirar. O caso é grave. Não sei se pontos irão resolver.”

Ela me ama. Meu Deus, ela me ama.

Em algum momento desconhecido, depus minha testa sobre os teclados e lá permaneci. Não fui capaz de chorar, mesmo me sentindo destruído, e ao mesmo tempo maravilhado. Acho que as minhas lágrimas dedicadas a ela, enfim, haviam secado. Fechei os olhos e finalmente a ficha caiu. Eu não podia voltar para casa. Mel não havia me esquecido, muito pelo contrário. Aqueles meses, quase um ano, só haviam servido para nos

deixar desesperados com a distância, somente.

Entendi que não poderia passar o natal com a minha família. A minha irmã me ama. Ela correspondia ao que eu devia ter deixado de sentir, mas fui incapaz. Cerrei os punhos e os bati com força na mesa onde eu apoiava o *notebook*. Seria em vão voltar com a minha irmã tão desesperada pelo meu retorno. Como isso podia dar certo? Eu estava descontrolado tanto quanto ela. Assim que nossos olhos se cruzassem, eu daria adeus a qualquer freio e a tomaria em meus braços sem pudor, arrancaria cada beijo de sua boca cor-de-rosa. Principalmente sabendo como ela se sentia com relação a mim.

Um pequeno e-mail foi o bastante para me fazer compreender que seus sentimentos por mim não somente existiam como também eram antigos. Meu amor não sofreu sequer uma pequena redução. Muito pelo contrário, depois de ler tais palavras, percebi que era maior do que pude calcular.

Imaginei minha irmã abraçada com um travesseiro, chorando dolorosamente pela minha ausência. Eu sabia que ela estava triste, mas não tinha noção do tamanho de sua tristeza. Talvez ela tivesse tentado me dizer em todos os e-mails que rejeitei. Logo eu, a pessoa que mais a protegia, que

mais lhe passava confiança, tinha a abandonado completamente. Mel um dia

me perdoaria por isso? Sim. Ela tinha esperança. Suas palavras traziam decepção, mas também uma chance para que eu me desculpasse.

Tentei pensar. Se eu voltasse, com certeza seria impossível me controlar, muito menos controlá-la. Mel havia se aberto totalmente para aquele sentimento. Se chegou a confessar tal coisa, é porque começava a fantasiar também, como eu. Havíamos ido muito longe. Culpei-me por ter deixado acontecer. Devia ter percebido, eu que sou o cara maduro. Devia tê-la impedido de cometer a loucura que era se apaixonar por mim. Claro, havia

aquele lado romântico que se vangloriava com o sentimento correspondido, mas ele era abafado pela minha razão e moral. A notícia não era boa.

Não dava mesmo para voltar.

– Não, Mel... O que você fez? – murmurei. – O que você fez, meu amor?

Busquei a primeira saída trazida pela minha mente conturbada.

Minha irmã era apenas uma adolescente. Tinha a capacidade de esquecer mais rápido do que eu, principalmente se eu lhe decepcionasse. Não queria fazer aquilo, mas não tive escolha. Mel me esqueceria se eu não fosse mais

digno de sua confiança e aceitação. Ela se desiludiria e sobreviveria, jovem e linda como é, não ia sobrar nem uma cicatriz para contar a história. Era a nossa única chance. Eu teria de juntar coragem para perdê-la de vez.

Cliquei no botão “ responder” e aprumei meu corpo na cadeira.

Com os dedos trêmulos, digitei uma resposta. Mel não merecia nenhuma daquelas palavras. Em algum momento ela saberia que era melhor do que aquilo e sairia do fundo do poço no qual nossa relação havia caído. Será que um dia entenderia minha atitude? Será que perceberia que eu só estava fazendo o melhor para ela? Compreendendo ou não minhas ações, aprendi a fazer sempre o que é certo.

“ Querida Mel, sinto informar que não vou poder voltar ao

Brasil este ano e acho que nem no próximo. Houve um imprevisto na empresa e terei de resolver. Será ótimo para o meu currículo. Fico feliz que tenha escolhido o Direito, mas temo que você tenha sido manipulada pelo sentimento confuso que nutre por mim. Não faça nada para me impressionar, pois esse nunca deveria ser o objetivo de qualquer irmã mais nova. Eu tenho orgulho de você e isso nunca vai mudar. Seja mais inteligente e pare de tentar seguir passos que não são os seus.

Sinto sua falta, mas procuro não sentir para não

enlouquecer. Estou me divertindo bastante em Toronto. Já falei sobre a

Amèlie? É uma francesa que conheci no trabalho. Segue a foto dela em anexo. Começamos a namorar na semana passada. Eu gosto dela. Acho que um dia aprenderei a amá-la. Antes que pergunte, não, ela não é vadia e tem um sotaque engraçado.

Eu nunca vou me esquecer do seu primeiro beijo. Vou fingir esquecer, com certeza, mas nunca irei, pois sei que foi importante para você, mesmo que tenha sido a coisa mais errada que já fiz na vida. Você é a minha irmã querida, merece ter alguém especial e vai ter. Quer saber um segredo? Eu beijo muito mal. Sério, já me falaram isso mais de uma vez. Vou ser superado em um piscar de olhos e você nem vai sentir. Espero que faça melhor do que aquilo quando estiver com outro cara. Você consegue, sei que sim.

É uma pena que seja seu último e-mail. É o meu último também, então. Você nunca vai deixar de ser minha irmã mais nova, jamais se esqueça disso. Queria poder te proteger para sempre, mas está na hora de aprender a viver. Você é forte. Mais do que imagina. Supere-se, Mel. Olhe para dentro de si e veja o quanto é especial. Siga seus sonhos e continue fazendo pedidos ao Papai Noel. Mas não espere que ele te dê alguma coisa. Na maioria das vezes, a gente só conta mesmo é com a sorte. Faça a sua. Foi o que eu fiz.

Beijos, Lucas.

P. S.: Poderia fazer o favor de apagar esse e-mail depois que o ler? Obrigado.

P. S. 2: Eu realmente não gostava daquela boneca.”

Enviei em anexo uma foto que tirei com a Amèlie. Claro que menti, éramos apenas bons amigos de trabalho e saíamos juntos de vez em quando, sem compromisso. Ficamos em algumas noites, mas nossa relação esfriou. Só sobrou a amizade mesmo. Tentei não pensar em como aquele e-mail soava idiota, impessoal e ofensivo demais. Um soco na minha cara, e pior ainda, na cara indefesa da minha linda irmã, do único amor real que já tive na vida. Mel ficaria derrotada. Eu precisava ligar para a mamãe com urgência, assim que eu o enviasse, para que segurasse as pontas.

Sem pensar em nada, enviei. Meu plano desesperado precisava funcionar. Peguei o celular e liguei para a mamãe, porém, para minha total surpresa, quem atendeu foi o papai. Seu timbre ansioso fez com que eu me sentisse derrotado.

– Oi, campeão! Como você está?

– Bem cansado – procurei as palavras certas para não mentir. –

E o senhor?

– Ótimo! E então, já comprou as passagens? Sua mãe não se

aguenta de tanta saudade. Ela está aqui do meu lado. Vou colocar no viva-voz.

Depois de alguns ruídos agudos, escutei a voz da minha mãe e tive vontade de desabar em lágrimas. Controlei-me como pude.

– Oi, filho! Quando você vem, hein? Já tem a data e o horário do voo?

– Mãe... P ai... É que... – Suspirei. – Eu não vou voltar.

Ouvi um resfolego incrédulo.

– P ara... onde? – P apai murmurou. P odia visualizar sua expressão rígida.

– Aconteceu... um... uma coisa na empresa e eu vou ficar. – Levantei-me e comecei a caminhar pelo quarto.

– Que coisa é essa? – a voz do papai já era um rosnado. Mamãe havia ficado calada, acho até que já estava chorando.

– Uns serviços importantes, pai. Muito importantes mesmo. Vou ficar pelo menos por mais um tempo.

– Quanto tempo?

– Eu não sei. Só não posso voltar agora.

– Filho, você vai passar o natal longe? – Mamãe finalmente se recuperou. Estava com a voz bem chorosa. – Não, meu filho, venha e depois

das festividades você volta.

Fechei os olhos e coloquei a mão no coração na tentativa de fazê-lo ficar no lugar. Absolutamente tudo doía.

– Não posso, mãe.

– É claro que pode. Que tipo de serviço é esse? Vou ligar para Elizete agora mesmo.

– Não é necessário, pai. Não se envolva nos meus projetos pessoais.

– Campeão... Você nunca passou o natal longe. Não pode fazer isso.

– É só uma data imbecil – falei com pesar. Meus pais ficaram mudos por um bom tempo. Eu também. Mal dava para acreditar que falei um absurdo daqueles. – Voltarei assim que puder.

– Lucas, eu... eu exijo que volte.

Meu corpo se chocou contra uma parede e eu fui me sentando de um jeito trôpego no chão. Não me lembro de ter desobedecido ao meu pai uma única vez. Ele nem precisava chegar a ordenar ou a exigir nada.

– O senhor disse que me apoiaria em todas as minhas decisões!

– Essa é uma decisão errada, Lucas! Não pode trocar a sua família por uns serviços. Isso não se faz sob nenhuma hipótese, é inconcebível.

– Parem de agir como se eu fosse uma criança. O senhor e a mamãe vão precisar confiar em mim desta vez.

Ouvi um grito alto. Cerrei meus olhos com força. Era a Mel.

– O que foi isso? – P apai ficou aflito.

– Mandei um e-mail para a Mel avisando que ficaria – adiantei-me antes que eles se preocupassem demais, porém foi tarde. P apai devia ter corrido para vê-la, mas mamãe ainda estava na linha.

– Filho... Não... P or favor, não.

– Mãe. Eu que peço por favor à senhora. Eu não *posso* voltar agora, é uma oportunidade de ouro. É o meu futuro. Confie em mim.

Ela suspirou alto.

– Eu confio, meu filho. Vou sentir tanta saudade... tanta, mas tanta...

Nem dá para acreditar que não vou te ver no natal.

– Voltarei em breve. P rometo. Só cuide da Mel, por favor, mãe. Cuide bem dela. Fique atenta.

– Certo, meu destino.

Comecei a chorar em silêncio depois que ela me chamou daquilo.

P assei um minuto completo tentando deixar minha voz audível o bastante.

– Eu te amo, mãe. Ligo no natal.

– Nós te amamos. Não se esqueça da gente.

– Nunca.

– Você sabe que pode me dizer qualquer coisa, não sabe? – Fiquei

calado, por um segundo pensando na possibilidade de confessar meu grande problema. Mas não podia. Era muito vergonhoso. Mamãe não merecia tanta decepção.

– Sei, mãe.

– Conte comigo.

– Obrigado. Beijão, mãe.

– Beijo, meu bem.

Desliguei e desabei. Permaneci jogado no chão como um verme insignificante por um bom tempo. Quando me recuperei, voltei à mesa do *notebook* com passos trôpegos. Havia um e-mail da Mel. Eu sabia que haveria. Sabia também que não deveria lê-lo, mas eu precisava receber aquele impacto. Era o meu castigo. Minha penitência pelo que fiz. De fato, aquelas três únicas palavras no e-mail da Mel soaram mais do que uma punição. Era a pura e crua verdade, e ela doía junto com todo o resto.

“Seu babaca infeliz.”

Capítulo 10

Meus pais ficaram muito preocupados, imaginando que alguma coisa séria havia acontecido e que eu não tinha contado. John veio falar comigo naquela mesma semana, dizendo-me que Levi tinha ligado pedindo explicações. Meu chefe ficou sem saber o que fazer ou dizer, pois me queria

na empresa, embora soubesse que eu podia voltar a qualquer momento. P
edi

desculpas pela situação chata e expliquei que queria ficar, que tinha me adaptado bem à cidade e que precisava de mais um tempo longe da família. Levi ainda dificultou muito as coisas para mim, mas ele nada podia fazer de verdade para que eu voltasse além de tentar me convencer. Ele tentou pra caramba. Mantive-me irredutível mesmo que às vezes eu procurasse brechas entre os motivos que tinha para ficar. Cheguei a tentar me convencer de que o meu retorno era seguro, que a Mel e eu manteríamos a calma, que eu seria forte o bastante para controlar nosso desejo, mas a quem estava tentando enganar? Cada lembrança, cada sonho, cada pensamento me trazia a certeza de que eu não aguentaria um só segundo diante dela sem beijá-la.

Liguei no natal e no ano novo, mas a Mel não quis falar comigo.

Respeitei sua vontade. Não era isso o que eu pretendia? Que ela ficasse com raiva de mim até que me esquecesse? Estava funcionando. P assei as festividades trancado no silêncio do meu apartamento, observando os fogos de artifício pela janela. Nunca me senti tão sozinho em toda a minha vida, mas procurei me manter positivo. Aquilo ia acabar em breve. Eu não podia sofrer como se fosse o fim do mundo. Não era. Aliás, nem mesmo aquele amor faria o mundo acabar, então era o meu dever sobreviver da

melhor forma possível.

Depois do ano novo, transformei-me em outro cara. A solidão sufocante e os pensamentos excessivos me fizeram compreender que eu não devia e nem podia sofrer por um problema que estava sendo solucionado. A maneira menos dolorosa de assistir a minha irmã me esquecendo era tratando de esquecê-la também. Ou, como ela havia sugerido, parando de me importar tanto com tudo e de achar que a culpa era sempre e toda minha. Foi por isso que busquei pensar o mínimo possível na minha família. Estava me sentindo só de um jeito preocupante, mas a solidão só é um problema para quem fica em casa pensando na vida, não para um cara solteiro que buscava frequentar casas noturnas. Foi o que fiz. No fim de janeiro, encontrei-me por acaso com a Amèlie em um desses lugares. Foi uma grande coincidência. Nós nos divertimos e bebemos tanto que só dei por mim quando acordei no outro dia com ela nua na minha cama. Amèlie era francesa e estagiava lá na empresa há alguns meses. Ainda me surpreendia o fato de estar em uma cidade formada por estrangeiros de diversos lugares do mundo. A maioria das pessoas que eu conhecia estava em Toronto só de passagem, como eu. Não sei explicar, mas sentia que aquele lugar não era o lar de ninguém, talvez por isso nunca o tenha considerado assim.

O retorno da minha colega para França tinha data marcada: outubro. Eu sabia que ela era uma mulher com quem eu não devia me envolver demais, porém saber que qualquer relacionamento que nós tivéssemos teria fim em breve me fez gostar da ideia. Enquanto observava seus cabelos loiros esparramados no meu travesseiro e sentia o cheiro doce de baunilha que sua pele branca emitia, imaginei como seria realmente ter alguém por perto. O inglês dela era péssimo, por isso sempre nos comunicávamos em francês. Ela se sentia segura comigo por este motivo, já que na empresa o inglês era obrigatório.

Alisei seus cabelos suavemente. Amèlie era realmente muito bonita. Tinha modos refinados, como qualquer francesa, mas cultuava a liberdade, principalmente a sexual. Já a tinha visto beijando garotas mais de duas vezes. Não sabia o que pretendia comigo – certo, eu sabia muito bem o que queria de mim, só acreditava que talvez pudéssemos ser mais do que dois corpos queimando de desejo e buscando autosatisfação –, pensei bastante no que fazer até que ela acordou.

– *Bonjour...* – murmurou, fazendo biquinho, e me decidi.

Amèlie precisava me distrair. Não só com seu corpo, mas com sua companhia e a graça que toda mulher educada possui.

Sorri sem nada responder. Ela sorriu também e logo passou seus

dedos delicados pelo meu peitoral exposto. Eles desceram pela minha barriga, perdendo-se por baixo do lençol branco. Eu sabia o que ela já queria, por isso sorri ainda mais amplamente. Tratei de lhe dar exatamente o que seus olhos castanhos pediram, mas, no café da manhã, pulei um monte de etapas e a pedi em namoro de uma vez. Era tudo ou nada. Foi com muita surpresa que acompanhei sua aceitação. Amèlie nunca imaginaria que eu poderia fazer aquele pedido algum dia, principalmente tão cedo.

Os meses ao lado dela foram muito bons. Fazíamos viagens, conhecíamos pontos turísticos, almoçávamos juntos e às vezes ela dormia no meu apartamento. Ficamos grudados o tempo todo mesmo. Sua distração foi extremamente bem-vinda, acalmando meus nervos e amenizando o desespero. Tentei amá-la, admito. Mesmo sabendo que ela voltaria para casa,

tentei viver intensamente aqueles dias, mas infelizmente ainda pensava muito na Mel. Tinha dias que eu sequer conseguia olhar nos olhos da Amèlie, e ela me respeitava achando que fazia parte do meu gênio.

Nosso relacionamento era tão agradável, sem pressão ou cobranças, que me senti absolutamente à vontade. Eu me importava com ela a ponto de protegê-la, aconselhá-la, dividir um balde de pipoca e conversar sobre livros. Amèlie não era muito de ler, mas tinha mente aberta e decidiu se permitir. Gostou e não parou mais, pegando emprestado tudo o que eu tinha

em meu apartamento. Seu jeito infantil me lembrava a Mel às vezes, mas ele

se quebrava de vez na cama. Entre quatro paredes, ela era uma mulher feroz mesmo. Cometíamos loucuras como transar no banheiro da empresa ou nas escadas do prédio em que ela morava. Boas aventuras das quais nunca irei me esquecer.

Em abril, Levi e Heloísa tiraram uma semana completa para vir me visitar, já que eu não parecia nem um pouco disposto a voltar para o Brasil. Mel ficou com a vovó Nina, dizendo aos meus pais – não a mim, pois ela mesma cortou qualquer tipo de comunicação comigo – que não podia faltar tantos dias de faculdade. Minha irmã passou mesmo na primeira tentativa no curso de Direito, enchendo-me de um orgulho espantoso. Orgulho este que não tive oportunidade de dizer a ela que estava sentindo.

Eu sabia os motivos reais de ela não ter vindo ao Canadá, e agradei bastante, embora uma parte de mim tenha ficado arrasada. Seria muito desconcertante apresentá-la à Amèlie. Sentia tanta saudade da minha família

que passei horas abraçado aos meus pais até que finalmente conseguisse apresentá-los ao meu apartamento, à cidade, enfim, à minha vida em Toronto.

Eles amaram a Amèlie. Mamãe, principalmente, se deu muito bem com ela,

apesar de as duas serem péssimas no inglês e de mamãe sequer saber falar um

“ *merci*” que se preze.

Foi uma semana descontraída, e infelizmente rápida demais, em que pude sentir todo o amor que os meus pais tinham por mim. Em alguns momentos, achava que não somente havia perdido a Mel, mas eles também. Levi e Heloísa me fizeram entender que isso não ia acontecer nunca. Por mais merdas que eu fizesse, ainda os teria. Não sei se eles fazem ideia do quanto aquela visita me fez bem. Na hora de nos despedir de novo, no entanto, meu pai praticamente me implorou para voltar pra casa.

– Eu vou voltar em breve, pai, não se preocupe. – Segurei os ombros dele enquanto pessoas circulavam pelo aeroporto. Mamãe e Amèlie tinham ido comprar algumas garrafas de água.

– Campeão... Por favor, não demore. Sua mãe e eu não sabemos mais o que fazer com a Mel.

– Com a Mel? – Fiz uma careta. Não havíamos trocado mais do que algumas frases sobre a minha irmã durante toda a viagem deles. Não achei que tivesse sido de propósito, mas me enganei.

– Não queríamos te preocupar, mas... ela está impossível. Não nos obedece, anda com amigos ruins, falta muito às aulas... Semana passada ela gritou com a Heloísa. Que tipo de pessoa consegue gritar com

alguém como a sua mãe?

Levei as duas mãos à cabeça e apertei meus cabelos. O

desespero voltou com força total. A culpa me atingiu como um soco veloz e poderoso, deixando-me meio tonto. Não havia como culpar outra pessoa além de mim mesmo. Um pouco de esclarecimento me fez compreender que a

Mel era apenas uma adolescente comum. Apesar de sua inteligência, eu devia saber que toda adolescente machucada tende à revolta e não à superação. Onde estava com a cabeça quando a magoei? Acabei ferindo ela e os meus pais com um só golpe.

– Por que não me contaram antes...? Não acredito que... – falei

de um jeito irritado. Meu pai estranhou um pouco a minha reação, mas acho que compreendeu. Afinal, eu havia tomado conta dela a vida toda, também me sentia responsável.

– Não queria que isso te... – Meu pai suspirou fundo, arrasado

demais para prosseguir. – Lucas, Mel se transformou numa pessoa diferente em um período de tempo muito curto. Eu não sei lidar com essa pessoa. Não

sei onde errei.

Prendi os lábios. Ele estava se culpando? Claro que sim,

aquele era o Levi. O pai mais perfeito do mundo inteiro.

– O senhor não tem culpa de nada!

– Ela não reagiu bem à sua viagem. Mel não nos diz nada e se recusa a frequentar um psicólogo, mas sabemos que foi isso. Temos esperança de resgatarmos nossa Mel quando você voltar. É como se os meus

dois filhos tivessem partido e eu não sei o que fazer! – Levi deixou algumas lágrimas escaparem e não evitei as minhas. Abraçamo-nos com força. Eu me

acabei nos braços dele.

Lembrei-me do dia em que o Levi me disse que homem podia chorar, sim, bastava ter sentimentos. Eu só tinha nove anos e ficava com vergonha de chorar na frente dos outros. Acho que foi a partir dali que começamos a compartilhar a nossa sensibilidade. No entanto, nunca vi meu pai chorando na frente de ninguém, só de mim. Não era fraqueza. Era sua força. Era como se, comigo, ele precisasse ser assim só para me mostrar o quanto era importante saber ser homem.

– Desculpa, pai... Desculpa... – gemi com a voz abafada. – A culpa é toda minha, não é do senhor e nem da mamãe.

– Você não pode se culpar pelo que precisou fazer, campeão.

Mel não podia ter reagido assim. Ela te ama, mas... Sei lá, eu pensei que fosse mais madura. Ela era tão mulher perto de você.

Suas palavras me fizeram parar de chorar. Enxuguei meu rosto na gola do meu casaco e me afastei de vez. Não ia adiantar muito me desesperar. Estava cansado de cometer mais erros por causa de apenas um. Quando tudo aquilo iria acabar, pelo amor de Deus?

– Eu vou voltar. – Suspirei fundo e espantei o choro de vez. Chega de agir como um moleque que só faz merda. – Só me deixe resolver tudo por aqui. P ode demorar uns meses, mas eu vou voltar bem antes do natal, pai. P rometo.

– Tudo bem... – Ele chacoalhou os ombros. – Eu não queria te deixar preocupado. Somos os pais dela, nós que devíamos saber educá-la. Estou me sentindo tão inútil! Eu falhei com vocês dois.

– Não, pai. Não. Mel é maravilhosa. Só está magoada. Ela é só uma menina.

– Eu sei, mas não pode ser assim. Não compreendo. Um dia você vai se casar e terá de se dedicar à sua família. Mel não pode achar que será sua protegida para sempre.

– Vamos dar um tempinho pra ela. É duro demais crescer. A fase em que a Mel está é a mais complicada da vida.

– Tem razão. Vamos ficar bem. Não se preocupe.

Eu não soube dizer quem havia consolado quem durante aquela

conversa, porém tenho certeza de que saímos dela bem mais positivos.

Fiquei disposto a voltar e assumir todos os riscos. Tentaria corrigir um grande erro e rezaria para que não cometesse outros. Estava nos meus planos pelo menos não morar mais com os meus pais. Assim eu ficaria perto

da Mel, mas não perigosamente perto. Precisa dar certo. Eu estava cansado de articular planos que só faziam as coisas piorarem.

Depois que deixei Amèlie em sua casa e cheguei do aeroporto, sentindo-me vazio demais porque os meus pais foram embora, fiz uma nova pesquisa na rede social da Mel. Não fazia isso há meses. Meu objetivo era procurar sinais de sua revolta ou mudança de comportamento, além de tentar decidir se voltar era mesmo a melhor opção que eu tinha. Uma parte dentro de mim não queria acreditar que a minha irmãzinha estivesse se comportando tão mal. Jamais imaginei que ela fosse infantil a este ponto.

Meu queixo caiu e minha cara ficou no chão, pois a primeira coisa que notei foi a mudança no seu status de relacionamento. Mel estava namorando com um tal de David. Cliquei no perfil do cara, curiosíssimo e com as mãos tremendo de ciúme. Era um moleque, devia ter a idade dela. Usava uma franja esquisita na testa e era magro como um palito. Mas eles ficavam bem na foto. O sujeitinho era alto e conseguia envolvê-la direito em um abraço apertado. Arquejei de um jeito doloroso. Minha cabeça

pareceu querer explodir. Segurei a respiração quando vi uma foto dos dois se beijando. Não achei que fosse doer tanto, mas doeu. Doeu pra caralho.

Passei muito tempo observando as fotos deles, perguntando-

me sobre o porquê de Levi e Heloísa terem me escondido aquela informação

importante. Quando já estava mais ou menos acostumado com a imagem do casal rolando na tela do *notebook*, comecei a tentar me animar. Afinal, eu ia poder voltar para casa. Havia perdido a Mel de vez. Meu plano havia dado absolutamente certo. Só me bastava voltar, animar meus pais, tentar resgatar o amor fraterno da Mel e viver a minha vida como sempre fiz. O meu grande

problema tinha encontrado um fim perfeito. Eu não podia pedir mais do que isso, mesmo que o meu coração estivesse pisoteado.

Depois daquele dia, minha relação com Amèlie esfriou muito.

Ela sabia que eu ia embora, eu sabia que ela ia embora, mas a existência da data de validade para o nosso relacionamento começou a espantá-la. Tentei fazê-la se divertir e viver ao máximo cada dia. No começo funcionou, mas, com o passar dos meses, a situação foi ficando insuportável até para mim, principalmente quando em uma noite ela disse que me amava e que não queria que nos separássemos. Nada comentei na ocasião, mas Amèlie percebeu que eu não desejava a mesma coisa e principalmente que eu não

nutria o mesmo sentimento por ela. Nosso namoro, já fadado ao fracasso, terminou antes mesmo de ela voltar para França.

Enquanto isso, fiquei de olho em cada passo da Mel. Ela saía muito mais do que eu gostaria que saísse. Sempre tinha fotos dela com as amigas em diversas baladas, shows, cinema, e, na maioria delas, o David também estava. Seu visual havia mudado muito também. As roupas que usava não chegavam a ser vulgares, mas bem diferentes do que costumava usar. Pareciam mais sóbrias, mantinham certo ar gótico. O *gloss* cor-de-rosa

havia dado lugar a uma maquiagem sempre carregada demais. Não dava para

crer que aquilo estava acontecendo.

Esperiei os meses passarem só para ter certeza se era mesmo seguro voltar. Não podia agir por impulso e ampliar a lista de coisas que me arrependo de ter feito. Comprei passagens para o mês de outubro de propósito. Acho que meu coração não suportaria ver a Mel comemorando a maioridade ao lado de outro cara. Além do mais, se os meus planos fracassassem e o meu controle fosse embora, pelo menos ela já teria dezoito anos. Seria menos mal, não é? Não queria pensar nas coisas deste modo, afinal, Mel estava namorando e devia amar o David, mas pensei mesmo assim. Deu tempo de pensar em tudo pelo menos um milhão de vezes.

Com a minha conta bancária bem gorda, as contas na empresa acertadas e a chave do apartamento devolvida, deixei o Canadá com um sentimento confuso estampado no peito. Ia sentir falta do frio, mas ansiava pelo calor que só fazia no Brasil. Além do mais, sentia falta de ouvir as pessoas ao meu redor falando português. A comida também me deixou saudoso, mas eu curti a tranquilidade em Toronto, no sentido de poder sair a qualquer hora sem temer ser assaltado. A experiência de viver em uma cidade segura foi espetacular.

A viagem de volta foi tão louca para o meu cérebro quanto a de ida. Fiquei com a sensação de que nada havia mudado, mas eu sabia que tudo estava diferente. Depois de muito raciocínio, encontrei a origem daquela sensação: o meu amor pela Mel era exatamente o mesmo. Havia sobrevivido não sei como. Ainda bem que eu tinha me acostumado com ele, de modo que não me sentia tão mal por ele ainda estar vivo. Eu daria um jeito. Seguraria as pontas. Acho que o mais importante não é esquecer alguém que você precisa esquecer, é compreender que nem sempre você vai ter o que quer.

Depois que saí do avião, já senti o calor tropical do meu verdadeiro lar. Nostalgia pura me dominou por completo. Que saudade do Brasil! O clima estava de um abafado que mais parecia querer me cozinhar,

mas mesmo assim sorri. Retirei o casaco e uma camisa de manga comprida que usava por baixo. Fiquei apenas de camiseta preta. Nem sei como encontrei paciência para esperar minhas malas aparecerem na esteira. Sabia que a minha família me esperava do lado de fora do desembarque. Não fazia

ideia se a Mel havia ido me buscar também, não ousei perguntar, mas meu coração se preparava para tudo, inclusive para a rejeição.

Peguei minhas malas e inspirei todo o ar que consegui. Parei um pouco na metade do caminho, olhando para o chão enquanto algumas pessoas que estavam no mesmo voo cruzavam a porta eletrônica, que se abria para deixá-las passar e logo se fechava. Ali estava eu, um cara de vinte

e oito anos que tinha acabado de chegar de uma viagem longa, mas que continuava temeroso, se acovardando e se lamentando. Eu tinha mudado?

Não soube responder. Senti-me um idiota por finalmente perceber que aquela merda de viagem não tinha ajudado a minha personalidade a saber lidar comigo mesmo. Segurei forte o carrinho metálico onde apoiei minhas bagagens e expirei. A palavra de ordem era: coragem.

Atravessei a porta eletrônica e logo vi meu pai segurando uma placa ridícula, que com certeza foi feita pela mamãe, com o meu nome escrito.

Sorri ao conferir um sorriso amplo enfeitando seu rosto. Ao lado dele, mãe também segurava uma placa, algo como “ nós te amamos, Luquinhas”

estava escrito nela, mas não pude ler direito porque o meu mundo travou depois que percebi a Mel ao lado da mãe, com as mãos vazias relaxadas ao lado do corpo.

Ela me olhava inexpressivamente, com um ar de indiferença que parecia ensaiado. Quase não suportei compreender o quanto ela tinha mudado sem que eu sequer acompanhasse essa mudança. Seus cabelos sempre cacheados estavam lisos e pintados de amarelo nas pontas. Usava uma calça preta rasgada em muitos lugares, uma camiseta preta larga e um tênis preto também. Parecia que ela tinha ido a um velório e não buscar um irmão que não via há quase dois anos no aeroporto.

Não consegui desviar os meus olhos dos dela. Parei eternos segundos parado, segurando o carrinho com força, controlando meus instintos e vontades, tentando decifrar seu olhar e, finalmente, lembrando do quanto eu amava aquela garota diante de mim. Meus pais devem ter percebido que a Mel seria meu primeiro alvo, pois não saíram do lugar mesmo quando meu corpo deixou o transe e fui, devagarzinho, me aproximando dela. Dei alguns passos hesitantes e assisti aos olhos da Mel

se enchendo de lágrimas. Os meus fizeram o mesmo, como se ambos tivessem

combinado antecipadamente. Assim que cheguei perto o bastante e larguei o carrinho, ela recuou como se eu fosse lhe bater.

– Mel... – murmurei com a voz suave, trêmula. Ela balançou a cabeça negativamente, ainda me encarando. Sua mágoa era evidente, eu podia pegá-la com as mãos de tão palpável que se encontrava.

Não deu para evitar sentir indignação, embora não tenha deixado transparecer. Dentro de mim, cada muralha que construí ruía alto, por fora eu só parecia determinado demais. Hesitei por um mísero segundo, sem parar de observá-la. Ela ainda continha as lágrimas. Sinceramente, eu podia ter feito merda, podia ter lhe magoado e ganhado seu ódio eterno, porém nada me impediria de abraçá-la naquele momento. Foi por isso que simplesmente a puxei ao meu encontro, antes que ela saísse correndo, e envolvi meus braços em seu corpo miúdo. Agarrei seus cabelos com as duas mãos, fechei os olhos e a preendi como se não fosse capaz de largá-la nunca mais na minha vida. De fato, eu não era. Não mais. Eu preferia morrer a ter de

passar por essa experiência novamente.

Só percebi que eu estava chorando ruidosamente quando a

Mel, de um jeito hesitante, abraçou a minha cintura e nossos corpos

pularam juntos por causa dos soluços.

– Me perdoa... – murmurei muito baixo, para que só ela pudesse escutar. – Mel, me perdoa...

Mel ergueu o rosto e me observou de perto. Encaramo-nos por longos segundos. Ela estava chorando também, mas balançou a cabeça devagar.

– Não... – gesticulou com os lábios e me largou de vez. Sua expressão voltou à indiferença. – Não.

Foi então que eu soube que ela já me odiava muito, de uma forma que provavelmente era irreversível.

Capítulo 11

Mel se afastou depressa e os meus pais me abraçaram forte, sem me dar tempo de questioná-la. Não sei direito se notaram o que tinha acabado de acontecer, pois estavam felizes demais com a minha presença.

Fui interrogado, enquanto caminhávamos até o estacionamento do aeroporto, sobre cada detalhe da viagem de volta, a diferença do clima entre os dois países e coisinhas banais. Recebi mil recomendações da mamãe para

que eu não ficasse doente por conta do calor repentino.

Minha irmã se manteve distante, sem nada comentar durante todo o trajeto até o carro do papai. Procurei me concentrar no ar que eu

respirava e que havia me deixado tão saudoso. Não há nada melhor do que voltar para casa. Meus problemas até pararam de me incomodar, pois sentia que resolveria todos eles, um a um. Havia passado muito tempo longe e sabia o valor que o meu verdadeiro lar tinha.

Mel e eu sentamos no banco de trás. Procurei ficar perto, mas ela se encostou à janela, depositando a testa no vidro como se deixasse claro que não ia me dar bola. Papai começou a fazer mais perguntas banais. Sabia que iríamos conversar sobre coisas sérias – por exemplo, eu precisava de um emprego novo –, mas ele estava me dando um tempo para descansar, curtir a família ao máximo, antes de pensar sobre elas.

Fiquei o tempo todo analisando a Mel, respondendo ao papai de um jeito monossilábico. As roupas novas dela eram mesmo bem esquisitas. O cabelo longo e liso chegava até o fim das suas costas. Ergui uma mão, sem poder me conter, e toquei uma mecha com as pontas amareladas. Era uma tonalidade de amarelo-queimado quase laranja. Um visual bem diferente, sem dúvida. Ela percebeu o meu toque e se virou, assustada. Fez careta para mim e enlaçou os fios, prendendo-os para o outro lado, de forma que eu não os alcançasse.

– O que você fez com seu cabelo? – perguntei para não deixar a situação mais constrangedora do que já estava. Sabia que a Mel me

rejeitaria, era uma reação normal diante do que fiz, mas meu corpo latejava de dor a cada olhar duro que me oferecia.

– P rogressiva. – Sua voz soou firme, quase irritada.

– Não devia ter feito isso. Seu cabelo era lindo cacheado.

– Você voltou só para me dizer o que fazer? – resmungou

rispidamente, oferecendo-me um olhar raivoso que eu nunca tinha visto na Mel em toda a minha vida. Fiquei tão estupefato que perdi até a capacidade de falar. – P orque se foi, é melhor pegar outro avião.

– Mel! – mamãe reclamou. – Olha como trata seu irmão, poxa.

– Tem gente demais tomando conta da minha vida – prosseguiu com o mesmo timbre abusado.

Ninguém falou mais nada. Olhei o papai pelo retrovisor, mas ele mantinha a concentração na pista, embora não parecesse nada satisfeito. P articularmente, fiquei tão envergonhado e surpreso que não soube nem para onde olhar. Tive medo de encará-la e perceber que a Mel que eu amava tinha ido embora. Meu coração partido se esmigalhava ainda mais. Não fazia ideia do que seria dele; depois de tanta tristeza, ainda suportaria aquilo? P arecia demais, um limite inatingível.

O silêncio formado dentro do carro me deixou muito constrangido. Nem parecia a minha família ali comigo. Nós sempre

tínhamos o que dizer um para o outro, e jamais o clima havia ficado tão pesado antes. Abri a boca mil vezes, tentando buscar algum assunto, mas acabava desistindo. Percebi que a mamãe fez o mesmo que eu uma única vez.

Depois de alguns minutos, olhei para a Mel de novo. Ela tinha voltado a se distanciar, parecia bem aérea enquanto observava os carros e postes ficando para trás.

– Como está o David? – perguntei só para ver sua reação.

Esperava que a Mel fosse falar muito bem do namorado, na intenção de me machucar o máximo possível. Também estava curioso para saber a opinião dos nossos pais com relação a ele. No entanto, Mel apenas me encarou com os olhos esbugalhados. Arrependi-me de ter feito aquela pergunta antes mesmo de concluí-la.

– Quem é David? – mamãe perguntou, já que todo mundo ficou em silêncio. Mel ainda me olhava, parecendo tomada pelo pavor. Foi então que eu entendi. Levi e Heloísa nada sabiam sobre o sujeitinho que ela chamava de namorado.

– Um amigo em comum meu e da Mel – pensei rápido. Minha irmã soltou um suspiro como se tivesse prendido a respiração. Deu de ombros e desviou os olhos para algum ponto dentro do veículo.

– Hum... Não achei que tivessem amigos em comum – mamãe

comentou, mas de um jeito despreocupado. Deu para perceber que ela só falava para que o silêncio não retornasse. – Para mim, sempre houve essa divisão: os amigos da Mel de um lado e os amigos do Luquinhas do outro.

– A gente tem uns em comum também. – Meu rosto já estava vermelho de vergonha. Queria mudar de assunto o mais depressa possível e, para a minha surpresa, foi a Mel quem fez esse favor.

– Como está a francesa? Como é o nome dela mesmo? – Mel fingiu pensar. – Ah... Amèlie. – Sua careta desdenhosa me desarmou mais uma vez. A voz ainda inspirava o mais puro sarcasmo. Não dava para acreditar naquela garota diante de mim. Quem ela era? Eu não a conhecia e com certeza não queria conhecê-la.

Continuei observando a Mel. Balancei a cabeça como se a desaprovasse, mas ela apenas chacoalhou os ombros, deixando evidente que não se importava com a minha desaprovação.

– Eu realmente não sei te dizer – murmurei. Ela sorriu, mas não foi um sorriso sincero.

– Sabe... Eu me pergunto por que você não foi atrás dela. A França é bem mais interessante que o Brasil, não é?

– Não há nada lá que eu ame mais do que o que há aqui – respondi simplesmente. Ela deixou o sorriso morrer. Achei que fosse parar,

mas Mel se tornou ainda mais agressiva.

– Duvido, já que abandonou sua família por causa de um rabo de saia!

– Mel! – mamãe interferiu.

– Não é verdade! – Meu rosto ficou vermelho de raiva e vergonha. Perdi a minha paciência completamente. – Você não sabe de nada,

não fale besteira!

– Quem não sabe de nada é você! Por que voltou, hein? Podia ter ficado lá!

– Mel, olha como você...

– O meu lugar é aqui, com a minha família – cortei as palavras da mamãe, de forma que ninguém conseguiu ouvir o fim da sua frase.

– Quando descobriu isso? Depois que a francesa te deu um pé na bunda? – Ela riu de um jeito falso.

A dor que causei na minha irmã havia feito aquilo tudo com ela? Todo aquele ódio, todo o ressentimento... Meu Deus. Era uma bagagem imensa de emoções ruins que os olhos dela me transmitiam. Não dava para me sentir mais culpado do que aquilo. As consequências do meu erro eram piores do que imaginei.

– Eu não vou discutir contigo – falei em um rosnado de

indignação.

– P erfeito! Não discuta mesmo não, pois sabe que está errado.

Você nos abandonou!

– Não foi assim... Não abandonei a minha família! – proferi ainda sem fôlego, com o coração batendo em um ritmo frenético. Era difícil até mesmo pensar no que falar.

– Como não? Como tem coragem de negar? – Mel gritou alto, assustando-nos. Seu rosto ficou tão vermelho quanto o meu. – Cara... Vai embora! Volta pro Canadá, pra França, pro orfanato... P ro diabo que te carregue, só me deixe em paz!

– Mel! – papai rosnou, furioso. Meu corpo retesou, pois jamais escutei sua voz soando tão dura. – Você está muito encrencada!

– Mas, pai, ele...

– Calada! – Levi ergueu o dedo indicador e a Mel deu de ombros. Abraçou a si mesma com força. O espanto total me deixou desnorreado, meio tonto até. P apai nunca, nunquinha mesmo, havia agido daquele modo conosco. – Não quero ouvir sua voz dentro desse carro de novo.

Achei melhor afundar no banco e permanecer distante. Meu corpo todo tremia de pavor, desespero, tristeza, dor... No intuito de salvar a

minha família de um constrangimento, acabei a destruindo. Nós nunca recuperaríamos a paz se a Mel continuasse daquele jeito.

Uma fraqueza horrível, mesclada com a derrota total, me fez ficar cabisbaixo até chegarmos ao nosso prédio. No elevador, entramos todos juntos e permanecemos em silêncio. Só consegui olhar para baixo, pois me via incapaz de encarar qualquer membro da família. P apai abriu a porta do apartamento e percebi que pouca coisa havia mudado. Alguns móveis trocaram de posição e só. Inclusive, o cheiro era o mesmo; um aroma de lar que me trouxe uma nostalgia triste, afinal, eu estava triste. Empurramos as minhas malas pesadas até o centro da sala. Mel sequer nos ajudou, foi andando direto na direção do corredor que dava para o seu quarto.

– Ei, ei, mocinha! – P apai a chamou. – Volte aqui.

– O que eu fiz desta vez? – Ela voltou e revirou os olhos.

Apoiou as mãos na cintura, parecendo entediada.

– P eça desculpas ao seu irmão.

Mel me observou por um segundo e depois olhou para o papai com raiva.

– Ah, não. O senhor não vai fazer isso.

– Mas é claro que vou. – Levi foi até ela e puxou seu braço a fim de guiá-la para perto de mim. Eu não podia me sentir mais constrangido.

– Vamos, estou esperando.

Mel ficou olhando para o chão. Suspirou fundo e seu hálito quente arrepiou os meus braços. Como eu podia ainda amar tanto aquela idiota? Aliás, por que ela estava agindo como uma? Por quê? Mel não tinha o direito de machucar nossos pais daquele jeito. Sim, ela podia me machucar como quisesse, eu aceitaria com resignação, mas não eles. Por oxa vida, eles não!

– Desculpa – murmurou com a voz ininteligível.

– O quê? – P apai bufou, muito indignado. – Não ouvi nada.

Vamos lá, faça melhor do que isso antes que eu me arrependa de ter te dado essa chance.

Mel se abraçou de novo. Continuou fitando o chão.

– Desculpa, Lucas. Você nos abandonou, mas eu tenho que te pedir desculpas por isso, porque o perfeitozinho da família é você. Você nunca erra. Eu estou sempre errada.

Suas palavras abriram um verdadeiro buraco dentro de mim.

Sério, não tinha poço mais fundo do que aquele onde ela me colocou.

– Não me faça perder a paciência! – Levi se exaltou.

– Querido... – Mamãe o abraçou por trás. – Querido, calma...

– Desculpa – Mel choramingou, finalmente olhando para mim.

Eu estava tão desolado que ela deve ter achado interessante me observar daquele jeito. – Só me desculpa.

– Tudo bem, Mel – minha voz saiu rouca.

– Ótimo. – Levi expirou como se sentisse alívio. – Agora, dê um abraço no seu irmão.

Mel fechou os olhos dolorosamente.

– P ai... Não precisa fazer isso, eu não quero um abraço forçado

– falei, buscando pelos olhos dele. Levi estava muito irritado mesmo. Mais do que isso, estava triste também.

– Ah, mas eu vou fazer, Lucas. – Ele se virou para a minha irmã.

– Vamos, Mel, abrace o seu irmão. Abrace a pessoa que te protegeu, aconselhou, que te deu amor por anos e anos e que você feriu sem sequer uma boa justificativa!

Senti-me péssimo diante das palavras do papai. Mel tinha uma justificativa muito boa para me tratar daquele modo. Quase joguei tudo pelos ares e saí gritando o que de fato havia nos acontecido, mas me detive porque os lábios da minha irmã começaram a tremer. Achei que ela fosse fazer o que era de minha vontade. Talvez tenha sido por isso que me surpreendi quando seus braços envolveram minha cintura com força, impedindo-me até de respirar.

Apertei seus cabelos como havia feito no aeroporto. Inclinei-me e lhe beijei o topo da cabeça várias vezes. Eu não queria que ela me largasse, mas seus braços foram amolecendo, achei até que fosse desmaiar, mas não. Mel se afastou com ar derrotado.

– Satisfeito? – murmurou para o meu pai.

– Só vou ficar quando você for para o seu quarto e só sair de lá na hora do jantar.

– Certo...

Mel se virou na direção do corredor, com os ombros caídos.

Abraçou-se pela terceira vez desde que a vi no aeroporto. Ela realmente fazia aquilo tudo para se proteger, prova disso era aquele abraço que oferecia ao próprio corpo. Estávamos diante de uma menina em apuros, perdida dentro de si mesma. E eu a amava tanto que não suportava vê-la daquele jeito, principalmente ciente de que era o culpado. Só queria poder abraçá-la e não largá-la nunca mais. Seria pedir muito?

– Não está se esquecendo de nada, filha? – papai perguntou, parecendo um pouco mais calmo.

Mel correu e o abraçou com força. Meu cérebro deu um nó.

Mamãe também a abraçou.

– A gente te ama, filha. Não se esqueça disso. Por favor. – Levi

lhe beijou a testa e então finalmente a Mel se perdeu dentro de seu quarto sem olhar para trás.

Meus pais me olharam ao mesmo tempo.

– Eu... Nem... – gaguejei pateticamente.

– Luquinhas... Você precisa nos ajudar a dar um jeito nisso.

P or favor. – P apai apontou para a direção que a Mel seguiu. P arecia desesperado. P odia ter ideia do quanto ele se magoava por tratar nossa menina daquele jeito.

– Ela te obedece – comentei com a voz fraca.

– Só me obedece desse jeito, campeão.

– Ela nem me ouve mais – mamãe choramingou. – Eu não

consigo ser durona. Criei vocês com tanto amor, com tanto carinho e sempre

deu tão certo... Eu não consigo agir assim!

Segurei as mãos da mamãe.

– Vai ficar tudo bem, mãe... Tem de ficar. – Olhando diretamente

para os olhos escuros da minha querida mãe, percebi que eu tinha uma grande missão diante de mim. Jamais fugiria das minhas responsabilidades

de novo. Fazer a nossa meiga e bondosa Mel voltar era o meu dever. A

felicidade da minha família estava em jogo. – Vou dar um jeito nisso. Eu

juro.

Capítulo 12

Passei a noite inteira em claro, não sei se por causa do *jet lag* ou da angústia que se instalou no meu peito e lá permaneceu. Observei cada minúcia do teto do meu quarto, que estava exatamente igual a como eu o tinha deixado antes da viagem, tentando me perdoar pelo que fiz. Minha irmã e eu nunca havíamos nos tratado daquela forma, de modo que aquela situação me deixava com uma sensação horrível de que nada seria como era nos dias em que eu fui feliz.

Só consegui pegar no sono quando já era quase manhã. Não fazia ideia de por onde começar. Depois de tudo, eu não devia mesmo esperar que as coisas fossem como antes. Eu tinha que crescer mais, buscar de verdade o que queria para mim, e aquele sofrimento todo não podia ser incluído nos meus planos. Tentar esquecer a Mel havia sido meu objetivo por tanto tempo, mas os esforços foram em vão e eu estava exausto. Meu corpo não se encontrava preparado para reconquistá-la, pois ele ainda me traía o tempo todo. Entretanto, não havia escolha; meus objetivos, de novo, estavam voltados para ela. A sensação de estar andando em círculos não me largou.

Meu coração se afligia porque, mesmo tendo voltado ao meu lar, não me sentia como se estivesse nele. O apartamento era o mesmo, meu

quarto também, os odores, os sons, a rotina... Pela primeira vez, percebi que

quem fazia do meu lar um verdadeiro lar só podia ser a Mel. Sem ela, eu só sobreviveria dentro da ilusão de estar em casa. E isso era tão assustador que eu não conseguia acreditar na desgraça que tinha me acontecido.

Diante de tantos problemas em que a solução estava em arranjar mais problemas, foi fácil chegar à conclusão de que eu jamais sairia daquela feliz.

Eu queria ser feliz, apesar de tudo. Havia me machucado e machucado a Mel porque ainda acreditava que eu pudesse me recuperar, mas... finalmente compreendi que não dava. Eu tinha a chance de salvar só um de nós dois, não ambos. Obviamente, eu não me escolheria. Seria burrice

e perda de tempo, pois eu nunca seria feliz se a Mel não fosse. Pelo menos ela precisava seguir em frente, não daquela maneira ridícula como estava se comportando, mas de um modo saudável. Eu faria o possível para garantir sua felicidade.

Ouvi alguns ruídos dentro do meu quarto. Acordei assustado e me sentei na cama em um pulo. As cortinas impediam a luz da manhã de incomodar meu sono, mas já devia ser bem tarde. Mel abafou um grito com a

mão, olhando-me com cara feia logo em seguida. Ela carregava um monte de

livros. Deixou-os em cima de uma das tantas prateleiras que eu tinha. Há quanto tempo ela estava ali?

– Só estou devolvendo – falou com impaciência, erguendo as mãos para o alto em rendição. Não chegou a me olhar, no entanto. – P ode voltar a dormir.

– Bom dia, Mel – murmurei com a voz rouca, por isso limpei a garganta. Voltei a deitar e me cobri até o pescoço, pois eu estava sem camisa

e o lençol tinha se perdido embaixo de mim.

– Boa tarde. – Minha irmã andou rápido até a porta.

– Sério? – Conferi meu relógio de cabeceira. Eram quase duas da tarde. – Você não devia estar na faculdade?

Ela girou a maçaneta e parou para me oferecer um sorriso irônico.

– Você não devia estar dormindo?

– Você me acordou. – Detestei tanto seus modos de falar comigo que comecei a agir com implicância também. Eu tinha acabado de acordar, estava sonolento e ainda bem cansado, então a minha paciência não era das melhores.

– Você que acordou sozinho.

– Por que não deixou para entregar os livros depois?

– Por que não trancou a porta para que eu não te atacasse? –

Seu sorriso carregado de desdém se amplificou. Como ela ficava mudada falando daquele jeito! Era muito doloroso de assistir.

Decidi entrar no jogo dela de uma vez por todas. Era o que me

restava; transformar tanta ironia em alguma coisa engraçada ou em uma lição

forte que a fizesse perceber o quanto estava sendo idiota. Eu não podia tratá-la como se fosse a mesma Mel de sempre, ela me pisaria como uma formiga pequena e insignificante. Não que me importasse em ser pisado, eu bem que merecia, mas a minha irmã não mudaria nada se ninguém a contrariasse de verdade.

– Você ia me atacar? – Tentei sorrir. – Ou já me atacou e está disfarçando?

– Não seja estúpido. – Revirou os olhos e fechou a expressão.

– Devo ou não me preocupar em trancar a porta?

– Faça o que quiser com a porra da sua porta! – Mel saiu do quarto depressa e fez questão de provocar o barulho mais alto que conseguiu ao fechar a porta atrás de si.

Pulei de susto. Fiquei indignado com a sua ignorância

desmedida, ainda mais porque a Mel jamais havia falado um palavrão na minha frente. Acho até que na frente de ninguém, pelo menos não antes da minha viagem. Levantei da cama e vesti uma camisa, bufando de raiva e controlando a dor. Ela ia me escutar, ia mesmo. Dei uma olhada na prateleira

de soslaio e percebi que os livros que tinha devolvido eram todos acadêmicos. Isso me fez parar para pensar um pouco mais.

Sentei na cama com ar derrotado antes de finalmente recolher os livros. Segui pelo corredor até o quarto da Mel. Bati algumas vezes antes de entrar e a encontrei sentada no chão, com a cabeça apoiada na parede e os joelhos arqueados. Ela não gostou nada de me ver. Sua face se contorcia de raiva, um oposto cruel de quando ela abria um sorriso amplo toda vez que eu invadia seu quarto sem motivos aparentes.

– Sai daqui.

– Fique com esses livros. – Deixei-os sobre a sua penteadeira e finalmente dei uma boa olhada em seu quarto, tentando conter o assombro. As bonecas haviam ido embora de vez, dando lugar a pôsteres bizarros que ocupavam cada pedacinho de parede. – Vai ser bom para os seus estudos... – murmurei, ainda reparando no quanto aquele lugar tinha mudado. Até as roupas de cama eram escuras demais. Quem foi o maluco que pintou de preto

os móveis outrora rosa-bebê?

– Não quero nada vindo de você.

Parei meus olhos nela, uma parte por não suportar acompanhar tanta mudança naquele quarto e outra porque precisava ver a minha irmã de perto. Estava se abraçando de novo, fazendo-me sentir verdadeira pena. A raiva foi embora como se tivessem dado uma descarga e me vi sentando bem

na sua frente. Mel suspirou e fitou o teto. Daquele jeito, sem maquiagem e com roupas comuns de casa, quase parecia a garota por quem me apaixonei perdidamente. Suspirei porque fui incapaz de não reparar que a minha menina tinha crescido e se tornado uma mulher linda. Meu Deus, como eu tinha sentido saudade apenas de observá-la...

– Papai me emprestou esses livros quando eu estava na faculdade. Teoricamente, vieram dele.

– Tanto faz. São apenas passos que não são meus, mas que sigo mesmo assim porque é tarde demais para voltar.

– Como assim? – Ergui uma sobrancelha.

– Nada. Saia da minha frente.

– Começamos errado. – Dei de ombros. – Não quero que...

– Lucas. – Mel me interrompeu e me olhou fixamente.

Aprumou-se para frente a fim de me encarar de muito perto. Parei a

respiração por alguns instantes. – Simplesmente pare. Não tente dar uma de bonzinho para o meu lado. Não caio mais na sua. Tomei uma vacina contra você.

Abri a boca, mas não consegui falar nada. Mel havia mesmo me comparado a uma doença? Engoli em seco e encarei a rejeição com a cabeça

erguida. Eu merecia. Não podia me esquecer disso.

– Não estou tentando dar uma de bonzinho, só não quero brigar contigo.

– Também não. Na verdade, eu queria mesmo era que você sumisse – rosnou furiosamente. – Eu não preciso do que não me faz bem.

Pisquei os olhos umas trezentas vezes para não começar a abrir o berreiro na frente dela de uma forma vergonhosa. Em vez disso, engoli suas palavras como se fossem cacos de vidro. Mel só queria me ferir, precisava me machucar tanto quanto eu a machuquei. Se ela havia sido forte para aguentar firme e se manter de pé, então meu dever era aguentar também.

– Você não entendeu nada, mas a culpa foi minha – falei baixo, tentando explicar o inexplicável. – Acha que eu não me importo contigo. Não é verdade.

Ela passou alguns segundos apenas me olhando. Depois,

abriu um sorriso desdenhoso.

– O que te faz achar que eu me importo com o que você se importa?

– Costumava te importar.

– Muita coisa mudou. Eu realmente não me importo.

– É mentira.

– Saia daqui! – berrou, assustando-me.

– É mentira! – berrei também. Segurei seus braços e a chacoalhei, quem sabe assim ela voltasse à sobriedade? Mel começou a chorar, tentando se desvencilhar de mim sem sucesso.

– Me solta, Lucas!

– Deixe de ser mimada e raciocine! – Continuei a chacoalhando. – Pare de machucar nossos pais, pare de ferir a si mesma enquanto alimenta o ódio que sente por mim! Eu não valho isso tudo! – Larguei-a um pouco bruscamente. Mel me empurrou com força, quase me fazendo deitar para trás.

– Você se acha demais! Nem tudo tem a ver contigo, sabia? –

Ela chorava e gritava, cuspiendo saliva para os ares.

– Tem a ver com quem, então? – gritei e, do nada, veio-me a imagem do David. Quase morri de desespero. – É o... seu namorado? Ele...

Ele te trata mal? – P rendi as mãos nos meus cabelos.

Mel bufou.

– Claro que não. David é incrível – respondeu com a voz

mansa, parecendo apaixonada. Meu corpo queimou de ciúme, mas eu tentava

me acalmar.

– P or que nossos pais não sabem sobre ele?

– P orque... P orque... – Mel parou de chorar de um segundo

para o outro. De vítima, ela voltou ao seu modo algoz. – Isso te interessa?

Fala sério, do meu namoro cuído eu. Você sempre teve mania de se

intrometer na minha vida, mas não vai colar de novo, Lucas. Saia do meu

quarto. – Apontou para a porta de forma grosseira.

– Eu vou. Só... tente me odiar menos. Levi e Heloísa não têm

nada a ver com o que aconteceu.

Mel fechou os olhos e voltou a apoiar a cabeça na parede.

– Não aconteceu nada. E, se aconteceu, eu já esqueci.

Balancei a cabeça positivamente, tentando, de novo, conter as

lágrimas.

– Fez bem – murmurei dolorosamente.

– Fiz. E você? – Mel abriu os olhos e cravou seu olhar

sombrio na minha pele. Uma quentura fora do comum me invadiu

repentinamente. – Esqueceu?

Dei de ombros. Não soube o que responder. Se eu dissesse que sim, além de ser uma mentira, iria revoltá-la ainda mais. Se eu dissesse que não, faria do nosso relacionamento algo mais insuportável do que aquilo. Esgueirei-me e lhe ofereci um beijo na testa. Vi quando a Mel fechou os olhos diante do meu movimento. Levantei do chão bem devagar, até que ela começou a rir.

– Sempre fugindo. Você é uma piada, “maninho”. – Gesticulou as aspas daquela palavra com o mesmo tom de ironia que usou para proferi-la. – Aposto que nem consegue dizer o que aconteceu em voz alta.

P rendi os lábios. Voltei a me sentar no chão, encarando-a. Ela me encarava de volta, mas sorria como se me desafiasse. Eu só queria a minha Mel de volta. Somente. P precisava dela porque, antes de qualquer coisa, estava me sentindo tão sozinho... Era duro enfrentar cada problema sem ter alguém que soubesse sobre ele para me abraçar forte e dizer que vai ficar tudo bem.

– Eu me apaixonei por você – sussurrei, e o sorriso dela foi morrendo. Certamente eu lhe surpreendi. Ela só queria me enlouquecer, não esperava que eu aceitasse seu desafio. – Você se apaixonou por mim. A gente

se beijou, e foi um beijo de verdade. Não foi certo... Não é e nunca será

certo.

– Você... O quê? – Ela arquejou alto, estupefata.

– Eu me apaixonei por você – repeti, buscando coragem para manter meus olhos fixos nos dela enquanto confessava com todas as letras.

Mel ficou paralisada.

– Não... brinque comigo... – Mel sorriu ironicamente, mas seus olhos marejaram.

– Você queria que eu dissesse em voz alta. Aí está, Mel: eu me apaixonei por você e você por mim. Foi o que nos aconteceu.

– É mentira – rosnou. As lágrimas presas em seus olhos finalmente escorreram. – Por que está mentindo? O que eu te fiz de tão mal,

Lucas?

– Não estou mentindo.

– Está querendo me dizer que durante todo este tempo você...?

– Ela prendeu os cabelos com as duas mãos. Mel estava muito abalada. – Mas você... foi embora e... ignorou tudo. Eu fiquei sozinha, abandonada, jogada como se fosse um pedaço de lixo.

– Mel...

– Você apunhalou o meu coração. – Gesticulou como se alguém estivesse atravessando algum objeto pontiagudo em seu peito. – Nunca

esperei tanta indiferença nem do meu pior inimigo. Você me rejeitou, me deixou humilhada e...

– Apenas fiz o necessário. Foi melhor assim.

– Melhor? Melhor pra quem? – ela perguntou em um sussurro e várias lágrimas tomaram seu rosto.

– P ra gente. – Suspirei.

Mel prendeu os lábios e rosnou como um animal selvagem:

– Melhor pra você! – ela berrou e me empurrou com força, de modo que caí deitado no chão. – Saia do meu quarto, seu mentiroso! Saia da

minha vida! – Ergueu-se do chão enquanto eu tentava me recuperar do susto. – Saia agora! Saia! – Mel se trancou no banheiro e começou a chorar como uma louca. Fiquei calado, imóvel, e ouvi seus soluços. – Você não... faz ideia... do que passei... Não faz... Não faz... Não faz... – repetiu sem parar.

Enxuguei a minha primeira e única lágrima quando mamãe abriu a porta do quarto da Mel e me viu desolado no chão.

– O que houve? – Sua expressão era aflita. Tentei sorrir para não deixá-la muito preocupada. – Fui ao mercado e voltei agora... Acho que ouvi gritos.

Mel soltou mais um soluço. Heloísa finalmente a ouviu.

Apontou para a porta do banheiro, fazendo-me mil perguntas com o olhar.

Não fui capaz de responder a nenhuma delas.

– Mel? – Mamãe bateu na porta do banheiro de leve. – O que aconteceu, filhota?

– Me deixa em paz, por favor! – minha irmã berrou.

Heloísa soltou um longo suspiro e deixou seus ombros caírem.

– Não vou desistir, mãe. – Levantei-me do chão e, quando passei por ela, beijei seus cabelos armados. – Vai ficar tudo bem. A senhora vai ver.

Tentei, com todas as minhas forças, acreditar naquelas palavras.

Capítulo 13

Eu ia enlouquecer se passasse por mais um jantar como aquele. Fazia uma semana que eu tinha voltado ao Brasil e o máximo que era dito na refeição que sempre fizemos juntos – papai saía para trabalhar sempre tão cedo que não nos encontrávamos direito, por isso a nossa refeição principal era o jantar mesmo – não passava de frases como “ me passa o açúcar”. Bem que tentamos levar um papo ameno nos primeiros dias, mas a Mel fazia questão de rebater qualquer coisa dita e de transformar uma mera palavra em tempestade.

Eu estava tentando dar espaço para ela enquanto reorganizava a

minha vida. Espalhei meus currículos, participei de várias entrevistas, além de seleções acirradas e fui aceito em mais de três lugares logo de cara. Claro

que consegui tudo isso em apenas uma semana por causa do meu currículo invejável e das cartas de recomendação. Precisava de um tempo para refletir

sobre cada proposta recebida, por isso ainda não tinha começado a trabalhar em lugar algum, embora estivesse quase decidido a prestar serviços em uma multinacional – eles vão pagar muito mais e eu vou trabalhar bem menos do que sou acostumado. O tempo livre eu usaria para estudar, pois estava disposto a fazer concursos e ingressar num bom emprego público. Deste modo, minha vida estaria absolutamente feita.

Tentei não pensar muito na Mel. Que ela tinha sofrido muito durante a nossa distância ninguém podia negar, nem que havia mesmo se apaixonado por mim, contudo alguns detalhes ainda me causavam dúvidas.

Quando foi que tudo começou? Eu queria muito saber a partir de qual momento a minha irmã percebeu que gostava de mim de um jeito diferente.

Também queria muito saber se ela ainda me amava ou se realmente tinha me

esquecido. Precisava saber se amava o David mais do que chegou a me amar.

Se bem que tudo me assustava tanto que era melhor simplesmente não ter

conhecimento.

Imerso em meus pensamentos conturbados, olhei o seu rosto com atenção. Mel tinha os cabelos presos em um rabo de cavalo comprido e balançava a colherzinha dentro da xícara de um jeito entediado. Tinha os olhos fixos em algum ponto da mesa. P apai e mamãe comiam quase sem fazer

ruídos, só às vezes eu podia ouvir os talheres se chocando de leve na porcelana dos pratos. Aquilo não estava certo. A gente precisava voltar a conversar com urgência.

Quando abri a boca para fazer algum comentário, a Mel me deu uma expiada. P percebendo que eu a observava, desviou o rosto depressa e apertou a colher entre os dedos.

– Sua avó e o Ivan estiveram aqui hoje à tarde, Luquinhas –

mamãe falou de repente, causando-me um pequeno susto. Ela estava sentada

diante de mim e sorriu quando a olhei. Heloísa trabalhava como professora apenas pela manhã desde que teve a Mel, por isso usava as tardes para cuidar da gente e da casa. – Vieram te ver, estão morrendo de saudades. Creio que deve visitá-los logo.

– Vou amanhã mesmo, sem falta. – Eu também sentia muita

saudade da vovó Nina e do Ivan que, apesar de ser o padrasto do papai, eu

o chamava de vovô desde sempre. – Quer ir comigo, Mel?

Todos a olharam, inclusive o papai.

– Tenho faculdade – murmurou ainda encarando algum ponto da mesa. Notei que sequer havia mexido na comida em seu prato. O que estava acontecendo? Será que o David tinha a ver mesmo com aquele comportamento esquisito?

– Você falta quase sempre, filha, por que não falta para ver seus avôs? – mamãe perguntou fingindo despreocupação e colocando mais suco em seu copo.

– Tenho que entregar um trabalho importante que ainda não terminei.

– Quer ajuda? – ofereci. Mel pegou o garfo e fez um pedaço de carne rolar no prato. Realmente não pretendia comer nada.

– Não, obrigada.

– Por que não deixa seu irmão te ajudar, Mel? – Dessa vez foi o papai que incentivou. Ela suspirou, contendo a irritação, e nada respondeu. Papai ficou muito chateado com seu jeito malcriado. – Você precisa levar a faculdade a sério. Com a sua idade, seu irmão era o melhor da turma e não faltava nunca.

– Um exemplo a ser seguido, sem dúvida – ela murmurou com

a voz tomada pela ironia. – Hoje ele tem vinte e oito anos e ainda não largou a barra da saia de vocês. Que vergonhoso.

Ficamos todos em silêncio. Minha irmã tinha acabado de me dar outro tapa bem dolorido. Acho que ela percebeu, pois me olhou com um sorrisinho debochado estampado na face. Eu apenas me encolhi. Não estava a fim de rebater, pois, no fundo, Mel tinha razão. Apesar de independente financeiramente, meu emocional dependia demais dos meus pais. E eu estava velho demais para depender tanto de quem quer que fosse.

– Ele está conosco por opção – papai decidiu rebater por mim.

Largou os talheres no prato, apoiou os cotovelos na mesa e entrelaçou as mãos, oferecendo um olhar duro para a Mel. – Lucas podia estar em qualquer lugar do mundo, mas está aqui. Isso se chama família. Você ainda sabe o que significa família?

– Sim. São pessoas que nunca devemos abandonar, não importa o que aconteça. – Mel continuou me olhando, mas o sorriso havia ido embora.

Outro tapa. Mas eu merecia. Vamos lá, Mel, pode bater mais.

– Filha... Luquinhas não nos abandonou, que coisa! – mamãe interferiu. – Por que não para de acusá-lo? Ele precisou dessa oportunidade e cresceu muito profissionalmente. Você devia estar feliz por

ele.

– Ah, sim, estou muito feliz por ele. Quase não me aguento de tanta felicidade.

Ninguém foi capaz de tecer qualquer comentário por um minuto inteiro. Eu estava envergonhado por não conseguir participar da discussão que me envolvia diretamente. Agia como se não estivesse presente porque tinha medo de piorar tudo.

Foi papai que quebrou o silêncio constrangedor.

– Não percebe o quanto suas atitudes são infantis? Você que nos abandona toda vez que age assim.

– Vamos... – Toquei o braço do papai. – Vamos mudar de assunto, por favor.

– Já chega, campeão, eu não vou mais aturar o comportamento da Mel – ele falou duramente, ainda tomado pela raiva. – Ninguém aqui merece isso e ela precisa entender o quanto nos ofende. Pensei que fosse melhorar com a sua chegada, mas pelo visto me enganei.

– Só... – tentei falar alguma coisa, mas a Mel me interrompeu com um arquejo.

– Por que o senhor sempre acha que o Lucas é a solução para todos os meus problemas?

– Porque eles começaram quando seu irmão foi embora.

– P ai, deixa para lá, por favor...

– Foi *bem* antes disso... – Mel sussurrou tão baixo que acho que só eu escutei, pois ninguém comentou mais nada. Fiquei curioso para saber quanto tempo antes de eu viajar os problemas dela realmente começaram a aparecer.

Essas conversas que terminavam com acusações me deixavam doente. P precisávamos mudar o rumo das coisas. Mel já havia sido tão magoada por mim... Mesmo merecendo ouvir sermões do papai em vários casos, talvez eles não fossem soluções e por isso não funcionavam. Ela só precisava de mais amor e compreensão. Um dia notaria que nós a amamos e que estamos ao seu lado, apesar de tudo.

– Mel é muito inteligente – comentei depois que a poeira baixou um pouco. Ela finalmente tinha mordiscado um pedacinho de pão. – Quantas garotas da idade dela cursam o segundo semestre de Direito?

Estou muito orgulhoso.

Olhei para mamãe e ela riu de leve.

– É uma menina de ouro mesmo. – Minha mãe é genial.

P ercebeu logo o que eu estava querendo fazer. – Muito inteligente e linda.

Não é, filho?

– É sim, mãe. Muito linda mesmo. – Senti meu rosto corar e o sangue esquentar, mas não poupei o elogio. – E carinhosa.

– Sim... Ela é como um cristal... Se a gente não cuidar direito, se quebra. Então ela faz essa carinha emburrada linda! – Mamãe chacoalhou o queixo da Mel e, inexplicavelmente, ela riu. Achei que fosse morrer. Meu Deus, como sentia falta daquele riso!

– Ela é muito sensível. – P apai entrou na onda. – As melhores pessoas que existem são as sensíveis. – Mel olhou para ele com lágrimas nos olhos. – Essa garota é o meu orgulho. Minha eterna menininha.

– E geniosa! – Mamãe exclamou e nós rimos. – Só pessoas espertas conseguem ter esse gênio forte.

– Vocês estão me encabulando! – Minha irmã já estava toda vermelha.

– Eu amo a Mel de todo meu coração – papai falou com um sorriso largo.

– Eu também. Amo muito, muito, muito, minha pequena – mamãe completou. Mel olhou nossos pais de um jeito que não tinha olhado desde que cheguei, depois foi a minha vez, só que então seu rosto ficou sério. Do nada, todas as atenções foram voltadas para mim.

– Eu a amo muito também – falei baixo e sorri amarelo. Ela

prende os lábios com força. – Espero que um dia ela possa me perdoar. Mesmo que a Mel tenha largado tudo no segundo seguinte e saído correndo da sala de jantar, senti que havíamos vencido aquela refeição. Meus pais sorriam satisfeitos, creio que entendendo a nossa vitória. Terminamos de comer em silêncio, cada qual envolvido em suas próprias reflexões, mas o clima não estava tão ruim quanto antes. Nós ainda tínhamos esperança e, em todos os casos, ter esperança significa ter tudo. Horas mais tarde, acordei morrendo de sede no meio da madrugada. Espreguicei o meu corpo, sentindo minha cabeça latejar, e decidi ir até a cozinha para saciar minha sede e tomar algum analgésico. Cruzei o corredor silenciosamente e percebi a luz da sala ligada. Mel estava sentada no tapete, de costas para mim, apoiada na mesinha de centro. Havia livros e mais livros abertos sobre a mesa. Seu *notebook* estava aberto também, mas ela não digitava nada. Estava conversando com alguém, aos murmúrios, no celular.

– Vamos terminar este trabalho logo, David. Está tarde – sua voz era tão mansa quanto não ficava com ninguém dentro daquela casa. Meu coração apertou porque, naquele instante, soube que ela estava apaixonada pelo namorado. – Eu sei, também estou com saudade... Muita saudade. – Apoiei minha cabeça na parede e fechei os olhos para suportar o baque

sofrido. – A gente se vê amanhã. Certo... Certo, pode deixar. – Mel fez uma pausa significativa. – Eu também. Beijo.

Minha irmã repousou o celular em cima de um dos livros. Soltou um suspiro e apoiou a cabeça com as duas mãos, parecendo exausta. Poderia, as horas estavam bem avançadas. Fiquei morto de curiosidade para saber o que

o David falou no fim. Acho que disse que a amava. E ela havia respondido que também o amava. Balancei a cabeça de leve, dispersando as ideias.

Andei até o fim do corredor e voltei, só que desta vez fazendo barulho propositalmente. Mel ficou alarmada quando me viu, mas logo aprumou o corpo e começou a fingir que digitava no *notebook*.

Olhamo-nos por alguns segundos e, por mais que eu tivesse o que lhe dizer, passei para a cozinha sem nada comentar. Enchi um copo com água e bebi todo o conteúdo de uma só vez. Tentei encontrar alguns analgésicos, contudo não consegui. Aparentemente mamãe havia deixado de pôr os remédios em uma cestinha em cima de um móvel na cozinha.

Minha cabeça latejava tanto – tinha piorado depois que pensei na Mel e no David – que voltei para sala.

– Você sabe onde tem Tylenol? – perguntei baixo para Mel. Ela continuou digitando, acho que desta vez sem fingir. Nada respondeu. – Por favor... Estou morrendo de dor de cabeça.

Minha irmã abriu o estojo onde guardava suas canetas e jogou uma embalagem pequena contendo dois comprimidos. Consegui pegá-la no ar.

– Obrigado. – O fato de ela guardar remédios no estojo só podia significar que precisava deles com frequência. Isso me preocupou muito.

Peguei outro copo de água na cozinha e voltei para sala de novo. Sentei-me do lado dela, só que mantendo uma distância segura. Tomei o remédio, coloquei o copo na mesinha e apoiei minha cabeça no sofá. – Sente muita dor de cabeça também?

– Quase sempre – murmurou e pegou um dos livros. Grifou um trecho com marca-texto, voltando a digitar logo em seguida. – Eu odeio P enal 1. – Largou tudo e afundou o corpo no tapete, apoiando a cabeça no sofá, como eu. Encarou o outro lado da sala.

– Quer ajuda? – Ri um pouco, pois sempre adorei P enal.

– Estou terminando. Eu acho.

– Vem, eu te ajudo. – Aprumei meu corpo e peguei um dos livros. Eu conhecia aquele de cor, de tanto que havia usado nos meus trabalhos. – O professor pediu o quê?

– Não. – Ela pegou o livro de volta e o jogou sem cuidado em cima da mesinha de centro. – Você está com dor de cabeça e eu realmente não quero sua companhia.

– Não faz assim, Mel. P oxa... P ara com isso.

– O que eu faço para que você fique bem longe de mim? – perguntou com tanta seriedade que emudeci. – Vai viver a sua vida, Lucas. P apai quer que você “ me conserte”, mas me sinto muito bem assim. Melhor ser desse jeito do que ser aquela idiota que eu era.

– Você não era idiota.

– Claro que sim. Meu Deus, eu era manipulada o tempo todo. Você me tinha nas mãos e eu nem percebia. – Meu rosto corou de vergonha, e a mesma angústia de sempre retornou. Sempre achei que eu fosse manipulado pelas vontades dela, nunca cheguei a pensar que talvez ela se sentisse da mesma forma. – Era a sua bonequinha... Fazia tudo exatamente do jeito como você queria.

– Eu só te protegia, Mel... Só cuidava de você.

–... E eu tentava com todas as minhas forças te impressionar. Tudo o que eu fazia era para te ver sentindo orgulho de mim. Como eu gostava dos seus elogios! – Minha irmã ignorou o que falei, continuando uma narrativa eloquente. – Era duro viver com medo de que você se chateasse por causa de alguma atitude infantil vinda de mim.

– Eu... Eu não sabia que você... Mel, eu não sabia que era difícil conviver comigo. Você parecia sempre tão espontânea, tão segura de si. –

Mel riu de um jeito de triste, olhando-me como se eu fosse muito inocente.

– Você sempre foi a minha melhor amiga. Contava contigo pra tudo.

Sinceramente, eu só queria que você fosse feliz.

– E eu criava uma ilusão dentro da minha cabeça... – Mel segurou os cabelos pela raiz. – Dentro do meu mundo, você era tudo. Significava tudo o que eu era. Mas, para você, eu não passava de uma pirralha

insignificante... Uma boba trapalhona que sequer conseguia beijar alguém...

Uma criancinha mimada facilmente manipulada e com coração feito de papel.

E o cérebro também. – Ela começou a chorar silenciosamente.

– Nunca te vi assim, Mel. Eu juro. – Enxuguei suas lágrimas com o meu polegar. Só percebi que tinha me aproximado e ficado tão perto dela quando seus olhos lacrimejantes se ergueram para me encarar.

– Como não? Como não, Lucas? Você foi embora e em nenhum momento perguntou como eu me sentia. Jogou no lixo toda a confiança, todo o respeito, todo o carinho que eu sentia por você! – Permanecemos calados por um bom tempo. Eu não consegui encontrar palavras. – Tudo bem que eu me sentia confusa, mas um pouquinho de consideração não faria

mal. Eu me condenei tantas vezes por sentir aquilo, Lucas... Achei que eu fosse uma pessoa ruim por amar meu próprio irmão, e que você foi embora

porque entendeu que eu tinha um sério desvio de caráter.

– Eu também me condenei muito, Mel...

– Por que não abriu o jogo? – interrompeu-me. – Estou me perguntando isso há uma semana. Achei que eu fosse a sua amiga e que você não precisasse me esconder nada. Eu te contaria se tivesse certeza, Lucas, mas eu não tinha na época.

– Só quis te proteger dessa loucura. Se eu te contasse, só pioraria a nossa situação, Mel. Você era muito nova.

– Exatamente. Eu era nova demais para entender, mas não para ter o coração quebrado de um jeito tão imundo, não é mesmo? – Bufou com certo

ar de ironia. – Entendo por que você foi embora, Lucas, agora, somente agora, entendo por que me evitou... Você não sabia dos meus sentimentos. Mas depois você soube de cada fibra dele através daquele e-mail. E o que fez quando soube?

Não fomos capazes de responder àquela pergunta.

– Mesmo quando soube dos meus sentimentos, você me deixou sem saber dos seus e me rejeitou. Depois de um tempão sem postar nada no *facebook*, começou a exibir sua francesa como um troféu, só para deixar clara

a minha mediocridade.

Não era eu que postava fotos no meu perfil, era a própria Amèlie, mas essa informação era totalmente irrelevante, sendo assim, não a expus.

– Achei que tivesse ficado no Canadá por causa dela. E que voltou por que o relacionamento teve fim e não havia nada mais interessante para você por lá.

– Não foi assim.

– Eu sei. P assei muito tempo refletindo sobre o que me disse e tentando compreender seus passos. – Ela fitou o chão com pesar. Seu corpo inteiro tremia muito. – Mas a verdade é que eu sofri muito e não estou em condições de entender os reais motivos por eu ter sentido tanta dor o tempo todo. Eu me senti traída pela pessoa que eu mais confiava no mundo.

– Eu não queria – murmurei com a voz já embargada. Estava tentando manter a calma, pois a Mel começava a se desesperar. – Estava com medo, Mel. P or favor, me entenda. Eu fugi porque não queria prejudicar a gente. Fugi pra te proteger disso.

– P roteger? – Ela balançou a cabeça e segurou meus pulsos. Só então reparei minhas mãos segurando seu rosto com força. – P roteger do quê? De um sentimento tão bonito? P roteger de quem? De você, o homem que eu mais amava?

– Não queria que sofresse. Seria tão... tão doloroso se...

– Não queria? Caramba, Lucas, não foi o que pareceu. Nós éramos melhores amigos, nós podíamos conversar e dar um jeito, encontrar uma solução... Juntos, podíamos resolver as coisas. P odíamos ter sido sinceros um com o outro. Tudo bem que tivesse fugido assustado no início, mas você teve dois anos e mil e uma oportunidades para me contar. – Seu timbre soou muito triste. As feridas dentro de mim só aumentavam de tamanho. – Mas você escolheu destruir o meu coração. Acabar comigo, com tudo o que sou, com tudo o que você mesmo construiu em mim. Eu só queria o seu amor, você me deu a mais pura indiferença.

Era inacreditável que a Mel estivesse sendo tão aberta com relação a tudo. P rova de que, apesar dos pesares, ela havia amadurecido espantosamente. Mesmo com meu corpo inteiro tremendo e com um nó gigantesco no cérebro, tentei raciocinar sobre o que ela havia acabado de dizer.

– Não percebe como isso soa estranho? Você queria o meu amor?

Meu Deus, Mel, que tipo de amor?

– Amor, Lucas. Amor. Eu te amava de todas as formas possíveis. Você era o meu irmão, meu protetor, meu conselheiro, meu herói, meu amigo, meu... – Fez uma pausa dramática. – Era tudo, tudo. Eu não esperava que você resolvesse simplesmente ser o meu namorado, mas havia tantas outras

coisas para ser. E eu ficaria tão feliz se você escolhesse uma delas. Só uma me bastava. Contudo, você escolheu ser nada... Ser ninguém dentro de mim. No lugar onde você costumava ficar, só me restou um vazio para tomar conta. Eu nunca consegui preencher ou lidar com esse vácuo. Faz ideia do tamanho dele?

Não tive coragem de encará-la. Fitei o chão. Soltei seu rosto, sentindo-me vencido, culpado, arrependido. Naquele instante, esqueci-me de todos os motivos que tive para fazer o que fiz. Tudo se afunilou a um simples fato: deixei alguém que eu amava, e que me amava, ao léu. Joguei o sentimento fora como se não fosse nada.

Senti uma mão quente sobre o meu rosto. Fechei os olhos e contive um soluço.

– O que você queria que eu fizesse? – perguntei em um murmúrio.

Encarei a Mel, seu rosto ainda estava vermelho e ela chorava muito, mas seus olhos se fixaram na minha boca. Instantaneamente, desci meus olhos para a sua.

– Eu não sei, Lucas. Não compreendo como pôde ter sido tão frio, tão... péssimo. – Mel ainda acompanhava a minha boca. Acho que foi isso que me fez aproximar nossos rostos, não sei direito. – Você foi a maior decepção da minha vida.

– Me perdoa... Mel, me perdoa, por favor. – A certeza de que exagerei nas minhas emoções veio quando agarrei seus cabelos e a trouxe para ainda mais perto. Minha irmã veio não sei como, com a expressão talvez mais desesperada que a minha.

– Eu te acusei e te perdoei mais de mil vezes... Perdoei mais do que suportei perdoar, perdoei sem que você pedisse perdão ou demonstrasse qualquer arrependimento, perdoei mais do que você mereceu ser perdoado.

– Me perdoe de novo. Por favor... Eu te imploro. – Agarrei seus cabelos com mais força. Nossos hálitos estavam misturados. – Só mais uma vez. Será a última.

Mel avançou de repente, quase colando nossas bocas. Tomado pelo susto e pela confusão mental, recuei. Ela riu com desdém, desvencilhando-se completamente.

– Para quê te perdoar, Lucas? Você não quer ser perdoado de verdade. – Continuou rindo enquanto juntava o *notebook* e alguns livros em uma pilha. – É melhor assim, “maninho”. Acredite. É melhor, *para mim*, continuar te odiando. – Deu muita ênfase na ideia de que só seria bom para ela mesmo.

Aquiesci. Mel foi para o quarto, levando consigo seu material e também a minha paz, se é que me restava alguma. Não sabia direito se a

tinha entendido totalmente, mas ficou claro que ela havia escolhido um modo de me esquecer, ou seja, não me perdoando mais. Eu precisava respeitar.

Capítulo 14

Meu objetivo para aquela semana foi pensar menos e agir mais.

Depois de visitar meus avôs – e de ser recebido de braços abertos por eles, com direito a biscoitos de chocolate feitos pela vovó Nina –, passei em uma concessionária. A presença de um carro garantiria uma parte da independência que eu estava disposto a obter. Pela primeira vez, tive a satisfação de poder comprar o modelo que eu realmente queria. Por esse dia

todo resolvendo a parte burocrática, mas me sentindo contente, na medida do possível, porque teria minha nova aquisição em alguns dias.

Aos poucos, fui revendo alguns amigos, reencontrando a velha turma, voltando a ter a vida que eu tinha antes da viagem. Não pude deixar de perceber que a maioria dos meus amigos já estava casada e com filhos a tiracolo. Claro que me senti um cara atrasado, pois me casar e ter filhos eram

duas coisas que não entravam em meus planos, pelo menos não nos mais recentes. Devo ter algum problema sério, ou talvez seja imaturo demais. A felicidade que eu tentava buscar desde que descobri que nunca a teria por

completa girava em torno da rotina, do que é seguro, dos acontecimentos que se encaixam, e não do “ encontrar alguém para casar”.

Procurei manter o foco nos fatores segurança e independência, que faziam grande parte do caminho rumo à estabilidade. Estava velho demais para não definir pelo menos esses dois. Se ser feliz com alguém estava riscado da minha lista, pelo menos seria uma pessoa estável, viveria no conforto e na tranquilidade. Era o máximo que eu podia fazer por mim. Foi por isso que aceitei a proposta de emprego na empresa multinacional. Ia começar na próxima segunda, bem como os estudos para o concurso. Eu não tinha dúvidas de que alcançaria os meus objetivos profissionais, pois nunca tive medo de ser dedicado. Bastava apenas continuar sendo quem sempre fui.

No fim da tarde de uma quinta-feira, exatas duas semanas desde a minha volta ao Brasil, encontrei uma placa no gradeado do térreo que indicava que alguém queria vender ou alugar um apartamento no terceiro andar. Anotei as informações na agenda do celular e fui logo ligando para o responsável enquanto pegava o elevador. Antes de chegar ao andar dos meus pais, já tinha agendado uma visita para o dia seguinte. Como eu já conhecia a planta e as condições do prédio, só me preocupei em tomar conhecimento dos valores. Eu estava quase decidido a comprar de vez. A

ideia de me manter distante, porém perto o bastante da minha família, parecia uma saída acolhedora. As palavras da Mel haviam realmente me atingido; eu precisava dessa independência. Era vergonhoso demais continuar fingindo que o tempo não tinha passado e que eu não precisava crescer de verdade.

Encontrei a mamãe conversando com tia Malu na sala de estar. A irmã da minha mãe era mais nova, mas não parecia porque nunca foi tão divertida

quanto a mamãe. Mesmo assim, minha tia me abraçou forte e disse que estava

morrendo de saudades de mim, exaltando como eu estava mais bonito.

Descobri que havia sentido falta dela, do tio Toni e do meu primo Beto, que devia ter uns quinze anos. Eu estava bem cansado por causa do dia longo, mas fiz sala para a titia até que a Mel chegou, parecendo bem nervosa. Mal falou conosco e se trancou em seu quarto.

– Acho melhor verificar qual foi o bicho que a mordeu... – Mamãe sorriu meio sem graça, envergonhada pela má educação da Mel diante da visita, e se retirou da sala de fininho.

Tia Malu esperou Heloísa sair da sala para comentar em voz baixa:

– Essa menina está merecendo é uma surra. Levi e Helô a mimaram demais, agora ela só dá dor de cabeça.

– Desculpa, tia, mas eu discordo – falei já queimando de raiva. Nunca suportei que alguém falasse negativamente sobre a Mel, e isso jamais iria mudar, por mais que ela merecesse. – Não é batendo que se educa.

– Não, mas às vezes é imprescindível, Luquinhas. Mel está saindo do controle deles. – Tia Malu parecia verdadeiramente preocupada, mas suas palavras não eram bem aceitas pela minha mente. – Vai acabar fazendo alguma coisa realmente muito séria e então será tarde demais.

– Que tipo de coisa? – Fiz uma careta.

– Sei lá. Engravidar cedo ou talvez começar a usar drogas.

Meu corpo inteiro criou raízes naquele sofá. Eu não deixaria que nada daquilo acontecesse com a minha menina. Não havia a aconselhado tanto, durante anos, para que ela seguisse pelo mal caminho e lá se afundasse. A culpa que eu sentiria caso acontecesse iria acabar com a minha raça de vez. Sério, não suportaria. A felicidade plena da minha irmã era o que eu mais prezava na vida.

– É só uma fase esquisita. Mel é inteligente, vai sair dela – falei mais na intenção de me convencer do que de convencer tia Malu. Precisava acreditar nisso pelo meu próprio bem.

– Espero que sim, mas... fique de olho, Luquinhas. Você é mais esperto. Levi é muito bobo com a Mel e a Helô, coitada, viaja na maionese

0

tempo todo. Você precisa ajudá-los.

Eu ia respondê-la quando a mamãe voltou parecendo bem triste.

Sentou-se no sofá e expirou todo o ar dos pulmões. Nem eu e nem a titia comentamos mais nada sobre a Mel, preferimos mudar de assunto. No entanto, depois de vinte minutos tentando engrenar alguma conversa, tia Malu percebeu o clima pesado e decidiu ir embora. Mamãe não pestanejou, como costumava sempre fazer, por isso estranhei demais. Assim que ficamos

sozinhos, perguntei o que havia acontecido.

– Eu não sei – mamãe respondeu com tristeza. – Ela não conversa mais comigo. Talvez você deva tentar mais uma vez agora.

– Acho que não é uma boa ideia. – Ainda tentava compreender o que havia acontecido entre mim e a Mel naquela louca madrugada, dias atrás, contudo nada me dizia que era prudente tentar conversar com ela sobre qualquer coisa que fosse. – Talvez ela só precise ficar sozinha.

– Não, meu destino. Ela precisa de você e você sabe disso. – Mamãe tocou o meu rosto e sorriu, deixando-me muito confuso. Até que ponto Heloísa sabia sobre a nossa história? Estaria desconfiando? E, se estivesse, por que incentivava? Nada fazia sentido. – Vou fazer o jantar. Fui deixado na sala com uma pulga do tamanho de um elefante atrás da orelha. Precisava ficar de olho na mamãe. Não podia deixar que

desconfiasse de alguma coisa, do contrário eu estaria frito.

Caminhei devagar até o quarto da Mel, meio sem saber se tentaria de novo ou não. Ela vinha me ignorando por completo, não se dando o trabalho sequer de implicar comigo. Era como se eu não existisse mais. Obviamente, isso me trazia uma dor insuportável, mas eu tentava respeitar sua vontade.

A porta do quarto da Mel estava aberta, para a minha total surpresa, e ela estava deitada na cama com a barriga para cima e os cabelos compridos espalhados pelo colchão. Cantarolava, bem baixinho, uma canção muito bonita que falava de amor. Sua voz me provocou arrepios intensos. Era um timbre tão doce quanto forte. Foi imediato; meu coração já não mais me pertencia e o meu cérebro deixou de me obedecer. Ele decidiu sozinho que eu deveria ir até ela e me deitar ao seu lado na cama. Foi o que fiz, lentamente. Mel não parou de cantar mesmo quando me percebeu ali, nem tentou me fazer ir embora. Apenas cantou e cantou, fingindo que eu era um fantasma.

Fiquei olhando para o teto também, buscando alguma coisa desconhecida nos contornos da parede. Não sabia que espécie de situação era aquela, mas há muito tempo não me sentia tão tranquilo. A voz dela me trazia calma em doses homeopáticas, mexia com meus sentidos

positivamente, deixava-me com uma sensação de felicidade que eu não experimentava há anos. Se havia alguma dúvida de que eu ainda a amava, tinha se dissipado naquele instante. Toda a sua pureza, meiguice e simplicidade podiam ser encontradas naquela melodia, e eu não conseguia sentir nada menos do que amor ao percebê-la tão encantadora. Foi como se a antiga Mel tivesse se revelado. E eu estava com tanta saudade dela que mal me continha de emoção.

– Você pode ir embora agora... – ela murmurou quando terminou de cantar a segunda canção. – O show acabou.

– Você está bem? – perguntei sem me mexer. Não queria sair dali. Não queria nunca mais deixá-la sozinha de novo.

– Não sei direito.

– Quer conversar?

– Com você? Não, obrigada. – Mel não pareceu chateada ou irônica, só sincera em demasia. Passamos alguns segundos em silêncio, sem parar de

fitar o teto. – Não quero ser sua amiga.

– O que quer ser, então? – A pergunta escapuliu pela minha boca sem que eu refletisse antes. Fechei os olhos, buscando mais calma.

Qualquer coisa que eu dissesse poderia ser usada contra mim depois. Como

um advogado, eu sabia muito bem disso.

– Está mesmo me perguntando o que quero? Isso deixou de te importar há anos.

– Nunca deixei de me importar contigo.

Ela se calou por uns instantes.

– Às vezes eu acho que você pensa que estou em uma vitrine.

– Como assim? – questionei.

– Você me observa de longe e quer me ver sempre sorrindo, sempre agradável e feliz, de acordo com seus desejos. Mas você nunca vai entrar na tal loja imaginária e me comprar de fato, por mais que queira que eu seja sua.

Meu cérebro não conseguiu desmenti-la. Minha irmã tinha total razão, e saber que ela compreendia os meus sentimentos me deixou apavorado. Porém o que mais me assustou foi que, por meio de suas poucas

palavras, compreendi melhor como ela se sentia com relação a isso.

– Mel...

– Vejo nos seus olhos, é tudo tão nítido. Você me olha do mesmo jeito. Depois de anos, seus olhos são os mesmos, exatamente iguais. Fui tão idiota! Eu devia ter percebido antes o que havia por trás deles. – Suspirou.

– Bom, mas não importa. Eu não queria poder ver o que vejo agora. Juro que

não. – Achei que ela fosse me observar, mas continuou encarando o teto. –

E é tão doloroso. É tão triste. Estou apenas te observando do outro lado do vidro, como sempre fiz. Eu tinha tanto orgulho de ficar me exibindo, agora só sinto pena de quem fui. Não posso fazer nada... E nem sei se quero fazer alguma coisa a respeito. A mágoa que há em mim me faz ter certeza de que quebrar o maldito vidro só vai fazer os cacos me acertarem e aprofundarem minhas próprias cicatrizes.

Engoli em seco, tentando dissipar o nó na minha garganta.

– Não fui eu que coloquei um vidro entre a gente. Ele sempre existiu.

Você sabe que é mais seguro e menos doloroso deixá-lo intacto.

– Eu sei que ele sempre existiu, mas você fez questão de blindá-lo. –

Fez uma longa pausa. – Por isso, não faça perguntas sem que saiba encarar as respostas. Você não quer saber o que eu quero ser sua, Lucas. Ou resolveu querer saber?

Dei de ombros. Eu estava me sentindo perdido. O certo e o errado brigavam dentro da minha cabeça; nenhum dos dois me pareciam justos.

– Não sei direito.

– Foi o que pensei. Você é um medroso.

– Mel...

– Só saia do meu quarto, Lucas.

– Vamos mudar de assunto. Vamos falar sobre... livros. – Devo ter parecido patético, mas mudar o rumo das conversas com a Mel sempre foi a minha melhor saída, e por um momento achei que pudesse continuar usando

essa artimanha. Arrependi-me no mesmo instante em que fiz aquela sugestão.

– Já disse que não quero ser sua amiga.

– Desculpa por insistir tanto. Só queria a minha irmã de volta.

– P ra quê? O que você quer com ela?

– Sinto falta de conversar com a única pessoa que conseguia me entender.

– Eu sinto a mesma coisa... – Mel murmurou muito baixo. – Contudo, do mesmo jeito que não vou ter a pessoa que eu confiava de volta, você também nunca mais vai ter sua irmãzinha tola de volta. Essas pessoas não existem mais.

Tinha consciência do braço da minha irmã repousado bem ao lado do meu. P odia sentir o calor que seu corpo emitia junto com aquele mesmo cheiro de sempre, que chegava a entrar em colapso com o que tinha acabado

de falar. Se a minha irmãzinha tola não existia mais, então por que aquela

garota ao meu lado tinha o mesmo cheiro? Não parecia nada justo.

– Não precisa ser assim – falei, mexendo um pouco minha mão e, meio sem querer, encostando à dela. Mel não recuou. Nossos dedos ficaram imóveis, tocando de leve um no outro. – Eu sou a mesma pessoa. Você pode achar que não, mas aqui dentro ainda existe o seu irmão mais velho.

Nenhum de seus segredos saiu da minha boca uma única vez sequer. P ode confiar em mim.

– Sabe, você conhece os meus segredos do passado, mas eu nunca conheci os seus. Nossa confiança era unilateral. Enquanto eu te falava tudo sobre mim, até as coisas mais desconcertantes, você escondia quase tudo.

– Claro que não, Mel. Eu te contava tudo o que um homem podia contar a uma adolescente.

– Não é tanta coisa assim.

– O que quer saber? Vamos lá, pergunte. Você já tem idade para saber de tudo.

– Já não me interessa mais, Lucas. – Ela soltou mais um suspiro.

Ainda não tinha usado seu timbre arrogante, falava cada palavra dura de um jeito manso, meio cansado. Mel parecia mesmo exausta.

P ela primeira vez desde que entrei em seu quarto, virei o rosto para

observá-la de perto. Sentindo que estava sendo observada, ela virou o rosto na minha direção.

– Eu só não falava contigo sobre garotas, somente. Não me sentia à vontade por causa da sua pouca idade, além de que sempre fui reservado quanto a isso. Nunca saí por aí contando vantagem. – Meu rosto estava tomado pela vergonha, mas falei aquilo olhando no fundo dos olhos dela mesmo assim.

Mel passou alguns segundos apenas me encarando.

– O que tem a dizer sobre a Graziela, aquela sua namorada?

Sorri. Finalmente ia ter algum progresso. Mel estava se contrariando e querendo saber sobre mim. Era questão de paciência que começasse a se abrir comigo também. Voltaríamos a ser o que éramos. Aquele resquício de esperança me trouxe uma alegria imensa, mesmo que eu ainda estivesse balançado com a história da vitrine. Eu ainda ia passar muitas noites em claro pensando no que ela tinha me dito e tentando encontrar alguma resposta razoável.

– Uma vadia mesmo. Você tinha razão sobre ela, mas eu curtia. Só foi corpo.

– Eca. – Mel fez uma expressão de nojo completo, revirando os olhos.

– Aquela peituda que você ficou na sua festa?

– Só ficamos algumas vezes e até hoje eu ainda nem sei por que fiquei com ela naquela noite.

Esperiei que a Mel comentasse sobre a discussão que tivemos depois que aquele cara tentou beijá-la, mas acho que decidiu não deixar a conversa seguir por esse caminho complicado. Minha atitude foi uma óbvia demonstração de ciúme. Não sabia se estava pronto para confessar que já a amava quando ela tinha apenas quatorze anos. Certamente iria assustá-la e fazer com que tirasse conclusões horríveis ao meu respeito.

– Amèlie? – P ronunciou o nome da minha ex de um jeito afetado.

– Era uma pessoa legal.

– Sente falta dela? – Mel perguntou com uma voz meio indiferente.

– Não. Sinto alívio.

– P or quê?

– Nunca a amei.

Minha irmã me analisou por um tempo, creio que tentando encontrar algum resquício de mentira. Claro que não encontrou, pois eu não pretendia mentir para ela nunca mais. Sua face pareceu relaxar um pouco depois que falei aquilo. Sua boca se moveu em um meio sorriso que foi capaz de me tirar do sério.

– Você sempre foi tão desinteressado. Não dá pra acreditar que nunca

amou ninguém.

– Eu amei alguém – murmurei.

– Quem?

Não consegui responder. Simplesmente não sabia se poderia me controlar caso respondesse; minha mente já fantasiava um ataque preciso, com direito a bocas frenéticas e o meu corpo imprensando o dela contra o colchão. Por este motivo, achei por bem me manter calado. Em vez disso, só

a encarei fixamente. Mel não suportou o choque entre nossos olhares e desviou o rosto, voltando a fitar o teto. Parecia aflita, mas, ao mesmo tempo,

percebi um sorriso suave querendo ganhar liberdade em seus lábios.

– Sua vida amorosa sempre foi uma merda assim mesmo? – Mel começou a rir, do nada, e eu ri junto porque morria de saudade de fazer isso. Eu queria que aquela garota jamais parasse de rir. Ela continuava fechando os olhos com o movimento, deixando sua expressão uma coisa maravilhosa de acompanhar.

– Nunca dei muita sorte – falei ainda rindo, mas a Mel voltou à seriedade. Desencostou nossos dedos, e senti um frio horrível atravessar o meu corpo. – Por ronto, agora você sabe tudo. Que tal me contar por que chegou da rua tão *deprê*?

Ouvi seu suspiro.

– Discuti com o David. Ele quer... avançar o nosso relacionamento e não sei se estou preparada para isso.

P rendi a respiração para conter a vontade de soltar o pior de todos os palavrões.

– Você está falando de... sexo?

– Não! – Mel começou a rir de novo. Fiquei apenas a encarando, ainda bastante assustado, com o coração batendo forte igual a um tambor. – Ele quer conhecer os meus pais... e quer que eu conheça a mãe dele.

– Ah... – Suspirei, mas não sei se foi de alívio. Mel havia negado porque nunca tinha transado com o David ou porque tinha transado e não achava que sexo era problema? A dúvida começou a me tirar do sério. Não dava para enxergar a minha menina nos braços de outro cara. Era demais para a minha imaginação. – Que problema há nisso? Vocês estão juntos há quanto tempo mesmo?

– Vamos mudar de assunto. Tem lido alguma coisa?

– P or favor, Mel. P or favor.

– Sete meses. P or aí – respondeu contra a vontade.

– Não acredito que você esconde esse namoro há tanto tempo. –

Bufei.

– Não quero ninguém me pressionando. Esse lance de apresentar pra família é um saco. Nossos pais iam ficar preocupados, você conhece Levi e Heloísa. Iam regravar meu relacionamento, impedir nossa privacidade... Ia ser um inferno, ainda mais agora que eles não param de pegar no meu pé.

– Talvez eles resolvam parar se você fizer por onde.

– Cansei, Lucas – ela rosou, um pouco brava. – Não quero ser perfeitinha e continuar sendo tratada como uma princesa. Não gosto de contrariá-los, eles são bons demais pra gente, porém às vezes essa é a única opção. Eu poderia enlouquecer com tanto chamego e mimo. Não busco mais

a aprovação de ninguém. Sinto-me livre desde que decidi não ser a filhinha perfeita que eles esperam que eu seja. Não conseguiria sobreviver se continuasse fingindo não sentir dor e sorrindo no automático.

– Foi tão difícil assim lidar com eles?

– Você os conhece. São perfeitos até demais e quase me mataram de tanto melodrama. Foi difícil sem você aqui.

Passei um tempo tentando compreendê-la. Nunca achei que nossos pais pudessem ser sufocantes. Ou, sei lá, talvez eu gostasse muito de ser sufocado pelo amor deles. Jamais ousaria reclamar disso.

– Eu não faço nada de errado, Lucas, além de manter minha opinião e externá-la quando quero – Mel continuou. – Não tenho mais

medo de parecer idiota. P osso ser uma idiota completa, claro, mas não sinto

medo. Isso é o que importa.

Aquiesci. Mel tinha falado tudo aquilo olhando para o teto, com o rosto levemente corado. Era a vez dela de confessar coisas íntimas demais.

Eu fiquei bastante surpreso com o seu comportamento. Não fazia ideia se ela estava sendo infantil ou madura demais pensando desse jeito. Mel havia se transformado em vários opostos difíceis de decifrar. E o pior de tudo era que eu só conseguia me sentir ainda mais apaixonado. A nova Mel era ainda

mais impressionante. Conhecê-la de novo era a mesma coisa que me apaixonar outra vez pela mesma pessoa.

– Você devia tentar fazer o mesmo. É libertador – sugeri.

– Não me vejo agindo como um rebelde.

– Não acho que seja rebeldia, é apenas liberdade.

– Tudo bem, você conta sobre o namoro quando quiser – mudei de assunto, pois não soube direito o que pensar sobre aquilo. Aquela era mais uma informação que eu tinha para refletir mais tarde. – Eu só... preciso saber

se estão se prevenindo – murmurei sem conseguir conter a irritação. – Digo, você e o David.

– Como? – Ela voltou a me olhar.

– P revenindo, Mel.

– Não vou falar contigo sobre isso, sério – disse entre dentes.

Cerrei meus punhos de tanta raiva. Ela tinha mesmo se entregado para o namorado. Eu não devia estar com ciúmes, mas não dava para evitar. Saía do meu controle. Mesmo que eu tentasse com todas as minhas forças deixar a minha irmã seguir com sua própria vida, ainda sentia o desejo de impedi-la.

– P or favor, se cuide – implorei, lembrando-me das palavras assustadoras da tia Malu. Fiquei até meio desnorreado. – Não quero que tenha uma gravidez indesejada.

– Sai do meu quarto, Lucas.

– O que eu fiz? – Ergui uma sobrancelha, sem entender mais nada.

Mel mudou as próprias expressões muito rapidamente. Naquele momento, exalava puro ódio.

– Apenas saia do meu quarto! – gritou e jogou um travesseiro na minha cabeça. Indignado, e ainda tonto por causa das últimas informações, joguei o travesseiro de volta com força e caminhei até a porta batendo os pés.

Antes de sair, levei outra “ travesseirada” nas costas.

– Qual é o seu problema? – perguntei com a voz mais alta do que tinha planejado e lhe devolvi o travesseiro rudemente. Ela ergueu as mãos e conseguiu se defender.

– Qual é o seu, hein? Demorei dezesseis anos para beijar alguém, tudo por causa de falta de confiança, e você se acha no direito de pensar que eu... Fala sério! Acha que confio em qualquer cara a ponto de me entregar? Você não compreende nada mesmo, não é? P oupe-me, Lucas! Você não me conhece mais!

Antes que ela me atingisse com o travesseiro de novo, fechei a porta de seu quarto atrás de mim. Soltei uma gargalhada de alívio. Não me importava que ela estivesse morrendo de raiva de mim novamente. Aliás, nada me importava. Saber que a Mel tinha se mantido intacta, mesmo não fazendo sentido algum, me fez ganhar o dia. Acho que fiquei feliz porque compreendi que aquela ainda era a minha Mel, a mesma garota que não se deixava levar facilmente.

Ela ainda existia, afinal, e numa nova versão que estava me deixando particularmente encantado.

Capítulo 15

Fechei um contrato de aluguel com o dono do trezentos e dois.

Decidi não comprar o imóvel de vez, pois pretendia fazer um teste durante

seis meses a fim de ter certeza de que daria certo morar perto dos meus pais.

Levi ficou feliz por mim, ainda mais porque eu ficaria sempre ao alcance da família. Tanto ele quanto a mamãe ficaram bem positivos e achavam que eu me adaptaria bem, já que não pretendiam ferir minha privacidade. Mel nada comentou a respeito. Fez a maior cara de indiferente quando soltei a notícia no jantar da sexta-feira. O fato de ela não ter implicado só podia ser uma boa

notícia, então agi como se realmente fosse.

Usei o fim de semana para relaxar o máximo possível. Minha vida iria mudar totalmente a partir da segunda-feira, com o emprego novo. Meu carro

estava previsto para chegar durante a semana e, quanto ao apartamento, fiquei de me reunir com o proprietário na segunda à noite para a assinatura do contrato. Eu já ia pegar a chave e tudo mais, porém não ia poder me mudar porque não havia móvel algum por lá. Teria de, literalmente, começar

do zero. O processo todo seria muito cansativo; comprar e montar pelo menos o básico para ser possível um homem morar sozinho.

Mamãe sugeriu um chá de casa nova. Descartei a ideia porque sempre achei que esse tipo de “ festa” fosse para casais que pretendem se casar, além do mais, não seria preciso, haja vista a minha conta bancária

ainda recheada. Se eu não gastasse aquele dinheiro com coisas úteis para mim, então realmente não saberia como gastá-lo, já que minhas doações para

os orfanatos que sempre ajudei estavam em dia.

Era tarde de domingo e eu estava na sala de estar com o papai,

assistindo ao jogo do nosso time na maior empolgação. Depois de quase dois anos, havíamos voltado a jogar nossa pelada juntos, como de praxe.

Também já tinha frequentado a missa com a mamãe, hábito que eu pretendia

voltar a ter. Portanto meu dia, apesar de cansativo, estava sendo bem proveitoso com a minha família.

Papai e eu gritávamos, exasperados, a cada vez que algum

jogador tocava a bola sem sucesso ou perdia um gol feito. Havia porções extras de amendoim e várias latas de cerveja vazias na mesa de centro. Eu estava largado no tapete, com o meu cérebro misturando nervosismo e

embriaguez, já o papai quase tinha um troço no sofá. Chovia palavrões e demais xingamentos, ou seja, o domingo não podia ser mais normal do que aquilo. Eu tinha sentido muita saudade mesmo de ficar com o meu velho.

– Pai, já estou saindo, tchau! – Minha irmã passou pela sala

como um foguete, deixando o recado no ar com o objetivo de fazer o papai se esquecer dele no minuto seguinte. Isso ia dar certo se eu não estivesse

presente, trocando a prioridade da minha concentração com facilidade.

– Mel falou com o senhor, pai! – Bati na perna dele e aponte

na direção da saída. Levi me olhou meio sem entender, demorando demais a processar o que acontecia. Acho que não estava tão sóbrio também.

Escutamos o barulho de chaves rodando na maçaneta, só então ele abaixou o volume da TV.

– Mel? – chamou. – Espera, vem aqui!

Minha irmã soltou um suspiro irritado e caminhou de volta até

a sala. Meus olhos se esbugalharam quando a viram. Mel estava toda

arrumada, trajando uma saia preta e uma blusa também preta que deixava sua

barriga de fora, além de saltos altíssimos, cabelos soltos e maquiagem que

exibia um batom vermelho intenso. Devo ter arquejado alto demais, pois

seu olhar encontrou o meu e fez uma careta de desgosto. Ela apoiou as mãos

na cintura exposta e revirou os olhos.

– O que foi, pai?

– Para onde a senhorita vai? – Levi, infelizmente, estava

olhando para a televisão e não tinha visto o que eu tentava parar de ver e não conseguia.

– Ao ensaio da banda, óbvio. Não sei por que o senhor ainda

pergunta.

– Ah, sim. Vá com Deus, minha filha. – Levi tomou mais um gole de cerveja e xingou o juiz de ladrão. – Vou te pegar às nove, não é?

– É. – Mel se virou, pronta para ir embora, mas eu não podia deixar que ela fosse para qualquer lugar daquele jeito, principalmente depois de ter conferido sua silhueta de costas. Meu estômago virava frangalhos só de imaginar os caras secando a sua beleza, fantasiando coisas horríveis com a imagem dela.

– Você ainda canta na banda? – perguntei como quem não queria nada. Mel não parou para me responder e me fazer ganhar tempo, como era a minha pretensão. A chave girou na maçaneta de novo enquanto ela berrava um “sim”, que claramente havia sido dito com má vontade. Não nos falávamos desde que fui expulso de seu quarto.

Não tive escolha. Eu estava muito desesperado. Mamãe tinha ido para casa da tia Malu após a missa, então eu era obrigado a fazer o papai

tomar uma atitude. Pulei para o sofá mais do que depressa, chamando a sua atenção para mim.

– O senhor vai deixar a Mel sair vestida assim? – questionei sem conter a chateação. Meu pai devia prestar mais atenção na própria filha.

– Assim como? – Ele franziu a testa e depois percebeu que tinha sido displicente. Seu rosto meio corado deixou evidente que, de fato, não estava sóbrio. P refiro acreditar que, se estivesse, não teria deixado aquela situação passar despercebida. – Mel! Espera aí... Vem cá!

Minha irmã retornou, desta vez parecendo estar ainda mais irritada. Revirou os olhos de novo e voltou a apoiar as mãos na cintura. As pernas meio abertas penderam para um lado, e devo ter sofrido um ataque cardíaco fulminante. Comecei até a suar frio. Suas pernas estavam expostas demais. A saia não era muito curta, mas mesmo assim achei muito exibicionista. Quando a Mel tinha criado pernas tão curvilíneas? Devo ter arquejado involuntariamente de novo.

– Vista outra blusa, sim? – P apai pediu seriamente.

– Ah... Não acredito! – Mel ficou bem indignada. – O senhor não vai... Não acredito nisso, pai! – Ela saiu batendo os pés com força no chão. Atravessou a sala me fuzilando com os olhos, como se soubesse que havia sido ideia minha, até o seu quarto. A porta foi fechada com muita força, provocando um barulho imenso.

Levi nem se importou com o comportamento grosseiro dela.

Encheu a mão de amendoim e aumentou o volume da televisão. Fiquei perturbado durante todo o tempo que a Mel usou para trocar a blusa. Minha

irmã voltou para sala com a mesma expressão indignada. Parou ao lado do papai e o fitou com decepção.

– Está bom agora? – rosnou, batendo as mãos na lateral do seu corpo.

Mel tinha colocado outra blusa preta. Aquela lhe cobria a barriga, no entanto, deixava evidente um decote discreto que, para mim, era tudo menos discreto. A pequena curva entre seus seios me chamou a atenção imediatamente. Eu não podia fazer mais nada, pelo menos não sem deixar claro que eu estava reparando demais no corpo da minha irmã. Levi a analisou durante alguns segundos.

– Bem melhor. – Deu seu veredito. – Não é, campeão?

– Hã? É... É, bem... melhor – falei de um jeito débil, absolutamente desconcertado. – Ninguém precisa mostrar a barriga sem estar na praia.

– Desculpa aí se eu não tenho a barriga negativa igual a da

Amèlie – Mel falou com grosseria, revirando os olhos pela milésima vez.

Bufou como se estivesse exausta do mundo.

– Não é questão de estética. É questão de respeito – rebati.

Não sabia se estava surpreso pela comparação que a minha irmã tinha feito ou chateado por ela ter se rebaixado daquele jeito. Amèlie tinha um corpo

divino, sim, mas... Caramba, eu estava quase transbordando de desejo e não era por causa da minha ex.

– Respeito? – Mel berrou, assustando o papai. Ele colocou a televisão no *mute* e a encarou com firmeza. – Vocês que não me respeitam! Estão impondo o modo como devo me vestir! Que absurdo! Em pleno século vinte e um!

– Você não estava vestida de um jeito apropriado! – falei um pouco mais alto também, acho que o álcool tinha aumentado o meu volume. Mel me deu tiros de metralhadora através de sua imaginação.

Seu olhar possesso apontado para mim deixou isso bem evidente.

– P ai, o senhor vai deixar esse idiota falar comigo assim? –

Apontou um dedo acusador na minha direção. Papai deu de ombros, abriu a boca e depois a fechou, claramente sem saber o que dizer, deixando a Mel ainda mais bestificada. – Muito me admira o senhor! Seus machistas! O corpo é meu, que droga, uso o que eu quiser e nem por isso sou uma vadia!

– Mas se vestindo assim, faz todo mundo pensar que é! – as palavras escapuliram da minha boca sem que eu raciocinasse antes. Eu mesmo me daria um tiro na testa se tivesse percebido o quanto estava sendo um machista ridículo.

– Não me interessa o que os outros pensam! Tenho o direito

de...

– P arem, vocês dois! – P apai se levantou e ergueu as mãos abertas para nos fazer parar. Logo em seguida, ele se virou para a minha irmã. – Mel... P ode colocar aquela blusa de volta. Desculpe-nos, por favor.

– P ai! – reclamei, mas ele gesticulou para que eu ficasse quieto. Não entendi porcaria alguma. Meu nível de indignação só fez aumentar.

Mel calou a boca e ficou olhando para ele com ar confuso.

Acho que também não tinha entendido nada. Gaguejou algumas palavras e depois ergueu os ombros, meio que perguntando o que devia fazer.

– Você sempre vai ser nossa menina, filha. P erdoe o seu pai e o seu irmão, nós morremos de ciúmes. P ode vestir o que quiser, meu bem. – Levi andou até ela e beijou sua testa com ternura. – Sabemos quem você é e confiamos em você.

– Não creio que o senhor... – tentei questionar, mas papai me fez ficar calado de novo. Eu já não sabia mais se sentia vergonha ou decepção.

– Ninguém deve julgar uma pessoa pelo que ela veste.

Entenderam? – Levi olhou da Mel para mim e depois fez o percurso contrário. Aquela velha mania que ele tinha de ser o pai perfeito às vezes

me irritava. – Lucas, sua irmã já é bem grandinha e tem o direito de decidir o

que vestir. Nem eu e nem você vamos questioná-la quanto a isso, assim como não devemos questionar qualquer mulher por aí. Elas fazem o que quiser com seus corpos... Como homens, devemos respeitá-las acima de qualquer coisa.

Mel sorriu para o papai, satisfeitiíssima. Era só o que me faltava. Receber sermão junto com aconselhamento próprio para adolescentes na puberdade. Meu QI deve ter descido uns mil níveis, minha maturidade foi para o espaço e a vontade de explodir o mundo inteiro só fez crescer. Aquiesci, balançando a cabeça para cima e para baixo com leveza, sem ousar falar mais nada.

Levi voltou a se sentar, aumentando o volume da TV, e a Mel tratou de ir trocar a blusa novamente. Nosso time havia feito um gol sem que percebêssemos. Isso me fez esquecer um pouco o que tinha acontecido; gritei e abracei o meu pai como se não tivesse chateado com ele. Brindamos com mais uma cerveja gelada. O clima na sala mudou da água para o vinho em questão de segundos. Pelo menos até a Mel voltar com a roupa polêmica, beijar o topo da cabeça do papai, oferecer a língua na minha direção e finalmente partir.

Fiquei aéreo até o intervalo do jogo. Prova de que a minha

irmã tinha mesmo a capacidade de me tirar do eixo. Levi deve ter percebido,

pois resolveu tocar no assunto. Deu batidinhas no meu ombro, como se me consolasse, antes de dizer:

– Ela cresceu, filho. A gente precisa aceitar.

– Eu sei. Só não consigo entender como o senhor consegue ficar tão tranquilo.

– Tranquilo? – Levi riu. – Não, não. Estou quase pirando, mas não posso fazer nada.

– Claro que pode! – Fiz cara feia para ele.

– Não, Lucas. Mel tem dezoito anos. Lembra-se de quando você tinha essa idade? Eu te impedia de fazer alguma coisa? – Como nada respondi, ele prosseguiu: – Você já tinha até um carro e ia para onde quisesse sem que eu ou a sua mãe impedisse. Vou comprar o da Mel assim que ela estiver habilitada, é só uma questão de tempo.

A filosofia de vida do papai era sob nenhuma hipótese educar a minha irmã de uma forma diferente de como tinha me educado. Ele tinha uma opinião muito bem formada quando o assunto era machismo, por isso a Mel tinha sido uma verdadeira espertinha ao mencionar. Não que eu me considerasse machista. Minha razão concordava plenamente com os ideais do papai, mas meu coração dava saltos mortais, berrava e implorava para

que a Mel fosse mantida como uma princesa frágil. Com ela, eu não conseguia pensar diferente. Vergonhoso, eu sei. Não me orgulho do meu comportamento. Depois que a poeira abaixou, percebi o quanto havia sido um otário completo. Eu devia mil desculpas para a Mel.

– Tudo bem, mas o senhor pelo menos sabe para onde ela foi?

– Claro que sei, Lucas. Levei a Mel para os ensaios muitas vezes. É na casa de uma das amigas dela. Faço questão de ir buscá-la toda vez, mas ela prefere ir sozinha.

Claro que a Mel ia querer ir sozinha se sua pretensão fosse não ir para o lugar onde o papai achava que ela iria. Lembrei-me da tia Malu rapidamente. Levi era muito bobo quando o assunto era a minha irmã. Até parecia que ele nunca havia sido um adolescente na vida.

– Há quanto tempo ela vai sozinha?

– Faz uns meses já. Relaxa, filho, está tudo sob controle.

Não precisei de tempo algum para concluir que a minha irmã, na verdade, ia se encontrar com o namorado e só depois chegaria à casa da amiga para que fosse buscada como se estivesse lá o tempo todo. Esses ensaios podiam até acontecer, mas ainda eram quatro da tarde e o papai só a buscaria às nove. O horário estendido por si só já era um bom motivo para desconfiança.

– P osso buscá-la hoje? – perguntei, tentando agir naturalmente, mas papai deve ter reparado no quanto eu estava nervoso. Sorriu para mim como se eu fosse um verdadeiro idiota. Acreditei que ele tivesse razão.

– Claro, mas você precisa parar de beber agora. Use o meu carro. – Apontou para as chaves que estavam em cima de um móvel. O segundo tempo do jogo me distraiu um pouco, principalmente porque vencemos a partida, mas logo fiquei agoniado, preocupadíssimo com a minha irmã. Mamãe chegou pouco depois do fim do

jogo e logo sumiu com o meu pai. Deixei-os à vontade. Andei pela casa como um maníaco, até ter a ideia de sair antes do horário. Meu relógio marcava oito horas quando atravessei os portões da garagem do prédio.

A casa da amiga da Mel não era tão longe assim. O trânsito estava ótimo por ser domingo à noite, portanto não levei mais do que vinte minutos para chegar ao meu destino. Estacionei na frente de uma casa relativamente grande e simplesmente esperei. A rua estava um pouco movimentada. Alguns vizinhos conversavam nas calçadas e havia crianças brincando de amarelinha, como nos tempos antigos. De fato, aquele bairro era bem tradicional, famoso por ser seguro e calmo.

Juro que não deu nem cinco minutos e visualizei a Mel pelo

retrovisor. Ela tinha acabado de virar a esquina, de mãos dadas com um carinho alto. P rendi as mãos no volante. Fechei os olhos com força, tentando conter o ódio, o ciúme, a decepção total que me fez grunhir. Quando decidi olhar pelo retrovisor de novo, o casal havia parado para trocar um beijo intenso. O sujeitinho tinha as mãos exatamente na cintura exposta da minha irmã. Aquele com certeza era um ótimo momento para explodir de raiva. Acho que só não o fiz porque meus olhos marejaram. P ensei em ligar o carro e sair dali o mais depressa possível, mas não pude. Acompanhei o beijo ter fim, esperei o carinho brincar com os cabelos dela, visualizei ambos sorrindo um para o outro com paixão... Obriguei a mim mesmo a ver toda aquela tortura detalhadamente. Assim, quem sabe, o meu corpo parasse de me trair tanto, passando a entender de vez que a minha irmã não pertencia e jamais pertenceria a mim. Desci do veículo quando eles se aproximaram mais e a Mel começou a olhar esquisito na direção do carro. Acho que pensou que fosse o papai dentro dele, pois soltou a mão do namorado imediatamente. Ouvi um suspiro aliviado – ou não, sei lá, foi difícil definir – partindo dela assim que me viu. Apoiei meu corpo na lataria e cruzei os braços, esperando que se explicasse.

– Eu sabia que você ia fazer isso – ela falou em um tom

ameaçador. – Não se cansa de tentar tomar conta da minha vida?

– Só estou fazendo um favor para o papai, “maninha”. – Ergui as mãos como se me rendesse. Usei o mesmo tom irônico que ela ultimamente usava para me chamar daquele jeito.

– Quem é esse cara, Mel? – Minha atenção foi desviada para o sujeito. Ele era basicamente igual às fotos do *facebook*. Só parecia mais alto. Tinha os cabelos castanhos, mesma cor dos olhos meio puxados. A franjinha que usava era meio gay e pronto, só isso tenho a dizer sobre ele.

– Sou o irmão dela. – Coloquei a mão direita para frente, sugerindo um cumprimento. O cara sorriu e não hesitou em me oferecer a dele. – Lucas, prazer.

– David. Você nunca me falou que tinha um irmão, Melzinha.

Uma parte de mim simplesmente desabou com aquela frase;

primeiro porque a Mel não teve a capacidade de sequer me mencionar para o

namorado, e segundo porque tive vontade de vomitar ao ouvi-lo dizer o nome dela no diminutivo. Não tem nada mais açucarado do que isso.

– É o meu irmão adotivo – Mel resmungou.

O restante que tinha sobrado de mim terminou de cair. Mel

sabia perfeitamente que eu odiava aquela nomenclatura. Havia feito de propósito, no intuito de me diminuir e me deixar para baixo. Encarei-a sem

acreditar que tivesse sido capaz de tanta crueldade.

– Ah! – David soltou uma exclamação como se eu ser adotado

justificasse o fato de a Mel não ter falado sobre mim. Poucas vezes na
minha

vida senti tanta raiva.

– Já que o seu “ensaio” acabou, vamos embora – falei ainda

olhando para a Mel, que também me encarava fixamente.

– David, você avisa ao pessoal que já fui embora?

– Sim, claro, meu amor.

Tenho certeza de que foi de propósito que ela se atirou nos

braços dele. Beijaram-se fervorosamente diante de mim, dava até para ver
as

línguas se misturando. David bem que tentou se afastar, meio

envergonhado por ter plateia, mas a Mel insistiu e só parou quando desisti

de ser um masoquista e entrei no carro. Demoraram mais uns dois minutos

trocando sussurros e risinhos metidos a besta, depois o David circulou o

carro e abriu a porta do carona para que a Mel entrasse no veículo.

Dei partida depressa, cantando pneus, sem conseguir

controlar o tamanho do ódio que estava sentindo.

– Metido a educadinho o seu namorado – comentei quase

rosnando.

– Ele é educado, não metido a educado. Há uma grande diferença.

– Tanto faz. – Ergui os ombros. – Que merda de ensaio é esse que você não vai há meses?

Mel soltou um longo suspiro.

– A banda não existe mais há algum tempo, mas eu preciso de privacidade com o David. Na faculdade é tudo tão corrido que...

– Espera aí! – interrompi-a abruptamente. – Vocês se conhecem da faculdade?

– Somos da mesma turma. Só que o David é muito estudioso, mal ficamos sossegados durante a semana. Usamos alguns domingos para ficarmos juntos sem ser em um ambiente formal.

Nem dava para acreditar que o cara tinha a minha irmã quando quisesse e mesmo assim a trocava pelos estudos. Tudo bem que sou bastante estudioso, porém eu nunca deixaria a Mel sozinha ou carente, sempre daria um jeito de lhe escutar, de lhe dar a devida atenção. Marcar encontros às escondidas é coisa de pivete. David sabia que ela estava mentindo para os pais?

– Não sei por que tanto mistério. Você se acha muito madura, mas continua se comportando como uma criança – resmunguei como um

velho rabugento. – Mente para os nossos pais, fica enrolando o
sujeitinho... Será que você sabe o que quer da vida?

– Olha, Lucas... Com toda sinceridade, da minha vida cuido eu

– Mel se limitou a dizer, contudo não parecia tão confiante. O que falei lhe
atingiu, deu para notar em sua expressão irritada.

– Cuida muito mal, aliás – retruquei. – Não sei do que está se
escondendo. De quem é a casa da pessoa que você convence a participar
dessa palhaçada?

– É de uma amiga. Em alguns domingos reunimos a turma
antiga do colégio na casa dela. Às vezes nós participamos. David se dá
muito bem com eles porque sabe tocar violão como ninguém e eu aproveito
para cantar... É bem legal. – Acho que a Mel explicou tudo detalhadamente
e

com a maior paciência porque eu estava cuspiendo fogo pelas ventas. – Mas
na maioria das vezes fico com ele em uma galeria na outra rua e só
chegamos

bem mais tarde, como hoje.

– O que vocês tanto fazem numa porra de uma galeria? – berrei
ao parar em um sinal, oferecendo a Mel um olhar acusatório e
extremamente

enciumado. Meu autocontrole tinha dado adeus há muito tempo, por isso o

palavrão descabido.

– Não grite comigo, seu idiota! Quem pensa que é?

– Seu irmão adotivo – ironizei.

Mel se calou porque recebeu toda a carga negativa que aquele adjetivo me fazia sentir. O sinal abriu e permanecemos no mais completo silêncio durante minutos decisivos. Particularmente, eu não conseguia nem raciocinar. O cheiro dela incensava o carro e a imagem dos beijos trocados com o David não iam deixar de me assombrar nem tão cedo. Perturbação total me definia. Eu precisava me acalmar e parar de ser um estúpido.

– Desculpa – murmurei.

– Pelo quê? – Mel rosnou, ainda muito chateada.

– Por ter implicado com a sua roupa. Fui um machista arrogante.

– Você não era assim. Sua mudança me decepciona a cada segundo, Lucas.

Senti-me um verdadeiro merda. Enquanto a mudança na Mel estava quase me enlouquecendo, a minha própria mudança a entristecia. Por que eu estava agindo de um jeito tão imbecil? Precisava me controlar, voltar a ser o que era antes, ou seja, o cara que a minha irmã gostava e confiava.

– Estou tentando – tentei me explicar.

– Sua tentativa é tão patética. Quando vai perceber, Lucas?

Quando vai acordar?

– Do que está falando? – Fiz uma careta.

Mel expirou, parecendo muito cansada.

– Sobre nada. Deixa quieto. – Dei de ombros. – Desculpa por ter te chamado de irmão adotivo.

– É o que eu sou, afinal.

Mel ficou em silêncio por alguns minutos. Eu ainda sentia

muita raiva de mim mesmo e do que tinha acontecido. Vê-la com o namorado

me fez muito mal. Mesmo.

– Não conte ao papai sobre o David – ela pediu com seriedade quando chegamos ao estacionamento do nosso prédio.

– Agora eu também vou ter que mentir por você? – Finalmente criei forças para encará-la de novo e, de repente, já não me sentia mais com tanta raiva. Mel estava com o rosto transfigurado pela angústia, de um jeito que me fez ter vontade de beijá-la até fazê-la voltar ao normal.

Saí do carro para não cair em tentação. Minha irmã saiu também

– liguei o alarme logo em seguida – e foi me seguindo durante o curto percurso até o elevador.

– P or favor, Lucas. Não conte nada. Minha vida já está uma droga, não faça piorar!

Virei-me para ela.

– Uma droga? Meu Deus, Mel, você tem tudo! Devia ter vergonha de dizer uma coisa dessas!

– Nem tudo... – ela murmurou de um jeito dramático. – Nem tudo, Lucas.

– O que tanto te falta? – Apertei no botão para chamar o elevador e apoiei um braço na parede mais próxima. – Tudo bem, eu te machuquei, mas olhe ao seu redor... Você tem um namorado que claramente te ama, uma vida confortável, pais maravilhosos, boa comida e um bom futuro pela frente. Esqueça as mágoas, Mel. P elo amor de Deus, pare de pensar no que te falta e se contente com o que tem!

– Como me contentar? – ela choramingou. – Como? Você se contenta?

Fiquei calado, analisando o painel que indicava que o elevador estava quase no andar do estacionamento.

– Não fico reclamando – falei, por fim.

– P orque você acha que não pode fazer nada.

– E o que eu posso fazer? – rosnei.

– Muita coisa! A primeira é parar de se contentar e lutar pelo que você quer de verdade.

– Não percebe que é uma luta vã? Eu não sou inconsequente!

– Argh. Você é um idiota!

– Que seja, Mel. Devo ser idiota mesmo por ainda me preocupar tanto contigo.

O elevador chegou e entramos juntos. Mel evitou olhar para mim.

– Talvez você deva simplesmente parar – murmurou baixo. Não respondi, pois não encontrei palavras. Mel soltou uma risada desdenhosa. – É até engraçado, Lucas, você paga de maduro, responsável e consciente, mas age como um louco. É loucura o que está tentando fazer conosco.

– Não dá pra te entender, Mel. Você está me confundindo com suas atitudes e palavras controversas. Sei o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é ruim. Sei o que eu quero e o que eu não quero para a minha vida.

– Sim, você quer continuar fingindo e sendo um infeliz.

Eu ia responder alguma coisa, mas o elevador chegou ao nosso andar e fiquei sem resposta. Mel passou por mim antes que eu pudesse

processar qualquer informação, tirou a chave da bolsa pequena que usava, colocou-a na maçaneta e só então me olhou.

– Só me deixe em paz. Tenho direito de seguir em frente do meu jeito. Estou cansada da sua mania de ser corretinho, Lucas.

Antes de Mel terminar de girar a maçaneta – e do meu cérebro compreender o que raios ela tinha acabado de falar –, papai puxou a porta para o lado de dentro e nos encarou. Percebi logo que alguma coisa séria tinha acontecido, por isso fiquei alarmado. Mel também o encarou de um jeito confuso.

– Luquinhas, tem uma pessoa querendo te ver – Levi falou com firmeza, como se calculasse cada palavra. O jeito como me chamou me fez relaxar um pouco, pois pelo menos não estava com raiva de mim. – Vem... E

tenha calma, por favor, campeão.

Mel e eu nos entreolhamos. Seguimos o papai em silêncio até a sala de estar. Não sei por que, mas eu já sabia que não podia ser boa coisa. No entanto, quando vi a mamãe se levantando do sofá para nos receber, percebi na sua expressão atônita que a situação era ainda pior. Ela estava na companhia de uma mulher loira e bem vestida, com os olhos verdes brilhantes e uma expressão que se iluminou ao me perceber presente na sala.

A mulher correu até mim, quase atropelando os móveis, e segurou o meu rosto com as duas mãos. Ela tinha lágrimas nos olhos. Eu ainda estava muito confuso, tentando entender por que aquela mulher me parecia tão familiar. Foi então que, mais perdido que cego em tiroteio, procurei pelo olhar do meu pai. Ele suspirou profundamente e soltou a notícia de uma só vez:

– Filho... Esta senhora é a sua mãe biológica.

Capítulo 16

– Ela não é a minha mãe. – Recuei alguns passos sob os olhares fixos de todos os que estavam presentes naquela sala. O relógio deve ter parado, pois ninguém foi capaz sequer de se mexer durante um bom tempo. Minha visão ficou turva por causa de algumas lágrimas que chegaram sem pedir licença. Elas simplesmente passaram a rolar pelo meu rosto como se tivessem vida própria.

– Filho, não se... – ouvi o Levi murmurar, mas parar pela falta de palavras. Ele não sabia o que dizer e eu não fazia ideia de como agir.

Eu havia alcançado o auge do nervosismo, da dúvida, do pavor... Não saberia definir o que era aquele nó no meu estômago, pois jamais cheguei a sentir nada igual. Parecia um misto de tantas coisas ruins que o que sobrava era apenas um vazio sufocante.

A mulher tentou me tocar nos braços e eu recuei de novo, só que desta vez bruscamente, sem o menor cuidado. Ela se assustou com a minha reação. De repente, as mãos da Mel tomaram as minhas e então consegui focar em alguma coisa: seus olhos escuros brilhantes.

– Luquinhas, calma... – Devo ter chorado ainda mais. Fazia muito tempo que ela não me chamava assim e também que não usava um timbre tão

doce para se referir a mim. – Fique calmo. – Mel tocou o meu rosto, espantando-me as lágrimas. Seu gesto me fez sentir um calor confortável diante do frio que congelava as minhas veias.

Soltei um longo suspiro e contei até dez mentalmente, concentrando-me nos olhos atentos da Mel e no seu toque doce queimando a minha pele.

Nem parecia que havíamos tido mais uma briga há menos de um minuto.

Não parecia que ela estava cansada de mim, nem mesmo que queria que eu a

deixasse em paz. Todas as palavras rudes foram esquecidas, tornaram-se irrelevantes diante da situação apavorante que se desenrolava.

Em silêncio, todos acompanharam a minha calma chegar aos poucos. Olhei para a mulher por trás da minha irmã. Eu não me lembrava dela, mas os sentimentos que já senti por sua figura variaram conforme os anos iam passando. Lembro-me de que passei anos querendo de forma

enlouquecedora que ela voltasse e viesse me buscar. Cheguei a me culpar por ter sido um filho ruim, a culpá-la por não ter me dado uma chance, a culpar o orfanato por ter permitido que me abandonasse, a vida por ser injusta, Deus por não ter feito nada para me ajudar. Eu era apenas um moleque, caramba. Esse desejo desenfreado de vê-la outra vez me fez sentir raiva de mim por esperar pelo que não aconteceria, depois ódio dela por nunca ter me amado o bastante para me buscar e, por fim, depois que fui adotado, veio o esquecimento total. Procurei nunca me lembrar de que um dia aquela mulher existiu na minha vida.

– Lucas... Meu filho... – P rendi os lábios para não ser grosseiro. Ela não tinha direito algum de me chamar daquela forma. – Você é tão lindo! – Olhei para a Mel. Ela ainda me segurava e observava com os olhos marejados. Segurei suas mãos por sobre o meu rosto a fim de tentar afastá-las, mas me vi incapaz. O gesto só fez suas mãos me segurarem com mais força. – Eu queria poder te explicar... P or favor, me deixe explicar... Eu

não queria, meu filho, não queria te deixar daquele jeito...

Não tive coragem de desviar os olhos dos da Mel. Mais

lágrimas escorreram do meu rosto e ela as enxugou. O fato de não conseguir

compreender os meus próprios sentimentos estava me deixando louco. Eu queria que aquela mulher sumisse, mas uma parte de mim gostaria de receber

aquela tal explicação. Depois de tantos anos, ainda sentia aquela curiosidade. Queria poder entender os motivos da minha vida já ter começado cheia de problemas.

– Vamos todos nos sentar – propôs mamãe. – Podemos conversar com calma... Não é, meu destino?

Apenas balancei a cabeça para cima e para baixo, emocionadíssimo com o que mamãe tentou me dizer. Eu ainda era o seu destino e isso jamais mudaria. Heloísa tinha total razão, não era a presença daquela mulher que modificaria o amor que sentíamos um pelo outro. Nosso

destino já havia sido traçado e éramos muito felizes. Acima de tudo, minha mãe ainda era a minha mãe, pois mãe de verdade é aquela que cria, que cuida, que educa, que protege. Eu não precisava me sentir inseguro como se fosse uma criança abandonada. Nem idade eu tinha para me comportar daquele jeito.

Levi se aproximou e segurou os ombros da Mel. Minha irmã afastou suas mãos de mim, fazendo-me sentir um frio horrível. P apai nos

acompanhou até o sofá com bastante cuidado, como se nos escoltasse.

Sentei-me em uma poltrona individual. Levi se sentou junto com a Mel e a mulher, que fez questão de escolher o lado que estava mais perto de mim. Afundei meu corpo e soltei um longo suspiro. Observei a mesa de centro com atenção redobrada.

– Levi e Heloísa me contaram como tudo aconteceu... – A

senhora estava com a voz trêmula. Continuei olhando fixamente para a mesa

de centro. – Foi muito bonito... Eu... Não podia desejar uma vida melhor para você, meu filho. Não podia desejar pais mais atenciosos para te proteger, te amar...

– Já que a senhora não foi capaz disso – resmunguei.

– Não... Não fui capaz. – Fez uma pausa dolorosa. Meu coração já ferido não parava de sentir pancadas intensas. Eu estava destruído. Será que um dia me recuperaria daquela fase terrível? – Não de te amar, meu filho, mas de te proteger.

– Pare de me chamar assim, por favor.

– Desculpa... – ela murmurou com a voz fraca e caiu no choro.

Fechei os olhos e fingi estar em outro lugar. Eu não dava mais conta. Com muita sinceridade, meu limite de dor foi atingido com sucesso. Esperei

pacientemente que ela parasse de soluçar e fungar.

– Campeão... Não seja tão duro assim. Letícia nos contou que...

Letícia. Eu me recordava vagamente daquele nome.

– Ah, pai, não diga nada, faça-me o favor – resmunguei com

muita malcriação. Acho que todos na sala prenderam a respiração, pois

jamais falei com o Levi daquele jeito. – Estou cansado. Não me interessa se

ela não pôde me criar, passei sete anos da minha vida esperando que

voltasse. Fui abandonado como um animal, rejeitado como um pedaço de

nada. É por causa disso que eu nunca consigo superar essa insegurança,

nunca paro de achar que é o meu dever ser o melhor filho do mundo para

vocês. Tenho medo de errar, de decepcionar, de ninguém no mundo me amar

e de ser abandonado mais uma vez. Será que vou deixar de ser assim? Não.

Não vou, e a culpa é dela – desabafei tudo de uma só vez. Jamais havia dito

nada do tipo aos meus pais. A gente não conversava sobre aquilo porque

eu nunca demonstrei a eles que sentia essa necessidade.

Depois que confessei o que estava entalado em mim há anos,

senti-me um pouco mais leve. Minhas palavras me fizeram compreender

melhor muitas atitudes que tomei ao longo dos anos. Passei a vida toda me

anulando em prol da minha família, tudo porque tinha um medo terrível de

perdê-la. O trauma pelo qual passei havia aberto uma cicatriz gigantesca no

meu peito, de modo que dificilmente eu conseguiria curá-la.

– Nós nunca... Nunca, nunca, nunca iremos te abandonar,

Luquinhas. – Mamãe já tinha corrido para mim e se sentado na braçadeira da poltrona. P uxou minha cabeça e me obrigou a afundá-la em seu colo.

Suas mãos foram passadas pelos meus cabelos. A coitada já chorava bastante. – Nunca... Nunca, ouviu bem?

P ensei em dizer alguma coisa importante para Heloísa, mas, quando abri a boca, apenas um soluço escapuliu.

– Eu não podia te deixar morrer de fome! – Letícia uivou de um jeito choroso. – Lucas, você não parava de chorar, querendo comida, e eu não tinha nada... Nada! Seu pai morreu e só deixou dívidas! Minha família sempre foi muito pobre... Meu Deus, eu não sabia o que fazer nem a quem recorrer.

– E o que te fez voltar depois de vinte e seis anos? P ouderia simplesmente continuar fingindo que eu não existia – falei enquanto ainda recebia carícias da Heloísa. Eu já teria explodido se não fosse o amor da minha mãe.

– Eu sabia que você tinha sido... adotado e que... estava bem, mas eu... precisava te conhecer... te reencontrar... antes de morrer. Eu estou...

muito doente... – Letícia dava pausas bruscas por causa de soluços

incontroláveis. – Descobri um câncer maligno e...

Olhei para a mulher que me gerou. Estava inconsolável, mas a Mel a abraçava lateralmente como se a conhecesse há anos. Estranhei muito a situação. As coisas só faziam piorar dentro da minha cabeça, pois, de repente, já não sentia mais tanta raiva assim. Havia me restado somente a pena. E um desconforto chato, uma sensação esquisita demais. Eu não queria que aquela mulher morresse. Apesar de tudo, me doeu saber que estava doente.

– Só queria te abraçar uma última vez... Queria pedir perdão por tudo... Se possível, queria que me perdoasse. Eu não podia partir sem o seu perdão, meu filho... Lucas.

Tentei refletir um pouco. P precisava buscar a razão, já que a emoção se mostrava instável de uma maneira perigosa.

– Não posso te perdoar por pena. Não é justo com ninguém.

– Eu sei. Só preciso de uma chance. – Ela se curvou e tocou a minha perna. Não recuei, mas fiquei um pouco incomodado. Seus olhos verdes brilhavam muito devido às lágrimas. – P or favor, aceite ao menos a minha companhia. Venha me visitar em minha casa... Concluí uma série de medicamentos e ainda vamos ver se o quadro irá progredir, mas eu queria muito que me conhecesse... que conhecesse seus irmãos, seu padrasto...

Meu Deus, eu tinha mais irmãos? Quantos? Quais eram os seus nomes? Olhei para a Mel mais uma vez. Ela deu de ombros, parecendo meio triste. De uma coisa tinha certeza absoluta: jamais conseguiria tomar qualquer decisão daquele jeito. Meu corpo inteiro doía e a perturbação mental só fazia crescer. Larguei a mamãe e me aprumei na poltrona. Por que eu tinha de ser tão dependente emocionalmente da minha família? Meu comportamento só me decepcionava ainda mais.

– Eu não sei – falei com seriedade e me levantei da poltrona, deixando mamãe alarmada. – Preciso pensar.

– Tudo bem. Apenas pense com carinho.

– Com o mesmo carinho que a senhora pensou em ir me buscar daquele lugar – alfinetei no impulso, sem raciocinar. Arrependi-me no mesmo instante. Estava tentando, mas não conseguia perdoá-la, não com sinceridade. E isso só provava o quanto eu era emocionalmente imaturo. Eu já devia ter superado aquele trauma há muitos anos.

– Precisei várias vezes, Lucas, mas... – Gesticulei para que nada mais falasse. Letícia se levantou do sofá e tentou se aproximar com cautela.

– Apenas me dê um abraço. Por favor... Por favor. Juro que vou embora e que

nunca mais volto a te importunar.

Olhei para a mamãe. Ela chorava em silêncio. Virei o rosto e observei o papai. Levi estava reflexivo, com uma expressão séria e meio perturbada, acompanhando cada gesto meu com bastante concentração. A ideia de abraçar aquela mulher me machucava. Eu não me sentia pronto para aquilo. Meu corpo odiava o fato de ser forçado a fazer uma coisa que não queria.

Em contrapartida, lembrei-me de que Letícia estava doente e de que talvez eu não tivesse tempo para me preparar. Tinha certeza de que eu adoeceria se ela partisse antes que eu me sentisse preparado, portanto apenas abri meus braços e deixei que viesse. A mulher me apertou pelo pescoço e chorou copiosamente, com a cabeça enterrada em meu ombro. Não

soube o que pensar. Achei que eu choraria, mas não aconteceu. Mantive-me frio e sério, tentando controlar as batidas do meu coração.

Letícia se afastou depois de alguns minutos me apertando em seus braços. Não tive a capacidade de acompanhar mais nenhum acontecimento naquela sala. Simplesmente me virei na direção da saída e segui a passos firmes. Abri a porta e peguei o elevador, que ainda estava no andar. Não dei satisfação alguma, porém não pretendia ir muito longe.

Cliquei no botão que indicava o andar da cobertura e esperei com a cabeça

apoiada na parede espelhada do elevador. P precisava ficar sozinho.

A primeira coisa que fiz foi me deitar sobre uma das espreguiçadeiras que jaziam ao redor da piscina. Fiquei observando as estrelas, notando pela primeira vez como a noite estava agradável. Tentei juntar todas as informações recebidas, mas a coisa toda só me fazia ficar pior.

As palavras duras da Mel, depois seu gesto carinhoso, o encontro com a Letícia... Mel reclamava da vida, contudo a minha não estava um mar de rosas. P parecia ficar pior a cada segundo. Mas, mesmo assim, continuei sem reclamar.

Meu celular vibrou por causa de uma nova mensagem. Saquei-o do bolso e conferi: era da mamãe, perguntando-me onde eu estava. Respondi rapidamente que tinha fugido para a cobertura, acrescentando que precisava ficar sozinho por um tempo só para garantir que ninguém viesse me chatear. Eu me encontrava exausto de tudo e de todos, com sinceridade. Sentia-me como se estivesse preso em uma gaiola, perdido em um lugar desconhecido, sei lá... Era uma insegurança, uma sensação de estar desprotegido... Só queria uma luz. Ou uma trégua. Qualquer coisa que me tirasse daquela lama.

Três minutos depois que guardei meu celular, ouvi o ruído de

passos. Mel caminhava lentamente, aproximando-se como se temesse a minha reação ao vê-la ali. Sentei de imediato, dobrando os joelhos e apoiando os braços em cima deles. Ela tomou minha atitude como uma sugestão para que se sentasse na espreguiçadeira também. Foi o que fez. Inspirei seu cheiro bom e meu coração latejou. Senti-me ainda mais fraco e vulnerável.

Não ia dar certo ter qualquer conversa com a Mel nem tão cedo.

– Você está bem? – perguntou hesitante. Respondi

balançando minha cabeça negativamente. – Vai ficar tudo bem, você vai ver.

– Não vai – falei muito baixo, com a voz carregada de dor. Nem eu reconheci o timbre confuso que saiu da minha boca. – Chega de esperanças.

– Por que está dizendo isso? – Minha irmã fez uma expressão confusa.

– Porque eu cansei.

– De quê?

– De tudo. De mim. De ser assim. Você tem razão, sempre teve. –

Ergui os ombros. – Sou um idiota metido a perfeito. Cansei de fazer as coisas certas.

Mel nada falou. Ficou me observando enquanto eu mantive

meu olhar fixo na piscina. Não consegui encará-la. Estava envergonhado, derrotado, destruído. Meu coração não podia se partir mais, eu tinha certeza. Pelo menos não sem que eu alcançasse a loucura completa.

– Tente ver as coisas por outro ângulo, Lucas... Essa mulher não pode te atingir assim desse jeito. O que tanto teme? Você sabe que ninguém vai te abandonar, sabe que sua família sempre estará contigo.

– Será? – resmunguei.

– Claro que estará! Meu Deus, Lucas, eles te amam. Todo mundo te ama.

Meu rosto se esquentou. Ela queria dizer que me amava? Claro que me amava... Eu era seu irmão mais velho.

– E se eu fizer uma coisa muito, muito, muito errada? – Olhei-a fixamente. Percebi seu rosto corar um pouco. Fui indiscreto, eu sei.

– Sua família não vai te dar as costas, garanto.

– Não consigo parar de deixar essas coisas me assombrarem. –

Desviei o rosto novamente, tentando me controlar. – Senti tanto medo...

Tanto frio. Foram tantas noites sem dormir, Mel. Eu era apenas um menino.

Só queria uma família, queria me sentir amado por alguém, de verdade.

– Você tem a gente, poxa.

– Sim, mas... É difícil explicar. Tenho necessidade de ser

amado... De ser aceito. Eu fico me exigindo para nunca decepcionar ninguém. Não é fácil ser assim. Tenho medo de tudo. É tão ridículo!

– Não é... – Senti as mãos dela acariciando os meus cabelos e fechei os olhos. Como era bom, meu Deus... – Você não é ridículo. Todo mundo sente medo de mais de uma coisa.

– Você mesma me chamou de idiota umas trezentas vezes só hoje.

– Desculpa, Luquinhas... – ela murmurou baixo, aproximando-se um pouco. – Às vezes eu simplesmente não sei o que te dizer. Não é só você que tem medo.

– Do que você tem medo? – perguntei ainda sem olhá-la. Mel ficou calada até que, sem querer, acabei a observando. Ela estava bastante reflexiva.

– Não vamos falar sobre mim. Sou muito complicada. Tenho piorado.

– Cansei, Mel. Sério. Apenas fale.

– Tenho medo de que você nunca me diga o que precisa me dizer, dentre outras coisas. – Ergui os ombros e balancei a cabeça, sem saber o que dizer. Não fazia ideia do que ela estava falando. Ou talvez fizesse e ainda tentasse maquiar a verdade por não conseguir aceitá-la. –

Vamos ser sinceros um com o outro? Agora?

– Mel... O dia foi tão difícil para mim. – Afastei suas mãos do meu cabelo e me levantei. Andei até o muro de proteção, apoiando meus cotovelos nele. Inclinei o meu corpo e admirei a vista de uma parte da cidade. Minha irmã fez a mesma coisa ao meu lado.

– Por favor, pare... Pare de fugir. – Ela não parecia chateada, apenas triste.

– Se eu for muito sincero contigo, não vai dar certo. acredite.

– Até quando pretende fugir da verdade?

Minha mente travou de vez. Não deu para raciocinar.

– Até quando der – acabei sendo mais sincero do que planejei.

– Por quê?

– Por que estamos falando sobre isso?

– Porque este é o nosso problema e você finge que ele nem existe. – Olhei a Mel de soslaio. A brisa soprava e fazia seus cabelos voarem de um jeito legal.

– Você acha que está com aquele sujeito porque leva em consideração a existência do nosso problema? – Abri o jogo. Não dava para entender a Mel. Às vezes ela parecia querer que eu simplesmente a tomasse em meus braços sem pensar em porra nenhuma, mas em outras

parecia querer que eu sumisse de vez.

– Estou tentando resolver. Você devia fazer o mesmo.

– Eu fiz o que era possível! É o que eu vivo fazendo, Mel.

– Resolveu?

– Não. P elo visto, não.

– Então talvez a gente não devesse fugir – murmurou. Suspirei fundo. Minha cabeça estava prestes a explodir com tantas informações acumuladas. – P ense no que você não quer ser. Você não quer ser apenas o meu irmão mais velho, preocupado e protetor.

– Não é sobre o que eu quero ser, Mel, é sobre o que eu *tenho* que ser. – Bufei. – Desculpa, eu não estou em condições de raciocinar sobre o assunto. Não paro de pensar naquela mulher. – Mel apoiou a cabeça entre os dedos. Respirou fundo mais de três vezes. – P or falar nisso... Você a consolou. P or quê?

Mel virou o rosto para me ver. Sorriu de um jeito triste. P rendi a respiração.

– Se ela não tivesse te abandonado, eu nem teria nascido.

Só aquela frase foi capaz de intensificar o nível da minha perturbação. Se a Mel não tivesse nascido, quem eu amaria tanto?

Encaramo-nos fixamente. Reparei no contorno de seus olhos e fui descendo

para os lábios. Devo ter lambido os meus, mas foi sem querer. Meu desejo de

beijá-la se tornou algo absolutamente óbvio.

– Eu sei que é egoísmo da minha parte. Você sofreu e ainda

sofre as consequências desse abandono. Andei dizendo muitas coisas que

não devia, Lucas, me perdoe. Pode não parecer, mas seu sofrimento me deixa

arrasada. No entanto, eu sou muito grata a ela, assim como sou grata a você.

Acredito que tudo tem um propósito maior... Já imaginou o Levi sem a Heloísa? O mundo não seria a mesma coisa.

– O mundo não seria a mesma coisa sem você – deixei escapar.

Foi a vez da Mel de observar a minha boca e umedecer os próprios lábios. –

Sou grato por ser o culpado pela sua existência.

Ergui o meu corpo e me virei de lado. Ela fez o mesmo e ficamos

frente a frente. Nossos olhos não conseguiram se desgrudar um do outro.

– Você é o culpado por tudo o que sou.

Segurei o seu queixo. Meu polegar encontrou seu lábio

inferior e o puxou para baixo. O movimento que fez me deixou hipnotizado.

Nossos rostos se aproximaram sem que fizéssemos qualquer esforço.

– Mel... Eu vou te beijar – grunhi.

– Vá em frente – ela sussurrou.

– Você tem um segundo pra sair correndo.

– Um.

Estávamos tão próximos que seu hálito quente fez a minha pele vibrar de desejo, de pura vontade. Meu autocontrole não existia, havia sido atingido em cheio pelos últimos acontecimentos, portanto sequer havia barreiras que me impedissem de fazer o que fiz. Colei nossas bocas como se eu precisasse disso para continuar vivendo. Liberei, com um único gesto, tudo o que acumulei dentro de mim ao longo dos últimos anos. Não foi um beijo separado em fases como havia sido o nosso primeiro. Aquele foi diferente porque já começou em alta velocidade, e desta forma permaneceu. Usei a minha língua logo de cara e, rapidamente, tomei a dela para mim. Obriguei a sua boca a trabalhar duro contra a minha. Suguei e mordi seus lábios, chupei sua língua, fiz nossos rostos virarem o tempo todo, em um ritmo desajuizado. A excitação não demorou nem dez segundos para invadir os meus instintos. Segurei os cabelos dela pela raiz e a puxei para ainda mais perto, fazendo nossos corpos se colarem. Imprensei-a no muro de proteção da cobertura porque senti necessidade de senti-la em mim.

Simplesmente obedeci cada uma das minhas reais vontades, como nunca havia feito desde que descobri que a amava mais do que tudo no mundo.

Percebi seu cheiro, reconheci a maciez da sua pele, e cada detalhe da Mel era tão encantador quanto eu me lembrava. A saudade que eu sentia daquele beijo tinha me consumido. E, naquele momento, eu me consumia de tanta felicidade por estar a beijando outra vez.

Um pouco de razão me fez pensar em como tudo era uma loucura, em como eu ia me arrepender amargamente quando acabasse, contudo, pela primeira vez, permiti que o arrependimento ficasse no futuro, jamais no presente. Se ele era inevitável, então eu faria questão de dar motivos suficientes para senti-lo. A exaustão, a dor, o sofrimento constante... Tudo aquilo me deixou desenfreado de um jeito muito perigoso. Não soube responder se aquela imprudência toda era boa ou ruim, afinal, eu me sentia nas nuvens, só sei que nada me fez parar.

Assei minhas mãos pela coluna dela, centralizando seu corpo com relação ao meu. Apertei meu quadril contra a sua barriga, consciente de

que a Mel estava sentindo o tamanho do desejo que eu sentia por ela.

Parecia perturbador demais ter a minha irmã sentindo a ereção que latejava por dentro da minha calça, mas não tive tempo de sentir medo ou vergonha, apenas vontade de ser verdadeiro nem que fosse uma única vez.

Prendi minhas mãos, com força, ao redor de sua cintura exposta. Ela ainda estava usando a blusa polêmica. Com raiva do que

aquela peça me fez sentir, simplesmente subi minhas mãos até conseguir retirá-la da Mel. Ouvi-a gemer baixo entre meus lábios. Nossas respirações se aceleraram bastante. Fiz uma pausa curta para observar o sutiã modelando seus seios curvilíneos. Peguei-os com as duas mãos, sem me conter. Depois, voltei a beijá-la como um animal sedento.

Mel teve a ousadia de abrir as pernas ao meu redor. Deu um pulo repentino, obrigando-me a segurá-la pelo traseiro. Apalpei-o com força, como se quisesse rasgá-lo. Fiquei louco com sua pele volumosa, e curioso para senti-la mais. Foi por isso que dei um jeito de passar minhas mãos por dentro de sua saia preta. Pude sentir toda sua pele macia e quente sem obstáculos. Meu quadril fez um movimento bruto como se a estivesse possuindo. Mel voltou a gemer e eu soltei um grunhido baixo.

– Lucas...

Eu não conseguia parar. Alguma coisa precisava cair do céu e acertar o meu cérebro para que ele destravasse e saísse do modo “animal no cio”. Minha razão já berrava, pedia por socorro, implorava para que alguma coisa me impedisse, me freasse, mas eu estava realmente disposto a me arrepender de forma bem arrependida. Não iria fugir da Mel por causa de um beijinho adolescente. Se fosse para fugir de novo, então teria de ser por um

motivo forte, definitivo. Estava certo para mim que, quando aquela loucura acabasse, eu pediria desculpas e trataria de me mudar o mais rápido possível, mas enquanto pudesse aproveitar, aproveitaria, e que o mundo se danasse de uma vez.

Não conseguia entender por que a Mel tinha permitido aquele beijo – ela tinha namorado, portanto cometíamos mais de um pecado cruel –, por que ainda me correspondia e por que não tinha saído correndo depois que retirei sua blusa ousada. Minha boca desceu pelo seu queixo e se afundou em seu pescoço. Suguei-a até lhe arrancar mais suspiros e gemidos, que só fizeram meu corpo latejar de excitação. Voltei a me movimentar bruscamente, e suas pernas se abriram mais.

Tentei mais uma vez buscar algum freio, mas meus lábios ávidos escorreram pelo seu colo. Pus a língua para fora e fiz um trajeto maluco até chegar à renda de seu sutiã preto. Por cima do tecido, continuei circulando minha língua até achar a ponta arrebitada de um seio, que se evidenciava discretamente. Mordi ao redor dela. Mel gemeu alto daquela vez. Era loucura. Meu Deus, alguém precisava me parar. Minha irmã precisava se escandalizar e me esbofetear por estar fazendo aquilo. Eu precisava de algum castigo, de uma punição severa pela minha ousadia. Ela começou a reagir também. Finalmente concluiu o que

pensou em fazer anos atrás ao puxar a barra da minha camisa e me deixar sem

ela. Permiti que fizesse, desta vez sem pausas, sem alardes, sem choque.

Além disso, permiti que me beijasse o peitoral, que me alisasse os braços,

que se saciasse com o meu corpo exposto que só pensava nela, só queria

ela, só precisava dela para se recuperar de tantos baques, de tantas

pancadas. Suas mãos ousadas desceram pela minha barriga, alcançando o

botão da minha calça. Eu precisava recuar.

– Mel... Não... – falei do jeito menos convincente possível, e

mesmo assim foi depois que fiz um esforço enorme para negar. Mel sequer

levou em consideração e o botão foi arrancado em algum momento.

Sua boca tomou a minha como se me obrigasse a ficar calado.

Voltei a lhe apoiar pela coluna. Acabei encontrando o fecho de seu sutiã.

Minhas veias tremeram com a possibilidade de abri-lo. Depois que eu o

fizesse, sabia que seria tarde demais. Não demoraria nada para que eu a

despisse por completa e a fizesse minha. Era o que eu mais queria. Permiti

em todas as possibilidades. Até me lembrei de que guardava uma camisinha

na minha carteira, que estava no bolso de trás da calça.

Mel deve ter adivinhado os meus pensamentos, pois segurou o

meu rosto e nos afastou o suficiente para que fosse possível me olhar nos

olhos.

– Seja o meu primeiro – murmurou com doçura. – P or favor.

– Eu quero ser o seu único, Mel.

Ela sorriu. Trocamos um selinho demorado.

– Seja.

Foi então que a minha razão venceu a guerra. Eu não podia desvirginar a minha irmã na cobertura do nosso prédio, e nem em lugar algum. P elo amor de Deus. O que o papai acharia disso? E a mamãe? E a família toda? Não poderia suportar o nível da decepção deles quando soubessem. Seria o fim da linha causar tanto sofrimento nas pessoas que amo. Além do mais, sim, eu queria ser o único, mas eu não *podia* ser o único. Não podia ser nada. Não havia futuro para mim e para a Mel além de puro arrependimento. Ela era tão nova! Que tipo de consequências sofreria caso eu fosse adiante? Valeria a pena marcá-la tão profundamente? E se ela se arrependesse? E se eu a machucasse ainda mais?

Soltei-a rápido, assustado. Dei vários passos para trás. A

coitada quase caiu no chão, mas conseguiu se apoiar no muro de proteção.

O olhar que ofereceu me fez segurar meus cabelos com força, pois exprimiam

o mais puro ressentimento.

– Você... já se arrependeu? Já está arrependido?

– Vista-se... Vamos, vista-se.

– Eu não acredito, Lucas. – Peguei minha camisa, que jazia abandonada no chão, e a vesti. Mel permaneceu do mesmo jeito, chocada com minha atitude. – Por que faz isso com a gente?

– Por que você faz isso comigo? – rosnei. – Droga, Mel.

– Você é um idiota se não percebeu que sua viagem de nada adiantou.

– Vista-se.

– Ainda me ama. Não me esqueceu merda nenhuma! Admita, Lucas!

– Vista-se, Mel, por favor!

– Covarde!

Parti para cima dela e lhe segurei os pulsos, morto de ódio de mim mesmo.

– Não esqueci. Não vou esquecer. Mas você precisa. Está me entendendo, Mel?

– Eu não quero!

– Você tem o seu namorado, droga!

– Você é tão retardado. Namoro ele pelo mesmo motivo que você namorou suas francesas loiras e demais vadias. Acorda, Lucas! Eu te amo!

Larguei suas mãos. Eu não sabia o que fazer com aquela confissão. Andei de um lado para o outro, sem saber o que fazer. Pelo menos a Mel localizou a blusa e começou a vesti-la.

– É a última vez que eu vou sofrer por você! – ela definiu com seriedade. – É agora ou nunca, Lucas. Ou você confessa logo que ainda me ama, ou eu juro que nunca mais vou deixar que se meta na minha vida. Eu sabia que aquele era um momento decisivo. Eu precisava fazer o que era certo mais uma vez. Só mais uma. Por ela. Por ela nossa família.

Por nosso futuro. Por todas as consequências horríveis que eu não queria que ela sofresse.

– Eu te amo, Mel – falei o que fazia a minha garganta coçar. Eu explodiria se não externasse aquela simples frase. Ela abriu um largo sorriso, e muitas lágrimas rolaram por seu rosto. – Mas você vai ser muito mais feliz sem mim. É melhor que você jamais permita que eu me meta na sua vida de novo. Vá em frente... Siga em frente.

Ela parou de sorrir, balançou a cabeça e soltou um soluço de dor profunda. Saiu correndo na direção dos elevadores e se perdeu em um instante. Minha maior vontade foi a de me atirar da cobertura do prédio, mas

em vez disso apenas voltei a me deitar na espreguiçadeira e a observar o céu. Ele parecia mais embaçado, meio turvo.

Fiquei me perguntando se um dia eu conseguiria encontrar a paz.

Capítulo 17

Ocupar a mente com a mudança foi a melhor saída para que eu não mergulhasse de vez em um mar de amargura que prometia me deixar depressivo pelo tempo que durasse o total distanciamento entre mim e a minha irmã mais nova. Com toda razão, Mel voltou a me ignorar. Pior, começou a passar o dia inteiro fora, alegando estar imersa nos estudos. Eu estava muito preocupado, sem saber como ela estava reagindo ao nosso momento na cobertura, mas nada pude fazer além de me preparar para seguir em frente de verdade.

Mesmo tentando não raciocinar muito, os sonhos loucos e eróticos, em sua maioria, voltaram a me perturbar. Era bizarro demais sonhar com o que poderia acontecer na cobertura se eu não tivesse me controlado. Havia sido por um triz, apenas uma linha tênue de raciocínio dividia os acontecimentos, e saber que aquela realidade esteve tão próxima acabava comigo de um jeito irreparável. Tudo só provava que eu devia, de verdade, começar a modificar o rumo da minha vida.

Recebi a chave do apartamento e, toda vez que acabava o expediente no emprego novo, passei a organizá-lo para que fosse possível me receber o mais depressa possível. Mamãe me ajudou bastante com a compra dos móveis e demais utensílios que eu certamente iria precisar. Foi bem cansativo, mas muito prazeroso, comprar todas as coisas que, durante aquela semana, não paravam de chegar em caminhões das lojas por onde passei. O apartamento logo se tornou uma grande confusão de entregadores, montadores e de uma Heloísa eufórica coordenando cada detalhe junto comigo.

Marquei minha mudança definitiva para o fim de semana, mais precisamente no sábado, visto que já na quinta-feira o meu novo quarto se encontrava devidamente montado. Não podia adiar o inadiável. Foi por isso que usei a sexta-feira à noite para recolher tudo o que me pertencia dentro da casa dos meus pais. Tentei me divertir durante o processo, mas não consegui sair do clima de velório que se instalou dentro de mim assim que percebi que estava, de fato, me afastando definitivamente da minha família. Se os meus motivos não fossem tão cruéis talvez eu me sentisse realizado, orgulhoso ou maduro, contudo nada me tirava aquela sensação de fuga.

Recolhi minhas roupas e demais objetos, colocando-os em

malas e caixas grandes. As mais pesadas abrigavam os meus livros. Fiz questão de levar todos comigo, pois havia comprado uma estante grande que eu estava louco para arrumar – talvez a única coisa capaz de me animar diante de tanta agonia: ter uma estante carregada à minha disposição.

Revirei todos os cômodos da casa. O último foi o banheiro social, onde percebi que a Mel guardava, dentro de uma caixinha transparente, o anel que eu havia lhe dado em um natal que, naquele momento, me pareceu ter sido em um dia muito distante. Fiquei triste ao me recordar que ela quase nunca largava aquele anel, mas ciente de que ela o tinha feito antes mesmo do meu retorno ao Brasil.

O porta-retrato que ela tinha me dado estava devidamente embalado – e eu duvidava muito de que o tiraria de dentro da caixa um dia, pelo menos não enquanto aquele amor existisse dentro de mim –, por isso tomei a decisão de pegar o anel a fim de guardá-lo como recordação. Eu sabia que era um objeto que pertencia à Mel, mas o medo de perdê-lo me dominou e eu não pude deixá-lo onde estava.

Tentei convencer os meus pais a levar comigo as cartas antigas que eu tinha escrito para o Papai Noel quando era apenas um moleque, mas eles se mantiveram irredutíveis. Levi e Heloísa as exibiam em um quadro localizado na sala – com direito a uma moldura elegante –, para que

ninguém jamais se esquecesse de como havia sido o início daquela família. Eu queria levá-las pelo mesmo motivo: não era do meu desejo esquecer o acontecimento mais fantástico da minha vida. Ficar longe delas seria doloroso também, mas tratei de colocar na cabeça que tudo não passava de paranóia, que eu me viraria muito bem sem elas.

Pensei em deixar o papel que o meu pai havia me dado contendo o telefone e o endereço da Letícia. Ela havia deixado seus contatos antes de ir embora, na esperança de que eu a procurasse quando quisesse. Não pretendia procurá-la sob hipótese alguma, e nem mesmo o fato de saber que ela estava doente foi capaz de fazer minhas ideias mudarem, mas sabia muito bem que o mundo girava e que eu não devia dar as costas ao meu passado, mesmo ele sendo apavorante. Um dia teria de encará-lo. Como disse a Mel, isso não devia me atingir tanto assim. Ainda nutria a esperança de que realmente deixasse de me atingir, e então aqueles contatos seriam, enfim, úteis.

Levi e Heloísa tiraram o sábado para me ajudar com a mudança definitiva. Mel depressa arranhou um passeio com as amigas como desculpa para continuar sem participar de nada. Meus pais ainda pensaram em não deixá-la ir, mas eu os incentivei a permitir. Aceitava qualquer coisa, menos a minha irmã emburrada me ajudando a ir embora; assim seria impossível

fingir que eu estava feliz. Eles deviam ter percebido que o clima entre a gente tinha voltado a esfriar, mas não fizeram comentário algum sobre isso. Todas as minhas coisas estavam em seus devidos lugares antes mesmo de anoitecer, nem deu para acreditar em como havia sido tão rápido. Quando Levi e Heloísa foram embora e me vi sozinho, a primeira coisa que fiz foi abrir uma garrafa de conhaque e encher um copo. Tomei alguns goles, jogado em meu sofá novo e trajando apenas uma cueca, enquanto observava minuciosamente os móveis da sala nova. Um dia aquele lugar desconhecido seria o meu lar, assim que me acostumassem com ele e parasse de agir como uma criança.

Segui para o meu novo quarto e analisei a tão sonhada estante.

Sorri ao perceber que ainda conseguia me sentir alegre por ela. Tomei mais um generoso gole de conhaque. Retirei da estante um dos livros que precisaria estudar para fazer a prova do concurso e me sentei diante da minha nova escrivaninha. Sabia que o meu tempo seria todo preenchido com os estudos, e somente deste modo pararia de pensar no que não devia ou de me lamentar pelo que eu jamais teria.

Guardei o conhaque para me concentrar na leitura, pois já me encontrava suficientemente relaxado, livre de toda a angústia que a mudança tinha me feito sentir. Coloquei Bon Jovi para tocar em um volume

agradável, o que me deixou ainda mais pronto para esquecer o mundo. Estava bem empolgado, com as ideias fervilhando a mil, quando o meu celular tocou com insistência. Era o número da Mel. Achei estranho a ponto de acreditar que estava imaginando coisas, porém não hesitei antes de atender:

– Mel?

– Oiiii! – ela berrou, de modo que precisei afastar o celular do ouvido. Escutei barulho de música alta e pessoas conversando alegremente. – Liguei para deixar claro o quanto você faz tudo, tuuuudo errado!

Ninguém precisava ser um gênio para ter certeza de que a minha irmã estava completamente bêbada. O desespero surgiu tão depressa que me senti um pouco tonto. Ela não devia ficar se embebedando por minha causa. Era um absurdo.

– Mel, onde você está? – Ergui-me e peguei a chave do meu carro novo, que tinha chegado durante aquela semana conturbada. Eu ainda nem havia tido tempo de curti-lo.

– Sei lá, no banheiro de uma balada qualquer! – Riu sozinha de sua própria confusão. – Mas isso não interessa... P repare-se para ouvir verdades, maninho. Você é um frustrado covarde que só sabe fugir!

– Fale agora onde você está, Mel, não estou brincando. – Tentei ignorar o que ela tinha acabado de dizer, mas meu coração sentiu todo o abalo.

– Não percebe o quanto sua mania de agradar a todo mundo, menos a si mesmo, é irritante? Que tipo de vida é essa que você leva? – Mel continuou gargalhando como uma louca. Se seu objetivo com aquela ligação era me deixar puto de raiva, e igualmente triste, estava conseguindo. – Você vai ser infeliz pelo resto da vida por culpa sua! Eu não tenho nada a ver com isso, Lucas, não tenho nada a ver com suas péssimas escolhas! Quando vai começar a lutar contra esses traumas horríveis?

– É a sua última chance antes que eu ligue para o papai e conte o que andou aprontando! – ameacei com um rosnado.

– O que andei aprontando? – Mel riu ainda mais alto, sem se abalar com o meu tom feroz. – Vamos ver... Andei beijando meu irmão mais velho e,

olha só, quase transei com ele. Sabe o que é mais intrigante? Não me arrepeeeendo! – berrou. – Faria de novo, mesmo sendo enxotada depois. O que será que o papai acharia disso? Juro que tenho essa curiosidade!

Suspirei fundo e decidi mudar de estratégia.

– Com quem você está? David está contigo?

– David? Oh, David... – Minha irmã pareceu confusa por alguns instantes. – Não, ele acha que estou em casa estudando. – Voltou a gargalhar. – Coitado. Eu não devia estar rindo disso, devia? Que crueldade! – Continuou gargalhando.

– Só me diga onde você está... P or favor, Mel, por favor – implorei.

– Não... Não antes de você me ouvir! – Sua voz ganhou uma seriedade esquisita. – Sua decisão de se afastar de mim é a coisa mais nada a ver que você teima em fazer, mesmo sabendo que de nada vai adiantar. Ai... Ai, meu Deus! – Mel se assustou, porém logo em seguida soltou uma risada estranha. – Devo ser a única garota no mundo que liga para o irmão quando está bêbada!

Ouvi um barulho esquisito, como se o celular dela tivesse caído no chão ou algo do tipo. Não consegui mais ouvi-la, embora continuasse escutando o ruído da música alta. Meu desespero se intensificou.

– Mel? Mel?

Minha irmã demorou alguns segundos decisivos antes de exclamar:

– Acho que vomitei! Eca!

– Mel... Eu faço qualquer coisa para que me diga onde você está. Eu juro. Qualquer coisa.

– Uau! Que beleza, hein? Qualquer coisa mesmo?

– Sim... – sussurrei, meio sem saber o que fazer. Mel não podia ficar sozinha e bêbada por aí. Imaginar as possibilidades do que poderia acontecer me deixava louco. – Qualquer coisa.

– O problema, maninho, é que não quero mais nada vindo de você. Eu já te esqueci! – Não soube o que dizer, por isso passamos algum tempo calados. – Não, não, mentiiiiira! Não te esqueci. Devia ter te esquecido, mas não... Droga! – A voz dela ficou ainda mais trôpega, então percebi que ela tinha começado a chorar. – Merda, Lucas... Não consigo te esquecer! Por que você tem que ser tão lindo, tão doce, tão perfeito? Merda! Por que você fez isso comigo? Por que me deixou assim? Não se cansa de me machucar?

– Eu não queria te machucar, Mel. acredite em mim. A última coisa que quero é te ver assim.

– Então por que continua me machucando o tempo todo? Estou cansada! – choramingou. – Por que você não para de pensar tanto, caramba? Eu sei que é errado, é estranho, é maluco, mas eu te amo... Eu te amo tanto, tanto, tanto... – Começou a chorar realmente alto. Não me importei, porque até eu estava sentindo vontade de abrir o maior berreiro. – Eu te amo, seu imbecil.

– Eu também te amo, Mel, mas entenda que...

– Espera aí! – ela gritou, recuperando-se de uma hora para outra. –

Repete! Eu quero ouvir isso de novo. Quero ouvir isso pra sempre... Nunca vou me cansar.

– Vou repetir se me disser onde está. – Minhas mãos já estavam trêmulas devido às emoções perturbadoras que me envolviam.

– Ótimo... Quero que repita olhando nos meus olhos... E que faça amor comigo esta noite.

– Mel! – Devo ter sofrido uma parada cardíaca.

– Você disse qualquer coisa. É o que eu quero. Termine o que você começou na cobertura... Não paro de pensar na sua boca, sabia? Se ainda não enlouqueci pensando nela, estou muito perto disso.

Uma parte masculina demais que habitava em mim se sentiu muito orgulhosa e excitadíssima por causa de seu timbre meio sensual ao pronunciar tais palavras. Entretanto, como sempre falando mais alto, minha razão travou todo o clima erótico, deixando as palavras da Mel se transformar em algo apavorante. Fiquei sem responder porque realmente perdi a capacidade da fala.

– Ainda me lembro das suas mãos em mim... Da sua boca na minha pele... – Mel continuou sem se abalar, ainda utilizando uma voz sensual que eu desconhecia até então. – Quero que você me possua por completa, Lucas... Estou curiosa. Queria saber como é ser sua... Queria conhecer o seu

corpo, tê-lo entre os meus dedos, tê-lo na minha língua...

Juro que eu estava começando a ter uma ereção, por isso resolvi acabar logo com aquela palhaçada. Fechei os olhos com força.

– Onde você está?

– Vai fazer o que quero, se eu disser?

– Vou – respondi já sabendo que estava mentindo. Era uma mentira necessária para protegê-la. Não que eu não quisesse fazer o que ela sugeriu, mas se um dia o controle me abandonasse, certamente não seria quando a minha irmã estivesse bêbada.

– Uau... Não vejo a hora. Venha me buscar depressa. – Mel se enroscou para conseguir dizer o nome do barzinho onde estava, mas finalmente conseguiu e, coincidentemente, eu conhecia o lugar. – Estou te esperando.

Mal desligamos e eu já estava no elevador do prédio. Peguei o carro depressa e saí cantando pneus, angustiado porque o bar era relativamente longe. Quase não suportei a impaciência enquanto esperava os sinais vermelhos ficarem verdes. Pensei em ligar para ela e a manter na linha até que eu chegasse ao bar, mas, para o meu total desespero, seu celular só caía na caixa postal quando eu tentava retornar a ligação.

Vi que o estabelecimento estava lotado assim que cheguei. Uma

banda local fazia um som ao vivo e muita gente circulava para lá e para cá.

Tentei achar a Mel no meio daquela confusão, porém não a encontrei. Tive a

ideia de procurar perto dos banheiros femininos e lá estava ela; abraçada ao próprio corpo, apoiada em uma parede, com a cabeça baixa e os olhos cerrados. Nem sei dizer se senti alívio ou ainda mais desespero ao vê-la tão vulnerável diante de mim.

P raticamente voei em sua direção, tomando-a em meus braços.

Mel se assustou, mas me abraçou com força quando percebeu que era eu quem a abraçava. Suas mãos logo subiram para o meu pescoço, prenderam-se

na gola da minha camisa e forçaram nossos rostos um contra o outro. Não consegui pensar durante o curto segundo que ela levou para conseguir unir nossos lábios. Mel forçou a língua dentro da minha boca e nos beijamos de uma maneira tão perturbada quanto a gente. Seu ataque foi preciso. Senti um gosto forte de álcool e recuei devagar.

– Vamos sair daqui, Mel.

– Minhas amigas já foram embora... Eu não quis ir. – Segurei-lhe o rosto avermelhado com as duas mãos. Seus olhos estavam vidrados, aéreos. – Acho que estou bêbada...

– Sim, você está. – Sorri, mas sem sentir muita graça. – Vamos

logo.

Abracei a minha irmã lateralmente enquanto a guiava entre a multidão. Paguei a comanda individual dela; um preço exorbitante que estava de acordo com seu grau de embriaguez. Mel não havia bebido de tudo um pouco, havia bebido de tudo “um muito”. Precisei carregá-la assim que alcançamos a saída, pois ela de repente se mostrou incapaz de ficar em pé sozinha. Depositei-a no banco carona do meu carro e coloquei o cinto de segurança nela. Voltei para casa me sentindo um pouco mais tranquilo. Mel ia ficar bem, embora tivesse apagado antes da metade do caminho. Eu só precisava arranjar um jeito de explicar aos nossos pais que ela estava bem sem colocá-la em apuros.

Foi impossível acordá-la depois que estacionei na garagem do prédio, portanto a carreguei pelo elevador e dei um jeito de abrir a porta do meu apartamento mesmo com ela ileso em meus braços. Seus sapatos com saltos caíram no meio da minha sala. Depositei-a com lentidão em minha cama nova e voltei para trancar a porta, foi tempo suficiente para que a Mel começasse a tossir e a vomitar.

Voltei ao quarto correndo ao ouvir seus espasmos desesperados. Mel havia se sentado e vomitava um líquido de coloração suspeita. Não me importei com o fato de ela ter sujado os lençóis novos, só

me angustiei porque a minha irmã se sujou praticamente da cabeça aos pés, fazendo-me entender que alguém precisaria tirar suas roupas e ela certamente não conseguiria fazer isso sozinha.

Fiquei a observando, estarecido, durante algum tempo. Mel voltou a se deitar como se nada tivesse acontecido, aninhando-se naquela meleca que já exalava um cheiro horrível. Se eu não estivesse ali, sem dúvida ela dormiria em meio ao vômito. Claro que eu não podia deixar que acontecesse, só não sabia se teria coragem de ir tão longe. Soltei um arquejo desesperado e resolvi acabar logo com aquilo. Peguei-a em meus braços e caminhei até o banheiro. Abri o boxe e a coloquei sentada no chão. Mel capengou para o lado, mas apoiou as costas na parede azulejada. Do nada, abriu os olhos e me encarou.

– Repete, Lucas... – murmurou com uma voz rouca.

– Eu te amo, Mel – murmurei de volta. Ela sorriu debilmente, fechando os olhos. – Você precisa trocar suas roupas, estão sujas. Acha que pode fazer isso?

– Repete mais uma vez.

– Eu te amo... Mas você precisa se trocar.

Minha irmã olhou para si mesma e riu. Depois, começou a tossir e não conseguiu conter uma nova sessão de vômitos. Tentei ajudá-la

como pude, porém não consegui fazer muita coisa. A sujeira só fez ficar ainda pior. Ergui-me e liguei o chuveiro de água morna. Sua roupa se ensopou em instantes, e a Mel voltou a apoiar as costas na parede. Os cabelos longos pareceram ainda maiores depois de molhados.

– Mel... Tire suas roupas. – Chacoalhei-a um pouco, visto que havia voltado a fechar os olhos. Tirei meus sapatos e a minha camisa antes que se ensopassem também. – Vamos, Mel... Acorde.

– Lucas... – falou meu nome bem baixinho, foi quase um miado.

– Oi, meu amor... Estou aqui.

– Minha cabeça está girando. Eu quero dormir. A gente faz amor depois...

Balancei a cabeça para evitar imaginar coisas que não devia, bem como para espantar da minha memória sua sugestão tão maluca.

– Vai dormir assim que se limpar... – Percebendo que a Mel não teria mesmo condições de se despir, respirei fundo e tentei me preparar para vivenciar uma experiência que me assombraria durante muitas noites de sonhos eróticos. – Vou te ajudar. Fique tranquila.

Tentei fazer com que meus gestos soassem os mais naturais possíveis, mas até a Mel, que já tinha voltado a se “apagar”, podia compreender que nada que eu fizesse soaria natural naquele momento.

Retirei o vestidinho preto que ela estava vestindo sem muita dificuldade, expondo sutiã e calcinha também pretos, de renda. Acho que o luto tinha invadido o guarda-roupa da Mel até na ala das peças íntimas. Não deu para evitar: o preto se tornou a minha cor favorita em questão de segundos.

Arquejei de excitação ao observar seu corpo exposto demais diante de mim. Deixei o vestido dobrado em um canto, pensando se deveria ou não tirar o restante. Antes que a minha razão obrigasse a Mel a dormir com roupas molhadas, circulei minhas mãos ao redor de seu corpo e lhe retirei o sutiã com certa pressa. Virei o rosto para não ser tão indelicado.

Minhas mãos escorreram pela sua cintura e seguraram as laterais de sua calcinha. Puxei-as meio sem jeito, erguendo um pouco o corpo da Mel para conseguir tirar a peça completamente. Meu olhar ainda estava fixo em algum

ponto do banheiro, mas minha respiração se tornou ofegante mesmo assim.

– Mel... Vou arrumar a cama... – sussurrei e me levantei com rapidez, antes de ser capaz de olhar a minha irmã vulnerável com olhos pretensiosos. – Limpe-se. Volto já.

Retornei ao quarto com o coração quase saindo pela boca.

Parecia um adolescente na puberdade descobrindo sensações que desde então desconhecia. Tratei de recolher a roupa de cama que havia sido

atingida a fim de colocá-la na máquina de lavar novinha em folha. Peguei os

sapatos da Mel na sala, bem como sua bolsa pequena, que também havia caído no chão em algum ponto do apartamento. Foi então que percebi que o

celular dela estava tocando. Pelo visor, percebi que uma tal de Vanessa ligava para a minha irmã. Decidi atender.

– Mel? Onde você está, hein? – A garota parecia muito eufórica.

– Oi... Aqui é o Lucas, irmão dela. Mel não pode atender agora.

– Ah... Oi. É que ela disse que dormiria aqui em casa hoje, com a gente. Achei estranho Mel não ter vindo junto com as meninas. Aquela poderia ser a minha salvação com relação aos nossos pais.

Ainda não tinha decidido qual mentira contar para convencê-los de que a Mel estava bem e que ficaria comigo naquela noite.

– Ela bebeu demais e me ligou. Fui buscá-la no bar – expliquei enquanto ligava a máquina de lavar e ela começava a trabalhar ruidosamente.

– Caramba, não acredito que a Mel deu esse vacilo! Desculpa aí, Lucas, ela não costuma beber assim.

Suspirei aliviado com aquela informação.

– Vanessa... Você acha que nossos pais sabem que a Mel ia dormir aí?

– Sabem, sim! Quer dizer, acho que sim. Ela disse que ia perguntar a eles se podia, quando a convidei.

– P erfeito. Bom... Não se preocupe. Vou cuidar dela.

– Valeu. Desculpa qualquer coisa.

– Relaxa. Até mais.

– Até. Tchauzinho!

Mexi um pouco mais no celular da minha irmã e percebi que

nem o Levi e nem a Heloísa haviam ligado para ela. Acreditei que, sim, eles

sabiam que a minha irmã não dormiria em casa e confiavam nela o bastante

para não ligar a fim de confirmar se dormiria mesmo com as amigas.

Imaginei

o quanto seria fácil para a minha irmã dormir com outro cara e me senti

revoltado. O machismo arrogante deu as caras novamente.

Depois de muito raciocinar, enquanto arrumava a cama e ouvia

o chuveiro da suíte ainda ligado, percebi que nossos pais apenas estavam

dando a ela a mesma criação que me deram; eles também não enchiam meu

saco quando eu dizia que não ia dormir em casa. Claro que minha irritação

não passou quando tirei essa conclusão, afinal, na grande maioria das

vezes, eu terminava na cama de alguma mulher.

Voltei ao banheiro mesmo sem me sentir preparado. Encontrei a

Mel de pé, com os braços apoiados na parede e a cabeça apoiada nos braços.

Ela estava de costas para mim. A água escorria pelo seu corpo nu de um

jeito que me deixou vidrado. Foi impossível não acompanhar o movimento dos pingos, que atingiam o topo de seu cabelo e escorriam, escorriam, escorriam até as pontas e contornavam as curvas perfeitas do seu traseiro. Meu corpo inteiro se esquentou involuntariamente.

Pisquei os olhos várias vezes, porém uma força invisível me impediu de desviá-los da silhueta da minha irmã. O auge da minha loucura foi alcançada quando uma mão curiosa, que demorei demais para notar que era a minha, alisou seus cabelos. Aproximei-me dela sem saber o que fazer. Acabei me molhando todo. Para a minha maior surpresa, Mel se virou devagar. Estava mais esperta, apesar de ainda muito bêbada. Creio que o vômito e o banho a fizeram um tanto melhor.

– Lucas... – Ela passou os braços ao redor do meu pescoço e me analisou com seu olhar tão escuro quanto brilhante. Achei que ela fosse dizer mais alguma coisa, porém continuou me olhando sem mais nada a declarar. Fixei meus olhos nos dela para não ser mais indelicado do que tinha sido, embora minha vontade de abaixá-los fosse assustadora de tão grande.

– Vamos sair daqui...

Fechei o chuveiro e comecei a espremer seus cabelos. Abri o boxe logo em seguida. Ela não se contrapôs ao que eu falei, mas também não

pareceu nada satisfeita. Envolvi-a em uma toalha grande e a segurei nos meus braços como se fosse um bebê. Ouvi um riso infantil escapar pelos seus lábios, deixando a minha pele levemente arrepiada. Depositei a minha irmã no centro da cama, cuidando para que a toalha não lhe escapasse, mas Mel não fez o mínimo esforço para que isso não acontecesse, o que dificultou muito meu trabalho.

Seus braços não me largaram quando tentei recuar, muito pelo contrário, Mel me puxou forte e se deitou, levando-me consigo. Meu peso foi colocado em cima do seu corpo despido. Tive plena consciência das nossas peles se encostando.

– Mel, me solta... Você está bêbada. Vá descansar, por favor – praticamente implorei.

– Vejo em seus olhos... Você me quer. – Suas mãos foram guiadas pelo meu peitoral exposto, provocando-me, atijando-me, obrigando-me a perder o juízo de uma vez por todas. – Eu sei que quer... – Uma boca nervosa envolveu a minha em um beijo molhado que tentei não corresponder. Juro que tentei.

– Assim, não. – Desviei o meu rosto. Consegui recuar no momento certo, ajoelhando-me na cama diante dela. Quase enlouqueci ao perceber seu olhar faminto observando o meu corpo. Nunca tinha visto o

desejo da minha irmã tão de perto. – Descanse. Amanhã a gente conversa.

– Amanhã a gente faz amor? – Ergueu uma sobrancelha, insinuante.

– Eu realmente espero que amanhã você se esqueça do que me falou hoje. – Mel nada respondeu, só soltou um bocejo longo como se nada estivesse acontecendo. Seus olhos foram se fechando mecanicamente, provando que o raio de lucidez que lhe atingiu era coisa passageira. Sorri, balancei a cabeça e me inclinei para lhe beijar a testa. – Durma bem...

Cobri a Mel com um edredom e só depois puxei a toalha para guardá-la, já que estava bem molhada. Não teria coragem de vestir alguma coisa na Mel, nem mesmo de dormir naquele quarto sabendo que a mulher dos meus sonhos – e pesadelos – estava nua por perto, por isso minha primeira noite no meu apartamento foi apreciada no silêncio da minha sala e

no barulho dos meus pensamentos. As palavras que a Mel me disse ao telefone não paravam de me angustiar.

Enquanto admirava o teto, imaginava que, depois de tantos esforços, de tanta luta, de tanta dor... Havíamos voltado à estaca zero. A verdade era que eu queria a minha irmã, como sempre quis e sempre vou querer, não importa o que aconteça. Minha irmã também me queria, e agora tinha idade para saber no que estava se metendo, bem como para

compreender a minha covardia. Mel esperava que eu lutasse por nós.

Mesmo que eu a tivesse magoado tanto, mesmo depois de sua tentativa de ser de outra pessoa, ela ainda esperava por mim, ainda desejava ser minha.

Até quando suportaríamos tanto desejo? Nosso amor era mesmo tão inevitável assim?

Capítulo 18

Sinceramente, sequer me lembro de ter dormido. Devo ter dado alguns cochilos que não me ajudaram a descansar e, mesmo me sentindo exausto, não suportava mais ficar revirando no sofá. Eu não parava de pensar sobre a Mel nua na minha cama. Antes das seis da manhã, resolvi me

levantar de vez e conferir como ela estava. Mel ainda dormia como uma princesa, coberta dos pés ao pescoço pelo edredom. Eu sabia que, quando acordasse, ela estaria com uma baita dor de cabeça, por isso resolvi separar um comprimido para aliviar a dor e melhorar a ressaca, deixando-o em cima do criado-mudo junto com um copo de água.

Lavei o vestido dela, bem como as roupas íntimas, tentando não achar a situação esquisita demais. Deixei as peças estendidas no varal, localizado na área de serviço, e fui preparar o café da manhã. Ouvi o celular da Mel tocando de novo e congelei. Se fossem os meus pais ligando, eu teria de atender para não deixá-los preocupados, mas não fazia a mínima

ideia do que dizer a eles. Verifiquei no visor e senti uma ponta de ciúme ao ler o nome do David. Achei por bem atender, embora eu tivesse certeza de que me arrependeria depois.

– Melzinha? – Sua voz apaixonada me deu vontade de vomitar.

– Oi, David, aqui é o Lucas. Mel está dormindo...

– Ah. Oi, cara, beleza? – Ele pareceu meio desconcertado. Pendi os lábios para conter um pouco mais do ciúme que invadia o meu peito em doses mortais.

– Beleza. Vou dizer a ela que você ligou.

– Tudo bem... – Ficamos em silêncio por uns instantes. Não sei por que não desliguei na hora. Devia ter feito isso. – Ei, Lucas... Então... Aproveitando que você atendeu, queria falar uma parada contigo.

– Manda ver. – Tentei soar natural, mas fiquei instantaneamente nervoso. Não sabia o que esperar daquela conversa.

– Bom... É que, tipo, não sei se você sabe, mas a Mel e eu namoramos há algum tempo.

– Sei.

– Vai parecer estranho te dizer isso, mas eu preciso da sua ajuda. Mel morre de medo de conhecer a minha mãe, entende? Só que a coroa insiste em conhecê-la. Ia convidá-la para um jantar hoje aqui em casa... Será que você

podia vir também?

– Eu? Por quê? – Fiz uma careta. Não me via em um jantar com a Mel, o namorado e a mãe do sujeito. Nada passaria pela minha garganta e, se passasse, eu colocaria para fora logo em seguida.

– Ela se sente muito insegura... Tem vergonha de conhecer a minha família. – Acabei sentindo pena do David. Ele parecia ser um cara legal, mas era bobinho demais. Como não tinha percebido o desinteresse da Mel durante tanto tempo? – Talvez sua presença a faça relaxar, sei lá. Além de que minha mãe também quer conhecer a família dela... Podemos começar por você.

Cocei o topo da minha cabeça a fim de raciocinar com mais exatidão. David não passava de um coitado, um iludido que talvez merecesse a verdade, mas não seria eu que a soltaria. Não tenho nada a ver com o relacionamento dele com a minha irmã e, definitivamente, eu não queria ir à porcaria de jantar algum.

– Vou falar com a Mel... – murmurei mecanicamente. Devo ter problemas sérios, do tipo um distúrbio masoquista, se é que isso existe. – Se ela topa, tudo bem.

– Obrigado, cara. Eu ligo mais tarde para saber a resposta.

– Certo... Combinado.

– Falou!

Joguei-me no sofá assim que desliguei. Suspirei fundo e senti vontade real de chorar. Pressionei minhas mãos nos olhos. Eu estava cansado de viver, essa era a verdade. Queria acordar em algum momento e descobrir que os últimos anos não passaram de um grande pesadelo.

Sabendo que pensar demais não me levaria a nada, voltei para a cozinha querendo terminar de preparar o café da manhã, porém ouvi um grito horrorizado partindo do meu quarto. Corri na maior velocidade, assustado porque a Mel continuava a gritar sem pausas. Abri a porta do quarto e vi a minha irmã acuada em um canto da cama, agarrada ao edredom e

com o olhar agitado atravessando o ambiente. Nossos olhares se cruzaram e ela parou de gritar. Havia lágrimas em seus olhos.

– Lucas! O que faz aqui? Onde eu estou? – Ela estava realmente desesperada. Certeza de que não se lembrava de nada da noite anterior. – Por que eu estou nua? – Arregalou os olhos e, como se compreendesse tudo, berrou: – Ai, meu Deus!

– Calma... – Espalmei minhas mãos para frente e me aproximei. – Você está no meu apartamento. Eu te trouxe pra cá ontem.

– Nós... Nós... – Mel não ousou completar a frase. Ainda estava

acuada como um animal indefeso.

– Claro que não. Você estava bêbada e vomitou nas suas roupas...

P recisei te colocar debaixo do chuveiro.

– Oh, não! – Agarrou os cabelos longos que haviam secado e, naquele instante, modelavam os antigos cachos selvagens, os mesmos dos quais eu nem sabia que estava morrendo de saudade. – Oh, não!

– Calma... Está tudo bem. Tome esse remédio... – Peguei o comprimido e o copo de água, oferecendo-os e me sentando ao seu lado na cama. – Você deve estar de ressaca.

Mel aceitou a minha oferta. Engoliu o remédio e tomou toda a água.

Enxugou as próprias lágrimas com as mãos, mas não adiantou muito, já que novas lágrimas não paravam de escorrer pelos seus olhos.

– Eu sou uma estúpida! Merda! – rosnou.

– Ei... Ei... – Ergui uma mão para tocá-la, mas ela recuou como se eu fosse um monstro. Deixei minha mão no ar.

– Como vim parar aqui?

– Você estava em um bar e me ligou. Fui te buscar.

– Maldição! – Mel apoiou a cabeça nos joelhos flexionados, totalmente desconcertada. – Desculpa... Estou assustada! Acordei nua em um lugar desconhecido...

– Tudo bem... Não se preocupe, nossos pais acham que você está na casa da Vanessa. Ela ligou – expliquei. Mel me olhou e fez uma careta feia.
–

Seu vestido vai secar daqui a pouco. Ainda está cedo, dá pra você tomar um banho de verdade, comer alguma coisa e relaxar antes de voltar para casa.

Ela nada respondeu, apenas ficou me encarando fixamente. Daria tudo para descobrir no quê estava pensando. Seu olhar, de repente, se tornou inexpressivo, envolto em uma frieza que foi capaz de me deixar congelado diante dela. Mel suspirou logo em seguida e fechou os olhos.

– Estou feliz por ter acordado aqui – ela murmurou, reabrindo os olhos, e sorriu de leve. O gelo dentro de mim derreteu de um segundo para o outro. – Nunca me vi acordando nua na cama de mais ninguém.

– Mel... – Senti meu rosto ferver, devo ter ficado vermelho igual às mocinhas de romances melosos. Ela acompanhou minha reação com bastante atenção, demonstrando uma segurança incrível.

– A verdade te assusta, te envergonha ou te choca?

– Talvez os três. – Ergui os ombros.

– Mas você não pode fugir dela para sempre.

– Não. É por isso que vamos conversar assim que você estiver em condições.

– Ganhei direito a uma conversa justa, sem rodeios, sem ser tratada

como uma criança ou como um ser desprovido de inteligência?

– Será uma conversa franca... – avisei, levantando-me da cama e

caminhando até um armário. Tirei de lá a camiseta mais larga que eu tinha e a

ofereci a Mel, que a vestiu e finalmente se livrou do calor do edredom. A vestimenta ficou na altura de suas coxas, meio curta, mas cobrindo o que não devia mostrar.

Ela saiu da cama com ar emburrado e andou até o banheiro sem mais nada comentar. Esperei pacientemente pelo seu retorno. Mel voltou exalando cheiro de sabonete, com os cabelos presos por eles mesmos e um rosto meio pálido, acho que devido à ressaca. Fiquei louco ao vê-la usando apenas a minha camiseta. Mais sexy do que isso impossível. Ela se sentou na cama diante de mim, cobriu as pernas com o edredom e as cruzou.

– Vamos lá. – Expirou o ar de seus pulmões. – Quero me desculpar pela noite anterior. Não me lembro de tudo, mas sei que andei falando umas merdas.

Sorri de um jeito triste e, com calma, segurei suas duas mãos. Mel não se opôs. Levei-as à minha boca em um gesto cavalheiresco. Ela se surpreendeu com a minha atitude nitidamente carinhosa. Eu queria sua total atenção para o que eu estava prestes a lhe dizer. Aquele era o momento de ser totalmente sincero, não dava mais para adiar aquela conversa

perturbadora. Mel merecia muitas explicações. Eu nunca havia lhe dado nenhuma, por medo, por covardia, por mil motivos distintos.

Respirei fundo como se tivesse prestes a mergulhar.

– Eu não soube o que fazer quando percebi que estava completamente apaixonado por você – falei baixo, com a voz comedida demais. Mel abriu um sorriso amplo, de orelha a orelha. – E por este motivo cometi muitos erros. A coisa toda virou uma bola de neve horrível! Aquela viagem foi uma fuga, sim. Era a minha única saída. Mel, tente me entender...

Sou seu irmão mais velho. Sempre te protegi, te aconselhei... Estive contigo em todos os momentos e... aconteceu. Eu me vi obrigado a te proteger de mim mesmo. Nada disso devia ter acontecido, você sabe muito bem. Percebi

que era o meu dever me afastar antes de cometer alguma loucura capaz de te

prejudicar.

Não larguei suas mãos por nada, mesmo sentindo que ela queria recuar por causa do que eu falei. Sei que era duro demais ouvir aquilo na lata – principalmente porque ela tinha sofrido demais nos últimos tempos, tudo por minha culpa –, mas era a verdade e a gente precisava começar a encará-la com a cabeça erguida.

Mel parou de sorrir e seu olhar se tornou tão triste quanto o meu.

– Foi tudo tão louco e repentino! – prossegui com calma forçada. – Eu não soube como agir, fiquei apavorado. Minha inexperiência no assunto me prejudicou bastante. Passei por tantas fases! Tentei negar, tentei esquecer, tentei fugir... Eu tentei de tudo, Mel, mas nunca consegui amar uma mulher em toda a minha vida como amo você. – Ela voltou a sorrir, e desta vez seu sorriso veio acompanhado por lágrimas. – Nada mudou. Você está certa, todos os meus esforços foram em vão. Só me restou a culpa por ter te machucado tanto, quando o que eu só queria era te deixar ilesa. Emocionada, ela tentou avançar na minha direção, mas a impedi, mantendo-a onde estava. Nossa conversa não tinha acabado. Mesmo assim, eu ainda não sabia se era para acabar daquele jeito, com a Mel avançando e nós nos amando na minha cama nova.

– Acabe com esse sofrimento, Lucas. Só acabe com isso – murmurou em desespero, implorando pelo que eu também gostaria de implorar. – Só me beije... me abrace forte...

– Eu queria poder te abraçar agora. Queria te beijar de novo, e de novo, e de novo... – confessei com seriedade. Mel chorou e sorriu mais

diante do meu desabafo. – Se eu fui tudo para você, saiba que você sempre foi tudo pra mim, Mel. Você significa o meu mundo, e não estou exagerando.

– Apertei suas mãos com mais força. Foi difícil ser tão aberto enquanto encarava o brilho de seus olhos. – Nunca mais vou negar o quanto te amo, o quanto te desejo. Eu queria poder beijar o seu corpo, queria fazer amor contigo como você sugeriu na noite passada...

Seu sorriso foi embora de novo, e ela me olhou com uma expressão estupefata.

– Ai... Não! Sério que eu fiz isso? – berrou de um jeito envergonhado e meio divertido. – Você deve estar me achando uma atirada!

– Não estou. Você apenas foi mais sincera do que eu, que nunca tive coragem de falar nada disso em voz alta, principalmente para você. Eu te admiro muito, Mel. Admiro sua força, sua coragem... Você se tornou uma mulher linda, incrível, antenada... Uma mulher encantadora. Não tenho como medir o orgulho que sinto por você.

Do nada, seu sorriso foi morrendo. Não consegui entender por que, afinal, eu a elogiava com despudor e confessava cada fibra dos meus sentimentos.

– Você vai colocar um “mas” na sua narrativa – disse com tristeza, puxando as mãos e nos separando com um gesto brusco. – Sempre há um

“ mas” quando o assunto é você. Vejo nos seus olhos o quanto te dói me dizer coisas tão lindas... Não devia ser assim. Você devia estar sorrindo e a gente devia se beijar no fim.

Insisti e puxei suas mãos de volta. Não podia deixar aquele diálogo terminar com a Mel magoada comigo de novo. Precisávamos de maturidade,

de paciência, de compreensão. Chega de desentendimentos.

Inclinei meu corpo para observá-la de mais perto, grudando nossos olhares como ímãs que se atraíam sem ter qualquer escolha.

– Não estamos falando de mim, estamos falando de nós. Infelizmente, há um “ mas”, contudo não fui eu que o coloquei entre a gente. Foi a vida, Mel. Alguém quis que o meu grande amor fosse a minha irmã. E isso não é fácil.

– Devo ser uma estúpida por ainda achar que o amor vence qualquer barreira. O que sentimos um pelo outro devia ser o bastante para te convencer a lutar por nós. Mas... Nunca foi o bastante. Ou talvez eu sinta mais amor, afinal.

Encarei-a meio sem acreditar no que falou. Mel podia duvidar de todas as coisas do mundo, menos no amor que eu sinto por ela. Chegava a ser absurdo que duvidasse do único sentimento dentro de mim que nunca havia sofrido qualquer transformação ao longo dos anos.

– Meu Deus... Se fiz tudo isso, foi por te amar demais. – Entrelacei nossos dedos com força, tentando passar confiança. Meu olhar ainda estava bem fixo no dela. – Se eu não te amasse tanto, não ligaria para as consequências, não pensaria em como tudo poderia te prejudicar. Não significa que eu te ame menos, Mel, eu queria lutar por nós, queria muito. Ela deu de ombros e balançou a cabeça como se tentasse me compreender, mas não conseguiu.

– P resta atenção, Mel. Acha que o Levi e a Heloísa merecem se decepcionar conosco?

– Eu sabia que o assunto chegaria neles.

– São os nossos pais.

– Eles querem a nossa felicidade. Ou estou enganada?

– Claro que querem, mas pense um pouco mais. Vai ser um choque para eles, para a família...

– É a nossa felicidade em jogo! É a nossa paz, Lucas. Qual é o preço? Eu pagaria qualquer coisa pra te ter comigo. Nada pode ser pior do que ficar sem você. Não entende? Por que é tão difícil para você entender isso? A gente não vale um esforço?

– Não percebe que esse preço é alto demais? Nossos pais, nossa família... – Fui enumerando nos dedos, mas a Mel me interrompeu.

– P or que você não pensa nem um pouquinho em si mesmo?

– P or que você só pensa em si mesma? – rebati.

– P orque eu quero ser feliz contigo! É pedir muito? Eu te amo e você me ama, é loucura simplesmente ignorar! Eu não consigo, não sou hipócrita, não sou uma fingida!

– Mel... P ense bem... Esqueça a família. Digamos que todo mundo aceite o nosso amor. Agora, raciocine sobre o futuro, por favor. Só consigo pensar sobre a gente em longo prazo. – Mordi os lábios e inspirei fundo.

As verdades que eu ia dizer haviam me martirizado por anos, era a hora de externá-las e, quem sabe, finalmente saber lidar com elas. – Eu sou dez anos

mais velho que você. Já curti muito a vida, já tive várias namoradas, passei por inúmeras experiências... Sei muito bem o que quero.

– Você supõe que eu não sei o que quero, que não tenho idade para realizar escolhas e tomar decisões importantes. – Ela olhou para baixo, parecendo triste e um pouco chateada também.

– Não é justo que você abra mão de passar pelas fases da sua juventude por minha causa – argumentei. Já tive dezoito anos e, com sinceridade, naquela época eu não tinha a menor ideia nem do que eu estava fazendo no mundo.

– Não é justo que eu passe pelas fases da minha vida sem a pessoa

que eu sempre amei. Não é.

– Sempre serei o seu irmão. Você nunca vai ficar sem mim, mesmo se não quiser. – Ela deu de ombros, dando-se por vencida, mas algo me dizia que era apenas temporariamente. – Sabe, eu tive tempo demais para pensar em tudo. Dosei todas as possibilidades, Mel, e a única certeza que tenho é que, se fosse para ficar com você, teria de ser para valer. – P ausei só para buscar forças para prosseguir: – Mas esse para valer é impossível. Somos irmãos perante a lei, não podemos nos casar. Nossa união também nunca poderá ser abençoada em uma igreja. Se tivermos filhos, como proceder? Meu Deus, você não pode ser mãe e tia ao mesmo tempo.

– Quem precisa de leis e igrejas?

– Você merece o certo, Mel. Eu mataria qualquer cara que te sujeitasse a uma relação clandestina. Nunca vou poder te dar uma união livre de complicações. Seríamos vistos sempre como errados, duas aberrações, dois loucos sem pudor, sem moral. – Ela balançou a cabeça desesperadamente, creio que finalmente percebendo o quanto nossa situação era difícil. – Eu quero o melhor para você. Estou tentando te explicar, de todas as formas possíveis, que esse melhor não sou eu.

– Foda-se o melhor. Tem jeito pra tudo. Sei muito bem que é você quem eu quero, pois foi quem eu quis desde... que nasci. Não penso em ficar

contigo por uma noite ou por alguns anos, eu te quero para sempre, Lucas.

Entenda isso também.

– P osso entender, mas é muito fácil falar. Nada é tão simples assim.

– Tudo para você necessariamente precisa ser complicado.

– Não sou eu que complico. Os problemas existem, são reais, são fatos. Não se iluda, a vida não é fácil. Eu arriscaria se tudo isso fosse sobre mim, mas você está envolvida e não posso arriscar sua felicidade, nem mesmo a integridade da nossa família.

– Não percebe que já está arriscando tudo? Já estamos envolvidos!

Encaramo-nos durante um tempo incalculável. Não estávamos conseguindo nos entender. Mel tinha uma opinião formada sobre a nossa situação e eu também. Sabia que ela não estava de todo errada, só agia com inconsequência demais. Sempre fui um cara muito prudente, portanto não me via agindo no impulso e deixando o mundo se explodir ao meu redor.

– Ninguém pode garantir que daremos certo – tentei falar com mais calma. – Nenhum relacionamento é previsível. Se a gente se magoar... No fim, terei perdido um amor e uma irmã. Eu não posso te perder, Mel.

Ela manteve o olhar para baixo, encarando nossas mãos que começavam a suar por causa do contato e dos nervos aflorados.

– Você é tão jovem – murmurei. – Tem tantas coisas para viver.

Ainda dá tempo de ser feliz com outra pessoa. Eu só queria que você tentasse. Aposto como nunca tentou de verdade.

Ela balançou a cabeça em negativa.

– Não tentei mesmo. Não fiz nenhum esforço. No fundo, nunca me esforcei para te esquecer, só para tentar cobrir sua ausência. É diferente.

– Apenas tente. Dê uma chance a si mesma.

– Você tem mania de tomar decisões por mim. É a minha vida, Lucas.

– Mel... Olhe para mim. – Ela me obedeceu. – Você me ama?

– Amo – choramingou. Meu coração se espremeu até ficar do tamanho de um amendoim. Não parava de achar impressionante o fato de ela

corresponder ao sentimento que tentei esconder durante tanto tempo. –

Com todas as minhas forças.

– Então, faça isso por mim. Eu vou ficar bem.

Mel desabou de vez, inclinando-se para frente até sua testa se encostar às nossas mãos ainda entrelaçadas. Seus ombros chacoalharam intensamente devido aos soluços. Não conseguia vê-la daquele jeito, sua dor era a minha dor. A vontade de jogar tudo para o alto nunca foi tão intensa. Meu cérebro tentou contradizer toda a razão que reuni só para justificar a minha desistência.

Aos poucos, minha irmã foi silenciando.

– David gosta muito de você – comentei, tentando não morrer de ódio de mim mesmo por estar me machucando livremente. Cada palavra que

eu falava, e que era contrária ao que eu realmente sentia, doía como uma faca

profunda no meu peito. – A propósito, ele ligou. Convidou a gente para um jantar na casa dele.

Mel se ergueu e me encarou.

– A gente?

– Ele só quer pular uma etapa, Mel. Dê uma chance ao cara. Você precisa tentar. Assuma esse namoro de uma vez.

Minha irmã abriu a boca, incrédula.

– Você é inacreditável – sussurrou pausadamente. – Como consegue?

– Eu não sei. – E não sabia mesmo.

Mel afastou nossas mãos. Achei que ela fosse ficar indignada, mas exprimiu apenas a mais pura tristeza. Acho que se convenceu de que eu havia apenas falado verdades. Ela nunca saberá o que realmente quer se não se permitir vivenciar outras experiências. Nossa relação não podia ser decidida em um ato impensado justificado pela paixão avassaladora, precisava ser uma decisão firme, correta, segura. O problema era que jamais

haveria firmeza em se tratando da gente, e por isso sempre haveria o medo, a

insegurança, a incerteza. Como viver um amor tão imprevisível? Como arriscar tantas coisas em nome de um sentimento? Era loucura.

– Eu vou tentar, mas será a primeira e a última vez. – Vi a coragem brotando de seus olhos brilhantes. Sorri, mesmo que por dentro estivesse berrando por socorro. Mel era mesmo impressionante. – Se eu não conseguir, e se no fim das contas você nunca me quiser, juro que entro em um convento. Não estou brincando, Lucas.

– Só tente.

Ela aquiesceu.

– P osso te pedir uma coisa?

– Qualquer coisa.

Minha irmã pensou um pouco antes de dizer:

– Queria um momento sem medo, sem confusão, sem complicações contigo. P or favor... P ode ser a última vez. Não me faça prosseguir sem isso... Sem um pouco de você.

– Mel...

– Não estou pedindo para a gente transar. Só quero te sentir. P ela última vez. P or um instante maior do que dois pequenos minutos. A gente merece mais do que já tivemos até agora, não acha?

– Vamos nos magoar mais.

– Lucas... Você me ama? – Seu olhar doce me abalou consideravelmente.

– Amo. Com todas as minhas forças.

Um sorriso límpido desenhou seus lábios.

– Faça isso por mim – sussurrou, vacilante. Suas mãos procuraram o meu rosto.

Segurei os seus pulsos, preendi os lábios e tentei dizer a mim mesmo que era loucura me entregar a mais um momento só para depois ter mais uma lembrança para esquecer. Contudo, nenhum pensamento racional conseguiu ser captado pela minha mente. No mundo inteiro só existia aquela garota com olhos brilhantes e uma boca pequena bem desenhada, pronta para receber o beijo doce que tanto ansiava. Fui seduzido pelo seu cheiro, pela sua pele – que eu sabia que era macia –, pelo desejo que emanava de seu corpo e me atingia a alma.

Simplesmente não consegui me conter. Não sabia se a Mel tinha razão, não fazia ideia se merecíamos mais do que já tivemos – só havia a certeza de que aquele instante mais atrapalharia do que ajudaria –, mesmo assim dei adeus a tudo o que pudesse me impedir de seguir adiante. Puxei-a

pela cintura mais depressa do que planejei, obrigando-a a se sentar ao meu redor. Abracei-a com força e uni nossas bocas de maneira emergente, provando do sabor de seus lábios por mais uma vez. Era um gosto delicioso, excitante, convidativo, inesquecível, marcante, que aflorava cada um dos meus instintos e me fazia um homem movido a puro desejo. Inspirei fundo o cheiro dela, que se mesclava ao cheiro do sabonete. Soltei um gemido entre os seus lábios, um ruído baixo que deixava claro o quanto eu a desejava. Segurei seus cabelos cheios com as duas mãos, fazendo-os se soltar e jorrar em cachos maravilhosos pelas suas costas. Era daquele jeito que eu os queria: naturais, livres, prontos para serem apreciados.

Forcei nossos rostos um contra o outro. Minha língua encontrou a dela em uma dança acelerada, porém harmoniosa. Só o encontro das nossas línguas foi capaz de me provocar um espasmo intenso, que atravessou o meu corpo e se perdeu entre as minhas pernas. Mel arranhou suas unhas ao longo das minhas costas e senti cada pelo do meu corpo eriçar. Ela fez uma curta pausa na minha nuca para logo em seguida assanhar os meus cabelos. Seus gestos também eram urgentes, tomados por uma pressa e uma intensidade de tirar o fôlego.

A camiseta que ela usava subiu bastante por causa de sua posição, e piorou quando segurei suas coxas até preencher totalmente minhas mãos com elas. Apertei sua carne deliciosa com força calculada. Eu sabia que ela estava nua por baixo da vestimenta – essa consciência estava me matando a cada segundo que passava –, por isso ergui minhas mãos, a fim de prender a sua cintura com jeito, e pressionei meu quadril contra ela em um gesto ousado.

Mel estava quente demais entre as pernas, atijando-me de um jeito irreversível. Eu já estava muito excitado, mas se tornou impossível esconder o tamanho do meu desejo e, obviamente, ela percebeu o volume que eu esfregava sem pudor contra sua pele exposta. Tentei não me envergonhar nem me escandalizar com o meu comportamento indelicado.

Mel havia pedido um momento sem medo e era exatamente isso o que teria. Depois de ter confessado a fibra do meu amor por ela, chegou a hora de admitir cada fio de intensidade do meu desejo.

Senti suas mãos percorrendo os meus braços e descendo pelo meu peitoral. Fiquei impressionado porque a Mel não parecia hesitar ou temer aquele momento. Começou a rebolar em cima de mim com naturalidade, sem

desencostar nossos lábios. Outro espasmo fez meu abdômen se contrair. Ela estava oficialmente me deixando doido, despudorado, pronto para

ultrapassar as barreiras da razão e me render de vez aos prazeres da carne. Seus dedos foram guiados até minha barriga e me apertaram em diversos pontos distintos, até que pararam na minha bermuda. Tentei ficar chocado, mas a verdade é que me regoziquei com a sua atitude decidida. Achei que ela não seria capaz, mas apertou minha ereção entre os dedos, fazendo-me soltar outro gemido involuntário. Ela gemeu junto como se sentisse as mesmas doses de prazer que eu senti ao ter suas mãos em um ponto tão erógeno do meu corpo.

Segurei suas mãos sem alardes e, devagar, fiz com que se afastasse daquela região. Creio que um pouco de razão me fez perceber que iríamos muito longe se ela continuasse a me tocar ali. Girei nossos corpos em algum momento desconhecido, depositando-a sobre a cama com cautela. Os lençóis se enroscaram ao nosso redor. Meu corpo foi prostrado sobre o seu. Apoiei meus joelhos e meus cotovelos no colchão para que ela não se sentisse desconfortável com o meu peso. Parei para observá-la. Pensei em falar alguma coisa, mas nada conseguiu sair. Ela permaneceu calada, com os olhos vidrados nos meus. Nada precisou ser dito, afinal.

Em um gesto delicioso de tão lento, ela abraçou a minha cintura com as pernas, expondo-se totalmente para mim como uma flor que desabrocha. Voltei a unir nossas bocas com ainda mais desejo. Parei as

laterais de seu rosto com as duas mãos e fiz um movimento que simulava uma penetração. Mel soltou um gemido alto entre os meus lábios. Um ruído perfeito que acabou comigo. Mesmo com a minha bermuda nos separando, a

sensação que tive foi a de ter nossas peles encostadas uma à outra, visto que senti seu calor e um pouco dos contornos.

Minha vontade real foi a de me livrar da bermuda e de realmente penetrá-la, senti-la totalmente em mim, estar dentro dela e só sair de lá quando aquele desejo decidisse largar nossos corpos. Enquanto a beijava fervorosamente, cogitei mais de mil vezes a ideia de me erguer para afastar a única peça que impedia que eu a possuísse ali mesmo. O que me freou foi saber que a Mel era virgem e que muito provavelmente se assustaria com a invasão. Não queria que sentisse dor em um momento que só era para gerar prazer. Eu não podia lhe proporcionar uma primeira vez rápida. Se bem que, pensando melhor, eu realmente não devia lhe proporcionar primeira vez alguma.

Retrocedi uma vez apenas para empurrar o meu corpo de encontro ao dela novamente, desta vez com força por causa da frustração de saber que eu

jamais seria capaz de desvirginá-la. Mel voltou a gemer, deixando-me

louco, fora de mim. Minha raiva se intensificou e repeti o gesto brutalmente.

Ela gemeu mais alto ainda e, mais uma vez, voltei a cogitar fazer amor com ela, indo de encontro aos meus próprios princípios.

Eu sabia que seria um erro. Desvirginar a minha própria irmã seria o fim da picada, mas, naquele instante, enquanto a Mel se contorcia e gemia, confesso que perdi qualquer estribeira. Achei a barra da camiseta que vestia e simplesmente a puxei, quase a rasgando fora. A facilidade com que a Mel se entregava às minhas investidas era alucinante. Não dava para acreditar que estivesse mesmo disposta a qualquer coisa comigo. Será que ela pensava em recuar o tempo todo, como eu? Ou já estava decidida e só esperava para ver até onde eu chegaria?

Fiquei de joelhos no colchão só para observar o seu corpo completamente nu, disposto diante de mim. P assei a língua pelos meus lábios e segurei minha ereção por cima da bermuda, ainda me decidindo sobre o que fazer. Uma batalha interna foi travada dentro de mim. Mel analisava meus movimentos atentamente, com a boca semi-aberta e uma respiração ofegante que só me fazia ainda mais sem juízo.

P arei meu olhar em seus seios expostos por alguns segundos.

Eram pequenos e bem desenhados, tão perfeitos que me senti fraquejar.

Independentemente do que eu iria fazer com ela, o princípio de tudo deveria

ser neles. Era o meu ponto de partida. O resto seria pensado durante o processo. Mel aguardou meus próximos gestos com paciência e uma expressão desejosa fantástica. Não parecia sentir medo, não havia hesitado até então, não tremia de nervosismo como eu esperaria de uma garota virgem. Estava segura, talvez mais do que eu mesmo.

Voltei a depositar meu corpo sobre o dela e, sem titubear, minha boca encontrou a ponta escurecida de um seio. Ouvi mais um gemido escapando pela sua garganta.

– Lucas... – sussurrou o meu nome com a voz mais sensual que eu já escutei em toda a minha vida, talvez só porque pertencia a ela. Naquele momento, todos os meus sonhos eróticos se realizavam diante de mim. Passei minha língua em cada contorno de seus seios, agitando-os com as mãos, sentindo seu gosto e arrebitando suas pontas. Mel se contorcia, rebolava para sentir minha ereção esfregando-se ao seu corpo, gemia alto e gritava o meu nome de um jeito alucinado. Era difícil demais pensar em outro fim para aquele momento. Ela não estava ajudando a minha

moral a se manter intacta. Transformei-me em um homem selvagem regido pelo instinto de possuir a fêmea.

Desci minha boca pela sua barriga – enquanto minhas mãos permaneceram em seus seios –, distribuindo beijos molhados. Alcancei o

meio de suas pernas e parei só para observá-la entregue a mim. Mel segurou meus cabelos com força, contorcendo-se um pouco só para deixar claro que não queria que eu recuasse. Analisei seu ventre sofrendo espasmos indefinidos, senti alguns músculos do seu corpo tremer de excitação. Mordi meus lábios com força.

Voltei a observar o seu olhar. Ele transmitia a mais pura vontade, a certeza de que me pertenceria naquela louca manhã de domingo. No entanto, percebi também, pela primeira vez desde que começamos a nos beijar, um raio de nervosismo em suas expressões. Finalmente Mel derrubou

sua máscara forte para provar que era apenas uma garota fazendo uma coisa que nunca tinha feito na vida. Sua insegurança me acordou daquele transe louco. Dei adeus ao homem no cio e voltei a ser o irmão preocupado, mas nem ele era capaz de recuar de verdade naquela altura do campeonato.

– Você é linda, Mel... – murmurei com a voz quase falhando, em um timbre que mal reconheci como sendo meu. – É perfeita. Cada pedacinho seu

é divino. Jamais se envergonhe de si mesma. – Ela sorriu um pouco. – Não há o que temer.

– Estou pronta, Lucas... – sussurrou de volta. – Por favor, não pare. É só isso o que temo.

– Confia em mim? – A pergunta soou meio retórica, carregada de surpresa. Achei que fosse mais complicado convencê-la de que jamais deveria se sentir insegura. Como resposta, minha irmã meneou a cabeça positivamente. Sua respiração estava muito ofegante. – Relaxe, meu amor. Um pouco assustado com o rumo dos acontecimentos, pensei em parar e recuar de vez, mas não conseguiria nem se eu quisesse, muito menos sabendo que o meu afastamento era a única coisa que a Mel temia. Sendo assim, minha língua simplesmente a tomou sem hesitação. Afundei os meus lábios nos contornos dos pontos mais sensíveis do seu corpo, enquanto meus braços mantinham suas pernas bem abertas para o meu livre acesso. Mel gemeu como uma louca, chamando o meu nome diversas vezes entre balbucios indefinidos. Sentir o gosto do seu prazer foi uma experiência fantástica. Eu já tinha feito sexo oral muitas vezes na minha vida, mas nenhuma se comparou àquela. Tudo porque eu estava proporcionando o mais puro prazer ao grande amor da minha vida, à pessoa que mexia comigo, que me virava do avesso, que me fazia um bobo, um menino apaixonado, fissurado. Sabia que me lembraria daquilo para sempre e que morreria de saudade de sentir a Mel até o limite. Compreendia que estava ferrado para esquecer aquele instante, que me machucaria demais com as recordações, mas mesmo assim não ousei parar.

Ela gemeu mais alto do que antes, depois de um bom tempo. Eu sabia que a Mel ia demorar um pouco mais que o normal para atingir o clímax, por isso fui muito paciente em explorá-la e atiçá-la. Ela precisou não achar aquilo esquisito, depois se acostumar com a minha invasão para que assim pudesse se permitir o prazer. Esperei cada fase da sua descoberta passar diante de nós, até que seu corpo se contorceu por inteiro e sua coluna arqueou. Acompanhei suas pernas curvilíneas tremerem de leve, aos poucos, para depois tremelicar de verdade e, enfim, deixar seu corpo explodir em um orgasmo que definitivamente não consegui adjetivar.

– Lucas! Lucas! – gritou desesperadamente. Ergui o meu olhar para vê-la explodindo. Seus olhos estavam cerrados em uma careta que sugeria dor, mas eu sabia que era só prazer, e a boca estava em formato de “o”. Saber que eu era o primeiro cara, e até então o único, a lhe provocar um êxtase, bem como a vê-la gozando, encheu o meu peito de honra e orgulho. Esperei seu corpo parar de sofrer com os espasmos para poder me afastar. Passei a língua pelos meus lábios. Nossos olhares se fixaram. Mel abriu o sorriso mais lindo do mundo. Nunca a tinha visto tão mulher quanto naquele momento. Subi um pouco o meu rosto e lhe beijei a barriga. Depois, subi até ser possível voltar a lhe beijar a boca. Mel sugou o seu

próprio gosto na minha língua com muita vontade.

Finalmente, achei que fosse a hora certa de parar. Havíamos ido muito longe, mais do que eu podia imaginar que um dia chegaria com ela.

– Mel... Não posso prosseguir – falei entre seus lábios, olhando-a de muito perto. – Eu quero, mas não posso. É melhor não.

– Tudo bem. Eu... ainda estou meio tonta. Não... sabia que era assim tão... gostoso. – Sorri de sua inocência. Mel estava realmente surpresa com o que tinha acabado de acontecer. – Não, espera. – Segurou meus braços para que eu não me afastasse. – Você deve estar querendo que eu... – Suas mãos desceram na direção da minha bermuda. Não deixei que me atingisse.

– Nem pensar, Mel. Sem chance.

– Por quê? Eu quero te sentir também. Quero te provar.

– Não vou te sujeitar a isso, é sério. Estou muito bem desse jeito. De verdade, acredite em mim. – Não soube dizer se eu havia dito uma mentira.

Eu ainda mantinha uma ereção incômoda que estava doida para explodir, contudo jamais deixaria que a Mel passasse por mais uma experiência esquisita, muito menos para satisfazer unicamente a mim.

Sentei na cama, afastando-me de vez. Ela ficou me olhando com ar apaixonado. Só lamentei não ter sido mais suave, mais carinhoso, mais cauteloso. Mel merecia ser tocada como um diamante frágil, mas o meu

desejo era tão grande que eu só tinha conseguido deixar os meus instintos mais selvagens evidentes.

– Se eu conseguir... O que será de você? – perguntou baixinho.

– Não sei. – Fui sincero. Peguei a camiseta e a entreguei para que voltasse a se vestir. Não estava suportando tê-la nua na minha cama sem poder avançar todos os sinais possíveis e imagináveis. Uma grande parte de mim ainda pensava em continuar até fazê-la minha. – Não se preocupe comigo.

– Eu sei e você sabe que tudo isso vai ser inútil. Vou querer mais.

Vou querer além. Vou sonhar com isso até ter de novo.

Inclinei só para lhe dar um beijo na testa. Por enquanto, só me preocupava em manter a ideia de me afastar intacta.

– Apenas tente, Mel. Neste momento, sabendo exatamente o que está em jogo, tente. Seja inteligente e pense mais em você. Promete?

Ela soltou um longo suspiro impaciente. Revirou os olhos.

– Prometo.

Sua promessa precisava bastar.

Capítulo 19

Não conseguimos sair da cama, embora a Mel tivesse voltado a se vestir com a minha camiseta e os meus hormônios estivessem mais calmos.

Ela estava deitada de costas para mim, permitindo um abraço que prometia durar muito tempo ainda. Eu não estava com pressa, e muito menos ela, para desfazê-lo. Vez ou outra, eu afundava o meu nariz em seus cabelos e inspirava fundo o cheiro que emanava deles. Ela fazia pausas curtas entre um beijo e outro; toda vez que queria um, inclinava-se um pouco para trás e me olhava de um jeito pidão até me fazer ceder.

Eu estava ficando mal acostumado com aquele livre acesso. Seria muito difícil viver sem poder beijá-la ou abraçá-la daquele jeito íntimo. No entanto, percebi que a Mel estava certa: nós precisávamos daquilo antes de seguirmos em frente. Nunca pularíamos uma etapa sem saber como a anterior

de fato nos faria sentir. Eu queria congelar o tempo para nunca ser necessário deixar nossos momentos juntos para trás, porém me agarrava à ideia de que podia ser feliz apenas por saber que um dia nos transformamos em um só.

– Aquela carta que você deixou dentro do meu exemplar de “O Pequeno Príncipe”... Eu a li no avião – murmurei baixo. Estávamos colocando todos os pingos nos is, rememorando cada acontecimento, retirando nossas dúvidas e desabafando.

– Nem me fale nela. – Mel passava seus dedos ao longo dos meus em

uma carícia tão leve quanto uma pluma. – Simplesmente desconsidere. Fui uma idiota, tentei enganar você e a mim mesma.

– Sabe o que mais me machucou? Você pareceu ter nojo da gente. Isso fez com que eu me sentisse imundo por te desejar.

Mel se inclinou para trás.

– Foi uma carta desesperada. Eu não sabia que você me amava, achei que estivesse apenas me evitando por causa daquele beijo. Se eu fingisse que ele não tivesse significado nada, talvez você voltasse e...

– Eu sei, Mel. – Dei-lhe um selinho molhado. – Não se preocupe. Já passou.

– Aquele seu último e-mail...

– Por favor, esqueça aquela porcaria. Foi a coisa mais errada que fiz.

Eu devia ter aberto o jogo, devia ter conversado francamente contigo, mas fiquei apavorado com toda a situação. Eu te magoei tanto e, por te magoar, me magoei ainda mais. Aquele beijo me desestabilizou.

Ficamos calados por algum tempo até que pensei um pouco

mais sobre o momento em que nossos lábios se encostaram pela primeira vez. Acho que ela pensou na mesma coisa, pois suspirou e decidiu confessar:

– Eu queria te beijar há tanto tempo que não sabia mais o que

fazer. Aquele filme foi a desculpa mais furada que já inventei na vida. – Riu de um jeito lindo que me fez rir também.

– É sério? Quer dizer que foi planejado? – Mel fez uma careta maliciosa. – Sua danada, eu quase morri!

– Foi mais ou menos planejado, sei lá. Eu me sentia perdida.

Mesmo assim, não me arrependo... P assaria por tudo de novo, por cada sofrimento, se soubesse que seus lábios continuariam sendo os primeiros que provei. – P iscou um olho e lhe dei mais um selinho, desta vez um mais demorado. Rimos juntos. – No fundo, não achei que você fosse aceitar. Você

me surpreendeu demais me beijando daquele jeito, sabia? Foi uma loucura, sei disso, mas eu estava desesperada.

Afastei algumas mechas de seus cabelos. Comecei a enrolá-los entre os meus dedos. Tinha me esquecido de como era conversar com a Mel francamente. Achei que nunca mais sentiria tanta felicidade. Nossos problemas simplesmente deixaram de existir, só havia duas pessoas que se amavam e se conheciam tanto que conversar sobre qualquer coisa soaria mais do que espontâneo. Ainda éramos os mesmos amigos que confiavam um no outro. Se fosse de mentira, jamais voltaríamos a nos entender tão bem. Mais uma prova de que nossa relação era verdadeira, autêntica, transpassava as barreiras da paixão e se transformava no “ algo mais”. No

amor puro.

– Quando foi que percebeu que gostava de mim de um jeito diferente? – perguntei, curioso.

– Hum... – Mel revirou os olhos para raciocinar com clareza. –

Não sei direito. Acho que sempre te amei, Luquinhas. – Sorri. Fazia tempo que ela não me chamava daquele jeito. Minha Mel estava de volta. – Mas acredito que a certeza veio nos meus quinze anos. Aquela dança...

– Nossa! Quase não pude me conter. Acho que eu teria te beijado ali mesmo se a família inteira não estivesse de olho em nós. Você estava tão linda... – Usei a outra mão para segurar seu rosto e lhe beijei com suavidade. Nossas línguas se enroscaram despretensiosamente, de um jeito preguiçoso que achei fantástico. Quase não conseguimos parar.

– Naquela noite, você me olhou de um jeito tão... Eu nem soube explicar o que significava aquele olhar. Passei noites em claro tentando descobrir o que poderia haver por trás dele. Sempre achei seus olhos lindos. – Ela circulou os dedos ao redor das minhas pálpebras. – Toda vez que me olhava, eu prendia a respiração. Ainda acontece com frequência. – Fez uma pausa. – Acabou de acontecer.

Voltamos a rir.

– Eu nem sei o que acontece comigo quando você me olha. Acho que

eu morro e depois ressuscito. – Ela mordeu o lábio com uma expressão divertida, meio envergonhada e orgulhosa ao mesmo tempo.

– Você não me disse quando foi que descobriu que gostava de mim de um jeito diferente.

– Você tinha quatorze anos. – Ela abriu bem os olhos, admirada com a minha revelação. – Calma, não foi uma coisa rápida e fácil. Eu morria de ciúmes de você e não sabia por que. Eu me neguei tanto! Demorei demais a aceitar. Acho que até hoje não aceito direito. – Mel parou de sorrir.

Ofereceu-me um olhar triste. – Estou sendo sincero, Mel.

– Tudo bem. É que eu já aceitei. – Soltou um suspiro prolongado.

Mel tocou o meu rosto e roçou seus lábios nos meus. – Acha que isso aqui é estranho?

– Seria estranho se não acontecesse... – murmurei. Sua língua escorreu para dentro da minha boca e depois recuou.

– Acha nojento?

– De modo algum! Ficou louca?

– Então você já aceita.

Encarei-a com muita surpresa. Sorrímos ao mesmo tempo. Aquela descoberta me deixou emocionado. Mel tinha me provado algo muito importante de um jeito tão simples!

– É verdade! Não sabia que aceitava, mas eu aceito!

Ela se virou para me olhar de frente. Deixou uma mão repousada no meu rosto e continuou sorrindo. Aos poucos, o sorriso foi morrendo e me deixando nervoso. Queria que ela sorrisse para sempre, só assim eu viveria em paz.

– Você também sofreu muito. Talvez mais do que eu, que me isentei de qualquer responsabilidade e só sofri. – Franziu a testa em uma expressão preocupada. Mel sequer aguardou uma confirmação. Acho que meu olhar cansado disse tudo. – Eu pensei em mim e na minha dor o tempo todo... Enquanto você também sofria.

– Não se preocupe comigo.

– Não. Chega de só pensar em mim. Fui uma idiota injusta. Eu te feri tanto, falei palavras tão duras! Só agora eu te compreendo. Foi tão difícil... É tão difícil.

– Como se eu não tivesse te machucado também. Não se esqueça de que eu já te falei muitas coisas que não devia e fiz coisas que te magoaram.

–

Beijei-lhe a ponta do nariz. – Não há culpado ou inocente, Mel, apenas duas pessoas que não souberam o que fazer. Deixe disso. Vamos esquecer o que passou.

– É uma ferida difícil de cicatrizar. Eu me modifiquei tanto com a sua

ausência. Tornei-me alguém que desconheço. Foi um pesadelo! – Seus olhos se encheram de lágrimas. Beije-os antes que elas caíssem.

– Eu entendo. Viver sem você foi como morrer a cada instante.

– Por que quer continuar vivendo sem mim?

– Não vamos voltar a essa questão, vamos? Eu não vou viver sem você, já falei. Somos irmãos. Esse apartamento está de portas abertas para você. Também prometo que irei te visitar, até porque nossos pais não vão deixar que eu me afaste.

– Eu sei, mas é diferente. E se eu não conseguir seguir em frente e você sim? – Os olhos dela voltaram a ficar marejados. – Estou com medo.

– O meu amor você sempre vai ter. Só que a gente precisa transformá-lo em um sentimento mais seguro. Vamos fazer isso juntos, está bem?

Ela aquiesceu e fungou, espantando o choro.

– Me beija... – Mel praticamente implorou e, antes que eu a beijasse, fez questão de tomar a iniciativa.

Seu corpo foi projetado sobre o meu. Nossas bocas voltaram a investir uma na outra como se fosse a primeira vez. Era incrível como nossos beijos sempre vinham carregados de urgência, sede, medo de que o mundo se acabasse do nada e a gente nunca mais pudesse se beijar de novo. Mel abriu as pernas ao meu redor, imprensando-me no colchão. Fui

envolvido pelo seu corpo, pelos seus cabelos e pelo seu cheiro de uma só vez. Uma overdose de Mel.

Tentei controlar seu fogo lhe segurando a cintura, mas ela estava disposta a voltar a me atirar; enquanto me beijava, começou a rebolar seu quadril lentamente em um movimento erótico hipnotizante. O homem selvagem que habitava em mim ameaçou reaparecer. Mel desceu seus lábios ao longo do meu pescoço, provocando-me arrepios. Alcançou a minha orelha e a mordeu de leve. Foi o bastante para que eu ficasse aceso de novo. Ela percebeu minha excitação; voltou a rebolar, desta vez com mais rapidez.

Sua nudez por baixo da camiseta me provocava, tirava-me o fôlego. Foi quase sem respirar que acompanhei sua boca descendo pela minha pele, instigando-me a sentir um prazer que já ultrapassava o nível do insuportável. Meu corpo precisava de um êxtase, talvez por isso eu não tivesse conseguido me esquivar ou fazê-la parar. Por mais que fosse louco, e que eu realmente não pudesse deixar que pulasse tantas etapas, vi-me absolutamente entregue ao momento e à boca ligeira dela, que descia com cada vez mais impaciência rumo à minha bermuda. As unhas raspando a

minha pele por onde passavam não ajudaram nada. Foi com desespero que senti suas mãos massageando a minha ereção e seu hálito esquentando um ponto crítico abaixo do meu umbigo.

Eu não sei como aquilo tudo teria terminado se o celular da

Mel, que eu tinha colocado sobre o criado-mudo, não tivesse tocado um segundo antes de ela me despir de vez. Levei um susto tão grande que me sentei depressa, batendo sem querer a minha testa em seu supercílio.

Gememos de dor, mas olhamos juntos e apreensivos na direção do aparelho.

Esquecemos até de rir disso. No visor, o nome “papai celular” se destacava.

– É o papai! E agora? – Mel esbugalhou os olhos. Eu não soube o que responder. Na verdade, só consegui imaginar os olhos do meu pai me encarando de um jeito acusatório. Estar com a Mel daquele jeito era decepcioná-lo em todos os sentidos.

Depois de hesitar um pouco, Mel pegou o celular e simplesmente atendeu.

– Oi, pai! – disse de um jeito forçadamente animado. Deu uma curta pausa. – Estou no apê do Lucas. – Foi a minha vez de arregalar os olhos. O que aquela doida estava tramando? – Cheguei da casa da Vanessa e passei aqui para ver a mudança. – Suspirei de alívio. Houve outra pausa, desta vez

uma maior. – Ah, tá certo! Não se preocupem, estou com a chave. Vou subir daqui a pouquinho! Beijo, pai!

– E então? O que ele queria?

– Ele e a mamãe vão à casa da vovó e queriam saber se eu estava com a chave. P apai ficou feliz em saber que eu estava contigo. – Ela sorriu, mas só consegui me sentir culpado. Levi confiava em mim, colocava sua mão no fogo, e eu só me mostrava cada vez mais indigno de sua confiança.

– Certeza de que vão passar aqui. Quer apostar?

– Fechado! Se eles não vierem, vamos terminar o que começamos. – P iscou um olho e sorriu de um jeito malicioso quase infantil.

– E se vierem?

– A gente espera eles saírem para continuar. – Mel riu sozinha.

– Chega de tentar me seduzir, danadinha. – Afastei-a de um jeito suave para não chateá-la e me levantei da cama. – Melhor vestir suas roupas depressa... Acho que já secaram. Vou conferir!

P eguei o vestido e as roupas íntimas da Mel no varal, percebendo que já estavam secos justamente porque os coloquei em um lugar onde o sol batia diretamente. Voltei ao quarto e ela ainda se encontrava estirada na cama, revirando-se de uma maneira manhosa,

preguiçosa. Soltando um resmungo, levantou-se e pegou as roupas das minhas mãos. Achei que a Mel fosse ir ao banheiro para se trocar, contudo foi com bastante surpresa que a acompanhei se despindo na minha frente de um jeito provocante.

Não consegui desviar meus olhos daquele corpo curvilíneo.

Vi a Mel se inclinando para vestir a calcinha – que a modelava divinamente –, depois ajustando o sutiã em seus seios. Passou as duas pernas dentro do vestido e o subiu, virando-se para trás como que pedindo para que eu a ajudasse a fechar o zíper. Foi o que fiz, porém lentamente, parando para lhe dar beijos molhados nos ombros. Amei ver a pele dela se arrepiando.

– Está com fome? – perguntei no seu ouvido.

– Não sei, estou meio enjoada. Meu estômago está roendo.

– É a ressaca. Vamos comer alguma coisa.

Eu tinha esquecido os ingredientes do desjejum fora da

geladeira. Terminamos de assar algumas fatias de pão, de cortar o queijo e de

preparar suco de laranja batido com gelo, do jeito que eu sabia que ela gostava. Antes mesmo de começarmos a comer, ouvimos a campainha tocando: eram nossos pais, sorridentes por perceberem que seus filhos estavam se dando bem de novo. Não desconfiaram de nada.

A visita não foi demorada, contudo os minutos que passaram

conosco foram sufocantes. Não consegui relaxar nem por um segundo, mesmo que o humor da Heloísa estivesse especialmente divertido naquela manhã de domingo. A verdade é que eu me senti um traidor, um mentiroso sem escrúpulos, uma pessoa sem caráter. Por mais que eu me conhecesse e soubesse que eu não era um imoral, meus princípios foram atingidos por golpes profundos, insuportáveis. A felicidade efêmera que eu havia sentido enquanto estava com a Mel foi embora junto com os meus pais.

O silêncio reinou no meu apartamento quando nos vimos sozinhos de novo, sentados à mesa de vidro e ferro retorcido localizada na varanda. Mel comeu sem nada comentar, embora ficasse me encarando de um modo que considerei incômodo. Esperou que terminássemos de comer para finalmente emitir sua opinião sobre o meu mais recente mau-humor:

– Já está arrependido? Desta vez demorou um pouco mais. – Vi vestígios do sarcasmo da mesma Mel intolerante que eu tinha encontrado no aeroporto quando cheguei ao Brasil. Quase morri de tanta raiva. Não queria que aquela pessoa desdenhosa voltasse a tomar conta da minha menina.

– Não é arrependimento, é... – Suspirei. Eu estava cansado de sentimentos ruins. – Não sei nem dizer o que é.

– Quer que eu vá embora?

– Eu deveria querer, mas não quero. No entanto, é melhor que vá.

Tive medo de ofendê-la com aquelas palavras, mas Mel apenas aquiesceu, demonstrando entender o que tanto me afligia. Acredito que o nosso momento de intimidade tenha modificado muitas coisas entre a gente, uma delas foi a retomada da compreensão mútua que sempre tivemos, mas que fora perdida depois de tantas tempestades.

– Faça o que realmente quer pelo menos uma vez na vida. – A mão dela foi repousada sobre a minha. Segurei-a. – Deixe-me ficar contigo. Só hoje.

Seu olhar manipulador – o mesmo que me oferecia há anos, sempre que queria que eu fizesse algo por ela – me fez pensar na possibilidade. Eu sabia que não daria certo passar o dia inteiro sozinho com a Mel em um ambiente íntimo. Não faria sentido combinarmos de seguir adiante e depois cairmos na ilusão. P recisávamos de mais coerência.

– Só se for em clima de amizade. Nada além.

Ela afastou sua mão e fez uma careta indignada.

– Só hoje! P or favor! – pediu em um tom agressivo. – Nos dê um dia, pelo amor de Deus! P assamos dois anos sofrendo! Será possível que não podemos ser felizes por vinte e quatro horas?

– Tem... o jantar com o David mais tarde – lembrei, piscando os olhos

várias vezes para conter a angústia.

– Eu não vou a esse jantar.

– Mel, lembre-se do que combinamos.

– Não vou faltar com a minha palavra, mas que tipo de vadia pensa que sou? Tenho coração, sabia? Não quero tirar o seu gosto de mim nem tão cedo. Com que cara vou beijar o David, e ainda mais na sua frente?

– Não vai dar certo. – Balancei a cabeça tristemente.

Mel prendeu os lábios e arrastou a cadeira para trás, levantando-se.

– Não vai mesmo – rosnou.

Ela me deixou sozinho na varanda, incapaz de me mover.

Alguns segundos depois, ouvi o ruído da porta batendo com força. Foi então que eu reagi. Corri o mais depressa que pude e a encontrei esperando o elevador enquanto enxugava algumas lágrimas. Simplesmente a puxei para mim, envolvendo nossos corpos e juntando nossos lábios, deixando-os tão esmagados quanto nossos corações.

Não percebemos a porta do elevador se abrindo. Do nada, uma senhora parou diante de nós: era Dona Filomena, a minha vizinha de andar que morava no prédio há anos e, obviamente, nos conhecia. Separamo-nos, meio envergonhados. Ela murmurou um bom-dia, balançou a cabeça em negativa e passou por nós aos resmungos. Só consegui ouvir uma frase

antes de ela abrir a porta de seu apartamento e sumir do nosso campo de visão:

– Essa modernidade vai acabar com o mundo... Onde já se viu?

Encarei a Mel com tristeza. Ela não pareceu triste, só com raiva. Na verdade, seu olhar selvagem deixava claro que ela poderia matar a Dona Filomena fácil, fácil.

– Viu? É isso o que eu não quero para você – falei, apontando para a porta do apartamento da velhota. – É desse jeito que seríamos vistos.

– Você tem preconceito consigo mesmo. – Fiquei sem nada comentar porque meu cérebro buscou refletir sobre a frase que a Mel tinha acabado de dizer. Ela aproveitou o meu silêncio para entrar no elevador.

Bloqueei-o com uma mão, porém continuei calado. – Não somos um problema, Lucas. Pare de tentar nos solucionar.

– Se não vai jantar com o David, então jante comigo. – Mel franziu o cenho, meio sem acreditar na minha proposta. – Encontre-me na garagem, às sete. – Suspirei fundo antes de dizer o que eu achava que jamais

diria na minha vida inteira: – Não diga aos nossos pais, invente outra desculpa. Não quero que fiquem tranquilos achando que você estará bem comigo. Vou me sentir um merda.

– Para onde vamos? – limitou-se a perguntar.

– Para um lugar.

– Um lugar romântico?

Aquiesci.

– Só hoje. A gente merece... – murmurei, encarando-a com sofreguidão. Retirei a mão que bloqueava a porta do elevador. – Eu te amo.

– Eu também... – ela murmurou, e as portas se fecharam.

Capítulo 20

Um perfume adocicado e marcante chegou antes dela. Conhecia aquele cheiro, era o mesmo que me deixava enlouquecido há anos. Eu estava debruçado sobre a lateral do meu carro, por isso me virei rápido demais e me deparei com a cena alucinante da minha irmã se aproximando a

passos firmes, trajando um vestidinho cor-de-rosa – finalmente alguma cor em seu guarda-roupa! –, sandálias com saltos e cabelos armados em cachos maravilhosos, como nos velhos tempos. Engoli em seco. Ela havia caprichado. Para mim. Foi impossível não imaginá-la sem o vestido.

– Perfeita... – murmurei assim que ela se colocou na minha frente e sorriu. Segurei seu rosto com as duas mãos, inclinando-me para encostar nossos lábios de leve. Os meus foram melados com um pouco de gloss cor-de-rosa, senti gosto de tutti frutti. – Parece uma princesa, ou um anjo.

Mel nada falou, mas me ofereceu um olhar envergonhado que achei lindo. Abri a porta do carona para que entrasse no veículo e seguimos em silêncio rumo ao restaurante. Eu estava bastante nervoso, ainda pensando que talvez a minha ideia de jantar com ela tivesse sido um grande erro. O que me preocupava não era o jantar em si, mas o que poderia acontecer depois dele. Prometi a mim mesmo que me controlaria, embora nada pudesse fazer para evitar pensamentos loucos, românticos, desajuizados. Um jantar romântico que se preza tem que ser completo, incluindo a sobremesa.

O restaurante não era o mais chique ou o mais caro da cidade, era apenas uma construção modesta muito bem decorada e articulada com um bom gosto de impressionar. Havia quadros florais e arranjos espalhados por toda parte. A sensação era a de quem entrava em um ambiente onde a primavera jamais tinha fim. A iluminação também era perfeita: uma meialuz

constante que refletia em diversas cores, dependendo do ângulo que você olhasse para determinada coisa. O clima romântico se tornava ainda mais clichê devido às músicas que ressoavam; sempre melodias belas, lentas, que afluavam boas sensações. Eu nunca tinha ido àquele lugar sem ser a trabalho, pois o dono do estabelecimento havia sido meu cliente na antiga

empresa onde eu trabalhava. Poder estar com a Mel ali era como a realização

de um sonho.

Fomos guiados pela recepcionista até uma mesa redonda bem

localizada e nos sentamos. Minha irmã olhava para todos os lados com

bastante admiração. O garçom se aproximou com um cardápio e desejou que

ficássemos à vontade. Eu queria pedir alguma coisa com álcool, mas me

contive. Preciso ficar sóbrio do início ao fim daquela noite, bem como a

Mel – e os meus motivos pareciam ser despretensiosos, mas acho que, no

fundo, não eram. Ela não hesitou em pedir uma água tônica com limão e

gelo, portanto decidi fazer o mesmo pedido.

– Gostou? – perguntei assim que ficamos sozinhos.

– É incrível, Luquinhas! Amei essas flores. A mamãe ia adorar este

lugar. – Olhei ao redor e, de repente, senti-me um pouco triste. Lembrar da

Heloísa não me fez muito bem. Definitivamente, não sabia o que era pior:

decepcionar o meu pai ou a minha mãe. Bom, não importa, já que eu estava

fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. – Estou me sentindo em um jardim

colorido.

– Que bom que gostou.

Mel percebeu minha mudança de humor e segurou a minha mão por sobre a mesa. Inclinou-se para me oferecer seu olhar brilhante que, devido às luzes, brilhava ainda mais.

– Só hoje, está bem? – lembrou-me. – Você prometeu. Sem medo... Sem complicações. Só você e eu curtindo uma noite em que nenhum problema existe.

– O que você falou para eles?

– Que eu ia ao cinema e depois jantar com umas amigas. – Mel sorriu como se mentir lhe trouxesse prazer. – Temos bastante tempo. – Ofereceu-me

um olhar malicioso que me fez prender a respiração.

– E para o David?

O sorriso da Mel foi desfeito no mesmo instante. Parou de me tocar.

– Cancelei o jantar. – Desviou os olhos dos meus e finalmente pareceu se sentir culpada. Não sei por que, mas me fez bem ter certeza de que

ela se importava de algum modo. – Falei que ia estudar um pouco mais.

Temos prova amanhã.

– E você estudou?

– Para ser sincera, não.

– Você vai se dedicar aos estudos em algum momento?

– Sério que me trouxe até aqui para falar sobre estudos?

– P odemos falar sobre qualquer coisa, não? – Ergui os ombros.

– Foi você mesmo quem disse que eu estava seguindo passos que não são meus. É isso aí, só que foi tarde demais.

– Do que está falando?

– Escolhi o Direito para te impressionar. Admito. – Tentei não ter um troço com o que falou. – Queria chamar sua atenção, fazer você ao menos responder um dos tantos e-mails que te enviei. Foi em vão... Você respondeu, sim, mas não do jeito que imaginei. Eu já tinha passado no vestibular e não pude voltar atrás. P apai e mamãe ficaram tão orgulhosos!

– Mel...

– Ninguém sabe disso, mas pretendo trancar o curso em breve. Não vou me dedicar aos estudos, pelo menos não agora.

Fiquei em estado completo de choque. O garçom chegou com as nossas bebidas, mas continuei sem a capacidade de me mexer. Mel parecia tranquila, embora estivesse preocupada comigo. Eu havia errado tanto com ela que mal dava para calcular o tamanho do estrago. Aquela bola de neve só fazia aumentar e eu não tinha ideia de como consertar os danos que lhe causei.

– O que vai fazer depois que trancar o curso? – perguntei, ainda

muito estupefato.

– Eu não sei.

– Antes de trancar, tente descobrir. P or favor.

– Sim. Farei isso. P enso em alguma coisa na área de saúde. Talvez, Nutrição.

– É um bom curso – comentei sem emoção. Ainda não acreditava naquilo.

Mel aquiesceu e suspirou.

– Desculpa. Eu fui uma idiota. – Fez uma careta e passou a alisar meus dedos com carinho. – Nada disso tem a ver com você, só com a minha infantilidade. Não se sinta culpado, Luquinhas.

– Como não me sentir culpado, Mel? Quanto tempo de vida eu te fiz perder?

– Eu sabia que você ia se sentir culpado quando soubesse, mas a única culpada sou eu, poxa! Estou no segundo semestre ainda... Tenho dezoito anos recém-completados, ainda posso mudar de rumo várias vezes até saber qual caminho seguirei.

– Você tem razão. – Massageei as têmporas, tentando me acalmar. –

Ainda é muito jovem e tem total capacidade de fazer qualquer escolha profissional. Vou te apoiar em qualquer uma delas, Mel. – Ela sorriu e eu me

lembrei do meu pai. Havia acabado de dizer uma coisa que ele diria também.

Certamente Levi apoiaria a Mel na mudança de curso. Saber disso me fez relaxar um pouco, mas eu ainda me sentia inconformado.

– Obrigada. De qualquer forma, foi uma boa experiência. Eu nunca teria conhecido o... – Mel prendeu os lábios e não concluiu a frase. Pegou o cardápio e fingiu que não estava dizendo nada. Um ciúme fora do comum fez

os sentimentos dentro de mim se misturarem.

– O David – completei para ela. Mel deu de ombros.

– Não sei o que teria sido de mim se ele não tivesse me distraído. Sou muito grata ao David, isso não vai mudar nunca.

Não fazia nem quinze minutos que havíamos chegado e a nossa conversa já tinha navegado por mares cada vez mais conturbados. Decidi não prolongar o assunto para não me sentir pior. Peguei o cardápio também e me concentrei em pedir alguma coisa gostosa. Sinceramente, não queria mesmo saber como a Mel estava lidando com o fato de estar traindo o namorado comigo. Aquilo só parecia mais um dos erros que cometíamos sem nos dar conta, em nome daquele amor impossível.

– Como está o emprego novo? – ela perguntou depois de alguns minutos. Creio que também resolveu não pensar muito nos assuntos

anteriores.

– Estou gostando. Ganho muito bem para fazer uma coisa que faço de olhos fechados.

– Não parece muito empolgante. Na verdade, você não parece muito feliz nem com o carro novo. Aliás, ele é lindo, parabéns.

– Obrigado – falei simplesmente, ignorando todo o resto.

Chamei o garçom e ele anotou, com muita paciência, os nossos pedidos. Mel não tirou os olhos de mim durante o processo. Parecia traduzir a minha alma quando me olhava daquele jeito intenso. Tentei disfarçar meu desconcerto, mas não consegui e, quando o garçom se foi, passei a encará-la também.

– Tente me dizer a verdade, Luquinhas, como nos velhos tempos.

Está gostando dos novos rumos da sua vida ou não? O emprego, o apartamento, o carro...

– Isso tudo faz parte das minhas conquistas. Como posso não gostar? Trabalhei duro, fazendo o que gosto, para estar numa situação financeira confortável.

– Fico muito orgulhosa de você, mas seu olhar diz outra coisa. Quase não entra em acordo com as suas palavras. Desde que chegou do Canadá, percebo o quanto mudou. Você era sorridente, engraçado... Era um cara

tranquilo. Esses dois anos fora te fizeram parecer muitos anos mais velho.

Eu não sabia do que a Mel estava falando, mas eu não me sentia nada

bem com as suas palavras. Acabamos entrando em outro assunto

tempestivo, e pior, aquele agora dizia respeito unicamente a mim.

– P oxa... obrigado. – Sorri com ironia.

– Não é algo aparente, seu bobo, fisicamente você ainda parece mais

jovem do que realmente é. P or sinal, ainda não acredito como dois anos te

fizeram ainda mais bonito. – Fiquei bastante acanhado e tentei disfarçar

dando um gole na água tônica. – Estou falando do seu olhar. Sempre triste,

vazio... Você quase nunca ri como antes. Sei que sofreu, mas eu também
sofri

muito e não perdi a capacidade de sorrir.

– Eu só cresci, Mel. A vida meio que vai perdendo a graça.

– Não. Tenho medo de que isso não mude... Que você nunca mais

consiga rir como antes, despreocupadamente. Mas, por outro lado, tenho

medo que você consiga rir e que o motivo do seu riso não seja eu. É um

sentimento muito egoísta.

Apoiei minhas costas no encosto da cadeira e soltei um longo

suspiro.

– Vou ser sincero, Mel. Não procuro ser como antes porque sei que

será impossível. A minha vida não tem sido divertida. Tudo perdeu o

sentido desde que me vi apaixonado por você, mas não se culpe. Meus próprios erros fizeram tudo piorar. P assei muito tempo tentando sobreviver a isso e não consegui. Cometi erros tentando acertar... Machuquei você quando na verdade só queria te proteger. No fim, de nada adiantou e eu me vejo da mesma maneira. Depois de tanta dor, de mil noites sem dormir, da angústia, do desespero... Estou aqui contigo em um jantar “romântico”, te obrigando a mentir para quem amamos e a trair o seu namorado. Como vê, não dá pra sorrir.

– Você não me obrigou a nada.

– De que adianta cair na ilusão durante uma noite se eu sei que amanhã você não será minha? Você não pode ser minha, nunca poderá – continuei confessando e, claro, estragando um momento que era para ser bom. – Isso me adoece! Conquistei tudo o que eu queria, mas o que realmente quero não vai ser meu nunca.

– Você pode mudar isso.

– Não, Mel! Não posso! Você nunca vai deixar de ser minha irmã, portanto jamais deixará de ser errado sentir o que sinto por você!

– Vai prosseguir na infelicidade? Você quer me ver bem, mas não percebe que também me preocupo contigo? Acha que vou ser feliz sabendo que você está triste? Não vai acontecer, sinto muito.

– Darei um jeito.

– Você tentou dar um jeito durante esse tempo todo e isso só nos magoou. – Mel pegou um guardanapo a fim de enxugar algumas lágrimas. Eu queria tudo para aquela noite, menos fazê-la chorar.

– Estamos batendo na mesma tecla – murmurei, segurando-lhe a mão e a alisando com delicadeza. – Vou ficar bem, prometo. Vamos ficar bem. Ela afastou a mão que eu alisava e se levantou. Achei que fosse brigar comigo de vez, mas Mel apenas arrastou a cadeira até deixar a dela grudada na minha. Sentou-se bem ao meu lado e foi logo me puxando para si. Sequer tentei não deixar que acontecesse; beijamo-nos fervorosamente durante um tempo incalculável. Mel encostou sua cabeça no meu ombro e lá

ficou, tendo uma mão no meu rosto e a outra segurando a minha com os dedos entrelaçados. Descarreguei todas as energias negativas durante aquele carrossel de línguas e lábios. Continuei desabafando os meus temores, só que agora por meio de beijos.

– Desculpa, Mel – murmurei e juntei nossas testas. – Vamos começar de novo. Prometo não estragar esta noite.

– Tudo bem. Eu tenho planos muito grandes para esta noite. – Ela sorriu daquele jeito malicioso que eu já estava reconhecendo.

– Que planos? – perguntei baixo em seu ouvido, provocando-lhe

arrepios. – Você é tão imprudente. É perigoso me deixar imaginando coisas...

Mel segurou o meu rosto e me ofereceu mais um longo beijo. Não sei quanto tempo aquele demorou. Esquecemos completamente que estávamos em um restaurante ou que havia um mundo inteiro além de nós dois.

Quando o beijo finalmente teve fim, eu estava tonto, excitado e obcecado pela ideia maluca de realmente me deixar levar pelo sentimento e começar a agir com a mesma imprudência da minha irmã.

– Eu quero te fazer sorrir, Luquinhas – ela disse baixinho, acariciando minha barba feita especialmente para a ocasião.

– Ei... Esquece os assuntos difíceis. De novo, não.

– P reciso te dizer uma última coisa difícil. – Ela se afastou um pouco e me olhou nos olhos. – Vou ser bem sincera contigo.

– P or favor. – Acariciei seu queixo.

– Eu sempre vou te amar. P osso nunca mais te beijar de novo... P osso namorar, noivar e casar com outra pessoa... Não vai adiantar. Enquanto eu estiver com outro cara, estarei pensando em você.

Eu ia dizer alguma coisa, talvez que o que ela me falou era a mais completa loucura, contudo desviei os olhos e, adiante, consegui enxergar o David entrando no restaurante acompanhado por uma mulher mais velha. Meu corpo inteiro congelou.

– Falo sério, Luquinhas. Desculpa bater o mesmo martelo... – Mel continuou falando, pois estava de costas para a entrada do restaurante. Afastei os meus braços, que estavam ao redor dela, e aprumei o meu corpo na cadeira.

– Aquele é mesmo o David ou eu fiquei maluco de vez? – perguntei aos murmúrios. Mel pulou na cadeira, olhando para trás.

– Puta que pariu! É ele mesmo!

– Quem é aquela mulher?

– Acho que é a mãe dele! Ai, meu Deus... Ai, meu Deus!

Como a nossa mesa estava situada perto da entrada, foi inevitável que o David nos localizasse. Ele fez uma careta quando viu a Mel, mas logo sorriu amplamente. Cochichou algumas coisas para a mulher e ela apontou o olhar para nós. Caminharam juntos na nossa direção.

– Puta merda, eu não acredito... – ouvi a Mel sussurrar um segundo antes de o David nos alcançar. – Não dá pra acreditar nisso!

– Mel! Lucas! O que fazem por aqui?

David realmente não devia ter feito aquela pergunta. Sobretudo, ele não devia ter apoiado as mãos na cadeira da Mel para lhe arrancar um selinho rápido e barulhento. Meu peito foi esmigalhado pelo ciúme. Devo ter ficado mais vermelho do que um pimentão. Não dava para acreditar que

um cara podia chegar do fim do mundo e beijar a minha menina sem que eu pudesse nada fazer. Segurei as braçadeiras da cadeira para conter a vontade de esmurrá-lo.

– Nós... É... Viemos jantar – Mel respondeu de um jeito gaguejante. –

Lucas me obrigou a interromper os estudos.

– Ah! – David olhou para mim e sorriu. – Valeu, cara. Ela poderia pirar de tanto estudar.

– Aposto que sim. – Abri um meio sorriso bem idiota.

– É ela, David? – A mulher que acompanhava o David perguntou enquanto analisava minha irmã dos pés a cabeça. P ela primeira vez, prestei atenção nela. Era uma mulher bonita e parecia bem jovem, acho que principalmente pelas roupas que usava. Um *insight* ocorreu dentro de mim.

Eu conhecia aquela mulher de algum lugar. – A famosa Mel?

– Sim, mãe. – David soltou um riso divertido. O coitado estava feliz com aquela grande coincidência. No meu caso, uma grande falta de sorte. –

Melzinha, esta é a minha mãe, Sabrina.

– Oi... – Mel se levantou por educação para cumprimentar a Sabrina.

Foi então que eu descobri de onde eu conhecia aquela mulher. Anos atrás, quando eu tinha nove anos, papai levou a mamãe e eu a um clube para comemarmos a adoção – o mesmo clube onde ele nos levou para

almoçarmos no natal em que decidiram atender ao pedido da minha cartinha para o Papai Noel. Naquele dia, ele também pediu a mamãe em casamento. Foi um momento muito especial e emocionante das nossas vidas, exceto por um pequeno incidente: a ex-mulher do Levi apareceu do nada e falou um monte de coisas feias para nós, inclusive para mim.

Eu nunca me esqueci do rosto daquela mulher. Naquela situação, ela estava grávida e parecia uma alucinada enquanto gritava com o papai.

Sempre fui uma criança sincera demais, por isso não nego que falei coisas para ela do tipo “minha mãe é mais bonita que você”. Levou muito tempo para o meu pai me contar o que de fato aconteceu naquele dia. Sabrina havia

o traído e estava grávida de outro homem, mas mesmo assim ela nunca aceitou a separação. P irou quando nos viu no mesmo clube que eles frequentavam quando eram casados.

Nunca mais eu tinha ouvido falar nela. Levi não comentava muita coisa sobre o seu casamento anterior, afinal, não havia o que ser comentado mesmo, já que eles não conseguiram gerar um filho e tudo tinha acabado de um jeito catastrófico. Fiz um cálculo muito simples e cheguei a uma conclusão óbvia: o filho que a Sabrina carregava era o David. Por um triz a Mel não estava namorando um irmão consanguíneo. Qual é o problema da Mel com os irmãos?

Enquanto eu me recordava das maluquices que aconteceram há dezoito anos – e pirava com cada uma das conclusões que eu tirava –, Mel, Sabrina e David encenavam uma conversa tímida. Minha irmã os convidou para se sentarem à mesa depois que viu que não teria como nos livrarmos deles. Eu não sabia qual era o assunto que circulava pela mesa, mas eu estava com tanta raiva – principalmente porque o David havia passado o braço por sobre os ombros da Mel – que os interrompi bruscamente:

– A senhora se lembra do Levi, seu ex-marido? Claro que se lembra – comentei, encarando a mulher fixamente. Ela fez uma expressão confusa, porém nada respondeu. Não lhe dei tempo para falar coisa alguma. – Meu nome é Lucas. Sou filho do Levi e da Heloísa. Mel é a minha irmã.

Três pares de olhos foram arregalados e apontados para mim. Não me importei, mesmo tendo certeza de que eu estava apenas cometendo mais um erro. Tudo bem, só queria ir embora e dar um jeito de fazer aquele sujeitinho desencostar da minha irmã. O olhar possesso da Sabrina fez com que eu me desse conta de que conseguiria atingir meus objetivos muito depressa.

– Como é que é? – a mulher rosnou severamente.

Capítulo 21

– O que significa isso, David? – Sabrina encarou o filho. Ela estava ficando com o rosto cada vez mais vermelho de raiva.

Arrependi-me do que fiz no mesmo instante. Eu não tinha o direito de ter soltado a bomba daquela forma, devia ter me contido e conversado com a Mel depois. A situação era complicada, devia ser levada a sério. Eu havia banalizado tudo como se não importasse a ninguém. Minha irmã ainda estava me olhando, absolutamente estarecida.

– O quê? – um arquejo interrogativo foi emitido pela sua boca.

– Eu não sei do que ele está falando! – David também me olhava com uma expressão tão confusa quanto todos ao redor daquela mesa.

– É verdade? – Sabrina questionou. – Vocês são filhos do

Levi? – De repente, parou e me analisou melhor. – Conheço você. É o moleque insuportável que o Levi adotou.

Mel virou o rosto para a sogra, parecendo insatisfeita com o timbre de voz que ela usou para se referir a mim. Meus nervos congelaram porque eu realmente não imaginava que Sabrina pudesse guardar mágoa a ponto de me destratar depois de tantos anos. No entanto, não fiquei chateado. Eu que tinha provocado todo o constrangimento.

– Lucas... Isso é sério? – Mel tinha a voz trêmula. Estava bastante espantada.

– É verdade – admiti. Ouvi um rosnado e só depois percebi

que tinha vindo da Sabrina. A mulher estava realmente possessa, prestes a

explodir.

– Que tipo de brincadeira é essa, David? Por que fez uma coisa dessas com a sua mãe?

– Eu não sabia que... Não faço ideia do que... – David estava consternado. Olhava para todos da mesa como se buscasse respostas em alguém.

– Você sabe o quanto sofri por causa daquele idiota! Eu errei, sim, mas ele nos abandonou! Como tem coragem de namorar a filha dele com aquela sujeitinha?

Meu sangue ferveu dentro das minhas veias. Foi uma coisa tão instantânea que não deu tempo de raciocinar direito.

– Espera aí! – Equilibrei minhas mãos na mesa e me levantei. – Quem a senhora está chamando de idiota e de sujeitinha?

– Lucas... – Mel segurou minha mão, mas a ignorei. A verdade é que qualquer um podia dizer qualquer coisa sobre mim, desde que jamais envolvesse os meus pais.

Sabrina não se importou com meu comportamento ofensivo e decidiu atacar. Levantou-se também e me ofereceu um olhar frio, quase maníaco. Fiquei surpreso quando apontou um dedo em riste. Meu pai já tinha falado muitas coisas ruins sobre ela, eu não devia me surpreender.

Acusar o Levi de abandono foi o fim da picada, já que ela mesma foi a traidora que engravidou de outro homem.

– Olha aqui, moleque, você não sabe com quem está mexendo –

ela cuspiu as palavras na minha cara. – Volte pro inferno de onde veio e leve

essa maldita com você. – Sabrina olhou de lado para a Mel, que se mostrou ainda mais estarecida. O ódio que aquela mulher emanava me deixou tão chocado quanto a minha irmã. – Vamos embora daqui imediatamente, David!

– Mas, mãe...

– Vamos embora daqui! – Sabrina gritou, chamando de vez a atenção dos clientes do restaurante. Olhei ao redor, sem saber como agir. – É isso que recebo em troca por ter te criado com todo amor? Não acredito que está trepando com essa vadiazinha!

Arregalei os olhos e abri a boca. Ela estava falando da minha

irmã? Juro por Deus que precisei contar até dez para não bater numa mulher.

Meu rosto deve ter ficado todo vermelho e minha cara não estava das melhores, pois a Mel se levantou também e, bastante envergonhada, pediu para que eu ficasse calmo.

– Ela não é uma vadia, mãe! – David foi o último a se levantar.

Sua defesa a favor da Mel me deixou um pouco mais calmo, porém nem tanto.

A raiva mesclou com o ciúme e a indignação. – Não fale assim dela. A senhora sequer a conhece!

– Não preciso conhecer gente dessa laia.

– Com licença, senhores... Está tudo bem aqui? – Um dos garçons se aproximou e perguntou, parecendo meio aflito. Encarou-me, talvez buscando a resposta em quem ele achou mais responsável.

– Estamos de saída. – Sabrina apurou a bolsa azul enorme de aparência cara nos ombros. Deu uma última olhada em mim e na Mel e se retirou com o nariz apontado para o alto.

David soltou um longo e cansado suspiro. Sua dor perante o que tinha acabado de acontecer se tornou bastante óbvia. Virou-se para a minha irmã como alguém que se arrependia até de ter nascido.

– Desculpa... – Sua voz saiu meio rouca. Os ombros caíram. –

Eu juro que não sabia de nada disso, Mel. Eu juro!

– Não foi culpa sua. – Ambos olharam na minha direção e eu nada consegui dizer. A culpa havia sido minha mesmo. Como se me respondesse, Mel prosseguiu: – Não foi de ninguém. Só foi uma... surpresa ruim.

Permanecemos calados por alguns segundos. O garçom

pigarreou e se retirou de fininho, visto que percebeu que ninguém mais parecia disposto a criar confusão no restaurante. Alguns clientes ainda nos observavam.

– E agora? – David segurou a mão da minha irmã, depositando-a sobre o seu peito. – Mel, eu não vou te perder por causa disso. P or favor. Vamos conversar com calma.

– David...

– Falo sério. Ela vai ter que engolir o nosso namoro. Não vou te deixar. P or favor, diga que não vai me deixar. – Abraçou-a com muita força. Ela correspondeu ao abraço prontamente.

Assistir àquele momento estava me dando náuseas. Os olhos do David brilhavam, exalando todo o amor que sentia pela Mel. Não soube o que fazer para não vomitar em cima da mesa, por isso apenas dei meia volta

e me perdi dentro do banheiro masculino, a fim de deixar os pombinhos se acertarem em paz. De cara, esmurrei a porta de um dos guichês. Estava farto

de tanta merda acontecendo na minha vida.

P assei alguns minutos me olhando no espelho, sentindo raiva, nojo e vergonha de ser quem sou. Não soube calcular quanto tempo se passou sem que eu reunisse um pingão sequer de paz de espírito, porém,

quando finalmente deixei o banheiro, minha irmã estava sentada à mesa sozinha. Não havia nem sinal do David.

Sentei-me em silêncio e tomei um gole tímido de água. Mel evitou olhar para mim. Manteve-se silenciosa, amuada, exalando uma tristeza profunda. Não consegui evitar me sentir um pedaço de lixo apodrecido. Desde que eu tinha chegado do Canadá, havia pensado várias vezes em como seria mais simples se eu nunca tivesse voltado. Naquele instante, pensei nisso mais uma vez.

– Você está bem? – resolvi perguntar. Mel abraçou a si mesma e aquiesceu. Seu gesto não deixou ninguém convencido. – Quer voltar pra casa?

Ela então olhou para mim de um jeito cauteloso, quase como se a minha imagem pudesse machucar seus olhos. Pendi a respiração. Eu só queria, do fundo do meu coração, não estar tão apaixonado pela minha irmã mais nova.

– Tomei a liberdade de cancelar nossos pedidos. Você demorou, então já paguei pelas bebidas. Eu quero ir pra casa, Lucas.

Permaneci calado por um tempo, olhando-a com atenção.

– Tudo bem – respondi, por fim.

Seguimos mais calados do que nunca, com medo até de nos

mexermos e de repente colocarmos tudo a perder, se é que havia algo mais a se perder naquela noite. Mel se encolheu no banco do meu carro e aumentou o volume da rádio, que tocava um rock clássico qualquer. Não parei de analisá-la. Sua tristeza estava me incomodando em um nível insuportável.

Tentei não criar caso, procurei todas as formas possíveis de me manter controlado, mas não consegui depois que vi uma lágrima escorrer de seu rosto. Explodi internamente, deixei cacos de mim rolares soltos pelos meus tecidos, mas por fora apenas falei o indizível:

– Você o ama.

Mel bufou e enxugou a tal lágrima “ gota d’ água”.

– Lucas... Não começa.

– É um fato. Você ama o David. Não está claro pra você?

– Você está confundindo tudo.

– Não estou, Mel. Por que não admite? Seria tudo tão mais fácil!

– Mais fácil? – Mel rosnou com impaciência. – Olha a tragédia que acabou de acontecer! Acha que será fácil prosseguir? David está arrasado e eu também. Não sei o que fazer.

– Aquela mulher é maluca. – P assei a marcha e o carro deu uma

guinada antes de prosseguir por uma avenida vazia àquela hora. – Não acredito que ainda está pensando no que fazer. Ficou mais do que evidente que você e o David jamais darão certo com a Sabrina na cola.

Mel se calou e deu de ombros. Abraçou-se mais uma vez.

– Ele ficou arrasado. Não é justo.

– Talvez seja apenas a sua oportunidade de parar de enganá-lo.

– P rendi os lábios. – Ou de me enganar...

– Quem disse que eu estou te enganando? Ficou maluco?

– P or que você está tão triste por causa desse cara? –

questionei com muita impaciência, completamente tomado pelo ciúme.

– Será que é tão difícil entender que ele é importante para mim?

Se não fosse o David, eu jamais teria sobrevivido a tanto tempo sem você!

Que droga, Lucas, apenas entenda isso! Eu me importo com ele, eu gosto dele! – Meu coração recebeu uma facada com aquelas frases.

– Gostando ou não, nunca vai dar certo. P apai e mamãe não vão ficar satisfeitos quando souberem. Raciocina, Mel... É a ex-mulher do papai! A mulher que tanto o fez sofrer!

– David não tem nada a ver com isso! Não acha injusto? Ele não pode pagar pelo que a mãe faz, ele não é como ela. P oxa vida, eu o conheço muito bem! – Mel falou com eloquência, as lágrimas já correndo

livres pelo seu rosto sofrido.

– Vai insistir? É isso? Está me dizendo que vai prosseguir com esse namoro mesmo assim?

Mel soltou muitos soluços.

– Que escolha eu tenho?

– Meu Deus, tem muitas escolhas!

– Não, Lucas, não tenho. Não posso ter quem eu quero, não posso amar o homem que eu amo. – Encaramo-nos de um jeito muito doloroso. Ela sofria demais, porém não deixei de me vangloriar por saber que ainda era possuidor de seu amor. Sei que parece bobeira da minha parte, mas foi muito importante para os meus sentimentos e para o meu juízo. – Não me obrigue a começar do zero mais uma vez, jamais suportaria. Se não posso ficar contigo, então vai ser com o David, que é alguém que tem a minha confiança total. Por que acha que, além de você, ele foi o único cara que tive coragem de beijar?

– Que loucura, Mel! Você nunca vai ser feliz desse jeito. Viu como a Sabrina te tratou? Talvez seja melhor...

– Pare. Quem vai escolher o que é melhor para mim *sou eu*. Não quero mais conversar sobre isso. – Minha irmã foi inquisitiva. Quase não suportei o silêncio que fizemos quando cruzamos a

garagem do nosso prédio. Pegamos o elevador ainda emburrados um com o outro. Foi ela quem apertou o botão do meu andar e do andar dos nossos pais. Eu não queria ficar sozinho – na verdade daria qualquer coisa para fazê-la ficar comigo durante o restante daquela noite –, contudo nada pude fazer.

As portas se abriram no meu andar e saí calmamente. Tive medo de me despedir e acabar tomando a Mel para mim de uma vez por todas. Tive

medo também de não me despedir e de nunca mais ter a chance de conversar

tão abertamente com ela. No meio de tanta indecisão, as portas se fecharam e

nos deixaram apenas com uma breve encarada. Adoeci de remorso, angústia e culpa quando me vi sozinho no meu apartamento. Atirei-me no sofá e fiquei observando o teto até ouvir a companhia tocando insistentemente.

Eu sabia que era a Mel – alguma coisa dentro de mim berrava

alto chamando o nome dela –, por isso voei até a porta e a escancarei. O fato

de não ter me enganado me deixou tão feliz que simplesmente a puxei em meus braços. Pendi seu corpo na primeira parede que encontrei e a beijei tão intensamente que não sei como não nos fundimos até nos tornarmos um só espírito. Confesso que descarreguei a raiva, a dor, o ciúme, o medo, tudo

o que eu teimava em acumular dentro de mim. Beijar a Mel era sempre um alívio, como finalmente poder respirar depois de um longo e torturante mergulho.

O corpo dela deixou ser levado pelo meu. Escorregamos nossas línguas uma na outra em um movimento erótico que considerei magnífico. P rendi sua nuca com as duas mãos e só separei nossos lábios porque fiquei curioso para saber o que ela tinha ido fazer no meu apartamento. P ercebi que já tinha colocado roupas simples de ficar em casa.

– Eu só vim me despedir... – ela sussurrou, mais uma vez adivinhando os meus pensamentos. – Não queria brigar, Luquinhas. Vou seguir em frente, mas te quero ao meu lado. – Suspirou. – Também queria te beijar uma última vez.

Aquiesci e lhe dei um selinho molhado.

– Desculpa por hoje. Fui um idiota.

– A gente devia ter ficado em casa. Só isso.

– Não, Mel... Se a gente tivesse ficado aqui, não sei o que eu seria capaz de fazer contigo.

Minha irmã sorriu do jeito maroto que premeditava alguma ideia muito maluca. Daquela vez, no entanto, tive certeza de que ela estava apenas brincando.

– Ainda dá tempo... – propôs enquanto me dava beijinhos
estalados perto da boca.

– Nem pensar.

Mel, de repente, parou.

– Eu não devia estar aqui, sabe? Depois de tudo o que
aconteceu no restaurante... – Afastou-se depressa e obrigou minhas mãos a
soltá-la.

– O que foi? – Fiz uma careta confusa.

– Também vim avisar que eu não vou desistir do David...

– Droga, Mel. – P assei as mãos pelos meus cabelos.

–... Então não estranhe se aparecermos juntos.

– Não dá pra acreditar nisso.

– Você vai ficar do meu lado ou não vai, Lucas? Não fui eu que
fiz essa escolha. Você sabe muito bem quem eu quero pra mim. P reciso da
sua ajuda.

O ciúme doentio se apoderou do meu corpo mais uma vez.

Sentia meu juízo sendo retirado, extraído do meu sangue como se fosse um
veneno que me fazia muito mal. Nada fazia sentido no que fazíamos e no
que

dizíamos. P ercebi que aquilo jamais daria certo. Eu precisava de um pouco
de sossego e a Mel precisava se distanciar de mim para poder ao menos

tentar.

– Acha que tenho sangue de barata? Não posso ficar contigo, mas não vou te ajudar nessa. Resolva sozinha, você é capaz de seguir em frente com essa história sem que eu atrapalhe. Porque é o que acabarei fazendo, no fim das contas.

– Vai ser assim? – Ela se distanciou ainda mais. – Achei que... pudéssemos ser amigos.

– Amigos? – Ri ironicamente. – Depois, Mel. Algum dia, tenho fé nisso. Agora, não dá. Faça o seu melhor.

– Sabe o que não dá? – ela perguntou, mas não me deu tempo para responder nada. Foi logo se adiantando, aos berros: – Para te entender! Eu nem devia ter vindo aqui! Você é uma contradição imensa, uma máquina de me trazer mágoas! – Mel foi caminhando até o elevador, que ainda se encontrava no meu andar. Abriu a porta depressa.

– Eu sou uma contradição? É você que não quer desistir do cara que acabou de trair quando me beijou há menos de um minuto.

– Você está com ciúmes. – Ela sorriu e ergueu uma sobrancelha.

– Dos brabos. Vou ignorar o que falou só por causa disso. Aprenda a engolir esse ciúme ou simplesmente assumo seus sentimentos. Viver em cima do muro é outra coisa que não dá. Você quer que eu siga em frente, mas

não quer que eu siga de verdade.

– Só não quero que sofra por causa da Sabrina. Não entende?

O que o papai vai achar disso, Mel?

– P orra, Lucas, eu não quero saber o que o papai vai achar! É a minha vida, caramba! Eu não sou como você, costumo me importar comigo mesma antes de me importar com os outros.

– Faça o que quiser! – rosnei. Ergui os ombros. – Você tem razão, eu não vou mais me meter. Contudo, não me peça para concordar com

uma coisa que não concordo.

– Depois deste dia, só fizemos andar em círculos. – Mel me ofereceu uma careta decepcionada. – Você continua o mesmo medroso e eu sou a mesma otária que tenta manter a esperança e se machuca por causa disso.

– Um dia, Mel, você vai entender que tudo o que eu faço é para o seu próprio bem.

Antes de as portas do elevador se fecharem de novo, mostrando-me que o que é ruim pode com toda certeza piorar, Mel me encarou ferozmente e

rosnou:

– Faça-me um favor, Lucas... Não faz mais nada. Você só piora as

coisas.

Percebi a necessidade de dar a devida razão.

Por duas semanas a Mel se manteve sumida. Não me telefonou ou procurou, e tentei fazer o mesmo. Morria de vontade de saber se ela ainda estava decidida a continuar com o David ou se o guri havia desistido dela após pensar com mais clareza na situação. Não posso fingir que não torcia por isso, mas eu não tinha outra escolha a não ser me manter neutro.

Usei aqueles dias de trégua para respirar, trabalhar e me acostumar com a nova rotina, bem como com o meu apartamento e o fato de não ter mais

ninguém me esperando depois de um dia cansativo. Os estudos me distraíram bastante também. A ansiedade se anuviou quando percebi que podia viver sozinho sem necessariamente ser um cara solitário. Mamãe e papai me chamaram mais de uma vez para jantar com eles, porém neguei porque tinha que dar espaço a Mel. Não dava para esperar que ela me esquecesse se eu me mantivesse sempre por perto. Minhas ideias – ao menos elas – precisavam de um pouco mais de coerência.

Foi no fim da tarde de uma sexta-feira que a mamãe me procurou. Pelo horário, ela sabia que eu estaria em casa. Ofereceu-me um sorriso amplo e então eu me senti amado em um nível fantástico. Sentia tanta falta daquele sorriso que só me dei conta quando ele desabrochou na minha frente.

Mamãe me trazia calma, paciência, controle. Apenas sua presença leve já era

capaz de me fazer continuar adiante sem medo.

Sentamos nas cadeiras dobráveis da varanda e apoiamos nossas pernas na murada como se fôssemos dois adolescentes. Ela narrou a sua semana maluca na escola onde lecionava e me contou novidades sobre os alunos nos primeiros trinta minutos de visita. Heloísa sempre tinha muitas coisas engraçadas na ponta da língua. Fazia tempo que eu não ria daquele jeito. Escutei suas histórias com atenção, concentrado em seus modos doces e seu olhar sempre gentil.

Infelizmente e de uma hora para outra, o assunto passou a ser a minha vida. Foi tão sutil que mal percebi. Começamos a falar sobre o meu emprego,

a minha nova rotina e tudo o que envolvia a mudança que eu havia feito recentemente. Nunca fui muito fã de falar sobre mim mesmo, contudo mamãe

tinha trabalhado pesado para me deixar à vontade naquela varanda, de modo que me abri com ela de um jeito sincero. Eu sabia que mamãe me perguntaria sobre a única coisa que aparentemente faltava na minha vida.

Não evitei a pergunta, assim como não evitei lhe dar uma resposta a mais transparente possível. Estava devendo um pouco de verdade a ela há algum

tempo.

– E as namoradas, filhote? Tem alguém em vista? – Seus olhos se modificaram até demonstrar um raio de preocupação. Heloísa me conhecia muito bem e não precisei falar nada para que chegasse à conclusão de que eu me sentia só naquele apartamento.

– Sim, mãe, mas não vai dar certo. Estou tentando esquecer essa pessoa.

Heloísa intensificou a preocupação em seu olhar.

– Amèlie?

– Não, não. É mais complicado. Não quero falar sobre isso. Eu estou bem.

– Está bem mesmo?

P ensei um pouco antes de responder qualquer coisa, pois não queria mentir para a mamãe. Já tinha omitido tantas coisas durante tantos anos e me

comportado tão mal que estava cansado de aumentar minha lista de sacanagens que fiz para a minha família.

– É difícil esquecer alguém importante. Às vezes me pergunto se vou conseguir amar outra pessoa... P or outro lado, me conformo em apenas sobreviver a tudo.

– Você parece tão tristonho, filho. Odeio te ver assim. Sabia que

alguma coisa estava errada contigo.

– Vou ficar bem, mãe, prometo.

– Se você tem certeza de que não vai valer a pena lutar por essa pessoa... – Ela deu de ombros.

– Infelizmente, não vale.

– É uma pena... Ai, fico tão preocupada! – Deu um tapinha na própria testa, fazendo-me rir um pouco mesmo fora de hora. – Você precisa de companhia, querido. Sabe, procura sair mais. Um dia precisei esquecer alguém e encontrei o seu pai, o grande amor da minha vida. Nada teria acontecido se eu não tivesse saído de casa.

– Tem razão, mãe. Prometo ser mais sociável. – Sorri para tranquilizá-la. Ela me devolveu um sorriso cúmplice e chacoalhou os meus cabelos. Mamãe gostava de fazer aquilo desde que me conheceu.

– Preciso conversar sobre uma coisa com você.

– Hum... – Fiquei bem desconfiado com a expressão que ela fez.

– É sobre a Mel.

Meu corpo retesou e me coloquei imediatamente em alerta, mas me preocupei em não dar tanta bandeira. Acho que Heloísa sequer percebeu meu nervosismo de tanto que eu busquei escondê-lo.

– O que ela andou aprontando?

Minha mãe tirou os pés da murada e se aprumou na cadeira. Encarou-me com um olhar preocupado diferente de todos os que ela tinha me oferecido até então. Fiquei muito tenso.

– Ontem, no jantar, ela nos disse que estava namorando um rapaz chamado David.

– Hum... Sério? – Não consegui me mostrar animado. Esperei que a mamãe tivesse traduzido aquela estranheza como pura indiferença, caso contrário estaria perdido.

– Sim... Até aí tudo bem, já estava na hora de ela nos apresentar a alguém. – Heloísa fez uma pausa dramática. Olhei para os meus próprios pés, desconcertado. – O problema é que esse rapaz, o David, é filho da Sabrina. Você se lembra da Sabrina, não é? A ex-mulher do seu pai?

– Não brinca... – Eu realmente não sei fingir emoções que não sinto.

– Queria eu que fosse brincadeira! Não pude acreditar quando a Mel nos contou.

– Ela disse tudo, assim, na lata?

– Quase não nos deixou digerir a ideia. Ficamos bem confusos mesmo.

– Nossa...

Mel estava realmente decidida. Ela ia me esquecer em muito breve.

Meus olhos se encheram de lágrimas, por isso voltei a observar os meus pés e rezar para que a mamãe não percebesse.

– Mas, no fim, seu pai se mostrou bem compreensivo.

– Claro... – Bufe. P apai era fogo. Nem para atrapalhar um pouquinho...

– Marcamos um almoço com o David amanhã, lá em casa.

Eu ainda estava pensando no meu pai e em sua capacidade de ser sempre tão politicamente correto.

– P apai não se cansa de ser tão justo? – resmunguei baixo, mas mamãe ouviu.

– Achei que eu fosse a única a achar o seu pai cansativo às vezes. –

Riu despreziosamente. Ela amava tanto o meu pai que até achei estranho que falasse algo não tão positivo assim sobre ele. – Você também não concorda com esse namoro?

– Não sei, mãe. – P ercebi que Heloísa estava ansiosa por uma resposta sólida. Decidi soltar a real, já que cedo ou tarde eles saberiam que eu e o David havíamos nos encontrado. – Vou ser sincero: Mel me falou sobre o David, nós nos conhecemos e tudo. Venho tentando aconselhá-la, mas... No fim, a decisão é dela.

– Mel te contou sobre o David? – Mamãe ficou bem espantada, como

se fosse uma coisa impossível de acontecer.

– Sim. Desculpa não ter dito antes. Ela que precisava dizer a vocês quando se sentisse à vontade. Acho que finalmente Mel resolveu encarar os fatos. De uma coisa tenho certeza... Ela gosta mesmo desse cara. – Soltei um

suspiro longo. – Vamos respeitá-la, mãe.

– Eu sei, filho, é que essa Sabrina... é uma vaca maluca! – Mamãe riu sozinha. Se soubesse como a Sabrina tinha nos tratado, certamente não estaria rindo. – Mel nos contou que ela não aceita o namoro. Não me admira

nada. Espero que sua irmã saiba o que está fazendo... Ou no que está se metendo. Vai ser complicado tentar engolir aquela mulher.

Fechei os olhos e recebi mais uma carícia da mamãe nos cabelos.

– Você está bem, meu destino?

– Sim, mãe... Também espero que a Mel saiba o que está fazendo.

Capítulo 22

Recebi uma ligação esquisita no sábado pela manhã. Era da minha irmã. Não da Mel, mas de uma das filhas da Letícia. Sequer sabia que eu tinha outra irmã, por isso o meu cérebro meio que travou durante a conversa pelo telefone. A dona daquela voz decidida tinha o meu sangue correndo nas veias, e eu não sabia nada sobre ela. Recebi apenas um nome: Maria

Alice.

Segundo ela, foi o Levi quem deu o meu número à minha mãe biológica, para o caso de alguma emergência. A tal emergência estava acontecendo: Letícia havia sido internada durante a madrugada e se encontrava em estado grave. Ela não parava de pedir para que eu fosse chamado. Queria se despedir de mim mais uma vez.

Alice parecia uma pessoa legal e se mostrou totalmente compreensiva com relação à minha escolha de não me envolver demais, contudo passou a implorar para que eu ouvisse os apelos de sua mãe ao menos uma única vez.

– Lucas, ela está muito mal... Temo que a minha mãe, a *nossa* mãe, não consiga sair dessa. – Ouvi uma fungada leve, sinal de que minha irmã desconhecida estava emocionada. – Tente vir ao hospital. Por favor, por favor...

Sua emoção acabou me emocionando também. Fui tocado pela pena – e por um sentimento esquisito que não soube nomear –, acho que porque estava me sentindo sozinho e cada minuto mais perdido dentro de mim mesmo. O fato é que não sei direito o que me levou a responder:

– P ode deixar, Alice. Estou a caminho.

Depois de juntar todas as informações sobre onde se localizava o hospital em que Letícia estava internada, pensei em ligar para os meus pais.

Queria companhia, pois sabia que seria difícil encarar minha família biológica sem nenhum apoio moral. Não sei o papai, visto que ele é muito sensível, mas a mamãe certamente me acompanharia.

Depois de tentar ligar algumas vezes para a casa dos meus pais sem que ninguém me atendesse, resolvi trocar de roupa e subir para falar com eles pessoalmente. Isto é, se estivessem em casa. Não cheguei a tocar a campainha, usei a minha chave e entrei sem problemas. O apartamento estava bem silencioso. Conferi a sala e a cozinha; não havia ninguém. Achei meio esquisito, pois meus pais costumavam passar os sábados em casa, descansando.

Ouvi risos provenientes do quarto da Mel. Eu não estava muito a fim de vê-la – e ao mesmo tempo era o que eu mais queria –, por isso tomei fôlego, cruzei o corredor longo e alcancei a porta do quarto dela, que estava fechada. As risadas foram embora, entretanto consegui ouvir ruídos esquisitos. Parecia o som de beijos fervorosos, como se duas bocas se chocassem com violência. Foi então que eu soube, de verdade, definir a palavra desespero. Nunca tive tanta vontade de morrer quanto naquele momento.

Apoiei meu corpo na parede porque me vi tonto, do nada.

Tentei respirar, mas o ar me faltou nos pulmões. Fiquei olhando a porta

enquanto sentia pena de mim mesmo. Depois de tantos problemas, aquela era a primeira vez que eu me jogava em um canto e lamentava pelo ser deprimente que eu tinha me transformado. Em nenhum momento me perguntei por que o David estava sozinho com a Mel em casa – não parecia feio dos meus pais permitir tal liberdade tão cedo, ou eu estava enganado? –, só consegui sentir uma dor pura e enraizada, que me machucou até me deixar desnorteado.

Um segundo foi o bastante para que eu percebesse que, no fundo, ainda guardava esperanças dentro de mim. Ela nunca havia morrido, por mais que eu negasse, por menos que eu quisesse carregá-la dentro de mim. Durante todo aquele tempo, eu realmente esperava que a Mel não fosse conseguir. Eu *queria* que ela não conseguisse. Meu desejo mais profundo me fazia crer que um milagre aconteceria e que ficaríamos juntos, sem impedimentos. Eu estava fingindo querer as coisas certas, mas desejava o errado com todas as minhas forças. Não dava mais para continuar me enganando.

Um estalo aconteceu no meu cérebro com o poder de milhões de fusíveis. Meu coração pareceu ter dado uma volta em torno de si mesmo, depois se virou do avesso e, então, eu já não era mais o mesmo cara que tinha entrado naquele apartamento. Tentei respirar mais uma vez, porém meu

corpo ia ficando cada vez mais quente conforme ouvia mais beijos sendo trocados. Rangi os dentes e cerrei meus punhos, querendo realmente me socar por ter sido tão otário. Como fui capaz de deixar que aquilo acontecesse? Como pude permitir tanta tristeza ser sentida deliberadamente dentro do meu peito?

Nada podia doer mais do que ser esquecido. Mesmo que eu fosse rejeitado pelos meus pais, devolvido ao orfanato ou julgado pela sociedade inteira, certamente doeria menos. Sabe o que é conseguir ouvir seu próprio coração ser partido? O som ecoava em meus ouvidos e me fazia finalmente acordar enquanto me sentia morrendo por dentro. Eu conhecia a dor como se ela fosse a minha melhor amiga, por isso tinha certeza absoluta de que o que eu havia feito comigo e com a Mel era a coisa mais dolorosa que podia existir. Deixar um grande amor morrer é como abrir mão de respirar.

Algumas verdades imutáveis vieram à tona. A primeira delas, óbvia demais para que eu pudesse ter ignorado, era que eu não podia suportar a ideia de ver a minha menina sendo tocada, beijada ou abraçada por outro homem. A segunda era que não ia adiantar, eu jamais seguiria adiante. Eu não queria outra mulher, nunca mais. Com toda sinceridade. Não podia viver sem ela, sem a minha Mel, sem a única pessoa que consegui amar em

vinte e oito anos. A terceira era que eu precisava fazer alguma coisa.

Fiquei sem lutar desde o início, por isso em nenhum momento

me dei conta de que havia essa opção. Mel falava em lutar o tempo todo, mas

eu ignorava como se esse verbo não estivesse presente em meu dicionário pessoal. Sentir aquela dor me fez pegar uma caneta e escrever essa palavra imediatamente, com letras maiúsculas. O que aconteceria se eu tivesse um pouco de ousadia e decidisse ser feliz com ela? Pela primeira vez, pensei seriamente em mudar os rumos do cruel destino que me esperava.

A porta se abriu sem que eu tivesse me recuperado. Eu ainda estava pensando nas novas ideias e chocado com a minha covardia anterior, com a minha capacidade de me machucar como se não existissem outras escolhas a

serem feitas. Dei de cara com uma Mel descabelada e alegre, que parou de sorrir quando me viu no corredor. David surgiu às suas costas e a abraçou por trás.

– Ei... Não fuja... – falou baixo e, ainda sem me ver, enterrou o rosto nos cabelos cheios dela. Depois, passou a lhe beijar o pescoço demoradamente.

Mel continuou me olhando com seriedade e certo desespero. Seu rosto ganhou uma coloração avermelhada. Devagar, ela se desvencilhou

dos braços do namorado. Ainda bem. Eu não saberia o que fazer se as mãos dele continuassem entrando em contato com qualquer parte do corpo dela por mais tempo.

– David... – Mel apontou para mim e o moleque finalmente me viu.

– Ah... Oi, Lucas. Beleza?

– O que estão fazendo sozinhos em casa? – fui logo perguntando, e de uma maneira muito estúpida, ignorante mesmo.

– Papai e mamãe foram ao mercado... Vamos almoçar juntos – Mel se adiantou, respondendo com urgência e ansiedade. Nem sei como o David não desconfiou que ela estivesse simplesmente apavorada com a minha presença ali.

– Eles deixam vocês sozinhos, e então resolvem se trancar no quarto.

Que ótimo. Uma forma muito bacana de iniciar um namoro oficial, não é, David? Cadê o respeito?

– Não fizemos nada... – Ele deu de ombros, parecendo realmente arrependido de ter feito aquela merda. Vibrei internamente. Não saberia o que fazer se a Mel tivesse transado com ele. Só então percebi que, durante todo aquele tempo, eu esperava que ela fosse ser só minha, e de ninguém mais. Então por que diabos eu não fiz nada a respeito? – Desculpa. Sei que confiaram em nós.

– Sim, confiaram. Eu sempre respeitei a casa dos meus pais. Espero que não se repita. Não é, Mel? – Fuzilei-a com os olhos, incapaz de não sentir raiva dela por ter se permitido um momento mais íntimo com ele.

Porém, claro, a raiva maior eu guardei só pra mim, visto que ela fazia aquilo

por que eu mesmo havia pedido.

Será que foram só beijos mesmo? A dúvida me matava.

– Minha nossa, Lucas! Nem vem com falso moralismo pro meu lado – Mel rosnou, mudando de postura muito depressa. De uma menininha acuada, transformou-se na maluca rebelde que não se importava com nada, muito menos comigo. – Não somos mais crianças. Vamos, David. – Ela puxou a mão do namorado e sumiu na direção da sala de estar.

Passsei algum tempo parado no corredor, tentando digerir tanto o que havia acabado de acontecer quanto o que circulava pela minha mente nebulosa. Desde que me vi apaixonado pela Mel, jamais ideias tão firmes haviam me alcançado. A certeza de que não tinha saída para mim, além da dor, se eu ficasse sem a Mel, foi como um choque dentro do meu cérebro. Acredito que eu não tinha entendido direito como era viver sabendo que a mulher que amo, além de não ser minha, pertencia a outro alguém. A ficha finalmente tinha caído.

Juntando toda a carga emocional, acumulada com o fato de ter uma

mãe biológica morrendo e uma família desconhecida pressionando, é de se imaginar que os meus nervos viravam pó a cada segundo que passava. Respirei ruidosamente inúmeras vezes para ver se as palpitações se acalmavam.

Entrei no meu antigo quarto, que estava relativamente vazio, exceto por alguns móveis que deixei para trás. Sentei na cadeira giratória, ainda meio aéreo, e observei algumas fotos – que eu tinha feito questão de deixar –, dispostas na mesinha que eu usava para pôr o meu computador. As paredes começaram a me sufocar. Apoiei a cabeça na mesa e, mais do que de repente, comecei a chorar alto. Solucei como um louco, sem dignidade, totalmente entregue a todas as minhas dores.

Fazia tempo que eu não chorava de um jeito tão livre, sem controle.

Descarreguei cada mágoa enquanto minhas novas ideias iam amadurecendo.

Estava mais do que na hora de tomar coragem, de reagir, de me transformar.

Era o momento de assumir os riscos, de me comportar como um homem que

luta pelo que quer e, acima de tudo, como uma pessoa que almeja a felicidade. Ninguém pode ser feliz sem lutar pela própria felicidade e nem assistindo ao tempo passar enquanto se martiriza, se nega, se exclui.

Nunca vou ser feliz sem a Mel, é um fato inquestionável.

Aquela ideia de pecado precisava sumir da minha existência. Incestuoso ou não, o que eu sentia era amor. Tinha de confiar na bondade daquele sentimento. Que Deus me perdoasse, que a minha família me perdoasse, mas

não podia mudar as verdades, embora tivesse demorado tanto a entender que simplesmente não posso fugir delas. A única coisa que eu podia fazer, se quisesse mesmo um fim feliz, era viver de acordo com a verdade que brilhava em meu peito e não podia ser calada nem mesmo por mim: eu amava

a Mel, eu queria a Mel, eu ia ter a Mel para mim. E o resto... Bom, o resto podia ir pro inferno.

Para isso, eu precisava agir o mais corretamente possível. Não daria um relacionamento meia boca para a minha própria irmã, pois jamais me perdoaria se agisse sem pensar logo no momento mais crucial. Minhas ideias foram se amplificando, e então eu já tinha uma cadeia de ações para atingir os meus objetivos. Só esperava ser capaz de reconquistá-la. Queria que a Mel me perdoasse pelos motivos certos, não simplesmente pelo fato de me amar. Se é que ainda amava... O medo quase me travou, mas eu nunca

mais deixaria que ele tomasse conta da minha vida.

Entre muitas lágrimas e soluços, repensei a minha trajetória e meus limites. Até onde chegaria por aquele amor? Sim... Eu iria muito longe. Faria qualquer coisa. Qualquer coisa. Fazer papai e mamãe entender nossos sentimentos e nossas escolhas não seria nada fácil. Era claro para mim que todo o processo nos traria dor, mas para ser feliz vale a pena qualquer risco, certo? Quando eu entenderia aquilo? Por que demorei tanto? Mel tinha tentado me explicar tantas vezes!

Ouvi as vozes da Heloísa e do Levi vindas da sala e resolvi me recompor antes que me enchessem de perguntas que eu não estava nem um pouco a fim de responder. Enxuguei as lágrimas como pude e me admirei com o clima leve da casa: Heloísa separava alguns pratos na cozinha com a ajuda da Mel, que ia colocando a mesa, enquanto Levi e David conversavam amistosamente. Quando papai e mamãe notaram a minha presença, fizeram uma festa só. Fui convidado para o almoço e me vi incapaz

de não aceitar. Todos pareciam muito felizes, menos a Mel e eu, embora ela ainda tentasse sorrir, coisa que não me dei o trabalho de fazer.

Perdi várias deixas para começar a falar sobre a Letícia. Senti-me meio envergonhado e nem um pouco disposto a quebrar o clima família feliz.

Resolvi ir sozinho ao hospital logo após aquele almoço. Encararia tudo de cabeça erguida, sem dar uma de mimado. Pouparia os meus pais, já que em

breve eu lhes daria notícias muito chocantes. Estava disposto a abrir o jogo de uma vez por todas, mas antes eu precisava ter mais uma conversa com a Mel.

A mesa foi montada aos poucos e a comida cheirosa da mamãe foi incensando o ambiente. Assim que o David percebeu que eu não falaria nada sobre o que havia acontecido no corredor aos meus pais, começou a relaxar de verdade. Percebi que o Levi tinha realmente gostado do garoto, creio que por ele ser inteligente e extremamente educado. Mel, em contrapartida, não conseguiu relaxar. Às vezes me olhava de um jeito estranho. Fiz questão de retribuir cada olhar, o que a deixou ainda mais estranha.

A comida foi servida e nos colocamos ao redor da mesa de jantar.

David estava tão disposto a impressionar o papai que não poupava esforços. Apenas controlei o ciúme e levei tudo numa boa. Eu sabia que não podia demorar muito naquele almoço, afinal, Letícia e Maria Alice me aguardavam, contudo estava tão cansado emocionalmente que escolhi ficar até o cafezinho após a sobremesa.

– Você sabia que eu quase te registrei como meu filho? – Levi soltou depois de olhar para o David de um jeito bem sorridente, visivelmente satisfeito.

– Sério? – O moleque ficou surpreso. Mel também. Só não fiquei porque já sabia daquilo: o próprio Levi tinha me contado anos atrás.

– Sim. É uma longa história... – Olhou para Heloísa, que indicou para que ele não contasse. Eu concordava com ela, pois a verdade sobre a Sabrina ia mexer demais com o David. Acho que ele não sabia muita coisa sobre a real história do casamento de sua mãe com o meu pai. – Deixa para lá...

– Ah, não, por favor, me conta! – David pediu, intrigado.

Levi olhou um pouco mais para Heloísa. Ela deu de ombros.

– Não quero causar confusão, David. Não sei como é o relacionamento com o seu pai, mas, no começo de tudo, Sabrina ficou meio perdida e eu pensei seriamente em te registrar, mesmo sabendo que você não era o meu filho legítimo.

Levi, como sempre, havia sido muito educado e apaziguador ao colocar as coisas daquele modo. A verdade era que a Sabrina o traíra tanto que nem ela sabia quem era o pai do bebê que carregava. Tentou enganar o papai, mas não conseguiu, então se desesperou e contou todos os seus podres a ele. Meu pai ficou com pena, sobretudo da criança, e por isso quase a assumiu. Por sorte, o verdadeiro pai do David apareceu do nada e ainda chegou a morar com a Sabrina durante algum tempo. A última notícia

que o Levi tinha era que sua ex-mulher não estava mais com esse cara.

– Não sabia disso... – David estalou os dedos em um gesto nervoso.

– P ensei que o senhor tivesse abandonado a minha mãe.

– De modo algum! – mamãe se adiantou. – Mas é melhor não falarmos sobre isso. Não queremos te colocar contra a sua mãe.

O guri pensou um pouco, meio desconcertado. Quase morri quando a Mel, em um gesto reconfortante, segurou sua mão, fazendo seus dedos se entrelaçarem. Fiquei observando aquelas mãos unidas por um tempo incalculável.

– O meu pai não é tão presente assim. Somos apenas a mamãe e eu.

Não me lembro de ter sido diferente. – Todos ficaram bem calados depois da

confissão do David. Tive pena dele, pois já me esqueci do que é a vida sem ter um pai. Não me vejo sem aquele que ganhei no natal. – Mas, de qualquer

forma, fico feliz que o senhor não seja o meu pai! – David riu sozinho.

– E por quê? – questionei. Qualquer pessoa gostaria de ter o Levi como pai.

– P orque daí eu seria irmão da Mel, claro. – Encarou a minha irmã com olhos apaixonados. – Isso seria um incesto medonho. Ainda bem que não preciso ficar sem ela. – Levou a mão da Mel à boca e a beijou

suavemente.

Meu rosto ficou vermelho, com certeza, mas o da Mel não estava nada diferente. Ela arfou nervosamente e, de leve, desvencilhou suas mãos das do namorado. Olhou para baixo.

– Ainda bem mesmo! – Levi começou a rir também. – Seria uma tragédia!

– Nem me fala... Ufa, que alívio! – David continuou.

Olhei para mamãe, percebendo que também tinha ficado bem séria. Ela observou a Mel e depois guiou seus olhos na minha direção. Permaneci quieto, com as minhas novas convicções abaladas, só para variar. Levantei-me da mesa, chamando a atenção de todos.

– Com licença, vou lavar os pratos – murmurei e recolhi toda a lousa que estava suja sobre a mesa.

– Eu te ajudo. – Mel se levantou antes que alguém pudesse protestar.

Mel e eu nos encontramos sozinhos na cozinha. Estava claro que ela queria falar comigo, ou então usou a mesma desculpa para fugir da conversa

do incesto. Esperei quase sem paciência que me dissesse alguma coisa, mas ela permaneceu calada, preocupada apenas em enxugar os pratos limpos que

eu ia colocando no escorredor.

– Desculpa pela cena no corredor, Mel – falei baixo, arrependendo-me logo em seguida. Eu não tinha nada melhor do que aquilo para dizer? Ela apenas chacoalhou os ombros. Sua suposta indiferença me entristeceu.

– Letícia está internada... – acabei deixando escapular, como se eu fosse um copo de água transbordando. – Maria Alice, uma das minhas irmãs biológicas, eu tenho uma irmã biológica, sabia? , me ligou hoje de manhã. Ela quer que eu apareça por lá, mas eu ainda não sei direito o que pensar.

– Meu Deus do céu, Lucas! – Mel largou o pano de prato e me analisou com preocupação. – Por que não disse isso aos nossos pais? – Apontou para a sala de jantar.

– Não queria deixá-los preocupados. – Parei o que estava fazendo também. Ficamos frente a frente. – Estou indo ao hospital. Preciso ir... Acho.

– Claro que precisa. Eu... – Mel balançou a cabeça e soltou um suspiro. – Eu vou contigo.

Sorri. Não esperava que ela fosse se oferecer para me acompanhar com tanta facilidade, mas fiquei muito contente.

– E o David?

– Não sei. Você me coloca em cada uma!

– Não precisa ir, Mel. Relaxa. – Voltei a abrir a torneira e coloquei mais detergente na esponja. Senti sua mão pequena tocar o meu braço e fechei os olhos. Qualquer toque dela era muito bem-vindo.

– Eu vou. Você só precisa dizer que vai deixar o David em casa.

P artimos para o hospital depois que o deixarmos.

– Articulou tudo isso agora? – Sorri mais uma vez.

– Sou ótima em planos impossíveis.

– Que bom. – Virei o rosto para observá-la com um pouco de malícia, sem esconder o nível do meu desejo. Era estranho fazer aquilo com ela, mas eu tinha de me acostumar. – Vou precisar dos seus serviços mais do que imagina.

Mel ficou meio desconcertada com o que falei – ou talvez com os meus modos ousados –, porém decidiu mudar de assunto.

– Tem certeza de que não é melhor contar aos nossos pais, Lucas?

Ainda acho que é errado esconder uma coisa importante assim.

– Sério que você está falando comigo sobre esconder coisas importantes dos nossos pais?

– Não estou julgando, apenas tentando te ajudar.

– Ei... Eu sei. Desculpa, minha linda.

Ela fez uma careta engraçada. Apenas sorri em resposta.

Terminei de lavar todos os pratos e enxuguei minhas mãos no pano que ela usava para deixá-los secos. Segurei seu rosto com as duas mãos e aproximei nossas testas sem pensar em absolutamente nada, cuidando em dar uma olhada no acesso da cozinha só para conferir que não havia mesmo ninguém

por perto. Eu não sabia o que ia dizer a Mel, mas ela não me deu tempo; desvencilhou-se depressa.

Minha desconfiança aumentou consideravelmente. Em nenhum momento associei seu distanciamento com o fato de estarmos perto demais dos nossos pais, em vez disso, não parei de pensar no tipo de relacionamento que a minha irmã estava tendo com o David. O ciúme me deixava doente a cada segundo.

– Vamos logo... Não sei como você está conseguindo esperar tanto para resolver uma situação tão urgente como essa. Vou avisar ao David que você vai dar uma carona, está bem? – Mel saiu da cozinha a passos lentos, esperando por uma resposta que não veio. Meu corpo inteiro ainda ardia com o mais puro ciúme.

Foi difícil convencer o David a ir embora cedo. Levi pretendia passar uma tarde açucarada ao lado do mais novo genro, a fim de conhecê-lo

melhor, mas Mel pode ser uma pessoa muito persuasiva quando quer – sei

bem disso, pois já senti o doce sabor de seu poder de convencimento. Em menos de dez minutos, já estávamos no meu carro, com o David ditando as coordenadas até a sua casa, em um bairro praticamente vizinho – o que intensificou a falta de sentido daquela carona.

Foi duro vê-lo se despedindo da minha irmã, roubando-lhe beijos de toda qualidade. Por fim, o martírio acabou e me vi sozinho com a Mel. Particularmente, tentava engolir o “também” que a minha irmã havia respondido quando o David disse que a amava. Seguimos em silêncio rumo ao hospital. Não ousei falar nada porque simplesmente não consegui.

– Você está bem? – Mel perguntou quando paramos no estacionamento do hospital. Olhei-a e balancei a cabeça em negativa, para logo em seguida sair do carro. Ela não fez mais nenhum comentário, apenas se juntou a mim e entrelaçou nossos dedos com força. Daquele modo, como se fôssemos um casal, atravessamos a portaria da instituição.

Não foi difícil localizar a Letícia. Ela estava em um quarto comum, porém em uma ala separada para pacientes em tratamento quimioterápico. O hospital era o mais moderno e caro da cidade, fazendo-me supor que, por mais dificuldades que ela tenha passado durante a vida, haviam sido todas superadas. Mel ficou um pouco encolhida, intimidada por causa do ambiente demasiadamente branco e limpo. Não a culpo, afinal,

meus nervos estavam em frangalhos e dizer que eu estava encolhido seria eufemismo para se referir ao meu estado catatônico.

Fomos guiados por uma enfermeira simpática até a área familiar, que era similar a uma sala de espera, porém com mais conforto, destinada às

famílias dos pacientes com câncer. A privacidade do ambiente me deixou muito espantado. Só pessoas com muito dinheiro poderiam custear tão bom tratamento, que pelo visto não englobava apenas os pacientes, mas aqueles que os acompanhavam.

– Fiquem à vontade... Irei lhes chamar assim que souber alguma informação sobre o horário de visitas da paciente. Aguardem alguns minutos, sim? – A enfermeira abriu um largo sorriso e desapareceu pela ampla porta da área familiar.

Havia poucas pessoas circulando por ali. Não deu tempo de tentar identificá-las, pois logo ouvi uma voz feminina chamando o meu nome. Sem largar a Mel, virei-me a tempo de ver uma jovem muito bonita se aproximando, com cabelos loiros compridos e olhos redondos bem escuros. Ela sorriu amplamente, exibindo aparelho dentário metálico com borrachas cor-de-rosa. Abraçou-me meio sem jeito. Fiquei tão aéreo que não fui capaz

de corresponder ao abraço, muito menos de soltar a mão da Mel, mesmo que

ela tivesse ameaçado me soltar.

– Que bom que veio, Lucas! Sou eu, Maria Alice! Mas pode me chamar só de Alice, está bem? – Ela desfez o abraço e me encarou de perto. Apertou os meus ombros com as duas mãos. – É um prazer muito grande te conhecer, irmão.

Não sei o que deu em mim, mas ser chamado daquele jeito por alguém que não era a Mel fez meus olhos marejarem instantaneamente. Mel deve ter notado minha emoção – e também minha incapacidade de falar –, pois apertou um pouco os meus dedos.

– Soube que era você assim que entrou na sala – Alice continuou. – Você é muito parecido com a mamãe. É impressionante! – Ela olhou para o lado, creio que finalmente notando a presença da Mel. – Oi... Alice, prazer. – Colocou a mão para frente e esperou um cumprimento.

– Sou a Mel. P razer também. – Ambas sacudiram as mãos formalmente.

Alice ainda sorria bastante quando uma jovem, que parecia mais nova que ela, se aproximou na companhia de um rapaz que aparentava uns treze anos. Ambos tinham os cabelos escuros, porém me apontaram olhos verdes tão brilhantes que pude reconhecê-los de prontidão. Meu

cérebro deu um nó. Não podia ser possível que os dois também fossem meus

irmãos. Mas eram.

– Lucas... Essa é a nossa irmã Bianca e esse é o... Bom, ele também se chama Lucas. – Alice ficou um pouco desconcertada com a situação. O moleque também ficou bem envergonhado ao me cumprimentar.

– Nossa mãe não sabia que ia te encontrar de novo e... – ele tentou se explicar.

Eu não consegui formular nenhuma opinião sobre a Letícia ter batizado outro filho com o mesmo nome, contudo não queria prolongar o momento chato. Tentei acalmá-los, mesmo me sentindo prestes a entrar em pânico.

– Tudo bem – falei pela primeira vez desde que entrei na sala. – Não esquentar.

Ficamos em silêncio por segundos constrangedores, até que um homem mais velho apareceu bem ao meu lado.

– Oi, Lucas. Como vai? – Sua voz era tão grave e firme que ele certamente deveria começar a ganhar dinheiro como locutor em uma rádio. Parecia ser um homem gentil e divertido, porém havia bolsões escurecidos abaixo de seus olhos, sugerindo que havia passado algumas noites sem

pregar o olho. – Meu nome é Bruno. Sou marido de Letícia e pai dessa galera boa. – Ele cumprimentou a mim e a Mel amistosamente. – Muito bonita a sua namorada, parabéns!

Franzi o cenho e olhei para a Mel. Ela fez cara de espanto.

Pensei em negar o que provavelmente todos estavam supondo, cheguei até a abrir a boca, mas um pouco de inconsequência me fez ficar de bico calado.

Afinal, eu devia me acostumar a chamá-la daquele jeito, pois era como o meu

desejo mais profundo queria que ela fosse chamada. Mel tentou protestar, mas, talvez por não saber como, perdeu a deixa.

– Você tem permissão para ver a mamãe, mas por apenas dez minutos – Maria Alice informou. – Os médicos já foram avisados desde que te liguei mais cedo.

Assenti.

– Ela não está muito bem hoje – o menino Lucas completou.

Sua tristeza era tão palpável que, por um instante, me vi nele. Bianca o abraçou lateralmente. – Não se espante.

– Temos que ter fé, rapaziada. Não vamos desanimar. Olha o que combinamos... – Bruno intercedeu.

– Nunca desanimar... – Bianca murmurou.

– Nunca desanimar – os quatro disseram em uníssono, como se fosse um grito de guerra bradado em voz baixa. Dei uma olhada na Mel. Ela sorriu meio amarelo e apertou meus dedos. Se não fosse a sua presença, não restavam dúvidas de que eu teria desmoronado naquele instante.

– Vou acompanhar o Lucas até o quarto. – Maria Alice andou em direção à porta onde havíamos entrado. – Você pode ir também, Mel, mas

só podem ficar duas pessoas, então vou ter que sair depressa.

Assentimos e a acompanhamos.

– Lucas... – a voz de locutor do Bruno ecoou pela sala, antes que pudéssemos deixá-la. Virei-me para encará-lo. Ele sorriu. – Bem-vindo à

nossa família... À sua família. Estamos felizes por te ter conosco.

Apenas dei de ombros. Havia muitas informações na minha cabeça, portanto eu simplesmente não conseguia agir com naturalidade. Tudo me espantava, fantasmas do meu passado não paravam de me assombrar, além de

que eles se juntavam aos fantasmas atuais e a mistura me fazia surtar internamente.

Alice nos contou que o hospital tinha uma maneira diferenciada de tratar os pacientes. A família tinha certa autonomia para controlar as visitas,

além de que acompanhavam de perto o uso dos medicamentos e recebiam todas as informações sobre o progresso, as reações e o bem-estar do paciente. Eles também tinham acesso a um profissional psicólogo, que ficava de prontidão ajudando os membros da família a encararem a situação.

Achei bem legal esse modo de integrar a presença dos parentes ao tratamento do paciente, tinha certeza de que ajudava ambas as partes a lidar com a doença de forma menos traumática.

Com o consentimento de uma enfermeira, entramos no quarto da Letícia em câmera lenta, como se qualquer ruído fosse capaz de lhe causar imensa dor. O ambiente era minimalista, embora sofisticado. Não havia muitos móveis além de um pequeno armário e uma poltrona. Na cama hospitalar, tubos e mais tubos saíam e entravam de um corpo inerte, mais enrugado que o normal e extremamente pálido. Letícia estava com uma máscara de oxigênio trabalhando ruidosamente. Ela tinha os olhos cerrados, a boca rachada semi-aberta e os cabelos loiros muito bem penteados, provavelmente porque uma de suas filhas teve a sensibilidade de cuidar deles.

– Mãe? – Alice se aproximou e segurou sua mão, a que não estava com nenhum tubo fincado nela. – Está acordada?

Letícia abriu os olhos tão lentamente que deu pena. Não falou nada,

mas a máscara começou a rugir com mais velocidade.

– Lucas está aqui... Ele veio, mãe. Olhe... – A mulher vagou o olhar pelo quarto e nos localizou. A máquina que media os batimentos do seu coração apitou mais depressa, porém não de um jeito preocupante. – Veio com a namorada dele, a Mel. Vou deixá-los a sós, tudo bem? Volto daqui a pouquinho, prometo. – Alice beijou as costas da mão de Letícia e finalmente se retirou.

Fiquei estático, paralisado. Aquela mulher vulnerável diante de mim não parecia ser a mesma que eu tinha conhecido há algumas semanas. Meus olhos marejaram de novo, tamanho pavor que senti. Mel soltou a minha mão e, percebendo que eu não me mexeria, abraçou-me pela lateral e praticamente me arrastou até a beira do leito. Letícia acompanhou nosso movimento com um olhar meio vago.

– Lucas... – murmurou com a voz rouca, fraquíssima. – Meu filho... Você veio.

– Oi... – Eu realmente não soube o que dizer. Um nó do tamanho de uma bola de basquete estava entalado na minha garganta.

– Me perdoa, meu filho... Me perdoa... P or favor... – Seus batimentos se aceleraram ainda mais. Letícia tentou se mexer, mas Mel foi mais rápida e, delicadamente, impediu seus movimentos.

– Não se mova – pedi, assustado. Letícia olhou a Mel e depois voltou a me olhar.

– Vocês... Vocês não... – Fez uma pausa muito longa. – Eram irmãos? Não estou... ficando louca... Estou?

– Não, dona Letícia. Foi um mal-entendido... – Mel se adiantou, com a voz tão suave quanto a que Alice tinha usado para falar com a mãe.

– Vocês... se amam... – Letícia interrompeu a Mel, insistindo de um jeito débil. Não soube se aquilo era uma pergunta ou uma afirmação. Mel me encarou e deu de ombros.

– Sim – respondi em tom de desabafo. – Eu a amo.

– Não é... amor... de irmão... É? – Eu não sabia os motivos de o assunto ter se transformado sobre mim e a Mel de uma hora para outra.

– Não – mantive-me na verdade mesmo assim. Não tive coragem de verificar a expressão da minha irmã. – É estranho, nós sabemos.

De qualquer forma, a senhora não devia se preocupar com isso. Precisa ficar

boa, não é, Mel?

– É verdade. A senhora vai ficar boa logo – Mel murmurou.

Qualquer um que visse o estado da Letícia desacreditaria em sua cura, mas esperança é tudo o que pode mover um ser humano até o fim.

– Eu... sabia... – Letícia sorriu de um jeito totalmente torto, creio que ignorando o que tínhamos dito sobre seu estado de saúde. – Filho...

Lucas... Meu Lucas... Seja... Feliz.

Dei um passo assustado para trás. Estava alcançando o meu limite.

– P reciso ir, Letícia – avisei de uma maneira comedida. – Espero que a senhora melhore. Estou torcendo.

Ela sorriu e fechou os olhos devagarzinho. Mel se apavorou tanto quanto eu, por isso correu para chamar alguém. Uma enfermeira estava nos esperando perto da porta e entrou como um foguete, mas no fim constatou que Letícia tinha apenas pegado no sono. Os medicamentos eram tão fortes que ela não passava muito tempo acordada, e aqueles “ apagões” aleatórios não eram raros.

Não ousei voltar para a área familiar. Assim que a enfermeira nos deixou sozinhos no corredor – não havia nem sinal da Alice –, tomei a decisão de simplesmente ir embora. Eu já tinha muitos sentimentos dentro de mim para dar conta, estava prestes a explodir como uma bomba mortífera.

Sequer esperei a Mel me acompanhar, fugi a passos largos pelos corredores do hospital, ignorando tudo e todos.

Tentei atravessar a portaria, mas sabia que explodiria em menos de um segundo. Foi o tempo de eu encontrar uma porta larga com uma placa

escrita: “ jardim”. Entrei em um ambiente amplo e bem arborizado, rodeado por bancos onde as famílias dos pacientes conversavam e descansavam em um clima mais tranquilo, sem cheiro de desinfetante. Apoiei um braço em uma pilastra cilíndrica e busquei inspirar bastante ar. Os meus pulmões arderam.

Mel se colocou na minha frente e, sem fazer perguntas ou comentários, abraçou-me com força, puxando-me para si como pôde. Desabei

em um instante. Era a segunda vez naquele dia que eu desabafava todas aquelas emoções por meio de um choro incontido. Mel me abraçava cada vez mais forte conforme os soluços se intensificavam. Enterrei meu rosto nos seus cabelos e lá fiquei, creio que me dando conta de que não suportava mais encarar os meus problemas emocionais, não estando sozinho.

– Não aguento mais, Mel... – choraminguei como uma criança. A cena foi bem patética, mas não me arrependo. – Não dou conta.

– Vai ficar tudo bem, Luquinhas... Acalme-se. – Mesmo tentando me consolar, minha irmã também chorava. Tentei me recompor apenas para não vê-la daquele jeito. Demorou alguns minutos, visto que o desespero não queria me abandonar.

Separei nossos corpos e apoiei minhas costas na pilastra. Respirei

fundo, enxugando algumas lágrimas teimosas. Mel ficou me olhando de um jeito desamparado.

– P or que contou pra ela? – perguntou, confusa.

– P or que cansei de fingir.

– P or que não desmentiu quando...

– Eu cansei, Mel! – interrompi-a bruscamente.

Ela desceu o olhar para o chão, meio deprimida. Segurei seus cabelos e a puxei para mim em um gesto ousado. Colei nossos corpos.

P rocurei sua boca com a intenção real de encaixar a minha nela. Fui repellido devagar. Mel segurou meus pulsos e deu passos curtos para trás até que me vi obrigado a soltá-la. Busquei seus olhos, mas eles insistiram em se fixar no chão asfaltado daquela parte do jardim.

– Chega disso, Lucas – ela falou tão baixo e com uma voz tão fina que mais pareceu o miado de um filhote de gato. – Não me beije.

– P or que não? – questionei. Mel não respondeu, por isso me adiantei. – P or causa dele, não é?

– Você me pediu para tentar. Estou tentando. Não vai funcionar se você ficar me beijando pelos cantos e depois me mandando ficar com outra pessoa.

– Eu não ia mandar. Nunca mais vou te pedir isso. Não quero

que fique com ele.

– Não... Quer que eu fique esperando pela sua coragem. –

Sorriu um sorriso triste. – Não vou esperar mais, Lucas, não posso. David precisa de mim e eu não vou traí-lo de novo, por isso não me beije como se eu te pertencesse. Não pertenço. Você quis que fosse assim, agora assuma suas escolhas de uma vez por todas.

Mel tentou se afastar, mas segurei sua mão.

– E se eu fizesse outra escolha?

– Que escolha? – Franziu a testa e entreabriu os lábios. Ergui os ombros. Não sabia por onde começar a lhe contar que eu tinha mudado de ideia. – Não me iluda, isso não se faz. É crueldade! Por que está brincando comigo?

– Jamais brincaria com você, Mel. Jamais!

– Então, pare de me enlouquecer!

– Só me dê um tempinho... Por favor. Não é uma tarefa fácil, requer tempo. Preciso dar um jeito de solucionar nossa condição.

– Do que está falando, Lucas?

– De nós. – Arquejei involuntariamente. – Só preciso que espere um pouco mais.

– Não estou entendendo. O que quer que eu faça agora?

– Que largue aquele... o David. Eu quero que você seja minha,
Mel. Já chega. P or favor, larga esse cara.

P ara a minha total surpresa, Mel começou a rir. Meu estômago
deu cambalhotas.

– Você enlouqueceu de vez? P rimeiro me ignora completamente
durante anos, depois me dá um pé na bunda logo após me fornecer o
momento de prazer mais intenso da minha vida, então me manda ficar com
outros caras, me pede para que eu te esqueça... E agora, só porque se sente
ameaçado e não consegue superar o ciúme, quer que eu deixe o David
depois de ter assumido nosso namoro, coisa que você mesmo me
aconselhou a fazer? – Fui travado pelas suas palavras ditas com uma
insatisfação aterradora. Era tanta mágoa que aquela garota sentia por mim
que tive vontade de sumir do mapa. – Tudo isso para quê? P ara que me
abandone de novo, fuja do que sentimos mais uma vez? Não sou tão idiota
quanto pensa. Olha... Eu te amo, eu te amo muito, Lucas, mas sei que você
nunca vai encarar os nossos pais, nem a nossa família inteira, em nome
desse amor. Nunca!

Mel não acreditava em mim. A culpa era minha, eu sabia disso. Foi
por este motivo que segurei seus ombros com força, obrigando-a a me
encarar de muito perto. Nossas bocas ficaram a centímetros uma da outra.

Meus olhos prenderam os dela.

– Só observe, Mel. Fique olhando. Eu vou lutar por você. Essa é a minha nova escolha, a definitiva, e você sabe o quanto posso ser insistente quando uma nova ideia se fixa na minha cabeça. Vou te conquistar e te fazer minha de uma vez por todas. Dane-se o mundo, eu quero você e vou ter – desafiei com seriedade e, um pouco rápido demais, larguei-a. – Vamos. Vou te deixar em casa.

Saí do jardim com passos decididos. Mel ficou um tempo absorta, sem se mover, mas logo passou a me acompanhar ao longo da portaria do hospital. Vi o resquício de um sorriso cruzando seus lábios. Não sei dizer o que se passava pela cabeça dela, mas na minha uma coisa estava muito clara: nem os meus pais e nem ninguém me faria perdê-la.

Capítulo 23

Maria Alice tentou falar comigo nos dias seguintes à minha visita ao hospital, mas eu não estava muito a fim de conversa. Inventei mil desculpas para justificar o fato de ter ido embora sem falar com ninguém. Suas ligações eram rápidas por minha causa; mantive-me monossilábico, apenas preocupado em saber notícias do estado da Letícia. Seu quadro havia melhorado um pouco, deixando a família toda mais positiva. Alice deixou escapar que ela sofria de uma espécie de tumor

ósseo. Não busquei mais informações sobre a doença, pois uma parte de mim não queria se envolver com nada que tivesse a ver com as pessoas que tinham o meu sangue correndo pelas veias. Talvez por querer evitar mais sofrimentos ou por não suportar ter de encarar a dor de perder alguém que já

tinha perdido há muitos anos.

Minha concentração se manteve fixa na Mel e no que eu poderia fazer para que ficássemos juntos de uma vez por todas, e da forma menos traumática possível. Acabei pedindo ajuda a um grande amigo juiz, o Serafim. Fiz uma visita informal em sua casa em um dia de sábado qualquer, e ele me recebeu muito bem. Foi meio complicado lhe contar a história toda, do início ao fim, e principalmente encarar seu olhar de desaprovação em algumas partes da minha narrativa, contudo eu sabia que ele tentaria me ajudar, mesmo que não concordasse comigo.

Ele me deu muitas dicas do que eu poderia fazer, mas sempre chegávamos a um grande bloco de concreto que nos impedia de seguir adiante: a lei. Procuramos brechas e mais brechas em todos os lugares possíveis. No fim do dia, havíamos encontrado pouquíssimas, que exigiriam um trabalho árduo de todos os envolvidos. Eu não fazia ideia se conseguiria ir tão longe, e ainda mais com a possibilidade de não dar certo. Mesmo assim, a certeza que tinha me feito acordar ainda vibrava no meu

peito e me dizia que qualquer coisa valeria a pena se fosse para ter a Mel comigo.

Nosso amor valia o esforço, contudo não seria um esforço só meu. Saí da casa do Serafim mais perdido do que nunca, tudo porque não conseguiria solucionar o problema sozinho. A probabilidade de ter um relacionamento comum com a Mel era praticamente nula, o que me deixou meio desanimado. Foi por este motivo que eu deixei alguns dias passarem sem procurar a minha irmã, porém escrevia algumas mensagens de texto diariamente – ela não respondia, mas me mantive firme –, sempre me declarando e insistindo na ideia de que estava lutando, mesmo que distante, por nós dois. Eu queria dar espaço para que ela pensasse melhor, e também para que resolvesse as pendências com o David. Nós precisávamos desacelerar um pouco e fazer as coisas com mais calma, sem atropelos. Meus estudos mudaram de foco durante esses dias. Procurei pela internet, li diversos arquivos e me deparei com milhões de casos parecidos com o meu. Ler depoimentos de pessoas que haviam se apaixonado por seus irmãos e irmãs me deixou surpreso, chocado e esperançoso, tudo ao mesmo tempo. Li vários tipos de casos, de irmãos consanguíneos ou não, que tinham conseguido ficar juntos e outros que haviam se separado para não gerar mais problemas em suas vidas. No fim

das contas, percebi que o futuro de cada um daqueles casais foi movido por duas vertentes: a escolha e até onde eles suportaram ir para se manter nela. Confesso que me senti um pouco mais animado durante as pesquisas. Eu já tinha a escolha, restava levantar a cabeça e me manter nela até o fim.

Era quase dez da noite de uma quarta-feira, e eu tinha acabado de deixar mais uma mensagem de texto para a minha menina, quando ouvi batidas na minha porta. Estranhei por causa do horário avançado, mas fui correndo atender e dei de cara com a Mel. Abri um amplo sorriso e a puxei pela cintura, fechando a porta atrás de nós. Eu estava pronto para beijá-la até o dia amanhecer – a saudade que eu sentia não cabia mais no meu peito –, mas Mel recuou um pouco, fazendo-me perceber a sua aflição.

– O que houve? – Alisei seus cabelos, já muito preocupado.

Ela fechou os olhos e se deixou ser acariciada. Logo em seguida, fez uma careta de dor como se o meu simples toque lhe causasse muito sofrimento.

– Essas mensagens que você me manda... São sérias? – perguntou em um sussurro.

– Claro que são, meu amor – murmurei e avancei um pouco, deixando nossos lábios próximos. Eu não conseguia tirar da minha cabeça a ideia de beijá-la e nunca mais parar. No entanto, acho que ela não pensava

o mesmo que eu, pois tornou a se afastar de mim. Caminhou vagarosamente até o sofá e se sentou, parecendo muito perturbada.

Fiquei parado no meio da sala, morrendo de medo do que ela

tinha para me dizer. Eu não sabia o que seria de mim se Mel me pedisse para

desistir de lutar por nós, se confessasse que amava o David e que queria ficar com ele. Essas palavras ecoaram pela minha mente e me fizeram adoecer

de um segundo para o outro. Meu coração maltratado não aguentaria mais aquela dor, eu tinha certeza absoluta.

– Estou tentando não me iludir – Mel equilibrou a cabeça

entre os dedos e soltou um longo suspiro. Arrumou seus cachos para trás e me ofereceu um olhar confuso. – Lucas, por favor, não me iluda. Você vai mesmo assumir o nosso amor?

O alívio que senti foi tão grande que achei que o meu corpo ia flutuar.

– Mel... – Em um gesto desesperado, ajoelhei-me entre suas

pernas e segurei sua cintura com as duas mãos. Fiz nossos olhos se fixarem um no outro. – Eu vou.

Mel piscou os olhos várias vezes. Acompanhei lágrimas se

formarem neles, e depois um arquejo cruzar seus lábios pintados de rosa.

– Oh, Lucas... – Ela me abraçou forte e começou a chorar de vez. Seu corpo tremeu um bocado. Apertei meus braços ao redor de sua cintura, tentando permanecer calmo. Nossos momentos eram sempre tão exagerados, tão à flor da pele, que era difícil passar por eles com tranquilidade.

– Por favor, me diga que já se livrou do David. – O medo de ser esquecido ainda circulava pelas minhas veias. Apesar de aliviado, eu só me sentiria em paz de verdade quando a Mel espantasse de vez o fantasma de seu namoradinho.

Minha irmã se afastou só para me olhar de perto.

– Não. Eu não fiz isso ainda.

– Droga, Mel... – Agarrei-a com mais força. Meu coração se espremeu até ficar do tamanho de um comprimido.

– Bem que tentei, mas estou tão confusa! David está passando por alguns problemas com a mãe... Ela ficou doente desde aquele dia no restaurante. – Tentei me sentir culpado por aquilo, mas a verdade é que a culpa era da própria Sabrina, que sempre foi uma sem-noção. – Sabrina pirou, está tomando remédios fortíssimos para dormir.

– Você não pode continuar enrolando o cara.

– Eu sei, mas entenda... Não consigo respirar direito. – Mel

ainda chorava, e eu tentava conter suas lágrimas usando meus dedos. –

Acho que vou explodir ou enlouquecer!

– Acalme-se... Tudo vai ficar bem. P rometo.

Ergui seu rosto e a puxei para mim com força calculada. Acabei sentando de joelhos no chão e deixando a Mel com as pernas abertas ao redor do meu quadril. Mais uma vez, Mel se pendurou no meu pescoço. A posição me deixou maluco em questão de segundos, mesmo com tantos problemas diante de nós. Desejá-la era inevitável. Meu corpo implorava por ela há tanto tempo que não aguentava quase nada, muito menos o fato de ela estar usando apenas um short fino de ficar em casa, fazendo com que o

contato com a minha bermuda se tornasse muito íntimo.

Encaramo-nos intensamente. De novo, tentei beijá-la. Terminei frustrado, pois a Mel desviou o rosto.

– Não quero mais trair o David. Fico me sentindo tão mal...

Não quero ser esse tipo de pessoa. Acho melhor me soltar, Luquinhas.

Não a obedeci. O ciúme quase me enlouqueceu, mas tentei

permanecer calmo. Não entrava na minha cabeça que o David pudesse beijar

a Mel quando quisesse, mas não eu. Afinal, era eu quem ela amava, não?

– Fica aqui. Só quero te olhar. P rometo não me mexer.

– Você está ficando excitado! – Ela riu e acabei rindo junto, espantando parte dos meus temores. – E está me excitando muito. – Mel rebolou um pouco sobre meus quadris, e soltei um resfolego.

– É melhor você não se mexer também – alertei.

Rimos um pouco e passamos um tempo só assim, nos olhando e sorrindo.

– O que te fez mudar de ideia? – ela finalmente perguntou.

– Naquele dia que peguei você e o David dentro do quarto...

– Lucas, eu...

– Relaxa, Mel – interrompi-a. – Eu que abri aquela ferida em mim. Fui tão idiota! É claro que eu jamais conseguiria te ver com outro alguém. Foi a primeira vez que percebi que eu podia ser esquecido se não fizesse nada. No fundo, sempre achei que você não conseguiria, sabe?

– Você se sentiu ameaçado.

– Foi mais do que se sentir ameaçado. Eu me senti esquecido, e pior, por minha culpa. Percebi que eu tinha aberto uma lata de lixo e jogado os nossos corações lá dentro. Isso não se faz.

Mel se aproximou, como se quisesse me beijar, depois se lembrou de que não devia fazê-lo e recuou mais uma vez. Suspirou fundo, visivelmente chateada.

– Essa é a noite mais feliz da minha vida – ela murmurou.

Fiquei impressionado porque aquela era uma noite totalmente comum. Não havia jantar a luz de velas, músicas românticas ou poemas melodramáticos. Só havia nós dois, entrelaçados no chão da minha sala, sendo sinceros um com o outro. Depois de refletir melhor, percebi que não precisávamos de nada além disso, e que a nossa felicidade estava na simplicidade em que vivenciávamos o nosso amor.

– Vou te dar muitas noites mais felizes da sua vida, Mel. Você vai ver.

A alegria de perceber que eu era feliz com tão pouco me fez agarrar seus cabelos e os puxar para trás. Deixei o acesso livre ao seu pescoço, por isso foi para lá que levei a minha boca. A paixão dominou os meus sentidos. Distribui beijos molhados e ousados, enquanto ouvia gemidos torturantes partindo da boca dela.

– Lucas...

– Não quero saber, meu amor. – Lambi seu pescoço, partindo do queixo até o colo. – Não fale nada, só continue gemendo.

– Você está realmente excitado...

– É como você me faz ficar – rosnei em seu ouvido, depois lhe mordisquei o lóbulo da orelha. Deixei uma mão mais ousada e muito

determinada ser esfregada entre as pernas dela. Mel se contorceu. Tentou fechar as pernas, mas não permiti.

– Não vai dar muito certo... – arquejou.

– Não vou te beijar, fica tranquila. – Ri de mim mesmo, que mais estava parecendo um tarado, e do desespero dela. Senti os contornos de sua pele sensível por cima do short. Percebi quando ele simplesmente molhou na região onde eu tocava.

– Mel... Sinto te informar, mas você está bem molhada.

– Claro que estou, não sou de ferro... – Ela alisou meu peitoral nu, visto que eu estava sem camisa.

– Você faz ideia do quanto gosto disso? – rosnei, mordendo-lhe o queixo. Mel abafou mais um gemido.

– Lucas... Não posso demorar – choramingou. – Papai e mamãe vão chegar do cinema.

– Vai ser rápido, garanto... – prometi com a voz rouca.

Levei à minha boca os meus dedos – os mesmos que eu estava usando para tocá-la tão intimamente –, sentindo um pouco do gosto dela e os lubrificando com saliva. Depois, simplesmente afundei minha mão por dentro do short da Mel. Ela me olhou com os olhos arregalados, surpresa e ao mesmo tempo maravilhada com a minha invasão tão repentina. Acredito

que nunca fui tão decidido, não com ela.

– Relaxa, meu amor... – Comecei a circular meus dedos contra seu ponto mais erógeno. Mel gemeu alto desta vez. – Deixe-se vir. Venha pra mim, só pra mim.

Agarrei seus cabelos com a outra mão e a obriguei a me encarar enquanto gemia e arfava. Juntei nossas testas e me concentrei em lhe proporcionar o maior prazer possível, usando o movimento acelerado dos meus dedos. Ela estava muito úmida e quente lá embaixo. Nem preciso dizer

que isso me tirava o juízo. Mel manteve os olhos grudados nos meus, não os desviou nem por um instante.

– Vem, Mel... Minha Mel... – implorei. Ela começou a tremer bastante. Seus braços me apertaram com força.

– Lucas...

Deixei os movimentos atingirem certa constância. Eu estava tão louco, tão fora de mim, que pensei milhões de vezes em terminar aquilo de outra forma. Minha bermuda latejava, implorava por uma liberação, e a vontade de fazer isso dentro dela só se intensificava. Acho que eu só não parei, com o objetivo de jogá-la no sofá e lhe arrancar de vez o short, porque seu corpo passou a tremer muito, quase como se estivesse em convulsão.

Apertei seus cachos com força, obrigando-a a erguer um pouco a cabeça. Tê-la absolutamente presa em meus domínios me enchia de júbilo.

Respirei o seu hálito quente e passei minha língua pelo seu queixo.

Naquele instante, seu corpo inteiro começava a exalar um calor intenso, que estava me fazendo suar só de permanecer perto dela. Ouvi seus gemidos mesclados com suspiros e arquejos. Mel começou a gritar de prazer, e aqueles gritos provocantes soaram como música aos meus ouvidos. Senti o ponto onde eu estimulava ficar completamente rígido e encharcado.

– Isso, meu amor... Desse jeito.

– Lucas! – Mel continuou gritando e se contorcendo por longos segundos.

Esperei que seu clímax fosse embora completamente.

Desacelerei o movimento dos meus dedos e, aos poucos, Mel foi se acalmando. Sua respiração ofegante foi entrecortada por um riso sincero, repleto de felicidade. Ri também, porque alegria de verdade era estar com ela

em um momento tão íntimo, tão profundo, tão esclarecedor.

Retirei minhas mãos dela e suguei meus próprios dedos. Ela ficou me encarando com malícia.

– Doce como mel... – murmurei e sorri.

– Eu não acredito que este é você.

– Este sou eu sendo eu, finalmente. – Meu sorriso se alargou, e o dela também.

Não suportei um só segundo de espera e lhe puxei os cabelos, desta vez para que ela não recuasse enquanto a minha boca estivesse na sua. Trocamos um beijo longo e muito erótico, tão lento que me dava vontade de entrar em um êxtase só com ele. Mel passou a alisar os meus braços com muito carinho. Seu toque quente me levou a um nível muito alto de excitação.

– Sabe por que eu te beijei? – questionei quando nossas bocas desencostaram um pouco. Mel não respondeu, apenas deu de ombros.

– Porque você é minha, e porque eu sou seu, Mel. Você não trai o David quando me beija, você me trai quando o beija, percebe a diferença?

– Eu não queria que...

– Ei, relaxa. Não estou reclamando ou te pressionando, estou falando o que eu acredito. A culpa não é sua. Faça o que achar melhor, quando achar melhor. Vou saber te esperar.

Mel soltou um suspiro e me deu um selinho. Segurou o meu rosto com as duas mãos.

– Eu te amo tanto... Obrigada... Você é perfeito pra mim –

sussurrou. – Já sabe o que vai fazer? P osso te ajudar no que precisar.

– Mais ou menos. Tenha paciência, Mel. Confie em mim.

– Eu confio. – Seus olhos marejaram. – É que parece um sonho...

Beijei seus olhos suavemente, sujando meus lábios com suas lágrimas.

– Você ainda está excitado! – Ela riu, chacoalhando-se um pouco.

– Muito mais do que antes, sem dúvida.

– Eu quero ir até o fim – Mel confessou e lambeu os lábios.

Se ela soubesse que ir até o fim era o que eu mais queria, não teria dito em voz alta. Mel não fazia ideia do quão perigoso podia ser me dizer uma coisa daquelas. Entretanto, fiz de tudo para me controlar.

– Nós vamos, um dia.

– P or que não hoje?

Rimos, apesar de o assunto ser bem sério.

– P orque você está preocupada com o horário, com nossos pais, com o David. Quando acontecer, quero você pensando só em mim, Mel. Vamos com calma, tudo bem?

Ela aquiesceu, concordando comigo.

– P osso ver? – perguntou e me mostrou um olhar cheio de malícia.

– Ver o quê? – Fiz uma expressão confusa. Mel olhou para baixo, exatamente para o meio das minhas pernas.

Comecei a rir.

– É sério! P oxa, eu quero ver, pelo menos isso!

Eu me senti um pouco envergonhado com a sua proposta, mas acabei me ajoelhando e depositando a Mel sentada no sofá novamente, de frente para mim. Foi sob seu olhar curioso que, lentamente, desci a minha bermuda junto com a cueca. Deixei-me exposto, quase morrendo de alívio porque não estava aguentando ficar preso pela cueca. Suspirei fundo e a observei. Mel olhava pra baixo, vidrada.

– Eu não sei se isso vai caber em mim, um dia – ela falou sério, mas começamos a rir. – P osso pegar?

– Fique à vontade... É seu, como todo o restante de mim –

murmurei. Sentir suas mãos curiosas, e ao mesmo tempo hesitantes, fez com

que eu me contorcesse um pouco. Ela foi tão suave que achei que eu fosse derreter. – E, sim, garanto que um dia vai caber em você.

Mel parecia não ouvir nada do que eu falava. Estava muito

concentrada, observando cada detalhe como se me estudasse. P or fim,

acelerou um pouco a velocidade de suas carícias. Achei por bem não prosseguir, afinal, não queria seguir adiante naquelas condições. Tínhamos todo o tempo do mundo. Foi por isso que, com cautela, retirei suas mãos de lá e voltei a me vestir.

– Quando será este dia? – Mel perguntou.

– Vai ser uma surpresa.

Ela sorriu, inclinando-se para me beijar mais uma vez.

– P reciso ir, Luquinhas. Foi ótimo, maravilhoso e muito gostoso te conhecer melhor!

Desta vez nós gargalhamos.

– Da próxima vez, quero conhecer a sua bunda, ela deve ser a coisa mais linda!

– Fala sério, Mel!

Continuei gargalhando, mas a Mel se levantou e caminhou até a porta. Segui-a depois de um tempo parado, meio desnorteado por causa de mais um momento delicioso que passamos juntos. Aqueles instantes eram tão incríveis que pareciam mentira.

– P or favor, não se arrependa – ela disse antes de ir. – Não mude de ideia. Não troque suas escolhas.

– Nunca mais, Mel. Nunca mais.

Deus me livre abrir mão de tamanha felicidade.

Capítulo 24

Acho que eu nunca tinha sido tão rápido no gatilho. Foi só a Mel sair do meu apartamento para que eu seguisse rumo ao banheiro – não dava mais para ignorar aquela ereção. Meu problema precisava ser solucionado com muita urgência, caso contrário eu não ia conseguir dormir. Assim que encontrei o meu próprio alívio e me deitei na cama, percebi que havia uma mensagem de texto, enviada pela Mel, no meu celular.

“Espero que seja normal sentir tanta saudade dos dedos de alguém.”

Obviamente, comecei a rir sozinho. Meu coração se esquentou por causa de uma sensação maravilhosa de paz. Estar com a Mel naquele clima descontraído e apaixonado me fazia um bem enorme. Há muito tempo eu não experimentava a alegria. Achei que eu nunca mais fosse capaz de rir tão abertamente. Mel estava fazendo exatamente o que havia dito que queria fazer comigo.

Decidi responder à mensagem:

“Quando souber, me avise. Pergunte também se é normal sentir saudade de uma mão macia e quente.”

Recebi uma resposta minutos depois:

“Acho que estamos com a mesma doença. Boa noite, meu Luquinhas.”

Eu sabia o nome daquela doença. Sorrindo, voltei a digitar.

“Começa com A e termina com R. Boa noite, minha Mel!”

Deitei a minha cabeça no travesseiro e, pela primeira vez em muito tempo, achei que a minha vida valia a pena, que o dia seguinte seria mais bonito e que eu tinha um motivo muito grande para acordar e ir trabalhar. É impressionante como uma simples escolha, movida por uma cadeia de pensamentos modificados, foi capaz de mudar o meu mundo completamente. A cada segundo que passava mais me sentia um idiota pelo tanto que sofri em vão. Por outro lado, tentei não remoer o passado e me sentir apenas feliz pelo que eu tinha diante de mim: uma nova expectativa. Afinal, se eu não tivesse sofrido tanto, jamais teria mudado de ideia.

Foi muito mais fácil ir à academia logo cedo, ao trabalho mais tarde e depois chegar ao meu apartamento para uma longa tarde de estudos. Mamãe me ligou à noitinha, pedindo para que eu fosse jantar com a família, pois fazia alguns dias que eu não aparecia e todos estavam com saudades. Achei por bem participar daquele jantar. Estava louco para ver a Mel novamente e também sentia saudades do papai e da mamãe. Eu já não tinha

motivos para me manter distante, graças a Deus, portanto foi com um sorriso

no rosto que peguei o elevador rumo ao lar que sempre me pertenceu.

Adorei ver a minha família reunida à mesa, como sempre

acontece nos jantares, bem como sentir o cheiro da comida da mamãe, mas a

presença do David ao lado da Mel me deixou muito nervoso. Ela quase

enlouqueceu quando me viu entrando no apartamento – certamente não

sabia que eu havia sido convidado para o jantar. Fez uma careta tão grande

e desesperada que a minha única opção foi acalmá-la com um olhar

acolhedor. Tentei não me desesperar também. Alguém precisava manter a

calma diante da situação. Eu sabia que a Mel ainda tentava se livrar dele da

forma menos traumática possível, mas não posso negar que me senti

extremamente enciumado.

No início, puxei conversa com todos e ri das coisas que o

David falava, mas, depois de um tempo, simplesmente não consegui fingir

estar animado. Levi e Heloísa, claro, perceberam minha mudança de humor,

e eu acabei culpando os problemas no trabalho. Uma mentira enorme, já que

meu trabalho estava tão tranquilo que me causava tédio. Mel se mostrava

muito preocupada com as minhas reações. Suas pernas chacoalhavam a mesa

e as mãos não sabiam direito onde ficar. Ela realmente não soube disfarçar, chegou até a recolher as mãos quando o David as tocou com suavidade. Forcei o meu próprio corpo a ficar quieto até a última fatia de bolo ser servida pela Heloísa. Quando me levantei, pronto para me despedir e me ver livre daquela sensação horrível, David me pediu uma carona. Pensei em negar, em lhe torcer o pescoço ou em lhe levar para bem longe e abandoná-lo por lá, porém acabei cedendo. Por este motivo, acomodei os pombinhos no meu carro e tratei de encenar o papel de irmão mais velho exemplar. Dirigi com muita paciência até a casa do meu querido cunhado, ignorando os beijos que o David tentava roubar da Mel no banco de trás. Ela lhe negou cada um deles, o que causou muito estranhamento no guri. Já eu, vibrava internamente a cada vez que ela desviava o rosto. Assim que eu estacionei em frente à casa do David – fiz de tudo para chegar o mais rápido possível só para não ter de aguentar aquilo por mais tempo – e o casal desceu para se despedir melhor, vi a Sabrina se aproximar com um olhar feroz, trajando uma camisola comprida e com os cabelos assanhados. Parecia uma maníaca. Resolvi descer do carro também quando ela cruzou a calçada e começou a gritar com o David a plenos pulmões.

–... Eu já disse para você ficar longe dessazinha! – Os olhos da

Sabrina estavam esbugalhados. Nunca vi alguém tão descontrolada. – Onde vocês estavam? Hein? Diga logo, David, ou juro que você vai apanhar na frente dela!

Mel estava tão assustada que deu vários passos para trás, desgrudando-se do namorado. Tomei-a para mim e a abracei de um jeito protetor. Ela não hesitou, depositou a cabeça no meu peito e envolveu os braços na minha cintura. David gaguejou mil desculpas que não convenceram ninguém. Particularmente, fiquei sem ação. Só queria tirar a Mel de perto daquela mulher o mais depressa possível.

– Eu não quero esse namoro! – continuou gritando a Sabrina.

– NÃO QUERO! Não me desobedeça, David. Vamos, já para casa! –

Apontou para o portão de ferro que compunha a entrada da casa modesta onde moravam.

O moleque deu alguns passos na direção dele, mas desistiu no meio do caminho, talvez criando um pouco de coragem para enfrentar a mãe.

– A senhora não pode fazer isso! – Para nossa total surpresa,

David perdeu a cabeça e gritou também. – Eu a amo!

Mel tremeu em meus braços. E eu não sei como senti esse tremor, pois congelei diante da convicção do David. Nunca acreditei que duas pessoas pudessem amar de verdade um mesmo alguém. Um desses

amores precisaria soar falso, e eu acreditei que, naquele caso, o amor falso era o dele. O meu é que não podia ser.

– Argh! – Sabrina berrou tão alto que a luz da casa do vizinho se acendeu no instante seguinte. A rua estava deserta àquela hora, tornando a situação ainda mais bizarra. – Você vai ficar de castigo! Não vai sair de casa até esquecer essa vadia dos infernos!

– Já chega! Veja lá como chama a minha irmã! – P recisei interferir. Sabrina conseguiu me deixar puto de um segundo para o outro. – A senhora está descontrolada, sugiro que dobre a sua língua!

– Cale sua boca, porque isso nada tem a ver contigo! – Sabrina me ofereceu um olhar repleto de ódio e amargura. Fiquei muito assustado, por isso abracei a Mel com mais força. – O filho é meu e ele vai namorar quem eu quiser. Quem pensa que é para sugerir alguma coisa, seu adotadozinho de merda?

Foi muito rápido. A princípio, não deu para entender o que estava acontecendo, foi por isso que, quando dei por mim, quase não acreditei no que os meus olhos viam. Mel simplesmente saiu dos meus braços e agarrou os cabelos da Sabrina com as duas mãos, soltando um grito animalesco de raiva. A mulher começou a gritar e a fazer o mesmo com

ela, até que as duas caíram no chão da calçada, debatendo-se uma contra a

outra. Mel ganhou certa vantagem e berrou alto:

– Não fale assim com o meu irmão, sua louca! Sua desgraçada!

Já basta o que fez com meu pai!

Sabrina não reagiu muito bem à lembrança do ex-marido.

Começou a não somente puxar os cabelos da Mel, mas a lhe dar socos violentíssimos em meio a gritos de ódio. David e eu saímos do transe no mesmo instante. Ele segurou a mãe e eu puxei a Mel com toda força que reuni. Elas estavam com raiva, portanto tinham força em dobro, mas conseguimos separá-las relativamente rápido. Mel ainda se debatia quando a alcancei, bem como a Sabrina.

Vi um filete de sangue sair do nariz da Mel. Olhei a Sabrina, ela estava intacta, exceto pelos cabelos assanhados. Mel não havia batido nela. Segurei o rosto da minha menina com as duas mãos, obrigando-a a parar de gritar e se debater para me olhar. Percebi hematomas horríveis no seu rosto e nos braços. Sabrina havia sido rápida e violenta demais.

– Vamos à delegacia agora mesmo! – berrei. Meus nervos e tudo o que compunha o meu corpo estava disposto a colocar aquela mulher sem-noção atrás das grades pelo que fez com a Mel.

David, que tentava acalmar a mãe sem sucesso, olhou-me com muito medo estampado em seus olhos.

– Não, Lucas, vamos deixar isso para...

– Não, David. Olhe o que ela fez com a Mel? – Apontei. Ela

chorava e sangrava em meus braços, seu corpo tremia em convulsões

horripilantes. David puxou a mãe pela cintura. Sabrina ainda berrava

xingamentos horríveis com relação a mim e a toda minha família. – Sua mãe

não pode fazer e falar o que quer! Vamos resolver isso de outra forma!

Saquei o meu celular, disposto a ligar para um amigo delegado

que trabalhava em uma delegacia no bairro vizinho. No entanto, não foi

necessário concluir a ligação. Uma viatura dobrou a esquina e estacionou

diante de nós. Com certeza algum vizinho já tinha chamado a polícia. O

policial desceu do carro e não ficou nada satisfeito com o que viu.

Depois de algumas explicações, fomos todos parar na

delegacia. Eu estava disposto a fazer a Mel prestar queixa da Sabrina,

levaria aquela situação até o fim. Mel e eu seguimos em meu carro e o David

foi com a Sabrina na viatura. No caminho, liguei para o Levi e para a

Heloísa. Expliquei tudo o que pude pelo telefone, o suficiente para fazê-los

sair de casa o mais depressa possível. Tentei dar algumas coordenadas a

Mel, mas ela ainda chorava insistentemente. Entreguei-lhe alguns lenços

para que cuidasse do nariz, e o sangramento estancou depois de um tempo.

A confusão foi instaurada na delegacia. Como a Mel e a Sabrina não conseguiram abrir a boca para falar sobre o que tinha acontecido, o serviço ficou por conta de mim e do David. Como advogado, minhas palavras foram o bastante para incriminar a Sabrina de forma a quase

lhe darem voz de prisão. Foi por muito pouco. O problema maior foi que o David começou a defender a mãe e, como ele também não era nenhum leigo,

deixou o delegado bem confuso. O modo como ele passou a incriminar a Mel me deixou puto da vida, dizendo que havia sido ela quem tinha atacado primeiro e que a mãe apenas se defendeu.

Como aquele idiota podia dizer amar a minha menina? Depois daquilo, uma pequena guerra de argumentos foi travada entre nós. Por fim, David alegou que a mãe não estava em sã consciência, que sofria de depressão e precisava tomar remédios muito fortes. O delegado caiu na conversa dele e, como a Mel não estava disposta a prestar queixa, acabou nos liberando e deixando por isso mesmo.

Encarei a Mel – furioso com todos, inclusive com ela, por não ter prestado a maldita queixa –, quando o delegado decidiu fazer pouco caso do acontecido. Ela estava muito quieta, com os olhos mirados para o teto da delegacia, alheia a tudo como se não lhe dissesse respeito. David

abraçou a mãe e lhe ajudou a se levantar de uma cadeira de plástico. Ao contrário da Mel, Sabrina parecia bem consciente do que tinha acabado de acontecer, de modo que percebi o resquício de um sorrisinho maldoso. De uma coisa David tinha razão: sua mãe não era mesmo uma pessoa sã.

Levi e Heloísa atravessaram a porta da delegacia como dois malucos. A aflição estampada em seus rostos me deixou ainda mais possesso. Acompanhei o instante exato em que Sabrina percebeu que o Levi estava presente. Eles se olharam por alguns segundos, mas nada disseram um ao outro. A expressão no rosto da mulher se modificou, e então

parecia ainda mais perturbada do que já era.

Heloísa correu ao encontro da Mel e a abraçou forte.

– Ah, filha... O que você fez? – murmurou baixo com a voz de mãe protetora que ela fazia quando aprontávamos alguma. Mel a abraçou com mais força ainda e começou a chorar em seus braços.

Levi ficou indeciso. Por alguns segundos, ele não soube o que fazer. Achei que ele falaria alguma coisa com o delegado, que conversava com um policial em voz baixa, até que me percebeu por perto.

– E então? – Ele não parecia nadinha satisfeito comigo.

– Fomos liberados. Ficou por isso mesmo – rosnei e olhei o delegado com cara feia. Pai apenas suspirou de alívio, abaixando os

ombros.

– Ótimo. – Voltou a encarar a Sabrina. David tentava guiá-la para a saída, mas ela ainda observava o papai com olhos vidrados. – Desculpe-nos por isso, Sabrina. David.

Aquele era o meu pai. Se perdesse a bondade, deixaria de ser ele. Mas não significa que eu concordava. Bufei, indignado, pois não entrava pela minha cabeça pedir desculpas para uma pessoa que, definitivamente, não merecia qualquer tipo de perdão. P assei as mãos pelos cabelos e virei as costas porque não aguentava ver aquela cena medíocre. Não escutei resposta alguma vinda da Sabrina.

– Você perdeu o juízo? – Levi continuou. Achei que ainda estivesse falando com a ex-mulher, finalmente percebendo que ela tinha ficado lelé da cuca. Mas ele tinha se virado na direção da Mel. – Que decepcionante! Você ultrapassou os limites da minha paciência, Mel! Ela nada respondeu, apenas o encarou com lágrimas nos olhos enquanto a mamãe ainda a abraçava.

– Uma das primeiras coisas que te ensinei é que não se deve bater em ninguém, por qualquer motivo que seja! Qual foi a parte disso que você não entendeu? – P rendi os lábios e me remeti ao passado. Uma das primeiras lições que o Levi me deu havia sido aquela também. – Está sendo

impossível lidar contigo, Mel! Não sei o que fazer com você. Está de castigo até eu me decidir. Só para constar: isso pode demorar muito!

Mel soltou um grunhido misturado com um choramingo, mas pareceu aceitar a ideia, visto que nada fez para se defender. Receber uma bronca daquelas do papai era o mesmo que levar uma surra muito bem dada.

Pelo menos era o que eu achava, e olha que ele sequer tinha aumentado o tom de voz. Sendo assim, eu não podia deixar a Mel sozinha naquela situação apavorante, até porque ela só atacou a Sabrina para me defender.

– P ai... – murmurei, porém Levi ergueu uma mão, indicando para que eu nem comesse.

– Dessa vez não vai colar, Lucas. Sua irmã vai compreender a gravidade do que fez e você não vai defendê-la de si mesma.

Ainda tive vontade de rebater, contudo o meu pai caminhou até o delegado, passando pela Sabrina com um pouco de hesitação. Não escutei o que conversaram porque resolvi sair de perto de todo mundo. Tudo ali dentro estava me deixando sufocado, sobretudo o choro audível da Mel. Fui até o meu carro, que estava estacionado na frente da delegacia, e

me debrucei sobre o capô. Ainda estava indignado com o que havia acontecido, e mais puto ainda por não poder fazer absolutamente nada.

Sabrina e David passaram por mim e conseguiram pegar um táxi em menos de dois minutos. Todavia, depois que o David ajudou a mãe a entrar no veículo, trocou algumas palavras com o motorista e seguiu em minha direção. O taxista esperou pelo seu retorno. Deixei o meu corpo ereto, na total defensiva. Não sabia o que fazer com o moleque, só tinha certeza de que não deixaria barato o que ele fez com a Mel.

– Por favor, Lucas, diga a Mel que eu ligarei mais tarde. E que sinto muito pelo que aconteceu.

– Você não sente nada. – Minha cabeça começou a ferver de tanta raiva. – Vá cuidar da sua mãe e nos deixe em paz. É o mínimo que deveria fazer.

– Vou fazer isso mesmo. – David piscou bastante os olhos, fazendo-me perceber sua emoção. Meu escudo defensivo meio que vacilou. Ele estava arrasado. – Não sou imbecil, já percebi que nunca vamos dar certo. Não consigo estar com alguém sem imaginar um bom futuro, e eu não posso dar um bom futuro pra ela, não desse jeito.

Permaneci calado, muito surpreso com o caráter do David.

Jamais imaginaria que ele fosse dizer as mesmas coisas que eu já disse para a

Mel.

– Sempre vou escolher a minha mãe, Lucas. É a *minha mãe*. A única família que eu tenho. Meu pai é um otário que não liga pra mim.

– Deixa pra lá, David. – Ergui os ombros, sem saber como reagir. Por um instante, entendi completamente os motivos de ele ter defendido a Sabrina com tanta veemência. Se ela fosse presa, ele ficaria sozinho.

– Vocês não me enganam – continuou David, sorrindo e com os olhos cheios de lágrimas, tudo ao mesmo tempo. – Achei que era coisa da minha cabeça, mas não.

– O quê?

– Você e a Mel. – Fiquei tão pasmo que meu corpo inteiro travou. – É tão óbvio que ela gosta de você de uma maneira especial. Vejo como vocês se olham. Não consigo imaginar como o Levi ou a Heloísa ainda não notaram.

Comecei a gaguejar, pois me vi encurralado. Não estava pronto para encarar aquele tipo de conversa, muito menos com o David.

– Não sei que... *coisa* é essa que vocês têm. – David coçou a cabeça e riu, mas sem sentir graça. – Sua cara quando falamos sobre incesto,

naquele almoço, mereceu uma foto. Seu ciúme obsessivo, o fato de a Mel não

conseguir tirar os olhos sobre você... De não querer me beijar quando você está por perto, de ficar esperando suas mensagens de texto, as quais ela nunca me deixou ler. Minha nossa, eu conheço a Mel, ela não é de bater em ninguém. Ela atacou a *minha mãe* pra te defender. – Fez uma pausa dramática, que utilizamos para nos encararmos em silêncio. – O problema é que a lei não...

– Cala a boca, David – grunhi, finalmente me recompondo. –

Vá embora antes que eu te coloque pra correr.

– Já pensou em trocar de sobrenome, Lucas? – David deu

alguns passos para trás, mas continuou matraqueando. – Toda adoção é irrevogável, mas talvez dê certo se alguém entrar com um novo pedido de adoção e você alegar os motivos certos para a mudança. Sua mãe biológica pode ajudar com a questão da adoção, creio eu. Mel comentou comigo que ela apareceu para te conhecer. – Alisou o queixo como quem raciocina profundamente. – Com o consentimento de todas as partes envolvidas,

incluindo o Levi e a Heloísa, pode demorar, mas há a chance de surtir efeito. A lei pode...

– Que merda é essa que está falando? – rosnei. Não dava para ficar mais surpreso do que aquilo.

– Você é um frustrado por amar sua própria irmã. – Ele ergueu os ombros e dessa vez sorriu com um pouco de malícia, talvez se divertindo com a minha cara de bocó. – Já tentei sentir ódio, principalmente por ter quase certeza de que já deve ter rolado alguma coisa entre vocês, mas não consigo, Lucas. Sinto pena mesmo. Espero que consiga o que quer. Você é um cara do bem, e eu nunca consegui te superar... Faça a Mel feliz, por favor.

Eu não vou poder fazer isso. E, depois de tudo, eu realmente não quero mais.

David foi se distanciando de vez.

– Ei! – chamei. Ele se virou na minha direção novamente. –

Acha que pode dar certo? Mudar de sobrenome é uma coisa, mudar de parentesco é outra. E eu não tenho certeza se sou capaz de tentar fazer isso...

– Nem sei dizer por que desabafei uma coisa tão séria logo com ele.

– Eu sabia – David murmurou de um jeito muito triste. Soltou um longo suspiro. – Não sei, pode ser que dê. Você que é o advogado

renomado, só sou um estudante. Se achar que vale a pena, tente.

David entrou no táxi e finalmente foi embora, levando a mãe consigo. Meus pensamentos se transformaram em uma nuvem obscura.

Aquele idiota havia mencionado exatamente a mesma ideia que o Serafim, meu amigo juiz, tinha colocado em nossa discussão. Achei uma saída absurda demais desde que tomei conhecimento dela.

Mas, e se desse certo?

Precisava refletir melhor sobre aquilo, até porque eu precisaria de muitos consentimentos, ou seja, teria de contar com as pessoas que provavelmente se chocariam com a situação. Fazê-las não apenas compreenderem, mas também me apoiarem em um processo extremamente cansativo, parecia uma missão impossível.

Como as pessoas que eu amo encarariam a verdade?

Capítulo 25

Fazia um minuto completo que Letícia me olhava com a boca aberta de tão estupefata que estava. Seu quadro clínico havia melhorado consideravelmente, e, embora ainda estivesse no hospital, fiquei muito positivo depois que a vi com o rosto mais corado. Eu estava sentado em uma poltrona confortabilíssima, dentro do quarto que sua família devia estar pagando uma fortuna para que permanecesse, e ela se encontrava à

minha frente, sentada em uma cadeira de rodas, visto que ainda não tinha forças para andar. Letícia estava bem penteada – Maria Alice me avisou que ela tinha raspado os cabelos, pois eles caíram demais com o tratamento, portanto usava uma peruca – e vestida, acho até que alguma de minhas irmãs biológicas lhe passou um pouco de maquiagem.

Era puro egoísmo visitá-la apenas porque precisava dela. Eu tinha plena consciência disso, e cheguei a me arrepender mais do que posso calcular, porém necessitava ir adiante. Em outras condições, preferiria me manter bem distante, apenas recebendo notícias pelo telefone, como vinha fazendo. Mas a Mel valia qualquer esforço. Precisava dar adeus às minhas dores, ao meu passado, ao meu orgulho, aos meus traumas... A tudo o que sou, caso quisesse, de verdade, ter um bom futuro com ela.

– Isso tudo é possível, Lucas? – Letícia soltou um arquejo de excitação. Abriu um sorriso que lhe deixou com o aspecto ainda mais saudável. – É possível te ter de volta? Ter o meu filho de volta?

– É possível... Não sei. – Dei de ombros e, de repente, senti-me o cara mais imbecil do mundo. Pior ainda, um traidor completo. Levi e Heloísa tinham se empenhado tanto em me criar para que, no fim, eu os rejeitasse daquela forma? Meu Deus... O que eu estava fazendo? – Estou só... pensando em tudo. Ou tentando pensar. Só queria saber se a senhora estaria

disposta a fazer isso. Claro, se a senhora não quiser, tudo bem.

Por um instante, esperei uma segunda rejeição vinda daquela mulher.

O sentimento ruim que sempre nutri com relação a ela insistia que eu jamais deveria confiar em quem havia me abandonado com apenas dois anos de idade. Me abandonar com vinte e oito anos não seria esforço algum, ainda mais em uma situação tão atípica quanto aquela.

Letícia voltou a me analisar com surpresa.

– Você me parece tão triste... Está fazendo tudo isso pela Mel, não é?

– Não tive coragem de olhá-la, apenas aquiesci, balançando a cabeça de leve. Senti suas mãos tocarem as minhas. – Lucas... Ter você de volta é o que

mais quero nesse mundo. É um sonho que se realiza. Faz ideia de quantas noites passei sem dormir só imaginando este momento? Quando você tiver tudo o que é seu de direito, acho que finalmente poderei morrer em paz...

– Do que está falando? A senhora não vai morrer, não fale assim. –

Fiquei assustado só de pensar na possibilidade. – E não quero nada seu, apenas preciso viver com quem eu amo, sem medo.

– Ninguém te falou nada? – Letícia fez uma expressão confusa, talvez tanto quanto a minha. – Você não procurou saber?

– O quê?

– Lucas, eu cresci muito na vida depois que te deixei naquele

orfanato. Lutei com todas as minhas forças para te buscar, mas demorei muito... Cheguei tarde. – Suspirou ruidosamente. – Sou dona de uma grande rede de cosméticos, tenho lojas em todo o mundo. Quando eu for embora, e isso não vai demorar, quero que os meus filhos fiquem com tudo que conquistei com tanto esforço, isso inclui você. Sobretudo você. Se eu não tivesse vontade de te buscar, jamais teria chegado tão longe.

Aquilo explicava muita coisa, incluindo o hospital caro. Entretanto, não consegui sentir nada além de pavor.

– Não quero nada seu, Letícia, além de seu nome na minha certidão de nascimento. Nada mais.

Letícia não demonstrou chateação com o que falei – confesso que acabei sendo meio grosseiro –, apenas a mais pura tristeza. Eu estava sendo um imbecil muito egoísta; enquanto ela sonhava com um filho que jamais teria de volta, não importando o que estivesse escrito na minha identidade, eu só pensava em mim mesmo.

Livre minhas mãos das dela e me recostei na poltrona.

– Desculpe-me, eu não quis ser grosso, mas essa é a verdade. Não ligo para o que a senhora tem.

– Eu sei, Lucas. Mas o que eu tenho é seu de direito.

– A Mel é a única coisa que me falta – prossegui, tentando me

explicar para não deixá-la muito triste. – Tenho tudo que quero, menos ela.

Eu trocaria tudo pela Mel. – Senti meu rosto ficar vermelho por ter me exposto com tanta sinceridade.

– O que o Levi e a Heloísa disseram? – Letícia me olhou meio de lado.

– Eles ainda não sabem de nada. – Encarei o chão. – Provavelmente vão me odiar.

Letícia deixou a cadeira de rodas mais próxima e voltou a segurar as minhas mãos.

– Quer que eu tenha uma conversa com eles?

– Não! – Levei uma espécie de susto. – Não, não, jamais. Vou encará-los o quanto antes. Só preciso ter algumas certezas e todas as soluções.

Não vou jogar problemas nas costas deles, quero solucioná-los e só assim expor a situação.

Ela ficou me observando, reflexiva. Não sei explicar, mas senti quase a mesma coisa que sentia quando a Heloísa me olhava. Era como se Letícia também tivesse a capacidade de desvendar a minha alma, e isso não faz sentido algum. Nós mal nos conhecíamos.

– Você está com tanto medo...

– Demais – admiti.

– São tantas preocupações. Não se cobre tanto... – Fiquei calado, até que ela prosseguiu: – Você se tornou um homem incrível, filho... Lucas.

Desculpa – corrigiu-se, pois ela sabia que eu não gostava que me chamasse daquele jeito. Nada comentei, por isso houve outra uma pausa silenciosa. –

É um homem de muito valor. Sinto tanto orgulho! P ode contar comigo. Faço

o que for preciso para te ver feliz com a Mel ou com qualquer outra pessoa.

– A senhora aceita me adotar? – murmurei, meio desconfiado.

– Claro que sim. – Letícia sorriu e fez nossos dedos se entrelaçarem.

Seus olhos exprimiram um amor maternal impressionante. – É claro que eu quero que o meu filho volte a ser meu.

Sua sentença me soou muito errada. Eu ainda não podia acreditar que estava tomando uma decisão tão maluca.

– Levi e Heloísa sempre serão os meus pais, Letícia. Mesmo que eles me odeiem pelo resto da vida por causa do que pretendo fazer.

– Eu sei, meu bem. – Ela se curvou e beijou minhas mãos. – Vai dar tudo certo. Eles te amam e, como eu, querem te ver feliz. Eles podem estranhar e não entenderem no início, mas um dia vão achar a situação bem natural.

– A senhora não acha que é errado? – Ergui uma sobrancelha. – Amar a própria irmã? Ela só tem dezoito anos. Eu me sinto um velho pedófilo

incestuoso, um imoral sem escrúpulos... – Fiz uma pausa porque senti vontade de chorar. Engoli um nó que havia se instalado na minha garganta.

– Esquece. – Levantei-me da poltrona, desvencilhando-me da Letícia.

– Lucas...

– Já passei por tantas coisas e sei o que quero para mim, mas e ela? –

Andei de um lado para o outro. – Mel não teve a chance de viver como uma adolescente comum. Eu sei que vou amá-la para sempre, mas ela pode se arrepender e decidir seguir outros rumos. E então não sei o que farei se a Mel decidir me tirar da vida dela, Letícia.

– Lucas... Escute o que vou te dizer. Toda mulher deseja as mesmas coisas: ser amada, ser bem cuidada, ter alguém que a compreenda e apoia. –

Letícia fez a cadeira de rodas girar e parar na minha direção. Olhou no fundo dos meus olhos. – Ela vai te amar para sempre, só depende de você.

Faça com que ela te ame cada vez mais com o passar dos anos. Não tem como

dar errado. As pessoas se separam porque esse comprometimento acaba, a paixão dá lugar à rotina, ao comodismo. Não desista de conquistá-la mesmo quando estiverem juntos.

Assenti enquanto refletia sobre o que ela tinha acabado de dizer.

Enraizei o conselho no meu coração, pronto para segui-lo à risca. Fiquei emocionando porque, depois de vinte e oito anos, aquele era o primeiro

ensinamento que a minha mãe biológica me proporcionava. Atribuí um valor enorme às suas palavras.

– P reciso ir – falei baixo e andei até ela, dando-lhe um beijo suave na testa. Letícia cheirava a flores do campo, lembrava demais um dos perfumes

florais que a Heloísa usava. – Obrigado. P or tudo. Espero que a senhora melhore e saia daqui o mais depressa possível.

– Estou bem, acredite. O pior já passou. – Letícia sabia que o pior não havia passado coisa nenhuma. As medicações que tomava eram cada vez mais fortes e, mesmo assim, o câncer parecia imune a elas. Todos aguardavam os resultados dos últimos exames com bastante impaciência. –

Vou viver o bastante para te ver feliz, meu filho... Lucas. Você vai ver.

– Vou, sim. A senhora pode me ligar quando quiser, a qualquer hora.

– Abri a porta do quarto, e Maria Alice, que esperava no corredor do hospital, aprumou o corpo. Acho que estava escutando a conversa toda pela fechadura. Eu estava tão desnordeado que sequer fiquei com raiva dela.

– P osso? – Letícia abriu um sorriso de orelha a orelha.

– P ode.

Depois da conversa que tive com a Letícia, empenhei-me em apenas uma coisa: reconquistar a Mel. Ela estava de castigo desde a confusão com a Sabrina – infelizmente, não pude fazer nada quanto a isso, pois Levi se

manteve irreduzível –, há quase duas semanas, e ela disse com todas as letras para que eu a deixasse em paz por um tempo, do contrário ela seria capaz de enlouquecer. Afirmou que precisava pensar e descansar os nervos, alegando que não suportaria nem mesmo outro momento íntimo entre nós. Comecei a negar os convites para jantar na casa dos meus pais por causa disso; queria lhe dar espaço. No entanto, já não me aguentava mais de tanta saudade e não estava disposto a esperar por nem mais um segundo. Tentando fazê-la mudar de ideia, passei a lhe mandar flores, chocolates e livros, todos no anonimato para que nossos pais não desconfiassem. Eu sabia que ela sabia que os presentes eram meus; mandei seus chocolates preferidos, suas flores preferidas e os livros que eu sabia que ela queria ler. Duvido que outra pessoa fosse tão atenciosa assim, até mesmo o David.

Dezembro chegou no fim da segunda semana de distanciamento entre mim e a Mel, e só me dei conta disso quando Levi e Heloísa me chamaram para começarmos os preparativos para o Natal. Sempre nos reuníamos no primeiro dia de dezembro para discutirmos o que fazer com as crianças do orfanato, e também para traçarmos toda a nossa programação. Não pude negar o convite de jeito nenhum. Preferia morrer a deixar de participar da celebração mais especial que fazíamos há anos.

Sendo assim, não pensei duas vezes antes de subir até o andar da minha antiga moradia. Encontrei a família sentada no tapete da sala, em volta da mesinha de centro, como sempre ficava quando fazia planos para o futuro. Mel e eu trocamos um olhar demorado. Ela parecia um pouco abatida, mas estava falante e disposta a dar sua opinião com relação aos presentes que distribuiríamos. Começamos a montagem da árvore de natal, com direito a cantoria de músicas natalinas e chocolate quente servido pela mãe. Eu queria muito um tempo sozinho com a Mel, porém não consegui;

Levi ou Heloísa ficaram na nossa cola o tempo todo.

– P ai, a Vanessa me chamou para sair no sábado – Mel falou quando terminávamos a montagem da árvore. Ela ia me passando alguns enfeites para pendurar, às vezes dando pequenas pausas e me observando de um modo meio estranho. – O senhor deixa?

P apai parou de tentar desenrolar os fios de um pisca-pisca antigo, mas que era o nosso favorito.

– Não. Ainda está de castigo, esqueceu?

– Até quando? – Ela soltou um arquejo irritado e me passou mais um enfeite.

– Até o ano que vem.

– O quê? O senhor não pode fazer isso comigo! Já aprendi a lição,

não vou bater em ninguém nunca mais, mesmo se essa pessoa humilhar a minha família inteira e for uma desgraçada completa!

Levi revirou os olhos.

– Filha, você pode fazer qualquer coisa que quiser. Eu só não estou te deixando sair sozinha, só isso.

– Queremos ter certeza de que a Sabrina não vai te procurar, Mel – Heloísa falou enquanto separava as peças de argila para a montagem do presépio. – Ela pode ser perigosa, não compreende?

– Ela não é perigosa. Só é louca – Mel rebateu.

– Pior ainda! Não sabemos o que esperar de uma pessoa sem juízo.

Está decidido, mocinha. – Levi continuou a desenrolar os fios, dando o assunto por encerrado.

– Por que você não vem me visitar, Mel? – criei coragem para perguntar. Levi me olhou, mas deu de ombros, dando-me sinal verde. Tentei não me sentir culpado. Mel ficou me encarando até que seu rosto inteiro corou. Desviou os olhos logo em seguida e me passou mais um enfeite. –

Podemos adiantar o embrulho dos presentes. Podemos fazer aquela macarronada de que você gosta. Podemos ser amanhã. – Pareci um desesperado

porque simplesmente não pude conter a empolgação.

Meus olhos, de repente, encontraram os da mamãe, e ela estava me

olhando de volta com a sobrancelha levemente erguida.

– Sei não, Lucas – Mel murmurou.

– P odíamos assistir àquele filme – insisti.

– Que filme? – Agora foi a vez dela de erguer uma sobrancelha.

– Nunca fui beijada.

Mel teve um acesso de tosse porque, sem querer, engasgou-se com a própria saliva.

– Que tipo de filme é esse? – mamãe perguntou, ainda bem desconfiada. Não tentei disfarçar, afinal, se Heloísa desconfiasse de alguma coisa, poderia ser mais fácil quando eu, enfim, confessasse a verdade. Ela já estaria preparada, quero dizer, na medida do possível.

– Uma comédia romântica idiota – Mel respondeu assim que se recuperou da tosse. – P odemos assistir, Luquinhas, desde que role um filme de ação depois.

Seu olhar fixo no meu deixou suas segundas intenções em evidência.

Engoli em seco, talvez por entender demais o que ela queria que acontecesse naquele encontro. Ou será que eu estava imaginando coisas?

Só sei que ela piscou um olho de forma cúmplice e esticou o braço para me passar mais um enfeite. Demorei um pouco a pegá-lo, sentindo-me meio desnorteado com as ideias que invadiram a minha cabeça.

– T-Tudo b-bem... – gaguejei. Mel sorriu amplamente.

– Combinado.

P assei o dia seguinte inteiro tentando me manter calmo. Já tinha tomado uma decisão importante: Mel não teria o tipo de filme de ação que ela havia mencionado. Eu não encostaria um dedo sequer nela, só queria conversar sobre o nosso possível futuro. P recisávamos manter a cabeça no lugar, afinal, havia uma decisão muito importante a ser feita. A conversa seria longa e complicada demais.

Fiz a macarronada da Mel com tanta dedicação que me espantei comigo mesmo. P us a mesa na varanda e até acendi algumas velas sobre ela.

Deixei o som preparado para tocar músicas calmas e tomei um banho que durou quase uma hora. Fiz a barba e me perfumei mais do que o normal. Só percebi que na verdade eu estava fazendo exatamente o oposto do que pretendia quando tudo ficou pronto e reparei no meu redor: a varanda à meia luz, em clima romântico, minha cama bem forrada e com lençóis novos,

o perfume de algumas flores que espalhei na sala pairando no ar. Eu estava montando uma armadilha para a Mel inconscientemente. Ou não.

A campainha tocou antes que eu pudesse desfazer o que havia feito em horas de um trabalho árduo. Abri a porta e meu queixo caiu quando vi a

Mel vestida para matar diante de mim. Ela usava uma saia preta curta, uma blusa discretamente decotada e tinha os cabelos armados de maneira muito selvagem. O olhar felino, delineado por uma maquiagem escura, capturou a minha atenção de imediato. Senti uma espécie de comichão terrível. Por incrível que pareça, demorei a perceber que tudo aquilo que crescia dentro de mim com ferocidade nada mais era que puro tesão.

Engoli em seco e fiz um esforço absurdo para permitir sua passagem sem que eu a imprensasse na parede da sala e a beijasse até lhe arrancar aquelas roupas. Cheguei a imaginar toda a cena detalhadamente em um raio de segundo. Mel entrou e, percebendo o clima romântico do apartamento, sorriu amplamente.

Encaramo-nos. Eu ainda estava em estado de puro êxtase. Foi a Mel quem tomou a liberdade de se aproximar. Envolveu os braços no meu pescoço mais rápido que eu pude acompanhar e juntou nossos lábios com precisão. Mel me dominou completamente com sua língua incansável dentro da minha boca. Que saudade daqueles lábios incríveis! Foi ela quem me empurrou até uma parede, intensificando ainda mais o beijo. Afastei-a pela cintura em um segundo de força interior. Voltamos a nos encarar, ofegantes pelo beijo intenso.

– Preciso conversar – falei com a voz embargada.

– Não pode ser depois?

– Depois do quê? – as palavras saíram ainda mais fracas da minha boca.

– Depois disso... – Mel voltou a me agarrar, desta vez pelos cabelos. Sua língua encontrou a minha em um instante, e, juntas, dançaram em um ritmo frenético e absolutamente excitante.

Ela puxou a gola da minha camisa e deu passos para trás, levando-me junto consigo. Não foi um gesto nada gentil. Fui atirado contra o sofá, e no segundo seguinte ela já estava sobre mim, com as pernas torneadas ao meu redor e a boca disposta a me tomar definitivamente. Eu não estava preparado para um ataque tão preciso, mas meus hormônios se regozijaram com a ideia. Foi por isso que a abracei pela cintura e me ergui um pouco, sentando-me no sofá e imprensando seu corpo contra mim. Agarrei-lhe os cabelos e descí minha boca até o seu pescoço. Mel gemeu o meu nome.

Encaixei meu quadril entre suas pernas e continuei lhe beijando a boca, só que desta vez com ainda mais urgência. Mel puxou minha camisa com força, e me vi livre dela em questão de segundos. Arranquei sua blusa logo em seguida. Descí a minha boca, atravessando seu colo e me perdendo em seus seios. Segurei-os com as duas mãos e

comecei a passar minha língua entre eles. Mel se contorceu sobre mim.

– Vou te fazer minha... – soltei um rosnado gutural. – Você vai ser minha hoje, Mel.

– Seja meu... P or favor... Meu primeiro. Meu único. – P arei um pouco para olhar diretamente em seus olhos. Não havia resquício algum de medo neles, apenas um desejo intenso que foi capaz de me deixar ainda mais fora de mim.

Lutando para agir com mais suavidade, passamos a nos despir vagarosamente. Consegui retirar seu sutiã, que me deu acesso livre aos seus seios deliciosos. Mel desabotoou a minha bermuda e, em um gesto ousado, acariciou a minha ereção com mãos inexperientes, porém dispostas a me proporcionar prazer. Ela estava quase colocando a mão por dentro da bermuda quando a campainha tocou.

Soltamos um grunhido de insatisfação. Encostei a minha testa na dela e cerrei os olhos, completamente puto da vida com quem quer que tenha resolvido nos incomodar. A campainha tocou mais uma vez.

– Quem será que é? – Mel perguntou baixinho.

– Não sei, mas quero fingir que não tem ninguém em casa.

– Está maluco? E se for o papai? Ele sabe que estou aqui.

– Assistindo a um filme comigo. O áudio estava alto demais e

não ouvimos. – Sorri com malícia. Ela me devolveu o sorriso. Eu não sei quando, de repente, comecei a gostar de quebrar as regras.

– Lucas? Mel? – ouvimos a voz da Heloísa e a campainha tocando mais uma vez. – Sei que estão aí!

– Droga... – Ergui-me bem rápido e procurei minha camisa pelo chão. – O que será que ela quer?

– Não faço ideia! – Mel deu um salto e tentou achar o sutiã. Eu que o encontrei, estava debaixo da mesa de centro feita de vidro. Ajudei-a a se vestir e lhe arrumei os cabelos antes de ir atender a porta. Mel acendeu algumas luzes e correu até a varanda durante o tempo que usei para deixar minha excitação desaparecer.

Abri a porta e mamãe, antes mesmo de me olhar, observou o interior do meu apartamento.

– Oi, filho. Cadê a Mel?

– Na varanda, vamos jantar daqui a pouquinho. – Escancarei a porta e deixei que ela entrasse. Mamãe passou verdadeiros raios X no ambiente, e então tive certeza: ela sabia. Não sei como ou desde quando, mas Heloísa já sabia de tudo. E eu não fazia a mínima ideia de como agir. Mel surgiu na sala, fingindo curiosidade. Ela era uma ótima atriz.

– O que houve, mãe? – perguntou.

– Nada, só... Hum... Só fiquei curiosa para saber se o Lucas já montou a árvore dele. Onde pretende colocá-la, filhote? – Ela se virou na minha direção, mas seus olhos esbugalhados não me enganaram.

– Aqui no canto. Ainda não montei por pura preguiça.

– P odemos ajudá-lo, não é, Mel? Que tal hoje? – Mamãe se sentou no sofá, exatamente no mesmo lugar em que a Mel e eu estávamos nos amassando. Soltei um grunhido interno. Minha vida era mesmo uma piada sem graça.

– A senhora já jantou? Fiz macarronada. – O convite foi feito só para não ser indelicado. Queria que mamãe negasse e fosse embora de uma vez, de preferência também queria que parasse de nos olhar com espanto.

– Ainda não. Seu pai está preso no trabalho.

– Ainda? – Conferi o relógio na parede da sala e constatei que eram quase nove horas da noite de uma quarta-feira.

– Ainda. Fim de ano é assim mesmo, uma correria.

– Bom... Vou pegar a macarronada. Esperem na varanda, vocês duas. – Sorri amistosamente, mas por dentro eu estava gritando muito alto. Virei-me na direção da cozinha.

– Filho...

– Oi. – Tornei a observar minha mãe.

– Seu zíper está aberto – apontou.

– Ah... – Fechei a maldita bermuda e senti meu rosto inteiro corar, entregando-me. – Obrigado.

Escapei da sala em menos de um milésimo de segundo, tomado pela vergonha absoluta. A situação ficava cada vez mais complicada, e a culpa era toda minha e da incapacidade que eu possuía de resistir à Mel.

Capítulo 26

Vi a Mel se distanciando da pracinha onde o pessoal do Lar

Terezinha de Jesus, que havia sido o meu próprio lar dos dois aos nove anos, sempre armava uma enorme e enfeitada árvore de natal. Levi e Heloísa

estavam sentados em um banco, rememorando o passado. Eles tinham se conhecido naquele encantado pedaço de mundo, e dado vida a uma história de amor que merecia estar em livros e filmes. Eu ficava tão orgulho observando os meus pais juntos, rindo um para o outro. Era impossível não se contagiar pelo clima romântico.

No entanto, daquela vez me aproveitei da distração deles e segui a

Mel. Muita gente circulava ao redor da árvore, e mais pessoas ainda

chegavam para entregar presentes ou para escolher um pedido feito por uma

das crianças da Instituição. A noite prometia ser bem intensa na praça, visto que vendedores de pipoca, churros e algodão-doce aproveitavam a movimentação para instalar suas barracas.

Apesar de termos feito muitas coisas juntos nas últimas semanas – fomos ao teatro, às apresentações de corais, missas, visitamos outro orfanato e mais dois asilos, entregamos lembrancinhas a crianças de uma comunidade próxima... –, Mel e eu não havíamos tido um segundo sequer para conversar. Tudo isso porque os nossos pais, sobretudo a Heloísa, estavam sempre por perto.

Não arrisquei convidá-la a ir ao meu apartamento novamente.

Depois do estranho jantar com a mamãe, que não havia parado de nos analisar minuciosamente a cada segundo, decidi ser um pouco mais cauteloso. O natal estava próximo demais e eu não me via estragando a principal comemoração da família, por este motivo, decidi esperar um pouco

mais e a Mel concordou comigo – até porque ainda não havíamos conversado. Nossa comunicação se deu principalmente através de olhares durante os jantares em família. Nós não podíamos ter uma conversa séria por e-mail, não é? Não que ela tenha me respondido algum. Eu não sabia o que estava acontecendo com a Mel.

Segurei o seu cotovelo antes que conseguisse atravessar a

primeira rua. Mel levou um susto, virando-se na minha direção com os olhos bem abertos.

– Para onde vai?

– Tomar um sorvete... – Apontou para uma sorveteria antiga localizada em frente à praça. – Quer vir comigo?

– Claro.

Ela olhou para os dois lados e me ofereceu uma mão. Peguei-a sem pestanejar e seguimos de mãos dadas até o estabelecimento. Apenas a sua atitude foi capaz de me deixar mais calmo. Apesar do distanciamento, ainda havia algo forte que nos unia; dava para sentir aquilo pairando sobre nossas cabeças. Escolhemos nossos sorvetes e também uma mesa bem afastada para nos sentarmos. O lugar estava razoavelmente movimentado, porém dava para mantermos certa privacidade.

Enquanto esperávamos nossos pedidos ficarem prontos, usamos uma boa parte do tempo para nos encararmos fixamente. Mel não desgrudou seus olhos escuros de mim, parecia refletir profundamente de acordo com o que via. Não encontrei palavras, nem mesmo um bom motivo para quebrar seu momento de reflexão. Aproveitei o instante silencioso para gravar seus traços suaves no fundo do meu coração. Era bom demais apenas olhá-la. Fazia-me bem.

– Obrigada pelas flores... – murmurou depois de longos minutos. – Pelos chocolates, pelos livros... Pelos e-mails. Por tudo. Apenas dei de ombros.

– Você deve estar se perguntando por que não os respondi.

– Tenho muitas perguntas – comentei.

– Eu também. Mas te devo uma explicação. – Mel começou a entrelaçar seus dedos em sinal de nervosismo. – Demorei a lembrar que o David tinha as minhas senhas. Ele andou lendo alguns dos seus e-mails.

– Puta merda, aquele filho de uma... – Cerrei meus punhos.

– Ele foi bem compreensivo, Lucas. Falou umas coisas estranhas por e-mail, mas nada que eu pensei que fosse falar. Troquei a maldita senha, mas fiquei com muito medo. David sabe mexer nessas coisas de computador... Não queria nos expor assim.

– O que ele falou, afinal de contas? – Eu estava bastante irritado.

– Que torcia por nós. Que já sabia de tudo. – Mel prendeu os lábios com força, esperando que eu reagisse mal, contudo apenas permaneci quieto. – Fiquei assustada. Aliás, estou muito assustada até com a minha sombra. Mamãe não sai da minha cola. Ela desconfia de nós, Lucas, e eu não sei o que fazer.

Coloquei um braço sobre a mesa, estendo-lhe uma mão. Mel a pegou. Segurei sua mão com força e sorri, disposto a lhe oferecer um pouco de calma. Ela não sorriu de volta, mas fez o nosso toque ficar mais apertado.

Uma garçonete surgiu com nossos sorvetes elaborados e fomos obrigados a recolher nossas mãos. Ela fingiu estar interessada em seu sundae repleto de chantilly.

– Isso vai ter fim em breve, Mel – proferi com firmeza. Ela voltou a me olhar. – Só preciso saber se você está pronta para dar esse passo.

– Qual passo?

Ponderei por alguns segundos.

– Como ficou a sua história com o... David? – tive medo de perguntar.

– Sério que vamos falar sobre ele? Acabamos definitivamente depois daquele episódio horrível com a Sabrina. Eu não devia ter insistido. Você tinha razão, foi loucura. – Ela soltou um suspiro. – Agora, conte-me de que passo está falando.

– Tenho algumas soluções para o nosso caso, Mel...

– Já disse que não somos um problema! – interrompeu-me com ar de irritação.

– Não somos um problema, mas temos um problema. Negar isso é bobagem. Concorda? – Ela aquiesceu. Achei melhor pegar mais leve. Mel estava visivelmente abalada com a invasão do David e a marcação cerrada da mamãe. – Andei pensando em muitas coisas e tentando encontrar soluções. A primeira coisa, e a mais importante, que eu preciso saber é: você

quer mesmo ficar comigo?

– Ficar... com você? – murmurou a pergunta. Depois, sorriu amplamente. – Ficar de verdade?

– Aham. – Balancei a cabeça. – Não quero em hipótese alguma te pressionar, Mel, mas eu preciso saber se você está disposta a ficar comigo. Não ficar em um sentido genérico, estou falando de ficar pra valer. De ser minha. E de me deixar ser seu.

Mel continuou sorrindo como uma boba. Ofereceu-me as duas mãos, depositando-as sobre a mesa, e eu as segurei com força. Vi uma lágrima brotar de seus olhos, que exprimiam felicidade, embora mesclada com pavor e confusão. A tal lágrima escorreu pelo seu rosto desenhado. O sorriso não foi capaz de desaparecer.

– É o que eu mais quero nesse mundo. Meu Deus, eu não *aguento* mais viver sem você. Não suporto fingir que não te amo. – Sua voz estava tomada pela angústia e desespero. – Cada segundo que passo sem

você é um mártírio.

– Calma, Mel... – Alisei suas mãos com meus polegares.

– Você parece sempre tão calmo. – Ela expirou com força. –

Quería ser assim, queria ser uma mulher segura, inabalável. Até tento, mas, quando penso em nós, só consigo sentir um aperto no meu peito. Só queria que esse sofrimento tivesse fim. – Mais lágrimas saíram de seus olhos enquanto desabafava toda aquela angústia. Sua dor se mostrou nada diferente da minha, o que fez meus olhos marejarem. – Quería não ter medo do que sentimos. Quería que você parasse de pensar no que as pessoas vão achar de nós. Quería ser sincera com nossos pais, que nos abençoassem.

Quería ser sua, Lucas, para sempre. Para sempre...

Apertei suas mãos. Poderia abraçá-la e beijá-la, mas seria a mesma coisa que dar sorte ao azar. Incapaz de falar qualquer coisa sem cair no choro, esperei a Mel se acalmar. Ela pegou alguns guardanapos e enxugou o rosto, respirando fundo para retomar o controle de si mesma. Limitei-me a observar cada gesto seu, sentindo tanto amor quanto meu peito permitia sentir. Não era pouco.

– Eu te amo tanto, Mel... Tanto... – Peguei suas mãos e as beijei. – Vai dar tudo certo. Prometo.

– E se tudo der errado?

– Se tudo der errado, juro que faço dar certo bem longe daqui.

Ela me encarou com surpresa. P udera, até eu me surpreendi com o que falei. De repente, Mel puxou as mãos e aprumou o corpo na cadeira. Olhou para algum ponto além de mim.

– Droga! Mamãe e papai entraram na sorveteria. Ainda não nos viram. Como estou?

– Enxugue mais os seus olhos – falei enquanto deixava minha coluna ereta e fingia tomar o sorvete com muito gosto. Mel usou o guardanapo mais uma vez, porém logo se livrou dele e fingiu tomar seu sundae também.

Se desconfiaram de alguma coisa, nem a mamãe e nem o papai deixaram transparecer. Juntaram-se a nós e fizeram seus pedidos. Ambos estavam muito felizes, como sempre ficavam às vésperas do natal. Não consegui esconder a minha felicidade diante do que a Mel havia dito – por mais que tivéssemos problemas, saber que ela estava disposta a passar por cima deles me emocionava –, por isso engrenamos uma conversa divertidíssima, tornando a noite memorável para todos nós.

Saber que ela também se preocupava com a benção dos nossos pais me fez bem. Não podia suportar a ideia de fazer qualquer coisa sem a aprovação deles. Eu não queria que aquele clima familiar acabasse nunca;

sempre fomos uma família unida e feliz, contávamos um com o outro e confiávamos também. Perder isso seria como perder uma grande parte de mim.

Os últimos dias antes do natal certamente eram os mais especiais. Não havia uma comemoração na cidade em que não estivéssemos presentes. Mel fez questão de participar do coral da igreja, e a apresentação na maior catedral da cidade foi belíssima. Em cada esquina, em cada luz que piscava, em cada canção dava para sentir a paz e tranquilidade que eu só sentia naquela época do ano.

Mel continuou tentando disfarçar durante o tempo que passamos em família, mas o importante era que eu sabia o que se passava em sua cabeça. Eu não tinha mais medo com relação aos seus sentimentos. No entanto, minhas reflexões mudaram um pouco de figura: passei a temer que eu não fosse bom o bastante para ela entre quatro paredes. Pode parecer loucura ou besteira da minha parte, mas não tirava da mente as mil e uma ideias mirabolantes que teimavam em me perturbar.

Talvez porque era cada vez mais difícil olhá-la sem desejá-la.

Meus hormônios estavam em fúria e eu dava graças a Deus por estarmos sempre acompanhados, caso contrário não podia responder por mim.

P assava horas imaginando como seria nossa primeira vez, sobretudo se a Mel iria me querer depois dela. Não que eu fosse tão ruim assim. Aliás, ninguém nunca reclamou. É só que eu sabia que ela era muito sensível e sincera além da conta, por isso a dúvida me corroia. Também pensei que, sendo seu primeiro homem – e, se tudo desse certo, seu único –, Mel nunca teria como me comparar com outro cara. Isso me angustiava. Queria que a Mel tivesse certeza de que estar comigo era uma boa opção.

Foi depois de muita reflexão que resolvi agir. Articulei mil planos, buscando a perfeição de cada detalhe. Em nenhum instante achei que estava sendo precipitado, muito pelo contrário, o atraso estava em evidência no meu relógio interno. A ansiedade e a vontade de acabar logo com aquilo, sabendo que eu jamais seria tão puritano a ponto de esperar mais do que já esperei, também não ajudaram em nada. Enquanto minha família se preparava para o natal, eu me preparava para o momento mais incrível da minha vida e, creio eu, da vida do meu grande amor.

P recisávamos daquela certeza para seguirmos adiante. P elo menos *eu* precisava.

Como em todos os anos, a ceia de natal foi na casa da vovó

Nina. A festa era sempre muito bonita e emocionante, com direito a troca de presentes e uma fartura que me fazia sair de lá com a barriga quase

explodindo de tanto comer. Naquela noite, uma encantadora véspera de natal, decidi fazer diferente: comer menos e beber menos ainda. Queria estar

absolutamente sóbrio.

Andei entre os familiares e encontrei a Mel perto do jardim, segurando uma taça de champanhe.

– Se eu fosse você, não bebia nada alcoólico hoje... – murmurei e retirei a taça de suas mãos.

– Por quê?

– Surpresa. Faz parte do presente que pretendo te dar. –

Pisquei um olho e sorri. Deixei o ar descontraído para que ela não ficasse irritada ou achando que eu queria controlar suas atitudes. Mel ergueu uma sobrancelha e fez cara de quem estava muito curiosa, porém não reclamou ou

arranjou outra taça durante toda a noite.

Passei grande parte da festa bem afastado dela para não

levantar qualquer tipo de suspeita, mesmo que a mamãe parecesse bastante distraída, conversando com os familiares. O meu maior desafio com certeza seria despistá-la naquela noite, entretanto o que eu havia planejado estava acontecendo; constatei ao verificar diversas vezes a sua taça.

Heloísa se entupia de champanhe em todo natal e ficava mais

divertida do que de costume. Depois de voltarmos para casa e passarmos um tempo diante da árvore de natal da nossa sala, ela sempre era a primeira a

se render ao sono. Fiquei maluco quando percebi que todos os meus planos dependiam da indisposição da mamãe. Onde eu estava com a cabeça para não ter pensado em um plano B decente?

Comecei a me desesperar por achar que despistar a Heloísa seria tarefa praticamente impossível. Acho que a Mel notou a minha inquietude repentina, por isso se aproximou timidamente em algum momento da noite. Estávamos no jardim, enfeitado com tantos pisca-piscas que quase me cegavam, e alguns primos distantes conversavam alto e animadamente. Mel olhou para os lados com muita discrição antes de cochichar:

– Que surpresa é essa? Por que você está tão agoniado?

– Relaxa, lindinha.

– Relaxar? Eu já imaginei tantas coisas malucas que você não faz nem ideia.

– O que planejo é bem maluco... – murmurei e a encarei com um pouco mais de demora. Mel ficou confusa, porém abriu um meio-sorriso faceiro.

– Adoro planos malucos.

– Vai gostar deste. Eu acho. Quer dizer, realmente espero que sim...

Mel ainda tentou dizer mais alguma coisa, entretanto o papai se aproximou e nos apresentou a um amigo de infância que brincava com ele

naquela mesma rua muitos anos atrás. Decidi voltar a disfarçar e não me comuniquei de novo com a Mel até a hora de ir para casa. Nós sempre éramos os primeiros a chegar à casa da vovó e saíamos logo após a ceia, visto que o dia de natal era bem movimentado e precisávamos acordar cedo. Todo mundo entendia aquela tradição, já que meus pais não poupavam detalhes da história fantástica que fazia parte da construção da nossa família.

Sendo assim, antes de uma da manhã, já atravessávamos a porta do apartamento dos meus pais. Heloísa correu até o tapete, retirou os sapatos antes de pisar nele e começou a cantarolar uma canção natalina alegre. Às vezes minha mãe parecia uma criança. Eu curtia. E gostava mais ainda porque todos entravam na onda; começamos a acompanhá-la na cantoria e nos juntamos a ela no tapete. Já havíamos trocado presentes na casa da vovó, por isso, como de praxe, depois do momento divertido, Levi sugeriu que fizéssemos uma oração de agradecimento ao Pai Noel, mesmo

que ninguém mais tivesse idade para acreditar nele. Se bem que, lá no fundo, todos nós acreditávamos na força poderosa que havia nos unido para sempre.

Perceber que o momento mais esperado da noite estava se aproximando me fez quase surtar. Vi a Mel enroscar os dedos e ficar cada vez mais impaciente. Heloísa estava demorando demais a dizer que ia dormir. Sabíamos que o papai sempre a acompanhava – eles ficavam especialmente grudados um ao outro naquela época do ano. Ficar sozinho com a Mel era tudo de que eu precisava.

– Acho que já vou dormir... – Heloísa finalmente bocejou e quase gritei involuntariamente. Mel permaneceu estática, tentando esconder o alívio.

– Eu também! Estou cansado... – Levi se levantou do tapete e ajudou a mamãe a se levantar também.

Ela olhou para mim e para Mel e refletiu. P éssimo sinal.

– Não vai dormir, Luquinhas? Amanhã vai ser um dia puxado. – Minha mãe já é uma mulher esperta, desconfiada, então, ficava ainda mais. P ensei rápido e cheguei à conclusão de que não adiantaria ficar. P ara os planos darem certo, a despistada precisava ser completa.

– Sim, vai mesmo! – Ergui-me depressa. – P or um segundo, esqueci

que não moro mais aqui.

– A casa é sua, filho. P ode ficar, se quiser – Papai era mesmo muito inocente.

– Não se preocupe, pai, estou cansado e com sono também – falei e o cumprimentei. Abracei a mamãe e lhe beijei a testa. Mel se levantou do tapete e eu a abracei de um jeito mais fraco, porém a encarei significativamente quando nos afastamos.

Assim que entrei no elevador, saquei o meu celular do bolso e deixei uma mensagem codificada, que me fez rir depois que a enviei, para a Mel:

“A montanha vem até Maomé 30 minutos mais tarde.”

Foi muito difícil esperar aquele tempo passar. Reorganizei o meu apartamento para receber a Mel, visto que já tinha organizado tudo antes de ir para casa da vovó. A única coisa que fiz a mais foi colocar gelo em um balde de aço inoxidável e enfiar um espumante canadense dentro dele. Quase não continha a minha ansiedade, e diversas vezes eu pensei em desistir, porém o meu desejo conseguiu vencer todas as batalhas que a minha razão travava.

Quarenta minutos mais tarde, ouvi pequenas batidas na porta. O ruído causado foi muito discreto, e me encheu de expectativa. Girei a maçaneta com a mesma discrição, quase sem provocar barulho. Congelei

diante de um sorriso amplo e de olhos escuros brilhantes. Mel havia trocado de roupa: usava apenas um short jeans curto e uma blusa branca que deixava a ponta de seus seios em evidência.

Puxei-a pelos cabelos soltos, fechando a porta atrás de nós.

Devagar, juntei nossas testas, nossos narizes e, após sentir seu hálito se misturando ao meu, fiz nossas bocas serem uma só. Meu corpo foi invadido por uma onda quente que me trouxe as melhores sensações do mundo: a de amar e a de ser amado.

Fiz uma força absurda para nos desgrudar. Mel voltou a sorrir e tocou o meu rosto com as duas mãos, observando-me atentamente. Abraçou-me com força no instante seguinte, e correspondi àquele abraço enquanto soltava um suspiro de alívio por finalmente compreender as minúcias daquele forte e incondicional amor. Aos olhos de qualquer pessoa podia ser pecado, uma coisa feia e sem dignidade, mas dentro do meu peito a bondade do sentimento reinava. Nosso amor era respeito, carinho, companheirismo, amizade, uma mistura de boas emoções que construímos ao longo dos anos, baseada na mais pura verdade. Não havia o que temer. Sem nada dizer, levei a Mel até o tapete da minha sala, diante da árvore de natal. Eu havia empurrado os sofás, mudando suas posições, a fim de deixar um espaço amplo para gente. A noite estava agradável e a porta

aberta da varanda ajudava a deixar um vento tímido e fresco correr livremente. Sentamo-nos lado a lado. Mel observou a árvore com encantamento; estava toda enfeitada, e as luzes coloridas se sobressaíam porque não acendi a luz da sala – nem da varanda, nem de qualquer outro cômodo do apartamento. O efeito que as luzes ofereciam ao ambiente era mesmo estimulante.

– Você quer um pouco de espumante? – Apontei para a mesa de centro, que comportava o balde de gelo, duas taças grandes e o controle remoto que ligava o som.

– Achei que eu não pudesse beber esta noite – Mel disse, sorrindo.

– Agora, pode. Só pra relaxar. – Brinquei com seu queixo.

– Então, está ótimo. P reciso mesmo relaxar, estou um poço de nervosismo.

– Mesmo? – Olhei-a com preocupação. Mel parecia tudo, menos nervosa. – P or quê?

– Sempre que estamos juntos, alguma coisa dá errado. É como se alguém lá em cima não quisesse que...

– Ei... Shh... – Coloquei um dedo em seus lábios, interrompendo-a. – Vai dar tudo certo. Confia em mim?

Mel aquiesceu e voltou a sorrir. Devolvi-lhe o sorriso. Ela começou

a beijar o meu dedo, que ainda estava sobre sua boca. Os beijos começaram leves, mas foram se tornando cada vez mais sensuais. Mel segurou minha mão com suavidade e empurrou a ponta do meu dedo entre seus lábios. Meu

juízo simplesmente foi embora diante de uma atitude tão simples, mas tão erótica quanto aquela. Fiquei a observando quase sem me mexer, sentindo sua língua se mover lentamente ao longo do meu dedo. Foi a Mel quem se afastou e corou um pouco quando percebeu o meu estado hipnótico.

Suspirei e achei melhor nos servir do espumante antes que o meu desejo incontrolado decidisse pular todas as etapas planejadas. A garrafa explodiu quando a abri, mas o conteúdo não escorreu para fora do gargalo. Mel bateu palmas de excitação. Servi as taças e, antes de darmos o primeiro gole, fizemos um brinde silencioso. Não havia palavras para traduzir a emoção que vivenciávamos naquela noite mais do que especial. Bebemos boa parte do conteúdo de nossas taças encarando um ao outro.

– Isso está delicioso! – elogiou.

Peguei o controle remoto e finalmente liguei o som. Uma trilha sonora romântica se fez presente, deixando o clima mais suave. Deixei o volume ameno, para que nada atrapalhasse a nossa conversa. Se bem que a minha vontade de conversar diminuía a cada segundo. Já havíamos falado coisas desnecessárias demais.

Quando voltei a observar a Mel, ela estava com os olhos meio assustados e os lábios presos. Sua taça já estava vazia. Enchi-a novamente, meio em dúvida sobre o que fazer ou o que falar.

– Mel... Fiz muitos planos para esta noite. Mas não farei nada que você não queira também. – Ela ia objetar, mas a interrompi. – Não quero te obrigar a nada. Você pode desistir quando quiser. Combinado?

– Aham... – Ela estava com a testa franzida de preocupação. – Só me... tira uma dúvida.

– Claro, meu bem – murmurei com doçura.

– A noite... As luzes... A música... O espumante... – Mel olhou para a própria taça. Notei que seu nervosismo se misturava com resquícios de curiosidade e um pouco de vergonha. – Nós... vamos finalmente fazer amor?

Soltei uma risada curta. Queria rir mais, porém me controlei para que ela não se sentisse ofendida.

– É sério, Lucas. Só queria saber. Odeio essa dúvida. – Ela ainda fitava a taça em suas mãos. Coloquei uma mexa de seu cabelo para trás. – Estou aérea, meio sem conseguir raciocinar. Você me deixa sem ação.

Tirei a taça da mão dela e a deposei na mesa de centro, junto com a minha. Puxei a Mel para o meu colo de uma forma bem íntima. Fiz suas

pernas se abrirem ao meu redor e me inclinei um pouco para trás, apoiando a

coluna no sofá mais próximo. Nossos rostos ficaram na mesma altura, e a analisei durante alguns segundos. Minhas mãos deslizaram pela sua coluna, atijando-a. Ela fechou os olhos e suspirou, entregue à carícia.

– Você quer fazer amor comigo? – murmurei a pergunta com a voz fraca, tomada pelo desejo. Tê-la sobre mim daquele jeito me deixava louco.

Mel voltou a abrir os olhos. Minhas mãos não pararam de acariciá-la.

– Quero. – Sua resposta tão decidida me fez sorrir.

– Eu também. Se é o que queremos, então é o que iremos fazer. Mas, com calma. Sem pressa.

Ela concordou comigo, balançando a cabeça levemente. Inclinou-se um pouco e beijou a minha boca quase em câmera lenta. Foi um beijo tão demorado e preguiçoso que até me surpreendi. Não sabia que a gente podia ter tão pouca pressa nem ser tão natural. Mel fazia movimentos curtos com o

quadril vez ou outra, esfregando nossos corpos tranquilamente. Nem preciso dizer que fiquei completamente excitado, e, pelo modo como bailava

sobre mim, ela sabia muito bem disso.

Em algum momento ela parou de me beijar e colocou sua cabeça sobre

o meu ombro. Meus braços apoiaram seu corpo pequeno com relação ao meu, e assim permanecemos; enroscados, sentindo o coração um do outro bater em um compasso acelerado, mas que se acalmava aos poucos. P assei a

alisar seus cabelos muito cacheados.

– Você está bem? – perguntei aos sussurros.

– Como nunca estive.

– Andei muito preocupado contigo.

– Eu também.

– É horrível não poder acompanhar o que você está fazendo. Queria saber mais da sua vida, como antes – desabafei. – Queria te ver voltando da faculdade, queria ouvir música contigo, assistir a filmes, conversar... Voltar a

saber exatamente o que você pensa.

– Sinto falta das nossas conversas – ela completou, com a voz mansa.

– Você é o meu melhor amigo, talvez o único, Lucas.

– Você sempre foi minha única amiga de verdade.

– Será que as coisas vão mudar? – Mel se ergueu um pouco e me olhou nos olhos. – Depois que... Você sabe. Será que nossa relação vai ficar estranha?

– Claro que não, Mel. Sexo é uma troca íntima muito forte. Vamos nos

tornar ainda mais completos, você vai ver. – Eu realmente esperava estar certo.

– Estou queimando de expectativa... – Deu-me um selinho prolongado. – Mas essa falta de pressa é deliciosa, confesso. Acho que eu explodiria se não fosse assim. Você é tão perfeito comigo! P parece entender tudo o que preciso.

– Faço o possível para entender. – Sorri. – P orque eu te amo.

Mel fez uma expressão envaidecida bem infantil. P assou as mãos pelos meus cabelos e os prendeu atrás, obrigando a minha cabeça a se apoiar no sofá também.

– Eu te amo muito. Cada dia que passa, te amo mais ainda, Lucas. Não para de crescer.

Desta vez, beijamo-nos com ardor. Mel voltou a movimentar seus quadris, só que mais rápido, e quase morri sob ela. Abafamos alguns gemidos com beijos eloquentes. Desviei minha boca e ampliei a área dos beijos que trocávamos; passei por seu queixo, pescoço, orelha, colo.

Apoiei a Mel pela cintura, por baixo da blusa que vestia. Sua pele estava muito quente.

Mel tomou a primeira iniciativa mais concreta – eu estava esperando que ela fizesse aquilo, pois queria respeitar seu momento e suas vontades –,

puxou a barra da minha camisa e me fez sair dela em um segundo. P arou para

observar o meu corpo exposto com olhos desejosos. Eu a olhava da mesma forma. Ergui uma mão e brinquei com a alça fina de sua blusa, passando os dedos lentamente pelo seu decote discreto. Mel fechou os olhos.

Demorei um tempo, que me exigiu muita paciência, apenas a atijando por cima da blusa, afastando as alças e alisando a pele que ia ficando exposta. Emoldurei seus seios com as duas mãos e os movimentei devagar.

Meus dedos escorreram por dentro do tecido e voltaram à tona como se esperasse o instante perfeito para avançar de vez. Mel abriu os olhos e, impaciente, retirou a própria blusa, jogando-a longe. Sorriu e pegou minhas mãos, depositando-as sobre seus seios. Sorri de volta.

– Apressadinha... – murmurei.

– Você me mata de tanto desejo, Lucas. Se me atijar um pouco mais, acho que tenho um troço.

Rimos juntos. Voltei a me concentrar nas suas pontas arrebitadas massageando a palma das minhas mãos. Inclinei-me para frente em um segundo e realizei o desejo dos meus lábios ao trocar as minhas mãos por eles. Mel inclinou a cabeça para trás e agarrou a minha nuca, puxando-me para si. Soltou um gemido capaz de me deixar louco. Deixei minha boca trabalhando com ansiedade enquanto passava os dedos pela sua coluna e

descia mais, explorando por cima de seu short e pela maciez de suas coxas. Mel se arrepiou constantemente. Soltava gemidos ora curtos, ora longos. Meus lábios subiram por seu colo até lhe alcançar a boca novamente. Abracei-a com força, pois queria sentir seu corpo parcialmente nu encostado ao meu. A brisa da noite, de repente, tornou-se insuficiente para deixar o clima da sala fresco. Um calor insuportável tomou conta de mim e, pelo que pude sentir, da Mel também.

Movimentei os meus pés e os usei para retirar meus sapatos. Ela tentava encontrar o fecho do meu cinto, passando as mãos pela minha ereção de um jeito tão firme que me surpreendi. Antes de ela fazer o que pretendia, resolvi controlar a situação para que se sentisse mais confortável e disposta. Não queria envergonhá-la ou constrangê-la, apenas deixá-la tranquila, oferecer-lhe uma primeira vez perfeita. Eu nunca me perdoaria se não desse o meu melhor naquela noite – e em todas as que eu pretendia passar com ela.

Coloquei-a deitada no tapete e pus meu corpo sobre o seu logo em seguida. Passei a explorar seu corpo inteiro com minhas mãos e meus lábios. Mel permaneceu bem receptiva, soltando longos suspiros e gemidos. Seus dedos não largavam o cós da minha calça jeans, ela queria mesmo me ver livre da peça, mas eu a interceptava suavemente e prosseguia

com as carícias.

Em certo momento, Mel cansou de insistir e me empurrou para o lado.

Meu corpo pendeu para o tapete e ela subiu em mim, afoita. Voltou a me beijar e descer suas mãos para me livrar do cinto. Segurei seus braços.

– Não posso te tocar? – ela choramingou.

– Claro que pode... É só que...

– Está com medo? – Deixou a coluna ereta e me olhou com malícia.

– Não. E você?

– Um pouco... – admitiu. – Tenho medo de não ser boa o bastante para você.

– Ei... – Tentei ficar sentado, mas Mel me devolveu para o tapete.

Sorriu e se inclinou, mantendo nossos rostos perto um do outro. Alisei-lhe a coluna. – Você é perfeita pra mim. Não precisa fazer nada que não queira, Mel, falo sério.

– Eu sei.

– Sabe mesmo? Por que insiste em...

– Ah, não é justo! Você conhece o meu corpo como ninguém. – Senti suas mãos descerem de novo. Pararam metade por dentro da minha calça e metade por fora. – Também quero conhecer o seu totalmente. Quero sentir o sabor dele.

Apoiei-me nos cotovelos, fazendo-a se afastar um pouco.

– Vá em frente – murmurei. Tentei ficar calmo, mas por dentro meus hormônios estavam fervilhando. Não conseguia nem imaginar o que a Mel tinha proposto. Por outro lado, não me aguentava de tanta expectativa.

Mel sorriu e finalmente me livrou do cinto. Ela o retirou bem depressa, mas demorou uma eternidade passando a mão pelo zíper e pelo botão da minha calça. Eu já estava quase fazendo igual a como ela fez com a

blusa, tirando tudo de uma vez por todas. A minha situação ficou ainda mais complicada quando ela se inclinou e começou a distribuir beijos molhados na minha barriga, raspando suas unhas na minha pele. A sensação que tive era a de que podia explodir em êxtase a qualquer momento.

Ainda me beijando e atijando, Mel abriu o botão. Mordiscou a pequena parte da cueca que ficou à mostra, fazendo um espasmo delicioso atravessar o meu corpo. Desceu o zíper lentamente. Em um ato maluco e repentino, Mel puxou a minha calça junto com a cueca, jogando tudo pelos ares. Tentei não me sentir muito exposto, porém seu olhar vidrado na minha ereção me deixou meio envergonhado, ao mesmo tempo que me excitou. Ela

me tocou devagar. Abri a boca e contive mais um espasmo.

– Relaxa, meu amor... – sussurrou, acariciando-me com as duas mãos.

Meu coração estava quase saindo pela boca.

– Eu que devia te dizer isso.

Mel riu, mas voltou logo à seriedade. Descobriu cada detalhe de mim com dedos curiosos. Seu toque era tão leve e macio! Às vezes, percebia coragem em seu olhar, mas em outros momentos percebia que estava meio perdida entre as ideias que lhe rodopiavam a mente.

– Ajude-me a te tocar como você gosta – pediu sem me olhar. – Por favor.

– Eu gosto de qualquer jeito, Mel, desde que sejam suas mãos me tocando.

– Lucas... – repreendeu-me. Sorri e depusitei minha cabeça no tapete para deixar meus braços livres. Segurei suas mãos, ajudando-lhe a me tocar mais firme e com mais constância. Um arquejo involuntário atravessou a minha garganta. Mel me encarou, parecendo maravilhada. – Você é tão perfeito... É bom demais te ver assim.

– Assim, como?

– Entregue. Morrendo de desejo. Seus olhos se acendem. Nunca vi nada mais belo. – Mel se inclinou de vez, deitando-se de lado no tapete e terminando com o rosto muito perto de onde nossas mãos trabalhavam. Soltei as minhas mãos e ela continuou o movimento sem perder o ritmo.

De repente, Mel decidiu me conhecer usando sua boca. Soltei um gemido de verdade quando percebi seu hálito quente em mim. Foi aos poucos, timidamente; primeiro, usou apenas a ponta da língua, depois de um tempo incontável saiu esfregando os lábios por toda região, e por fim começou a usar as duas coisas, realmente me abocanhando. O movimento mostrou sua inexperiência, mas quem ligou para isso? Eu estava quase explodindo. Contorci-me, tentando ponderar se era correto assustá-la com meu clímax, mas meu juízo há muito havia ido embora.

– Mel... Pare, meu bem... – Puxei seus cabelos para trás e sua boca me deixou. Foi no tempo exato de eu entrar em um êxtase muito intenso.

Mel me olhou assustada, ainda segurando minha ereção que pulsava e sujava tudo com uma bela quantidade de sêmen, que nada mais era do que todo o desejo que senti por ela e estava acumulado dentro de mim há anos. Poder oferecê-lo, depois de tantas dores, deixou-me emocionado.

– Uau! – Ela riu, bastante curiosa com o que tinha acabado de acontecer. Sentou-se no tapete e observou, atentamente, a mão suja. Cheirou-a. Achei que não fosse fazer aquilo, mas a doida colocou a língua para fora e experimentou o líquido do meu prazer. Acompanhei cada gesto seu enquanto sentia os resquícios do clímax irem embora. – É meio

estranho, mas não é ruim.

– Você não precisa...

– Eu sei – interrompeu-me.

Peguei o pano que cobria o espumante. Limpei a sujeira que estava em mim e na mão da Mel. Ela não tinha deixado aquele sorriso faceiro ir embora. Parecia impressionada, ou melhor, realmente feliz. Peguei nossas taças e a entreguei uma delas. Fizemos outro brinde silencioso, e as deixamos vazias com um só gole. Voltei a deixá-las na mesa de centro. As luzes ainda trabalhavam de um jeito mágico, fazendo a visão da Mel seminua um verdadeiro espetáculo, em plena realização, diante de mim. Puxei-a bruscamente, tornando a deitá-la sobre o tapete. Joguei-me sobre ela sem conter a urgência que eu sentia.

– É a minha vez – rosnei.

Fiz a Mel enlouquecer com carícias que não seguiam qualquer padrão. Usei as pontas dos meus dedos, as minhas mãos, a boca, a língua e até meus dentes. Ela gemia, arranhava-me, puxava meus cabelos. Abri o botão de seu short jeans e desci o zíper com os dentes. Quando ia retirá-lo, ela retesou.

– Espera! – Mexeu em alguma coisa que estava em um dos

bolsos do short. Tirou de lá um pacote de preservativos. – Eu trouxe. –

Encarei-a sem acreditar. – Mamãe me deu assim que soube do David.

– Vou matar a mamãe. P precisava ser tão liberal? – reclamei com um rosnado. Mel riu do meu ciúme.

– Sempre soube que iria usá-los com você, Lucas. Guardei para essa ocasião.

– Vamos usá-los daqui a pouco. – Aquiesci e deixei o pacote por perto. Senti o corpo da Mel tremer de expectativa diante da minha frase.

Ergui suas pernas e retirei seu short, acompanhado da calcinha, com a mesma pressa que ela tinha usado comigo. A diferença foi que não demorei nada para sentir o seu gosto mais uma vez. Entrelacei nossas mãos com força e não fui nada suave nos movimentos da minha língua. Sua boa receptividade me estimulou a prosseguir na mesma velocidade acelerada. Suas pernas tremiam muito, e o ventre se contorcia, agitado. Mel atingiu o clímax uma vez, porém eu precisava que ela relaxasse

mais e, principalmente, que ficasse bastante lubrificada, assim sentiria o mínimo de dor possível. Meu maior objetivo naquela noite era lhe proporcionar uma primeira vez prazerosa, o que era muito raro entre a maioria das mulheres.

Foi por isso que não a larguei mesmo depois do primeiro orgasmo. Mel reclamou e gritou, porém desacelerei e fiz com que se

acalmasse, soltando minhas mãos das suas para passá-las lentamente pelo seu corpo. Ela voltou a relaxar, devagarzinho. Assim que percebi que estava entregue e pronta para mais um êxtase, tornei a aumentar a velocidade. Mel explodiu mais rápido e mais intensamente do que a primeira vez. Acredito que estava ficando mais desinibida, permitindo-se o prazer sem culpa.

Ajoelhei-me no tapete quando seu orgasmo passou, deixando-a do jeito que eu queria: escorregadia, sem inibição e sedenta por mais. Alcancei o pacote de preservativos e o abri. Puxei um deles e abri a embalagem individual com os dentes. Encarei a Mel com seriedade. Ela estava com os lábios presos, o peito ofegante e o olhar amedrontado observando o que eu estava fazendo.

– Você pode parar quando quiser, Mel – alertei, tentando soar tranquilo.

– Não pare.

– Tem certeza? – Agitei minha ereção, que já estava pronta para outra há um tempo. Mel acompanhou o meu movimento.

– Posso fazer isso? – Sentou-se e esticou a mão, sem responder à minha pergunta, mas nem precisava: sua atitude havia me respondido da melhor forma possível. Sorri e lhe entreguei a camisinha.

– Você sabe fazer?

– Fiz isso com uma banana numa aula bizarra de Educação

Sexual.

– Bizarra? Por quê? – Rimos.

– Não sei. Achei tudo pavoroso quando foi explicado. – Mel

mirou o preservativo antes de encaixá-lo em mim com perfeição. Seu toque estava mais preciso do que no começo. – Agora, acho apenas que exageraram.

– Eles sempre exageram.

– Vai doer muito? – Ela me olhou com expectativa, as mãos ainda me segurando por cima do preservativo.

– Vamos com calma. – Segurei seu rosto com as duas mãos. – Vou tentar não te machucar.

– Eu confio em você. Se doer, vai ser bom, porque vai significar que você está em mim. – Dei-lhe um beijo rápido. – Sonho com esse momento há muito tempo...

– Eu também, Mel.

Ela me largou e se deitou no tapete sem tirar os olhos de mim. Abriu as pernas e simplesmente esperou. Fiquei muito tempo assistindo à sua entrega total, à sua confiança em mim, à sua vontade de ser minha e de me

fazer ser seu. A emoção atingiu tal nível que precisei me segurar para não chorar feito um idiota. Ela segurou a minha mão e me puxou; um sinal para que eu não demorasse a nos tornar uma só carne.

Procurei a minha camisa e a coloquei embaixo da Mel, para o caso de ela sangrar. Ela devia saber que aquilo podia acontecer, só esperava que não se desesperasse se as coisas se tornassem um pouco mais difíceis.

Coloquei meu corpo sobre o dela, preocupando-me em não deixá-la sufocada pelo meu peso. Não deixamos de nos encarar nem por um segundo.

– Eu te amo... – sussurrou com a voz embargada, chorosa. Percebi seus olhos se enchendo de lágrimas. Engoli em seco. Nossos corpos se encostaram lá embaixo. Ela fechou os olhos, e uma lágrima escapou. Suguei-

a devagar.

– Eu te amo, Mel. Minha Mel. – Fiz um pequeno esforço e escorreguei só um pouco para dentro dela. Mel apertou os olhos e gemeu. Empurrei com

mais precisão, e seu corpo me rejeitou, reclamando a invasão. – Está doendo?

– Vá em frente. – Ela abriu mais as pernas ao meu redor. Com suavidade, retrocedi e a invadi mais uma vez, indo mais a fundo. Mel gemeu

mais alto e procurou pela minha boca. Beijou-me intensamente, o que me fez

retroceder e invadi-la com mais insistência. Senti seu corpo cedendo ao me receber. Não sei se doeu, mas Mel continuou me beijando com fervor e fazendo o possível para deixar suas pernas bem abertas.

Acelerei um pouco o ritmo. Seu corpo ia cedendo a cada vez que o meu se chocava pacientemente contra ele, até que percebi que já estava inteiro dentro dela. Se a Mel não tinha reclamado até então, provavelmente não reclamaria mais. Seus olhos continuaram fechados e a boca insistia em guerrear com a minha, de modo que simplesmente parei de me preocupar e relaxei de verdade.

A ficha demorou a cair: eu estava possuindo a Mel, o grande amor da minha vida. Seus gemidos soaram como música. A cada investida, meu corpo ficava mais quente, e o dela, mais entregue. Não sabia o nível de sua dor, por isso tive medo de trocar a posição e deixá-la desconfortável.

Acariciei seu corpo, seus cabelos, beijei-lhe o pescoço, mordisquei-lhe os seios e chamei seu nome mais vezes do que posso calcular. Eu estava me esbaldando dentro de seu corpo quente, tomado pela sensação maravilhosa que era pertencê-la. Confesso que cheguei a um instante em que não consegui me controlar e passei a possuí-la sem suavidade.

Em certo momento, olhei para ela e percebi que estava

chorando muito, com os olhos cerrados e a boca emitindo gemidos fantásticos. Desacelerei até quase parar.

– Você está bem? Está doendo muito?

– Não... Sim. Não sei... Lucas... – Ela puxou meu rosto com as duas mãos e me encarou. Nossos hálitos se misturaram. Mel percebeu o meu

desespero. – Doeu um pouco no início, mas agora está bem suportável. Está bom... Tão gostoso!

– Por que está chorando, Mel?

– Porque estamos aqui, assim, depois de tantas coisas...

Porque eu te amo e você é o meu primeiro, como sonhei. – Sorri. – Está sendo mais do que sonhei, na verdade. – Não soube o que falar. Para ser sincero, choraria também se inventasse de abrir a boca, por isso apenas continuei a preenchê-la. – Quero explodir em você, meu amor. É possível? Encarei-a e ajoelhei no tapete. Puxei sua mão e sinalizei para que começasse a se estimular.

– Relaxe, Mel. Quero te ver explodindo em mim.

Deixei o nosso ritmo mais suave, a fim de ajudá-la a se concentrar. Mel fechou os olhos e começou a se contorcer bastante. O movimento de sua mão estava mais rápido do que o de nossos corpos, porém decidi deixar daquele jeito. Demorou longos minutos, mas não me

cansei de assistir ao seu corpo buscando saciedade. Esperei pacientemente pela explosão prometida, que, quando finalmente veio, fez a Mel gemer de forma escandalosa. Senti-la daquele jeito foi incrível.

Coloquei-me sobre ela de novo, intensificando a nossa entrega. Enquanto percebia seu corpo inteiro tremer de prazer, dei boas-vindas ao meu próprio clímax. Fiz questão de encará-la fixamente durante o processo. P arei de me movimentar lentamente, conforme íamos esfriando. Só

então compreendi porque a iluminação, de repente, ficou estranha: estava amanhecendo.

– Lucas... – Mel ainda estava ofegante. E ainda estávamos dentro um do outro. Acho que também se deu conta de que não tínhamos muito tempo, pois falou: – P romete que vamos ter outras noites como essa?

– P rometo – sequer pensei antes de responder.

– Não está arrependido?

– Ficou maluca?

– Você sempre se arrepende. Achei que...

– Mel. – P rendi seu queixo entre meus dedos. – Nunca foi arrependimento. Eu era um covarde que não compreendia o que estava sentindo. Agora, compreendo. Sei o que quero e vou lutar para ter.

Ela me deu um selinho e sorriu.

– Você está pronta pra lutar junto comigo pelo nosso amor? –
perguntei aos sussurros.

Seu sorriso se tornou ainda mais límpido.

– Nasci pronta pra fazer qualquer coisa contigo.

Capítulo 27

O corpo da Mel se arrepiava quando o jato de água morna se juntava às carícias das minhas mãos. Tentamos nos limpar com pressa, pois já tinha amanhecido e o nosso tempo se esvaía sem que nada pudéssemos fazer, contudo foi impossível não desfrutar daquele instante sensacional. Meu corpo pedia mais; eu queria passar o resto do Natal com ela em meus braços, embora soubesse que seria pedir demais. Nossos corpos unidos, as bocas dispostas a jamais se desencostarem, as peles ardendo de desejo, as mãos buscando o reconhecimento... Estar com a Mel debaixo do chuveiro foi incrível.

Cedo demais, enrolamo-nos com toalhas limpas. Mel tentava enxugar os longos cabelos diante do espelho, enquanto eu, por trás dela, massageava os seus ombros. Seu sorriso maravilhoso me fazia sorrir também. Ficar nos olhando através do espelho em um momento tão íntimo me fez um cara feliz e realizado. Não dava para acreditar que nos pertencíamos como nunca. Soava um pouco estranho, porém ao mesmo

tempo era natural. Parecia um sonho que se realizava diante de nós. Eu só tinha que agradecer aos céus pela oportunidade de sentir aquela paz vibrando em meu peito.

– Você está excitado de novo, Luquinhas... – Mel falou de um jeito divertido. Fez um movimento com seus quadris, atijando a minha ereção que se encostava a ela como quem não queria nada.

– Fica tranquila. Não podemos demorar.

– Não vou sair daqui até te deixar plenamente satisfeito. – Ela se virou até ficarmos frente a frente. Segurou a parte do meu corpo que estava em questão e a atijou com uma mão firme, decidida.

– Eu estou bem, Mel. Prometo. – Soltei um arquejo e o meu corpo se contorceu um bocado. Apoiei minhas mãos no móvel do lavabo por trás dela.

– Dá pra ficar melhor... – Mel sorriu com malícia e pegou um pacote individual de preservativo que eu não fazia ideia de como tinha parado no banheiro. Fiquei meio confuso, e só depois cheguei à conclusão de que a maluca devia ter trazido junto consigo quanto tivemos a ideia de tomar um banho juntos.

O fato de ela já ter imaginado que aquilo podia acontecer me deixou fora do ar. Mel me vestiu lentamente, mal conseguindo tirar os olhos dos

meus. Observei cada gesto seu com cuidado, mesclando admiração com total desejo. Eu nunca me cansaria de passar por momentos como aquele com ela. Era bom demais para ser verdade. Às vezes, eu simplesmente queria

me beliscar, só pra conferir se não estava sonhando.

Meus instintos em fervorosa me fizeram livrá-la da toalha que cobria seu corpo. A que ela usava para enxugar o cabelo seguiu o mesmo destino, bem como a que eu estava usando. Segurei a Mel pela cintura e a equilibrei sobre o móvel comprido, depositando-a perto da pia. Alguns objetos pessoais foram arrastados pelo caminho, mas não me importei. Mel soltou um gemido – e eu nem tinha feito nada ainda –, apoiando a cabeça no espelho.

– Você é tão lindo... – ela murmurou, olhando-me fixamente. – Acho que vou morrer se eu não te tiver o tempo todo.

Não a respondi porque não encontrei palavras. Bem que tentei encontrar qualquer coisa que traduzisse o que eu estava sentindo. Eu tinha tantas palavras românticas, tantos elogios e bons adjetivos, mas nada parecia o suficiente para ser dito a Mel. Foi por isso que me concentrei apenas em juntar os nossos corpos. Era o que os seus olhos pediam e pelo que os meus nervos imploravam.

Bem que tentei ser rápido, mas estava tão gostoso que fiz questão de

prolongar um pouco mais a nossa entrega. Ver a Mel se contorcendo, arranhando minhas costas e braços, batendo de leve sua cabeça no espelho a cada choque, acompanhar o seu corpo voltando a suar de encontro ao meu... Cada detalhe foi fixado na minha cabeça para que eu nunca mais ousasse esquecer. Eu sabia que as nossas lembranças íntimas estavam só começando. Meus planos eram duradouros e envolviam todo tipo de situação em que a Mel estivesse em meus braços.

Depois de atingirmos nossos êxtases, tivemos que tomar outro banho. Aquele foi bem mais rápido, corrido mesmo, pois finalmente nos demos conta de que era perigoso demais deixar o tempo passar. A sala já estava toda iluminada pelos raios solares, fazendo o brilho dos piscapiscas perder a graça. Mel vestiu as roupas com o olhar demonstrando nervosismo. Eu também estava nervoso, só não podia admitir em voz alta – não queria assustá-la depois de um momento tão importante para nós dois. Ainda não acreditava que havíamos mesmo feito amor no tapete da minha sala e depois no meu banheiro.

– Vou contigo no elevador, te levo lá em cima e depois volto no mesmo pé – comentei enquanto vestia uma bermuda limpa.

– Não precisa. É melhor que fique.

– Mas...

– Se alguém estiver acordado, é melhor que eu esteja sozinha. – Ela estava se referindo, principalmente, aos nossos pais. – Que horas são? Conferi o relógio de pilha que estava em cima de um móvel da sala, ao lado da TV.

– Cinco e sete da manhã. – Mel suspirou com a minha resposta.

– Acho que ninguém notou minha ausência. Não vamos nos preocupar.

– Não se esqueça de me mandar uma mensagem.

– P ode deixar.

Caminhamos até a porta, um pouco temerosos com o maldito depois que sempre ameaçava qualquer momento grandioso que passássemos juntos. Ficamos frente a frente. Segurei-lhe o queixo com ternura, e Mel sorriu de leve ao me olhar com a expressão meio envergonhada. Juntei nossos lábios e os deixamos grudados por alguns instantes.

– Tenta descansar um pouquinho... – murmurei. – Você está bem?

– Estou ótima... Foi incrível, Luquinhas. Foi mágico! Estou me sentindo tão diferente. É uma coisa boa. Obrigada! – P ercebi seu rosto corando, creio que porque ela estava recordando o que fizemos.

– Não agradeça por isso. Você não faz ideia de como me fez feliz esta noite. Também me sinto diferente no melhor sentido que houver.

– Quero te fazer mais feliz ainda. Para sempre. Como nos contos de fadas. Sei que nem tudo serão flores, mas...

Mel parou e encarou o chão.

– Vamos conversar sobre isso assim que tivermos mais tempo.

– Dei-lhe mais um beijo, porém aquele foi bem breve. Abri a porta do meu apartamento. – Temos muito que conversar, preciso te contar sobre os meus planos. Mas vamos deixar as festas de fim de ano passar. É melhor, não é?

Fica difícil pensar direito, e também não vamos conseguir fazer nada mesmo

antes do ano novo.

Mel aquiesceu e se afastou devagar. Chamou o elevador e só então olhou para trás. Eu ainda a observava como um bobo apaixonado, apoiando minha cabeça na lateral da porta do apartamento.

– Quero te fazer feliz também, Mel – falei suavemente. – Para sempre, como nos contos de fadas, e foda-se se eles não são reais. O que eu sinto, é.

Ela abriu um amplo sorriso.

– Você falou um palavrão?

– Acho que sim. – Começamos a rir.

O elevador chegou e a Mel foi embora, levando consigo toda a minha paz. Eu estava ansioso para saber se ela chegaria bem em casa, sem maiores problemas. Também não parava de pensar na nossa primeira vez. De um modo geral, meu corpo estava agradecido, embora cansado, e o sorriso bobo se manteve constante mesmo depois que depus minha cabeça no travesseiro. Não teria tanto tempo assim para dormir, mas poderia tirar um cochilo, já que combinei com meus pais de nos encontrarmos às oito e meia da manhã, na garagem do prédio.

Meu celular tocou alguns minutos depois. Era uma mensagem da Mel:

“A barra estava limpa. Será que dá pra voltar? Eu quero mais...”

Aliviado, continuei sorrindo feito um idiota. Digitei uma mensagem:

“Vamos ter muito mais. Agora, descanse. Amo você.”

Mel me respondeu quase no mesmo instante:

“Amo você.”

Bem que tentei, mas não consegui pregar o olho. Sentia muito cansaço, mas os pensamentos não me largaram e, em vez de me render ao sono, rendi-me aos tantos pensamentos. As horas passaram de um jeito que

eu nem senti. Meu despertador tocou e precisei começar a me arrumar. Tomei

muito café para me manter desperto, mas a primeira coisa que a mamãe disse,

quando me viu na garagem, foi o que eu menos queria que dissesse:

– Bom dia, filho! Parece cansado, não dormiu bem? – Não

adiantava, Heloísa me conhecia mais do que qualquer outra pessoa.

Dei-lhe um beijo na testa.

– Bom dia, mãe. Mais ou menos. Cadê todo mundo? – Olhei ao

redor e na direção dos nossos carros. Não consegui ver o papai ou a Mel.

– Seu pai foi pegar a chave do carro, ele esqueceu. Acho que

está ficando velho. – Soltou uma risada animada, que acompanhei. – Mel

deu trabalho para acordar. Deve estar terminando de se arrumar ainda.

Coitada da Mel, devia estar um caco também. E o dia só estava

começando.

Depois de alguns minutos, ela e o papai desceram juntos.

Tentei soar natural, mas a minha menina estava muito linda, vestindo jeans

simples e uma camiseta mais simples ainda. Ela não precisava de nada para

ficar absolutamente perfeita aos meus olhos. Acho que sabia muito bem

disso, pois sorriu com um pouco de malícia quando percebeu que eu não

consegui, por alguns instantes, desviar meus olhos dela. Se a mamãe não

estivesse por perto, acho que eu a olharia para sempre.

Decidimos seguir no carro do Levi mesmo, todos juntos.

Nossa primeira parada era a mesma em todas as manhãs de natal: o clube onde Levi e Heloísa me levaram no nosso primeiro encontro. Era certo que jogaríamos futebol, tomaríamos banho de piscina e, como crianças, participaríamos de qualquer atividade que o clube estivesse oferecendo. Não importava a idade que a gente tivesse, nosso natal seria sempre uma volta à infância, às lembranças dos nossos sonhos que se realizaram, ao início da nossa família feliz.

Eu não podia mesmo pedir para ter mais nada na minha vida.

As recordações do natal anterior, o único que passei sozinho, perdido, sem direcionamento, só fez com que eu me sentisse mais grato por ter dado a volta por cima e finalmente ter me livrado da culpa. Sem querer, troquei olhares e mais olhares com a Mel; era cada vez mais óbvia a atração que nos

mantinha alegres, dispostos a nos divertir, com expectativas renovadas.

Mel estava particularmente animada, rindo à toa. Foi impossível não me contagiar.

Mamãe desconfiou da nossa sintonia, até porque não

conseguimos nos desgrudar e eu simplesmente não consegui disfarçar a alegria que era estar com a Mel. Embora não trocássemos carícias,

conversamos muito e participamos dos jogos sem reclamar – como geralmente a Mel costumava fazer, já que ela não gostava muito de qualquer exercício físico. Eu a acompanhei em cada jogo, formamos duplas em diversas atividades e permanecemos unidos como nunca.

Perito da hora do almoço, Mel foi ao banheiro e o Levi também, deixando-me sozinho com a Heloísa. Estávamos sentados a uma mesa diante da piscina. Muita gente circulava por ali, divertindo-se. Havia muitas crianças brincando dentro da piscina, e fora dela também. Eu sabia que em algum momento Heloísa ia comentar alguma coisa, só não fazia ideia que ela pudesse ser tão direta. A surpresa acabou me atingindo do mesmo jeito.

– Lucas... O que está acontecendo entre você e a Mel?

Abri a boca e olhei ao redor, desconcertado. O que eu podia dizer? “ Ah, mãe, estamos apaixonados há anos e consumamos nosso amor nesta madrugada”? Ela provavelmente ligaria para o hospício a fim de nos internar, na melhor das hipóteses. Mamãe tinha me pego totalmente de surpresa, de modo que não consegui fazer outra coisa além de desconversar.

– Como assim?

– Vocês estão... diferentes. P arecem muito íntimos. – Heloísa

fez um esforço absurdo para escolher bem as palavras, deu para notar.

– Nós somos muito íntimos. Sempre fomos. – Meus dedos começaram a tremer. Eu não queria mentir para mamãe, mas também não estava pronto para lhe dizer a verdade. Omitir podia ser uma boa saída, ou não. Eu ainda estava preso na dúvida.

– Ela mudou muito depressa. Achei que você não fosse conseguir modificá-la, mas a Mel agora é outra pessoa. Voltou a ser a menina dócil que era, só que em uma versão muito mais madura.

Mamãe sorriu e ficou me olhando. Depois, deixou o sorriso morrer. Sua preocupação se tornou muito evidente, de maneira tal que quase morri de desespero. Ela suspirou fundo e continuou fazendo aquela mágica louca, que só podia ser uma espécie de bruxaria materna, com o olhar.

– Eu disse que ia conseguir, não disse? – murmurei, sem jeito.

– Sim. – Heloísa sorriu de novo, mas ainda estava bastante preocupada. – Só fico impressionada com o modo como vocês agem quando estão juntos.

Nada respondi. Fingi estar distraído com as crianças que brincavam na piscina infantil.

– Venho observando os dois e... Sei lá. – Heloísa se curvou

para frente, aproximando-se um mais pouco de mim. – Lucas... Sobre...
Sobre

aquela pessoa que você me disse que precisava esquecer...

– O que tem ela? – Continuei sem olhar para a minha mãe, mas
tinha noção de que meu rosto corado estava me revelando.

Ela sabia demais. Havia juntado todas as informações, todas as
evidências, e tirado suas conclusões. Mamãe só estava buscando a minha
sinceridade, o meu desabafo, coisa que eu me via incapaz de lhe oferecer,
por isso, além de envergonhado, comecei a sentir raiva de mim mesmo. Eu
não estava conseguindo encontrar as palavras certas dentro de mim. P oxa
vida, era natal. Não queria mamãe tão preocupada ou chateada em uma data
tão importante.

– É a Mel? – Heloísa perguntou decididamente.

Minhas veias congelaram. Finalmente encarei a mamãe.

– O quê?

– Só me diga se é ela, filho.

P isquei bastante os meus olhos. Estava diante da hora da
verdade, mas não ter feito planos para aquele instante me deixou perdido.
Na minha cabeça, eu contaria toda a verdade depois de uma preparação
psicológica muito grande, com a presença da Mel e com toda a situação já
resolvida. Não me sentia preparado para o interrogatório da Heloísa, ainda

mais em um dia que era para ser apenas feliz.

– Por que a senhora acha isso?

– Porque... – Ela refletiu um pouco. Notei seus olhos marejando conforme pensava sobre o assunto. – Vocês são os meus filhos. Eu os conheço. O meu peito... Ele aperta, sabe? – Heloísa juntou as duas mãos sobre o seu coração. Depois as largou na mesa. – É uma sensação muito forte.

– Mãe... – Peguei suas mãos para mim e tomei uma decisão importante. Era óbvio que nem eu e nem ela estávamos preparados para a notícia. Sua confusão, desespero e angústia estavam visíveis demais. Ela precisava de um pouco mais de tempo. – Eu nunca faria mal algum a Mel. Fique tranquila. Não sei no que a senhora está pensando, mas somos irmãos. Nós nos amamos, só isso.

Prendi os lábios e recapitulei minhas palavras. Eu não havia dito nenhuma mentira. Heloísa aquiesceu e soltou um longo suspiro, que julguei ser de alívio.

– Você sabe que pode me dizer qualquer coisa, não sabe, filho?

Balancei a cabeça afirmativamente.

– Qualquer coisa que eu tiver para te dizer, mãe, eu vou dizer na hora certa. Confia em mim, por favor.

Ela me encarou com os olhos arregalados. O que eu disse acabou me revelando, pelo menos em parte. Heloísa se recostou na cadeira e entreabriu os lábios. Eu não soube o que fazer, por isso voltei a fingir estar distraído com a brincadeira das crianças na piscina.

Dei graças a Deus quando o Levi chegou e a abraçou por trás, interrompendo aquela conversa esquisita. Mel veio logo em seguida, e estranhou de cara a minha expressão preocupada, porém não comentou nada a respeito.

Eu sabia que tinha acabado de cometer um grande erro.

Capítulo 28

Durante o almoço, não consegui ficar de outra forma que não fosse muito pensativo. Minha distração só aumentou a ansiedade da Heloísa e a angústia da Mel. Eu não pude fazer nada para aliviar o clima esquisito; Levi falava sem pausas para uma plateia silenciosa e distraída. Nunca fizemos uma refeição de natal tão estranha quanto aquela.

– O que vocês têm? – Levi, depois de um longo monólogo, finalmente perguntou. Encarou-nos individualmente. Mel deu de ombros.

– Nada, amor – Heloísa defendeu, mas ela não sabia mentir para o papai, portanto sua voz soou patética.

– Olha a cara de vocês! Está acontecendo alguma coisa que eu não sei?

Mamãe me olhou, como que esperando que eu respondesse.

Acho que ela queria que eu fosse sincero naquele instante, dando-me uma nova oportunidade para desabafar as verdades sobre mim e a Mel. Mas eu ainda não estava pronto. Era desesperadora a ideia de fazer aquelas revelações em pleno almoço de natal.

– Quero visitar alguém que está no hospital – soltei em um murmúrio, desviando o assunto.

Todos me olharam com surpresa, inclusive a Mel.

– Quem? – Levi perguntou, curioso.

– Letícia – falei sem olhar para ninguém. Havia me lembrado dela durante todo o tempo, mas estava esperando a vontade de visitá-la passar. Se não acontecesse, pretendia ir ao hospital sozinho, sem envolver meus pais naquilo, como eu vinha fazendo. – Ela não está muito bem.

– Como sabe disso, filho? – mamãe questionou com preocupação.

– Faz um tempo que eu sei. Mantenho contato frequente com uma das minhas irmãs biológicas, a Maria Alice.

– Por que não nos disse antes? – Meu pai ficava irritado

quando era o último a saber de alguma coisa.

– Eu não queria que soubessem.

– Por quê, campeão?

– Porque... Porque não queria deixá-los preocupados. E

porque não me acostumei com a ideia. É muito estranho.

Meus pais se encararam em silêncio. Mamãe segurou minha

mão, e me senti perdido, desorientado. Mesmo praticamente sabendo de

tudo, ela ainda me apoiava daquele jeito? Eu não imaginava o tamanho do amor que a minha mãe sentia por mim até vivenciar aquele simples gesto.

– Vamos visitá-la, filho. Não é, Levi?

– Sim, nós vamos assim que acabarmos aqui. E nunca nos

poupe, Lucas. Você é nosso filho, queremos saber tudo o que te perturba.

Quando vai aprender isso? – Sorri, emocionado, porém logo em seguida a culpa completa me atingiu e me senti triste.

Depois do almoço, deixamos o clube imediatamente. Foi com

um sentimento de desolação que guiei a minha verdadeira família pelos

corredores do hospital. Meus pais estavam visivelmente admirados com o

luxo do ambiente. A tristeza deu lugar à preocupação quando me lembrei de

que a família da Letícia achava que a Mel era a minha namorada. Comecei a

entrar em pânico.

Encontrei somente o Lucas, meu irmão mais novo, em uma sala perto do quarto em que a Letícia ficava. Meus pais o olharam com admiração, talvez porque o moleque parecesse um pouco comigo quando eu era mais novo. Depois de apresentá-lo a todo mundo – apresentei a Mel novamente, como se eles nunca tivessem se visto antes, porém sem intitulá-la –, Lucas nos alertou:

– Meu pai e as meninas foram na casa de uma tia. Disseram que voltariam depressa. Eu não quis deixar a mamãe, mas ela fica triste quando sabe que eu não faço outra coisa além de ficar aqui. Não digam a ela que fiquei, por favor.

– Tudo bem, não vamos dizer nada. – P apai chacoalhou os cabelos dele como costumava fazer comigo, fazendo-me sentir uma espécie de ciúme infantil nada a ver. – P odemos vê-la?

– Só pode entrar de dois em dois.

Escolhi entrar primeiro com a Mel, até porque precisava falar com a Letícia antes que ela visse os meus pais. Não queria que contasse, sem querer, alguma coisa sobre mim e a Mel. Eu estava ficando apavorado com aquela visita. Eram muitas emoções diferentes para dar conta.

O que vi quando entramos no quarto me deixou ainda mais

louco. Letícia estava sem a sua peruca, mais magra do que da última vez que

a vi e com uma aparência cansada. Tive reais vontades de chorar só de vê-la daquele jeito. No entanto, ela sorriu alegremente quando nos viu e esticou as mãos ossudas na nossa direção. Peguei uma delas e a Mel pegou a outra.

– Que bom que vieram... – falou baixo, com a voz cansada. –

Vocês são tão lindos juntos!

Mel olhou para mim, um pouco confusa.

– Letícia sabe de tudo – expliquei.

– Você não contou o nosso plano para ela? – Letícia perguntou sem deixar de sorrir por um só instante. Seu estado debilitado me assustava a cada segundo que passava.

– Ainda não.

– Que plano? – questionou Mel, ainda com as mãos envolvendo a mão frágil da Letícia. Suspirei fundo antes de começar a explicar.

– P ode haver um modo legal de ficarmos juntos, Mel.

P recisamos não ser mais irmãos no papel.

– É impossível... – Mel nos analisou, admirada e assustada.

– Achamos que fosse, mas podemos mudar isso se... Se eu abrir mão da adoção do Levi e da Heloísa e se... outra pessoa resolvesse me adotar, como numa espécie de transferência.

– Outra... pessoa?

Letícia sorriu amplamente, intensificando a profundidade de suas olheiras.

– Sim, eu – sussurrou. – Faço questão de ajudá-los e de ter o meu filho de volta.

O queixo da Mel caiu. Ela ficou tão impressionada que passou um longo tempo observando a Letícia, com a boca semi-aberta e os olhos arregalados.

– O julgamento será longo e complicado, mas é uma esperança.

P ode dar certo – completei enquanto a Mel ainda se mantinha atônita.

P ercebi quando lágrimas ameaçaram sair de seus olhos escuros. Devagar, ela soltou as mãos da Letícia e se afastou. Deu as costas e cruzou os braços para frente.

– Não podemos demorar muito – expliquei à Letícia e tentei ignorar a reação esquisita da Mel. – Meus pais estão aí. Querem te ver. Eles ainda não sabem.

– Quando vai lhes contar tudo, Lucas? Eles precisam saber.

– Eu sei. Não vai demorar.

– Vocês vão ser muito felizes. Cuide bem do meu filho, Mel, ele

é um homem muito especial. – Letícia observou além de mim e virei a cabeça

para ver a Mel. Ela se virou devagar, tomada pela perturbação. Eu não fazia ideia do que se passava em sua mente. – Estou contente com a visita...

Obrigada... Feliz Natal.

– Feliz Natal, mãe.

Não percebi o que tinha acabado de dizer até Letícia fixar seu olhar sofrido em mim e começar a chorar silenciosamente. Apertou minhas mãos entre as suas e mesclou suas lágrimas com sorrisos amplos, emocionados. Senti-me sem chão, perdido entre um turbilhão de sentimentos contraditórios. Pendi meus lábios, sem saber se me arrependia de tê-la chamado de mãe ou não. Parecia uma traição, mas ao mesmo tempo soava natural. Minha cabeça simplesmente travou.

Dei-lhe um beijo na testa e, incapaz de permanecer naquele

quarto, me retirei. Mel surgiu um minuto mais tarde, com lágrimas molhando

todo o rosto. Abraçamo-nos sem nada dizer. Só depois buscamos fôlego para chamar nossos pais na sala de visitas. Eles demoraram mais do que nós dentro do quarto da Letícia. Fiquei morrendo de angústia, achando que Letícia havia contado alguma coisa, mas, quando saíram de lá, Levi e Heloísa estavam tranquilos, embora preocupados com o quadro clínico da minha mãe biológica.

– Ela não me parece muito bem – comentava mamãe a caminho do Lar Terezinha de Jesus. Chegava a hora da entrega dos presentes e da visita do Papai Noel, que sempre trazia alegria para as crianças. Nós éramos voluntários que ajudavam na organização da festa há muitos anos. – Fiquei com vergonha de perguntar o que ela tinha.

Fomos embora sem que o restante da minha família biológica chegasse. Levi queria esperá-los, mas a hora estava avançada e nos atrasaríamos muito se esperássemos mais. Achei melhor assim.

– É um tipo de câncer que atinge os ossos. É só isso que sei, não me aprofundei – respondi sem emoção.

O carro ficou em silêncio por alguns instantes.

– Temos que ser gratos pela nossa saúde – papai comentou só para quebrar o silêncio perturbador, enquanto dirigia sempre com muita prudência.

– Espero que ela fique bem – murmurou Mel tão baixo que acho que só eu, que estava ao seu lado no banco carona, escutei.

– Espero que sim – murmurei de volta. Tentei não pensar no pior, caso contrário eu podia enlouquecer.

De um modo geral, as crianças do Lar sempre me faziam esquecer os meus problemas, e naquele ano não foi diferente. Quando eu

cruzava aqueles portões, era como se me transformasse. Ficava disposto a levar alegria e um pouco de conforto aos pequenos que passavam pela mesma situação que passei na infância. P articipei de todas as atividades que envolviam brincadeiras junto com a Mel. Levi e Heloísa gostavam de ajudar na preparação e distribuição dos lanches, por isso ficamos afastados até a hora da entrega dos presentes, quando nos reunimos para observar, juntos, a alegria das crianças.

– Você tinha um medo enorme do P apai Noel, campeão.

– Todo natal o senhor não me deixa esquecer isso, hein, pai? –

Heloísa e Mel riram.

– Sempre vou te lembrar! – Levi riu também.

Nossas esperanças eram renovadas a cada sorriso infantil que víamos diante de nós. Era o momento mais esperado do natal, sem dúvida.

P ercebi que meus pais estavam abraçados e simplesmente abracei a Mel. Ela

ficou um pouco aflita, mas depois foi relaxando em meus braços.

– O que está fazendo? – sussurrou.

– Acostume-se. Vai ser assim daqui pra frente.

P ercebi seu sorriso, mas ele foi morrendo devagar.

– P recisamos conversar, Lucas.

– Tudo bem – respondi com calma, mas comecei a sentir uma

ponta de angústia. Mel havia soado mais séria do que o normal.

O nosso dia em família teve fim depois que o P apai Noel foi

embora e os funcionários do orfanato recolheram as crianças. Levi e Heloísa

queriam visitar um amigo em comum, mas a Mel informou que não queria ir

por estar muito cansada. Aleguei estar cansado também para ver se colava.

Achei que Heloísa impediria que fôssemos deixados em casa sozinhos,

contudo ela não questionou depois que o Levi falou que nos deixaria na

portaria do nosso prédio. Era a oportunidade que ganhamos para

finalmente conversamos em paz.

P egamos o elevador juntos e, embora estivéssemos sozinhos,

não nos tocamos.

– Vamos parar no seu andar? – Mel perguntou. Fiz uma

expressão de malícia, mas ela estava séria demais e acabou me deixando

ainda mais preocupado. Meu juízo retornou.

– Melhor no seu. P apai e mamãe não devem demorar.

– Certo. P ode ser lá.

– O quê pode ser lá?

– A nossa conversa.

– Por que tanta seriedade? – questionei de uma vez. Do nada,

uma ideia desoladora invadiu a minha mente. Meu coração se apertou dentro do meu peito, e fiquei sem ar. – Você... quer desistir, é isso? Quer terminar tudo entre nós?

Mel ficou calada. Desviou os olhos de mim. Meu mundo inteiro desabou naquele instante. Encostei minha cabeça no elevador e esperei o andar dos nossos pais chegar. Estava tão destroçado que nem acreditava que podia ser verdade, por isso me limitei a respirar e sobreviver até a Mel finalmente me dar um pé na bunda. Não ousei olhá-la e nem comentar sobre mais nada. Entrei em um estado de torpor em que nem as reflexões eram bem-vindas.

Atravessamos as portas do elevador ainda em silêncio. Mel abriu a porta do apartamento e eu esperei do lado de fora. Queria que ela fechasse a porta de uma vez e me deixasse sozinho, seria menos doloroso que uma despedida. Eu não questionaria seus motivos, pois ela tinha vários deles. Eu só ficaria do jeito que estava: destruído. Isso me bastava.

– Não vai entrar? – Balancei a cabeça negativamente. – Mas precisamos conversar, Lucas.

– Se vai me deixar, apenas deixe. Não diga nada.

– Não. Você precisa entender. – Mel prendeu os lábios e começou a chorar. – Eu não quero que deixe de ser filho dos nossos pais!

Meu Deus, como acha que Levi e Heloísa ficarão? Eles te amam, caramba!

Só somos uma família, hoje, por sua causa!

Não fui capaz de dizer nada.

– Eles não vão suportar te perder, Lucas. Não vão! E eu não quero que eles te percam só porque quero você. Não posso continuar sendo uma miserável egoísta.

– Já estou decidido – falei com a voz dura, contida. – Fiz uma escolha.

– Não pode escolher entre mim e eles. Não pode! – choramingou.

– Nunca os perderei. É só a merda de um papel, você não entende? – rosnei. – O que eu não posso é te perder. Não vou te perder, está me ouvindo? Não há nada para mim no futuro se eu não estiver contigo.

– Será? Há tantos “ses” entre a gente! Você é mais velho, mais vivido, mais experiente, quer coisas que talvez eu não possa ou simplesmente não consiga dar!

– Eu só quero você, Mel. Assim, desse jeito, sem tirar e nem pôr. Não complique a única parte do nosso relacionamento que não tem complicação.

– Não sei! – Ela deixou as mãos caírem nas laterais de seu

corpo. – Tudo me parece um absurdo. Essa ideia de adoção... Lucas, você não quer isso de verdade. Não quer “trocar” de pais.

– Eu te quero acima de qualquer coisa, Mel.

– Isso é doentio! – ela berrou, entre lágrimas.

– Talvez seja mesmo – murmurei. – Mas eu passei anos tentando negar, e mais anos tentando ignorar, então não me peça para voltar ao passado e fingir que não sinto nada. Eu te amo e te quero, e só não vou te ter se você não quiser. Jamais deixarei que haja outros motivos.

– Tem de haver outro jeito... – Balançou a cabeça, apavorada. –

Eu te amo, Luquinhas... Amo muito, muito, muito, e é por isso que não vou deixar que se machuque desse jeito.

Eu não sabia o que dizer, e acho que suas palavras haviam se esgotado, pois nos encaramos durante um tempo incalculável. Ergui uma mão em sua direção. Mel a tocou de leve, trêmula, ainda chorosa. Entrelacei nossos dedos.

– Não me deixe, Mel – implorei. – Não me deixe, por favor.

Ela balançou a cabeça freneticamente. Seu corpo inteiro tremia.

– Só queria que a dor acabasse. Só quero sentir amor.

– Eu também.

Puxei sua mão, trazendo-a para mim. Segurei seu rosto e a

beije com ternura. Não suportamos a vagareza nem por um segundo; logo, o beijo se tornou urgente, uma mistura de lábios, língua e muito, muito desejo. Empurrei a Mel para dentro do apartamento e a apoiei na porta aberta. Com um pulo, ela abriu as pernas ao redor de mim e mordeu meu lábio inferior. Soltei um gemido curto de desejo e voltei a beijá-la. Agarrei suas coxas, e ela prendeu os dedos entre os fios do meu cabelo.

– O que significa isso? – A voz do Levi soou como um chicote bem nas minhas costas. Larguei a Mel tão rápido que ela quase caiu no chão.

Encarei o meu pai diante da porta. Seu rosto estava vermelho e o olhar afetado apontado para mim era quase animalesco. Percebi mamãe bem ao seu lado, com as duas mãos levadas à boca e os olhos tão abertos que pareciam querer sair das órbitas. O pai deu um passo ameaçador à frente e cerrou os punhos.

– Exijo que me respondam!

Capítulo 29

– Nós... Nós não... – Mel começou a gaguejar, e meu pai finalmente a olhou. Ele estava concentrado em me dar uma verdadeira surra, a mais dolorosa de todas que ele nunca me deu, com apenas um olhar.

– Você é uma desajuizada! – Nunca vi Levi usar tanta rispidez

no tom de voz. – Achei que não pudesse se superar e me deixar mais decepcionado, mas me enganei: você atingiu o limite do absurdo, Mel.

– P ai, a Mel não...

– Cale a boca, Lucas! – Ele berrou em plena fúria, deixando todos bem assustados. – Como você se atreve? Eu esperava qualquer loucura vinda da Mel, mas de você? Não dá para acreditar que foi capaz de tocar na sua irmã desse jeito! Há quanto tempo essa palhaçada acontece debaixo do meu teto? – Ele não esperou qualquer resposta, apenas prendeu os dedos nos cabelos e derrubou algumas lágrimas. Seu descontrole era visível, e se tornou ainda mais notável depois que uma ideia lhe percorreu a mente: – Você vem abusando da Mel, é isso?

– Não! Não, não, eu juro que não, pai, o senhor não pode pensar uma coisa tão horrível assim de mim, por favor! – implorei com o mesmo tom de desespero que ele evidenciava.

– O que pensar de você, Lucas? – gritou. – Você estava aos beijos com a sua irmã mais nova! Isso é tão... inacreditável!

– P osso explicar... P osso explicar tudo...

– Não sei se quero explicações. Apenas suma da minha frente, não estou suportando olhar para sua cara. – Levi passou por nós como um foguete, entrando no apartamento e parando no meio da sala. Andou de um

lado para o outro como um alucinado, consumido pelo mais verdadeiro pavor. Heloísa saiu do transe e passou por nós também, juntando-se ao papai. Segurou-lhe o braço e o encarou com os olhos suplicantes.

– Vamos ouvir o que eles têm a dizer – choramingou. Jamais a vi tão abalada quanto naquele instante.

Eu estava em dúvida se ia embora, como papai havia sugerido, ou se tentava, mais uma vez, explicar o inexplicável. Foi a Mel quem fechou a porta atrás de nós e me olhou decididamente, embora as lágrimas não negassem a sua dor.

– Isso é um absurdo! Não percebe a gravidade da situação? –

Levi gritou com a Heloísa talvez pela primeira vez na vida. – Eu não sei se chamo a polícia, o hospício ou se dou uma surra nesses dois inconsequentes! – Apontou para nós.

– Já chega, pai, o senhor precisa nos ouvir! – Mel falou alto para ser ouvida e levada a sério, aproximando-se deles. – Eu amo o Lucas. Sempre o amei. Não foi nada fácil lidar com isso... Ainda não é e acho que nunca será, mas é a verdade.

Papai encarou a Mel em silêncio, com os olhos arregalados como se estivesse em choque. Mamãe ficou do mesmo jeito, porém sem a expressão ameaçadora que Levi demonstrava. Ele desviou os olhos da Mel

e encontrou os meus.

– O que você fez com a sua irmã? – murmurou e endureceu o maxilar. Voltou a cerrar os punhos. Apenas dei de ombros, incapaz de me defender de suas acusações. A velha culpa retornou de vez. Eu merecia aquilo. Preciso deixar que a rebordosa viesse sem reclamar, afinal, eu podia ter evitado tudo e fui idiota a ponto de deixar que acontecesse. – O que você fez, Lucas? – Levi gritou, assustando-nos novamente. Mamãe segurou seu braço de novo, mas ele se desvencilhou com grosseria. – Como teve coragem de seduzir a sua irmã? Não tem vergonha na cara? Deus... – Ele deu as costas e se afastou um pouco, seguindo na direção da cozinha. Parou. – Saia desta casa. Agora.

– O senhor precisa encarar os fatos! – Mel atacou mais uma vez, e me surpreendi com a sua coragem. A minha atitude continuou sendo a de um covarde de merda. Não consegui agir diferente, a culpa me consumia.

– O fato... é que VOCÊ ENLOUQUECEU! – Acho que todas as vidraças do apartamento tremeram diante do grito ensurdecedor que o Levi soltou. Mel deu um pulo de susto. – Vá para o seu quarto AGORA e SUMA da minha frente! Está de castigo pelo resto dos seus dias!

– Levi... Levi, meu amor, acalme-se... – Mamãe tentou aliviar as

coisas mais uma vez. Mel permaneceu paralisada, com uma expressão de horror estampada em seu rosto.

– Aconteceu – proferi, buscando forças não sei de onde. –

Apenas aconteceu... – Olhei para Heloísa e ela balançou a cabeça em negativa, de um jeito incrédulo. Era aquilo que eu devia ter lhe dito mais cedo. Ela continuou chorando, mas estava milhões de vezes mais calma que o papai. – Eu juro que não queria que fosse assim. Já me martirizei muito e tentei fazer as coisas certas, tentei de todas as formas possíveis, mas...

– Mas você abusou da sua irmã – Levi completou por mim.

– Ninguém abusou de ninguém! – Mel suspirou de irritação.

– Não percebe o quanto você soa patética, Mel? Não sei se é pior você ter sido forçada ou se é ter consentido com esse absurdo. Pelo menos na primeira opção eu poderia te defender. Vamos, suma. Vá para o seu

quarto.

– Mas...

– AGORA! Não ouse fazer diferente! Não me faça mandar de novo!

Mel deixou os ombros caírem e me olhou por alguns segundos.

Os olhos estavam opacos, vazios. Sua tristeza me trouxe mais desespero.

Ela balançou a cabeça, negando, como se dissesse que não valia mais a

pena continuar, e depois se retirou da sala. Ouvimos a porta de seu quarto ser fechada com uma calma que ninguém naquele apartamento sentia.

Levi me encarava quase sem conseguir não me bater.

– Achei que você fosse o meu amigo – falou, desta vez deixando a dor superar a raiva que sentia. – Achei que pudesse contar contigo para manter a nossa família feliz.

Abri a boca para falar alguma coisa, mas um soluço acabou escapando e me vi tomado por lágrimas tão doloridas que achei que fosse desmaiar de tanta dor.

– Você traiu a minha confiança, Lucas. Sabe o que isso significa? Significa que eu não sei mais quem você é.

– Não sabia o que fazer. Fiquei perdido – murmurei. Minha cabeça estava prestes a explodir de culpa. – Eu amo a Mel, de verdade.

Levi soltou uma pequena e sem graça risada. Revirou os olhos com impaciência.

– Você consegue ser mais infantil e patético que a sua irmã.

– Levi... – Heloísa reclamou de seu tom ríspido.

– Criei um homem imaturo que, no auge dos vinte e oito anos, não sabe qual é o seu lugar. Uma paixão medíocre e proibida vinda de uma adolescente de dezoito anos é até perdoável, mas de um homem feito?

Ainda não acredito que você não tenha um pingão de vergonha na cara.

Não tive coragem sequer para continuar o encarando.

– Levi... Pare de falar desse jeito! – Heloísa ralhou, parecendo bastante irritada. – Não gosto nada desse tom!

– Você parece estar gostando do que aconteceu, Heloísa.

– Claro que não, mas você está sendo tudo o que nunca foi e isso está nos assustando! – Nunca vi mamãe gritar com alguém até então.

– Talvez eu devesse ter sido diferente mesmo! O erro foi meu.

Devia ter corrigido esses dois à maneira antiga. Quem manda ser tão bonzinho e compreensivo?

– Você está descontrolado!

– Não dá para acreditar que está contra mim! Todo mundo desta família enlouqueceu?

– Não estou contra você, só acho que precisamos de calma para chegarmos a uma solução!

– Solução? – Pai expirou o ar de seus pulmões com força. –

Acha que essa palhaçada tem solução?

– Tudo tem solução!

Era tão injusto que meus pais tivessem brigando por minha

causa. Meu desespero só fazia aumentar, e cada palavra dita com raiva

funcionava como facadas dentro do meu coração.

– Só Deus sabe o nível do relacionamento que os nossos próprios filhos têm. Definitivamente, não vou parar para perguntar, prefiro me manter são. E você acha mesmo que tem solução?

– Parem de brigar, por favor... – implorei.

Eles deram as costas um para o outro, mas pelo menos pararam de discutir. Levi se virou na minha direção.

– É uma solução que você quer? Pois bem, Lucas, vou te dar uma: vá para sua casa – ordenou. – Não quero você aqui. Não quero que veja a Mel ou mantenha qualquer contato com ela. Se ainda existe respeito dentro de você, não ouse me desobedecer.

Fitei o chão e apenas escutei o restante de suas ordens.

– Essa coisa incestuosa que vocês chamam de amor acabou aqui e agora. Está me entendendo, Lucas? Eu não quero que procure a Mel sob nenhuma hipótese. Seja razoável e deixe que ela lhe esqueça, como qualquer adolescente faz quando está apaixonada pelo cara errado. Vou ter uma conversinha muito séria com ela.

Não gostei nada do timbre grosseiro que Levi usou na última frase que proferiu. Eu estava tão destroçado que até ignorei a forma como tratou um amor que demorei anos para aceitar, só fiquei preocupado com a

Mel e com as consequências que o papai a faria sofrer sem que eu nada pudesse fazer.

– Não bata nela, por favor – implorei, meio sem conseguir raciocinar. O desespero finalmente havia dado lugar a tudo dentro de mim, inclusive aos meus pensamentos sensatos.

– Que ótimo. – Levi soltou mais uma risada irônica, que era maldosa demais para combinar com ele. – Estamos quites, então. Eu não te conheço e você não me conhece mais.

Nenhum sofrimento é tão grande que não possa aumentar.

Sempre achei que já tivesse sofrido muito pelo mesmo motivo, mas me enganei: nunca é demais sofrer por amor. Só me restava descobrir se suportaria a carga de culpa, arrependimento, tristeza e medo que havia sido depositada sobre os meus ombros. Não havia muito que fazer além de tentar suportar. Naquele instante, não pensei em mais nada além de procurar não causar mais decepção no meu pai.

Olhei a mamãe, por alguns segundos, antes de ir. Ela chorava

bastante, mas me olhava de volta com muita compaixão. Tentei me agarrar ao

seu amor materno incondicional. Suspirei e finalmente fui embora. Nem sei dizer como cheguei ao meu apartamento. O tempo parecia ter parado só para

assistir à minha desgraça.

Atirei-me contra o sofá e lá fiquei; observando o teto, acompanhando as lágrimas vertendo dos meus olhos, tentando não me sentir sufocado e tonto, como de fato estava me sentindo. O cansaço absoluto me atingiu em certo momento e apaguei, vencido pela tristeza que só crescia.

Capítulo 30

Não sei quanto tempo permaneci adormecido, só sei que acordei com o barulho da campainha tocando. Eu não queria receber ninguém, mas, por achar que talvez fosse a Mel, levantei-me do sofá na maior dificuldade – a dor psicológica já se tornava física também – e conferi no olho mágico: era a Heloísa. Abri a porta no mesmo instante. Encaramo-nos. Seus olhos me analisaram por tanto tempo que me senti envergonhado e ainda mais culpado por tudo que eu devia ter feito e não fiz – e pelo contrário também.

– Vou preparar um café para você, filho – ela murmurou e passou por mim, perdendo-se na cozinha. Seu cuidado me deixou tão emocionado que chorei em silêncio, por um tempo, com a cabeça apoiada na porta. Eu nem sabia se merecia tanta sorte de ter uma mãe como a Heloísa.

Sentei à mesa da varanda e a esperei, visto que estava incapaz de ajudá-la ou de permanecer um minuto perto dela sem ser tomado pela culpa. Afundei a cabeça entre os braços e continuei chorando sem pausas, pisando nos cacos que se estabeleceram dentro de mim com o único propósito de abrir feridas por cima de outras que já existiam.

Senti mãos quentes alisarem meus cabelos. O cheiro de café que incensou a varanda só me fez chorar alto. Heloísa se sentou em uma cadeira ao meu lado e puxou a minha cabeça, obrigando-me a buscar consolo em seu ombro protetor. Seus braços me envolveram e depusitei neles a minha única esperança.

– Me perdoa, mãe... – sussurrei com a voz falhando. – Me perdoa... Eu não queria machucar ninguém. Eu juro... Eu juro...

Heloísa deixou o abraço mais apertado.

– Shhhh... Eu sei, meu destino. Você é um homem bom.

– Não sou, não! Sou péssimo! Olha só o que fiz com a nossa família? Destruí tudo! Tudo!

– Filho... – Mamãe segurou meu rosto. Olhei-a de perto.

Inexplicavelmente, ela não chorava. – Uma família de verdade permanece unida sob qualquer circunstância. Nós somos de verdade, sempre acreditei nisso e não é agora que vou duvidar. Seu pai está nervoso, mas ele vai

refletir e se arrepender do que te falou. Dê um tempo pra ele.

– A senhora fala como se o que aconteceu fosse uma besteira qualquer.

– Não foi besteira, Lucas. – Fez uma expressão pesarosa. – Foi muito sério. Só não quero te ver sofrendo assim. Faz tempo que te vejo sofrer calado. Eu devia ter feito alguma coisa, devia ter entendido tudo mais cedo.

– Pare, mãe, a culpa não é da senhora.

– Claro que é. Demorei demais a aceitar o que estava bem diante do meu nariz! – Heloísa finalmente voltou a se render às lágrimas. – Foram tantas as evidências... Tantas...

Permaneci mudo. Não sabia o que dizer.

– Estou chateada porque você não me contou lá no clube. Porque continuou escondendo, Lucas? Não confia em mim?

– Como contar uma coisa que passei um tempão negando, depois um tempão tentando esquecer? Já me julguei demais. Eu mesmo não entendia, como esperar que alguém fosse entender?

– A sua viagem... – Ela suplicou explicações com o olhar.

– Sim. – Aquiesci. – Nós nos beijamos pela primeira vez, de uma forma impensável, e decidi ir embora no mesmo instante.

– Aquele dia que eu encontrei vocês na mesma cama...

– Não, mãe. Não aconteceu nada, juro. Mel era uma adolescente, jamais a tocaria.

– Meu Deus... – Heloísa soltou um longo suspiro. – Quando começou?

– Há alguns anos. Não sei, acho que sempre a amei, só não compreendia que tipo de amor era esse. Mas eu juro, mãe, enquanto menor, não encostei na Mel, tirando aquele beijo, que me fez ir embora para tentar esquecer essa loucura. – Mamãe levou uma mão à boca, admirada. – Não deu

certo. Foi em vão.

– Vocês sofreram tanto... Mel quase se destruiu sem você aqui.

E você nunca foi feliz de verdade no Canadá. Aquela namorada que arranjou nada tinha a ver contigo. Ela não conseguia te fazer rir. Aliás... Eu não te vejo sorrir com sinceridade há muito tempo. Confundi toda essa seriedade com maturidade, mas era tristeza. Não era?

Não respondi com palavras. Meu silêncio consentiu tudo.

– Meus filhos foram infelizes e eu não fiz nada! – Soltou um soluço esganiçado.

– Mãe, pare de se culpar. – Abracei-a com força. De repente, era eu que a consolava, não o contrário. – Por favor, não sofra.

– Tentei mascarar a verdade – admitiu. – Minha incredulidade me fez ignorar as coisas. Meu Deus, meus filhos se amam!

– É estranho, eu sei. É... É ridículo, até. Mas é a verdade, mãe.

Eu amo a Mel como nunca amei qualquer outra mulher. E a senhora viu que eu tentei entrar em outros relacionamentos. A Mel é única para mim, sempre foi.

Heloísa voltou a segurar o meu rosto.

– Conte-me tudo. P or favor. Não me esconda mais nada. Me dê todos os detalhes, Luquinhas. P reciso saber.

Como uma torneira esquecida aberta, despejei todas as situações pelas quais passei desde que me percebi apaixonado pela Mel.

Mamãe ouviu tudo com muita atenção, bebericando o café que tinha feito e trazido em uma bandeja. Ela chorou nas partes mais sofridas e riu nas engraçadas, por exemplo, quando falei que me vesti de príncipe nos quinze anos da Mel só para agradá-la.

Decidido a realmente nunca mais esconder nada para a minha mãe, contei sobre a noite em que a Mel ficou bêbada e dormiu no meu apartamento. Falei tudo o que aconteceu naquela manhã, claro, sem os detalhes íntimos demais. Fiz uma narração completa sobre a história com o David. P or fim, expus a nossa primeira vez, também sem os detalhes, só

expliquei que havia acontecido recentemente. Heloísa ficou perigosamente séria.

– Ai, Lucas... – Soltou um arquejo estranho. Tentei perceber irritação nela, mas só encontrei preocupação. – Vocês não deviam ter ido tão

longe...

– Juro que não a forcei a nada, mãe. Foi natural. Um momento muito forte, muito intenso, que nos deixou felizes.

– Seu pai não vai gostar nada disso. Ele vai surtar quando souber.

– Eu sei. – Dei de ombros.

– Você foi o primeiro dela, não foi?

Aquiesci lentamente.

– Meu Deus, Lucas... Vocês se precipitaram demais. – Heloísa massageou as têmporas, demonstrando muita inquietação e nervosismo. – Mas agora já passou, não tem como voltar atrás. Eu acredito quando diz que tudo foi consensual, meu destino, só que a Mel é muito mais nova que você. O primeiro homem a gente nunca esquece. Compreende que marcou a vida dela para sempre?

– Nós já estávamos marcados para sempre, mãe.

Ela pensou um pouco no que eu disse.

– Você tem razão. É tão complicado!

Suspirei de alívio. Achei que Heloísa fosse berrar e me ameaçar quando soubesse que a Mel e eu transamos, mas não. Apesar de manter um semblante perturbado, mamãe permaneceu controlada diante das revelações.

– Você pode saber o que quer, mas ela, apesar de madura, só tem dezoito anos – prosseguiu. – Além do mais, como pretendem ficar juntos? Vocês são irmãos! E o restante da família? – Empertigou-se. – Não sei quais serão as consequências. Temo que vocês se machuquem para valer. Ai, Lucas, vocês não deviam ter dormido juntos! Estou com medo!

– P ode haver uma solução, mãe.

Criei coragem para contar sobre o meu plano junto com a Letícia. Expliquei toda a situação usando termos judiciais, só para transparecer seriedade. Heloísa entrou em choque. Estava demorando. Tudo bem a Mel e eu nos amarmos, tudo bem termos transado, mas ela não conseguiu engolir a história da adoção.

– Você não quer mais que eu seja a sua mãe? Que loucura é essa, Lucas? Tirar nossos nomes do seu registro... Como se não fôssemos nada!

– Só faria algo tão impensável se fosse para ser possível ficar

com a Mel legalmente. – Ela ia questionar, mas se calou. – A senhora sempre

será a minha mãe de verdade. Estou buscando um modo de ser feliz com ela,

apenas isso. Eu não queria que fosse assim.

Ela voltou a chorar ruidosamente.

– Seu pai vai ficar arrasado!

– Eu sei. Não há nada mais que eu possa fazer.

Heloísa entrou em silêncio. Deixei que pensasse. Ela chorou

bastante enquanto refletia. Demorou minutos intermináveis para falar

alguma coisa. Usei esses minutos para pensar também.

– Você a ama tanto assim? – murmurou.

– Amo.

– Acredito, filho. Só faria uma coisa assim se realmente a

amasse.

– Vocês são tudo para mim.

– Dói em você se desfazer do nosso nome. Não dói?

– Muito. – Não contive novas lágrimas.

– Mas dói menos que ficar sem a Mel. – Não foi uma pergunta,

mas sim uma decidida afirmação.

Aquiesci lentamente.

– Sei que nunca vou perder a senhora ou o papai. Não é um pedaço de papel que vai definir o que somos. Mas posso perder a Mel para sempre se não fizer nada. E então não sei o que seria de mim sem ela.

– Letícia aceitou tudo?

– Aceitou. – Sorri.

Heloísa pegou minhas mãos. Sorriu e chorou ao mesmo tempo.

– Sinceramente, não imagino homem mais digno para a minha filha do que você, querido. Sei que ela será amada e bem tratada, que viverá feliz. E isso vai fazer de você, meu filho amado, um homem feliz ao lado de uma mulher encantadora. É o que sempre sonhei para vocês. Não sou ninguém para julgar as profundezas de um amor incomum, e seria uma desgraçada se impedisse a felicidade dos meus filhos. – Eu já estava chorando bastante. – Parece loucura ou insensatez, mas... eu vou lutar com vocês para que dê certo, se é o que tanto querem. Vocês têm a minha benção, filho.

Abraçamo-nos mais uma vez. O apoio da minha mãe era muito importante, e ganhou um significado maior porque ela sabia a história toda. Não ter nada para esconder me trouxe um alívio inigualável. Dali em diante, sabia que poderia contar com ela para qualquer coisa, mesmo que a situação

atual estivesse uma droga. Meu próximo passo era buscar a compreensão do meu pai. Seria difícil, mas nada era impossível. Heloísa havia acabado de provar para mim.

Meu celular começou a tremer no bolso da minha calça.

Infelizmente, precisei me desvencilhar do abraço aconchegante da mamãe.

No visor do aparelho, vi o nome da Maria Alice. Achei que ela tinha ligado para reclamar do fato de não termos a esperado mais cedo. Ela já me disse uma vez que queria conhecer os meus pais.

– É a Maria Alice – avisei a Heloísa. – Só um instante. Alô?

Ouvi ruídos ao fundo. Ninguém falou nada.

– Alô? – insisti.

– Lucas... – Uma voz chorosa preencheu o meu cérebro que, instantaneamente, previu o pior. Levantei-me da cadeira num salto.

– O que houve, Alice?

Minha irmã deu algumas fungadas antes de quase gritar de desespero:

– É a mamãe... Ela morreu!

Capítulo 31

Foi como se o drama da minha vida tivesse acabado com apenas um telefonema. O fim, naturalmente, havia sido tão dramático quanto todo o

restante da história. Meus pensamentos se acometiam ao passado o tempo todo; ao sofrimento e abandono que vivenciei de perto. Senti-me mais leve quando percebi que não existia mais qualquer mágoa. O perdão que tanto achei que jamais seria capaz de oferecer à Letícia estava preso dentro de mim, e eu nunca teria uma oportunidade para lhe dizer que eu não mais a culpava pelo que precisou fazer. Era uma pena descobrir algo tão importante somente depois de sua morte.

Passei muito tempo me perguntando por que a vida se mostrava tão injusta comigo. Colocar a Letícia no meu caminho depois de anos e tirá-la de mim bruscamente só podia ser sacanagem. Demorei a entender que nossos caminhos eram outros e só nos encontramos novamente para deixar os desentendidos para trás. Antes de morrer, ela precisava do meu abraço, precisava que eu a chamasse de mãe pelo menos uma vez na vida. Já eu, precisava entender que não havia sido abandonado por falta de amor, mas pelo excesso dele. Procurei me contentar por ter tido tempo de lhe oferecer, por um breve instante, ao menos o mínimo.

As lembranças do natal mais perturbador pelo qual passei – aquele tinha superado mil vezes o que passei sozinho no Canadá – se mantiveram vivas na minha memória, como um carrossel que vai e volta, sem cansar.

Caminhei da total alegria que foi ser da Mel rumo à total desgraça em menos

de vinte e quatro horas. Só me perguntava: por quê? Por que as coisas tinham que ser tão difíceis?

No dia seguinte, quase no fim da tarde do dia vinte e seis de dezembro, fui ao enterro da Letícia na companhia da Heloísa. Levi estava tão puto comigo que, além de não permitir que a Mel também me acompanhasse, não falou nada para me consolar em um momento tão difícil.

Ele fez questão de nos levar ao cemitério e disse, quase sem me olhar, que sentia muito. Abraçou-me de um jeito frio. Depois de nos deixar, voltou à empresa de advocacia onde trabalhava há anos. A situação foi tão estranha que não acreditei que estivesse acontecendo de verdade.

Ver os meus irmãos abalados de tanta tristeza me causou profunda dor, mas me mantive firme e os consolei como pude. Bruno agradeceu muito a minha presença em um momento tão difícil. Acabei conhecendo outros membros da família, o que aumentou consideravelmente a estranheza, embora todos tivessem me tratado superbem e me oferecido total apoio. Meu irmão Lucas era, de longe, o mais transtornado. Todos tentaram ajudá-lo a ficar calmo, mas o moleque só conseguiu, de fato, quando a Heloísa surgiu com sua aura sempre acolhedora e lhe falou as

coisas certas. O meu pai, às vezes, chamava a mamãe de “inexistente”, e até

aquele momento eu não tinha parado para pensar em como ele soube defini-la tão bem usando uma só palavra: Heloísa simplesmente não existia.

Antes de voltarmos para casa, cansados após uma cerimônia

emocionante, Maria Alice veio falar comigo. Abraçou-me com força e, meio

envergonhada, confessou:

– Mamãe nunca me dizia sobre o que tanto conversava

contigo... Mas eu ouvia atrás da porta. – Seu rosto ganhou uma coloração avermelhada. – Desculpa, sou muito curiosa. É um defeito terrível.

– Tudo bem. Não se preocupe.

Ela pensou um pouco antes de prosseguir:

– Algo dentro de mim sempre soube que não ia dar tempo. O

que vocês pretendiam ia demorar. Mamãe estava cada dia mais debilitada...

Suspirei. Àquela altura do campeonato, tudo me parecia

irrelevante. Não que estar com a Mel legalmente tivesse deixado de ser

importante, mas, depois que vi de perto a raiva que o meu pai sentia – a

ponto de não ter piedade nem mesmo perante o meu luto –, começava a

compreender que seria impossível qualquer futuro feliz com ela.

– Vai ficar tudo bem. – Tentei me convencer. – Não se preocupe

comigo. As coisas vão ser difíceis agora... Lucas, Bianca, Bruno... Todos vão precisar de você, Alice. Se precisar de qualquer coisa, sabe como me encontrar. Não hesite.

– Obrigada. – Alice sorriu tristemente e me abraçou de novo. –

Digo o mesmo. O que eu puder fazer... pode ter certeza de que farei. Estou torcendo por você e pela Mel, irmão.

Fiquei emocionado por ela ter me chamado daquele jeito. Era importante para nós dois que estreitássemos a nossa relação. Aquela família ia precisar de todo apoio possível, e tomei como meu dever ajudá-los a superar uma perda tão dolorosa. Também fiquei surpreso com o seu apoio em relação a mim e a Mel. Em nenhum momento ela me julgou mal, muito contrário.

– Obrigado, irmã. – Segurei suas mãos e as beijei.

Heloísa se juntou a nós depois de se despedir dos meus irmãos e do Bruno. Ele estava especialmente abalado. Não deve ser nada fácil perder um grande amor e muito menos dar conta sozinho de três filhos em fases distintas da adolescência. Ele ia ter que ser muito forte dali em diante, talvez mais do que todos nós.

Escolhi passar a virada de ano sozinho depois de uma semana

inteira de reclusão. Mamãe pediu por tudo no mundo para que eu fosse à festa na casa da vovó, mas neguei o convite. Não queria que o clima ficasse chato, como sei que ficaria. Tampouco queria observar a Mel de um jeito que

chatearia o Levi, nem mesmo encará-la e enxergar a descrença em seus olhos.

Achei por bem ficar em casa dormindo – ou pelo menos tentando pegar no sono, já que não o fazia direito desde o natal.

Os dias foram passando sem que eu tivesse qualquer notícia diretamente da Mel. Mandeí alguns e-mails e mensagens, porém fui ignorado. Mamãe me visitava esporadicamente, e era muito sincera ao admitir que a Mel estava tão péssima quanto eu. Conteí sobre as mensagens que enviei sem obter respostas, e Heloísa me avisou que papai tinha confiscado o celular da Mel e o uso da internet. Ela estava de castigo por tempo indeterminado, o que lhe causou revolta e fez com que trancasse a faculdade mais cedo do que pretendia. Passava o dia inteiro em casa, ajudando a mamãe nas tarefas domiciliares e lendo pilhas e mais pilhas de livros, único entretenimento que o Levi não proibiu.

Através da mamãe, que estava disposta a nos ajudar de verdade, tentei marcar um encontro às escondidas, contudo a própria Mel rejeitou. Heloísa ainda me enrolou durante alguns dias – ela não queria

que eu sofresse mais do que já estava sofrendo –, mas finalmente contou sobre a indisposição da Mel em me ver, ou em ver qualquer pessoa que fosse. Como a Mel não conversava com ninguém, nem mesmo com a mamãe, supomos juntos que sua negação advinha da pressão que o Levi fazia e das constantes brigas em que eles entravam. Sei que a minha mãe tentava mascarar a realidade. O lar dos meus pais estava um inferno. Eu não fazia ideia do nível de estresse que estava sendo gerado, mas algo me dizia que era bem alto.

Eu estava de mãos atadas, por isso me empenhei em acumular trabalhos. O tempo que eu passava sem trabalhar era usado para sofrer, e mesmo tendo certeza de que não devia fugir da dor, fiz de tudo para evitá-la a fim de manter a mente sã e a esperança viva. Sabia que, se eu parasse para pensar, desistiria de tudo, quem sabe até de continuar respirando. Não queria perder a minha razão.

O fim de janeiro chegou muito depressa. Fui chamado para uma reunião na casa da minha “segunda” família. Eles queriam realizar a leitura do testamento da Letícia na minha presença. Fiquei desconcertado com o convite, mas compareci mesmo assim, por achar que seria menos complicado ir do que negar a minha participação.

Eu não tinha o nome da Letícia na minha certidão de nascimento, porém ela me incluiu na distribuição da quantia que foi deixava para os seus filhos. Bruno, junto com Maria Alice e os associados, ficaram responsáveis de tocar a empresa de cosméticos em que ganhei direito a uma parte – da qual abri mão imediatamente, deixando-a para a Alice, já que ela parecia animada para continuar o projeto da Letícia na área de beleza.

No fim das contas, tentei ficar sem nada, mas não consegui – na verdade, ninguém deixou que eu saísse com as mãos abanando –, por isso acabei ficando com uma quantia gorda e um imóvel, que estava alugado, mas que a partir dali eu poderia decidir fazer o que quisesse com ele, em Florença, Itália. Como todo e qualquer advogado chato que se preza, li e reli cada termo, cada contrato, cada frase do testamento, e só me dei por satisfeito quando percebi que aquela família dificilmente teria qualquer problema financeiro. Isso já me bastava.

Guardei o dinheiro herdado na poupança, sentindo que um dia iria precisar dele. Quanto ao imóvel, decidi mantê-lo alugado mesmo. Um dia, quem sabe, eu pudesse visitá-lo e conhecer a Itália? Não tinha por que me livrar dele, principalmente sabendo que Letícia o tinha adquirido durante uma viagem a negócios. Bruno disse que ela havia se enfeitado

pelo lugar e feito questão de comprar o imóvel sem pensar duas vezes.

Fiquei bastante curioso, louco para conhecê-lo de perto.

Ganhei também algumas fotos, objetos pessoais e artigos decorativos caríssimos, enfim, coisas que eu não pretendia tirar da caixa nem tão cedo, pelo menos não enquanto me sentisse desolado pela perda repentina. Eu esperava que um dia pudesse recordar tudo sem sentir aquele sufoco, a sensação de estar caminhando sobre pedras flutuantes e não ter ideia de onde fica a terra firme.

A solidão foi a minha principal companhia. Eu já a conhecia de perto, não me senti desconfortável com a ausência de presenças fundamentais. Esperei o tempo passar com a maior calma que consegui reunir. Precisava falar com a Mel, contar que, apesar de tudo, eu ainda tinha

esperanças e desejava, mais do que qualquer coisa, tê-la comigo. A saudade já se tornava insuportável, e o medo de perdê-la para sempre, idem.

Foi na primeira semana de fevereiro, em uma noite quente de terça-feira, que a minha campainha tocou sem cessar. Atendi a porta às pressas e me admirei quando vi o Levi diante de mim. Seu olhar acusador me analisou por alguns segundos. Senti que seu corpo retesou um pouco, como se quisesse abaixar a guarda ou ir embora, mas depois ele cerrou os punhos e invadiu o meu apartamento.

– Como você teve coragem, Lucas? – falou com a voz comedida, deixando óbvio que continha um grito ensurdecedor dentro de si. – Como teve coragem de desvirginar a sua própria irmã? Cada nervo do meu corpo congelou. Não fazia ideia de como ele tinha descoberto aquilo, porém não pretendia deixar que pensasse tão mal ao meu respeito. O modo como me olhava exalava verdadeiro nojo, como se eu fosse um pedaço de carne podre que exalava um odor fétido insuportável.

– Não foi assim, um ato de coragem. Foi um ato de amor.

Aprendi a aceitar o que sinto por ela, então não fico chocado. O senhor também vai achar natural quando aceitar.

Ele balançou a cabeça negativamente, de um jeito perturbador.

– Não dá pra aceitar esse absurdo – grunhiu, provocando-me um arrepio aterrador. – Cada dia que passa, vocês dois me decepcionam mais, mostram como são imaturos e incosequentes. Como pôde me apunhalar pelas costas desse jeito? Onde foi que eu errei contigo, Lucas?

– Nada disso é culpa sua, pai. Aconteceu.

– Aconteceu! – Ele começou a andar de um lado para o outro na minha sala. – É só o que sabem dizer: aconteceu! Lucas, ela só tem dezoito anos! Se aconteceu, você devia fazer com que deixasse de acontecer!

– O senhor acha que eu não tentei? Está enganado. Fiz de tudo para evitar!

– Você estragou a vida da sua irmã! Satisfeito? – Levi parou só para me encarar com atenção. Tinha algumas lágrimas ameaçando cair de seus olhos brilhantes e aflitos. – Mel não quer comer, não quer estudar, não quer mais nada com a vida. Não vou me culpar pelo que fiz corretamente, Lucas. Mantê-los afastados é o que qualquer pai consciente faria. Vocês são irmãos, droga! Não podem viver como homem e mulher! É ridículo! – Fez uma pausa considerável. Não fui capaz de respondê-lo. – Sua irmã nem mesmo tem idade para ser mulher de um cara dez anos mais velha que ela. Mel não tem a experiência que você tem, não sabe de nada da vida. – Ele apontou um dedo para mim em um gesto acusatório. – Você tirou dela a chance de ser uma jovem normal!

Continuei sem respondê-lo. Não sabia o que dizer. No fundo, ele tinha razão. Fui incosequente, deixei meu corpo ser guiado pelo desejo e não refleti direito. Não senti arrependimento, contudo, naquele momento, não me orgulhei do que fiz. Mel não estava apta para tomar decisões tão importantes.

– Estou tão decepcionado contigo que não suporto te olhar, Lucas. Aos poucos, estou perdendo a minha filha. Mas o meu filho, o meu

melhor amigo, o cara que eu confiava de olhos fechados... eu já sei que o perdi. Isso dói demais!

– Ninguém precisa perder ninguém, pai – murmurei, tendo a certeza de que sentia cada fibra da dor que o Levi estava sentindo. – Sou a mesma pessoa. O senhor me conhece.

– Não... – Tornou a balançar a cabeça. – Não conheço. O meu filho jamais seria capaz de desgraçar a nossa família desse jeito.

– Pai, por favor, entenda que...

– Sugeri que a Mel fizesse um intercâmbio fora do país – interrompeu-me com grosseria. – Ela precisa se livrar dessa obsessão por você.

– O senhor não pode obrigá-la a...

– Quem falou em obrigar? Só sugeri. Foi uma mísera sugestão!

– interrompeu-me novamente, com um rosnado irritado. – Ela enlouqueceu diante da ideia. Gritou para quem quisesse ouvir que não ia ficar longe de você, que já tinham consumado tudo e que manteria greve de fome até eu aceitar essa união. Mel gritou que você foi o primeiro homem dela e que eu não tinha o direito de mantê-los afastados. Você sabe o que é ouvir da sua filha que o seu próprio filho teve a capacidade de...

– Greve de fome? – Desta vez fui eu que o interrompi, chocado.

Mamãe não tinha me falado nada daquilo. Só contou que a Mel estava mal, não imaginei que tivesse sem comer nada. Por que ela continuava sem querer me ver?

– Acha que essa atitude infantil é de uma mulher que quer ser compreendida? Só vejo uma criança mimada e birrenta, que não faz ideia do que está fazendo.

– Ela está com medo – defendi. – Eu também estou. O senhor não deixa a gente se comunicar. Estamos desesperados.

Papai caminhou até mim. Papai ficou bem perto.

– Se essa família significa alguma coisa para você, convença a Mel a ir embora. Eu não posso obrigá-la, mas você pode fazê-la ir. – Fiquei sem palavras diante daquela sugestão apavorante. – Se ainda existe consciência em você, ou um pouco que seja de maturidade, vai saber que é o melhor a ser feito. Se a ama com diz amar, deixe que ela tenha a chance de recuperar o que você a fez perder.

– Papai...

– O bem da Mel está em suas mãos. Vou permitir que ela desça e venha te ver. Papai sabe que ainda é o homem sensato que eu criei.

Levi passou por mim e atravessou a porta sem olhar para trás.

Sentei no sofá e coloquei minha cabeça entre os dedos. Eu tinha alguns minutos para pensar – isso se a Mel aceitasse vir me ver –, mas minhas ideias só faziam se enroscar uma na outra.

Sem que eu tivesse a chance de me preparar, ouvi a campainha tocar novamente. Corri até a porta e a abri. Mel estava abraçando seu próprio corpo, desolada, com os cabelos presos meio assanhados, olhos vermelhos e olheiras profundas. Soltamos um arquejo ruidoso simultaneamente. Como se estivesse combinado, a razão nos abandonou e perdemo-nos nos braços um do outro.

– Que saudade, Luquinhas... – choramingou entre os meus lábios enquanto me tocava em diversos pontos, conferindo se eu era mesmo real.

Beijamo-nos como dois ensandecidos. Mel me empurrou até o sofá, fazendo-me sentar, e depois se sentou sobre mim. Quase não desencostamos nossas bocas. O beijo profundo só findou porque nossos lábios se cansaram e ficaram doloridos. Não me lembro de ter beijado alguém por tanto tempo.

– Eu morri a cada instante sem você, Mel... – sussurrei em seu ouvido e a puxei para mim, depositando sua cabeça em meu peito. Ela se aninhou perfeitamente em meus braços, e assim ficamos.

– Eu também. Foi difícil sobreviver.

– Por que não quis se encontrar comigo?

– Porque... Ah, Lucas, me perdoe. Eu não podia te ver e ficar tranquila dentro de casa. Não seria me encontrando contigo às escondidas que solucionaríamos tudo. Mantive-me desesperada para poder suportar o papai. – Suspirou.

– Mel... Você é louca.

– Sou louca por você, Lucas... Meu amor... – Deu-me um beijo suave.

– Por que está fazendo greve de fome? Não faça isso, meu bem, não quero que se destrua desse jeito.

– Olhe para você. Está magrinho, com o rosto abatido e acho que nunca te vi com a barba tão grande – rebateu. – Não fale sobre se destruir. A tristeza nos deixa assim... doentes. Achei que você estivesse melhor do que isso. Mamãe disse que você estava bem.

– Ah, Mel... – Abraçamo-nos com força. Acho que a Heloísa quis nos proteger um do outro durante todo aquele tempo.

– Sinto tanto pela Letícia. Papai enlouqueceu de vez. Não me deixou te abraçar quando você mais precisou.

– Está tudo bem. Era a hora dela.

– Não temos sorte! – reclamou, passando as mãos pelo meu pescoço. Seu cheiro me deixava inebriado. – Deu tudo errado. O que faremos, Lucas? Sem a Letícia, não há como... Se bem que eu não queria que você fizesse aquilo. Ai, estou confusa!

– Calma, Mel...

– P apai quer que eu saia do país! Não vou ficar sem você, não vou!

– Mel... Escuta. P resta atenção no que eu vou te dizer. –

Segurei seu rosto e tomei a decisão mais difícil da minha vida. – Eu te amo e

sempre vou te amar. Tudo o que conseguimos passar juntos foi lindo...

Mel soltou minhas mãos e se afastou com um pulo. Ela se desequilibrou durante o processo e terminou sentada sobre o tapete.

– O que você vai dizer? O que vai fazer, Lucas? Conheço essa expressão. – Seu desespero se tornou tão grande que começou a chorar.

Fiquei calado por instantes decisivos, fazendo-a se desesperar ainda mais.

– Não faça isso! P or favor!

– É melhor que você faça essa viagem – murmurei.

– Não... Não, por favor.

– Mel... – Aproximei-me dela, descendo para ao tapete, onde

nos amamos pela primeira vez, também. – Não tem como ficarmos juntos.

Nosso amor só trará mais dor. Para nós, para os nossos pais...

Ela abriu a boca, mas nada falou. Começou a chorar alto e soluçar sem pausas.

– Você precisa viver – completei. – Precisa se encontrar.

– Só me sinto viva contigo. Só me encontro em você.

Toquei seus cabelos.

– Você é jovem. Livre-se desse amor sofrido. Estude, conheça pessoas novas, escolha uma profissão de que você goste. Solucione o que tem solução. Nós não temos solução, Mel. Sempre será errado.

Ela me encarou por um tempão, em silêncio.

– É sempre muito fácil para você desistir de nós. Sempre nos trata como problema, como erro. – Enxugou as lágrimas e se levantou, desvencilhando-se do meu toque. – Não preciso que lei alguma diga se estamos certos ou errados.

Ela nunca iria embora se eu fosse sincero e falasse o que realmente queria falar. E, se ela não fosse embora, que tipo de homem eu seria? Poderia chamar os meus sentimentos de amor ou de egoísmo?

– Mas *eu* preciso – proferi com firmeza. No passado, talvez o que eu tinha acabado de dizer fosse verdade, mas, naquele momento, não

era. Eu não precisava de merda nenhuma além da Mel comigo.

Mel prendeu os lábios e enrijeceu as expressões.

– Você parece precisar de tudo, menos de mim.

– E você acha que precisa de mim, mas precisa de verdade é de si mesma.

– Quer saber, Lucas? Agora, sou eu quem quer ir embora.

– Faça isso – continuei mantendo a firmeza. Ela se chocou com a aspereza do meu timbre.

– Eu vou te esquecer, Lucas – choramingou com raiva. – Juro que vou. É isso o que quer?

Levantei-me do tapete. Olhei no fundo dos seus olhos. A

maior prova de amor que eu podia oferecer à Mel era a liberdade. Se eu não a

amasse tanto, eu a obrigaria a ficar, a lutar contra o Levi, a prolongar a dor,

a aumentar o sofrimento e a esperar pela felicidade que nunca viria. P odia

parecer covardia de minha parte, mas eu nunca precisei juntar tanta coragem

para dizer uma única e decisiva palavra:

– É.

Então, sem mais nada dizer, ela foi embora de vez. P ara sempre.

Capítulo 32

Graças a Heloísa, eu soube a data e o horário do voo. Mel partiria em uma quinta-feira no fim de março, para conhecer novos horizontes e respirar os ares de Londres. Foi o destino que ela escolheu e que papai não mediu esforços para lhe oferecer. Achei uma boa escolha, sempre quis conhecer a Inglaterra. Com duração de seis meses, podendo se estender a doze, Mel estudaria inglês e trabalharia como estagiária em uma biblioteca modesta. Ela tentaria passar em uma seleção rigorosa para um curso famoso que profissionalizava editores de livros, caso conseguisse, certamente moraria mais alguns anos em solo britânico. Suas escolhas não me deixaram menos do que orgulhoso.

É por isso, e por muitos outros motivos, que eu estava lá mais cedo, mesmo sem ter sido convidado. O aeroporto não estava tão movimentado, de modo que pude acompanhar de longe os meus pais e a Mel. Sua expressão era séria, parecia nada sentir além de puro tédio. Tentei controlar as batidas do meu coração ao vê-la despachando as malas, depois ao segui-los até a sala de embarque. Mamãe começou a chorar em algum momento. Mel a abraçou forte e lhe sussurrou coisas no ouvido.

Levi estava tão sério quanto a Mel. Queria assistir melhor àquela despedida, portanto me aproximei um pouco, preocupando-me em me manter

invisível aos olhos deles. Dentro de mim, uma batalha horrível acontecia; uma parte lutava a favor da loucura, a outra parte me dizia que eu tinha ficado louco. Mas a escolha havia sido feita. A sensatez nunca me perdoaria, embora meu coração me justificasse. Danem-se os dois.

Mel e Levi não se abraçaram. Na verdade, mal se olharam. Ele se inclinou e lhe beijou a testa de um jeito apático. Mel fez uma careta e o analisou por alguns segundos antes de dar alguns passos para trás e virar as costas. Seguiu preguiçosamente até a entrada da sala de embarque. De onde eu estava, não podia mais vê-la. Mas eu queria muito ver seu rosto mais uma vez, antes da viagem.

Foi por isso que me aproximei mais. Não consegui vê-la mesmo assim. Percebendo que o tempo estava contra o meu desejo, cheguei a correr até a entrada da sala de embarque sem me importar com o que o meu pai acharia da minha presença no aeroporto. Em nada mais consegui pensar, só em vê-la de novo, mais uma vez.

Mel já tinha entrado, mas pude vê-la através da parede envidraçada. Ela esperava em uma pequena fila para passar sua mochila no detector de metais. Percebi que enxugou uma lágrima. Depois, mais outra. Ela limpou o rosto com a manga de seu casaco e curvou um pouco o próprio

corpo, talvez tentando suportar a carga de responsabilidade. Já estive no lugar dela, sei bem o quanto dói partir, mesmo que as condições fossem outras. Era horrível ser a pessoa que parte, mas acho que é pior ser a que chora com a testa apoiada no vidro.

Não sei se o meu grito interno conseguiu ser ouvido por ela ou se uma força invisível a atraiu para a minha direção, mas a Mel, de repente, virou-se de lado e me viu. Ficou paralisada, e algumas pessoas passaram por ela, seguindo a fila. Acompanhei os dois passos que deu na direção do vidro, parando apenas porque as correntes que delimitavam a fila impediram-na de prosseguir. Mais lágrimas invadiram o seu rosto. Espalmei minhas mãos no vidro e sussurrei um “ eu te amo” inaudível. Ela me respondeu um “ eu também” silencioso, repleto de verdade. Sorri para tranquiliza-la, e sorri mais ainda quando ela sorriu de volta. Acho que Mel foi tomada pela coragem, pois inspirou profundamente e, depois de acenar um “ até logo”, prosseguiu na fila até se perder na ala dos detectores. Acompanhei seus passos até que nada mais dela conseguiu ser visualizado.

Senti uma mão tocar o meu ombro. Achei que fosse a mamãe, e me preparei para qualquer climão, mas era o meu pai. Encaramo-nos em silêncio. Sua seriedade foi embora de uma vez por todas. Ele demonstrava

muita emoção em seu olhar. Só Deus sabe como senti falta de seus olhos me observando com outra coisa sem ser raiva. Para ser sincero, achei que ele fosse cair no choro a qualquer momento.

– Você a ama tanto assim? – ele murmurou com os lábios

trêmulos. Não importava que Levi não fosse meu pai biológico, aquela sensibilidade toda foi herdada com muito sucesso. Ele era o espelho de mim, sempre foi e sempre seria. Talvez fosse assim porque era o que eu queria

ser, e tentei com todas as minhas forças. Contudo, não podia deixar que o cara que eu mais admirava no mundo decidisse onde eu devia encontrar a minha felicidade.

Não era justo comigo, com a Mel, e nem mesmo com ele. Só que ele ainda não sabia disso.

– Me deixa em paz, pai. Já fiz o que tinha de ser feito – falei. –

Eu a amo e foi o que tentei dizer esse tempo todo. Foi pelo que ela tentou lutar para te fazer entender. Passei anos tentando protegê-la, anos pensando na nossa família, anos imaginando o que o senhor iria achar ou o que iria pensar. Achei que era pecado, erro, loucura, até que, por fim, soube que era amor. Sinceramente, depois de tudo que passamos, não me importo mais em definir o que é. Espero que esteja satisfeito agora. Eu vou deixá-la viver, mas vai ser comigo, porque ela já escolheu e porque eu já a escolhi. O

senhor não pode, e nem vai, escolher por nós.

Levi ainda parecia chocado. Não com o meu desabafo – acho que ele sequer entendeu o que eu queria dizer –, mas com alguma coisa que eu não compreendia. Acho que ele se impressionou com a cena de despedida incomum que foi desenrolada na sua frente.

– Eu nunca vi coisa igual em toda minha vida.

Mamãe se juntou a nós devagar, de um jeito hesitante. Ela chorava muito, estava emocionadíssima. Por incrível que pareça, não derramei nenhuma lágrima. Não sei se elas tinham secado ou se amadureci, só sei que deixei a tristeza trancada dentro de mim e decidi não externá-la.

– Nunca viu mesmo, Levi? – ela tocou no ombro do meu pai.

Eles se observaram. Juro que deu para sentir a conexão infindável que eles tinham. – Nunca estive diante de um amor improvável, louco e inconsequente?

– Não assim, não desse jeito...

– Venho tentando te fazer entender durante todo esse tempo. –

Mamãe tocou o rosto dele com muito carinho. Fiquei em silêncio, só observando com curiosidade. – Eles já sofreram demais. Não é a felicidade dos nossos filhos que importa, de verdade?

– Heloísa... Não é certo. Mel é uma criança.

– Que cresceu e se tornou uma mulher que não quer esperar.

Ela é inconstante, louca e apaixonada. Não te lembra ninguém?

Levi sorriu e apertou as mãos dela.

– Quanto tempo é necessário para fazer as escolhas que vão te deixar feliz pelo resto da vida? – mãe questionou aos sussurros.

– Não deve ser muito... – Levi respondeu de um modo reflexivo. Parecia bastante perturbado, mas me olhou com intensidade logo em seguida e acobertou-se.

Mãe se virou para mim lentamente.

– Meu destino... Quanto tempo você quer esperar mesmo?

– Esperar? Já esperei muito e já fiz a Mel esperar demais – desabafei, meio irritado. – Para ser sincero, não sei o que ainda estou fazendo aqui. Eu devia pegar minhas malas no carro de uma vez e esperar o tempo passar.

Heloísa olhou para o Levi como se tivesse saído vitoriosa. Eles pareciam conversar com os olhares que trocavam. Observei o meu relógio de pulso. Faltava vinte minutos para o avião da Mel partir. Infelizmente, não consegui pegar o mesmo voo, graças à mãe que, no início, querendo me proteger da dor, demorou a informar a data e a hora do voo da Mel. O meu voo direto para Londres só partiria dali a oito horas.

– Vocês vão fugir? – Meu pai perguntou inocentemente, porém não parecia abalado com a notícia, só confuso. Acho que a mamãe teve a ver com

as suas novas reações. Ela sempre dizia as coisas certas.

– O senhor não nos deixou escolha. Não vou me lamentar, pai.

Não fui eu ou a Mel que destruiu nossa família. É a incompreensão que destrói qualquer coisa – completei com firmeza. – Nossa menina vai ficar bem, prometo que cuidarei dela como merece ser cuidada, e fazê-la tão feliz quanto ela nunca sonhou que pudesse ser capaz. E, se por acaso fizer outras escolhas, respeitarei cada uma delas. Só não vou deixar que a Mel escolha diferente porque não fui capaz de lutar por nós. É sentindo na pele que ela vai descobrir o que quer.

Eu havia pensado muito até chegar àquela conclusão. Foi por muito pouco. Quase havia desistido de tudo, quase dava uma de burro e cometia o mesmo erro. Várias noites sem dormir foram necessárias para deixar as minhas certezas invictas. Eu já tinha deixado a Mel livre mais de uma vez, e em todas as vezes ela tinha voltado para mim. Quantas vezes mais abusaríamos da sorte?

A maior prova de amor que eu podia lhe oferecer era o fim da distância, da dor e da solidão. Achei que todas as coisas – e bote coisas nisso – me impediriam de seguir em frente, mas descobri que sempre tive

escolha. No fundo, cada um faz o que quer. É questão de aceitação, e eu aceito o nosso amor. Se as outras pessoas não aceitam, é problema delas, não meu. Só eu posso cuidar da minha felicidade. Só eu posso me julgar – e foi por me julgar tanto que fui infeliz e fiz a Mel infeliz.

Mel sempre tentou me dizer que não éramos um problema, portanto, se não havia problema, a solução era irrelevante. Parei de nos solucionar de uma vez por todas e tratei de resolver os problemas reais, os que têm solução. Foi por isso que corri atrás de documentos, reuni o dinheiro que eu tinha, pedi demissão e me tornei um homem livre para viajar. Um homem louco para conhecer Londres.

Procurei a Mel assim que passei por todo martírio e finalmente decidi o que fazer. Mamãe nos ajudou com a comunicação, de modo que Mel sabia de tudo e ficou mais calma com relação à viagem, embora partir sem a benção do papai fosse terrível para nós dois. Mamãe e eu combinamos de dizer tudo ao Levi somente quando a Mel tivesse ido embora, assim a pouparia de todo estresse. Heloísa foi preparando o meu pai para aquele momento. Pelo visto, a preparação tinha surtido efeito positivo.

Levi olhou para Heloísa, depois para mim.

– E se não der certo? – perguntou-me, temeroso, mas controlado. – Como tem tanta certeza de que não vão se magoar com essa

história?

– A vida é assim. – Ergui os ombros. – Nunca saberemos se não arriscarmos. Estamos dispostos a ir até o fim em busca da nossa felicidade.

Levi suspirou, dando-se por vencido. Heloísa o olhava fixamente. P apai a encarou de volta e suspirou de novo.

– Só tentei fazer as coisas certas – justificou-se. – Queria proteger os meus filhos de uma loucura. Eles são os meus tesouros mais preciosos.

– Nós sabemos, meu querido sonhador – Heloísa disse sorrindo, e chorando.

P apai fitou o chão, ainda reflexivo, depois falou baixo:

– Há muitos anos, eu estava perdido, sem saber o que fazer da minha vida. Encontrei a sua mãe... E encontrei você. – Sorriu para a mamãe e

para mim. – Não sei qual foi a ordem direito, só sei que, se não fosse por sua

causa, eu jamais teria encontrado o verdadeiro amor. – P rendi os lábios para

segurar as lágrimas. – Agora eu sei que é de verdade. Não estava

acreditando até te ver aqui, filho. Até perceber o quanto se admiram e não

conseguem viver sem o outro.

– Tudo bem, pai. Eu também demorei muito, bem mais que o senhor.

Ele segurou meus ombros com as duas mãos.

– Que tipo de pai eu seria se impedisse o meu filho de encontrar o verdadeiro amor? A coincidência é espantosa. Se não fosse você, não existiria a Mel, se não existisse a Mel, quem você ia amar?

– Não faço ideia... – murmurei, e sem querer deixei uma lágrima escapar. – Já me perguntei isso, mas não soube responder.

– Acho que vou mandar uma carta pro P apai Noel. Ele deve saber responder essa.

Rimos, o que fez o clima melhorar um pouco.

– Eu sei que você não precisa do meu consentimento, mas se é isso que vai fazer, prometa-me duas coisas, campeão: a primeira é que não vai se magoar, e a segunda é que não vai magoar a sua irmã.

– P ode deixar. Já está mais do que prometido.

– Descubra se é pra valer mesmo. Se for, vamos correr atrás do restante.

Mal deu para acreditar em suas palavras. Era muita sorte. Mais do que eu podia prever. Minhas expectativas estavam voltadas para que o

papai não pirasse com a ideia, nunca para que ele simplesmente passasse a aceitar. O alívio que senti foi enorme, sem dúvida o maior alívio já sentido no mundo. P assei anos com uma montanha pesada sobre as minhas costas, e ela finalmente havia sido removida.

– Obrigado, pai... – falei com a voz embargada. Abraçamo-nos, quebrando de vez as barreiras que foram colocadas entre a gente.

– Me perdoa, campeão... – Nosso abraço se prolongou um bocado. – Devia ter confiado mais em você. Meu filho nunca tomaria uma decisão tão importante se não tivesse certeza. Eu devia ter parado para ouvir... tentado compreender sem causar tanto sofrimento na gente.

O abraço foi desfeito e Heloísa se colocou entre nós como uma criança saltitante. Abraçou-nos simultaneamente.

– Eu disse que uma família de verdade não se desfaz assim, não disse?

– Você está sempre certa, Heloísa, chega a ser irritante – P apai falou em tom de brincadeira, e rimos um pouco mais.

– Não faço ideia do que vou dizer à família – Levi preocupou-se. Dei de ombros, pois tinha parado de pensar naquilo. Já havia muitas coisas, e bem mais importantes, para serem pensadas.

– Ah, não diga nada agora! – Mamãe fez pouco caso. – Dê tempo ao

tempo.

– Não acredito que estou concordando com essa doidice. – Rimos de novo porque Levi continuou usando um timbre leve de brincadeira.

– Agora, a pergunta que não quer calar... – Ela nos soltou e fez uma expressão séria. Ficamos atentos, um pouco temerosos por sentirmos que havia perguntas complicadas demais para serem respondidas. Mas mamãe apenas deu pulinhos de alegria e soltou: – Quando vamos à Londres?

Papai começou a rir, e eu não tive outra opção além de fazer o mesmo. Ter a Mel ia ser maravilhoso. Ter a Mel e os meus pais ia ser perfeito.

Finalmente, um pouquinho de sorte. O tempo para ser feliz estava só começando.

Capítulo 33

Um pequeno e modesto apartamento no SouthBank. Não precisávamos de mais do que isso. A vida em Londres não é barata, mas seria o dinheiro mais bem gasto que já apliquei. Na minha vida toda, acumulei grana sem propósito, trabalhei arduamente e dei o meu melhor para ter uma satisfação profissional que nunca amenizou as dores da minha vida amorosa. Tanto trabalho, enfim, ganhou um significado: podia montar uma vida com a Mel em qualquer lugar do planeta.

A noite estava fria e brilhante; meus olhos se encantavam com cada detalhe que eu via: prédios, estabelecimentos, pessoas. Entretanto, meu cérebro ansioso pensava apenas na garota que me esperava no apartamento que alugamos. Ela ia abrir a porta e sorrir ao me ver. E eu sorria de volta e me candidataria ao homem mais feliz do mundo só por poder entrar sem pedir licença, beijar-lhe a boca sem medo e sentir o calor de seu corpo sem pudor. Tem gente que diz que o amor não é tudo, para esses, deixo apenas um recado: sem amor ninguém é nada.

Falo isso porque tive tudo; uma família carinhosa, bons amigos, ótimos estudos, uma carreira brilhante, um carro do ano. Só conseguia me sentir completo naquele instante singular, de modo que vibrava em mim uma certeza de que, se eu só tivesse aquilo, ainda assim iria me sentir completo. Compreendo que era só uma sensação domada pela paixão avassaladora, é claro que tudo o que tive e tenho faz muita diferença, mas é que minhas prioridades mudaram e os valores de tudo ao meu redor tiveram uma transformação drástica.

Eu era outro homem. Havia um propósito bom o bastante para que eu acordasse, trabalhasse, desse o meu melhor em tudo o que eu fosse fazer. Respirar ganhou um novo sentido. Aliás, a própria vida me parecia menos misteriosa – qualquer problema era solúvel e todo amanhecer traria

boas expectativas. A felicidade deve ser mesmo um estado de espírito ligado diretamente ao amor; há alegria maior que amar e ser amado? Não é o

que busca todo ser humano que habita este complicado planeta?

Flashes de um filme emocionante passaram pela minha mente.

Permiti-me recordar cada momento que vivenciei desde que percebi que estava apaixonado pela Mel. Seria a última vez que me permitiria lembrar, afinal, a maioria do que tinha para ser lembrado era dolorido demais, e eu não queria mais sofrer pelo que passou. Chega de lágrimas. Eu tinha a oportunidade de começar do zero, de virar a página e fazer bem melhor que antes. Empunhei todas as armas necessárias para um bom recomeço: positividade, coragem e muita vontade de fazer dar certo.

Enquanto o taxista me fazia perguntas sobre o Brasil – que eu respondia mecanicamente, no fundo gostando de voltar a ter que falar inglês aonde quer que eu fosse –, fiz muitas promessas a mim mesmo, além das que prometi ao papai. Uma delas era que eu nunca mais deixaria que meu autojulgamento tirasse a minha paz ou ameaçasse a felicidade que finalmente encontrei, e a outra era que eu teria coragem para enfrentar o julgamento dos outros. Se a minha história não é perfeita, como todo mundo teima em querer ser, não me importo. Só lamento pelos frustrados que jamais entenderão que ninguém precisa ser perfeito para ser feliz.

Finalmente fui deixado em frente ao lugar que seria o meu lar durante alguns meses. Mel e eu combinamos de ficar por mais tempo só se ela passasse na seleção para o curso de editores. Caso não, partiríamos para a Itália. Eu estava louco para conhecer a casa que a Letícia deixou para mim,

tanto que não pretendia estender o contrato do inquilino quando ele se vencesse, no fim do mês. P resentei-me com alguns meses de férias. Eu não

tinha pressa para voltar ao Brasil, nem mesmo para procurar emprego em outro país. Estava sem paciência. P precisava descansar, voltar a respirar depois de anos sem fôlego.

Meus planos para a Inglaterra era trabalhar unicamente como dono de casa e, quem sabe, escrever alguma coisa. Estava pensando em alguns artigos na área do Direito e também tinha uma ideia para um romance. P retendia colocar a mão na massa nas horas em que a Mel estivesse estudando ou trabalhando. Queria colocar em dia minha lista de leituras. Também estava louco para começar a me preocupar com coisas como

limpar a casa, lavar roupas, fazer o jantar. Mel não ia ter muito tempo para fazer isso, já eu, teria todo o tempo do mundo para ajudá-la, acompanhá-la e

amá-la.

Depois de conversar com um porteiro nada simpático – os britânicos não são muito famosos pelo senso de humor –, passei pela portaria e subi um lance de escadas, carregando uma mala pesada, além da mochila recheada nas costas. Dei leves batidas na porta do duzentos e um, impressionado com o trabalho talhado na madeira de aparência pesada. Mesmo sendo humilde e uma construção relativamente antiga, gostei muito do que tinha visto do prédio. Era decorado com bom gosto, exalava um clima familiar e de tranquilidade. Eu me acostumaria facilmente com aquela nova fase da minha vida, que seria compartilhada com a dona do meu coração.

Mel abriu a porta quase instantaneamente. Parecia já estar me esperando com a mão na maçaneta, morta de ansiedade por aquele encontro.

Ela sorriu, como previsto, e sorri de volta. Bom, acho que sorrimos ao mesmo tempo, de modo que não houve devoluções, apenas entrega total de alegria completa, e ela podia se espalhar fácil pelo resto do mundo, havia o bastante para atingir os sete bilhões de habitantes do planeta. Larguei a alça da mala pesada e deposei a mochila no chão, sem deixar de sorrir e sem deixar de olhá-la fixamente.

Um segundo depois, Mel pulou em meus braços, envolvendo-

me com pernas, lábios, mãos, pendurando-se no meu corpo e me fazendo dar

alguns passos para trás. Segurei-a como pude e lhe beijei a boca adocicada com o maior prazer, soltando resfôlegos para conter a tamanha emoção e circulando minha língua ansiosa junto com a dela. Mel prendeu os meus cabelos entre os dedos com força, intensificando o beijo maluco. Minhas costas bateram na parede oposta à porta aberta do apartamento.

– Eu não acredito... Não dá para acreditar! – ela murmurou e continuou me beijando. Mordeu meus lábios superiores e inferiores.

Afastou o rosto de novo. – Estamos aqui. Juntos. Você e eu. Ah, Lucas... Eu te amo tanto! Obrigada... Obrigada, meu amor! Obrigada por acreditar em nós!

– Não estaríamos aqui se você não tivesse lutado, minha Mel.

Eu que tenho que te agradecer por não desistir. – Dei-lhe um selinho estalado. – Vem. Preciso te contar uma coisa.

Depositei a Mel no chão, peguei a minha mala, a mochila e finalmente entramos no apartamento. Fiquei maravilhado com a decoração de bom gosto, que inspirava aconchego. Quando soube que o apartamento era mobiliado, fiquei meio temeroso. É ruim ficar em um lugar que você acha

esquisito ou que gostaria de modificar e não tem a liberdade para tal. A sala

era pequena, só cabia um sofá, uma estante que acomodava uma TV antiga e

algumas prateleiras, mas a tonalidade da madeira dos móveis combinava perfeitamente com a tapeçaria e as cortinas que cobriam uma janela grande.

Deixei minhas coisas em um canto, sentindo-me maravilhado.

– Problemas com o papai? – Mel perguntou, ansiosa.

– Muito pelo contrário... – Sorri.

Sem me conter de curiosidade, verifiquei a cozinha. Foi com

surpresa que descobri que era maior que a sala. A mesinha de jantar era

claramente para duas pessoas, mas não precisávamos de mais que aquilo,

certo? Acho que a única coisa que me incomodou foi a ausência de uma área

de serviço. As roupas eram lavadas no andar de baixo, em uma lavanderia comunitária que era usada por todos os moradores. Seria estranho não secar as roupas ao sol.

Mel me seguia por todos os cômodos, mais preocupada com o

que eu tinha a dizer do que com a minha opinião sobre o nosso mais novo

lar. Segui por um corredor bem pequeno e encontrei duas portas: uma dava

para a suíte e a outra para um pequeno escritório, que naquele momento só

tinha uma mesa grande e algumas estantes vazias.

– Fala logo, Lucas, o que o papai falou quando soube? Vai me

matar de curiosidade!

Entrei na suíte e me joguei na cama de casal. Era tão macia que

soltei um suspiro. Todas as janelas estavam fechadas, mas ainda assim, fazia

um frio medonho. Percebi a presença de um aquecedor elétrico em um canto

do quarto e o liguei, voltando para cama logo em seguida.

– Amei este lugar! Não podia ser melhor!

– Você tem que falar com o dono do apartamento depois. Meu

inglês está uma meleca. Quase não consegui entender o que ele disse

quando peguei a chave. – Mel soltou uma risadinha e se sentou na cama.

– P ode deixar, lindinha... – P uxei-a pelos cabelos e ela apoiou

seu corpo em mim. P assei meus braços ao redor dela e aspirei seu cheiro gostoso.

– Lucas... Fala logo!

– Achei que ia ser um momento difícil, mas você não imagina o

quanto foi fácil, Mel. P apai ficou bem confuso no início... Mamãe falou umas

coisas esquisitas e, do nada, ele simplesmente aceitou.

– O quê? – Ela ergueu a cabeça para me observar de perto.

– Isso mesmo. Fizemos as pazes. Em nenhum momento ele

brigou ou ficou irritado, só se impressionou muito quando me viu no aeroporto. P apai finalmente nos compreendeu.

– Oh, meu Deus! – Mel me abraçou forte e, não se dando por satisfeita, pulou em cima de mim e abriu as pernas ao meu redor. – Oh, meu Deus, Lucas, não acredito!

Segurei-lhe a cintura e ri junto com ela.

– Ele ainda acha estranho, claro, mas há esperança. Mamãe falou até em vir nos visitar e papai não disse não. Ou seja... Acho que eles vêm.

O sorriso dela ia de orelha a orelha. Seu rosto iluminado e os olhos brilhantes me encheram de alegria. A benção dos nossos pais era mais importante do que imaginávamos, tanto para mim quanto para ela. Viver em Londres sabendo que eles não nos odiavam por estarmos juntos era um alívio gigante. Eu sabia que Mel estava bem preocupada com isso; no fundo, ela não queria fazer o papai sofrer, mesmo sendo uma jovem naturalmente rebelde.

– Espera aqui. Vou pegar uma coisa! – Girei nossos corpos e a deixei deitada preguiçosamente na cama.

– O que vai pegar?

– Deixe de ser curiosa! – P ulei da cama e parei na porta. Virei-

me para observá-la. Como estava linda com aquele sorriso amplo! – Volto já! – P isquei um olho e fui, retornando alguns minutos depois.

Eu tinha pegado dois objetos muito importantes dentro da minha mochila. O primeiro deles foi o porta-retrato que a Mel me presenteou; o que exibia a fotografia do momento exato quando lhe beijei o nariz durante a valsa de seus quinze anos. Aquela imagem captou perfeitamente o que era o nosso amor, bonito, gracioso, sutil e forte, tudo ao mesmo tempo. Coloquei-o em um criado-mudo robusto localizado ao lado da cama. Mel o observou com emoção.

– Esse retrato ainda existe?

– Claro. Sempre existiu. – Voltei para cama e deixei meu corpo se aninhar novamente entre o seu. Enroscamos nossas pernas como um casal antigo. – Eu não gostava muito de olhar para ele, mantive-o guardado durante muito tempo. Agora, simplesmente amo observá-lo. – Nós dois observávamos o objeto com atenção.

– Acho que nasci pra te amar. Sabia?

– Você acha? – Fiz uma careta, brincalhão.

– Não, tenho certeza, seu bobo! – Ela brincou com o meu nariz e rimos despreocupadamente.

– Que ótimo. Vou precisar da sua certeza agora... – Afundei uma

mão no meu bolso e, de lá, retirei o anel que eu havia presenteado a Mel no mesmo natal que ela tinha me dado o porta-retrato.

– Minha nossa! Achei que tivesse perdido este anel! Procurei-o por toda parte! – Mel segurou a minha mão e ficou olhando o objeto que estava preso entre meu polegar e o indicador.

– Estava no banheiro social da casa dos nossos pais. Achei que tivesse se esquecido dele e peguei de volta quando me mudei.

– Parei de usar quando você viajou. Ele me enlouquecia, trazia muitas lembranças de você... – Mel me fitou e percebi um pouco de tristeza em seu olhar. Beije um de seus olhos com suavidade.

– Não vamos pensar no sofrimento. – Ela aquiesceu, concordando comigo. – É sério. Prometa que vai deixar o passado sofrido para trás, Mel. Só tire dele as coisas boas.

– Prometo, meu amor. – Ganhei um beijo curto e molhado.

– Bom... Acho que agora você pode voltar a usar este anel. –

Ela ergueu uma mão para pegá-lo, mas o afastei de seu alcance. – Mas você vai ter que me responder uma pergunta antes.

– Pergunta? Que pergunta?

– Hum... – Refleti um pouco. Não sabia direito por onde começar. – Nós somos irmãos, certo?

Mel fez uma careta, meio desconfiada.

– Certo...

– Você não acha que é pouco ser minha irmã? Ou estranho?

Quero dizer, nossas identidades dizem uma coisa, mas eu queria poder te chamar de outra. Talvez este anel possa anular o que diz a identidade.

Mel começou a rir.

– Você é doido, Lucas. Um anel é um anel, o que somos é o que somos.

– Certo, mas o que somos?

– Irmãos?

– É este o problema! – berrei de um jeito divertido que provocou riso em nós dois. Empurrei a Mel contra o colchão e coloquei o meu corpo sobre o dela, então a seriedade nos envolveu. Falei baixo: – Quero ser mais do que isso. Eu não vou pular as nossas fases, Mel. Quero me casar com você assim que eu descobrir como, mas... Neste instante, quero

que seja a minha namorada. É um bom começo.

– Ain, que fofo! – Percebi seus olhos marejando até que uma lágrima cristalina brotou e percorreu o seu rosto.

– O que acha? Quer ser minha namorada, Mel?

– É claro que eu quero! – Ela me envolveu com braços e

pernas. Já tínhamos nos enroscado tanto que os lençóis estavam todos bagunçados ao nosso redor. – Quero muito! Quero ser sua namorada, depois sua noiva, depois sua esposa e depois quero ser a velhinha que senta ao seu lado na cadeira de balanço! Quero ser tudo seu que for bem clichê, Lucas!

Beijei-lhe a testa com fervor e, em um gesto tão lento que mais parecia estar em câmera lenta, deixei o anel escorrer em seu dedo anelar. Beijei sua mão logo em seguida, sem ousar fazer nossos olhares se desentrem. Mel continuou chorando, tão emocionada quanto eu, e só parou quando nossos beijos trocados ganharam outra conotação, deixando óbvio que aquele instante perdido no tempo era o certo para nos amarmos mais uma vez, da maneira como tinha que ser.

E que a nossa loucura fosse perdoada.

Epílogo

Pouco mais de uma semana depois da nossa drástica mudança para Londres, em que a Mel e eu vivíamos em um clima apaixonante, recebi uma carta vinda especialmente do Brasil. Fiquei logo contente, e também meio nervoso, confesso, quando vi que era do Levi. Mel estava trabalhando em seu estágio e eu tinha acabado de lavar o banheiro. Aquela semana só me deu ainda mais certeza de que estar com a Mel era tudo o que eu queria.

A vida de dono de casa muito me agradava, mais ainda sabendo que as minhas finanças estavam em ordem e eu poderia me dar aquele luxo por pelo

menos um ano, talvez mais.

Sentei no sofá do apartamento e tentei não rasgar o papel,

tamanha a minha ansiedade. Duas cartas se fizeram presente. Uma delas eu já

conhecia. Eu nem acreditava como aquela carta poderia estar tão intacta, visto que eu mesmo a tinha escrito há dezoito anos. Era a minha última carta para o papai Noel.

Com lágrimas nos olhos, e tentando não rir da minha genialidade de garoto de dez anos, reli cada palavra:

“Querido Papai Noel,

Não vou pedir mais nada, pois o senhor já me deu mais do

que eu queria. Não vou mais dar trabalho aos seus duendes, eles

precisam se ocupar realizando os desejos das outras crianças, por isso

essa é a minha última carta para o senhor. Meus pais de verdade são os

melhores do mundo, obrigado. O senhor acertou em cheio ou será que

foi algum duende que teve a ideia? Se foi, agradeça a ele. Eu queria

conhecer o Pólo-Norte, mas meu pai disse que era muito frio e a minha

irmã não pode sentir muito frio, então provavelmente nunca mais nos

veremos de novo. Tudo bem para mim. Só quero que saiba que o senhor me deu o maior presente que alguém poderia ter: uma família.

Obrigado mais uma vez,

Lucas – 10 anos.”

Comecei a chorar de soluçar. Sabe quando seus ombros se sacodem freneticamente? Guardei a minha carta de volta ao envelope e peguei a segunda. Quase não consegui ler aquela. Respirei fundo mil vezes e enxuguei minhas lágrimas, mesmo sabendo que outras e mais outras chegariam com força total. De fato, eu não podia calcular o nível da emoção que sentiria ao ler palavras tão lindas do meu pai:

“Meu eterno campeão,

Eu deveria saber que o seu amor pela Mel tinha começado desde a maternidade. Afinal, você não quis ir ao Pólo-Norte só para que ela não sentisse frio. Juro que achei que foi porque você era medroso e queria distância do Papai Noel. A culpa foi somente minha por não ter te compreendido. Eu devia ter sido um pai melhor pra você. Meu filho, depois de tanto refletir e de me sentir um estúpido pelo que fiz você e a Mel passarem nos últimos meses, percebi o quanto sou grato e o quanto estou feliz por vocês. Queria me desculpar, porém mais do que isso, queria te agradecer.

Sua mãe me contou muitas coisas durante esta semana. Uma delas foi o que pretendia fazer com a Letícia. Eu sinto tanto por ela ter partido justo quando você mais precisava... E sinto tanto por não ter sido mais presente neste momento. Estou te devendo muitos abraços, meu filho. Vou te dar cada um deles, prometo. Entretanto, não consigo parar de me assustar com o que você quase fez em nome do amor lindo que sente pela Mel. Lucas, eu não quero que deixe de ser o meu filho. Eu tenho dois tesouros preciosos e faço questão de nunca perdê-los.

Não sei o que está planejando, mas te conheço muito bem e sei que está preocupado com o futuro. Simplesmente pare de se preocupar. Quero que saiba que nem eu e nem sua mãe precisamos que a lei esteja a favor de vocês. Não precisamos que nada esteja de acordo, pois nós sabemos o quanto vocês podem ser felizes juntos, afinal, vocês ficaram juntos e foram felizes durante tantos anos! Eu vivo no meio de um monte de papelada e sei muito bem que um papel é só um papel. O nome que eu te dei é para sempre. Deixe isso como está.

Caso meus queridos filhos resolvam aumentar a nossa família, vocês sabem que podem registrá-los normalmente, não é? Eu tinha algumas dúvidas com relação a isso, mas as tirei depois de alguns estudos. Heloísa não para de sonhar com um menino. Mas eu queria ser

avô de uma menina. Sei que está cedo, mas sei também que pode acontecer a qualquer momento, seja daqui a um mês ou daqui a uns anos. O importante é que os meus filhos fiquem livres para serem quem eles querem ser e para amarem quem eles quiserem amar. Com toda sinceridade, campeão, eu não podia desejar mulher mais digna para você do que a sua irmã. Também tenho certeza de que ela nunca encontraria um homem tão digno quanto você.

Estou feliz. Sua mãe também. E, veja só, seus avôs já sabem e meio que já desconfiavam. Também não acreditei quando eles reagiram tão bem à notícia. Aos poucos, vamos mostrar ao restante da família que a felicidade é possível em qualquer lugar, de qualquer jeito, desde que não haja preconceito. Quem não conseguir entender um ensinamento tão importante... Bom, a culpa não será nossa. No fim das contas, nós somos os únicos culpados pela infelicidade. E que bom que vocês não a escolheram!

Eu amo vocês, meus filhos. Queria muito que soubessem disso e jamais se esquecessem. Sei que estão muito bem por aí, mas vocês podem voltar quando quiserem. Não se sintam como se estivessem fugindo. Não fujam, só vivam e experimentem cada vivência, sem se esquecerem de ser feliz. Sua mãe e eu estamos planejando nossa visita

para o mês que vem. Heloísa começou um curso de bordado ontem e disse que vai começar a trabalhar no enxoval. Ela já comprou um monte de margaridas. Ela queria que vocês fizessem uma cerimônia no campo, mesmo sem a presença de um juiz ou de um padre. Acho que vou morrer e continuar achando a sua mãe impressionante. Você sabe que ela não existe, por isso não se assuste quando ela chegar aí com mil ideias para o casamento. Acho até que ela já sabe a cor dos guardanapos.

Campeão, nunca te agradei o suficiente, e acho que nunca conseguirei, por ter me trazido uma família linda e ter feito com que fosse possível eu sentir a maior alegria que um homem pode sentir: a de ser pai. Em breve, você também vai experimentar essa alegria. Graças a você, meu peito explode de felicidade há anos. Está mais do que na hora de você se livrar de tanta dor e começar a sentir as coisas maravilhosas que me fez sentir. Por favor, não sofra mais, meu filho, meu filho de verdade. Sua família está contigo, eu estou contigo. Não tenha medo. Você sempre foi e sempre será o meu maior presente.

Com amor,

Seu pai de verdade.”

Fim

Agradecimentos:

Eu agradeço tanto por você ter chegado até o fim da leitura! Muito obrigada por ter me acompanhado. Espero que você tenha sentido todas as emoções que senti ao escrever esta história. Não se esqueça de me deixar saber as suas impressões sobre ela! Procure-me nas redes sociais, ou então me mande um e-mail, vou amar!

autoramilawander@gmail.com

Além de agradecer a você, gostaria muito de deixar meus agradecimentos às pessoas que me ajudaram a tornar esta obra possível. Não posso deixar de mencionar as minhas queridas leitoras betas. Elas são o máximo! Você não faz ideia do quanto essas meninas me ajudam, me apoiam, me beliscam a orelha e me mantêm sempre com a mente sã. Sério, se não fossem elas, eu já teria enlouquecido de verdade.

Agradeço também ao meu marido Éverton e ao restante da minha família, que com certeza é o meu maior presente.

Por fim, agradeço a Deus por me presentear com tanta felicidade através do que amo fazer: escrever. E que Ele continue plantando ideias loucas, mas ao mesmo tempo emocionantes, na minha cabeça.

Que assim seja!

-x-

Ah, achou que tinha terminado? Não. Presente bom é presente

completo. É por isso que vou deixar um extra pra você! Trata-se do meu conto P RESENTE, que narra a história completa dos nossos queridos Levi e Heloísa. Espero que goste e se apaixone, mais uma vez, por essa linda família!

Um beijo,

Mila Wander

Presente

Um conto de Natal

Mila Wander

Esta obra é um presente especial para todos os meus queridos leitores e seguidores. O único modo que conheço para agradecer a pessoas tão maravilhosas, que todos os dias me fazem ser a autora mais feliz do mundo, é entregando a elas uma história escrita com todo o meu coração.

Beijos,

Mila Wander

Parte 1

Viramos uma página da nossa vida de acordo com algum acontecimento marcante o suficiente para nos fazer mudar, um momento de reflexão que tenha o mesmo efeito ou, como aconteceu no meu caso, um simples fechar de porta. Usei mais força do que o normal para deixar aquela para trás; sabia que nada me faria voltar àquele lugar de novo.

Costumo ser um homem muito paciente. Quase não reclamo quando tenho que enfrentar filas, fico preso no engarrafamento ou quando alguém fala sem parar coisas que não gosto de ouvir. Passei anos tentando ser calmo, compreensivo, buscando formas de ser melhor, de agir como um bom

marido, mas cheguei ao meu limite naquela fatídica tarde.

Consegui, enfim, entender que esperar o amor acabar é masoquismo, que desistir dele antes que aconteça uma tragédia era a coisa mais inteligente a ser feita. Um dia os erros deixariam de me incomodar, sem que eu precisasse nadar contra a maré para tentar corrigi-los. O amor daria adeus, sufocado pelo esquecimento. Não antes de doer muito, obviamente. E eu já estava tão arrasado que a minha única opção era ir embora, fechar aquela porta e trancar o meu coração pelos próximos trezentos anos.

Entrei no meu carro, dei partida e segui pela cidade calmamente, encenando meu melhor papel de cidadão comum, com problemas resolvíveis. Não ia adiantar pisar fundo, bem como não adiantaria parar no primeiro bar e encher a cara, como era a minha real vontade. O que eu podia fazer por mim era voltar a morar com a minha mãe até arranjar um lugar bacana para ficar – visto que não havia planejado sair tão cedo de onde eu estava – e tentar não me sentir um idiota o tempo todo.

Mamãe estendia roupas no varal, localizado no amplo jardim da velha casa. Sua expressão ao me ver estacionar não era das melhores, mas mesmo assim me abraçou e acariciou os meus cabelos quando finalmente me

aproximei. E então aconteceu mais uma coisa que não estava na minha previsão do tempo: chorei como o adolescente de anos atrás, que levava um

pé na bunda e não sabia o que fazer para continuar acreditando no amor. O problema era que eu me sentia do mesmo modo. Voltei quinze anos em uma máquina do tempo cruel.

– Oh, meu filho... Não tem jeito mesmo? – Mamãe sussurrou no meu ouvido, ainda me abraçando forte. Eu só tentava conter os inúmeros soluços que faziam meu corpo pular como britadeira.

Balancei a cabeça, negando e choramingando. A diferença entre o garoto de quinze anos de outrora e o de trinta dos tempos atuais foi saber definir que a minha situação era irreversível. O moleque provavelmente manteria as esperanças em uma ilusão infantil; eu jamais permitiria me iludir como ele.

Soltei um longo suspiro, retomando o controle sobre o meu próprio corpo. Encarei mamãe. Ela estava visivelmente preocupada. O rosto enrugado e a boca entortada eram reconhecíveis para mim, e vê-la me trazia uma sensação tão boa de estar em casa que tentei não me desesperar.

– Acabou – defini.

– Eu sabia que isso ia acontecer. – Minha mãe sorriu com tristeza e me acariciou a face. Por mais que ela fosse mais uma daquelas mães que adivinham tudo o que vai acontecer com a gente, daquela vez até eu sabia que aconteceria, cedo ou tarde. – Vocês se sufocaram até não sobrar mais ar

para os dois em um mesmo lugar.

– É assim que me sinto... Sufocado. – Aquiesci e plantei um beijo na testa dela. – Quero respirar de novo. P posso ficar aqui? Só até eu conseguir ver um lugar?

– Nem precisava perguntar, meu filho. Essa casa sempre teve as portas abertas para você. É o seu ponto de retorno.

Tentei rir, mas não consegui, então apenas soltei um arquejo esquisito.

– Estou me sentindo um idiota por voltar ao ponto de retorno depois de tantos anos. – Suspirei. – Não quero incomodar a senhora e o Ivan. P rometo que não vou demorar muito.

– Deixe de besteira! Não tem nada que ficar se sentindo um idiota. A vida é feita de recomeços, Levi. É assim mesmo! – Mamãe pegou minha mão e me guiou até a casa onde nasci e cresci.

Sabia que ela tinha razão. A vida é feita de recomeços. P rova disso foi ela ter arrumado um namorado em um curso de culinária depois de oito anos da morte do meu pai. Atualmente, vivia muito feliz com o Ivan, meu padrasto. Tentei apoiá-la com relação a tudo. Como único filho, era somente isso que eu podia fazer, mesmo me sentindo meio enciumado. Ver mamãe sozinha me partia o coração, portanto vê-la casando com outro cara

foi suportável. Mais do que pensei que seria.

A casa estava toda enfeitada com pisca-piscas e decoração de natal. Foi então que me dei conta de que já era dezembro. O tempo estava passando rápido demais para que eu conseguisse acompanhar. Os problemas no meu casamento me tomaram mais do que a paciência, tomaram-

me também a capacidade de sentir as horas passarem normalmente.

Depois de comer um pedaço de bolo – que mamãe mesmo tinha feito – e um copo de leite, fui reapresentado ao meu antigo quarto. Ainda estava pronto para receber um cara que gosta de skate e bandas de rock. Eu já tinha largado o skate, quanto ao rock... Ainda bem que certas coisas nunca mudam. Deitei na cama de solteiro e olhei o teto tomado por figurinhas fluorescentes de *Star Wars*.

Não entrava pela minha cabeça passar um natal sem ela. Nem um ano novo e nem mais um minuto da minha vida. Balancei a cabeça, tentando tirar da mente os motivos que eu poderia ter para voltar atrás. Eu não tinha, estava apenas os inventando. Nada mais além de ressentimento havia restado para nós dois.

A noite chegou sem que eu percebesse. Acho que cochilei em algum momento e acordei no seguinte, e então pronto, o quarto já estava tomado pela escuridão. Fiquei incomodado com uma sensação de

sufocamento que eu sabia que me acompanharia até que conseguisse esquecer.

Mamãe estava cozinhando na companhia do Ivan, que pelo visto havia chegado do trabalho. Cumprimentei-o, porém meio envergonhado. Não queria mudar a rotina deles. O cara era bem legal e tudo mais, só que até eu me incomodaria se o filho adulto da minha mulher se separasse e viesse morar conosco, mesmo que por algum tempo. Foi por isso que me despedi, avisando-lhes que não se preocupassem comigo. Só queria espalmececer um pouco antes de me acostumar com a ideia, se é que um dia me acostumaria.

Dirigi pela cidade, que àquela hora estava toda iluminada pelas luzes de natal. Pelos prédios, casas, estabelecimentos, praças... Tudo estava colorido, mágico. Eu teria me sentido melhor se não fosse aquela dor aguda no meu peito. O natal me lembrava família. E a que tentei construir ao longo dos últimos anos foi reduzida a nada. Portanto, o que eu tinha para comemorar no dia vinte e cinco de dezembro?

Uma árvore de natal enorme me chamou a atenção. Estava localizada no centro de uma praça pequena. Havia um grupo de pessoas

reunidas, e não consegui entender por que. Circulei a praça bem decorada duas vezes antes de ser vencido pela curiosidade. Estacionei em um local que provavelmente era proibido e fui ver o que estava acontecendo. Sou um cara curioso por natureza.

Atravessei alguns arbustos iluminados e bancos em que casais apaixonados namoravam, causando-me certa inveja e tristeza. Alcancei o grupo de pessoas e prestei atenção no que faziam; elas recolhiam pequenos papéis que estavam pendurados na grande árvore de natal. Notei que um grupo reduzido estava uniformizado e entregava panfletos.

Parei na frente de uma senhora que aparentava uns sessenta anos de idade.

– Com licença... O que está acontecendo aqui?

Ela me olhou como se eu fosse imbecil por não ter notado.

Depois, entregou-me um panfleto.

– Somos do Lar Teresinha de Jesus. É um orfanato que fica ali na esquina. – Apontou para o lado. – Temos oitenta e três crianças órfãs em nossas dependências e não temos condições de presenteá-las no natal, pois não contamos com a ajuda do governo – a mulher falava e falava de forma mecânica, como se tivesse decorado tudo. – Cada criança fez dois pedidos, e

os penduramos naquela árvore. No dia vinte e cinco de dezembro iremos

entregar todos os presentes, com direito a papai Noel e tudo! Gostaria de nos ajudar?

Dei uma bela olhada no folheto. Tinha informações sobre o orfanato e sobre aquele projeto de natal. A ideia era boa e interessante.

Logo, fiquei com pena das crianças. Cresci em um lar saudável e acreditei em papai Noel até os doze anos. Mamãe e papai deixavam presentes debaixo

da minha cama e diziam que tinha sido obra do bom velhinho. Minha infância havia sido boa, afinal. Queria poder voltar àqueles tempos. Eu não me preocupava com nada além de tirar boas notas na escola.

– Gostaria – respondi, por fim. – Como proceder?

A senhora sorriu amplamente e me acompanhou até a árvore.

Era realmente enorme. Havia tanta gente por perto que quase não tinha mais papéis para recolher. Fiquei feliz por saber que provavelmente todas as crianças seriam devidamente atendidas. Depois que prestei mais atenção, notei que do outro lado da árvore alguns funcionários do orfanato recolhiam presentes e os separavam em caixas grandes.

– É só pegar um papel e falar com aquela moça ali. – Olhei para onde o dedo da mulher apontava. Uma jovem anotava os dados das pessoas que retiravam os papéis, para que mantivessem o controle e garantissem que

os presentes fossem entregues. – Caso não tenha como atender ao pedido, é só devolver o papel para o mesmo lugar e pegar outro. Tudo bem?

– Tudo bem. Obrigado!

– O Lar Teresinha de Jesus agradece, bem como nossas crianças! Obrigada! – A senhora sorriu e se afastou, voltando a entregar mais folhetos.

Circulei a árvore dezenas de vezes, tentando escolher um pedido. Todos eram iguais. Estavam fechados, portanto não tinha como saber qual presente cada criança havia escolhido. Achei bem estranho, mas acreditei que fizeram aquela escolha para que as pessoas fossem tocadas pelo destino quando pegassem determinado papel.

Estiquei o meu braço e peguei o papel mais distante que encontrei. Ao redor dele, não havia nenhum outro. Estava abandonado. As pessoas provavelmente deviam ter pegado e devolvido. Achando que se tratava de um presente caro demais, porém tomado pela curiosidade absoluta, abri o papel e li rápido. Talvez por isso tenha ficado tão tonto.

“Querido Papai Noel,

Não quero uma bola, também não quero um boneco do Ben

10. Não preciso de nenhum brinquedo. Esse ano eu vou querer um papai.

Mas tem que ser um que jogue futebol comigo.

Lucas – 9 anos.”

Parte 2

Algumas pessoas me ampararam e eu não consegui definir por que elas me tocavam e perguntavam se eu estava bem. Fui guiado até um dos

bancos da praça. Do nada, surgiu um copo de água em minhas mãos. Tomei todo o conteúdo com um só gole. Aos poucos, a poeira foi baixando e a minha consciência voltando.

Uma mulher se sentou ao meu lado.

– Você está bem?

– Estou. Acho que a minha pressão caiu – respondi meio ofegante. Girei o papel em minhas mãos e encarei o chão de terra batida. – Não se preocupe, estou melhor.

– Conseguiu tirar um papel?

– Sim, obrigado.

Olhei a mulher. Era uma moça muito bonita, com cabelos legais. Eles eram crespos e cheios, amparados por uma tirada adornada por desenhos florais. Seus olhos eram bem castanhos e a pele tinha uma coloração caramelada interessante.

– Você me deu um susto. – Ela deu de ombros. – Achei que fosse me esmagar e nos deixar estatelados no chão.

– Foi mal. Desculpa mesmo.

– Tudo bem, não foi culpa sua. Bom... Vou devolver o papel e pegar outro. – Ela agitou o papel nas mãos e se levantou.

– Foi um presente caro demais? – perguntei aos murmúrios, visualizando meu próprio papel.

Ela suspirou fundo.

– Foi – limitou-se a responder. – Eu queria ter condições de atender a este.

– P osso saber o que foi? Quem sabe eu... possa atender.

– Duvido muito.

A mulher me analisou de cima a baixo. Logo em seguida, sentou-se no banco de novo. Desviou o rosto e me deu o papel.

“Querido Papai Noel,

Se o senhor pudesse me trazer uma mamãe para acompanhar o papai que pedi, seria ótimo. Por favor, quero uma mãe bem boazinha e bonita.

Lucas – 9 anos.”

Tinha consciência do meu coração batendo depressa. Eu nem conhecia aquele garoto, mas ele já havia me feito repensar a minha vida inteira em menos de dois minutos. Com os olhos marejados, entreguei à

mulher o meu próprio papel. Ela leu baixinho e, quando terminou, olhou-me atentamente.

– Esse guri deve ser uma figura – murmurou. Depois, riu alto, de um jeito escandaloso. Sorri contra a minha vontade, tomado pela vontade de gargalhar só porque ela tinha feito. – Que coincidência!

– Pois é... – Levantei-me do banco. – Vamos devolver os papéis.

– Espera... Espera. – Fiquei em alerta, sem ter a capacidade de me mexer. – E se a gente atendesse ao pedido?

– O quê? – Fiz uma careta tão grande que meu rosto doeu.

– A gente podia... Sei lá, levar o guri para almoçar.

Encarei a mulher como se ela fosse doida. E só podia ser mesmo, para propor algo da espécie. Não fazia sentido levar uma criança desconhecida para almoçar na companhia de uma mulher igualmente desconhecida. Eu não podia lidar com aquele tipo de dor nem tão cedo. Seria demais para mim. Sentia que podia enlouquecer se continuasse levando o assunto adiante.

– Qual é o seu nome? – perguntei com seriedade.

– Heloísa, e o seu? – Ela sorriu, mostrando dentes maneiros.

– Levi. Olha, Heloísa, suas intenções são boas, mas... não

posso fazer isso. Vou devolver o papel e atender a uma criança menos complicada do que eu.

– Tudo bem. – Ela se encolheu um pouco, parecendo desconcertada. – Suponho que prefira fazer algo assim com a sua esposa.

Meus pés foram impedidos de seguir até a árvore de natal. De novo, senti lágrimas se aproximarem, e a ideia de começar a chorar na frente

de uma estranha me deixou irritado.

– Eu não tenho esposa.

Heloísa apontou para alguma coisa na minha mão esquerda.

Ergui-a, meio sem entender, e dei de cara com uma aliança dourada circulando meu dedo anelar. Prendi os lábios com força. Fiquei com tanta raiva do mundo que retirei a aliança e, em um gesto malcriado, joguei-a em algum ponto desconhecido da praça.

– Levi... Você quer conversar?

Aquela mulher começava a me perturbar de verdade. Nem conseguia entender a profundidade dos sentimentos que agitavam meu peito, mas de alguma maneira ela ainda não tinha fugido dos meus modos imbecis movidos por eles. Não só não tinha fugido como estava se oferecendo para ajudar a entendê-los.

– Desculpa, Heloísa. Você me pegou num dia ruim. Obrigado

por se preocupar. – Devolvi a ela o papel em que Lucas pedia uma mãe e resolvi ir embora com o meu.

Dei alguns passos na direção da árvore de natal e parei. Olhei para as luzes brilhantes que a faziam ainda mais majestosa. As palavras do Lucas retumbaram dentro da minha cabeça como mil tambores fora do ritmo.

Ele só queria um pai. Mas era difícil para ele, bem como era difícil para mim

querer ter um filho. A vida não é nada fácil. Às vezes a gente tem que colocar

os pés no chão. Lucas ia aprender muito cedo que nem sempre temos o que queremos, que nem sempre a vida é como planejamos.

Senti uma mão extremamente quente tocando o meu ombro.

Fechei os olhos e expirei com força. Estava cansado de querer o que não podia ter. Havia desistido. Meus planos deram errado, minha vida deu errado. Meu recomeço seria demarcado com novos anseios e não com os mesmos. Nunca mais desejaria as mesmas coisas.

– Você está bem? – Abri os olhos e dei de cara com a Heloísa.

Ela estava tão perto que não pude acreditar que não tinha reparado na sua beleza incomum antes. Parecia pecado não admirá-la. Foi por isso que me demorei um pouco mais analisando seus olhos meio puxados.

– Dia ruim – repeti o meu problema. Se bem que dizer que aquele dia estava ruim era injusto. O meu ano inteiro tinha sido ruim. Pensando melhor, talvez aquela não tivesse sido minha melhor década.

– Não sou de insistir muito, nem de atender aos pedidos esquisitos de crianças de orfanato, muito menos de puxar assunto com caras desconhecidos diante de uma árvore de natal, mas... – Ela riu sozinha, como se tivesse contado uma piada interna que eu desconhecia. – Você precisa conversar. Sabe, tem... uma sorveteria logo adiante. Eu te pago um sorvete. Olhei para os lados, creio que tentando encontrar algum sinal de que aquilo tudo não passava de uma pegadinha. Eu ia responder algo muito idiota, mas um ser humano enviado pelos céus apareceu do nada e nos interrompeu.

– Com licença. Vocês dois vão ficar com esses pedidos?

P reciso anotar seus nomes e telefones. – A funcionária do orfanato, ou voluntária, não sei, segurava uma prancheta e nos encarava com um olhar ansioso.

– Eu vou – Heloísa concluiu.

Seus dados foram devidamente anotados na prancheta: nome completo, endereço e telefone. A mulher informou que ela tinha até o dia vinte e três de dezembro para entregar o presente. Heloísa explicou que

precisaria entregá-lo pessoalmente e que gostaria de conversar com o dirigente do orfanato com certa urgência.

Depois de uma longa conversa com uma senhora, que se dizia a responsável pelo Lar Teresinha de Jesus, Heloísa conseguiu marcar um almoço com o Lucas no dia vinte e cinco, porém precisaria passar no orfanato pela manhã e assinar milhões de papeladas, além de ser aprovada em uma entrevista com o pessoal do conselho tutelar e da assistência social. Uma burocracia irritante, mas necessária para a segurança do guri. Assisti a todos os movimentos da Heloísa sem conseguir soltar uma palavra. Ela parecia bem decidida, o que me deixava curioso e bastante nervoso também. Não conseguia entender os motivos de ainda não ter saído de perto e devolvido o meu papel. Fui travado pelo desejo de saber em quê todos os esforços dela daria.

Infelizmente, não consegui me manter anônimo por muito tempo. A dirigente do orfanato logo percebeu meu interesse e perguntou se eu era esposo da Heloísa.

– Não... – comecei, mas pulei de susto com o grito dela.

– Não! Imagina, dona Esmeralda, ele é só um amigo. – Seu rosto ficou tão vermelho que o meu deve ter ficado também. – Aliás, ele coincidentemente pegou o outro pedido do Lucas. Olhe. – Ela roubou o

papel da minha mão e o entregou à dirigente.

– Lucas é um bom menino... – disse sorrindo e com olhos brilhantes. – Vocês vão amar conhecê-lo.

– Não, eu não... – tentei dizer, mas fui interrompido de novo pela Heloísa.

– Sim, vamos adorar, tenho certeza.

– Espero os dois pela manhã, então? Vou tentar acelerar a parte burocrática. Quanto mais rápido resolvermos tudo, mais chances vocês terão de atender ao pedido do Lucas.

– P ode deixar. Estaremos lá, não é, Levi?

Eu já estava ficando com medo da Heloísa. Todas as mulheres têm a capacidade de ser controladoras em excesso, mas aquela ali já estava ultrapassando o limite do aceitável. A única explicação racional que encontrei foi a de que ela tinha algum problema mental, um parafuso a menos, enfim, alguma coisa que a impedia de agir com prudência.

– Há... alguma chance de tudo isso ser ruim para o moleque? – perguntei de um jeito sussurrado que me fez parecer muito otário. – Ele quer um pai e uma mãe, não um convite para um almoço.

Dona Esmeralda desfez o sorriso que até então não tinha largado seus lábios pintados de rosa.

– A realidade das nossas crianças é muito complicada. Elas são carentes de contato familiar, qualquer um que seja. Lucas é uma criança esperta, ele entende a própria condição. Iremos deixar claro o que vocês irão fazer. Temos uma psicóloga voluntária, ela pode nos ajudar com relação a isso.

– Vai dar certo! – Heloísa estava muito empolgada.

– Espero que sim, meu bem. Vamos torcer. – A dirigente nos cumprimentou com animação e se afastou para sanar as dúvidas de outras pessoas que estavam por perto.

Não consegui olhar para a mais recente culpada pela minha perturbação mental. Achei que só uma mulher fosse conseguir me deixar tão

transtornado. Tomei fôlego e fui andando na direção de onde havia estacionado o meu carro. Senti a Heloísa andando junto comigo, mas continuei sem ousar olhá-la. Só percebi que eu não estava indo embora quando ultrapassei o meu carro, atravessei a rua e entrei em uma sorveteria modesta.

Não sei como fui parar diante daquela mulher, que comia uma banana *split* como se fosse criança. Seus lábios e parte da bochecha estavam sujos de chocolate. Minha vontade era de limpá-la com os meus dedos, mas

me contive do jeito que pude, tentando me controlar enquanto tomava um sundae crocante inundado de caramelo. Pelo menos ela estava me distraíndo. Lembranças do passado não paravam de me assombrar, sabia que me tirariam do eixo assim que estivesse sozinho.

– Nunca conheci um homem que não fosse idiota, sabe? Todos os namorados que tive me decepcionaram – ela falava sobre sua vida amorosa sem parar e rapidamente. Eu só consegui entender uns trinta por cento. – O último me traía com a minha colega de trabalho, acredita? E eu confiava nele, colocava a minha mão no fogo! Amava muito aquele filho de uma... Er, sei lá, acho que ainda o amo. Um mês é pouco para esquecer alguém que você considerava importante, não é? Quero dizer, quanto tempo é necessário para esquecer alguém de verdade?

– Eu não sei.

– Já precisou esquecer alguém? Porque eu preciso, e muito, esquecê-lo. Vamos, Levi, me dê umas dicas.

– Não sou o mais indicado para te ajudar nisso.

– Por quê?

Dei de ombros. Encarei a Heloísa, ela me olhava com ar de revolta. A sinceridade em seu olhar me tocou profundamente. Sua presença inspirava verdade e uma inocência esquisita. Nunca havia notado algo da

espécie em uma mulher. Não que eu fosse um *expert* no assunto.

– P orque... P orque não.

– É sério que passei meia hora falando sobre mim para receber uma resposta vazia como essa? Vamos lá, Levi.

– P orque eu também preciso esquecer alguém.

Ela me analisou profundamente.

– É isso aí. Estamos melhorando.

Ela riu e fiquei observando o contorno de seus lábios de um jeito sério. Ela enrubesceu de repente, fazendo-me perceber que eu estava sendo indelicado.

– Sabe, Heloísa... Sobre o Lucas... Não vai rolar.

– É só um almoço, Levi. Não vamos nos casar e adotar o moleque. – O rosto dela ficou ainda mais vermelho diante de suas palavras.

– Não pensei nisso nem por um segundo.

Nunca fui um bom entendedor de expressões femininas, mas até um acéfalo chegaria à conclusão de que aquela doida tinha pensado naquilo mais do que deveria. Tentei ficar assustado, nervoso ou chateado, mas a verdade é que vi graça no jeito dela de se expor demais e comecei a rir.

Heloísa me acompanhou sem pestanejar. Tentei ver resquício de falsidade em seu riso, mas não encontrei nada além de uma pureza encantadora.

Ela era mesmo muito inocente. Talvez fosse uma iludida, uma mulher que sonhava com príncipes encantados e passeios no bosque. O modo como ela ria fazia com que eu me perguntasse como alguém poderia fazê-la chorar.

– Pô, passar mais meia hora falando sobre mim para que você me conte qual é o problema em atender ao pedido do Lucas?

– Não sabia que você estava barganhando informações.

– Estou, sim. – Riu. – E em grande desvantagem, já que para mil palavras minhas, você deve soltar duas, no máximo.

– Você não ia atender ao pedido, se bem me lembro – resolvi voltar ao foco do assunto. – Os motivos não são óbvios? É esquisito. Foi você quem mudou de ideia rápido demais.

– Eu não quis ser como você, só isso.

– Como assim? – Franzi o cenho.

– Você estava fugindo... Evitando uma dor. Eu não quis fugir das minhas. Sempre quis me casar e ter vários filhos, mas estou com vinte e nove anos e não tenho um namorado. Para ser sincera, eu ainda escrevo em um diário e coleciono bonecas. Eu não cresci, Levi, mesmo que o meu relógio biológico esteja apitando alto. Talvez isso tenha espantado os homens com quem saio e diminuído minhas chances. Mas não faz mal,

porque tenho esperança. Almoçar com um órfão não vai me matar de tristeza

por ainda não ter um filho. – Heloísa terminou seu discurso eloquente com lágrimas nos olhos. Enxugou-as com um guardanapo e continuou comendo como se nada tivesse acontecido.

Prendi os lábios com força e segurei a taça de sundaes como se precisasse dela para me manter de pé – ou sentado, como era o caso.

– Minha ex-mulher fez inúmeros tratamentos de fertilização.

Colocou a culpa por não conseguir engravidar em mim, durante os primeiros dois anos de casamento. Nos quatro anos seguintes, abortou involuntariamente por três vezes antes do segundo mês de gestação. Teve uma gravidez psicológica complicada, entrou em depressão e praticamente me enxotou da vida dela depois que propus adotar uma criança – desabafei tudo de uma só vez, foi como retirar um curativo. – Por isso, sim, talvez almoçar com um órfão seja o suficiente para acabar comigo de uma vez. Com

licença, Heloísa. – Levantei-me da cadeira e abri a carteira a fim de pagar pelos doces.

– Eu te convidei e disse que pagaria – ouvi sua voz, desta vez bem suave, mas não consegui olhá-la. Para ser sincero, mal conseguia enxergar o dinheiro dentro da minha carteira. Estava tudo embaçado

demais.

– Nem pensar – murmurei.

– Estou diante de um machista?

– Estou diante de uma feminista? – repliquei. Olhei-a assim

que riu. Tentei me controlar para não rir junto, mas acabei fazendo e, sem querer, duas ou três lágrimas escorreram pelos meus olhos. Enxuguei-as depressa.

– Com certeza.

– Tudo bem, pode pagar, mas não vá dizer as suas amigas que tomou sorvete com um cara mão de vaca.

– P ode deixar, sua reputação será prezada. Não direi isso. –

Ela beijou os dedos cruzados, como fazem os adolescentes. Achei tão engraçado que continuei rindo, e chorando.

– O que vai dizer, então?

– Que eu tomei sorvete com um cara legal e bonitinho.

– Sério? – Bufeí. – Bonitinho é muito perto de feinho, deixa quieto. P ode me chamar de mão de vaca mesmo.

Ela gargalhou tanto que engasgou. Depois de tossir bastante

e de eu ajudá-la dando batidinhas em suas costas – e mantendo seus braços erguidos –, gargalhamos durante um bom tempo. Heloísa pagou a conta

contra a minha vontade. Saímos juntos da sorveteria e paramos na calçada.
– É aqui que a gente se separa – informou com um sorriso tristonho. Eu também não fiquei muito bem. Ainda tinha uma noite inteira para dar conta. Uma noite que certamente passaria em claro. – Até algum dia, Levi.

Ela ficou de ponta de pé e me ofereceu um beijo na bochecha, outra atitude adolescente que me fez sorrir.

– Obrigado pelo sorvete. E pela companhia – falei.

Heloísa assentiu e se virou depressa demais na direção oposta.

Começou a caminhar tranquilamente. Devo ter algum retardo mental para não percebido o quanto era charmosa. Seu andar me cativou tanto que prestei atenção até demais no movimento de seus quadris. Suspirei fundo quando ela sumiu do meu campo de visão. Eu não estava acostumado a reparar em mulher alguma além da que sempre foi minha.

Mas muita coisa havia mudado de lugar. Meu mundo estava girando depressa, ficaria confuso até que tudo se encaixasse. Precisava mudar minhas prioridades, rotina, desejos, planos e até mesmo a minha atenção. Eu não estava pronto para uma mudança forçada, acho que ninguém nunca está, porém era a única saída. E, definitivamente, precisava me lembrar de pedir o número do telefone quando conhecesse alguém

interessante como a Heloísa.

Parte 3

Não me lembro de ter dormido, mas mesmo assim acordei na velha cama de solteiro, sentindo uma dor de cabeça insuportável. Aliás, não era só a cabeça. Meu corpo inteiro parecia ter sido moído em um triturador. Mamãe foi muito agradável, gentil e amorosa em trazer café da manhã na cama. Fazia tempo que eu não me sentia tão amado e querido. Um

tempo considerável, tanto que já estava acostumado a receber farpas e cobranças. Um gesto carinhoso, para mim, tornou-se novidade.

Eu tinha que trabalhar, mas ignorei tudo o que estava na minha agenda. Liguei para Arlete, minha secretária, e pedi para que desmarcasse com todos os clientes daquele dia. A minha vida sofreu um reajuste de prioridade, naquela manhã eu precisava cuidar de mim e, claro, de onde eu ficaria até que fosse realmente curado. Já estava fixo na minha cabeça que eu não podia abusar da hospitalidade da mamãe.

Como sempre fui independente desde os vinte anos, quando comecei a estagiar numa empresa de advocacia e passei a morar sozinho, sentia-me esquisito com aquela relação de dependência. P odia não ser uma dependência financeira, mas era uma emocional, que considero bem pior.

Precisava voltar a aprender a lidar comigo mesmo sem ter vontade de deitar

no colo da minha mãe e chorar por um tempão, como foi o que fiz quando ela

me trouxe o café.

Um homem não devia se comportar assim, mas acredito que

tenha me cansado de ser forte. Sempre fui o centrado, o racional, o alicerce, a

barreira de concreto que servia para alguém se escorar e me atingir de todas as formas para conferir se eu estava firme mesmo. Mantive-me desta forma até

o último instante. Talvez eu tivesse demorado demais a fraquejar. Contudo, quando o fiz, aconteceu de uma vez só. Se eu tivesse dividido aquela fraqueza em prestações, talvez estivesse menos devastado.

Saí de casa com um jornal debaixo do braço e as chaves do meu

carro nas mãos. Pretendia visitar cada pedaço da cidade que pudesse caber a minha tristeza e eu. Não queria nada grande e complicado – embora minha

tristeza fosse assim –, apenas um lugar seguro, perto do meu trabalho de preferência e com um banheiro decente. Liguei para alguns proprietários e fui agendando visitas ao longo do dia. A primeira, no entanto, quase me fez enlouquecer; tratava-se de um apartamento simples localizado numa rua ao

lado da sorveteria em que havia frequentado na noite anterior.

Visualizei a mesma praça – que pela manhã não parecia tão encantadora assim, por causa da ausência das luzes – e o mesmo grupo de pessoas que recolhiam presentes, apesar de em número reduzido. Consegui ver o orfanato em questão; era uma construção grande de aparência antiga, até porque precisava ser repintada com urgência. Para ser bem sincero, o lado de fora me fez ter a impressão de que o lugar caía aos pedaços.

Talvez tenha sido por isso que atravessei a rua e, ignorando o horário de visita do apartamento, fui conferir o que os meus olhos viam e o que a minha mente julgava. O vasto muro branco estava todo pichado, bem como o comprido portão de madeira. Uma placa modesta e com a tinta descascando indicava o Lar Terezinha de Jesus. Suspirei profundamente ao imaginar como seria do lado de dentro.

Ouvi um grito afobado e duas mãos agitadas me abraçaram por trás. Não foi um abraço qualquer, aquelas mãos me apertaram com tanta força que perdi todo o ar que guardava nos pulmões. No início, achei que um assaltante tentava me dar uma chave de braço e tinha errado o meu pescoço, mas depois percebi que era só a maluca da Heloísa enterrando seu rosto em um ponto das minhas costas que me fazia morrer de cócegas.

– Não acredito que você veio, Levi! Não acredito, não

acredito, não acredito! Oh, meu Deus, eu sabia que viria! Sabia!

– Heloísa... – Tentei me desvencilhar, mas não consegui fazê-lo sem parecer muito grosseiro, por isso apenas esperei que resolvesse me largar. – Eu não vim aqui... Bom, eu vim, afinal, estou aqui, mas faz de conta

que eu não vim.

– Do que está falando? Claro que você veio.

Ela finalmente me largou. Girei o meu corpo para observá-la.

Entreabri a boca e arregalei os olhos. A mulher usava um vestido florido bem simpático e tinha os cabelos crespos enfeitados com grampos coloridos. Não sei dizer o que foi que me causou tanto espanto. Heloísa estava tão encantadora quanto na noite passada, mas vê-la novamente foi um verdadeiro choque para os meus instintos masculinos há muito adormecidos. Não deviam estar, obviamente, mas estavam, porque os reprimi durante tanto tempo que não dava para calcular.

– Eu... – Tentei evitar olhar demais para o seu decote discreto e acabei me demorando mais do que devia em sua boca recheada. Depois, desviei os olhos para a rua a fim de não parecer um maníaco sexual ou algo da espécie.

– Vamos, dona Esmeralda deve estar nos esperando. – A doida segurou a minha mão e foi me puxando sem me dar chance de replicar.

– Heloísa, eu não...

– A propósito, bom dia! Dormiu bem? – Continuou me guiando até o portão. Deu batidinhas discretas nele, mas ninguém deve ter escutado. Logo em seguida, a mulher deu verdadeiros socos contra o portão. Riu sozinha da própria atitude.

– Não muito – fui sincero.

– Que pena. Eu dormi como um defunto.

– Estou vendo. – Não evitei admirar seus olhos brilhantes, mais ainda por causa da luz do sol.

– Está me chamando de defunto? – Ela ergueu uma sobrancelha.

– De modo algum! Quem fez a comparação foi você. Só estou vendo que você dormiu bem, está com uma aparência ótima. Ela sorriu o sorriso mais puro que eu já vi na vida.

– Ah, sim. Obrigada!

Um porteiro finalmente apareceu e nos permitiu entrar. Fomos guiados por ele através de um jardim em estado precário e paramos em um pequeno hall. Sentamos em bancos duros de madeira depois que o porteiro informou que dona Esmeralda chegaria em breve. Ouvi ruídos de crianças brincando ao longe e senti meu corpo inteiro retesar. Cerrei meus punhos

para que Heloísa não visse o quanto minhas mãos tremiam.

– Defuntos não dormem – ela falou do nada, deixando-me meio

confuso. Encarei-a ao meu lado no banco e ri. A mulher riu também.

– Você é tão... – P arei. Heloísa esperou com impaciência que

eu terminasse a frase, mas não consegui achar uma palavra boa o bastante.

– Idiota? – tentou me ajudar.

– Não.

– Boba?

– Mais ou menos. Não é bem isso. Não é uma coisa ruim. É

boba no sentido de divertida.

– Engraçadinha?

– P or aí.

– Quero uma palavra definitiva, vamos. – Heloísa se virou

meio de lado para me analisar de frente.

– É difícil. Quer mesmo que eu te defina em uma palavra?

– Quero.

– P or quê? Ninguém é só uma palavra.

– Mas se pudesse definir em uma, qual seria?

– Eu não sei! Você não conseguiria me definir.

– Conseguiria, sim!

– Ótimo, então me defina.

– Sonhador.

Franzi a testa e tentei controlar as batidas aceleradas do meu

coração. Consegui ouvi-las como se fossem um tambor sendo tocado ao meu

pé do ouvido. Heloísa me olhou com ar vitorioso, mas continuei com uma

expressão incrédula. De todas as palavras que pudessem existir para me

definir, jamais achei que fosse escolher aquela. Eu era mesmo um sonhador

fraquejado pela falta de sorte. Mesmo assim, não foi o fato de ela ter acertado

que me espantou. O que me espantou foi Heloísa ter separado uma

característica que sugeria qualidade em vez de exaltar um dos tantos

defeitos que deixei evidente na frente dela.

– Inexistente – sussurrei.

– O quê? – Ela ficou sem entender.

– Já te defini, Heloísa. Você não existe.

Ela abafou uma gargalhada, pois viu que dona Esmeralda se

aproximava de nós. A dirigente do orfanato nos recebeu muito bem. Já tinha

entrado em contato com o Conselho Tutelar e aguardava a liberação de

alguns documentos importantes para que assinássemos. Conversamos com

a Márcia, assistente social que nos ajudaria a atender ao pedido do Lucas.

P assamos uma hora inteira falando com ela. Não contamos sobre as nossas dificuldades em lidar com a situação; só expusemos nossa vontade de levar felicidade ao moleque, nem que fosse por um só dia.

Heloísa era a mais comunicativa, claro. Devo ter falado umas três ou quatro frases durante toda a manhã. Ainda estava nervoso e quase certo de que tudo daria errado. Meus nervos não iriam aguentar lidar com uma criança órfã em pleno dia de natal. Tudo era tão recente! Havia acabado

de me separar, devia estar em casa afundado em amargura ou em uma garrafa

de tequila – ou em ambos – e não cogitando um almoço no maior clima família feliz com uma mulher que não era minha esposa e com uma criança que não era meu filho.

Não parava de me perguntar se aquele encontro me deixaria iludido, em vez do Lucas. Que tipos de consequências trariam para os meus sentimentos? A certeza de que eu sairia daquela me sentindo pior ainda do que já estava me impedia até de pensar com clareza. Heloísa parecia muito mais decidida do que no dia anterior, porém devia ser porque, por mais que quisesse ter filhos, nunca havia perdido um – ou três, como era o meu caso. Não sabia direito como tinha aceitado entrar naquele lugar

sem que Heloísa mal precisasse fazer esforço. Faz parte das habilidades femininas o poder de ludibriar um homem e fazê-lo mudar de ideia em um piscar de olhos, contudo eu não havia mudado de ideia, ainda achava tudo um absurdo. Tentei compreender a mim mesmo e percebi que estava me enganando de uma forma estúpida: eu queria que aquele maldito almoço acontecesse, queria conhecer o Lucas e, se possível, jogar uma partida de futebol com ele.

Eu sempre quis ter um filho homem, mas me esqueci disso depois que as coisas começaram a desandar e eu passei a implorar para ter ao menos um filho, não importando o sexo. Implorar não adiantou, então passei a querer cuidar de uma criança mesmo sem ser pai biológico. Meu desespero por querer ser pai não era saudável, admito, bem como o desespero da minha ex-esposa em querer ser mãe. Éramos dois doentes atrás de uma realização que a princípio parecia muito simples, mas que se tornou um verdadeiro inferno.

Um grande remorso me acometeu já no fim da reunião com a assistente social. Tornei-me monossilábico, sem entender nada do que era conversado. Pensava no meu passado, atormentava-me pelos meus inúmeros erros e queimava de raiva por machucar e por ter sido machucado

tão cruelmente. Como mamãe deixou claro, nós nos sufocamos até não restar

mais ar para dividirmos. Assistir à chama de um amor que era para ser eterno

se apagando é mais do que triste, é doloroso. Perceber que não podia mais contar com quem sempre contei, que a pessoa que eu achava que conhecia havia me decepcionado irreversivelmente, deixou-me depressivo até a hora de nos despedirmos do orfanato.

– Vocês querem dar uma olhada nas nossas dependências? –

dona Esmeralda educadamente soltou a proposta. – Há um grupo de crianças na sala de leitura neste momento. Luquinhas está lá.

Devo ter parecido muito desesperado. Minha cabeça quase explodiu de tensão quando olhei para a Heloísa. Ela estava rindo, mas parou quando nossos olhares se cruzaram. Fiquei estático, sem saber que desculpa inventaria para não passar por aquele tormento. Eu não estava pronto. Tinha sete dias para me preparar psicologicamente para o dia vinte e cinco, só rezava para que toda aquela preparação surtisse algum efeito positivo. Do contrário, estaria ferrado.

– Sabe o que é, dona Esmeralda, é que estou atrasadíssima para ir ao trabalho... – Heloísa me salvou no último instante. Suspirei de alívio.

– Além do mais, queremos fazer uma surpresa ao Lucas. Ele pode desconfiar

se nos vir por lá. Estaremos aqui na segunda-feira para assinar os papéis e depois nos encontraremos no Natal!

– Tudo bem, sem problemas, então! Até a segunda! – dona

Esmeralda nos ofereceu abraços calorosos e nos acompanhou até a saída.

Heloísa e eu paramos de frente um para o outro, do mesmo

modo como havia sido na noite anterior, quando saímos da sorveteria.

– É aqui que a gente se separa – falou com um sorrisinho tímido enfeitando seus lábios.

– Obrigado. Eu não teria dado conta. – Apontei para o portão, referindo-me ao que tinha acontecido lá dentro.

– Eu sei. Eu também não daria. Não me sinto pronta.

– Juro que não dá para perceber. Você... parece ter nascido pronta para qualquer coisa. – Ela sorriu, mas de um jeito esquisito. – O que foi? Falei alguma besteira?

– Pior que sim. – Fez cara de quem se lamentava. – É uma pena que você me conheça tão pouco.

Mil ideias brotaram na minha mente em um raio de segundo.

Pensei em dizer que queria conhecê-la melhor, cogitei pedir seu telefone ou convidá-la para um jantar, mas fui travado pela ideia de não conseguir me

enxergar na companhia de outra mulher tão cedo, pelo menos não daquela forma. Eu não estava pronto para seguir adiante no âmbito amoroso e parte de mim ainda achava que eu nunca estaria. Como não conseguia suportar a possibilidade de conhecer a Heloísa apenas para um relacionamento casual passageiro e sem laços – ela merecia muito mais do que isso –, então simplesmente recuei. Era o mais correto a ser feito. Meu pai sempre dizia que um homem de verdade não deve machucar os sentimentos de uma mulher apenas para satisfazer seus instintos. Graças a Deus, tive oportunidade de crescer com seus bons conselhos e ser educado como um homem de valor. Nem conseguia calcular quanta falta sentia do meu velho. – É mesmo uma pena. – Heloísa ficou chateada com a minha consideração vazia, mas era melhor assim. Preferia deixá-la chateada com uma suposta falta de interesse a ser mais um babaca a lhe partir o coração. – Há algum lugar onde possa te deixar? Meu carro está estacionado ali na praça.

– Não, obrigada... Moro aqui perto. Vou ao mercado que fica na outra rua e depois sigo pra casa. Não se preocupe.

– Você não ia trabalhar?

– Estou de férias. Sou professora... O ano letivo já acabou.

Não evitei rir da situação.

– Você mentiu pra dona Esmeralda?

Ela fez cara de espanto.

– Ops, acho que sim. – Gargalhamos. – Vou lá. Tchau, sonhador. – De novo, ela ficou de ponta de pé e me ofereceu um beijinho suave na bochecha. Girou os calcanhares e saiu saltitando pela calçada. Juro que ela saltitou. Não via alguém saltitando desde a quarta série.

– Até mais, inexistente... – sussurrei baixo enquanto continha um riso.

Parte 4

O fim de semana significou mudança. Consegui alugar um apartamento pequeno perto da praça. Sei que não devia me instalar em um lugar que se tornaria perturbador em poucos dias, mas gostei bastante do preço, da vizinhança e do espaço – que me cabia como uma luva. Eu não tinha muita coisa, pois só havia levado minhas roupas comigo, nada mais, portanto precisei de paciência para deixar o lugar minimamente habitável. Não pretendia voltar ou fazer questão por um móvel ou qualquer eletrodoméstico que fosse. Deixaria tudo com ela, por mais que eu tivesse pagado pela maioria. Era o mínimo que eu podia fazer por não ter sido o homem que ela esperava que eu fosse quando se casou comigo. Não que não tivesse me esforçado, mas àquela altura, descobrir o culpado era

irrelevante.

Enquanto tentava – com a ajuda fundamental da mamãe e do Ivan – abastecer o apartamento, esperava com ansiedade por uma ligação da minha ex-esposa. Ela não tinha me ligado ainda e fazia quatro dias do meu adeus. Por muitos momentos, achei que fosse me ligar e implorar para que eu voltasse. Pensei que ela não tivesse acreditado que eu tinha ido embora de vez e por isso me deixou partir sem pestanejar. Era bem provável que eu estivesse enganado, só para variar um pouco. Talvez uma emoção guardada no fundo do meu peito quisesse desistir de desistir.

Na segunda-feira, passei no orfanato antes de ir ao trabalho e assinei os papéis necessários. Não me encontrei com a Heloísa, infelizmente. Não podia mentir e dizer que não queria vê-la de novo. Eu queria e não era pouco, mesmo que o meu desejo não tivesse lógica. A semana de trabalho foi exaustiva. Não me lembro de ter parado para pensar em demasia na separação, o que me ajudou muito a continuar de pé.

Foi na sexta-feira que me surpreendi quando ouvi a campainha do apartamento. Era tarde, perto da meia-noite, e nenhum amigo sabia que eu tinha me mudado. Evitei alardes na família. Não queria ser motivo de chacota, principalmente enquanto estivesse vulnerável demais para responder a perguntas que preferia que não fossem feitas.

Atendi a porta e quase desfaleci ao ver Sabrina, a minha ex-esposa, com o olhar avermelhado apontado na minha direção. Passei alguns segundos achando que estava diante de uma miragem ou imerso em um pesadelo ruim. Eu podia ter pena de seu estado visivelmente abatido, mas só consegui sentir raiva. Raiva porque, tarde demais, percebi que não nutria nenhum sentimento por ela além de remorso.

– Não vai me convidar para entrar? – ela murmurou com a voz chorosa. Abri a porta até o fim, sem nada responder, e dei passagem para que entrasse.

Sabrina estudou a sala do apartamento por alguns instantes.

Não havia sofá, televisão ou qualquer móvel. Apenas um tapete e duas cadeiras dobráveis, além de um quadro colorido que achei interessante e acabei comprando.

– Como soube que eu estava aqui? – perguntei. Apontei para uma das cadeiras e ela se sentou. Continuei de pé, pois se me sentasse seria capaz de não conseguir me levantar de novo.

– Sua mãe me falou.

Revirei os olhos. Mamãe ainda nutria certa esperança com relação a nós dois. Não a culpo. Mães não gostam de ver seus filhos desistirem.

– O que quer? – Cerrei os punhos ao perceber que fui grosseiro sem querer.

Havia esperado uma ligação, um contato, qualquer coisa, durante aqueles dias e quase me desesperado por não ter notícias. Agora que tinha, não sabia o que fazer com ela. O ser humano é mesmo muito complicado.

– Saber se está bem.

– Estou... E você?

– Parece bem?

Limitei-me a balançar a cabeça negativamente. Suspirei e sentei no tapete diante dela, encarando-a de baixo. Sabrina deixou uma lágrima escapar. Os cabelos negros e compridos estavam um pouco desgrenhados, mas ela havia se vestido muito bem com uma calça preta, botas e blusa de manga comprida.

– Volta pra casa, Levi.

Olhei-a sem conseguir me mexer. Pendi os lábios. Eu não ia voltar. Sabia perfeitamente disso, portanto não adiantaria ficar enrolando e nos machucando ainda mais. O casamento, o amor, o respeito, o carinho, tudo acabou. Só restaram dor, culpa, ressentimento e muita raiva.

– Me dê um motivo – pedi, talvez porque não conseguisse não

dar uma última oportunidade.

Sabrina começou a chorar baixinho. Abriu a bolsa que

carregava, tirou de lá um papel ofício e me entregou. Demorei a compreender

que se tratava de um exame feito em uma clínica que eu já conhecia mais do

que ninguém, embora não devesse. A palavra “ positivo” saltou dos meus olhos e me fez derrubar uma lágrima.

– Estou grávida – Sabrina sussurrou e caiu num pranto ruidoso.

O papel começou a sumir das minhas mãos. Começou lentamente. As palavras foram se embaçando até que não restou nada no meu campo de visão. Comecei a tremer e a soltar espasmos esquisitos que partiam do meu abdômen.

– Quanto tempo? – quase não consegui perguntar.

– Cinco semanas. É só uma semente. Nossa semente... – Ela riu

e chorou ao mesmo tempo. – P or Deus, esta tem que florescer! Ela vai, Levi,

meu amor. Eu prometo que desta vez vai florescer... P rometo que vou te dar

um filho. O nosso filho.

Eu não sabia o que fazer, mas a felicidade se aproximou do meu

peito com tanta pressa que me senti tonto e incrivelmente preparado para perdoar qualquer coisa que qualquer pessoa tivesse me feito em qualquer momento da minha vida. Foi impressionante como me senti disposto a puxar a Sabrina para o tapete e a beijá-la com doçura. Rimos e choramos juntos durante longos minutos.

Estava tão extasiado que um detalhe muito importante demorou demais para vir à tona na minha memória. Afastei-me um pouco dela e a encarei com um olhar confuso. Procurei algum arquivo que pudesse ter se perdido e passado despercebido pelas minhas lembranças, mas nada encontrei além das informações que eu já estava careca de saber. Não esqueceria algo tão importante, que fazia parte do combo de justificativas que me levaram a ter certeza de que aquele casamento havia acabado. Quando percebi o tamanho equívoco, fui parar do outro lado do tapete com o corpo inteiro tremendo de raiva.

– O que foi, Levi? – Sabrina ficou séria e, incrivelmente, parou de chorar.

– Nós não transávamos há quatro meses, Sabrina – rosnei. –

Precisamente quatro meses e doze dias quando saí daquela casa. Eu contei cada noite sem que você se importasse comigo.

Ela abriu bem os olhos e não falou nada. Para mim, estava

muito claro. Se aquele exame fosse mesmo verídico, então aquele bebê não era meu. Peguei o papel e verifiquei a data, a hora, bem como todas as informações contidas nele. Parecia ser verdadeiro; a data era do dia anterior e o símbolo da clínica estava intacto. Grunhi de insatisfação quando a encarei e percebi seu rosto inteiro ficar vermelho.

– Saia daqui – murmurei.

– Levi... O que está pensando? É claro que nós transamos!

– Não. Não transamos – defini. Eu tinha certeza. Permaneci são durante todo aquele casamento, diferentemente dela, que enlouqueceu diversas vezes e naquele momento devia ter enlouquecido de vez.

Além do mais, Sabrina não sabia mentir para mim. As inverdades estavam estampadas no meio de sua testa, e eu não queria olhar para cara dela nem por mais um instante, do contrário deixaria de lado toda a boa educação que o meu pai tinha me dado com empenho. Ninguém consegue ser um homem maduro quando percebe uma possível traição diante de si.

– Claro que...

– Não! Droga, Sabrina, saia daqui! Pare de mentir, pare de me atormentar! – berrei alto. – Vá embora e me deixe tentar esquecer que, enquanto eu te esperava e tentava te entender, você andou trepando com

outro cara para satisfazer seu desejo doentio de querer ser mãe!

– Você que é doente, Levi! Eu fiz de tudo para te dar um filho, mas não tenho culpa se seu sêmen não vinga!

– Meu sêmen não vinga... – murmurei e preendi os lábios, quase explodindo de ódio. – Meu sêmen não vinga. Certo. Aí você foi atrás de outro sêmen a fim de me dar um filho. Onde está o sentido?

– Não foi fácil te trair.

– Não foi fácil me trair – repeti pausadamente.

– Eu te amo, Levi. P or favor, acredite. Eu estava desesperada!

Agora... Agora tudo deu certo, meu amor, vamos ter um filho. – Ela tentou se aproximar, mas eu recuei depressa.

Sabrina, definitivamente, estava doente. Nossos problemas corroeram o cérebro dela.

– Não. *Você* vai ter um filho. *Você* e outro otário. Suma daqui. –

Levantei-me do tapete e caminhei até a porta, abrindo-a bruscamente.

P ensei que fosse dar trabalho para ir embora, mas a minha ex-

esposa se levantou devagar e saiu mais devagar ainda. P arou rente à porta, com lágrimas saindo em enxurradas pelos seus olhos claros.

– Na verdade, foi muito bom te trair – falou com ar debochado.

Todos os músculos do meu corpo se contraíram. Meu maxilar chegou a doer

de tanta força que usei para chocar meus dentes uns contra os outros. – Eu adorei.

Eu estava a um triz de mandar a boa educação para o inferno.

Havia perdido todo o respeito que tinha por aquela mulher, e quando a gente perde o respeito por alguém, acaba perdendo junto a compostura.

Minha vontade real foi de bater nela, não vou mentir, mas meu pai não merecia que eu fosse parar na cadeia por ter rompido um preceito tão antigo quanto “ em uma mulher não se bate nem com uma flor”.

– Vá embora – falei com uma paciência que eu não tinha.

– O mundo gira, Levi. Você me decepcionou em todos os sentidos, mas, no fim, sou eu que vou ter um filho e não você. Jamais vai conseguir uma mulher que te ame como te amei ou que aceite esse seu sêmen

doente.

Aquiesci, recebendo cada palavra rude com resignação.

– Seja feliz – falei, simplesmente. Não vou dar uma de santo e dizer que estava sendo sincero, mas se fiz tão mal àquela mulher, alguém lá em cima podia ter piedade e lhe dar um pouco de bem. Eu não podia julgar se ela o merecia ou não, meu dever era apenas tentar desejar que mereça, mesmo sabendo que eu jamais conseguiria ser tão benevolente.

– Vou ser. Você, não. – Sabrina riu, deu as costas e, sem olhar

para trás, pegou o elevador, que ainda estava parado no andar.

Apoiei minhas costas na porta e, fraquejando, chorei sem dignidade.

Parte 5

Atravessei a rua e me perdi dentro do primeiro boteco que encontrei. Pedi uma dose de tequila para abrir os caminhos, depois passei para o uísque. O homem que nunca bebeu ou chorou por uma mulher que atire a primeira pedra. Eu estava tentando fazer um de cada vez, mas não dava. Quanto mais bebia, mais lágrimas me acometiam. Devia estar parecendo um otário aos olhos dos frequentadores. Minha sorte era que estava tarde e provavelmente a maioria deles estava bêbada.

Bebi e chorei até a dor ganhar algum alívio. Aconteceu depois da quinta dose. Sentindo-me meio tonto, decidi voltar para casa. Sempre fui um cara prudente com relação à bebida. Bebia socialmente, nunca exagerando, mas a situação pedia medidas extremas. Eu não conseguiria dar conta daquela noite sem álcool circulando pelo meu sangue.

Paguei a conta e, sem querer, acabei levando o copo do boteco comigo. Andei pela rua meio cambaleante, dando-me conta de que havia me perdido. Aquele bairro era novo demais para mim, portanto nada consegui

reconhecer até alcançar a praça da árvore de natal do Lar Terezinha de Jesus.

Trôpego, tentei me apoiar em uma árvore comum e entornei o restante da bebida de uma só vez. Joguei o copo no chão e limpei a boca com as costas das mãos num gesto meio selvagem. Percebi que os funcionários do abrigo terminavam de recolher as coisas, provavelmente porque já estava tarde demais para ficarem ali.

– Levi? – Alguém me chamou e a minha primeira reação foi tentar me esconder atrás da árvore. Mas não adiantou muito, porque a pessoa já estava bem atrás de mim. Era a Heloísa. Ela me olhava muito espantada. Tentei me equilibrar, mas tropecei um pouco até me apoiar na árvore novamente.

– Vá embora, Heloísa, não me veja assim – falei com uma voz esganiçada que não reconheci.

– Você está bêbado?

– Muito. Por favor, afaste-se.

Não sei por que aquela doida riu. Senti-me totalmente ofendido, pois era claro que estava rindo da minha desgraça. Não achei que a Heloísa fosse mulher de rir das desgraças alheias, porém ultimamente meu radar andava quebrado com relação a mulheres.

– Até bêbado você é um *gentleman*? Estou impressionada!

Passei as mãos pelos meus cabelos e vi o mundo girar um pouco.

– Do que está falando? – balbuciei de forma meio lunática. Ainda tinha esperança de acordar e respirar aliviado por tudo aquilo ter sido um pesadelo.

– Oh, não! – Heloísa levou uma mão à boca e arregalou os olhos. Sua dramaticidade merecia um prêmio. – Oh, não, não, não!

Olhei para todos os lados a fim de conferir os motivos de ter ficado tão espantada, mas não tinha ninguém por perto, somente o grupo de funcionários do orfanato mais adiante.

– Levi, você não pode aparecer bêbado por aqui! O que dona Esmeralda vai pensar? E a assistente social quando souber? Ai, não! Ela não vai deixar a gente almoçar com o Lucas. Que tragédia!

Dei de ombros, tentando espantar algumas lágrimas. Mal sabia ela que a tragédia já tinha acontecido e ficar sem almoço no natal era o menor dos meus problemas. Suspirei profundamente, aprumei minha postura e saí andando calmamente. Heloísa me acompanhou com certo receio.

– Para onde vai?

– Para casa. Se eu achar.

– Você não vai pegar o carro desse jeito, Levi. Não vou permitir!

Encarei-a, tentando adivinhar em que momento da minha vida eu

tinha dado direito a ela de permitir ou não que eu tomasse alguma atitude. Eu não havia dado em momento algum, como era de se imaginar, mas Heloísa, de alguma forma desconhecida, se achava no direito mesmo assim. Eu ia dar uma resposta muito mal-educada, entretanto apenas preendi os lábios e contive mais lágrimas. O mundo ainda girava devagar. Só queria mais uma dose de uísque, por isso considerei a ideia de voltar ao boteco. Deixei Heloísa falando sozinha e entrei na mesma rua por onde tinha saído.

– Levi! P or favor, me escuta! – Ela pegou meu braço, mas me desvencilhei de forma grosseira. – Levi!

– Me deixa em paz, droga! Estou em outro dia ruim, será que ainda não percebeu? Quer que eu desenhe no seu diário? – rosnei sem paciência, descontando minha raiva em quem não merecia. – Vai procurar outro cara pra amolar, que saco!

Heloísa parou de me acompanhar. Dois passos foram suficientes para que eu me arrependesse até de ter nascido. Não devia, mas olhei para trás. Encontrei Heloísa estática, olhando para mim fixamente e com uma expressão tão triste que me senti pior ainda. Dei um passo em sua direção, mas ela recuou.

– Desculpa...

– Você tem razão, sou uma chata infantil. – A coitada começou a

chorar, provando o quanto era doce e inocente, como supus desde que a conheci.

– Não tem nada a ver com você. O problema sou eu. – Andei de um lado para o outro, meio cambaleante. – Ela me procurou para dizer que vai ter um filho. Está grávida, acredita? E eu não sou o pai! P or quê? P orque ela me traiu.

– Jesus Cristo! – Heloísa esqueceu que eu a havia tratado mal em dois segundos e veio até mim, abraçando-me meio sem jeito. Deixei-me levar pelo seu cheiro bom e caí no choro, sacolejando meu corpo sobre o dela em pleno ato de desespero. – Shhhh... Não fica assim, Levi. Ela é uma vaca. Você é um cara legal. Não importa que ela tenha um bebê, ter noção é mais importante. Isso falta nela e sobra em você.

Suas palavras foram capazes de me trazer certo alívio. Era uma pena eu estar bêbado demais para refletir melhor sobre elas.

– Só queria entender... Queria saber onde errei tanto – choraminguei.

Decidi me afastar para não piorar o papel de idiota que eu vinha encenando.

O estresse ao qual fui submetido prometia levar minha bebedeira embora mais depressa do que o normal. Continuava precisando de mais uísque.

– Nem todo mundo merece ter um sonhador. Seu erro foi plantar sonhos em um solo ruim. Mas agora você já aprendeu, não foi? – Heloísa

ganhou um semblante sério que eu desconhecia até então. – Só sonhe com quem sabe sonhar.

– Eu não quero mais sonhar.

– Você desistiu do casamento ou de si mesmo?

Aquela pergunta me deixou sem palavras. Não consegui encontrar uma resposta, e culpei a embriaguez antes que começasse a me culpar.

– Eu acho que moro ali. – Apontei para um prédio com lajotas marrons localizado na esquina. Um pouco de sensatez me fez compreender que o maldito boteco era na mesma rua do prédio. Ter me perdido daquela forma foi desconcertante.

– É impossível. – Heloísa sorriu. – Eu moro naquele prédio.

– Só pode estar brincando comigo. Sabia que não se brinca com bêbados?

– Sabia, sim. Você que não sabe que não se brinca com mulheres que escrevem diários.

Ela não me deixou responder mais nada. Fui guiado como um inválido até a portaria. Reconheci o porteiro e retirei as chaves do meu bolso para conferir o número do meu apartamento, que tinha sido gravado no chaveiro: seiscentos e um. Heloísa morava no quatrocentos e dois. A doida realmente esteve abaixo de mim, aquele tempo inteiro, sem que eu

tivesse a mínima ideia.

– Você quer um chá? P oosso preparar.

– Não.

– Uma dose de cachaça de banana? – Ela ergueu uma sobrancelha.

Achei que fosse brincadeira, por isso não respondi. – Guardo uma garrafa desde que fiz uma viagem ao Nordeste. É uma bebida docinha, mas forte.

P egamos o elevador lentamente, pois Heloísa ainda me ajudava para que eu não tropeçasse no vento. Estava tão quente dentro do elevador que não contive o ímpeto de tirar minha camisa. Apoiei minha cabeça na face espelhada e soprei. Heloísa me analisava com tanta atenção que me senti meio envergonhado.

Juntei o meu interesse ilógico com o que parecia ser interesse por parte dela, somei as bebidas e a comodidade de morarmos no mesmo lugar e

cheguei à conclusão de que não daria certo aceitar o seu convite. Eu estava vulnerável, queimando de raiva, bêbado, louco para extravasar e triste em excesso. Não podia contar com a sensatez daquela maluca para me refrear.

– Obrigado, você sempre é muito gentil comigo, mas preciso ficar sozinho.

O elevador abriu no quarto andar. Ela saiu, visivelmente contrariada, mas impediu o elevador de seguir adiante colocando a mão na porta

eletrônica.

– Por que fazer uma pergunta antes de ir?

– Claro. – Encolhi meu corpo.

– Você acha muito idiota o fato de eu ter um diário? Seja sincero.

Comecei a rir. A garota inexistente atacava de novo. Depois de tudo, ela ainda estava preocupada com um simples diário? Queria poder entender a mente daquela mulher, pois parecia valer muito a pena. O problema é que nenhum homem vem com um manual de como entender mulher alguma, por

isso fazemos papel de otário mais do que gostaríamos.

– Depende. Por que você tem um diário? Se for para colar fotos de homens pelados e artistas de filmes vampirescos, sim, acho.

Heloísa ficou vermelha dos pés a cabeça. Toda sua pele exposta ganhou uma coloração escarlate que analisei minuciosamente, achando tudo muito divertido. Ela tirou a mão das portas do elevador, fazendo beicinho, porém fui mais rápido e coloquei minha própria mão lá.

– Até mais, sonhador – ela murmurou desconcertada.

– Espera. É a minha vez de fazer uma pergunta.

– Manda ver. – Sorriu como se não tivesse aborrecida um segundo atrás.

– Nunca se envergonhe de ser quem você é – falei com seriedade. A

bebida às vezes nos transforma em filósofos boêmios. – Nunca deixe de fazer

o que gosta por medo de que alguém te ache idiota. Não me importo com o que coloca no seu diário, Heloísa, se um cara te chamar de idiota, juro que quebro a cara dele. Eu devia quebrar a minha própria cara por ter sido grosso contigo.

Não percebi que tinha me inclinado tanto e parado tão perto dela até sentir lábios macios contra os meus. Não fui eu que a beijei, foi a maluca que simplesmente fez nossas bocas se chocarem e permanecerem juntas, estáticas, como ímãs. Recuei vários passos e nos separei mais depressa do que o meu corpo desejou. Ainda pude sentir o calor dos lábios dela mesmo depois que me afastei.

– Desculpa...

– Desculpa, eu... – falamos juntos.

Encaramo-nos durante segundos decisivos. Ela entreabriu os lábios e esperou. Eu tentei controlar meus batimentos cardíacos e racionalizar as coisas.

– Estou bastante ferrado, Heloísa – comecei a me explicar. – Vou demorar muito a superar essa. Um tempo que eu jamais deixaria que você esperasse. Consegue me entender?

Aquiesceu com o rosto ainda enrubescido.

– Eu não superei também. Estou longe de estar pronta. Foi um...

lapso. Você é tão bonitinho e disse coisas tão bonitinhas.

Sorri. Ela era tão sincera que me comovia. Talvez porque sua sinceridade vinha acompanhada de pureza. As pessoas deviam se esforçar mais para ser inexistente como aquela mulher. Muitos a julgariam como infantil ou bestinha, mas era de espíritos como o dela que o mundo precisava para se tornar um lugar melhor.

– Você também é muito bonitinha – entrei na onda. P isquei um olho e retirei a mão das portas. Heloísa colocou a mão de novo.

– Só para constar, você não fez uma pergunta.

– Hã?

– Você disse que ia fazer uma pergunta, mas só fez várias afirmações.

– Ok, eu faço agora: você vai ficar bem?

– Acho que não. E você?

– Não *mesmo*.

Finalmente o elevador foi liberado.

– Não pense na vaca.

As portas foram se fechando, mas consegui responder:

– Vou tentar.

Parte 6

Depois de tomar um banho longo e de preparar um café forte com muito açúcar, senti-me melhor com relação à embriaguez. Cheguei à conclusão de que eu não funcionava como os outros caras, que costumam beber para esquecer e conseguem seguir adiante quando se deparam com um

rabo de saia. Sempre raciocinei muito antes de conquistar uma mulher.

Coloco em mim toda a responsabilidade de fazer dar certo, por isso quase nunca ficava por ficar. Quando beijava uma garota, geralmente era na intenção de buscar um relacionamento sério.

Deve ser por isso que pensei demais sobre o beijo esquisito que a Heloísa havia me dado. Por um lado foi bom, pois raciocinei menos sobre a sacanagem que a Sabrina tinha feito comigo. Não que em algum momento a dor parou de doer, mas a noite se tornou muito mais suportável. Passei por ela com bravura, tentando colocar na cabeça que nem tudo podia ser considerado culpa minha. A maior tristeza foi perceber que perdi meu tempo

durante seis longos anos, tentando ser o melhor para alguém que aparentemente sequer teve a dignidade de se esforçar para fazer o mesmo.

O resto da semana foi difícil de encarar. Pensei diversas vezes em procurar pela Heloísa, porém achei desnecessário. Eu não podia envolvê-la nos meus problemas, seria muito egoísmo da minha parte procurar por

alguém bacana como ela só para buscar alívio para minhas dores. Não merecia ser tratada com tanta desconsideração.

A noite do dia vinte e quatro foi lamentável. Mamãe fez uma reunião em sua casa, juntando alguns parentes para a ceia de natal. Precisei reunir muita coragem para responder às perguntas chatas, a principal era: “ cadê a Sabrina? ”. A notícia da separação escandalizou algumas tias mais irritantes, que foram abafadas pelos parentes que perceberam que eu não me sentia nada confortável.

A noite foi longa e triste, como já sabia que seria. Apesar de saber que estava deliciosa, a ceia parecia cinzas ao entrar em contato com a minha boca. As músicas natalinas nunca me soaram tão depressivas. Até a troca de presentes, para mim, não teve muito sentido. Fui embora logo após a ceia, sob o olhar preocupado da mamãe, que me chamou para almoçar em sua casa no dia seguinte. Recusei, explicando que trabalharia como voluntário em um orfanato. No início, ela achou a minha atitude muito esquisita, mas depois ficou feliz, aceitando a minha ausência de bom grado. Mães adoram quando a gente faz alguma coisa boa pelo bem do mundo.

Não combinei coisa alguma com a Heloísa para o dia vinte e cinco,

por isso tomei a liberdade de fazer alguns planos. O primeiro foi me arrumar

cedo e esperar por ela na portaria. Nosso encontro com o moleque aconteceria às onze horas da manhã, portanto às dez e meia eu já estava andando de um lado para o outro na esperança de vê-la saindo do elevador.

Aconteceu dez minutos depois.

Heloísa veio na minha direção, trajando mais um de seus vestidos floridos e sandália rasteira colorida. Uma tiara com fitas grossas enfeitava seu cabelo sempre esvoaçante, livre como o vento que soprava fresco naquela manhã. O sol pareceu mais brilhante quando abriu um sorriso puro, exaltando seu lado criança que não tinha morrido mesmo depois de conhecer a maldade do mundo.

– Bom dia, sonhador! Feliz Natal! – Abraçou-me despretensiosamente e devolvi um abraço que tentou ser despretensioso, mas eu senti tanta saudade dela que demorei demais para largá-la.

– Bom dia, linda inexistente. Feliz Natal.

– Pronto para realizar desejos?

– Não sei direito.

– Que beleza. Nem eu. Mas temos que ser firmes, tudo bem? –

Aquiesci, finalmente a largando. – Vai ficar tudo bem, Levi.

Concordei com a cabeça novamente. Guiei-a até o meu carro, que já

estava estacionado na rua. O orfanato ficava muito perto, mas o lugar onde almoçaríamos nem tanto. Heloísa parecia bem animada, mas eu conseguia enxergar resquícios de nervosismo em seu semblante.

– Vai achar estranho se eu te der um presente? – perguntei assim que dei partida.

– Comprou um presente? Para mim? – Ela ficou tão chocada que me considerei um idiota. Sempre gostei de presentear, de agradar as pessoas e de me importar com elas. Meus parentes e amigos me conhecem e sabem que

sou assim, mas aparentemente eu ainda não tinha conseguido mostrar meu lado agradável a ela. Heloísa só conhecia o Levi derrotado.

– Comprei. – Esgueirei-me para pegá-lo no banco de trás do carro.

Ela soltou um longo suspiro de satisfação quando viu o belo vaso com margaridas diante de si.

– São margaridas? Que lindas! – Alisou as flores com dedos delicados.

– São sim. Havia margaridas na sua tiara quando nos conhecemos.

Heloísa me encarou sorridente. Seus olhos meio puxados ficavam quase fechados quando ela sorria, acho que era por isso que eu gostava tanto de vê-la sorrindo. Ela se inclinou e me deu um beijo casto na bochecha. Minha pele ficou quente no ponto exato em que ela encostou.

– Obrigada, seu observador metido.

Pensei em começar a rir, mas o orfanato chegou e precisei me concentrar para estacionar. Também precisei controlar o meu nervosismo ao visualizar os portões e os muros com tinta gasta. Heloísa não ficou tão diferente. Depositou o vaso num compartimento acima do porta-luvas e suspirou antes de abrir a porta do carona para descer e encarar um almoço traumatizante.

Dona Esmeralda nos recebeu com um sorriso largo nos lábios.

Avisou-nos que o Lucas já estava ciente do que aconteceria. Disse também que o menino não falava em outra coisa. Há tempos matraqueava com todos os funcionários do orfanato sobre o almoço de natal, estava muito empolgado com a ideia.

Não tínhamos muito tempo assim para ficar com o Lucas. Nosso tempo era de apenas três horas, portanto o menino teria de voltar ao orfanato às duas da tarde, no máximo. Precisávamos respeitar este horário à risca. Gostei de saber disso, pois não me via passando um dia inteiro sendo martirizado. Quanto mais rápido fosse, melhor.

– Vocês estão convidados para a nossa festa de natal, que acontecerá a partir das três horas. Teremos brincadeiras, lanche e, por fim, a visita do

Papai Noel. Seria ótimo se ficassem um pouco mais para conhecer o restante

de nossas crianças! – dona Esmeralda pareceu ter adivinhado os meus pensamentos e acabou com a minha alegria em instantes.

– Seria ótimo mesmo, não é, Levi?

– É. Seria.

Heloísa me olhou com cara feia e eu apenas dei de ombros. Não consegui disfarçar minha insatisfação.

– Ele está bem ali, olhe! – dona Esmeralda apontou para uma pequena escadaria adiante, que servia de entrada para a ala dos dormitórios, pelo menos era isso que estava escrito em uma placa caindo aos pedaços.

Devo ter tido um acesso ou algo assim, pois parei de andar e fiquei travado, olhando para frente como se tivesse acabado de ver um fantasma.

Heloísa e dona Esmeralda continuaram andando e sorrindo, enquanto um garoto se levantava de um dos degraus da escadaria e corria animadamente.

– Carambolas! – ele gritou, abrindo os braços. Heloísa, como sempre inexistente, fez o mesmo e correu até ele. Abraçaram-se com fervor. – Papai

Noel caprichou!

Foi um abraço demorado. Acho que se passaram horas enquanto eu assistia à Heloísa agachada com o moleque nos braços. Ele não era tão

magrinho quanto pensei que fosse. Muito pelo contrário, Lucas era um pouco gordinho e aparentemente tinha acabado de tomar banho. Não pude deixar de perceber que ele se parecia muito comigo: tinha os mesmos cabelos loiro-escuros e os olhos claros. Para ser sincero, seria confundido sem problema algum como sendo meu filho. Meu primeiro pensamento foi pedir ao mundo para que não me colocasse mais no meio de tantas coincidências.

Quando o abraço foi desfeito, o moleque me procurou pelo pátio.

Heloísa virou para trás e me ofereceu um olhar que tentou me passar força. O

problema era que eu só me sentia ainda mais fraco, piorando quando o guri correu na minha direção. Agachei antes que ele se aproximasse e quase não pude acreditar quando senti seus braços envolvendo o meu pescoço.

– P ai! – Lucas gritou no meu ouvido. Em vez de dor, senti lágrimas nos meus olhos. Tentei olhar para o céu a fim de não deixá-las cair. – O senhor se parece comigo! – Ele se afastou e me encarou de perto. Permaneci

agachado diante dele.

Heloísa se aproximou e assanhou os cabelos de Lucas. Nem posso traduzir em palavras como estava o sorriso dos dois. Acho que se parecia muito com o meu. Tentei, mas não consegui. Sucumbi à ilusão em menos de

dois segundos. Sabia que não sairia daquele almoço ileso, mas precisava fazer com que valesse a pena toda a dor que sentiria depois.

– E aí, campeão... Soube que você gostava de jogar futebol. – Os olhos do menino brilharam de empolgação.

– Quem disse ao senhor?

– Quem mais? O Papai Noel, claro! – afirmei, apurando meu corpo e repetindo o movimento de assanhar cabelo que a Heloísa tinha feito.

Lucas parou de sorrir, de repente. Ficou me olhando com espanto e não pude evitar rir. Ele realmente acreditava em Papai Noel. Seu semblante chocado não me deixava negar. Percebi que as pernas do moleque estavam cheias de feridas. Fiquei preocupado, mas depois me lembrei de que, na idade dele, vivia caindo do skate e ganhando muitas iguais àquela.

Dona Esmeralda se despediu de nós, desejando um ótimo passeio.

– Quem chegar primeiro até o portão é a mulher do padre! – Heloísa gritou do nada, e ela e o Lucas saíram em disparada. Perdi a deixa para acompanhá-los e acabei sendo nomeado a mulher do padre da vez em meio a gargalhadas infundáveis.

Heloísa abraçou o Lucas lateralmente e caminhou com ele até o carro.

Fiquei os observando, tentando controlar minhas mãos trêmulas e uma emoção que fazia o nó da minha garganta se apertar cada vez que eu me

movia.

– P apai, o senhor tem um carro? – P araram diante do meu Honda

Civic preto. – Uau! Que massa! No que o senhor trabalha?

– Sou advogado – respondi e destravei o alarme. A empolgação do menino fez Heloísa rir de um jeito maroto.

– Daqueles que ajudam bandidos a saírem da prisão?

– Não. Ajudamos pessoas inocentes a saíram da prisão. E os bandidos a ficarem nela. – Fiz uma careta.

– Que demais! Quero ser advogado quando crescer! Eu queria ser jogador de futebol também, mas podia ir trabalhar com o senhor durante o dia e à tarde jogar futebol.

– Vai poder ser o que quiser se estudar bastante.

Lucas fez uma cara engraçada e pulou dentro do banco de trás. Olhei significativamente para Heloísa enquanto dava a volta no carro. Ela piscou um olho, abriu a porta do carona e entrou.

– O que a senhora faz, mãe? – Escutei o Lucas perguntando assim que entrei no carro também.

– Sou professora.

– Daquelas chatas ou das legais?

Heloísa gargalhou alto.

– Lucas, olhe pra ela, acha que é chata rindo desse jeito escandaloso? – Virei a cabeça para trás e olhei para o moleque. Ele nem pensou muito.

– É engraçado quando ela ri! Claro que ela é legal!

– É isso aí. Ninguém pode ser chata rindo desse jeito.

– Depende. A dona Simone é um porre.

– Quem é dona Simone? – Coloquei o cinto de segurança e dei partida, visualizando o garoto pelo retrovisor.

– A merendeira do orfanato.

– Ela ri engraçado? – Heloísa perguntou de um jeito divertido.

– Parece uma capivara sendo abatida! – Lucas soltou e rimos em conjunto.

– Já viu uma capivara sendo abatida? – perguntei.

– Não, mas deve ser do mesmo jeito como a dona Simone ri, com certeza! O senhor precisa ver! – Todo mundo riu.

O moleque podia ter a minha cara, mas não tinha como negar que o senso de humor não vinha de mim. Olhei para Heloísa. Ela me olhou de volta um pouco espantada, creio que se dando conta de que o Lucas, na verdade, se parecia muito mais com ela do que comigo.

– Para onde vamos mesmo? – Lucas perguntou quando nem eu e nem

a Heloísa soubemos o que falar. Ainda bem que o silêncio instalado no carro não demorou muito.

– Para um clube de onde sou sócio. Lá tem a melhor comida que já provei, além de um campo de futebol – expliquei. Olhei o moleque pelo retrovisor no mesmo instante em que seus olhos brilharam de empolgação.

– Um campo de futebol profissional? Daqueles com grama verdinha?

Heloísa riu da animação do garoto. Evitei olhá-la, pois sabia que a minha ilusão acabaria atingindo não somente o Lucas, mas ela também. Eu estava fingindo que ele era o meu filho, porém não podia fingir que ela era a

minha mulher. Seria demais para mim e injusto com ela.

– Sim. Daqueles que a gente joga com bola profissional.

– Uau! O senhor tem uma bola profissional?

– Eu não, mas você tem. – Sorri.

– Eu? Mas eu não tenho!

– Claro que tem. Está nos seus pés.

– Onde?

– Bem atrás de mim, no chão – falei rindo.

Tentei prestar atenção no trânsito, mas a cara do moleque era um acontecimento imperdível. Ele procurou a bola até que finalmente a encontrou. Estava embalada em um papel de presente brilhante e enrolada

em uma fita. Ele rasgou o papel e abriu os olhos ao máximo quando desvendou a bola profissional com o símbolo da Adidas.

– Essa bola é minha? – Lucas perguntou com a voz chorosa. Meus olhos se encheram de lágrimas quando vi os olhos deles fazerem a mesma coisa.

– Sim. Feliz natal – tentei conter a emoção. Era para ser um feliz natal animado, mas saiu como um sussurro indefinido. Parei num sinal e a Heloísa tocou minha mão sobre a marcha.

Olhei para ela. Seus lábios começaram a se mexer, mas pararam. Seus dedos continuaram a alisar minha mão com doçura. Não fui capaz de me mover. Estava tentando não chorar, seria dramático e muito vergonhoso. Foi ela que me avisou que o sinal tinha ficado verde de novo, pois o meu mundo havia sofrido uma pausa brusca enquanto a encarava e sentia seu toque.

Lucas não falou nada. Ficou tão quieto que não ousei olhar pelo retrovisor. Meus nervos pareciam estar congelados. Não consegui pensar em nada, só tentei dirigir com prudência a caminho do clube. Percebi Heloísa se virando para trás depois que o menino passou muito tempo calado.

– Você está bem, Luquinhas? – ela perguntou de um jeito

preocupado.

– Sim...

– Por que está chorando?

Contive a minha vontade de olhar pelo retrovisor. Se o visse chorando, então estaria perdido de vez.

– Eu não queria chorar. Homem não chora.

– Quem disse isso? – P odia visualizar a careta da Heloísa mesmo sem vê-la.

– Todo mundo sabe disso, mãe. O papai deve saber que homem não chora, não é, pai?

– Na verdade, homens choram sim – respondi. – Todo mundo que tem sentimento pode chorar, homens ou mulheres.

– Quem disse isso ao senhor? – ele perguntou com a voz empertigada.

– O meu pai – murmurei.

– Onde ele está? P reciso perguntar quem disse isso a ele.

Heloísa riu, mas eu não consegui acompanhá-la.

– Morreu – respondi simplesmente.

– Ah... – Lucas suspirou. – O meu também. Somos muito parecidos, pai.

– É verdade – Heloísa completou, tentando desesperadamente desviar o assunto. – Vocês são parecidíssimos! Que grande coincidência!

– Mãe, a senhora me acha bonito?

– Claro que sim! Você é um gato, Luquinhas.

Rimos juntos.

– Então a senhora acha o papai um gato. Dona Esmeralda disse que vocês não são casados, que são só amigos, mas sabe o que eu acho? Vocês deviam se casar. – Pude ouvir os grilos pairando sobre nossas cabeças de tão silencioso que ficou o carro, até que Lucas continuou: – P ai, o senhor acha a mamãe bonita, não é?

– Quem não acha? – Sorri desconcertado.

– Por que o senhor não se casa com ela?

Perdi minhas mãos no volante. Por que crianças fazem perguntas tão difíceis? Aquele almoço nem tinha começado direito e já se transformou na experiência mais sem nexos que vivenciei em toda minha vida.

– É complicado. Nem tudo é tão simples, Lucas. Os adultos são imprevisíveis.

– O que significa “imprevisíveis”?

– Uma coisa que não tem como prever – foi a Heloísa que respondeu.

– Levi quis dizer que não tem como saber o que os adultos são capazes de

fazer.

– Ah. P ois eu acho que os adultos são uns chatos.

– Você nos achou chatos? – Heloísa perguntou rindo.

– Não! Vocês, não! – Lucas se corrigiu com desespero evidente em sua voz.

Atravessei os amplos portões de ferro do clube e estacionei em uma vaga. P or ser feriado e um dia perfeito para passar com a família, o local estava com bastante frequentadores.

– Chegamos! – alertei antes que o assunto se prolongasse ou que outro tão constrangedor quanto aquele viesse à tona.

Antes de descer do carro, inspirei todo o ar que consegui e contei até dez.

Parte 7

Quando o Lucas viu o campo de futebol, não quis saber de mais nada. Não percebeu o grande e equipado playground, ignorou as piscinas e ficou tão entusiasmado que a Heloísa não parava de rir dele. Alguns pais também jogavam com seus filhos no campo, e logo nos enturmamos – Lucas

era ótimo em fazer amizades. Montamos um time que misturava pais e filhos

e começamos a jogar. Heloísa encontrou um lugar sombreado na pequena

arquibancada e nos assistiu o tempo todo, comemorando como uma louca toda vez que o Lucas chutava a bola.

O moleque até que jogava bem. Quase conseguiu fazer um gol e chegou a sofrer uma falta perigosa, que quase me fez morrer do coração. Mas

ele apenas se levantou do gramado e continuou a correr como se nada tivesse acontecido. Naquele instante, percebi que ser pai era mais difícil do que pensava. Era uma espécie de preocupação que não acabava nem por um segundo. Se eu estava sentindo aquilo durante um curto espaço de tempo, imagina se sentisse durante anos? Já teria enlouquecido de vez.

Depois de três partidas com o nosso time sempre ganhando, fiquei exausto. Lucas também se cansou, por isso pedimos para sermos substituídos por algumas crianças que esperavam sua vez de jogar.

Sentamos na arquibancada ao lado da Heloísa, ofegantes e trajando apenas nossas bermudas. Jogar no campo estando descalço foi complicado, mas não

tínhamos chuteiras, bem como a maioria das pessoas que estavam jogando.

Heloísa segurava nossas camisas e garrafas de água para garantir que não ficássemos desidratados. Peguei uma delas de sua mão e percebi seu olhar tímido circular pelo meu peitoral exposto. Fingi que não percebi.

– Lucas, acho que Heloísa está entediada – falei depois que tomei um

gole de água. O garoto estava entretido com sua própria garrafa. – Que tal se a gente fizesse alguma coisa que mulheres também sabem fazer?

– Ei! – Ela jogou a minha camisa, que foi parar bem na minha cara. –

Mulheres sabem jogar futebol!

– A senhora sabe jogar futebol?

– Não. Mas mulheres sabem jogar futebol. – Ela fez uma careta presunçosa muito engraçada, que provocou riso em todos, inclusive nela mesma. – Vocês nunca ouviram falar na Marta?

– Claro que sim, ela é fera! A mamãe tem razão, pai.

– É, creio que sim. Ela sempre tem razão.

P isquei um olho na direção dela, mas depois me arrependi. O que eu estava fazendo? Não era saudável flertar com a Heloísa, sobretudo naquela situação complicada para nós dois. A dor ainda estava instalada no meu peito, a mágoa me corroia por dentro e era difícil acreditar que eu estivesse pensando em fazer besteira com uma mulher que não merecia tanta indiscrição da minha parte.

Acho que a Heloísa foi a primeira a compreender que aquilo não daria certo. Manteve-se um pouco distante de mim depois disso. Levou Lucas até um grupo recreativo que estava fazendo pinturas em pequenas telas, perto de onde ficava o playground. Entrei na onda e tentei fazer

alguma coisa legal na minha tela, mas meu jeito com os pincéis era deplorável. Já os dois riram muito juntos enquanto pintavam e conversavam sobre as cores, artistas – Heloísa aparentemente tinha grande conhecimento sobre eles – e a expressão de emoção através das artes. Escutei tudo sem emitir qualquer opinião e assisti aos dois se entendendo com a minha maior expressão de idiota. Apenas observá-los me fazia um bem enorme – trazia-me uma paz a muito não vivenciada –, porém não conseguia dar conta do aperto que ia e vinha no meu estômago, esmagando minha garganta e, por várias vezes, tirando todo o meu ar. Novamente, minha razão pediu para que aquele dia acabasse logo, mesmo que meu coração quisesse congelar o tempo.

Por fim, Heloísa conseguiu fazer uma mistura de cores impressionante que gerou desenhos surrealistas de flores coloridas – ela devia gostar muito de flores e cores. Lucas fez um amontoado de tinta e disse que se tratava de um monstro que invadia uma cidade perdida que só existia em sua imaginação. Já eu, fiz riscos indefinidos que mais pareciam ter

sido feitos por uma criança de dois anos. Eles riram de mim, obviamente.

– O que vamos fazer agora? – Lucas perguntou enquanto observávamos as telas secando ao sol.

– Você não está com fome? – perguntei. Olhei para Heloísa,

mas ela ainda me evitava.

Seu comportamento me deixou triste comigo mesmo. Eu era o culpado por aquela mudança. Será que perderia sua amizade? Por Deus, ela era a última pessoa com quem eu poderia agir como um idiota.

– Estou! Oba! – Lucas gritou, erguendo os braços.

– O restaurante do clube é logo ali. Vamos? – perguntei ainda olhando para Heloísa. Ela apenas aquiesceu de leve, meio introspectiva.

Sentamos a uma mesa do restaurante e cardápios foram colocados em nossas mãos, inclusive na do Lucas. Ele achou o máximo, sentiu-se muito importante apenas com aquele simples gesto. Leu o nome dos pratos com bastante fluência, enchendo sobretudo a Heloísa de orgulho. Ela não lhe poupou elogios.

– O que gosta de comer, Luquinhas? – ela perguntou, coçando os cabelos dele. Pelo visto, tinha gostado de fazer aquilo. Eu curtia ficar observando quando ela fazia carícias nele.

– Feijão, arroz e bife! – respondeu lambendo os lábios.

Rimos um pouco. Não era difícil agradar o Lucas. Ele era um menino bom, simples, inteligente, humilde e... sonhador. Parei de rir ao chegar nesta conclusão assustadora.

– O que você gosta de comer *de verdade*? – Heloísa insistiu. –

Crianças geralmente gostam de pizza e batata-frita. Hoje, você pode comer o

que quiser, querido.

– Mas mãe, eu gosto de feijão, arroz e bife.

– É o que você come todo dia, não? – questionei.

– É o que o refeitório do orfanato serve no almoço! Como tudo, menos a salada. Não gosto de salada, tem gosto de borracha.

Rimos.

– Tem certeza de que quer comer a mesma coisa que come todos os dias?

Lucas me olhou seriamente. Perguntei-me como um garoto como ele podia ter passado tantos anos sem que alguém se interessasse em adotá-lo. Era quase inexplicável. Não conhecia as outras crianças do orfanato, mas quem conhecia o Lucas não sentia a necessidade de conhecer mais ninguém.

– Posso trocar o suco por refrigerante?

– Claro!

– Então está ótimo, pai!

Nem acreditei que estávamos em um restaurante com inúmeras opções de pratos, saboreando um delicioso feijão caseiro com arroz soltinho e bife assado. Heloísa e eu resolvemos pedir a mesma coisa,

entrando na onda de simplicidade do Lucas. Ele comia com a mesma empolgação que havia utilizado para fazer tudo durante aquele dia. De sobremesa, pedimos sorvetes de diversos sabores com muita calda. Estava tudo uma delícia.

– Mãe, por que a senhora se suja toda quando toma sorvete? –

Lucas perguntou a Heloísa, fazendo uma careta que me fez abafar um riso. Ela me olhou com desaprovação e então não consegui me controlar: desatei a rir.

Ela pegou um guardanapo e se limpou.

– Não sei, Lucas. Acho que sou meio boba.

– A senhora não parece uma boba. – Lucas colocou uma colher enorme de sorvete na boca. Engoliu e passou a língua pelos lábios. – O senhor acha que a mamãe parece boba, pai?

– Não... Ela só tem espírito infantil – respondi sorrindo. – Não pensa em se limpar porque se permite saborear o doce sem preocupação.

– Ah. Acho que não entendi. – Ele mesmo coçou a cabeça daquela vez.

– É simples, Lucas, Heloísa é uma mulher que se comporta como uma criança porque as crianças são mais legais que os adultos, que se preocupam demais em não se sujar quando tomam sorvete. – Não tive

coragem de encará-la enquanto explicava ao Lucas os motivos que a faziam ser tão especial.

– Então ela é mesmo legal – Lucas concluiu.

– Sim. Eu te falei, não foi? – Dei de ombros.

– Com licença, garotos. Vou ao banheiro. – Heloísa arrastou a cadeira para trás e se levantou depressa. Sua expressão confusa e séria demais me fez quase pirar de raiva de mim mesmo. Ela andou calmamente até a metade do caminho e, fora do campo de visão do Lucas, começou a correr na direção do sanitário.

Tentei puxar assunto com o moleque, mas me concentrei muito pouco. Minha cabeça latejava, tentando buscar uma solução para desfazer a situação chata com a Heloísa. Quanto mais pensava, mais sabia que, quando aquele dia acabasse, teria perdido não apenas o Lucas, mas ela também. E não soube dizer se estava pronto para fingir que aqueles últimos dias não estiveram presentes no meu calendário.

Heloísa voltou do banheiro com o humor renovado, foi como se tivesse encontrado uma injeção de ânimo por lá. Contou piadas para o Lucas, que não parava de rir, e deixou de me ignorar, voltando a ser a mesma

mulher que eu tinha conhecido diante da árvore de natal. Suspirei aliviado,

resolvendo esquecer as complicações para que elas não me deixassem triste antes do tempo.

– O que a gente vai fazer agora? – Lucas questionou, levantando-se da cadeira e dando alguns pulos, mostrando que estava pronto para mais diversão.

Heloísa olhou o relógio de pulso. Nosso tempo era muito curto.

– Está na hora de voltarmos, Levi. – Analisou-me com tristeza.

Chegou até a entortar a boca. – Temos que devolvê-lo na hora certa.

– Mas, já? – Lucas ficou pior do que nós dois juntos. – Tão rápido assim?

– Pois é, Lucas. Vamos?

– Eu não quero ir – choramingou. Os olhos esverdeados ficaram ainda mais claros por causa das lágrimas.

Eu sabia que aquele momento seria difícil, mas só imaginar não

me fez ter a noção real do que seria. Toda a depressão dos últimos tempos se

reuniu de uma só vez dentro de mim. Depositei minha cabeça entre as mãos

e suspirei profundamente, esquecendo-me de que não podia me comportar

como um fraco, não na frente dele. Apoiei-me ainda mais na mesa e lá fiquei,

com a cabeça abaixada. Como ser forte quando tudo me enfraquecia?

Senti os dedos da Heloísa acariciarem os meus cabelos.

– Vamos ficar no orfanato até o fim da festa de natal, Lucas – ela o informou com a voz doce, sem me largar.

– O que ele tem? – o menino certamente se referiu a mim.

– Levi também não gosta de despedidas. Mas ninguém precisa se despedir, certo? Podemos te visitar às vezes. O que acha?

– Por favor, venham me visitar mais vezes. Por ai, não chora não, homem não... Quer dizer, homem pode chorar, mas não precisa. Eu parei, juro que parei.

Levantei minha cabeça e suspirei profundamente. Heloísa ainda me tocava.

– Não estou chorando. Vamos, turma, não podemos nos atrasar.

– Levantei-me, pois já tinha pagado a conta.

Lucas segurou a minha mão e a da Heloísa. Andamos como uma verdadeira família até o estacionamento. Eu não consegui olhar para nenhum lugar além do chão diante dos meus pés. Entramos no carro em silêncio e assim permanecemos durante metade da viagem. Heloísa pegou as

flores que havia ganhado e as acariciou com tranquilidade. Lucas brincava com a bola de um jeito entretido, mas parou de repente e soltou:

– P reciso dizer uma coisa a vocês.

– P ode falar, querido. – Heloísa continuou admirando as margaridas.

– Eu sei que vocês não são os meus pais. Sei que P apai Noel não pode trazer pais de verdade para mim, mas ele se esforçou, não foi? – O silêncio nos dominou, então ele repetiu: – Não foi?

– Foi sim – murmurei.

– Hoje foi o melhor dia da minha vida.

– O nosso também, Luquinhas. Foi especial, isso que importa

– Heloísa completou.

– Se vocês fossem meus pais, seriam os melhores do mundo.

Tenho certeza.

– Você está triste, Lucas? – perguntei, porque não saber estava me matando. Se a nossa atitude tivesse o prejudicado, faria o possível para reparar aquele erro.

– Não. Estou feliz porque conheci vocês. Foram bacanas comigo. O dia foi massa! Não vou ficar triste, vou me lembrar desse natal pra sempre.

– Eu também – disse Heloísa.

Achei que o clima estava depressivo demais, por isso liguei o

som do carro em uma estação local. Estava tocando diversas músicas natalinas. Lucas começou a cantá-las na mesma hora e a Heloísa o acompanhou. No fim das contas, parecíamos loucos berrando “bate o sino pequenino”.

De uma coisa tinha certeza absoluta, eu também jamais me esqueceria daquele natal.

Parte 8

Havia uma quantidade considerável de crianças circulando pelo pátio do orfanato. Uma equipe de voluntários realizava diversas brincadeiras com elas. Lucas tentou ficar próximo da gente o máximo que pôde, mas depois se rendeu à diversão, fazendo-nos prometer que não iríamos embora cedo, muito menos sem falar com ele.

Tivemos vontade de ajudar a equipe de voluntários, por isso começamos a cortar os pães e preencher os cachorros-quentes que seriam servidos no lanche.

– O que achou do almoço? – perguntei a Heloísa, que havia sido colocada ao meu lado durante a atividade. Estava entretida demais com o que fazia.

– Eu disse que ele era uma figura. – Sorriu de leve, sem me olhar.

– Ele é mesmo.

– Quanto tempo você acha que é o bastante para começar a amar alguém? – Finalmente me olhou. Tentei, mas não consegui parar de encará-la. Reparei cada contorno de seu rosto com muita atenção. Ela enrubesceu, porém não desviou os olhos de mim.

– Eu não sei.

– Não deve ser muito – completou. – Eu amo aquele moleque, Levi. Vai ser difícil esquecê-lo.

Eu tinha certeza de que seria impossível.

– Você disse que a gente não precisava se despedir. Era mentira? Eu acreditei em você, como tenho certeza de que o Lucas acreditou.

– Eu tenho a minha vida, você tem a sua e ele tem a dele. –

Heloísa fez uma careta de sofrimento. – Claro que venho visitá-lo, mas um dia terei de parar. Não entende?

– Não. Não entendo.

– O que você quer, Levi? Eu não sou a sua mulher, Lucas não é o seu filho.

– Eu sei! – grunhi baixo.

– Sabe mesmo, sonhador? É uma pena, mas às vezes a gente tem

que acordar. Não estou falando para você fazer isso, por favor, continue sonhando, mas não me faça acreditar em conto de fadas. Eu não *posso* mais.

Não dou conta. – Heloísa já tinha lágrimas nos olhos. Enxugou-as com as costas das mãos e preencheu mais um cachorro-quente.

Ficamos em silêncio durante um segundo sufocante.

– Dói tudo – murmurei. – Só queria que parasse de doer.

– Ah, Levi... – Heloísa largou o lanche, limpou as mãos numa toalha pequena e me abraçou com força. – Vai passar.

– Será? – Envolvei meus braços na sua cintura. Inspirei seu cheiro com vontade, embriagando-me com ele. Por um instante, tudo me pareceu mais fácil.

– Continue sonhando. Não pare.

– Obrigado, minha adorável inexistente. – Dei um beijo no topo de sua cabeça e decidi me afastar antes que eu fizesse ou falasse alguma

besteira que fosse irreversível. Heloísa deve ter decidido a mesma coisa, pois se distanciou um pouco bruscamente.

– Como está lidando com a... Você sabe, a vaca.

– Não quero saber dela nunca mais. – Pendi os lábios, voltando a trabalhar nos lanches. – E você e o... cara?

– Não sei. Naquele dia que te encontrei na praça, tinha

acabado de voltar de uma festa. Ele estava lá... com ela. Dá pra acreditar?

Era aniversário de uma amiga em comum, ele sabia eu estaria lá.

– Não se sinta mal por causa das maldades dos outros. Estou

tentando fazer o mesmo. Sabe, não podemos nos culpar. Eu não vou mais me

culpar, Heloísa, pela minha sanidade mental.

– Está mais do que certo. Não é culpa nossa. – Ela deu de

ombros como se não tivesse muito convencida disso.

– Você acredita que o otário te trocou porque você se acha

infantil, mas ele te trocou porque não deu conta da sua bondade. Nem todo mundo merece ter uma inexistente – repeti a frase que havia me dito quando

me encontrou bêbado na praça. Ela ficou calada, olhando fixamente para os pratos diante de si. Naquele instante, não me importei com as

consequências, decidi falar tudo o que estava entalado na minha garganta.

Ou faria isso ou seria capaz de explodir. – Pessoas como você são raras.

Você entrou na minha vida como um anjo... Eu sofreria essas porcarias que me aconteceram com muito mais intensidade se eu não tivesse te conhecido.

Nem conheço esse cara, mas ele não soube valorizar a mulher incrível que você é, não soube receber com o coração aberto a sua imensa capacidade de amar. – Parei só para tomar mais fôlego. Heloísa ainda evitava olhar para

mim. – Agradeço por ele ter saído da sua vida, pois você merece ser mais feliz do que conviver com um idiota cego e covarde. Merece um homem que te elogie todos os dias, que te deixe segura e livre para ser quem você é. Que te faça sorrir só porque ama o modo como seus olhos se fecham quando...

– Pare, Levi – ela me interrompeu com firmeza. Fechou os olhos e balançou a cabeça de leve. – Não percebe a maldade que está fazendo comigo?

Tive vontade de engolir todas as minhas palavras quando percebi que ela enxugava algumas lágrimas. Por fim, deixou os lanches de lado e se afastou totalmente, perdendo-se do outro lado do pátio. Tentei entender aquela reação exagerada, mas era muito difícil adivinhar o que se passava em sua mente. Pensei que se sentiria bem com o que eu estava dizendo, que pararia de sofrer pelo ex-namorado traidor, mas pelo visto só havia piorado a situação.

Fiquei tão abatido que tive vontade de ir embora, porém jamais faria uma desfeita daquele tamanho com o Lucas. Em vez disso, busquei autocontrole e continuei ajudando os voluntários com o que podia.

Depois das brincadeiras, os lanches começaram a ser servidos e me empenhei em encher inúmeros copos com refrigerantes e sucos. Não via a

hora daquele dia confuso acabar. Se bem que tudo mudava quando o Lucas surgia só para me abraçar e dizer que aquele dia estava sendo o melhor de sua vida.

Depois dos lanches, foi anunciada a chegada do Papai Noel.

As crianças se sentaram no pátio e o Lucas me procurou, na companhia da Heloísa, para que ficássemos juntos observando as crianças ganharem seus presentes. Sentamos no chão também, nos perdendo dentre tantas crianças carentes não de presentes, mas de afeto e alegria. Foi um momento emocionante. Vê-las recebendo aqueles presentes e abrindo sorrisos gloriosos me encheu de esperança. A vida vale muito a pena quando a gente percebe ser capaz de fazer as outras pessoas felizes.

Observei a Heloísa, que tinha Lucas no colo em uma posição protetora e carinhosa. Ambos sorriam um sorriso puro, completo, carregado de emoção. Senti-me o homem mais rico do mundo apenas pelo fato de tê-los conhecido.

– Lucas Raniel! – Papai Noel, ou melhor, o senhor que usava uma fantasia benfeita do bom velhinho, chamou de repente.

Lucas abriu os olhos ao máximo.

– Sou eu!

– Vai lá, querido, receber seu presente! – Heloísa incentivou

com animação.

– Mas eu já recebi!

– P elo visto, tem outro – informei, chacoalhando seus cabelos.

– Vai lá, Lucas, corre!

O menino pestanejou, olhando com pavor na direção do P apai Noel. Seu olhar de desespero me encontrou logo em seguida, foi como um pedido de socorro silencioso.

– Lucas Raniel! – seu nome foi chamado novamente.

– Você tem medo do P apai Noel? – perguntei incrédulo, erguendo a sobrancelha.

– Claro que tenho, pai. Olha só a barba dele! É bizarra!

Heloísa começou a rir, mas tentou se controlar para não deixar Lucas desconfortável.

– É mesmo bem bizarra – comentei, rindo um pouco. – Mas ele é do bem.

– Eu sei, mas é tudo tão estranho. Ele tem um trenó que voa, pai. E aquelas renas? Como ele lê todas as cartinhas e sabe o nome de todo mundo?

– Muita gente trabalha pra ele, Luquinhas. – Heloísa deu um beijo em sua bochecha. – Nunca ouviu falar nos duendes?

Lucas fez uma careta enorme. Não respondeu nada.

– Vamos, eu vou contigo buscar o presente. – Levantei-me, pois todo mundo já estava procurando o Lucas com olhares curiosos.

O moleque se tremeu todo para pegar o presente das mãos do Papai Noel. Achei tudo muito engraçado, mas fingi normalidade a fim de deixá-lo seguro. Ele deu um abraço no bom velhinho contra a vontade e voltou para os braços da Heloísa praticamente correndo.

Rasgou o papel de presente com ansiedade e deu um grito quando viu um livro em suas mãos. Era um exemplar do Pequeno Príncipe.

Mais tarde, descobri que a bibliotecária voluntária havia-me presenteado porque era encantada pelo gosto que o Lucas tinha pela leitura. Nem preciso dizer que senti um orgulho estrondoso.

– Eu adoro essa história! – berrou com um sorriso de orelha a orelha. – O Pequeno Príncipe é genial! Nunca ganhei tantos presentes na vida toda!

Depois que todos os presentes foram entregues, as crianças começaram a brincar com eles enquanto os voluntários começaram a organizar as coisas para encerrar a festa de natal. Mais uma vez, Heloísa e eu nos oferecemos para ajudar – talvez com o intuito de prolongar o tempo na

companhia de Lucas. Começamos a recolher o lixo e colocá-los em grandes sacos plásticos. O menino fez questão de nos ajudar também.

Quando terminamos, dona Esmeralda veio nos agradecer e avisar que precisavam recolher as crianças para que tomassem banho e descansassem, visto que o dia tinha sido longo para todas elas. Foi uma forma carinhosa de dizer que devíamos ir embora. O momento mais difícil de todos.

Lucas ficou com os olhos marejados assim que soube que teríamos que partir. Agachei-me diante dele, tentando encontrar palavras para lhe dizer em um instante complicado. Se eu estava arrasado, imagina como o moleque ficaria? Tive medo de tudo aquilo ter sido demais para ele.

– E aí, campeão... Gostou do seu dia?

– Sim, pai. Obrigado por jogar futebol comigo e pela bola e pelo passeio no carro e pelas pinturas na tela e pelo almoço e por não brigar comigo e por ir comigo pegar o presente e... – Ele parou para não começar a chorar. – P or tudo, pai. Eu amo o senhor.

Abracei-o com força, incapaz de largá-lo, impossibilitado de deixá-lo ir. Tudo que eu mais queria era poder levá-lo para minha casa, mesmo sabendo que não conseguiria dar conta das suas necessidades sozinho. Olhei para Heloísa e ela chorava copiosamente. Lucas começou a

tremer nos meus braços e contive um soluço.

– Venho te visitar – murmurei. – P rometo. Eu também te amo,

Lucas.

Heloísa chorou ainda mais. Agitei os cabelos dele pela última vez e me afastei devagar, voltando a me erguer. Foi a vez da Heloísa de se agachar e abraçar o moleque. Os dois choraram ruidosamente.

– Eu amo a senhora também, mãe! – ele falou aos prantos.

– Eu também te amo, meu bem... – Ela tinha os olhos cerrados com força. – Muito, muito... Do tamanho de um hipopótamo gordo. – Tentei

rir, mas apenas solucei. – P or favor, comporte-se bem. Continue sendo um bom menino. P romete?

– P rometo! Se eu for um bom menino, a senhora vem me buscar de vez?

Meus nervos viraram pó.

– Oh, Lucas... Nem tudo é simples. – Heloísa se afastou para encará-lo de perto. – Não é tão fácil.

– P or favor, se case logo com o papai. Vocês se amam e eu amo vocês. P or favor, mãe.

– Lucas...

Dona Esmeralda apareceu a tempo de ouvir os apelos do

moleque. Ela me encarou com olhos arregalados e puxou o garoto para si, impedindo-o de continuar com aquilo.

– Luquinhas, eles são apenas bons amigos – ela alertou com a voz firme, quase severa. – A gente conversou sobre isso, não foi? Você jurou que tinha entendido. Só deixei eles virem porque você me garantiu que entendeu.

– Eu sei, tia Esmeralda. Desculpa. Desculpa pai e mãe. Vou parar com isso.

Heloísa e eu demos o último abraço nele e fomos embora de uma vez. A coisa mais difícil que fiz não foi fechar a porta da minha antiga casa, foi escutar o barulho daqueles portões se fechando atrás de mim sem que eu pudesse fazer nada. Caminhamos até o carro em silêncio, porém antes

de entrar, escutei a Heloísa chorando. Puxei-a para mim e a abracei.

A hora de tentar lidar com a desilusão havia chegado depressa demais.

Parte 9

Depois que Heloísa parou de chorar, seguimos para casa em silêncio. Ela pegou o vaso com as margaridas e ficou ali encarando mais calada do que nunca, como se procurasse nelas algum tipo de consolo.

Deixei o carro na garagem do prédio e pegamos o elevador ainda calados.

Eu não sabia o que dizer a ela, sabia que estava chateada comigo e temia fazer a situação entre nós se tornar pior do que já se encontrava.

As portas se abriram, indicando o quarto andar, mais rápido do que minha mente pôde digerir. Aquela seria outra despedida? Quantas mais eu podia suportar antes de sucumbir à tristeza completa? Ficar sem Lucas era uma coisa para qual eu estava me preparando, mas ficar sem a Heloísa nunca me passou pela cabeça, nem por um segundo. No entanto, lá estava ela, tentando me evitar e sem saber o que fazer para se despedir.

– Tchau, sonhador. O dia foi ótimo. Obrigada – murmurou baixo, olhando-me apenas de soslaio e dando um passo para fora do elevador.

Vê-la indo embora daquela maneira apática me fez perder o juízo. Já não havia me restado muito, de qualquer forma. Foi difícil explicar o que aconteceu com o meu corpo, porém me vi puxando Heloísa pelos braços e a imprensando numa das faces do elevador. Ela veio fácil, assustada com o movimento brusco. Lamentei pela minha falta de jeito no mesmo instante e desacelerei assim que nossos lábios se chocaram.

Sabia que não devia beijá-la, sabia que o certo era deixá-la ir embora e tentar esquecer o que havia acontecido. Sabia que estava errando feio. Usando as mesmas palavras dela, estava cometendo uma maldade.

Enquanto não encontrava freio para os meus instintos e beijava aquela mulher usando toda a intensidade guardada dentro de mim, consegui finalmente entendê-la. Heloísa sabia que não adiantaria conquistá-la, eu estava muito machucado para me entregar a outro relacionamento. Não daria

certo começar outra história sem ter dado total adeus à primeira. Eu não tinha o direito de colocá-la no meu coração sem ter feito uma limpeza antes, do contrário ela ficaria imersa naquela sujeira, misturada com toda mágoa que eu não conseguia parar de sentir. Acima de tudo, não tinha o direito de fazê-la querer se misturar à confusão que havia se instalado dentro de mim. Era crueldade conquistá-la sem estar pronto para tê-la.

Tentei com todas as minhas forças fazer o meu corpo recuar, mas não consegui. Como recuar sentindo aquele cheiro incrível inebriando cada fibra do meu ser? Como não querer sentir o gosto daqueles lábios fartos nos meus? Cada movimento que eu fazia era aceito de bom grado, Heloísa os correspondia como se sua vida dependesse disso. Sua total decisão em continuar me beijando foi o bastante para que eu perdesse a capacidade de me afastar.

Minha pele se esquentou por completo e precisei desacelerar ainda mais ao perceber meu desejo e excitação chegando a níveis perigosos. Ela precisava recuar. Eu não podia responder por mim se Heloísa

continuasse correspondendo daquele jeito intenso, sufocante, explosivo.

Espalmei minhas mãos na parede do elevador e, pensando na minha própria maldade, empurrei-me para trás. Ouvi seu arquejo assustado junto com nossa respiração ofegante.

Ela abraçou o vaso de margaridas, que ainda estava em suas mãos. Abaixou a cabeça e, enquanto eu tentava justificar aquela atitude, começou a soluçar baixo.

– Não precisava ter feito isso – choramingou. Limpou as lágrimas e arrumou a tiara em seus cabelos, ela tinha meio que saído do lugar. – Sei que o que Lucas falou te atingiu muito, sei que não faz por mal, Levi, mas não faça mais isso.

– Heloísa, eu...

– Você não pode querer alguma coisa comigo só porque ele pediu.

Fiz uma careta. Do que aquela maluca estava falando?

Gaguejei alguma coisa ininteligível. Heloísa deu de ombros e foi embora, deixando-me sem entender. As portas do elevador se fecharam automaticamente. Soltei um longo suspiro e fechei os meus olhos. Com certeza precisaria de um analgésico ou de um gole de alguma bebida muito forte – ou dos dois.

Cheguei ao meu andar e corri direto para o banheiro. O chuveiro me ajudou a esfriar a cabeça e pensar um pouco mais sobre cada detalhe daquele dia, do começo ao fim. Recordei-me de cada minúcia, sem deixar escapar nada. Recapitulei grande parte da minha vida, pesei meus problemas e tentei encontrar soluções. Mais do que tudo, tentei pensar sobre o que a Heloísa havia me dito.

Vesti uma bermuda simples, camiseta de flanela e chinelos.

Percorri cada centímetro do meu apartamento tentando buscar explicações lógicas, implorando por um sinal divino ou qualquer coisa que me tirasse aquela angústia do peito. Por fim, abri a porta e avancei para o elevador, sentindo a pressa me consumir. Ele pareceu demorar uma eternidade para chegar ao meu andar e outra eternidade para chegar ao andar dela. Com as mãos trêmulas, toquei a campainha do quatrocentos e dois e esperei quase sem paciência.

Heloísa abriu a porta e tive um vislumbre sem igual do seu corpo coberto apenas por uma camisola curta e de alças singelas, que tinha desenhos animados na frente. Os cabelos presos, a ausência de maquiagem, o cheiro que emanava, tudo me fez ficar louco em questão de segundos.

– Eu não te beijei por causa do Lucas – adiantei-me e só então percebi que estava ofegante. – Não posso respirar por mais nem um minuto

enquanto você não souber que te beijei por minha causa e não porque estava sonhando acordado com um mundo perfeito. Por isso ter cometido uma maldade contigo, mas não cheguei a ser tão cruel assim. – Heloísa continuou muda, observando-me com nervosismo. Parecia não saber onde colocar as próprias mãos. – Eu te beijei porque não suportei a ideia de me despedir de você e porque não aguentava mais controlar tanto desejo. Ainda não aguento. Por isso é melhor que me diga para parar de uma vez por todas. Por favor, não me deixe avançar sem que consiga dar conta do depois. Você tem dois segundos para dizer que sou um idiota, que isso é loucura e que não estamos prontos.

Heloísa engoliu em seco. Seu semblante já estava totalmente modificado. Parecia atônita, estupefata com o que eu tinha acabado de dizer.

Já eu, só me concentrava em esperar pela sua resposta e usar os últimos resquícios de autocontrole que haviam sobrado.

– Eu não sei se vou dar conta do depois, Levi – murmurou baixo. Logo em seguida, abriu um largo sorriso. – Mas o depois que se exploda!

Inspirei profundamente só para conter o ímpeto de empurrá-la contra a porta de seu apartamento e começar a retirar aquela camisola ali

mesmo. Calculei meus movimentos porque ela merecia ser tratada como uma

joia frágil, por mais forte que pudesse ser às vezes. Colei meu corpo no seu sem pressa – mesmo a sentindo com amargura – e deixei nossos lábios entrarem num jogo de línguas e movimentos suaves.

Aquele beijo foi ainda melhor que o anterior, talvez porque nós tivéssemos consentimento mútuo e nenhuma dúvida de que estávamos fazendo aquilo porque realmente queríamos. Afastamo-nos o bastante pra que fosse possível fechar a porta. Quando Heloísa, sem parar de me beijar, girou a chave na maçaneta, agarrou o meu pescoço e pulou em mim, mantendo suas pernas ao redor da minha cintura. Foi difícil manter a lentidão depois da sua atitude. Abracei-a com firmeza e nos arrastei até um sofá largo. Sentei nele e a acomodei em meu colo. Heloísa segurou a barra da minha camiseta e então achei melhor parar de beijá-la. Que eu estivesse pensando besteira era até aceitável – eu era um cara que não fazia amor há meses –, mas no que a doida estava pensando?

Segurei seu rosto com as duas mãos para mantê-la distante. Ela largou a minha camisa e ficou me encarando seriamente. Seu olhar se modificou tanto que nem parecia ela mesma. Encarei aquela expressão até ter

certeza de que eu ainda estava vivo, pois parecia que tinha sofrido uma

falência múltipla de órgãos ao vê-la com aquela careta desejosa impressionante. Meus olhos correram pelos seus ombros expostos devido às alças da camisola que caíram para os lados. Tratei de devolvê-las ao lugar certo.

– Espero que não tenha me entendido errado – falei, meio sem saber como dizer aquilo. Ter seu peso sobre o meu colo estava me deixando perigosamente excitado. – Não vim aqui na intenção de...

– Levi, pare de ser um *gentleman* só por um instante. – Ela começou a rebolar seus quadris devagarzinho. Pendi os lábios e reparei no seu movimento. Suas pernas abertas ao meu redor faziam sua calcinha roçar no ponto exato entre minhas pernas.

Tentando não ser brusco demais, afastei-a, sentando-a no sofá.

Ela me ofereceu um olhar ofendido. Passei as mãos pelos cabelos e me deixei afundar no sofá, tentando reprimir a excitação que já era visível na minha bermuda. Quando a encarei novamente, Heloísa olhava para um ponto desconhecido da sala com muita atenção.

– É melhor você ir – ela falou com frieza.

– Heloísa...

– Você não está pronto pra isso, Levi. Não devia ter te deixado entrar. Devia ter pensado em você e na sua dor, mas só pensei em mim e na

minha vontade de te ter sem culpa.

– Olha... Só faz tempo que não faço isso – expliquei

absolutamente envergonhado. Mesmo assim, atravessei a vergonha para ser o mais sincero possível. – Eu nem sei mais a diferença entre fazer amor e fazer bebê. Consegue entender por que recuei? P assei anos fazendo amor apenas na esperança de deixar minha ex-esposa grávida.

– Compreendo. Não precisa se explicar. – Ela se virou de frente

para me observar melhor. – Eu que fui rápida demais. Sempre estrago meus relacionamentos com essa mania de querer ir depressa. Quero tudo pra ontem, Levi. – Heloísa abraçou a si mesma em um gesto infantil. – Ele me trocou porque eu queria mais. Achou que era cedo para pular a etapa e foi atrás de alguém que queria seguir a ordem certa das coisas.

Não soube o que dizer. P or um instante, não me senti diferente

do otário que a tinha machucado. Mas eu não queria ir adiante por falta de vontade e sim porque não sabia direito as consequências daqueles atos. Se me permitisse ir além e depois isso a machucasse? Eu me encontrava instável demais. Tudo o que eu menos queria era aumentar a minha lista de motivos para me sentir culpado.

– Não pode se sentir culpada por ser doce e se entregar sem

dificuldade, Heloísa. Você ama fácil demais e isso é lindo. – Toquei seu

rosto suavemente, puxando-a para mais perto. P lantei um selinho em seus lábios. – Tem gente que vive a vida inteira sem saber o que é amor porque não se permite senti-lo. Você se entrega. Às vezes se machuca por causa disso, mas vive intensamente.

Ela deixou algumas lágrimas caírem e suspirou.

– P are de transformar meus defeitos em qualidades.

– P are de achar que suas qualidades são defeitos.

– Se são qualidades, por que você hesita? – perguntou com ar indignado.

– P orque eu estou longe de ser como você. Eu queria não pensar em nada, queria poder tirar sua camisola e fazer amor contigo durante

toda a noite, mas eu não posso arriscar te machucar, Heloísa.

– Vai me machucar ainda mais se sair por aquela porta sem se permitir.

– Não é uma escolha fácil. – Arquejei dolorosamente. – Eu vou escolher o que te machucar menos.

Levantei-me do sofá e, meio sem saber como agir, caminhei até

a porta.

– Quanto tempo é o suficiente para se apaixonar por uma pessoa? – ela perguntou aos sussurros, mas consegui escutar.

Virei-me na direção dela. Girei a chave na maçaneta e abri a porta.

– Não deve ser muito – respondi.

– Não. – Balançou a cabeça devagar, derrubando mais lágrimas. Eu queria me socar por estar deixando a Heloísa triste.

– Vai ser maldade se eu disser que voltarei quando estiver pronto, portanto não vou dizer nada. Você vai esquecer e tentar ser feliz. – Suspirei. – Vou me conformar, porque nem todo mundo merece ter uma inexistente. Eu não ando merecendo.

Fui embora sem olhar para trás, mas não cheguei a subir até o meu apartamento. Em vez disso, atravessei a portaria e fui me perder no boteco que pela segunda vez prometeria resolver o meu problema – ou pelo menos me fazer esquecê-los.

Parte 10

A última semana do ano foi marcada por uma correria tremenda na empresa. Mil processos surgiram do nada, o que me ajudou a manter a mente ocupada. Não que eu não ficasse ansioso toda vez que pegava o

elevador, na esperança de me encontrar com a Heloísa – coisa que nunca acontecia. Ela não me procurou, por isso acatei sua decisão de se distanciar e não a procurei também.

Pensar na Heloísa me fez quase nunca pensar na Sabrina. Como o caso com minha ex-esposa era aparentemente mais doloroso, tentei acreditar que a notícia era boa. No entanto, a velha dor não parava de doer, muitas vezes tirando meu juízo e me fazendo chorar como uma criança sobre

o meu travesseiro antes de dormir. Chorava por tudo; por elas, por mim, pelo Lucas e pela vida, que havia me tirado tudo e depois me dado coisas tão boas para logo em seguida me afastar delas. A pessoa que escrevia sobre

a minha trajetória não estava sendo muito misericordiosa comigo.

Foi quando cheguei do trabalho no dia trinta de dezembro que um estalo ressoou na minha cabeça, colocando mil caraminholas dentro dela. Abri o meu computador e fiz uma pesquisa minuciosa sobre um assunto importante que definiria o meu futuro. Busquei todas as informações possíveis, respondi às minhas próprias perguntas, analisei depoimentos e, por fim, tomei a decisão mais séria e definitiva que já tomei na vida. Achei que estivesse de mãos atadas, que nada pudesse fazer para sair daquela inércia, mas estive enganado: sempre há o que fazer quando se

quer muito uma coisa.

Virei a noite realizando um estudo completo de possibilidades e o que seria necessário mudar, sobretudo no apartamento, na minha rotina e demais detalhes. Fiz esquemas na minha agenda, anotei telefones, preparei-me o máximo que consegui para iniciar a jornada, que eu sabia que seria longa, rumo à realização. Minha atitude podia ser considerada imprudência ou loucura demais, mas me lembrei da Heloísa quando me fiz a seguinte pergunta: quanto tempo é necessário para fazer o que o seu coração manda?

Não deve ser muito.

Só fui dormir quando amanheceu, mas foi a primeira vez que dormi bem desde que peguei aquele papel da árvore de natal. Com as expectativas renovadas, senti-me pronto para ao menos conversar com a Heloísa. Não precisávamos fingir que não nos conhecíamos, era ridículo ignorar o fato de tê-la por perto o tempo todo. Para ser sincero, eu não estava mais aguentando ignorar isso.

Acordei às duas da tarde, tomei um banho esperto e desci para o quarto andar. Era véspera de ano novo, a cidade estava uma loucura e minha mãe me esperava para ceia mais tarde, porém tinha esperança de resolver minha situação com a Heloísa ainda naquele ano. Apertei a

campainha dela na maior expectativa. Uma moça que aparentava uns vinte anos abriu a porta. Era muito parecida com a Heloísa, com os cabelos crespos e tudo mais.

– O que deseja? – Ela fez uma pequena careta ao me ver, mas depois sorriu de leve.

Não fazia ideia de que a Heloísa não morava sozinha. Ou então devia estar recebendo visitas da família, vai saber.

– Boa tarde. Heloísa está?

– Não... Acho que saiu com o namorado. Quer deixar um recado?

Cerrei meus punhos com força. A raiva foi tanta que achei que fosse sair correndo e gritando.

– Hum... P or favor, diga que mandei lembranças.

– P ode deixar. – A garota parecia bem simpática.

– Feliz ano novo – falei já me encaminhando na direção do elevador.

– Feliz ano novo! Ei, qual é o seu nome mesmo?

– Levi – murmurei. – Até mais.

Quando as portas do elevador se fecharam, apoiei minha cabeça na face espelhada e tentei não me sentir um otário completo. Talvez

aquela moça não soubesse com quem a Heloísa estava e sugeriu uma inverdade, mas sinceramente eu não queria pagar para ver. A resposta poderia me fazer surtar e eu precisava de calma para fazer a segunda coisa que estava em meus planos para aquele dia.

Cruzei os portões do orfanato me sentindo um pouco anestesiado. Era o efeito do meu estado de negação; não queria acreditar no que a minha mente articulava quando refletia sobre o que aquela garota havia falado. Consegui conversar alguns minutos com a dona Esmeralda em sua sala. Ela estava atarefada por causa da festinha de ano novo que fariam, mas foi bastante atenciosa comigo. Por fim, liberou-me para passar uma hora completa com o Lucas na sala de leitura. Agradei-lhe a oportunidade e fui encaminhado para lá.

A sala de leitura era similar a uma biblioteca. Apesar de parecer antiga e necessitar de pintura como todo o restante, era um ambiente amplo, arejado e limpo. Sentei entre umas almofadas meio velhas que estavam calculadamente jogadas sobre um tapete gasto e esperei o Lucas. Uma funcionária estava organizando alguns livros numa prateleira, mas saiu da sala a fim de nos deixar mais à vontade.

Lucas apareceu alguns minutos depois. Meu coração se

encheu de paz quando correu até mim e me abraçou forte. Devolvi o abraço e

senti toda a energia ruim deixar o meu corpo. No fim, senti-me bem mais leve.

– P ai! O senhor veio! Mamãe foi embora não faz muito tempo.

– O quê? Ela veio? – Minha voz saiu mais ansiosa do que planejei. Encarei os olhos claros do Lucas.

– Sim! P ensei que o senhor não fosse vir me ver hoje. Ela me disse que não sabia se o senhor viria. – O moleque fez beicinho como a Heloísa costumava fazer e deu de ombros. – Achei que estivesse com raiva de mim.

– De jeito nenhum, Lucas. P or que eu estaria com raiva de você? – Assanhei seus cabelos e fiz com que se sentasse ao meu lado no tapete.

– Sei lá, pai.

– Não estou com raiva. Vem cá. – Deitei no tapete, apoiando minha cabeça nas almofadas, e puxei o Lucas junto. Ele deitou abraçado comigo. P lantei um beijo no topo de sua cabeça, estava cheirando a xampu.

– Senti saudade, pai.

– Eu também.

– Da mamãe também. Mas já matei a saudade que sentia dela.

Agora estou matando a que senti do senhor.

Quem dera se eu pudesse matar a saudade que sentia da Heloísa.

– Lucas... A Heloísa estava sozinha? – perguntei com ar de nervosismo.

– Não. – Meu cérebro deve ter congelado, para logo em seguida ser colocado no meio de uma chama quente. – Estava comigo. Nós montamos um quebra-cabeça. Mas eu já desmontei de novo e guardei, nem vai dar para o senhor ver.

– Não faz mal. – Abracei-o com ainda mais força. P precisava tomar coragem para dar mais um passo definitivo na minha vida. – Nós precisamos conversar, campeão. De homem para homem.

Lucas se sentou no tapete e me analisou com uma careta confusa e muito engraçada. Sentei-me também, prendendo os lábios e rezando para que tudo desse certo. Meu destino dependia totalmente da vontade daquele garoto.

– De homem para homem? Isso deve ser sério.

– É bem sério.

– Agora fiquei nervoso, pai.

– Não precisa. Vou fazer algumas perguntas e você precisa

pensar muito antes de responder, além de ser bem sincero. Combinado? – Estiquei minha mão para frente e ele a segurou. Chacoalhamos em um cumprimento. Depois, não evitei rir um pouco da careta séria, meio afetada, que ele fazia.

– Combinado!

Suspirei profundamente e olhei em seus olhos tão parecidos com os meus.

– Lucas... Você... Gostaria de vir morar comigo?

O menino arregalou os olhos de um jeito que pensei que eles sairiam de órbita. Logo em seguida, conteve um soluço colocando as duas mãos na boca, sem parar de me olhar.

– O senhor quer me adotar? – praticamente gritou com uma voz esganiçada que desafinou umas trezentas notas.

– Quero – murmurei, sentindo meus olhos já marejando. – Eu vou te adotar, Lucas, mas só se você quiser.

Ele não respondeu. Em vez disso, pulou em meus braços, envolveu os dele no meu pescoço e chorou como uma criança de dois anos de idade. Não contive minhas próprias lágrimas. Senti meu corpo vibrando junto com o dele em espasmos malucos. Não consegui calcular a felicidade que senti por estar finalmente fazendo o que o meu coração implorava.

– Quero, pai! É o que eu mais quero no mundo todo! – o menino pranteou. – Vou ter um pai de verdade! Um pai de verdade só pra mim!

Choramos juntos até nos acalmarmos. Aconteceu aos poucos, sem pressa. Fui o primeiro a me recuperar daquela carga devastadora de emoção.

– Lucas... – murmurei, ainda o abraçando. – A gente precisa conversar muito ainda. Preciso te dizer umas coisas importantes. Você tem que escutar com atenção.

O garoto finalmente me largou, mas continuou sentado no meu colo. Ainda chorava, mas silenciosamente. A parte branca de seus olhos estava vermelha, contrastando com o verde de um jeito interessante.

Algumas lágrimas caíram e sua boca começou a tremer.

– Eu estava com medo que o senhor fosse um chato. Mas depois pensei... Papai Noel não ia me trazer um pai chato. Aí eu vi o senhor

e... – Voltou a chorar e a me abraçar com força. – Eu te amo, pai! Meu pai de

verdade!

Chorei mais um bocadinho, meio sem saber direito se era ele que precisava de mim ou se era eu que precisava dele. Acreditei que eram as

duas coisas e que essa necessidade enraizada vibrava com a mesma intensidade. Quanto tempo é necessário para ter certeza de que vamos amar alguém para sempre? Talvez eu estivesse me comportando como um mero sonhador, mas não é de sonhos que a vida se faz?

– Lucas... Olhe para mim. – Afastei-o com suavidade. Esperei que se acalmasse um pouco mais antes de continuar. – Eu não sou casado. Na verdade, me separei recentemente...

– O senhor se separou da mamãe? – Ele fez careta.

– Não. Foi de outra mulher.

– Agora o senhor pode se casar com a mamãe?

– Lucas, presta atenção. Heloísa tem a vida dela e eu não posso obrigá-la a ficar comigo. Só posso contar com as minhas escolhas neste momento, e eu escolhi te adotar com ou sem esposa – tentei ser o mais

claro possível. – Eu não sei se irei arranjar outra namorada ou se as coisas com a Heloísa vão dar certo. Não sei te dizer nada disso, mas a gente não pode pedir pra ela ficar com a gente. Você está entendendo?

– Não sei se estou entendendo, pai.

– O que quero dizer é que, quando eu te adotar, seremos só nós dois.

– E a mamãe?

– Heloísa pode te visitar quando ela quiser, mas não vamos obrigá-la a morar com a gente. É isso que quero que entenda. E também que,

no futuro, posso arranjar outra namorada sem ser ela.

– Mas o senhor não ama a mamãe?

– Eu gosto muito dela, campeão, mas os adultos são complicados. Sei que você quer uma mãe também... – P arei. Não sabia se estava sendo justo com o Lucas tomando a decisão de criá-lo sozinho. Só sabia que não conseguiria deixá-lo naquele lugar.

– Tudo bem, pai. Eu entendi. Não precisa ficar triste. Eu quero ir com o senhor. Vamos ser só nós dois e a mamãe vem visitar quando puder.

Soltei o ar dos meus pulmões. P precisava acreditar nos meus sonhos e que tudo daria certo no fim. Eu não tinha chegado até ali por acaso. Lucas era o meu destino.

– Eu queria muito te tirar daqui agora, mas essas coisas demoram – prossegui com pesar. – Venho te visitar sempre, prometo, porém só vou poder te levar quando estiver tudo certo com os documentos.

– Vai demorar quanto tempo? – ele perguntou um pouco cabisbaixo.

– Eu não sei. P reciso adiantar o meu divórcio e depois

organizar a minha vida para te receber. Eu não tenho casa própria, mas pretendo comprar o apartamento onde moro. P reciso provar pra Justiça que posso te criar sozinho, que tenho dinheiro suficiente pra te dar conforto.

Entendeu?

Ele aquiesceu, balançando a cabeça de leve em sinal de compreensão.

– Vou tentar fazer tudo isso depressa, mas você precisa ser paciente.

– Eu espero o tempo que for, pai. – Seus olhos marejaram de novo. – Ainda não acredito que o senhor quer me adotar. P parece um sonho. P eguei seu rosto pequeno com as duas mãos.

– Sonhos se realizam, meu pequeno destino. Você é o meu sonho se realizando também.

Aquela pequena hora que tive com o Lucas valeu por toda a minha vida, e tudo me dizia que os momentos de extrema alegria ao lado dele estavam apenas começando. Choramos um bocado, mas depois decidimos aproveitar o curto tempo que tínhamos. Ele leu alguns trechos do Pequeno Príncipe para mim, depois tentamos montar outro quebra-cabeça até dona Esmeralda vir avisar que eu precisava ir embora.

A nossa despedida foi tomada por uma emoção diferente. Dar

adeus sem guardar esperança para si é uma coisa, dizer até logo na certeza de que a transformação viria em breve era outra totalmente distinta, por isso me conformei quando os portões foram fechados atrás de mim. Não havia o que temer ou motivos para chorar.

Lucas já me pertencia. Era o meu filho. Meu filho de verdade.

Eu lhe daria amor, atenção, segurança, um bom futuro, um sobrenome. Eu lhe daria uma família e, em troca, ele me daria a mesma coisa. Segui até o meu

carro já me sentindo um paizão coruja e sabendo que, dentre tantas lições que o moleque tinha me ensinado, havia duas mais relevantes: a primeira é que não importa o que aconteça, nunca devemos deixar de sonhar. A segunda é que não precisamos esperar por mais ninguém além de nós mesmos para começar a realizar nossos sonhos.

Parte 11

Fui para casa da mamãe mais cedo que o previsto só para lhe dar a notícia. Os parentes não haviam chegado ainda e era assim que eu queria que fosse. Depois que os familiares se acostumassem com a separação, eu falaria sobre a maior decisão da minha vida. Daqui para lá eu já estaria mais firme, menos vulnerável e pronto para lutar pelo Lucas com todas as minhas forças.

Fiz Ivan e mamãe sentarem no sofá a fim de lhes contar cada

detalhe do que aconteceu. Fui totalmente sincero, menos com relação à Heloísa – não queria que eles pensassem que ela influenciou a minha escolha, pois era recente demais para que eu integrasse uma mulher nos meus planos. Não queria que eles ficassem confusos com relação às minhas vontades.

Por fim, mamãe ficou em lágrimas e o Ivan me olhava de um jeito esquisito.

– P ai solteiro, Levi? Tem certeza? Não acha melhor esperar? –

Ivan tinha intimidade o bastante comigo para dizer certas coisas abertamente. Fiz questão de estreitar a amizade com ele para que não houvesse problemas entre nós.

– Eu tenho certeza. Posso fazer isso. Não vou esperar estar casado de novo e ficar me martirizando tentando ter um filho. – Suspirei, lembrando a loucura que era o meu casamento. – Lucas é um garoto especial. Sinto uma ligação entre nós o tempo todo. Estou decidido a adotá-lo.

– Não sabia que dava para adotar uma criança estando solteiro

– mamãe comentou ainda chorando. – É uma grande novidade para mim.

– No meu caso, serei divorciado – expliquei. – Não é tão

recomendado, mas é possível adotar estando em qualquer estado civil. A

Lei garante essa possibilidade. Lucas sabe que não tenho esposa, está ciente de tudo. Mãe, a senhora precisa conhecê-lo. Vai se apaixonar por ele.

– Oh, meu filho... Sempre quis ter um neto ou uma neta, você sabe que sempre torci para que desse certo.

– Eu sei – murmurei. Pensei em perguntar alguma coisa sobre a Sabrina, visto que mamãe tinha uma relação estreita com minha ex-sogra, mas decidi deixar para lá. Quanto menos soubesse, melhor. – Mas deu certo,

mãe. De um jeito não tão convencional, mas deu.

Ela sorriu.

– Estou preocupado, Levi – falou o Ivan, coçando a cabeça. –

Se você se arrepender? É uma decisão séria e importante. Talvez precise pensar um pouco mais. Você está arrasado por causa da separação, mas essa tristeza vai passar sem que precise adotar uma criança para aliviá-la.

– Não é assim que funciona, Ivan. Lucas não vai aliviar a dor da separação, vai realizar um sonho antigo. Uma coisa não tem nada a ver com a outra, tenho consciência do que quero para mim.

– Se você tem certeza, então só podemos apoiá-lo, não é, Nina?

– Ivan apertou os ombros da minha mãe e a abraçou lateralmente.

– Claro que vamos apoiá-lo. Seremos avós! – Eles riram de

leve. Logo em seguida, mamãe segurou a minha mão. – Vai dar tudo certo,

meu filho. Você é um homem bom, correto, responsável e justo, merece ser muito feliz.

– Vamos ser, mãe. Lucas e eu.

O peso de mil toneladas foi tirado das minhas costas depois que consegui o apoio da minha família. Fiquei na casa da mamãe até a festa.

Ela sempre gostou de reunir as irmãs e sobrinhos em sua casa para natal e ano novo. Como a casa era grande, tinha um jardim bonito e um quintal amplo, cabia todo mundo perfeitamente, de modo que eram sempre comemorações agradáveis.

Ajudei nos preparativos a fim de manter minha mente ocupada.

Não conseguia engolir a ideia de passar a virada de ano sem a Heloísa. O que não faz sentido, visto que eu devia estar sofrendo pela Sabrina e não por ela. Mas o nosso coração é uma caixinha de surpresas. A verdade é que eu me sentia superado. A separação não significava mais uma tragédia e sim

uma benção por ter me livrado de uma pessoa que não merecia a minha fidelidade. E também porque, se eu não tivesse me separado, jamais teria conhecido a Heloísa, muito menos o Lucas.

A família começou a chegar perto das dez da noite. Cada qual foi pegando suas taças de champanhe, trocando felicitações e provando os

quitutes deliciosos que a mamãe sempre preparava. Meu humor estava infinitamente melhor do que no Natal, por isso me permiti curtir a festa e engrenar conversas com alguns primos mais chegados.

Eu estava no jardim conversando com uma prima Aninha quando vi a Sabrina, trajando roupas brancas curtas demais, atravessando a porta da frente. Achei que estava vendo uma miragem, mas minha prima balançou a cabeça incrédula.

– Vocês não tinham se separado?

– Não faço ideia do que ela está fazendo aqui. Acho que perdeu a noção.

Dois minutos depois mamãe veio na companhia dela a fim de falarem comigo. Deixei meu corpo ereto, pronto para qualquer combate.

– Levi, meu filho, tomei a liberdade de chamar a Sabrina. –

Minha mãe sorriu e então soube que ela não estava sabendo de nada. Sua inocência não me fez sentir raiva dela. – Vocês precisam conversar. P assar esse ano novo juntos... Quem sabe as coisas não se acertam?

Mamãe parou de sorrir quando a observei seriamente. Não consegui olhar para cara de cínica da minha ex-esposa. Era muita cara de pau se perder no meio da minha família em uma comemoração importante como se nada tivesse acontecido.

– Levi... – Ouvi a voz dela e fechei os olhos, tentando conter a irritação. – P or favor, me escuta...

– Mãe, a senhora sabia que a Sabrina está grávida?

Minha mãe pareceu chocada. Depois, sorriu meio sem entender.

– Não! Oh, meu Deus, não! Levi, você não me...

– Está grávida de outro homem – completei com a voz rígida.

– Oh! – foi a reação da mamãe e da Aninha, que ainda estava por perto.

Olhei a Sabrina só para conferir o nível de sua vergonha.

Pelos ombros retraídos e o olhar baixo, devia se amargurar em ressentimento. Ela começou a soluçar baixo, mas sua tristeza – ou melhor, falsidade, pois ainda me lembrava das palavras rudes que tinha me dito – não me atingiu nem por um segundo.

– Levi... Me perdoa. Eu... não posso criar esse bebê sozinha.

– Com certeza você não fez sozinha – rosnei. – Espero que o cara do sêmen saudável seja homem o bastante para assumir.

Mamãe segurou os braços da Sabrina, tentando tirá-la de perto

de mim, mas a sem-noção insistia em ficar. Minha prima tocou nos meus

ombros como se eu fosse atacar a Sabrina e só então percebi que havia me

aproximado perigosamente dela, dando a entender que a atacaria a qualquer

instante. Dei dois passos para trás e suspirei, queimando de ódio. Não dava para crer que minha própria família achava que eu seria capaz de bater numa mulher.

– Eu não sei quem é o pai! – Sabrina choramingou em um tom alto, chamando a atenção de quem estava pelo jardim.

Ela só podia ter perdido o juízo. Sabrina não era daquele jeito perturbado, eu a conhecia. Não podia ter me enganado tanto durante aqueles seis anos. Ou podia?

– Como não sabe? – Minha prima se intrometeu. – Ficou maluca, garota? Como você faz uma coisa dessas com o Levi? Mamãe já estava desesperada, sem saber como agir ou onde enfiar a cara.

– Você quer que eu assuma essa criança? É para isso que veio?

– grunhi, tomado pela raiva. Só então percebi que a família inteira tinha parado no jardim para acompanhar a situação desconcertante. – Você me trai

com sei lá quantos caras, engravida de um deles e quer que o otário aqui assuma? Devo ser muito idiota mesmo, porque você sabe que sou capaz de colocar meu nome nessa criança. Sabe que não suporto a ideia de deixar um bebê desamparado. Ele não tem culpa da sua irresponsabilidade. Mas eu não volto pra você, se é o que pretende com esse showzinho. Não te quero

e nem te amo mais. Sinceramente, sequer quero ver essa sua cara de cínica de

novo. Vá embora daqui e compre uma caneta pra assinar o divórcio.

Sabrina começou a chorar ruidosamente, então alguns primos a

levaram para longe de mim. Comecei a me sentir cercado pelos familiares, e

os comentários sobre a gravidez da Sabrina passaram a me enlouquecer. Não

queria ficar na berlinda familiar, sempre fui um cara discreto. Odeio

barracos, fofocas e, sobretudo, odeio gente querendo se meter na minha vida

e ditar o que é o correto para mim.

Foi por isso que resolvi ir embora. Não importava se era ano

novo, só queria ficar bem longe daquela confusão. Atravessei o jardim e

alcancei o meu carro, que estava estacionado na calçada. Ouvi a voz da

mamãe me chamando. Pensei em fingir que não ouvi e partir de uma forma mal-educada, mas não consegui. Ela ficaria preocupada demais comigo.

– Levi, meu filho, me desculpa...

– A senhora não tinha o direito de fazer isso – desabafei

bruscamente, porém me arrependi. Não precisava fazê-la se sentir mais

culpada. – Nosso casamento acabou, mãe, não foi uma briga qualquer. A

senhora não tem noção do inferno que vivi. Tentei te deixar distante da

minha infelicidade, das tantas humilhações pelas quais passei...

– Eu não sabia, filho. – Mamãe chorava, visivelmente

arrependida. – Mantive contato com a Sabrina e com a mãe dela, pelo que me

diziam, tinha sido uma briga boba, sem importância. Você estava sofrendo tanto pela separação... Pensei que ainda a amasse. Achei que fosse a coisa certa fazer vocês se encontrarem para passar um momento bom juntos.

– A senhora viu o que ela fez. Não preciso dizer mais nada.

– Ainda não acredito que ela foi capaz de fazer uma coisa tão suja.

– Nem eu. – Sacudi a cabeça. – Mas fez.

– Não vá embora, meu bem. Ela já foi, não vou deixar que ninguém te perturbe mais.

– Mãe... Desculpa, mas eu quero sair daqui. Não tenho clima.

Vou ficar bem, vou pra casa. – Abracei-a e dei um beijo no topo de sua cabeça. – Feliz ano novo.

– Ai, filho, me perdoa... Por favor.

– Não há o que ser perdoado. A senhora só quer o melhor pra

mim. – Soltei-a em câmera lenta, segurei suas mãos e as beijei. – Sempre vou

ser grato. Eu te amo, está bem?

– Também te amo, filho. Feliz ano novo. Não deixe de me ligar.

– Ligo sim.

O relógio marcava onze e dez quando deixei a mesma rua onde jogava futebol anos atrás. Minha virada de ano seria no conforto do meu apartamento, ouvindo os fogos de artifício da cidade enquanto me embriagava com alguma bebida forte. Tudo teria sido simples demais se, quando eu passasse pela praça da árvore de natal minutos mais tarde, não tivesse visto duas pessoas discutindo. Parei um pouco para conferir o que acontecia e vi a Heloísa – linda como sempre, trajando um vestidinho branco – tentando se livrar de um cara que a segurava pelos braços com força.

Não pude fazer outra coisa além de estacionar em qualquer lugar e correr rápido. Já cheguei empurrando o cara e, percebendo que a Heloísa chorava segurando o braço machucado, joguei fora todo o meu juízo de advogado renomado. Parti para cima do babaca, disposto a descontar nele a raiva que eu sentia por todas as porcarias que não paravam de me acontecer.

Parte 12

Depois do terceiro soco sem que o cara conseguisse uma chance sequer de revidar – minha aparição repentina o pegou de surpresa –,

Heloísa me puxou por trás, envolvendo seus braços no meu tronco e enterrando seu rosto em mim.

– Levi, pare!

Recuei no mesmo instante, ofegando alto. Limpei uma gota de suor que havia brotado na minha testa e fiquei encarando o sujeito. Estava morrendo de raiva até de olhá-lo. Minha vontade era de fazê-lo mofar atrás das grades por ter encostado aquela mão imunda na Heloísa.

– Quem é esse maldito, Helô? – o sujeito perguntou de forma engasgada, cuspiendo sangue no chão da praça. Os três socos que lhe dei não foram nada suaves. Seu rosto ganhou hematomas esquisitos, porém não me importei.

– Não interessa, Pierre, saia daqui! – Heloísa me usava como um escudo contra o homem. Ainda não tinha me largado, na verdade me segurava cada vez mais forte. Procurei suas mãos prendendo minha barriga e as segurei.

O idiota começou a rir, cuspiendo mais sangue. Fiquei enjoado e quase continuei a socá-lo. Só não o fiz porque não queria que a Heloísa parasse de me tocar.

– Já me trocou por outro cara, é isso? – O tal de Pierre abriu uma carranca irritada. – Mal faz um mês que terminamos e você já arrumou

um imbecil? É por este motivo que não quer voltar pra mim?

Assim que soube que o homem era o ex da Heloísa, o traidor que havia partido seu coração, segurei os braços dela com força para que acompanhasse meu movimento e me inclinei ao máximo para desferir um chute na boca do estômago dele. Heloísa gritou por causa da minha reação louca, mas adorei ver o idiota caindo no chão, contorcendo-se.

– Saia daqui agora! – berrei. – Vaza!

– Vou à delegacia prestar queixa por danos físicos. – O homem se levantou fazendo careta, empinando o nariz com ar de superioridade. Era um sujeito franzino, apesar de um pouco mais alto que eu. – Esse seu namoradinho vai passar o ano novo no xilindró.

Todos os meus nervos congelaram como se tivessem sido submetidos ao zero absoluto. Eu não podia ter qualquer problema com a polícia. Ainda me recordava de todos os documentos que precisaria juntar para adotar o Lucas, um deles era a certidão de antecedentes criminais. Ter meu nome sujo na praça podia significar perder o meu emprego e também o Lucas. Tremi nas bases, mas não deixei transparecer o meu nervosismo. Eu tinha muitos amigos delegados, agentes penitenciários, advogados de respeito, juízes importantes... E por aí vai.

– Cara, você não vai querer fazer isso – falei de um jeito sério,

entrelaçando meus dedos aos da Heloísa. Ela ainda não tinha capacidade de me largar.

– Deixa de ser burro, Pierre. Levi é advogado – ela explicou por mim. – Você me machucou fisicamente, infeliz.

A última frase da Heloísa me fez ficar irado. Queria matar aquele cara, de verdade. Ele ficou muito sério de repente, observando-me de cima a baixo. Estufei o meu peito como que perguntando se ele ia querer me encarar mesmo. Tomando uma dose de prudência, Pierre deu alguns passos para trás e depois se virou, andando apressadamente até sumir da praça, que estava vazia.

Heloísa começou a chorar ruidosamente com o rosto enterrado atrás de mim. Alisei seus braços prendendo os meus lábios e tentando não deixar o meu coração bater tão acelerado.

– O que aconteceu, minha linda inexistente? – perguntei aos murmúrios. – O que esse mané queria além de provar que é um mané? Com cuidado, tentei virar o meu corpo e ela se afastou. Não deixei que se distanciasse muito. Tomei-a em meus braços e cerrei os olhos. Naquele instante, soube que havia cometido um erro tremendo. Jamais deveria tê-la deixado sozinha. Nunca deveria ter atravessado aquela porta sem ter feito amor com ela de forma exageradamente maluca.

– Eu estava numa festa aqui perto, na casa de uma amiga... –
choramingou. Alisei seus cabelos crespos. Eles eram legais de tocar.
Enrolei alguns cachinhos em meus dedos. – Ele apareceu sozinho,
querendo voltar comigo. Viemos pra cá para que pudéssemos conversar
melhor. Ele disse que ainda me amava, que me queria de volta, pediu
perdão
por tudo... Aparentemente a lambisgóia o deixou. Eu não quis voltar, Levi.
Não o quero mais. Você me ensinou a nunca aceitar qualquer coisa.
Apertei-a ainda mais em meus braços.

– Viu o quanto ele é idiota? – sussurrei. – Acredita em mim
agora? O cara é um covarde completo. Ele não te deixou porque você tem
pressa e quer pular etapas, inexistente, ele te deixou porque é um otário.
Deixe-me te ver.

Separei nossos corpos só para poder analisá-la. Tinha lágrimas
incessantes escorrendo pelos seus olhos escuros. Uma única margarida –
aquela era artificial, uma espécie de presilha – meio fora do lugar enfeitava
a
lateral de seu cabelo. Observei seus braços com atenção, tentando achar
alguma marca. Havia uma mancha roxa enorme perto de um bracelete
dourado que ela usava no braço direito.

– Vamos abrir um B. O. – defini. – Há uma delegacia não tão

distante, conheço o delegado, é um grande amigo meu. Esse cara vai pagar pelo que fez.

– Não, Levi. Esquece.

– De modo algum. Não vou esquecer o que vi. Esse homem não tinha o direito de te tocar daquela forma.

– Ele só prendeu meus braços. Ficou roxo porque o bracelete me machucou.

– Não importa. Foi ele que causou isso, não o bracelete.

– Levi, por favor. – Ela me olhou fixamente, em meio a lágrimas.

– Quero distância de tudo isso. Quero esquecer que ele um dia existiu na minha vida. Por favor.

Balancei a cabeça e assoprei. Não podia obrigá-la a prestar queixa, mas também me detestava por não ter feito mais do que fiz.

– Tudo bem. – Peguei suas mãos e as beijei, como havia feito com a mamãe. – Volte para festa e se divirta com seus amigos. Não falta muito

tempo para o ano novo.

– Não. Vou pra casa. Não tenho clima para festas.

– Tudo bem, eu te levo.

Ela fez uma careta esquisita.

– Para onde estava indo, sonhador?

– P ra casa. A festa onde eu estava também não deu certo.

Sabrina apareceu por lá e a situação foi muito desagradável. – Heloísa ficou sem entender. – Minha ex-esposa.

– Argh. Vaca maldita. – Arquejou com ar de irritação. – Queria ter a chance de dar bons socos na cara dela também.

Rimos juntos. Fiquei imaginando a cena e minha espinha congelou. Jamais permitiria que a Heloísa fizesse algo assim, não pela Sabrina, mas por não suportar a ideia de vê-la envolvida nos problemas da minha separação.

– A propósito... Minha irmã disse que você passou lá em casa hoje.

– Foi. Você não estava. Aquela era a sua irmã? – Peguei na sua mão e seguimos rumo ao meu carro. Só então percebi que tinha estacionado praticamente no meio da rua. Heloísa riu, mas fiquei espantado com meu próprio desespero.

– Era. Fiquei sabendo do que a Malu te disse. Foi mentira, Levi. Ela sabia que eu tinha saído sozinha para visitar o Lucas. Entramos no carro. Dei partida depressa, percebendo que já tinha três carros atrás do meu, esperando a minha boa vontade para sair da frente.

– Por que ela fez isso?

– Conteí nossa história pra ela.

– Ah... – Bufeí. – Ela deve ter me achado um idiota. Mas não faz mal, porque foi como um que eu agi. Como ela sabia que era eu? Só falei meu

nome depois.

– Que outro cara bonitinho, alto e dos olhos verdes procuraria por mim? – Piscou os olhos na minha direção e rimos. Fiquei meio envergonhado, fingindo me concentrar em dirigir.

– Ela está lá agora?

– Não. Malu foi passar a virada com o noivo.

– Vocês moram juntas?

– Aham. Nossos pais se separaram há algum tempo e fugimos da confusão que é ficar entre dois lares. Passamos a véspera de Natal com eles, mas a noite da virada geralmente passamos com os amigos.

Pensei no Lucas de imediato e logo me preocupei. Eu precisava dar estabilidade para o moleque. Era minha responsabilidade não fazê-lo sofrer com coisas daquele tipo. Ser pai solteiro não seria nada fácil, mas eu estava pronto para atravessar qualquer barreira.

Entramos em um silêncio constrangedor muito raro entre nós.

Fiquei desanimado porque a Heloísa parecia desconfortável, coisa que não

acontecera quando estávamos juntos. Ela sempre tinha alguma coisa engraçada ou útil para dizer. Não sabia até quando pagaria pelo meu erro, mas só o fato de tê-la por perto e saber que não me odiava muito – como pensei que odiasse durante toda a semana – me fazia bem.

Percebamos o elevador imerso no mesmo silêncio. Não sei ela, mas não parei de pensar no beijo que demos ali dentro. Ainda podia sentir o gosto de seus lábios brincando com os meus. Lembrei-me da textura de sua pele, das alças de sua camisola caindo para os lados. Inspirei fundo e pude sentir o mesmo cheiro que havia me deixado louco dias atrás.

Lambe meus lábios na mesma hora em que ela resolveu me olhar. Seu rosto enrubesceu depressa demais, fazendo-me desviar o rosto. Estava sendo muito indelicado, imaginando mil coisas e possibilidades.

Não vou mentir ou dar uma de santo, minha vontade real era de despi-la por completo ali mesmo, até que compreendesse o tamanho do meu desejo.

Chegamos ao quarto andar e, mesmo sem convite, saí do elevador. Heloísa abriu a porta feito uma maluca, enroscando-se com o molho de chaves. Permaneci parado mesmo depois que ela entrou em seu apartamento. Eu não queria forçar a barra. A decisão era totalmente dela, jamais importaria a minha presença.

– Obrigada, Levi – murmurou segurando a maçaneta. Seu

posicionamento diante da porta deixou claro que não queria que eu entrasse. Uma tristeza difícil de suportar se instalou no meu peito. – Não sei o que poderia ter acontecido se você não tivesse aparecido.

– Ainda bem que cheguei a tempo.

– São tantas coincidências... Estou ficando com medo do destino.

Sorri, reparando pela milésima vez o quanto aquela mulher era linda. Estava bem maquiada – o batom rosa claro em seus lábios era convidativo até demais –, além de que era perfeito o vestido branco com alças douradas, que combinavam com o bracelete e as argolas enormes que pendiam nas laterais de seu rosto encantador. A margarida em seus cabelos fez com que eu me perguntasse até que ponto tudo era coincidência.

– Destino. Foi a palavra que usei para definir o Lucas hoje.

– É uma boa palavra. Aliás, não pode haver outra palavra mais perfeita que essa.

Aquiesci. Ficamos completamente mudos, eu particularmente sequer me mexi.

– Que horas são? – ela perguntou. Olhei em meu relógio de pulso.

– Onze e quarenta e três.

Heloísa suspirou e chacoalhou os cabelos. Riu sozinha de alguma piada interna.

– Você quer tomar uma taça de cham...

– Quero! – interrompi-a desesperadamente, sem esperar que concluísse a frase.

Ouvi sua gargalhada gostosa e achei que fosse morrer. Não resisti e ri junto, mesmo que estivesse me sentindo um idiota.

– Entra logo, seu desesperado!

Ela abriu mais a porta e entramos de uma vez. Seu apartamento estava do mesmo jeito de que eu me lembrava; era um lugar simples, mas bem aconchegante. Segui-a até a cozinha e acompanhei seus movimentos. Heloísa retirou uma garrafa de champanhe da geladeira e me deu para que eu

a abrisse. Arranjou duas taças dentro de um armário.

– Tive uma ideia, Levi. Vamos à cobertura do prédio? Ver os fogos de artifício lá de cima deve ser muito bonito.

– Achei que algum vizinho estivesse fazendo festa por lá. – Em outras palavras, quis deixar claro que preferia ficar sozinho com ela durante a virada.

– Não, a cobertura está interditada. Houve um problema de infiltração com a piscina. Nem o elevador está indo pra lá. Podemos chegar

ao último andar e subir o restante pelas escadas.

– Não é perigoso?

– Claro que não, senhor prudência. – Riu. – O que acha?

– Vamos depressa, a queima de fogos vai começar daqui a pouco.

Podemos o elevador novamente, subindo até o último andar.

Depois, subimos três levadas de escadaria para finalmente chegarmos à cobertura. Era uma área grande e bem ventilada. Havia uma piscina completamente seca adiante, deu pena de vê-la sem água. Lucas ia gostar de usá-la quando estivesse funcionando de novo. Ao redor dela, várias espreguiçadeiras e mesas redondas estavam bem colocadas. Era um bom local de lazer.

Heloísa seguiu pela lateral da piscina até alcançar um dos vértices do muro de proteção. Depositou as duas taças sobre ele e se concentrou na vista da cidade diante de si. Já pudemos ter o vislumbre de vários fogos explodindo em pontos distintos da cidade. Era uma vista para ninguém colocar defeito, realmente. Sua ideia havia sido perfeita. Para ser sincero, enquanto via seu sorriso desabrochando e os olhinhos se fecharem, achei que a minha vida toda era perfeita demais.

Meu coração batia muito rápido. Pendi os lábios e a observei

fixamente, deixando os meus batimentos ainda mais acelerados. Foi então que eu soube. Jamais seria capaz de machucar aquela mulher. Já me sentia responsável por sua felicidade de um jeito intenso, era como no P equeno P ríncipe: Heloísa tinha me cativado e nada poderia fazer para mudar isso. Não que eu quisesse mudar. Estar cativado por ela era como amar o amor; natural e óbvio.

– Vai abrir o champanhe ou pretende me olhar com essa cara durante toda a noite? – Ela revirou os olhos e riu. Achei que não estivesse percebendo o meu olhar indiscreto, afinal, desde que chegamos ela não tinha parado de contemplar a vista da cobertura.

– Eu poderia te olhar pra sempre – murmurei.
Heloísa finalmente me ofereceu seu olhar puro.

– Não seria cansativo demais?

– Não. Quanto tempo é necessário para não conseguir imaginar um futuro sem uma pessoa?

– Eu não sei – respondeu, mas sua cara estava estupefata.

– Não deve ser muito.

Heloísa ficou muito desconcertada, por isso decidi abrir a garrafa de champanhe de uma vez. A tampa voou longe e fez aquele barulho

característico de festas de ano novo. Ela aplaudiu e deu pulinhos de

animação, como uma criança faria. Enchi nossas taças e deixei a garrafa sobre o muro. Entreguei-lhe uma das taças e fiquei com a outra. Heloísa fez elas se encostarem em um brinde singelo. Ouvi um tilintar discreto.

– Ao ano que se inicia! – falou sorrindo de orelha a orelha.

Tomamos goles fartos logo em seguida. Observei o meu relógio: já eram onze e cinquenta e oito. O tempo tinha voado.

– Faltam dois minutos!

– Olhe! A queima já começou ali! – Heloísa apontou. Aos poucos, observamos a quantidade de fogos de artifício aumentando, até que se tornaram tantos que o céu inteiro se enfeitou. O barulho era ensurdecador, mas ficamos hipnotizados pela beleza das explosões. – Que lindos! Olha aquele ali, Levi!

Os olhos dela brilhavam. Deixei minha taça junto com a garrafa e tomei a liberdade de abraçá-la por trás. Temi que se desviasse, mas Heloísa largou a própria taça e apoiou sua cabeça no meu peito, continuando a observar o céu ofuscante diante de nós. Observei o meu relógio novamente. Estava perto demais. Meu estômago sentiu as famosas borboletas.

– Vai começar a contagem, Heloísa... Só um instante... Agora.

Dez, nove...

– Oito, sete, seis... – ela começou a me acompanhar mal

contendo pulinhos de excitação. – Cinco, quatro, três...

– Dois, um!

Girei seu corpo e o prendi contra o meu com firmeza. Minha boca encontrou a sua e, antes que ela pudesse tentar me evitar, depus minha língua entre seus lábios. Nada me faria começar o ano sem beijar aquela mulher.

Parte 13

O céu explodia acima de nós enquanto nos beijávamos fervorosamente. Não foi um beijo gentil – e cheguei a lamentar por não ter sido mais comedido –, nossas bocas pareciam querer mais uma da outra e minhas mãos não paravam de seguir trajetórias ousadas demais. Por fim, controlei-me e as deixei sobre as laterais do rosto de Heloísa. Não queria que ela me achasse um tarado ou algo da espécie.

Entretanto nada pude fazer com as mãos dela, que navegaram pelo meu corpo sem pudor e sem pudor continuaram. Não me importei, porque Heloísa podia fazer o que quisesse comigo. Eu que jamais me veria no direito de fazer qualquer coisa com ela; nunca fui possessivo, machista ou desrespeitador, embora naquele momento eu quisesse que ela fosse minha, só minha, para sempre – e a lógica disso tudo podia se explodir junto com os fogos de artifício.

– Levi... – Ela nos desencaixou repentinamente. Minhas mãos continuaram segurando seu rosto, mantendo-o perto. Olhei no fundo dos seus olhos. – Deixa quieto! – Sorriu e voltou a me beijar com o mesmo fervor.

Ri sobre os seus lábios e não consegui evitar os meus instintos ao imprensá-la contra o muro de proteção da cobertura. Heloísa deixou seu corpo amolecer, entregando-se ao nosso momento. Segurei a raiz

de seus cabelos com as duas mãos, inclinando seu rosto para cima. Percebi quando ela abriu os olhos e ficou encarando o céu enquanto sua língua continuava a trabalhar dentro da minha boca. Eles começaram a brilhar devido às lágrimas que surgiram. Não soube dizer por que ela estava chorando, por isso recuei, preocupado.

Dei alguns passos para trás a fim de que ela tivesse seu próprio espaço. A expressão em seu rosto foi ficando cada vez mais desesperada, até que ela pegou sua taça e tomou o restante do conteúdo em um só gole. Não sabia o que fazer, por isso acabei tomando a mesma atitude.

O líquido gelado atravessou a minha garganta suavemente, deixando-me mais tranquilo.

– Você não vai pedir desculpas por isso, vai? – Heloísa se

virou para observar a vista da cidade. Estava visivelmente nervosa.

– A gente só pede desculpas quando está arrependido. –

Apoiei meus cotovelos no muro de proteção e voltei a admirar a queima de fogos, que ainda acontecia. Ia demorar alguns minutos até que cessassem.

– Então eu devo pedir desculpas – murmurou, mas consegui escutar. Virei de frente para ela, não acreditando no que disse. Meu mundo pareceu ter se jogado de cima daquele prédio.

– Está arrependida?

Heloísa deu de ombros e balançou a cabeça, fazendo seus cabelos cheios sacudirem.

– Estou arrependida de ser tão fraca, tão ingênua! – falou olhando para o horizonte, como se eu não fizesse parte daquela conversa. – Passei a semana inteira na maior *deprê*, prometendo que nunca mais me envolveria desse jeito, mas tudo muda quando você me olha assim. Eu queria ser mais sutil, menos boba, mais centrada, mais capaz de me conter e menos insequente.

– Se mudasse tantas coisas na sua personalidade, você deixaria de ser você, não acha? – Enchi nossas taças só porque não aguentava mais vê-la daquele jeito. Sentia que podia tomá-la em meus braços de novo a qualquer instante, e temia que meu descontrole fosse ruim para ela.

– É isso, Levi. Quero ser outra pessoa.

P rendi os lábios com força. Meu coração batia tão forte que martelava o meu corpo inteiro, inclusive o cérebro. Ele parecia bailar dentro da minha cabeça. Devo salientar que isso doía e não era pouco.

– E por quem eu estaria tão apaixonado, se você não existisse?

Heloísa me encarou com olhos arregalados. P assamos tanto tempo nos analisando que eu já estava beirando a loucura. Não pretendia me declarar tão cedo, até porque era tudo recente, mas meu autocontrole estava dando defeito. Sentia que podia parar de funcionar de vez e então sabia que só voltaria a ter juízo quando Heloísa estivesse morta de cansada na minha cama. Se bem que, pelo tamanho do meu desespero, até mesmo uma

daquelas espreguiçadeiras iriam servir. Balancei a cabeça, tentando dispersar meus pensamentos desvirtuados.

– P ensei que eu já não existisse – foi sua única resposta, que eu sequer entendi.

– O quê?

– Você me chama de inexistente, não?

Encarei-a muito sério, até que a doida começou a rir sozinha da própria piada. P arou do nada e tomou mais champanhe. Dei um passo para frente. Culpei o autocontrole em escassez.

– Oh, meu Deus! – Heloísa pulou de susto, deixando-me confuso. Olhei ao redor, sem entender. – Oh... Meu... Deus! Você disse aquela palavra?

– Que... Que palavra?

– Apaixonado! – berrou em desespero, com os olhos vidrados. Um segundo depois, caímos na gargalhada. Não sei do que ela riu, mas eu ri do seu jeito doidinho de ser. Puxei-a pelos braços até que grudasse seus olhos nos meus e retomasse a seriedade. – Um sonhador *gentleman* apaixonado?

– murmurou.

Aquiesci devagar.

– Você me definiu em três palavras. – Sorri.

– Defina-me em três, então.

– Eu te amo – falei sem pensar em nada, apenas ouvindo o que dizia as batidas aceleradas do meu coração.

Heloísa deixou seu corpo pender sobre o meu. Acho que só não caiu porque eu a segurava com muita força. Soltou um arquejo alto, soprando seu hálito quente no meu rosto. Seus olhos marejaram instantaneamente.

– Você acaba de pular uma etapa que duraria meses, senhor imprudência!

Rimos.

– Mesmo? Quanto tempo é necessário para que possamos pular outra etapa? – falei baixo, com a voz desejosa indicando que o autocontrole já havia ido embora de uma vez.

– Não deve ser...

Heloísa parou quando deixei minhas mãos escorrerem até os seus quadris. Apertei-lhe a carne e a trouxe para ainda mais perto. Nossos corpos se encaixaram. Não sei no que eu estava pensando ao me declarar tão

abertamente, como um adolescente que nunca sofreu uma desilusão, e muito

menos ao deixar tão claro que eu queria tê-la a qualquer custo.

Fazia tanto tempo que eu não deixava meus instintos tomarem conta do meu corpo sem rédeas que achei esquisito demais beijar a Heloísa como se pudesse fazer nossos corpos se tornarem um só. Minha excitação cresceu na velocidade da luz, apenas deixando minha língua em jogo com a dela. Heloísa voltou a me tocar em lugares impróprios, atijando-me ainda mais, obrigando-me a beijá-la com mais fervor.

Em um movimento rápido, segurei suas coxas até fazê-las se abrir ao meu redor. Heloísa se pendurou no meu corpo como da última vez, entrelaçando os braços no meu pescoço, tomando-me para si com ar desesperado, como se fosse morrer caso não nos tornássemos um do outro

naquela noite.

Eu poderia pensar nos mil motivos que tinha para não fazer amor com ela, principalmente num lugar tão inusitado, mas o único motivo que me justificava era o mais importante: eu a amava. Havia sido o amor mais rápido, puro e intenso que tinha invadido o meu peito em trinta anos, portanto não a deixaria partir, não a machucaria jamais e não me perdoaria se desistisse de consumir o que o destino nos reservou desde que nos encontramos diante daquela árvore.

A ideia da espreguiçadeira se tornou ainda mais atraente, e me vi guiando a Heloísa até ela. Alcancei uma espreguiçadeira grande de madeira com acolchoado florido. Combinava com Heloísa. Sentei-me sem largar a mulher que tinha virado o meu mundo de cabeça para baixo. Apoiei minha cabeça na parte reclinada, terminando meio deitado, meio sentado. Heloísa continuou me beijando como um beija-flor que rouba o néctar sem titubear.

Abri os olhos no instante exato em que um dos fogos explodiu logo acima de nós. Chuvas de prata caíram para todos os lados e achei que estivesse sonhando. Minhas mãos seguiram dos joelhos dela, expostos por causa do vestido que subiu perigosamente ao ficarmos naquela posição, até o começo de suas coxas, por baixo do tecido branco. Encontrei sua calcinha

e a contornei com os dedos. Heloísa gemeu entre os meus lábios, fazendo meu coração quase sair pela boca. Ainda não podia acreditar nos rumos que aquela noite tinha tomado. Eram sequências fantásticas de acontecimentos que só podiam ter sido movidos pelo destino.

O mundo quis que ela fosse minha naquela noite. Eu que não ia contrariá-lo.

– Levi... – ela arfou o meu nome quando, ainda explorando o que tinha dentro de seu vestido, fiz movimentos longos em sua coluna até lhe provocar um arrepio intenso.

Sua pele macia cor de caramelo ajudava a me deixar em um estágio avançado de embriaguez, não provocada pelo champanhe, mas pela sua presença entorpecente e por aqueles lábios sempre dispostos a me beijar até que nos faltasse ar nos pulmões.

– Eu devia ter feito isso no natal... – murmurei de forma trôpega, dominado pelo desejo. Juntei todo o tecido que compunha a barra de seu vestido e o ergui completamente, despindo-a. Heloísa se afastou um pouco e ergueu os braços, permitindo a minha ousadia. P assei eternos segundos admirando seu corpo livre do vestido. Ela não estava usando sutiã, por isso ninguém conseguirá ter ideia do que senti ao vê-la daquele jeito. – Não vou cometer o mesmo erro no ano novo. Você é linda, Heloísa...

– Deixei minhas mãos descerem pelo seu pescoço até lhe segurar os seios expostos. – Minha perfeita inexistente...

Aquela mulher fantástica fechou os olhos como se quisesse sentir melhor o meu toque. Um suspiro que mais me pareceu um gemido atravessou seus lábios. A brisa fria que soprou de repente deixou Heloísa arrepiada, seus cabelos se assanharam e o perfume magnífico que exalava pareceu se impregnar dentro de mim. Mais fogos explodiram no céu. Era a vida comemorando a tamanha felicidade que eu sentia.

Heloísa reabriu os olhos e me encarou de um jeito felino diferente. Era a mesma expressão que tinha usado no natal; exaltando desejo, vontade, luxúria. Afundei meu rosto em seu pescoço e lhe beijei a pele até fazê-la gemer baixo. Minha boca seguiu trajetões ousados enquanto ela tentava desesperadamente me ver livre da camisa branca de botões que eu usava.

Depois que consegui desabotoar tudo, afastou-a para os lados e se inclinou para beijar meu tórax suavemente. Meu cinto foi retirado sem que eu conseguisse acompanhar, mesmo ciente de que seus movimentos

eram lentos. Minha calça foi desabotoada, o zíper foi aberto e Heloísa não parou de se preocupar em me deixar completamente despido diante dela.

Deixei que ela fizesse o que lhe desse na telha comigo. Se meu destino já a

pertencia, fazer meu corpo pertencê-la era apenas consequência.

Não sei quanto tempo durou todas as preliminares, só sei que,

para mim, um homem ansioso cheio de vontades contidas, me pareceu uma eternidade e, ao mesmo tempo, foi rápido demais. Poderia passar a vida toda

rastejando minha boca pelo corpo daquela mulher, acariciando sua pele quente, beijando lábios deliciosos e sentindo seus nervos inflamarem a cada toque, mas nada pode ser comparado ao momento em que nos tornamos

um só.

Sentir seu corpo tremendo sobre o meu, observar suas

expressões de desejo, ouvir seus gemidos, suspiros e arquejos de prazer,

perceber seu corpo se esquentando cada vez mais mesmo diante do frio que fazia na cobertura, acompanhar o meu nome sendo murmurado para o vento

milhares de vezes, e de novo, e de novo... Tudo, tudo me fazia agradecer ao

universo por ter colocado a Heloísa no meu caminho. Literalmente, me

acabei nos braços dela. Dei tudo de mim para pertencê-la, para tê-la ao

máximo, para fazer daquele momento o mais marcante de nossas vidas.

Terminamos arrasados sobre a espreguiçadeira, com nossos

corpos nus entrelaçados, os nervos tentando acalmar os ânimos por terem

vivenciado momentos profundos de amor e olhando o céu que já ficava

claro por causa da chegada da primeira manhã daquele ano. Só então me dei conta do quanto prolongamos nossa entrega, do quanto tivemos paciência para oferecer um ao outro o maior prazer possível.

– Heloísa... – murmurei baixinho, consciente de que ela estava quase adormecida em meus braços.

– Hum...

– P reciso te dizer uma coisa importante.

Ela ergueu a cabeça para me olhar de perto e esperou ansiosamente.

– Vou adotar o Lucas.

Parte 14

Heloísa ficou me olhando fixamente – e eu só faltava morrer de expectativa pelo que diria sobre a adoção – até que fez a última coisa que eu podia prever: fechou os olhos e soltou um ronco sutil. Comecei a rir sozinho enquanto ela, vencida pelo sono, desabou sobre o meu peito e lá ficou, com a boca entreaberta e a respiração alta que às vezes proporcionava o ruído do roncar.

Demorei a parar de rir. Tentei conter os espasmos para não

acordá-la, porém quanto mais ela roncava, mais eu ria. Beije a sua testa com

ternura e a aconcheguei melhor em meus braços. Teríamos que sair dali em

breve, não sabia até que ponto era seguro ficarmos tão expostos, mas me permiti alguns minutos observando Heloísa dormir e o sol nascer.

Meu nervosismo pela sua reação foi embora, mas uma angústia sem igual ainda incomodava bastante. Ela precisava saber os meus planos, caso contrário nenhuma declaração, nenhuma noite de amor seria o suficiente. Precisa saber se Heloísa estava disposta a seguir adiante comigo. Queria que ela ao menos respeitasse minhas escolhas e, se possível, decidisse aceitar o fato de eu estar pronto para integrá-la em meus planos. Fui muito sincero quando falei que não conseguia imaginar um amanhã sem sua presença.

– Levi... – ela balbuciou em meio ao silêncio que fazia na cobertura. O tempo estava muito parado, certamente porque todos os que comemoravam o ano novo já tinham ido dormir.

– Oi, minha linda...

– Levi... Levi... – continuou balbuciando e então percebi que ela ainda estava dormindo. – Lucas.

Devo ter saído do sério depois que ela falou o nome do nosso moleque. Podia ter um infarto a qualquer momento de tão depressa que meu

coração batia. Nunca havia me sentido tão vivo, tão completo e feliz.

Depois de seis anos de um casamento fadado ao fracasso e de quase perder a

fé, levando com ela todos os meus sonhos, sentia-me outra pessoa. Heloísa me ressuscitou.

– Ele vai estar com a gente em breve... – sussurrei, plantando mais beijos em sua cabeça. – Prometo.

– Lucas... Meu filho... Meu filho...

– Nosso filho... – corrigi sorrindo. Depois, achei melhor acabar com aquilo de uma vez. Estava na hora de nos vestirmos e de irmos dormir confortavelmente em nossas camas. Heloísa não parecia que ia acordar tão cedo. Comecei a remexê-la devagar. – Heloísa? Acorde, meu amor. Vamos.

Ela grunhiu e se aninhou, entrelaçando-se em meu braço.

– Eu te amo, sonhador... – murmurou com os olhos ainda fechados. Logo em seguida, voltou a roncar.

Sorri como um bobo. A facilidade com que a Heloísa se entregava havia me contagiado. Eu não seria capaz de pular tantas etapas em tão pouco tempo se fosse com outra pessoa. O problema, ou a solução, é que com ela eu podia dizer e sentir qualquer coisa sem me envergonhar. Não

havia o que esconder. Ela tinha pureza o bastante para me compreender e

selecionar o que havia de melhor em mim.

É o tipo de gentileza raro nas pessoas; estamos acostumados a sempre desconfiar dos outros, a ficar com o pé atrás quando o assunto é sentimento e pensar nas tantas maneiras que uma relação pode dar errado, mas não a Heloísa, ela acreditava no amor intenso de contos de fadas. Por mais que a razão não a permitisse admitir e que sua doçura tenha sido afetada

pela maldade dos que não são gentis, ela ainda vivia no mundo do faz de conta. Minha vontade era ingressar nesse mundo só para ficar com ela, pois me parecia o melhor lugar para morar.

Com muita cautela, saí de debaixo dela e comecei a vestir as minhas roupas. Tentei acordá-la várias vezes, mas Heloísa apenas se remexia, grunhia e mudava de posição sem se dignar a acordar. Ela chegava até a abrir os olhos, mas eu sabia que ainda estava dormindo, pois eles ficavam esquisitos, aéreos. Enquanto ria de seu sono excessivamente pesado, decidi eu mesmo colocar sua calcinha e vestido.

As chaves do apartamento dela estavam no meu bolso, bem como minha carteira, a chave do meu carro e também do meu apartamento. Não ia dar para levar a garrafa de champanhe e as taças, por isso escolhi deixá-las por lá e levar a Heloísa em meus braços. Mais tarde poderíamos buscá-las. Só queria poder dormir sem temer ser surpreendido por alguém

que por acaso fosse conferir a cobertura.

Segurei Heloísa como uma criança e desci as escadas. Foi bem

complicado, segui meio cambaleante por estar com minhas forças esgotadas,

mas finalmente alcancei o elevador. Foi difícil fazer Heloísa ficar de pé para

que eu pudesse abrir a porta do seu apartamento. Ela murmurava coisas ininteligíveis e às vezes até ria, deixando-me assustado e com vontade de rir também, tudo ao mesmo tempo.

Sua sala estava silenciosa, bem como todos os cômodos.

Caminhei por um corredor e vi um quarto feminino, porém sóbrio demais.

Nem cheguei a entrar nele, pois sabia que não pertencia à Heloísa. Sorri quando andei mais um pouco e me deparei com um quarto absolutamente colorido. Havia ursinhos, muitas bonecas *mesmo*, almofadas com estampa de desenhos animados, pôsteres de bandas alternativas, decalques florais na parede e, claro, as margaridas que eu havia lhe dado sobre um criado-mudo.

Parecia o quarto de uma menina de doze anos, no máximo, e era.

Pertencia à minha garota inexistente de alma infantil. Depositei-a na cama e

tranquei a porta pintada de cor-de-rosa. Podia seguir rumo ao meu

apartamento, mas Heloísa tinha uma cama de casal imensa. Não me via

deixando sozinha aquela doida que roncava e falava dormindo. Tirei suas roupas sem acreditar que ela não tivesse acordado nem por um segundo. Achei uma camisola do Looney Tunes e a cobri com dedicação. Despi-me também, ficando apenas de cueca. Liguei o ar condicionado, achei um edredom verde-limão e nos aconcheguei como coelhos dentro de uma toca. Adormeci sentindo o cheiro de seus cabelos.

Meu sono foi muito conturbado. Tive vários pesadelos envolvendo a Heloísa, o Lucas e até mesmo a Sabrina. Acordei assustado pelo menos umas três vezes para finalmente desistir de dormir. Heloísa permaneceu no mesmo lugar, sem sequer trocar de posição, e me lembrei do que tinha me falado dias atrás: a doida realmente dormia como um defunto. Cansado de revirar pela cama, fui ao banheiro da suíte tomar um banho – como o quarto, era todo decorado com desenhos florais – e, quando saí de lá, percebi que Heloísa já estava acordada. Levou um susto enorme assim que me viu.

– Levi! O que faz aqui? – Sentou-se de uma vez na cama e puxou o edredom para lhe cobrir como se eu não soubesse exatamente como era cada contorno do que ficou por dentro dele. – Como viemos parar aqui? Sua careta assustada era tão engraçada que eu ri.

– Bom dia, inexistente... – Rastejei pela cama até alcançá-la e

lhe dar um beijo nos lábios. – Você dormiu como um defunto.

– Ai... – Heloísa colocou a mão na cabeça e deixou o corpo pender para trás, voltando a se deitar. – Eu apaguei e você me trouxe?

– Com certeza.

– E quem me vestiu com essa camisola?

Olhei para ela significativamente. Heloísa fez uma expressão

bem safada e pulou em cima de mim na cama. Suas pernas pararam ao redor de

mim e o rosto foi enterrado entre o meu ombro e pescoço. Os cabelos cheios,

mais assanhados do que de costume, pinicaram o meu nariz. Envolvi meus braços nela e fechei os olhos.

– Bom dia, sonhador... – ronronou como uma gata. – Dormiu bem?

– Na verdade, não peguei no sono direito.

– Por quê? – Ela ergueu a cabeça para me analisar.

– Estou meio ansioso.

– Não precisa. – Heloísa começou a acariciar os meus cabelos.

Olhou ao redor e pareceu não ficar muito satisfeita. Suspirou fundo. Percebi

logo o seu humor se modificando.

– O que foi?

– Você pulou muitas etapas depressa demais, Levi. Conhecer o meu quarto devia ser depois de pelo menos um ano. Assim, quem sabe, você não se assustaria tanto.

Ri sozinho, pois pensei que fosse uma piada. Heloísa continuou muito séria e então percebi que ela estava mesmo preocupada com aquilo.

– Adorei o seu quarto. Não me assustei nem por um segundo, Heloísa. – Acariciei seus cabelos e roubei um beijo casto. Ela o recebeu, mas o semblante preocupado continuou instalado em sua face. – A propósito, você ronca.

Vi seu sorriso desabrochar como uma flor, mas o rosto enrubesceu de vergonha.

– Mentira!

– É a mais pura verdade. Você ronca sim.

– Seu mentiroso! – Heloísa se ergueu e jogou um travesseiro na minha cara.

– Ronca e fala dormindo! É assustador! – Comecei a gargalhar enquanto ela tentava me bater com o travesseiro. Ela fez isso até começar a rir de si mesma, depois parou. Segurei sua cintura e troquei nossa posição

em um giro. Fiquei sobre ela e a encarei. – P precisamos conversar.

– Eu sei, Levi. Ontem foi tudo mágico demais. Fomos tragados pelo momento. Você falou coisas sem pensar e se deixou levar pela vulnerabilidade. Não precisa se desculpar.

Franzi o cenho e balancei a cabeça.

– Do que está falando? Eu não ia me desculpar. Não estou arrependido de nada. – Ela me encarou demoradamente, sem nada dizer.

Então a minha ficha caiu. – Você está?

– O quê?

– Arrependida, Heloísa.

– Não... – falou com firmeza, mas prendeu os lábios como se algo importante a perturbasse. – Só não sei se vou dar conta do depois, Levi.

– É sobre ele que eu queria falar.

Aquiesceu de leve. Vi resquícios de tristeza pairando em seu olhar e tive medo. Não podia obrigá-la a ficar comigo depois que eu dissesse o que eu precisava. De repente, comecei a me dar conta de que aquela noite pode se transformar um motivo de dor para ela, juntamente com

as coisas que falei. Havia forçado a barra, querendo ou não.

– Eu sei que você não me ama, Levi. É muito cedo. Você não me

conhece. – Heloísa fechou os olhos e soprou. Quando os abriu de novo, estavam marejados. – Não precisa me dizer, por favor, não diga nada.

– Vai ficar colocando palavras na minha boca? – Afastei-me depressa, sentando na cama. Ela fez o mesmo, mas se abraçou com um dos ursinhos. Ficou olhando para baixo, só esperando. – Não é sobre o que sinto por você que quero falar, Heloísa. Eu disse que te amava e é verdade. Já sofri muito para entender que o amor não tem a obrigação de durar para sempre, ele só tem a obrigação de trazer felicidade, seja por um segundo, seja pelo resto da vida. Essa é minha concepção de amor, minha inexistente, e eu te amo hoje, agora. Não me arrependo de te dizer isso porque é o que você merece ouvir.

– Talvez a minha concepção de amor seja diferente... – murmurou deixando lágrimas rolarem pelo seu rosto. Apontou para alguns adesivos de princesas colados na porta do guarda-roupa. Observei-os. – É por isso que me sinto tão machucada.

Tentei não fazer isso, mas a encarei com pena. Heloísa deve ter percebido, pois pareceu muito irritada.

– Todo mundo quer acreditar no “ felizes para sempre”, mas a maioria não chega nem perto. Você acredita, Heloísa, e isso faz de você a pessoa mais próxima dele. – Aproximei-me devagar e a trouxe para mim.

Heloísa se sentou no meu colo, o que me surpreendeu, pois achei que ela fosse se distanciar de uma vez. – Também espero a minha vez chegar. Pensei

que teria um final feliz com minha ex-esposa, mas não deu certo. O importante é continuar tentando acreditar. Tive muitas perdas e me machuquei de forma irreparável, porém no fim encontrei você. E o Lucas. Aliás, é sobre ele que eu quero falar.

– O que aconteceu com o Luquinhas? Ele está bem?

– Está, sim. – Apertei-a com mais força entre meus braços.

Heloísa me olhava com atenção. Tentei encontrar coragem antes de prosseguir. – Tomei uma decisão muito importante... Vou adotar o Luquinhas. Já falei com dona Esmeralda e com ele. – Heloísa não falou nada, só piscou os olhos muitas vezes. – Vou dar entrada no divórcio e depois estarei livre para começar o... – Ela pulou nos meus braços, fazendo-me deitar. –... processo de adoção.

– Você é incrível, Levi! Oh, meu Deus... – A louca começou a espalhar beijos por todo meu rosto enquanto pulava sobre mim como se eu fosse um pônei. – Ele deve ter ficado tão feliz! Isso é... mágico, é lindo! Eu...

Eu... – De repente, ela parou e ficou séria demais. – Não. Ai, não. Se... Se a gente não der certo e vocês forem embora...

– P siu... P ara – implorei. – Não importa o que aconteça, você sempre poderá nos visitar. Fique tranquila, por favor. Não quero que se sintam a obrigada a nada também.

– Obrigada?

– Heloísa... P ara o Lucas, você é a mãe dele. Não vou e nem quero mudar a concepção que ele tem de você. Não acho justo com o moleque. Eu... queria muito que continuasse sendo assim.

– Você vai me pedir em casamento? – A cara dela merecia um retrato. – Está brincando comigo, né?

– Não... Não, não vou te pedir em casamento. Eu... – Arfei. – É complicado até de explicar.

– Eu entendi, Levi, pelo amor de Deus, também não sou tão boba assim. Você vai adotá-lo e quer que eu dê atenção e amor ao Luquinhas, pois ele vai precisar de uma figura materna. Mas não vamos nos casar porque.... P oxa, porque nos conhecemos quando? Ontem? – Revirou os olhos.

– Exatamente. Tudo aconteceu muito rápido, mas você precisa concordar comigo quando digo que agora o certo é ir devagar. Ela sorriu de leve e me olhou um tanto constrangida.

– Chegou a pensar sobre isso? Sobre... casamento?

– Claro que cheguei. Eu quero que dê certo, minha margarida.

– Heloísa se inclinou para me beijar. Senti que o momento estava se intensificando quando percebi minhas mãos circulando por dentro de sua camisola. Ela soltou um gemido capaz de me deixar excitado instantaneamente, porém não podíamos seguir adiante sem que eu dissesse outra coisa importante sobre as minhas decisões. – Heloísa... Tem algo mais que preciso te contar.

– Hum... Conta logo, Levi, quero fazer amor contigo agora.

– P resta atenção... É muito sério.

Heloísa parou ereta e me sentei. Ela continuou no meu colo, frente a frente comigo.

– Como você sabe, a Sabrina está grávida. – Acompanhei sua expressão ficando irritada. – Ontem ela foi me procurar... Disse para quem quisesse ouvir que não sabia quem era o pai do filho dela.

– Eu não te falei? P ra ser vaca completa só falta mugir! Como alguém pode trair um cara como você?

Tentei não me abalar, mas o assunto me deixava possesso.

Heloísa percebeu minha raiva e começou a acariciar os meus cabelos de novo. Desviei os olhos, esperando aquela coisa ruim apaziguar dentro do meu peito. contei até dez.

– Ela me traiu com tantos homens que nem sabe de quem é o filho. Heloísa, esse cara, seja ele quem for, não vai assumir a criança. Eu... Não posso deixar que isso aconteça.

– Levi... Diga-me qualquer coisa, menos que está pensando em assumir.

– Por favor, me compreenda...

– Ah, não! – Heloísa deu um salto para longe da cama.

Percorreu todo o seu quarto como um foguete, bastante irritada. – Você não pode assumir os erros dessa vaca... Não pode. Levi, como você consegue? Essa mulher te machucou, te humilhou, te fez infeliz, te traiu, deu pra um monte de cara por aí fora... O que você quer ter em comum com ela? Um filho que nem é seu?

– Lucas também não é meu filho e vou assumir – respondi meio grosseiro.

– É totalmente diferente e você sabe disso.

Sentei na cama e comecei a recolher minhas roupas. Não soube o que pensar a respeito da reação da Heloísa.

– Por onde vai?

– Por casa – resmunguei.

– Levi... Não estamos brigando. Estamos conversando a

respeito.

– Não vejo diferença entre o Lucas e o bebê, essa é a verdade –
explodi. – Não sei do que a Sabrina é capaz. Não confio nela sequer pra
cuidar dessa criança. Quero assumir sim e não é só isso. Quero ficar com a
guarda. Sabrina ficou louca, Heloísa, você precisava ver a cara de cínica
dela.

– Se eu olhar pra cara dela, pode ter certeza de que vou quebrá-
la. – Heloísa se sentou ao meu lado na cama enquanto eu tentava calçar
meus sapatos. – Levi... Como você pretende cuidar de duas crianças assim?

– Não sei. – Dei de ombros.

– Eu... Levi, eu não sei o que fazer.

– Já disse que não vou te obrigar a nada. Não vou exigir que

você

assuma

uma

responsabilidade

que

é

totalmente

minha.

– Você sabe que assumir o filho da Sabrina é ficar ligada a ela pra sempre, não sabe? Eu quero te ajudar, mas com que cara vou olhar pra essa vaca? Além do mais, quem disse que vou ser boa mãe? Sequer sei o que é ser uma boa namorada. – Heloísa voltou a se levantar e andar pelo quarto. – Não posso... Não posso fazer isso, Levi. Há um limite. Não vai dar certo se tudo for tão rápido assim.

– Tudo bem. Vai ser melhor pra você se livrar disso. –

Levantei-me a fim de vestir a camisa. – Pelo menos venha nos visitar quando o Lucas estiver comigo. Por favor. Por ele.

– Levi...

– Foi tudo bom demais pra ser verdade. Mas você tem razão, preciso acordar, colocar os pés no chão na hora certa. Eu vou acordar e viver a realidade que escolhi – falei com a voz fria e os olhos cheios de lágrimas, imerso em uma onda de dor e tristeza profunda.

– Não faz assim. Vamos ter calma.

– Não dá... Não posso ter filhos, mas posso ajudar essas crianças a terem um pai.

– Quem disse que você não pode ter filhos, Levi? Sua ex-mulher engravidou de outros caras nas outras três vezes?

– Não sei. Eu não duvido. – Balancei a cabeça com força e

comecei a chorar em silêncio. – Eu te amo, mas entendo que não é o que você quer para si. Não vou te julgar, Heloísa.

– Você não sabe nada sobre o que eu quero pra mim – choramingou.

– Com certeza não é casar com um divorciado e criar os filhos dos outros. – Recolhi minhas chaves e a carteira, colocando-as no bolso da calça. – Desculpa se te coloquei no meio dessa confusão. Você é jovem, pode encontrar um cara saudável e montar sua própria família.

Heloísa já chorava tanto quanto eu. Enxuguei minhas lágrimas, quase não podendo conter a vontade que tinha de beijá-la até que os problemas desaparecessem.

– Não vá, Levi. *Eu* escolho o que é melhor pra mim, não você.

– Há tempo pra pensar, Heloísa. Não haja precipitadamente.

Pense bem, modere seus desejos. Estarei dois andares acima... De braços abertos pra te amar até o limite do meu corpo. Esperarei pelo tempo que for pela sua resposta. Mas se você não quiser, vou te compreender e continuar te respeitando.

– Não é fácil...

– Eu sei. – Meus lábios tremeram, de forma que as palavras saíram distorcidas.

– Não sei se estou pronta. Eu te encontrei numa árvore há algumas semanas e agora... – Arquejou.

– Heloísa. Preste atenção. – Segurei seus ombros e a encarei. – Ninguém precisa decidir nada agora. Vou visitar o Lucas agora, pois prometi a ele. Apenas pense. Tudo bem?

Ela aquiesceu. Roubei-lhe um selinho, pois não me controlei.

Segurei seus cabelos e juntei nossas testas. Ela fechou os olhos e chorou, então resolvi ir embora de uma vez. Não queria vê-la sofrer. A última coisa que eu queria era machucá-la, mas nem sempre as coisas são como planejamos.

Passei em casa para tomar um banho e trocar de roupa antes de seguir para o orfanato. Tentei manter minha mente distante de qualquer pensamento, caso contrário sabia que enlouqueceria de vez. Precisei manter a calma, sobretudo porque ia me encontrar com o Lucas e ele não podia perceber o meu desespero.

Desci pelo elevador e encontrei a Heloísa de banho recém-tomado, usando um vestido florido longo e tiara de fita. Ela me viu e sorriu amplamente. Fiquei parado como um idiota, encarando-a sem me mexer.

– Eu te amo, Levi – ela disse, dando passos curtos na minha direção. – Se você quer pular de uma ponte, então eu pulo contigo. Se você

quer ter uma família, vamos ter uma família. – Heloísa arfou, sorrindo e chorando ao mesmo tempo. –Tentei ser devagar durante vinte e nove anos. Calculei todo o meu tempo como se pudesse cronometrar cada escolha, cada desejo, cada atitude. As pessoas dizem que há tempo pra tudo, mas nunca deixam claro quanto tempo devemos esperar pra ser feliz. Eu não vou esperar. Não vou pensar melhor, porque confio piamente nos sonhos de um sonhador.

Eu já estava soluçando. Não fui capaz de falar nada.

– Nosso Lucas diria que... os adultos são... complicados. –

Heloísa começou a soluçar também. – Ele tem razão. De repente, descobri que não quero ser adulta. Quero ser inconsequente, quero ir depressa, quero viver o hoje... Essa sou eu. Você é o único que me deixa ser assim, Levi. Sabe de uma coisa? É a gente que dita qual é o tempo necessário para fazermos o que queremos. Nunca gostei dessas malditas etapas mesmo! Que elas se explodam!

Rimos juntos em meio a lágrimas. Heloísa me alcançou e nos beijamos como loucos, mesclando lágrimas e saliva, provando o sabor da nossa própria loucura.

– Vamos visitar o nosso campeão? – perguntei com os lábios

trêmulos.

– Vamos visitar o nosso campeão.

Parte 15

Não dava para acreditar que já estávamos em março. O primeiro mês do ano havia sido um sonho, porém tudo começou a desandar no começo de fevereiro, quando recebi uma fatídica notícia: não podia mais manter contato com o Lucas. Depois de mais de um mês – precisamente um mês e dezoito dias – sem conseguir autorização para vê-lo, finalmente os dias difíceis acabaram. Esperei pelo fim deles pacientemente, sabendo que haveria um arco-íris colorido depois da tempestade.

O duro era saber que o Lucas não conseguiu ter a mesma paciência; dona Esmeralda sempre me ligava para me deixar a par de toda a situação. O guri desenvolveu uma espécie de depressão difícil de lidar, que envolvia articular inúmeras peripécias dentro do orfanato – a última foi ter grudado chiclete no cabelo de uma das crianças. O que a assistência social tentou evitar me deixando longe do moleque acabou acontecendo mesmo diante de tantos cuidados.

O maior problema foi o atraso no divórcio, que gerou, conseqüentemente, atraso na entrada dos documentos para a adoção. Dona Esmeralda tinha deixado claro que eu não podia alimentar as esperanças do

Lucas indo visitá-lo sem ter comprovação de que eu realmente o adotaria. Tentei explicar para Deus e o mundo que estava correndo atrás do divórcio, mas nenhuma das minhas preces foi ouvida. Fui obrigado a me afastar completamente até segunda ordem.

Fiquei desesperado durante cada dia sem a presença do meu garoto. Entretanto, não tirei da minha cabeça a ideia de que eu não faria Sabrina ter qualquer relação com ele, por isso precisava me livrar dela o quanto antes. Tentei agilizar o máximo que pude, mas minha ex-esposa, como já era previsto, dificultou as coisas com a mesma força de vontade – o que não fazia sentido, já que fez questão de deixar evidente sua barriga redonda de cinco meses de gestação.

Meu porto seguro, e motivo pelo qual não enlouqueci, com certeza foi a presença constante da mulher que sorria para mim do banco carona. Seus olhos se fechando era um dos meus tesouros mais preciosos, o acontecimento mais bonito que eu presenciava todos os dias. Agradecia tanto aos céus por ter aquela mulher, por poder chamá-la, com a boca cheia, de minha, que mal podia suportar passar um segundo sem encostar os meus lábios aos dela.

Foi por isso que, ao parar em um sinal fechado, me inclinei só para inspirar seu cheiro de perto e para selar o amor que só fazia crescer

dentro do meu peito. Heloísa correspondeu ao beijo curto quase sem poder parar de sorrir para me beijar. Sua alegria diante do que estávamos prestes a fazer era a cereja do bolo, um detalhe importante que me faria morrer se faltasse. Já não conseguia me ver sem ela; Heloísa significava o meu futuro, estava inclusa no combo de coisas que eu queria para minha vida.

– Nem acredito que finalmente estou te vendo feliz de novo –
ela murmurou sorrindo, sem conseguir tirar os olhos de mim.

Precisei prestar atenção quando o sinal abriu, porém não evitei sorrir de volta. Só depois me preocupei com o que ela disse e deixei o sorriso morrer. Minha expressão mudou completamente e, como sempre, Heloísa percebeu.

– O que há de errado, Levi?

– Não quero que me entenda mal. Todo esse tempo contigo foi incrível... Você me faz muito feliz, Heloísa. Desculpa se não consegui deixar

isso claro.

Ela ficou tanto tempo calada que precisei conferir sua reação; mantinha os lábios presos e o olhar fixo no horizonte além do pára-brisa.

Por fim, Heloísa suspirou e voltou a me olhar. Percebi toda a sua tristeza.

Foi tão doloroso acompanhá-la que desviei o rosto para me concentrar em estacionar em frente ao orfanato.

– Heloísa... – sussurrei assim que desliguei o veículo e me virei para encará-la de frente. Toquei sua face macia.

– Não, Levi. Pare. Sei que foi tudo muito difícil. Eu entendo. Não precisa se martirizar. Hoje é um dia feliz... Seu guri deve estar ansioso, vamos logo.

– Meu guri? Nosso guri, Heloísa. – Ela assoprou forte, parecendo emburrada. Então eu soube que nada estava do jeito que imaginei. A mulher dos meus sonhos e da minha realidade parecia insatisfeita. – O que você tem?

– Nada.

Eu já tinha me relacionado com um quantitativo de mulheres que me fazia capaz de entender que, quando elas dizem “nada”, quer dizer muita coisa. E no meio dessas tantas coisas havia alguma porcaria que certamente era culpa sua. Por este motivo, resolvi modificar a minha pergunta.

– O que eu fiz?

– Não se martirize...

– O que eu fiz?

Heloísa pensou um pouco. Por fim, fez uma careta indecifrável.

Segurei seu rosto com as duas mãos, obrigando-a a me encarar de perto.

Acompanhei seus olhos escuros se enchendo de lágrimas.

– É tudo egoísmo meu – murmurou com lábios trêmulos. –

Estou muito sensível ultimamente, você precisa me desculpar.

– Não estou entendendo. Seja clara, por favor, meu amor.

– É que... Ah, Levi, você esteve tão infeliz sem o Lucas que me senti... Sabe, eu não pude fazer nada. Sua ex-esposa ficou na cola, foi um inferno... Sei o quanto está triste por tudo que aconteceu. Sei que não gostou de vê-la com aquela cara.

Por um instante, havia me esquecido totalmente do tal cara. O

idiota que apareceu na última sessão perante o juiz. Sabrina aparentemente descobriu quem era o pai de seu filho e estava morando com ele na casa que eu financiei há seis anos. Pelo menos isso me trouxe uma vantagem importante, foi ele que a incentivou a assinar o divórcio sem mais confusões depois que resolveu assumir a criança. O que mais me doía era saber que os dois estavam usando os móveis que comprei, dormindo na cama que mandei fazer, esperando pelo filho que devia ser meu e usufruindo

de tudo que construí com a Sabrina achando que seria feliz com ela. Pensar nisso fazia com que eu me imaginasse usando orelhas de burro.

– Não é o que pensa, Heloísa, eu não a amo mais e você sabe

disso. É só... orgulho ferido. Precisa entender que tudo ainda me magoa...

Foi tão depressa!

– Eu sei.

– Não sabe. Você não faz ideia.

Ela bufou, deixando algumas lágrimas escorrerem. Enxuguei-a usando meus polegares, sentindo meu corpo se desesperar, entrar em colapso. Não conseguia suportar vê-la chorando. O meu juízo ardia e eu pensava em mil possibilidades para fazê-la sorrir novamente.

– É, acho que não. Por isso falei que é egoísmo meu querer sua atenção enquanto você passa por momentos complicados.

– Eu não te dei atenção? Heloísa, você foi a única coisa na qual me agarrei durante todo esse tempo! – Segurei seu rosto com mais força, ciente de que não houve um dia sequer que eu não tivesse abraçado e beijado como se fosse a primeira vez. – Se não fosse por você, teria desistido de tudo... Teria sucumbido de vez. Não entende?

– Ah, Levi... Eu disse que estava sensível. Só queria te fazer feliz, mas não consigo sozinha. Vamos trazer nosso moleque e completar o que nos falta.

De repente, um pouco de compreensão me atingiu.

– Lucas é o problema? Está se colocando na balança junto com ele, é isso?

– Não. Seria maldade te fazer escolher. Maldade contigo e comigo, que seria deixada para trás em um piscar de olhos.

Abri os olhos, surpreso. Heloísa estava muito estranha.

Conhecia-a o bastante para saber que não se encontrava em seu estado normal.

– Por que preciso escolher? – murmurei a pergunta, largando-a de vez. – Não entendo.

– Não precisa, Levi. Eu amo o Lucas. Amo muito... muito... Não seria capaz de escolher também.

– Então qual é o problema?

– Eu queria... ser mais. Acho que essa é a palavra. Queria significar mais para você e para o Lucas.

Sorri. Eu sabia o que a Heloísa queria. Sabia perfeitamente, só precisava fingir que não, mesmo estando surpreso com suas reações.

Heloísa não me cobrava nada, nunca discutia, manteve-se sempre serena.

Não fazia ideia de que estava se sentindo tão carente. Fiz de tudo para que nada atingisse o nosso relacionamento, sobretudo a Sabrina.

– Você significa tudo para mim, minha doce inexistente. E você é a mãe do Lucas, não vejo como possa significar mais do que isso.

– Não. – Ela enxugou mais lágrimas e balançou a cabeça. –

Você é o pai dele e eu sou a sua namorada.

Sem esperar resposta, ela desceu do carro. Fiquei com cara de bobo por alguns segundos até decidir fingir que não entendia a situação.

Heloísa não sabia, mas era a segunda vez que eu ia visitar o Lucas naquela semana. Não consegui esperar o sábado para matar a saudade – aquela dor acabaria comigo antes do tempo –, além de que precisava da ajuda dele para fazer as coisas certas.

Também não queria que a Heloísa me visse tão vulnerável quanto fiquei quando nos reencontramos; chorei durante longos minutos e quase não consegui largá-lo na despedida. Queria demonstrar mais firmeza e menos dependência, por mais que ela soubesse que eu era sensível demais quando o assunto era o Lucas. A autorização para passear com ele veio no momento certo.

Atravessamos os portões e o moleque já nos esperava colado com o porteiro, na companhia da bola que lhe dei e trajando a camisa oficial do nosso time, mais um presente meu. Lucas pulou na nossa direção sem conseguir escolher quem abraçar primeiro – pelo visto não éramos os únicos incapazes de fazer aquele tipo de escolha. Foi por isso que demos um abraço triplo apertado, que me arrancou lágrimas mesmo com todas as precauções que meu psicológico tomou.

– Mãe! P ai! – ele berrou alto, sem nos largar. – Nem acredito que vocês chegaram! P or que demoraram tanto?

Conferi meu relógio de pulso, eram onze da manhã.

– Chegamos na hora certa, campeão.

Lucas nos soltou e me olhou com uma careta ofendida.

– As horas demoraram a passar, pai. Tomei banho e fiquei pronto às sete da manhã. Fui eu que penteei meu cabelo. – Vale salientar que o cabelo do moleque estava todo bagunçado, piorando depois que o chacoalhei entre os dedos.

– Nossa! – Heloísa riu e, por um segundo, todo o meu desespero se foi. – Você deve estar precisando de um banho de novo. Deixe-

me cheirar esse sovaco! – Ela enfiou a cara debaixo do braço do moleque, que riu sem pausas. Gargalhou ainda mais quando Heloísa começou a soprar, provocando um ruído engraçado, e lhe segurar com força para que não se afastasse. Claro que morri de rir dos dois.

– Socorro, pai! Mamãe está tentando comer o meu cérebro partindo do meu sovaco!

Dona Esmeralda se aproximou a tempo de acompanhar as risadas. Heloísa concluiu seu ataque com um abraço forte e um beijo plantado no topo da cabeleira loira do guri.

– Já sabem, não é? Três horas apenas – avisou dona Esmeralda.

– Ah, só isso? – Lucas reclamou. – Por que tão pouco tempo?

– É o máximo de tempo permitido, Luquinhas.

– Não é justo. – O menino cruzou os braços para frente e fez beicinho. Percebi seus olhos marejando. – Por que a senhora quer me separar dos meus pais, tia Esmeralda? Já passei tanto tempo sem eles!

– Eu não... – dona Esmeralda ia se defender, mas a interrompi com um gesto.

– Lucas, presta atenção. – Ajoelhei-me diante dele. – A culpa de ficarmos tanto tempo separados não foi dela, muito pelo contrário, dona Esmeralda está nos ajudando com o que pode.

– Foi ela quem me mandou para uma psicóloga chata. – Lucas olhou feio para a diretora do orfanato. – A senhora vai negar agora?

– Foi para o seu bem, Lucas.

– Não aguento mais, pai. Não aguento esse lugar. – O menino começou a choramingar. Era só mais uma prova do quanto aquela distância havia o influenciado negativamente. E a culpa era toda minha. – Quando o senhor vai me tirar daqui?

– Em breve, Lucas... – falei com a voz embargada. Heloísa percebeu o meu desespero e se aproximou. O menino a olhou

significativamente e aquiesceu devagar. Depois ele fez a mesma coisa comigo. Deve ter encontrado a compreensão do quanto aquele dia era importante em nossas vidas.

– Por que não gosta do orfanato? – Heloísa perguntou meio preocupada. Olhou ao redor com ar de desconfiança. – Pensei que gostasse de brincar com as outras crianças.

– Eu gosto, mãe, mas me sinto muito sozinho. Ninguém aqui me ama.

– Não é verdade, Lucas, todos nós te amamos – dona Esmeralda completou com tom de pena.

– Não. – O guri balançou a cabeça como se fosse um adulto. Já tinha parado de chorar e manteve a voz séria. – Não é a mesma coisa.

– Estamos perdendo tempo. – Ergui-me devagar, retomando o controle das minhas emoções. Sorri mesmo sem vontade, buscando animação do nada. – Vamos, campeão, ainda temos alguns gols para fazer! Como era a minha intenção, Lucas se transformou completamente. De uma criança magoada, tornou-se um moleque empolgado. Abraçou a dona Esmeralda e lhe pediu desculpas sem ninguém precisar pedir para que o fizesse. Logo em seguida, nos observou com os olhinhos brilhantes e nos seguiu rumo ao nosso almoço especial no clube.

O caminho de ida foi seguido de uma forma totalmente diferente à primeira vez que fomos almoçar juntos. Ficamos todos calados, creio que temerosos em fazer qualquer comentário. Lucas estava vulnerável, eu estava nervoso e a Heloísa parecia impaciente.

– Não vou ficar mais triste – Lucas disse assim que paramos no estacionamento do clube. – Papai Noel me deu mais do que pedi. Ele deu presente para mim e para vocês, que agora estão namorando e trocando bichinhos chamados “micro-alguma-coisa” quando se beijam. – Heloísa riu de um jeito gostoso. – Só preciso ter paciência. Não é?

– Microorganismos – respondi rindo também.

– Não é, pai? – Lucas insistiu.

– Sim, campeão – respondi segurando a mão da Heloísa, que repousava sobre sua coxa. – Tudo vai melhorar, você vai ver.

– Só não vai melhorar se o Luquinhas continuar aprontando no orfanato, não é, Levi? – Heloísa piscou um olho na minha direção.

Combinamos de não advertir o Lucas por causa das artimanhas que andou armando, mas precisávamos fazer algo a respeito. Escolhemos ser sutis e mostrar a ele o quanto era importante que se comportasse.

– É verdade – completei olhando-o pelo retrovisor. Lucas já estava com os olhos bem atentos. – Ninguém vai deixar um garoto que atira

balões de água na assistente social ser adotado.

– Mas, pai, foi aquela bruxa que disse a tia Esmeralda que o senhor não podia me ver!

– Ela não é uma bruxa – Heloísa se limitou a dizer.

– Como a senhora sabe? Ela bem que parece!

Tentamos não rir, mas foi impossível. A assistente social podia ser confundida com uma bruxa aos olhos infantis, tudo por causa de uma verruga que despontava em seu nariz e dos cabelos meio grisalhos.

– E o chiclete no cabelo da garota? – Heloísa ralhou, mas ainda ria.

– Ela é uma chata, mãe, eu juro!

– Não importa, Lucas, está errado do mesmo jeito – fui incisivo.

Heloísa parou de rir de repente e apontou para frente, chamando-me a atenção.

– Ai, não... Não acredito. – Ela levou as mãos à cabeça.

Guiei meu olhar para o ponto onde ela acenou e uma coisa ruim contraiu a boca do meu estômago. Do outro lado do estacionamento, Sabrina e o atual otário caminhavam juntos na direção da entrada do clube. Heloísa a reconhecia porque tinha passado horas deletando fotos antigas

que eu guardava no meu celular – um pedido que fiz e que ela atendeu sem pestanejar.

– O que eles estão fazendo aqui, Levi?

– Não sei. – Abri a porta do carro e tirei o cinto de segurança.

– O que aconteceu? – Lucas colocou o rosto entre o banco do motorista e o do carona. – O que houve, mamãe? A senhora está bem?

– Sim, querido, não se preocupe. – Heloísa beijou a bochecha dele, mas depois me olhou nervosamente. – Levi, não podemos...

– Ah, podemos sim. Essa louca não vai estragar o meu dia.

Desci do carro pronto para esfregar a minha felicidade na cara

de certo alguém. P odia ser idiotice da minha parte, mas havia um nó enorme

entalado na minha garganta, uma necessidade de superar que tinha sido

ainda mais amplificada depois que a Sabrina falou cara a cara que eu não ia conseguir ser feliz. Ela não sabia da Heloísa, muito menos do Lucas.

Aquela era a minha chance de recuperar o orgulho que ela fez questão de destruir.

Parte 16

Heloísa desceu do carro bastante emburrada comigo. P ensei

em desistir e seguir para outro lugar, mas aquela coisa ruim que crescia em meu peito precisava ser exorcizada depressa. Lucas fez mil perguntas sobre

o que tinha acabado de acontecer e não aceitou meias respostas. Foi por isso que, enquanto mostrava minha carteira de sócio e liberava nossa entrada, expliquei tudo o que podia ser dito a um garoto de nove anos.

– É por isso que a mamãe está com essa careta de quem comeu e não gostou? – Ele apontou para Heloísa. Sua cara realmente merecia um retrato. Rimos um pouco, mas ela continuou com a mesma expressão. – Acho

que a gente não devia ir embora por causa dela, mãe. Foi aqui que nós almoçamos no natal, é um lugar importante.

– Também acho, Lucas – falei com ar vencedor, olhando significativamente para Heloísa. Ela bufou e balançou a cabeça.

– Espero que saiba o que está fazendo. – Heloísa pegou a mão do Lucas e foi andando na frente, cruzando o jardim amplo que ficava logo na entrada.

Como no Natal, nossa primeira parada foi diante do campo de futebol. Havia vários pais e filhos jogando, pois o clube estava lotado naquele sábado. Deixamos a nossa vez de jogar reservada e sentamos na arquibancada para acompanhar o jogo que rolava. Lucas assistia a tudo com muita animação, torcendo como se estivesse em um estádio – prometi que o levaria a um assim que pudesse –, mas eu não consegui me concentrar; fiquei observando a Heloísa com cautela.

– O que está olhando? – perguntou de um jeito irritado. Depois, suspirou fundo.

– Você. Eu te amo. – P uxei um de seus cachos e o joguei para trás. Ela sorriu de leve, trocando a irritação pela meiguice em menos de um segundo.

– Não fica brava comigo.

– Não estou. É só que você não precisa provar nada a ninguém, Levi.

– Suas palavras me deixaram mudo até que ela se levantou, avisando que pegaria garrafas de água para não ficarmos desidratados.

– Vou com a senhora, mãe! – Lucas gritou e segurou sua mão antes que ela respondesse.

P areceu combinado, pois assim que os dois saíram de perto do campo, Sabrina e o novo companheiro se sentaram na arquibancada mais adiante. Ela sentou de um jeito esquisito por causa da barriga proeminente e sorriu para o idiota, que pelo visto também gostava de jogar futebol. Ele começou a se aquecer na frente dela como se quisesse exibir seu corpo – que

nem era lá tão diferente do meu. Bufeí, irritado comigo mesmo. Heloísa tinha

absoluta razão. Eu não precisava provar a Sabrina que eu podia ser feliz sem ela.

Levantei da arquibancada antes que a minha nova família voltasse e

tentei sair despercebido – aquele clube não era tão importante quanto nós três juntos e confortáveis em um ambiente tranquilo –, porém não tive sorte; uma bola surgiu do nada e me atingiu a cabeça, chamando a atenção de todos por perto, inclusive dos pombinhos. O golpe doeu pra caramba, mas fingi que não e ri de um jeito amarelo enquanto devolvia a bola para o jogo.

– Levi! – ouvi a Sabrina chamar por mim na maior cara de pau.

Depois de ter armado a maior confusão com a história do divórcio e de eu ter deixado claro que estava desistindo de tudo que era meu porque não queria olhar para a cara dela de novo, a maluca ainda tinha a coragem de pronunciar o meu nome?

A culpa era minha. Eu que quis levar a situação adiante, colocando o orgulho ferido acima do bem-estar das pessoas mais importantes da minha vida. Dei vários passos na direção da saída do campo, mas fui interrompido pela Sabrina. Ela aparentemente havia corrido até mim carregando aquela barriga enorme, que me fez questionar se era mesmo de cinco meses. O babaca veio atrás dela com a expressão de quem não gostava do que via.

– Oi. – Quase não olhei para a cara da minha ex-esposa.

– Oi, Levi! Com saudades do clube que a gente frequentava?

Tentei não acreditar que a Sabrina estava perguntando se eu tinha

saudades dela. Olhei ao redor para localizar a Heloísa e a encontrei se aproximando lentamente, espantada, temerosa, com os olhos esbugalhados.

Lucas não se abalou e veio correndo até mim.

– Só passeando. Tenho que ir, até mais. – P rocuirei me afastar como pude, mas o Lucas não desacelerou e não me permitiu sequer um tempo para

cair fora. Ele chegou perto de nós e olhou para a Sabrina provavelmente com o mesmo olhar que apontou para a assistente social quando atirou um balão de água nela.

– P ai, compramos as águas, mamãe está trazendo – disse sem tirar os olhos da Sabrina. – Essa que é a sua ex-esposa?

– É. Vamos, Lucas. – Vi a Heloísa parada, ainda sem saber o que fazer. Sabrina fez uma careta de confusão capaz de fazer uma parte de mim rir por dentro. A outra parte, a maior e sensata, estava desesperada.

– O quê? – Sabrina me olhou procurando por respostas. O pai de seu filho a puxou pelos braços, mas ela se desvencilhou.

– Vamos embora, Sabrina – ele pediu com olhos duros apontados para mim.

– Não, espera aí! Quem é esse garoto, Levi?

Lucas deu um passo à frente, mas eu o puxei de volta.

– Sou o filho dele. Meu nome é Lucas.

– É impossível! – Sabrina berrou, levando uma mão à boca. Ofereceu-me um olhar feroz muito repentino. – Você... tem um filho? Esse tempo todo

você tem um filho seu?

Fiquei imediatamente possesso, mas não responderia e nem ficaria diante dela para dar satisfações sobre a minha vida. Puxei o Lucas para mim,

obrigando-o a seguir junto comigo, mas ele travou.

– Minha mãe é muito mais bonita que a senhora! – ele falou em alto e bom tom, depois deu língua pra ela.

– Lucas! – ralhei com o moleque como jamais havia feito. Continuei o puxando pelo braço e ele finalmente veio. Andamos depressa.

Sabrina deve ter enlouquecido de vez.

– Como foi capaz de fazer isso comigo, Levi? – gritou, chamando a atenção dos outros frequentadores do clube. Lucas parecia tanto comigo que nem a Sabrina desconfiou de que ele não era meu filho biológico. –

Você é um cretino! Um canalha que me usou durante seis anos!

Apertei os meus olhos para conter a raiva, mas nada me fez parar de me distanciar daquela louca. Assim que cheguei perto da Heloísa, puxei seu braço também, implorando para que nos acompanhasse.

– Você sempre está certa – murmurei com a voz rígida, consciente de

que a Sabrina ainda gritava coisas absurdas atrás de nós. – Vamos embora daqui.

– Mas, pai, ela está xingando o senhor! – Lucas olhou para trás e gritou de volta: – Bruxa!

– Argh! – Sabrina continuou gritando. – Pivete imundo!

Percebi de andar imediatamente e olhei para trás também. Heloísa segurou o meu ombro, entendendo que a minha expressão era de quem jamais deixaria aquilo barato. Meu sangue fervia em minhas veias, trazendo-

me uma raiva devastadora. Ninguém chamava o meu filho daquele jeito.

Sabrina podia dizer o que quisesse ao meu respeito, mas não tinha o direito de humilhar o meu campeão.

O companheiro da Sabrina tentava controlá-la, mas ela estava fora de si, debatendo-se como uma maníaca. Muitas pessoas estavam paradas nos observando, esperando pelo que aconteceria.

– Eu mesma mataria aquela vaca, mas não vale a pena – Heloísa murmurou perto do meu ouvido. – Olhe para ela. É uma coitada. –

Permaneci mudo, travado pela indignação. – Levi...

– Eu não vou dar mau exemplo ao meu filho, Heloísa, fique tranquila

– respondi e me virei novamente, voltando a caminhar. Abracei a Heloísa lateralmente. Lucas fez a mesma coisa comigo, parecendo magoado.

Caminhamos silenciosamente até a saída do clube. Entramos no meu carro tragados pelo mesmo silêncio. Eu estava morrendo de raiva de mim mesmo. Jamais devia ter permitido que aquele encontro acontecesse. Fui egoísta e envolvi quem não devia em uma batalha que era só minha. Dei partida no veículo com os lábios presos e os punhos quase arrancando o volante.

– O senhor não fez nada – Lucas resmungou assim que parei no primeiro sinal vermelho. – P or que o senhor não fez nada?

Suspirei e continuei calado.

– P orque quando alguém fala coisas tão horríveis, não adianta retrucar, Luquinhas – Heloísa respondeu por mim.

– Quando os colegas chatos do orfanato me xingam, eu xingo também. Às vezes bato neles. – Lucas deu um soco na própria mão.

– Está errado, querido. Não se deve bater em ninguém por nenhum motivo. – Heloísa segurou minha mão por sobre o câmbio.

– Mas...

– Você queria que o Levi batesse numa mulher grávida?

Lucas ficou calado. P assou alguns minutos pensando.

– P ai, o senhor não devia ficar triste. O que aquela bruxa falou é tudo mentira. Não é, mãe?

– Claro que é. Seu pai é o homem mais educado, bondoso e gentil que conheço. – Heloísa voltou a apertar minha mão e eu a observei de soslaio. Estava sorrindo na minha direção. – Nós sabemos quem ele é, isso que importa.

– A partir de hoje, prometo que nunca mais vou bater em ninguém, mesmo morrendo de raiva. – Lucas levantou o dedo para cima e fechou os olhos como se estivesse no meio de um discurso.

– Isso mesmo, Luquinhas. Quando você crescer, será ainda mais igual ao seu pai. Um homem de verdade.

Não contive um sorriso. Por mais ferido que eu estivesse, meus mais recentes amores eram tudo de que eu precisava para seguir adiante. Há pessoas que curam suas cicatrizes abrindo outras, mas eu fazia do jeito certo: deixando o tempo passar, dando satisfação apenas a quem me faz bem

e amando aqueles que me amam. Quem se preocupa com a própria vida não tem tempo de se estressar com a opinião dos outros.

Prei diante do único parque que havia na cidade. Costumava frequentá-lo quando eu tinha a idade do Lucas, ainda me lembrava do quanto era agradável. Grandes árvores, pássaros cantando, uma pista de Cooper e outra de bike, dois playgrounds e uma área gramada magnífica compunham o local, palco de muita diversão entre famílias. Meu pai

costumava brincar comigo no escorregador em quase todos os fins de semana, depois fazíamos piquenique em cima de uma toalha sobre a grama. Após comprarmos algodão-doce, sentamos no gramado verde. Creio que tentávamos entrar no clima familiar de novo, esquecendo do que tinha acontecido no clube. Pelo menos eu sim. Queria apagar aquele momento constrangedor da minha memória o mais depressa possível.

– Estou em dúvida! – Lucas falou enquanto se lambuzava de algodão-doce. – Não sei o que fazer primeiro.

– Você pode começar pelos balanços! – sugeriu Heloísa, que se lambuzava muito mais que o Lucas, obrigando-me a limpá-la com os dedos o tempo todo.

– Não é isso, mãe. Acho que esse é o momento certo. O sol está fazendo seus olhos brilharem. A senhora está linda e suja de doce, é perfeito.

Sorri para os dois. Lucas tinha total razão; Heloísa estava encantadora, parecia ter sido feita para ficar sentada como uma princesa naquele gramado. Eu sabia que ele ia fazer o que havíamos combinado. Tentei não ficar apreensivo e inclinei meu corpo para envolver a Heloísa ao máximo, com braços e pernas. Ela fez uma careta confusa muito linda. Depois, pareceu nervosa.

Lucas limpou a garganta, terminando de comer o algodão-doce.

Colocou a mão no peito, deixou a coluna ereta e falou com ar de quem sabia

de tudo:

– Estamos aqui presentes para... é... Bom, o meu pai ama a minha mãe e eu tenho culpa nisso porque se não fosse eu, e o Papai Noel também, claro, eles não teriam se conhecido. – Rimos. Eu já me sentia emocionado como sempre acontecia quando pensava sobre o rumo que a minha vida havia tomado desde o Natal. Heloísa deixou seu corpo muito rígido. Acho que desconfiava do que ia acontecer. – Meu pai é o meu melhor amigo e ficou com medo de falar com a senhora, mãe, por isso ele me pediu para... – Fiz uma careta para o Lucas.

– Ei, eu não fiquei com medo!

– Eu sei que o senhor ficou, pai, qualquer pessoa ficaria. Um dia eu tentei pedir para namorar uma menina, ela era linda, vocês precisavam ver, mas não consegui porque meu coração quase saiu pela boca.

– Do que vocês estão falando? – Heloísa já estava branca como um papel.

– Está deixando sua mãe confusa, campeão, vai logo!

Lucas limpou a garganta mais uma vez e piscou os olhos de um jeito

apaixonado na nossa direção. Heloísa riu.

– Papai acabou de se separar, mas quer se casar de novo, mãe. – Fiz outra careta. Lucas não estava seguindo o script que combinamos. – Com a senhora. É isso. A senhora quer se casar com o papai?

Heloísa ficou muda, porém percebi seus olhos marejando. Retirei do meu bolso um anel – com direito a uma safira em formato de coração na frente

– muito bonito que eu tinha comprado assim que o meu divórcio foi devidamente assinado. Ofereci-o a ela, que me olhou já chorando.

– Ah, papai... – Lucas surgiu do nada e se sentou entre nós. –

Aproveitando o momento emocionante e que o senhor está com cara de bobo, mamãe também teve medo de contar ao senhor que eu vou ter um irmãozinho.

Devo ter deixado o anel cair na grama, não sei direito. Fiquei

encarando os olhos verdes do Lucas fixamente, sem ousar piscar. Meu corpo

inteiro foi engessado na posição que eu estava.

– O... O quê? – sussurrei de forma inaudível.

– Mamãe está esperando um bebê! – ele disse sorrindo. Minha vista começou a escurecer. – Quer dizer, ainda não é um bebê, ela me disse que era

só uma semente. Se for menina, quero que seja igual a ela, se sujando toda de doce e com os cabelos bem cacheadinhos. Eu acho legal. Se for um menino, ele vai jogar futebol com a gente, não é? P osso escolher o nome dele, pai? Eu acho que ele devia se chamar...

Não consegui escutar mais nada do que o Lucas tagarelava, pois simplesmente apaguei.

Parte 17

Eu sabia que a noite de ano novo havia sido especial, só não podia fazer ideia do quanto. Não paro de pensar que o fim de dezembro talvez seja uma época de realizações de sonhos, de renovação de esperança e fé, que permite que cada milagre aconteça. Quando tomei Heloísa em meus braços e a amei pela primeira vez com todo o meu coração, não podia adivinhar que, naquela noite, estávamos construindo mais do que o nosso relacionamento; os fogos de artifício, a brisa refrescante, o céu sob nossas cabeças assistiram à chegada da nossa filha.

Heloísa estava prestes a completar três meses de gestação quando o Lucas soltou aquele aviso inesperado, que me fez desmaiar e acordar em lágrimas. Ela estava com medo de me contar, sobretudo de perder a criança antes do terceiro mês – como tinha acontecido com a Sabrina –, porém nada

disso aconteceu. Nossa semente cresceu e se desenvolveu como qualquer outra: saudável e forte. Heloísa cuidou dela como uma mãe de verdade, evitando qualquer esforço, alimentando-se bem, regando nossa plantinha para que rendesse um fruto perfeito para nós três.

Sim, nós três, que muito brevemente se transformou em nós quatro. E sinceramente não deu para acompanhar como, de repente, o homem vazio que eu era se transformou num marido apaixonado e no pai de duas crianças maravilhosas, dois tesouros trazidos pelo Papai Noel. O meu destino já estava traçado e eu não sabia, fui bobo em achar que estavam sendo injustos comigo lá em cima quando, na verdade, obrigavam-me a fazer a coisa certa não só para mim, mais para aqueles três seres que invadiram a minha vida sem pedir licença.

Heloísa um dia me disse que Deus nunca tarda, Ele capricha, e que vale a pena esperar as linhas do destino serem escritas por Ele, pois são versos tão bons que nem nós mesmos teríamos coragem – ou criatividade – de pedir para que escrevesse. Eu não duvidaria disso nem se quisesse. O que aconteceu não me permite acreditar que a vida não seja um milagre divino que vivenciamos sem saber agradecer, por isso, desde que recebi aquela notícia, não encosto a cabeça no meu travesseiro sem ser grato, afinal, tudo me levou a ser quem sou, a estar onde estou, e eu não

queria que nada tivesse sido diferente.

Às vezes insistimos muito no que nunca nos fará bem de verdade. Não é errado mudar de trajeto, sobretudo não é errado voltar atrás e começar de novo. A felicidade é um jogo de tentativa e erro, de perseverança e muita coragem. O universo dá mil sinais para te fazer seguir o caminho certo, basta ficar atento e acreditar neles quando aparecerem.

O casamento aconteceu em julho, mesmo mês que conseguimos a guarda definitiva do Lucas. Esperamos pacientemente – claro que mexi todos os meus pauzinhos, adiantando cada processo que a adoção exigia que passássemos – para ter nosso campeão conosco. O nome da Heloísa foi adicionado aos documentos dele e, oficialmente, tornou-se mãe do moleque.

Não que precisássemos da Lei dos homens para comprovar o que já era um fato.

A cerimônia foi muito simples, de cunho civil, realizada no fórum da cidade – eu não podia me casar na igreja de novo, uma pena – e depois realizamos um almoço em um salão de festas, que contou com toda a minha família e a da Heloísa. Vê-la usando um vestidinho branco simples, com direito a uma barriga proeminente de quase sete meses e uma guirlanda de margaridas na cabeça, me fez quase ter um troço. Aquela mulher já era linda, porém sua beleza se intensificou ao nível máximo, bem como o meu

amor por ela.

Não tive tempo para duvidar do sentimento que não deixava de nos acompanhar. Jamais pensei que talvez estivesse sendo precipitado, que me casar novamente depois de quatro meses de divórcio era loucura. Afinal, meu casamento não havia acabado no fim de dezembro, ele já tinha acabado há muito tempo, só eu que demorei demais a perceber.

Casar com a Heloísa foi muito natural. Desde que descobri sobre a gravidez, pedi para que viesse morar comigo e ela aceitou. Meu apartamento se tornou nosso apartamento sem que precisássemos fazer qualquer esforço. Dormir e acordar com ela estava no topo da minha lista de coisas que eu nunca mais deixaria de fazer. Aquela mulher inexistente era também minha melhor amiga, fiel companheira, amante perfeita que me deixava louco na cama, o motivo principal das minhas gargalhadas, a bela mãe dos meus filhos. Colocar uma aliança no dedo esquerdo dela soou redundante demais, apenas um modo de convencer os outros que ela era minha, sendo que eu já estava muito convencido disso.

Com igual naturalidade, Lucas se transformou no mais novo xodó da família. Seu jeito divertido de criança inteligente encantou a todos, sobretudo a mamãe e o Ivan, que não dispensavam a companhia dele em alguns domingos. Eu o deixava o dia inteiro na casa onde cresci,

divertindo-se, ouvindo histórias da mamãe e comendo as delícias que ela sempre prepara, do mesmo jeito como eu fazia quando tinha a idade dele. Lucas não apenas aprendeu o significado de ter pais amorosos, mas de ter uma família inteira disposta a integrá-lo e amá-lo como um verdadeiro membro.

Nem preciso dizer o quanto Lucas se modificou. Sua personalidade geniosa continuou a mesma, porém ele não demonstrava sinais de tristeza ou estresse, não arranhou confusão alguma na nova escola, jamais fez birras infantis conosco – muito pelo contrário, o moleque nos ajudava como se fosse adulto – e aprendia fácil toda vez que eu lhe dava os mesmos conselhos que recebi do meu pai. Aliás, comprovei que ser pai é mesmo magnífico. Não me arrependo de ter alimentado esse desejo durante anos da minha vida. Qualquer coisa valia a pena quando o Lucas me abraçava forte e dizia que eu era o melhor pai do mundo.

Por falar nisso, nosso campeão completou dez anos em agosto

e fizemos uma grande comemoração para ele, que nunca havia tido uma festa

de aniversário na vida. Usamos a cobertura do prédio, que finalmente teve a infiltração contida. Montamos cenários com temática futebolística – o guri se amarra tanto em jogar bola que o matriculei em uma escolinha de futebol – e tudo o que ele tinha direito; desde os doces até as lembrancinhas, nada

passou despercebido por mim e pela Heloísa, que apesar dos oito meses de gestação conseguiu me ajudar com os preparativos. A cara que ela fazia ao observar as espreguiçadeiras me fazia rir toda vez.

Convidamos alguns colegas da escola e do orfanato, além de alguns filhos de primos meus e da Heloísa. Tinha tanta criança barulhenta que não sei como não enlouqueci, mas os olhos do Lucas não paravam de brilhar. Isso foi o que sempre me importou e nunca mudaria. Nosso pequeno

destino merecia cada gesto de atenção e amor, cada coisa que fazíamos por ele.

Se a família estranhou a reviravolta repentina nas nossas vidas? Bastante. Os pais da Heloísa não ficaram tão felizes assim quando souberam da gravidez – menos ainda da adoção –, embora tivessem me conhecido no fim de janeiro e aprovado nosso relacionamento. Não os culpo, pois realmente tudo foi muito rápido. Pulamos etapas gigantescas em questão de meses, porém usei a filosofia da Heloísa: quanto tempo é necessário para construir uma família com a pessoa que você sabe que nasceu para lhe pertencer? Não deve ser muito. No nosso caso, foi o tempo suficiente para que puxássemos o papel certo em uma árvore de natal.

Aos poucos, todos ao nosso redor foram aceitando – e acreditando, pois nem todo mundo tem a capacidade de crer que ser feliz

não demora nada – as nossas escolhas. Acredito que a única pessoa que não aceitou, e jamais o faria, foi a Sabrina. Não que isso mudasse alguma coisa, pois graças aos céus eu jamais precisaria da sua aceitação. Com o tempo, a raiva que eu sentia se transformou em pena, depois não havia mais nada em mim que tivesse a ver com ela. Não guardar ressentimento foi o melhor que fiz por mim, pois enquanto não fosse indiferente, sabia que ela podia continuar me magoando. Não permiti. Virei as páginas sofridas do meu livro interno e delas só recolhi aprendizados, nada mais.

Sabrina ficou sabendo a verdade sobre o Lucas, a Heloísa, o

casamento, a gravidez, enfim... Não me pergunte como, mas ela deu um jeito

de saber de tudo. Deu a luz ao seu tão amado filho, um menino que era uma graça e se chamava David. Só o vi através de fotos em uma rede social qualquer, e de fato o guri não se parecia nada comigo. O pai dele rompeu com a Sabrina depois de um curto tempo, mas assumiu a criança e continuou

a lhe pagar uma pensão gorda. A última notícia que tive dela foi a mamãe quem me deu: estava criando o garoto sozinha e me queria de volta. Seu pedido sequer teve uma resposta, pois não perdi o meu tempo com nada além de ser feliz junto à minha nova família.

No fim de setembro, a vida me fez experimentar a incrível

sensação de ser pai biológico. Lucas e eu passamos horas na maternidade, com a Heloísa em trabalho de parto, morrendo de dores e sendo uma guerreira teimosa ao exigir que o parto fosse normal. Nunca tive tanto medo e acho que o Luquinhas também. Por incrível que possa parecer, ele conseguiu ser mais forte que eu, muitas vezes me falando palavras consoladoras. Ainda me lembro da sua voz murmurando que tudo ia dar certo e que nossas garotas ficariam bem. Não sei o que seria de mim sem o meu primogênito.

Depois de muito sofrimento, a irmã do Lucas finalmente chegou durante a madrugada. A pequena Mel – Lucas escolheu esse nome apenas por ser doce – era uma menininha saudável e grande, que pesava quase cinco quilos. Tinha a carinha de joelho amassado mais linda de todos os tempos. Chorei como uma criança quando a segurei nos meus braços pela primeira vez. Achei que não pudesse me sentir mais completo, mais vivo, mais feliz. As mãos e os pés dela eram minúsculos, bem como o narizinho e todo o resto. Cada detalhe do novo membro da nossa família me encantava e ainda me encanta, pois mais mágico do que ver sua filha nascendo é vê-la crescendo.

Mais rápido do que meu cérebro acompanhou, dezembro chegou e as luzes de natal voltaram a ser acesas. O espírito natalino

ganhou nova significância em nossa casa, conseguíamos senti-lo como ninguém. Decoramos até o banheiro com árvores de natal em miniatura. O Pai Noel estava presente em cada cômodo, sempre sorrindo e nos mostrando o quanto éramos gratos a ele. Heloísa quis comprar uma árvore enorme para pôr na sala, que demorou uma tarde inteira para ser montada. O

resultado nos agradou muito e logo começamos a rodeá-la de presentes para toda a família.

Heloísa sugeriu que retirássemos alguns papéis da árvore do

Lar Terezinha de Jesus, que mais uma vez havia sido armada na mesma praça.

Lucas não podia saber que seu pedido foi retirado por nós em uma árvore de natal, por isso não o levamos. Compramos presentes e atendemos aos pedidos de cerca de dez crianças. No dia de Natal, realizamos uma doação anônima de muitos brinquedos e livros infantis. Creio que jamais deixaríamos de fazer aquilo, pois o orfanato ainda habitava muitas crianças como o Lucas que mereciam atenção, amor e família. Por mais que não pudéssemos adotar todas elas, sempre há algo a ser feito para levar nem que seja um sorriso ao rosto de cada uma.

O mês de dezembro foi sem dúvida o mais especial. Nossa

linda Mel não costumava chorar e dormia o tempo todo – quando não

estava dormindo, mamava desesperadamente; com quase três meses ainda era pequena para entender o que acontecia, mas fizemos questão de, juntos, assistir às apresentações de corais, de ver as decorações da cidade e participar de missas. A noite de natal já estava marcada para ser na casa da mamãe, com direito a guloseimas, canções e tudo o que a mágica natalina pudesse proporcionar.

Como o Lucas era acostumado a escrever duas cartas em todos os natais, permitimos que fizesse a mesma coisa, porém o guri se recusou e disse que só escreveria uma. Ele ainda acreditava – e temia também – no Papai Noel. No dia vinte e dois de dezembro, encontrei-a pendurada na árvore, logo fiquei curioso para lê-la e assim o fiz.

“Querido Papai Noel,

Não vou pedir mais nada, pois o senhor já me deu mais do que eu queria. Não vou mais dar trabalho aos seus duendes, eles precisam se ocupar realizando os desejos das outras crianças, por isso essa é a minha última carta para o senhor. Meus pais de verdade são os melhores do mundo, obrigado. O senhor acertou em cheio ou será que foi algum duende que teve a ideia? Se foi, agradeça a ele. Eu queria conhecer o Pólo-Norte, mas meu pai disse que era muito frio e a minha irmã não pode sentir muito frio, então provavelmente nunca mais nos

veremos de novo. Tudo bem para mim. Só quero que saiba que o senhor me deu o maior presente que alguém poderia ter: uma família.

Obrigado mais uma vez,

Lucas – 10 anos.”

FIM

Agora, sim! Tchau!!!! Espero que tenha gostado do presentinho!

Beijocas,

Mila Wander

DIGA NÃO À PIRATARIA!

Sobre a autora:

Mila Wander nasceu em Recife e, atualmente, divide seu tempo como professora e escritora. É autora da famosa trilogia “ Despedida de Solteira”, além de obras como “ Dominados” e o best-seller “ O Safado do 105”.